ITINERÁRIO DA IMPRENSA DE BELO HORIZONTE 1895 - 1954

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Fernando Henrique Cardoso

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Paulo Renato de Souza

REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Tomaz Aroldo da Mota Santos

DIRETORA DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
Maria Helena de Sá Barreto

DIRETORA DA EDITORA UFMG
Sônia Queiroz

DIRETORA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Magda Maria Bello de Almeida Neves

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Vanessa Padrão de Vasconcelos Paiva

GOVERNADOR
Eduardo Azeredo

SECRETÁRIO DE ESTADO DO PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL
Walfrido Mares Guia

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Roberto Borges Martins

DIRETORA DO CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E CULTURAIS
Eleonora Santa Rosa

Apoio: CNPq FAPEMIG

Joaquim Nabuco Linhares

ITINERÁRIO DA IMPRENSA DE BELO HORIZONTE 1895 - 1954

Maria Céres Pimenta S. Castro
ESTUDO CRÍTICO E NOTA BIOGRÁFICA

Sistema Estadual de Planejamento
Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais

EDITORA UFMG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

COORDENAÇÃO EDITORIAL E PRODUÇÃO
Eleonora Santa Rosa
Maria Céres Pimenta S. Castro
Paulo Bernardo Vaz

PLANEJAMENTO GRÁFICO E CAPA
Paulo Bernardo Vaz

LOGOMARCA DA COLEÇÃO
Sebastião Nunes

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Roseli Raquel Aguiar F. dos Santos

REPRODUÇÃO FOTOGRÁFICA
Daniel Coury

DIGITAÇÃO DO CATÁLOGO
Silvana A. S. dos Santos (Supervisão)
Édina Nunes de Carvalho
José Cassimiro da Silva

PREPARAÇÃO E DIGITAÇÃO DOS ÍNDICES
Silvana A. S. dos Santos (Supervisão)
Maria de Fátima Rossi do Nascimento
Denise Maria Ribeiro Moreira
José Cassimiro da Silva

PREPARAÇÃO DO TEXTO E PESQUISA ADICIONAL
Danilo Queiroz de Souza
Juliana Maria de Siqueira
Leandro Ferreira Simões
Mirian Cristina Freire Santos
Pablo Pires Fernandes
Viviane Dias Loyola

PRODUÇÃO GRÁFICA
César de Almeida Correia

PRIMEIRA REVISÃO
Ana Maria de Moraes
Cristiano Silva de Barros

REVISÃO FINAL
Cláudia Teles de Menezes Teixeira

L 735i

Linhares, Joaquim Nabuco
Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954/Joaquim Nabuco Linhares; estudo crítico e nota biográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.
612p. (Coleção Centenário)

1. Periódicos - Bibliografia - Catálogos.I.Castro, Maria Céres Pimenta S., crit. II.Título.

CDD:016
CDU:050(058)

Elaborada pela Divisão de Planejamento e Divulgação da Biblioteca Universitária/DPD.
ISBN: 85-7041-106-5

Editora UFMG - Av. Antônio Carlos, 6627
Campus Pampulha - 31270-901 - Belo Horizonte
Fax: 443-6803 - Telefone: 448-1438

Fundação João Pinheiro - CEHC
Al. das Acácias, 70 - São Luís - 31275-150
Belo Horizonte - Telefone: 448-9423

Os fazendeiros do ar... eles semeiam
roças de pura ausência, e o estranho gado
que pela noite adentro ainda campeiam
é um lembrar do futuro, já passado.

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

AGRADECIMENTOS

À Família Linhares,
na pessoa de Hélio Dagoberto Jardim Linhares.

Ao Professor José Mendonça.

Uma viagem e inúmeros caminhos. É o que nos possibilita e aponta a edição, pela Universidade Federal de Minas Gerais, em parceria com a Fundação João Pinheiro, do **Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**, *que reúne o catálogo de jornais da cidade, elaborado pelo colecionador Joaquim Linhares e um estudo crítico produzido por pesquisadores do Departamento de Comunicação Social.*

A obra nos leva ao fascinante universo das publicações produzidas na capital mineira nos 60 primeiros anos de sua existência. Mais que história do periodismo local, o trabalho conta da experiência dos citadinos com o universo da palavra publicada. Fala, pois, daquela sociedade e suas redes de convivência. Estrutura nossa memória contribuindo para a reconstrução da história de Belo Horizonte e Minas Gerais.

E nessa viagem reabre outros percursos. A obra coloca à disposição dos pesquisadores dos diferentes ramos das ciências sociais, material rico e instigante ainda pouco explorado. Um estímulo precioso à pesquisa de temas relacionados à evolução política, econômica e cultural de nosso Estado.

Ao mesmo tempo, reforça caminhos para que a Universidade esteja, junto com outras instituições, na dianteira de um trabalho de reunião de acervos que ampliem para um número cada vez maior de usuários a pesquisa e o acesso a documentos de seu interesse.

O Departamento de Comunicação Social da UFMG ofereceu-nos o bilhete para a viagem. Através do trabalho de seus pesquisadores,

auxiliados por estudantes/estagiários, e com financiamento do CNPq e FAPEMIG, sistematizou as informações do Catálogo de Joaquim Linhares e produziu um roteiro para sua apreciação.

Dos caminhos, ressalte-se aquele que vem sendo aberto pela Biblioteca Universitária da UFMG. Ao recolher acervos especiais, organizá-los e colocá-los à disposição da comunidade, ela não só preserva materiais fundamentais à construção de nossa memória como permite o acesso racional aos documentos.

A iniciativa da Universidade, por sua vez, ressalta a importância do trabalho de parceria entre instituições. A colaboração da Fundação João Pinheiro, através do Centro de Estudos Históricos e Culturais, tornou possível a obtenção de recursos para a publicação da obra, em co-edição com a Editora da UFMG, inserindo-a na "Coleção Centenário".

Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954 *alimenta, pois, expectativas de que mais professores e pesquisadores sintam-se interessados em outros acervos sob a guarda da Biblioteca Universitária, apresentando projetos para sua organização e alternativas de captação de recursos para a realização deste trabalho vital. É uma obra de referência onde ganham a Universidade - que expande sua área de atuação - e a sociedade, que passa a contar com mais elementos para seu autoconhecimento e afirmação de sua identidade cultural. Itinerários inescapáveis para pessoas e instituições que se pretendem contemporâneas do nosso tempo.*

TOMAZ AROLDO DA MOTA SANTOS
Reitor da Universidade Federal de Minas Gerais

É com grande satisfação que a Fundação João Pinheiro, por intermédio do Centro de Estudos Históricos e Culturais, em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, publica o primeiro volume de seu mais recente empreendimento editorial — a Coleção Centenário.

Dando seqüência a seu programa de edição de obras voltadas ao resgate da nossa história e da nossa cultura, iniciado com a Coleção Mineiriana, de ampla repercussão, e tendo em vista a proximidade das comemorações do centenário de Belo Horizonte, a Fundação João Pinheiro instituiu essa nova Coleção com o intuito de contribuir, de forma permanente e significativa, para essas festividades, refletindo sobre o processo de criação e evolução da Capital, através do relato de suas muitas histórias.

Para além dos projetos efêmeros e pontuais que costumam marcar esse tipo de comemoração, pretende-se com essa Coleção lançar produtos duradouros que irão abranger desde a reedição de obras clássicas dos diversos campos de estudo sobre Belo Horizonte, grande parte delas desconhecidas do público em geral, até a publicação de textos e ensaios contemporâneos de relevância para a compreensão do processo de estruturação e desenvolvimento de segmentos fundamentais da vida da cidade. Trata-se de um programa editorial alentado que prevê diversos volumes a serem lançados a partir do primeiro semestre de 1996 e que serão viabilizados em parceria com instituições públicas e privadas.

Nesse sentido, foi recebido com o melhor apreço o convite da Universidade Federal de Minas Gerais para que a nossa instituição

participasse como co-editora da publicação do catálogo **Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954**, *de Joaquim Nabuco Linhares.*

Obra de referência da imprensa belo-horizontina em seus primeiros tempos, este catálogo comporta a descrição de 839 títulos de periódicos (jornais, revistas, panfletos etc.) que circularam aqui de 1895 a 1954, colecionados e catalogados por Joaquim Linhares, e que demonstram a diversidade e a vitalidade da atividade jornalística existente nesse período, mesmo que de natureza amadora e artesanal.

A presente publicação tem como objetivo não só divulgar para toda a população a importância e a preciosidade dessa coleção formada por Linhares, atualmente sob a guarda da Biblioteca Universitária da UFMG, como também sensibilizar novos parceiros para a obtenção dos recursos financeiros necessários à sua conservação (hoje, em estado precário), manutenção e melhor disponibilidade para o público, sem o comprometimento de sua integridade.

Ao ensejo da comemoração dos cem anos do primeiro jornal que circulou na nova Capital — o **Bello Horizonte** *—, lançado em 7 de setembro de 1895, a Fundação João Pinheiro, através do seu Centro de Estudos Históricos e Culturais, pretende estar contribuindo para o resgate da história dos jornais e da imprensa local, área da maior importância para o desenvolvimento e a transformação da cidade, e tem a esperança de que o exercício permanente dessa rememoração do passado represente, cada vez mais, a necessidade de se recolherem os fragmentos da memória de seus cidadãos, muitas vezes anônimos, cujo trabalho solitário e incansável construiu a história dessa cidade quase secular que precisa, urgentemente, encontrar um caminho mais humano e solidário em direção ao futuro.*

ROBERTO BORGES MARTINS
Presidente da Fundação João Pinheiro

SUMÁRIO

EFÊMEROS E PERMANENTES: OS ARDIS DA MEMÓRIA DA IMPRENSA DE BELO HORIZONTE *13*
Maria Céres Pimenta S. Castro
Joaquim Nabuco Linhares, o colecionador *17*
Pedaços de memória *21*
A imprensa se moderniza... *27*
As matrizes da imprensa *32*
A publicação *40*

CATÁLOGO DE PERIÓDICOS: 1895 - 1954 *43*
Joaquim Nabuco Linhares
Palavras explicativas *45*
Resenhas dos periódicos *51*

ÍNDICES
Alfabético *531*
Assuntos *540*
Cronológico *542*
Onomástico *556*

GLOSSÁRIO *583*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS *585*

EFÊMEROS E PERMANENTES:
OS ARDIS DA MEMÓRIA DA IMPRENSA DE BELO HORIZONTE

MARIA CÉRES PIMENTA SPÍNOLA CASTRO

Em 1976, a Universidade Federal de Minas Gerais adquiriu, da família de Joaquim Nabuco Linhares, a preço simbólico, um acervo de inusitada importância para a memória da cidade e de sua imprensa. Trata-se da hoje denominada **Coleção Linhares**, um conjunto de exemplares de todas as publicações periódicas - jornais, revistas, boletins, panfletos - que circularam em Belo Horizonte durante o período de 1895 a 1954.

Essa coleção foi formada por Joaquim Nabuco Linhares que, cuidadosamente, recolheu todo o material de imprensa que lhe chegava às mãos, ou de que tinha alguma notícia, guardando mesmo coleções inteiras de alguns jornais que surgiram e desapareceram ao longo daquele período. Ao mesmo tempo em que colecionava tais publicações, Joaquim Linhares redigiu, a partir delas, um catálogo em que faz a descrição de cada uma, com informações sobre a sua natureza, formato, propriedade, periodicidade, redação e duração, da maneira mais detalhada possível. São 839 títulos resenhados.

É este o trabalho que hoje vem à luz, em co-edição da UFMG e da Fundação João Pinheiro, realizando o que, já em 1962, reivindicava Eduardo Frieiro:

> *O governo - municipal ou estadual - está na obrigação de mandar imprimir a monografia de Linhares, que há muito aguarda quem possa fazê-lo. Será um serviço prestado à nossa descurada cultura histórica.* (FRIEIRO,1962:83)

Quando a família Linhares manifestou o desejo de transferir à Universidade o acervo da **Coleção Linhares**, o Conselho Universitário da UFMG formou uma Comissão Especial para

exame e parecer relativos ao material. Essa Comissão, integrada pelos professores José Mendonça, Wilton Cardoso e Isis Paim, então diretora da Biblioteca Universitária, recomendou a aquisição da coleção, ressaltando a qualidade de seu acervo e as boas condições de sua conservação. Desde então, a **Coleção Linhares**, integrada ao acervo de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária, se tornou uma importante fonte de pesquisas sobre a história de Belo Horizonte e da sua imprensa.

Entretanto, o texto em que Joaquim Nabuco Linhares resenhou os títulos que colecionara permanecia inédito. Em artigo publicado em 1980, o professor José Mendonça reclamava:

> *Parece chegada a hora - que já muito tardou - de a Universidade completar o plano concebido ao praticar o primeiro gesto: fazer editar, atualizando da maneira cabível, a 'História da Imprensa em Belo Horizonte 1895-1954' e microfilmar a* ***Coleção Linhares*** *para a necessária preservação dela e a mais fácil consulta por parte dos pesquisadores. Assim, atenderá a apelos dirigidos ao poder público, em oportunidades diferentes, quanto à monografia, pelo professor Aires da Mata Machado Filho, na Academia Mineira de Letras; pelo jornalista Moacyr de Assis Andrade, no Rotary Club de Belo Horizonte, e pelo escritor Eduardo Frieiro. (MENDONÇA, 1980:47)*

A reclamação procedia, seja pela importância do texto, seja pelo fato de que já se iniciara o trabalho. Tão logo foi feita a transferência do material para a UFMG, o professor José Mendonça realizara uma paciente e acurada revisão dos originais da monografia de Joaquim Nabuco Linhares, com vistas à sua publicação. Entretanto, não conseguiu, por motivos vários, realizar seu intento, o que somente agora, passados quase vinte anos, tornou-se possível.

Joaquim Nabuco Linhares: O Colecionador

Para Walter Benjamin, a coleção é uma *tentativa grandiosa de superar a irracionalidade da mera existência das coisas, através de sua inserção num sistema histórico expressamente construído.* A coleção é, assim, uma forma de rememoração prática e *o colecionador, como o anjo da história, arranca o objeto de seu contexto, preservando-o enquanto particular e reordenando-o em novas relações.* (ROUANET, 1987:71-72)

De personalidade metódica e muito organizado, Joaquim Nabuco Linhares tinha o hábito de colecionar. Sua primeira coleção foi de caixas de fósforos. Chegou a ter milhares delas, de todo o Brasil. Mais tarde, formou uma coleção de selos, organizada com exemplares valiosos de todo o mundo. Mas sua grande paixão eram os jornais. Nascido em Ouro Preto, em 1880, viu surgir lá seu interesse pela imprensa quando, ainda mocinho, "cometeu" alguns artigos para um jornal. Desde então, entregou-se com afinco à tarefa de coletar, guardar e catalogar exemplares de jornais e de revistas que surgiram em Belo Horizonte, durante os anos em que residiu na cidade. Uma reportagem do ***Diário da Tarde***, em 1951, assim descreve a **Coleção Linhares**:

> *As horas passam despercebidas junto ao arquivo do escritor Joaquim Nabuco Linhares. Páginas amarelecidas pelo tempo, jornais surgindo com a impetuosidade de um idealismo vigoroso e morrendo com as desilusões da empresa, órgãos feitos às pressas para amparo a campanhas políticas malogradas, revistas trazendo sonetinhos e crônicas sentimentais de adolescentes que hoje estão ocupando cargos destacados na vida pública ou são profissionais tarimbados na nossa imprensa.*

Sob o olhar amoroso do colecionador, as publicações perdem seu valor de troca e se libertam do ônus de serem meramente utilitárias. Tornam-se uma forma de rememorar

o passado, construindo, pela "citação" de temas e personagens, imagens múltiplas da vida belo-horizontina. Através delas e da reordenação de novas relações construídas na sua monografia, Linhares, um apaixonado pela história de seu objeto, busca salvá-lo do esquecimento e incita o trabalho da memória e da reminiscência. Assim que tomava conhecimento de uma nova publicação em Belo Horizonte, Linhares corria à sede e procurava obter pelo menos um primeiro número. Solicitava aos amigos informações sobre os jornais e revistas e, pacientemente, com sua letra de amanuense ia registrando os dados que constam de sua monografia. Seu arquivo sempre foi requisitado por estudiosos da capital - o historiador Abílio Barreto era um deles - que ali buscavam informações sobre a história da cidade e de seus habitantes.

Como assinalou FRIEIRO (1962:64), *há obscuridades na história da instauração da imprensa em Minas, como é comum havê-las em toda investigação de origens.* Pois, se há estudos relevantes sobre o tema - como é o caso do trabalho de José Pedro Xavier da Veiga e de outros que lhe sucederam - permanece ainda *nebulosa a história dos primeiros periódicos publicados em Minas Gerais, o que se deve, principalmente, à escassez de exemplares seus, nas principais bibliotecas do país, como do próprio Estado interessado.*

Entretanto, se é essa a situação da imprensa em Minas Gerais, o mesmo não se pode dizer de Belo Horizonte, já que o trabalho que ora se publica é de uma relevância sem par, seja para o conhecimento da história da imprensa e do jornalismo praticados em Belo Horizonte, seja para a recuperação da memória do cotidiano da cidade nos seus primeiros 60 anos de existência.

Filho do Cel. José Coelho Linhares, oficial-maior da Secretaria do Interior e da Instrução Pública em Ouro Preto, então

capital do Estado, e de D. Luiza Augusta Linhares, Joaquim Nabuco Linhares, que gostava de ser chamado de "Quincas", fez seus primeiros estudos no Ginásio Mineiro de Barbacena e no de Ouro Preto. Ainda como estudante ingressou no quadro do funcionalismo público estadual. Era estudante da Faculdade de Direito em Ouro Preto, mas abandonou seus estudos, já no terceiro ano, pois transferiu-se para Belo Horizonte, quando da mudança da capital. Foi, durante longos anos, diretor do Departamento de Justiça da Secretaria do Interior, cargo no qual se aposentou. Em decorrência de sua vivência no Departamento de Justiça interessou-se pela história da magistratura, tendo pesquisado o tema e escrito uma obra em três volumes intitulada *História da Magistratura em Minas Gerais*, que permanece inédita. Esse trabalho aborda a magistratura mineira, desde a implantação das três primeiras comarcas (1711) até 1938. Inclui na sua documentação, estudada nos 50 anos em que se dedicou ao assunto, desde atas de fundação das comarcas até biografias dos magistrados que as dirigiram.

Foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, onde ocupou, por muitos anos, o cargo de secretário. Em 1927, no governo Antônio Carlos, foi chamado a participar da organização do Conselho Penitenciário de Minas Gerais, onde, uma vez cumprida a tarefa, passou a ocupar o cargo de secretário, por indicação do primeiro presidente do órgão, Francisco Mendes Pimentel. É autor de vários ensaios como pesquisador do Arquivo Público Mineiro. Entre suas obras, destaca-se *A Mudança da Capital de Minas Gerais*, editada pela Imprensa Oficial em 1905. Ainda que não militasse no jornalismo, este foi um de seus interesses mais significativos, pois sobre ele - além do grande número de publicações colecionadas - publicou um artigo na Revista do Arquivo Publico, em 1903, denominado "A Imprensa em Bello Horizonte", onde resenha 49 jornais e

revistas até então publicados na Capital. Além disso, também publicou no *Diário da Tarde*, no período de 28 de março a 17 de julho de 1951, uma coluna denominada "A imprensa em Belo Horizonte", na qual resume as características de 465 títulos de publicações que vieram à luz na cidade até a década de 30.

Em relação à história da imprensa, é possível constatar que o trabalho realizado por Joaquim Nabuco Linhares nos oferece o panorama mais abrangente possível, permitindo diferentes abordagens da questão em termos de suas caraterísticas e periodização. Pelo que se pôde apurar, o texto foi produzido ao longo de quatro períodos. O primeiro, que vai até 1903 e se refere às resenhas dos jornais e revistas que aparecem no artigo da Revista do Arquivo Público de 1903; o segundo, que vai daí até 1947, quando o autor preparou-se para publicar seu trabalho, tendo inclusive redigido suas "Palavras Explicativas"; o terceiro refere-se à preparação das resenhas para publicação da coluna, no *Diário da Tarde*, em 1951. Finalmente, há redação da quarta parte, relativa aos títulos aparecidos após os anos 30. O estilo do texto revela as afinidades políticas do autor, suas idiossincrasias e suas preferências ideológicas. Defensor intransigente da "boa sociedade" liberal, Linhares não poupa críticas àqueles que, no seu entendimento, ofendem a moral e os bons costumes. A linguagem utilizada tem o sabor do tempo e percebe-se a erudição própria de sua geração pelo uso de citações latinas, boa parte delas retiradas dos "artigos de fundo" dos próprios jornais resenhados.

Em 1901, na Fazenda Velha de Curral del Rey, hoje Museu Abílio Barreto, casou-se com D. Antonieta Jardim. São seus filhos: Geraldo Jardim Linhares, ex-presidente da Câmara de Vereadores de Belo Horizonte, já falecido; Hélio Dagoberto Jardim Linhares, aposentado como diretor do Departamento de Justiça da Secretaria do Interior; Marcelo

Jardim Linhares, também falecido, conhecido criminalista nesta capital; e Mauro Jardim Linhares, ex-funcionário da Secretaria do Interior, falecido.

Em reconhecimento ao seu trabalho como funcionário público e como estudioso da história da cidade e do Estado, o Governo do Estado conferiu-lhe em 21 de abril de 1956 a Grande Medalha da Inconfidência. Em 21 de janeiro de 1959, por decreto do prefeito Celso Mello de Azevedo, a antiga rua Tiriri, no bairro Anchieta, recebeu a denominação de rua Joaquim Linhares, em reconhecimento ao seu trabalho como *ilustre historiador e polígrafo, cujos trabalhos voltaram-se notadamente para o passado histórico de Belo Horizonte.* (Dec. municipal de 21 de janeiro de 1959)

Joaquim Nabuco Linhares faleceu em Belo Horizonte em 10 de junho de 1956.

Pedaços de memória

Setembro de 1895. No antigo arraial de Curral del Rei, que em 1890 recebera o nome de Belo Horizonte, verifica-se uma febril atividade de construção. Afinal, em 1894, fora instalada a Comissão Construtora da Cidade de Minas, a nova capital do Estado de Minas Gerais. O ambiente acanhado e ronceiro da vila sofrera consideráveis alterações. Aos poucos desaparecia a feição do antigo arraial e surgia, como por encanto, um

> *contraste de velharias e novidades: ao pé de uma cafua de barro, coberta de capim ou de zinco, eleva-se um edifício elegante e sólido; ao lado de um edifício velho do Curral d'El Rei, surge um primoroso palacete da nova capital (...). (DIAS, 1897:105)*

Mas, o panorama que se transforma não diz respeito apenas ao surgimento das novas edificações, ao desenvolvimento do comércio e ao aumento da população, pois *tímida e modestamente, surge o* Bello Horizonte, *da penumbra*

da não-existência à clara luz da publicidade. Trata-se do primeiro jornal que se publicava na cidade e o único existente naquele momento na Comarca do Rio das Velhas. De propriedade do padre Francisco Martins Dias, - o mesmo que fizera as observações sobre as transformações no pequeno vilarejo de 5.000 habitantes - o *Bello Horizonte* era impresso numa tipografia artesanal, por meio de uma pequena máquina Liberty, movida a pedal, no antigo largo da Matriz da Boa Viagem, hoje rua Sergipe, esquina da rua Timbiras. Com o *Bello Horizonte*, um "órgão religioso, literário e noticioso", tem início, em 7 de setembro de 1895, data de publicação de seu primeiro número, a imprensa belo-horizontina, cujo itinerário dos seus 60 primeiros anos foi traçado por Joaquim Nabuco Linhares e que aqui se publica.

Ora, é sabida a importância da imprensa na vida das coletividades modernas. Muitas vezes, entretanto, apenas os grandes jornais e revistas merecem a atenção dos colecionadores ou dos arquivos oficiais, desprezando-se a miríade de iniciativas editoriais que tem caracterizado a atividade da imprensa, especialmente nos seus anos iniciais. Não é o que se verifica aqui.

A monografia de Linhares sobre a imprensa belo-horizontina abrange, de maneira quase exaustiva, o conjunto de títulos de publicações periódicas que veio à luz em Belo Horizonte no período de 1895 a 1954. No seu estilo próprio, Linhares condensa, em dupla medida, a figura do cronista, tal como foi captada por Walter Benjamim, no texto em que discute o conceito de História. De um lado, recolhe todo tipo de publicação periódica que surge no espaço da cidade, sem desprezar qualquer uma, seja pela sua efemeridade, seja por qualquer outra característica que lhe fosse atribuída. Por outro lado, sem se contentar apenas com a coleção, Linhares examina cada publicação, busca todas as

informações existentes sobre ela e elabora uma pequena resenha que, às vezes em pormenores, caracteriza a publicação, distinguindo-a do conjunto existente. Ao longo de sua monografia, através do conjunto de títulos resenhados, vai-se descortinando a própria vida cotidiana da cidade, os diferentes grupos que vão se integrando no espaço urbano, sobressaindo um *calidoscópio de interesses, conflitos*, problemas e aspirações. De fato, um conjunto extremamente heterogêneo, cujo exame individualizado de cada verbete pode levar o leitor pouco atento a considerar que a iniciativa deteve-se em fatos menores e pouco relevantes.

Porém, à medida que se avança na leitura dos verbetes, o conjunto vai passo a passo construindo uma constelação que configura o painel de uma cidade em formação e ilumina os caminhos de constituição da imprensa belo-horizontina, da literatura enraizada na vida social e, especialmente, das formas assumidas pelo jornalismo ao longo do período em questão. São pedaços de memória que colocam em cena personagens conhecidos, muitas vezes deslocados dos lugares em que nos acostumamos a encontrá-los - o político em seus escritos estudantis, o industrial como ilustrador de um jornalzinho colegial, o poeta como chefe-de-redação. Mas, uma memória que dá lugar também àquelas vozes que buscaram construir seus próprios espaços e que hoje, perdidas ou anônimas na nossa lembrança, emergem com vigor e retomam seu lugar na constelação histórica que se enuncia. Assim, ao se tornar ele próprio um cronista da imprensa belo-horizontina, Linhares ergue um monumento ao "cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e pequenos", pois *leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser perdido para a história.* (BENJAMIN, 1985:223)

É interessante perceber os sentidos da intensa atividade editorial que se verifica na cidade, pois, na virada da

segunda década do século, a cidade já conheceu cerca de 430 publicações. Afinal, ainda que capital de um Estado importante e altamente populoso, Belo Horizonte é, ainda nas primeiras décadas do século, uma cidade de pequeno porte: tem cerca de 12.000 habitantes em 1897; por volta de 17.000 em 1905; um pouco mais de 50.000 em 1920. É uma população de arribação, pois se boa parte de seus moradores vem da transferência dos serviços públicos, muitos dos novos habitantes que aqui estão chegaram de diferentes pontos do Estado, do país ou mesmo da imigração, como é o caso dos italianos.

São bastante conhecidas as referências - negativas e positivas - do processo de enraizamento da população belo-horizontina. Ridicularizada pelos ouro-pretanos como a "cidade dos papudos", sonhada pelos positivistas republicanos como a "cidade racionalista", buscada pelos imigrantes como a "cidade do trabalho", perseguida pelos arrivistas como a "cidade dos especuladores", Belo Horizonte condensa múltiplas imagens, em que desejos e interesses, realidades e fantasias se misturam em amálgamas ainda indistintos e indiferenciados. Nessas condições, torna-se necessário encontrar meios que viabilizem a produção da identidade dos diferentes grupos, formas de produzir sua visibilidade no meio urbano, em termos das peculiaridades que os caracterizam, seus interesses e aspirações. O meio impresso se torna então a forma de comunicação acionada. Ele significa tanto uma maneira de agregar as pessoas dispersas no conjunto urbano, como também uma forma de apresentação de um grupo ou categoria social ao contexto mais amplo da cidade. É interessante verificar que os jornais funcionam como "mensageiros de relações", para usar uma expressão de DAVIS (1991:159). Eles não seriam apenas fonte de idéias e de imagens, mas uma maneira peculiar de criar laços sociais, agregar interesses, disseminar visões de

mundo, possibilitar reconhecimento, construir diferenças e configurar identidades. Daí a multiplicidade de formas, temas, tipos, destinação e objetivos que aparecem nas publicações resenhadas. Há jornais de natureza política; aparecem os chamados "noticiosos", precursores da imprensa moderna dos nossos dias; surgem os literários e culturais, os humorísticos, os associativos, os esportivos, os de operários, de italianos, de árabes, de alemães; folhas católicas, protestantes, maçônicas, espíritas; os boletins e revistas estudantis e universitários; jornais de blocos carnavalescos, panfletos de reclames publicitários, enfim, uma multiplicidade de formas e de temáticas, a construir imagens distintas da cidade e de seu cotidiano. São "folhas ao vento", dispersas, efêmeras, modestas, artesanais, que guardam pouca ou quase nenhuma semelhança com o que hoje conhecemos como "imprensa". Uma boa parte delas prescinde de investimento financeiro e, certamente, grande parte não busca remuneração econômica para a iniciativa.

Mas há também aqueles que pretendem a permanência, a duração e muitas vezes se vêem frustrados na sua pretensão de oferecer à cidade a imprensa moderna e atuante que imaginam construir. Para estes, Belo Horizonte, concebida como a expressão da modernidade que se anunciava com o advento da República e que configurava no seu traçado geométrico e meticuloso a racionalidade como matriz da ordem social, se via amesquinhada na sua atividade editorial. Belo Horizonte era, para Moacyr Andrade, em 1925, "a cidade que Guttemberg esqueceu", pois a transitoriedade das publicações que aqui surgiam indicavam que a imprensa não se enraizava na cidade e que todas acabavam por se extinguir precocemente. Era o "mal de umbigo" que atacava os jornais recém-nascidos, ou no dizer do próprio Linhares, a impossibilidade de que as publicações ultrapassassem a fatídica barreira do terceiro número e conseguissem assim

exorcizar "a caveira de burro" que havia sido enterrada no terreno da imprensa. No seu livro de memórias, *A menina do sobrado*, Cyro dos Anjos diz que

> *a imprensa carioca não deixava prosperar a local, já anemiada pela concorrência das folhas do governo. Pela manhã - abrindo-se o compulsório 'Minas Gerais', que a par de atos e decretos, oferecia o noticiário comum, ou do 'Diário de Minas', porta-voz do PRM, mais lido nas entrelinhas que no texto - sabia-se o que sucedia no País e no mundo, e se podia imprimir sem detrimento da ordem e das instituições. E à noite, pela Central, as gazetas do Rio traziam às conversas do Bar do Ponto os condimentos que as insossas publicações oficiais não ofereciam: sal, pimenta e vinagre dos comentaristas, arranca-rabos do Congresso, caricaturas, piadas, anedotas. Acossado, assim, de dois lados, o periodismo independente não conseguia firmar-se naquela Capital de população rala, reduzida massa leitora, comércio pobre, indústria quase nenhuma. Ano após ano, jornais nasciam e, com poucos meses, morriam de inanição. Nem só por falta de dinheiro: também de assunto e de público.*

De fato, uma atividade "mofina, instável", resultado da indigência material e do acanhamento do meio, que não consegue se impor, permanecer, durar. Mas, paradoxalmente, uma atividade febril, que contabiliza 69 títulos, apenas no período de 1920 a 1925. Certamente, não são publicações que disputam leitores, que concorrem no mercado publicitário ou que buscam o beneplácito do poder público. Tais características podem ser observadas apenas em períodos muito posteriores, pois à exceção de uns poucos jornais e revistas que pretendem se inscrever de forma mais duradoura, a maior parte das iniciativas editoriais dos trinta primeiros anos da cidade parece funcionar, como já

dissemos, como mecanismo de agregação de interesses vitais, de articulação de indivíduos e grupos no plano existencial, promovendo a visibilidade de tais grupos que, em busca de sua própria identidade no terreno urbano, reconheciam a necessidade de se distinguir de outros interesses, visões de mundo e aspirações que circulavam na cena pública. Provavelmente, tais elementos ainda não teriam sido capturados nas teias dos mecanismos institucionais de produção de visibilidade social, o que vai ocorrer apenas nos períodos mais tardios da vida belo-horizontina. Assim, ainda que lamentadas pelos que a queriam de uma outra maneira, a dispersão e transitoriedade da atividade editorial - a "imprensa" das primeiras décadas da cidade - parecem demonstrar que outras importantes funções são cumpridas nessa esfera. Isso, necessariamente, remete à reflexão sobre essa questão para perspectivas que ultrapassem a constatação das carências do meio, do provincianismo das publicações e do seu atraso em relação aos demais centros urbanos então existentes.

A imprensa se moderniza...

A compreensão de que a imprensa vai expressar condições distintas em diferentes tempos da vida da cidade, assumindo configurações que lhe permitem realizar funções diversas daquelas que se espera desse setor, não impede, entretanto, que se possa construir uma periodização adequada de seu desenvolvimento. Baseando-se na sua própria vivência, e respaldado nas informações existentes na **Coleção Linhares** e na monografia ora publicada, Eduardo Frieiro, em 1962, observa que a história da nossa imprensa pode ser tratada em duas fases:

> *uma que vai da fundação do primeiro periódico, em 1895, ao aparecimento do Correio Mineiro, em 1926, e outra, a*

> *que parte da criação do primeiro grande jornal da cidade, O Diário da Manhã, em 1927, até a presente data.*

Hoje é possível verificar que o desenvolvimento da comunicação radiofônica, o advento da televisão em 1955 e as transformações da década de 60 configuraram uma terceira fase no desenvolvimento da imprensa escrita de Belo Horizonte, a qual mostra sua face mais madura a partir dos anos 70. Constata-se, então, que o trabalho de Joaquim Nabuco Linhares abrange duas das etapas da história de nossa imprensa: o período "heróico" de fundação da atividade periodística e a fase de criação e consolidação do que hoje conhecemos como "grande imprensa".

A primeira fase, sem prejuízo da discussão feita anteriormente, onde observamos as funções distintas exercidas pela atividade periodística naqueles tempos, é assim caracterizada por MENDONÇA (1980:49):

> *o que era a imprensa de Belo Horizonte ao findar o primeiro quarto do século? Era muito pouco, quase nada: periódicos deficientíssimos do ponto de vista material, ainda que bem escritos, de ação pouco profunda na opinião, apenas percebidos pelo arruído de algum escândalo, ou então folhas de natureza partidária, cuja existência se limitava pelas campanhas políticas para as quais haviam surgido, todos porém invariavelmente efêmeros.*

Há, entretanto, títulos que permanecem - com intermitentes e às vezes inexplicáveis sumiços provisórios - durante muitos anos. São poucas e raras tais situações, configurando-se apenas como exceções no panorama do período. É o caso de uma revista católica, *Lourdes*, que se mantém como publicação mensal durante 26 anos. Há até mesmo uma folha carnavalesca, *Matakins*, cuja edição anual da terça-feira de Carnaval circula durante doze anos. Há, ainda, o

Diário de Minas, que circula desde 1898 até os anos iniciais da década de 30, embora com sucessivas ausências de circulação. Mesmo esse diário, que tanto marcou o imaginário relativo à imprensa belo-horizontina, foi sempre um jornal de poucos leitores, mas de efetiva e forte influência nos meios políticos, dado o seu alinhamento permanente com o PRM, mais particularmente com as facções "perremistas" que se encontrassem no governo. Em suas memórias, Afonso Arinos de Melo Franco refere-se ao Diário de Minas daqueles tempos como uma *espécie de mensagem espírita*, já que *composto e impresso sem linotipos nem rotativa; ninguém o lia, e tinha, contudo, inegável influência política.* (MELO FRANCO, 1961: 206-207)

Ainda que o Correio Mineiro (1926-1936) seja apontado por diversos estudiosos como o marco que separa as duas fases do desenvolvimento da imprensa belo-horizontina, para Joaquim Nabuco Linhares,

> *não padece mínima dúvida de que foi o Estado de Minas [1919-1922] que aqui lançou as bases do jornal moderno, plantando destarte, o marco divisório de duas eras de nossa imprensa - a antiga e a moderna. Com o seu desaparecimento estivemos privados, por quatro longos anos, de qualquer outro grande órgão de publicidade, até que apareceu o Correio Mineiro, que mais não fez do que ampliar o iniciado pelo Estado de Minas, claro que com métodos mais modernos e de acordo com o tempo que, em seu evoluir, tudo melhora.*

À parte a polêmica sobre o corte distintivo da primeira e da segunda fases da história da nossa imprensa - assunto sobre o qual a Coleção Linhares e especialmente o texto aqui publicado pode lançar luz definitivamente - o certo é que nos anos finais da década de 20, era visível a modernização da imprensa. Segundo ANTUNES (1995:10), *os passos iniciados pelo Correio Mineiro vão orientar o percurso de*

outras experiências editoriais. A 16 de julho de 1927 ia a público o primeiro número do jornal Diário da Manhã. O Correio Mineiro havia inaugurado um jornalismo em novos moldes, pois sob a direção de Vitor Silveira, pretendia atender o "grande público", interessado com o

> *fato da rua, mexeriqueiro, não receando o escândalo e até o procurando: jornal de publicidade e cavação, para arrancar o dinheiro de quem o podia largar, e ao mesmo tempo caçar o níquel do leitor comum. Agradou e teve bastante êxito. (FRIEIRO, 1962:82)*

O Diário da Manhã aliava esse tipo de jornalismo "moderno" - textos curtos, destaque para temas esportivos, policiais e do cotidiano da cidade, linguagem mais "objetiva", direta e coloquial - a um parque gráfico muito moderno para a imprensa privada da época, o que o tornou uma referência obrigatória nos estudos sobre a imprensa belo-horizontina. Além disso, a experiência desse diário adquiriu uma projeção intelectual de significativa importância no imaginário dos jornalistas do período. Foi curta, entretanto, a existência do Diário da Manhã, que deixou de circular menos de um ano após a sua criação. Das suas oficinas sai, a 7 de julho de 1928, o primeiro número do O Estado de Minas, ainda hoje em circulação. Tendo, na sua criação, Juscelino Barbosa, Pedro Aleixo e Álvaro Pimentel como diretores, passou, em maio de 1929, à propriedade dos Diários Associados. Segundo Linhares, com o número 391, de 16 de junho de 1929, excluiu-se "do título o artigo O, que tanto o enfeava, passando a ser somente Estado de Minas," denominação que até hoje conserva. Em 1931, aparece o Diário da Tarde, o quarto com esse nome, já como integrante da cadeia Associada e ainda hoje em circulação. Em 1935, é criado o O Diário, de propriedade da Cúria Metropolitana, que durante os trinta anos de sua existência marcou de forma indelével a imprensa belo-horizontina.

Na memorialística da época, é aguda a percepção de que se inaugurava, na virada dos anos 20/30, uma nova fase na imprensa da capital. Nesse sentido, são exemplares os textos relatando a movimentação que tomou conta da cidade com a chegada, pela Central do Brasil, da impressora "Marinoni", em 1927, para a fundação do Diário da Manhã.

> *A agitação era, sobretudo, dos que militavam na imprensa da capital à época, segundo eles marcada pela precariedade dos equipamentos gráficos e pelo pauperismo nos recursos disponíveis para tocar qualquer empreendimento jornalístico (...) Mas nem só os homens de imprensa acorreram à estação ferroviária. Junto com a impressora chegavam novos equipamentos gráficos que davam à carga um volume e peso gigantescos, raramente desembarcados na cidade. A chegada da "imprensa moderna" a Belo Horizonte era assim, antes mesmo que resultasse num novo jornal, também um fato que despertava a curiosidade dos habitantes. (ANTUNES, 1995:12)*

Para esse mesmo autor, o vigor das narrativas sobre a imprensa daquele período parece indicar que

> *não se trata somente de lembranças, mas de elementos de um discurso, de uma certa maneira com a qual as pessoas viram, processaram e construíram, responderam mental e emocionalmente ao que ocorria no espaço da imprensa ali e naquele momento, ou seja, na Belo Horizonte da terceira e quarta décadas desse século. Não é, pois, um olhar que se projeta sobre o passado para adorná-lo, ou uma simples imagem da realidade, algo que apareça como "forma" ideal que indique um "conteúdo" social. São, na verdade, formas de registro de atitudes, idéias e imagens acerca da realidade do periodismo local que foram parte e evidência de uma*

experiência, de um vivido produzido através da prática social daqueles indivíduos.

É possível constatar que a partir dos anos 30 vai-se delineando então o quadro de uma imprensa moderna: jornais mais permanentes, de melhor qualidade gráfica, com o uso de equipamentos próprios, tecnologicamente mais avançados e, especialmente, mais autônomos frente às mudanças conjunturais nos pólos de poder. Além disso, são evidentes as transformações na forma jornalística, em termos da linguagem, das rubricas técnicas e do projeto gráfico, bem como na distinção cada vez mais clara entre a direção do jornal - propriedade e administração comercial/financeira - e a redação.

Obviamente, é um quadro que se anuncia, em que as alterações são incipientes, não se estendendo a todas as publicações e a todas as iniciativas editoriais, e que são observadas na comparação com os elementos da fase anterior. Significa dizer que é um processo de modernização constatado na relação com as condições de funcionamento da imprensa até então, e que os traços aí observados não se generalizam de forma igual para todas as publicações existentes ou surgidas após os anos 30. E mais: ainda que tal processo se configure, não significa que a multiplicidade de iniciativas editoriais, que caracteriza a fase anterior, se esgote de chofre. A tendência à existência de uma imprensa mais "profissional" convive ainda durante um bom tempo com iniciativas editoriais mais "amadoras", pois ainda efêmeras, artesanais e de pequeno alcance.

As matrizes da imprensa

Efêmeros ou permanentes, artesanais ou industriais, provincianos ou modernos, os jornais (e revistas) que surgem nas duas primeiras fases, se nutrem, embora de forma variegada e múltipla, principalmente de elementos

originários de três grandes áreas da experiência social: a política, a literatura e o associativismo.

Obviamente, a articulação com a política ultrapassa os anos 30 e permanece ainda hoje como uma matriz importante da atividade periodística. O interessante é observar como essa articulação se altera ao longo do tempo, como em cada período se verificam maneiras próprias de realização da convergência/divergência de interesses políticos e atividade jornalística. Na política, no primeiro período, impera o Partido Republicano Mineiro (PRM). O grande nutriente da imprensa é, então, o "perremismo" e as aglutinações de interesses divergentes que emergem no interior da política partidária. Nessa matriz se produz um grande conjunto de jornais, em que se reflete o interesse transitório de alguma autoridade, a inserção em campanhas partidárias ou mesmo a defesa de determinadas posições no campo político.

O primeiro jornal "político" foi o bissemanário A Capital, um empreendimento jornalístico do Coronel Francisco Bressane de Araújo.

> *Pequenino e retaco, muito míope, sempre a piscar (chamado por isso o* ***Coronel Pisca-Pisca****), Francisco Bressane foi durante muitos anos o secretário diligentíssimo do Partido Republicano Mineiro, desde a sua fundação, no governo Silviano Brandão. (FRIEIRO, 1962:80)*

Proprietário e redator de *A Capital*, o Coronel Pisca-Pisca foi depois prefeito de Belo Horizonte, diretor da Imprensa Oficial, e deputado estadual e federal em várias legislaturas. Defensora e propagandista ferrenha da Tarasca, *A Capital* teria no *Diário de Minas*, criado em novembro de 1898, por Francisco Mendes Pimentel, seu adversário mais respeitável. A oposição ao Presidente do Estado, Dr. Silviano Brandão, entretanto, durou pouco, pois já em 5 de novembro de 1899, sob nova direção, o *Diário de Minas* passava a

defender o governo, representando o pensamento oficial do PRM. A oposição fica então por conta do *Jornal do Povo*, criado por Azevedo Júnior a 5 de dezembro de 1899, que resiste apenas até 30 de novembro do ano seguinte. Enquanto isso, o *Diário de Minas* mantinha-se à tona, e, com uma retórica sempre governista, circulou - com seguidas interrupções, troca de direção e de orientação editorial - até maio de 1932. Extinto o *Jornal do Povo*, aparece em 1904 *A Epocha*, que faz oposição continuada e feroz ao governo de Francisco Sales. A campanha contra o governo se fortalece com o aparecimento, em 1906, de um novo jornal, o *O Estado de Minas*, motivando os governistas a irem a campo com *Vida Mineira* (1904-1906). Segundo Linhares, a polêmica entre estes dois últimos jornais foi acirrada, "de parte a parte violenta e conduzida em termos os mais injuriosos pelos contendores". Assim, as campanhas se sucediam e com elas surgiam e desapareciam jornais em Belo Horizonte: o "civilismo" nos deu o *Correio do Dia* (1909-1910); o Partido Republicano Conservador, chefiado por Pinheiro Machado criou o *Diário da Tarde* (1914); a oposição ao mesmo Pinheiro Machado nos brindou com o matutino *A Capital* (1913-1914), quarto jornal surgido em Belo Horizonte com esse nome; a campanha de Artur Bernardes à Presidência da República apossou-se do *Floresta-jornal* (1920); a Reação Republicana que sustentava as candidaturas de Nilo Peçanha à Presidência da República e de Francisco Sales à Presidência do Estado nos deu o *Diário de Notícias* (1922), para citarmos apenas os mais incisivos.

As relações da imprensa com a política, quando a linha editorial do jornal era de cunho oposicionista, eram violentas, muitas vezes ocorrendo o empastelamento das oficinas, apreensão de edições e prisões dos "editores". Dentre os fatos registrados por Linhares destaca-se o acontecido com

o jornal *Avante!* (1924), que no seu número 4 de 29 de junho, "estampou um sensacional artigo a que deu o título - '36.000.000 cabeças governadas por duas: uma inválida, outra ébria'". A polícia invadiu as oficinas do jornal, incinerou toda a edição seguinte do jornal (que reproduzia o artigo) e destruiu todas as chapas de impressão. Em conseqüência, o jornal deixou de circular até 3 de agosto seguinte. Quando voltou a circular, continuou fazendo oposição a Arthur Bernardes e a Raul Soares, respectivamente, Presidente da República e Presidente do Estado. Em 6 de janeiro, seu diretor - Sr. Amadeu H. Teixeira de Siqueira - foi preso e mandado para a Casa de Detenção do Rio de Janeiro, onde permaneceu por um bom tempo. Depois de libertado, voltou a Belo Horizonte e retomou a publicação de *Avante!*, a 5 de abril de 1925.

Mas, com a modernização da imprensa que se verifica nos anos 30, a relação estreita com as práticas político-partidárias, sobretudo na sua dimensão eleitoral, passa a ser vista como um dos sérios obstáculos ao desenvolvimento da atividade periodística. É o que assinala, por exemplo, Pedro Aleixo, na rememoração da luta por uma imprensa moderna, "independente e noticiosa":

> *É preciso que se rememorem as contingências daquela época para que bem se compreenda o que representou, em arrojo e temeridade, o lançamento de um jornal que não vinha lastreado pela proteção do oficialismo. Até então, os jornais surgiam ao influxo das campanhas políticas e, salvo iniciativas temerárias de alguns jornalistas bem intencionados, viviam enquanto eram alimentados pelo fogo abrasador das paixões partidárias. Encerradas as lutas eleitorais, dentro em pouco deixavam os prelos de bater e passavam a constituir o acervo desvalorizado de empresas em liquidação. (ALEIXO, 1935)*

Percebe-se, assim, que na nova fase da imprensa, certamente a política ainda tem lugar de destaque, mas sua relação com as iniciativas editoriais que passam a surgir começa a se modificar. Estudos sobre as transformações na imprensa européia, no século passado, mostram que ela evolui de uma fase política, panfletária e literária em que os editores sustentavam sozinhos o risco econômico, para uma fase em que *o jornal assume o caráter de um empreendimento que produz espaço para anúncios como uma mercadoria que se torna vendável através da parte reservada à redação.* (HABERMAS, 1984:217) Aqui, ainda que em condições distintas e cronologicamente muito distantes, é possível encontrar algumas analogias com essa análise. O surgimento (ou desaparecimento) de jornais (e revistas), mesmo mantendo estreitas relações com a política, não deriva mais diretamente dos interesses políticos tal como acontecia anteriormente. A lógica que os governa é outra, pois o jornal evolui para a condição de um empreendimento econômico, exigindo que o seu gerenciamento se faça a partir de parâmetros de administração financeira e comercial. Nessa lógica, pelo menos na definição de sua linha editorial, a política se torna apenas mais um dos elementos de sua pauta de cobertura, ainda que um dos mais importantes. Nas palavras do *Estado de Minas*, em editorial de 1929:

> *Para defender com altivez os interesses gerais, o jornal não pode ser partidário, nem mesmo político no sentido usual dessa palavra entre nós, pois que político é sinônimo de personalismo, e não de idéias. Não teremos ligações nem dependência com os governos mas encararemos sem prevenções injustas os homens incumbidos da administração. Procuraremos julgar os fatos e as pessoas de um ponto de vista elevado, sereno, principalmente justo.*

Assim, temos, de um lado, a ascensão de um jornalismo em que se privilegiam matérias noticiosas sobre o cotidiano da cidade, novos padrões gráficos e de acabamento e os interesses comerciais da empresa. De outro lado, e de forma semelhante ao que acontece em outras partes do país, acompanhando um processo que no Rio e em São Paulo ocorrera no início do século (Cf. SODRÉ, 1966), observa-se os *estertores de uma imprensa abertamente político-partidária, calcada na ação organizada de grupos e indivíduos.* (ANTUNES, 1995:67)

A literatura vai se constituir na segunda nutriz importante da imprensa. Aliás, essa não é uma característica exclusiva da imprensa belo-horizontina. A simbiose entre o literato e o jornal é apontada por João do Rio, no início do século e o jornal era visto por Olavo Bilac como "o único meio do escritor se fazer ler". E continua o poeta:

> *O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal - porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade. O jornal é um problema complexo. Nós adquirimos a possibilidade de poder falar a um certo número de pessoas que nos desconheceriam se não fosse a folha diária. (JOÃO, DO RIO, 1994:18)*

Na primeira fase verifica-se que a literatura é produtora de jornais e de revistas, através do grande número de "jornais literários" que vêm a público na cidade. O primeiro deles, registrado por Joaquim Linhares é *Aurora*, de 1896, que circulou até 1897. Surgem revistas que congregam no seu "corpo editorial" as figuras mais expressivas da literatura que se fazia na cidade, como é o caso de *Horus*, de 1902, *de poetas simbolistas, admiradores de Verlaine e Cruz e Souza*, ou *Caramurú* (1902-1903) dirigida por uma comissão de sócios do Grêmio Literário Santa Rita Durão.

A modernização da imprensa na década de 30 vai ter conseqüências relevantes no plano da vida intelectual. Ainda que permaneçam as iniciativas editoriais específicas do campo literário, como é o caso da importante revista *Edifício* (1946), reduto dos "modernistas" da época, a literatura passa a ser tema relevante nas páginas dos jornais. Segundo CORREIA DIAS (1979),

> *surge uma crítica de rodapé ou de colunas periódicas, João Alphonsus já o iniciara em 29 pelo* Estado de Minas. *(...) Surgem na imprensa os cronistas da cidade: Jair Silva, Djalma de Andrade, Moacyr de Andrade(...) Em* O Diário, *iria aparecer um vigoroso pensamento liberal-católico, tendo em seu centro a figura marcante de Edgar da Mata Machado (...).*

Importantes obras ficcionais daquele período surgem na imprensa da cidade, como é o caso de *Totônio Pacheco*, de João Alphonsus, que é publicado em forma de crônica no *Diário de Minas*, ou ainda o romance de Cyro do Anjos, *Amanuense Belmiro*, que antes de ser livro torna-se conhecido dos leitores através do texto de *A Tribuna* (1933). Percebe-se, assim, que também a relação da imprensa com a literatura vai-se modificando com o passar do tempo e, especialmente, com as transformações ocorridas no campo literário. De produtora de jornais - os "literários" da primeira fase - a literatura passa a ser incorporada no jornal de pretensão eclética, através das crônicas e folhetins que são aí publicados. A redação dos jornais se torna "ponto de encontro" obrigatório dos literatos da cidade, pois *o jornal daquele tempo era uma sorte de academia literária não apenas para os que nele trabalhavam profissionalmente.* (MENDONÇA,1980:51) Jornalismo e literatura se confundiam nos textos dos jornais e ainda não se questionava sobre a especificidade de cada um desses campos, o que vai ocorrer em Belo Horizonte apenas nos anos 50. Mantêm-se

ainda publicações exclusivamente literárias, em iniciativas editoriais importantes, mas efêmeras. Constata-se, então, que na imprensa belo-horizontina da terceira e quarta décadas do século, a "invenção" literária e o exercício jornalístico encontravam nas páginas dos jornais seu desaguadouro comum.

Também o associativismo, nos seus mais diferentes matizes, foi um dos nutrientes expressivos da atividade editorial em Belo Horizonte. O primeiro jornal dessa natureza é *O operário*, criado pela Liga Operária, de orientação socialista, em 1900. Associações de trabalhadores, organizações das "classes conservadoras", sociedades de "amigos de bairros" vão criar periódicos para divulgação e defesa de seus interesses. Assim, surge o *Commercio de Minas* (1901), da Associação Commercial; *O labor* (1905), da Confederação Auxiliar dos Operários; a *Revista da Associação Beneficente Typográfica* (1906-1920); a *Revista Escolar* (1906-1908), da Associação Amante da Instrução e Trabalho; o *Confederal*(1907), órgão do Centro Confederativo dos Operários do Estado de Minas Gerais. São esses alguns dos precursores citados por Joaquim Nabuco Linhares que, para além de sua característica de "imprensa especializada", evidenciam o quanto a atividade editorial era disseminada na cidade, ainda que sob a forma incipiente e artesanal que a dominava. É indicativo desse fato o número expressivo de jornais italianos que apareceram em Belo Horizonte. São publicadas doze folhas diferentes, destinadas à colônia italiana que desde a construção da cidade tem presença ativa entre nós. O primeiro deles foi o *Un Fiore*, que circulou de 1901 a 1902, sendo inicialmente escrito em italiano e, posteriormente, em português. Em 1902 aparecem o *Il martelo* e o *La voce del cuore*; em 1905 surge *L'eco del popolo*; *Fiera mosca* em 1916; *Araldo italiano* em 1923, para citarmos apenas os primeiros.

É interessante observar como o associativismo, que na primeira fase busca na imprensa escrita um meio de agregar interesses e de defender perspectivas próprias, na segunda fase vai se esgotando, enquanto uma matriz de produção de jornais, e se torna apenas mais um tema para a cobertura jornalística. Somente em tempos mais recentes é que o associativismo volta à cena pela via de publicações especializadas ou de "house organs", na tendência contemporânea de segmentação do campo jornalístico.

A publicação

O texto de Joaquim Nabuco Linhares, aqui publicado, é uma resenha dos 839 títulos de jornais, revistas e boletins que vieram à luz, em Belo Horizonte, no período de 1895 a 1954. A maior parte dessas publicações foi colecionada pelo autor e faz parte do acervo da **Coleção Linhares**, que se encontra sob a guarda da Biblioteca Universitária da UFMG. Entretanto, algumas das publicações abordadas no catálogo não foram obtidas por Joaquim Nabuco Linhares, que elabora a resenha de tais títulos a partir de informações coletadas em outras publicações ou de dados obtidos através de informantes. O conjunto de verbetes que constitui o "Catálogo de periódicos de Belo Horizonte — 1895 - 1954" é introduzido por um texto escrito pelo próprio autor, em 1947, denominado "Palavras explicativas". São também de autoria de Joaquim Nabuco Linhares os índices alfabético e cronológico que aqui se publicam. Os índices tipológicos e onomásticos apresentados foram elaborados pelo Setor de **Coleções Especiais** da Biblioteca Universitária. As dificuldades para a elaboração de tais índices foram grandes. De um lado, os problemas de definição de categorias que enquadrassem as publicações resenhadas resultavam da diversidade e da heterogeneidade do próprio material, já que a moderna tipologia de textos impressos nem sempre

é adequada à classificação de publicações existentes nos primeiros anos do período abordado. Adotou-se, então, uma tipologia que possibilitasse uma maior abrangência de formas editoriais, bem como o critério de múltipla entrada, em que uma publicação é classificada em mais de um dos tipos propostos. Por outro lado, muitas vezes as indicações nominais dos produtores dos jornais são feitas, no catálogo, de forma abreviada ou através de alcunhas e pseudônimos, o que se tornou uma dificuldade para a identificação de nomes e sobrenomes. Quando a identificação se mostrou impossível adotou-se a denominação dada pelo autor. Na parte denominada "Palavras Explicativas", Joaquim Nabuco Linhares informa que sua monografia abrange 885 órgãos de imprensa. Entretanto, há no catálogo 839 títulos resenhados. Ainda que não tenha sido possível elucidar as razões do engano — uma hipótese plausível é de que o autor tenha relacionado o número de títulos colecionados, mas não incluídos no catálogo, já que na **Coleção Linhares** há mais títulos do que aqueles resenhados — decidiu-se manter o número indicado pelo autor, alertando o leitor para a discrepância.

O texto original sofreu a atualização ortográfica cabível, mantendo-se inalterado o estilo do autor. Para facilitar a compreensão, foi criado um pequeno glossário, bem como adicionada a bibliografia utilizada no estudo crítico.

CATÁLOGO DE PERIÓDICOS 1895 - 1954

JOAQUIM NABUCO LINHARES

À IMPRENSA LOCAL

Homenagem do Autor

Homenagem aos jornalistas já afastados do nosso meio e aos que nele ainda mourejam, elevando cada vez mais o nível da nossa Imprensa.
À memória do grande e inesquecível jornalista Azevedo Júnior.
À memória dos jornalistas que aqui lutaram por seu ideal.

PALAVRAS EXPLICATIVAS

Já lá se vão bastantes anos que atiramos aos azares da sorte a primeira edição deste despretensioso trabalho. Protegido por bons fados, teve generoso acolhimento e foi alvo de críticas que muito nos penhoraram.

Na ocasião, descrevemos 49 publicações, número excessivamente aumentado agora, atingindo a considerável referência a 885 órgãos, o que ainda está aquém da real estimativa das publicações aqui editadas. Haverá por certo muita gente detentora de revistas e jornais não citados no texto que poderá fornecer elementos para a sensível melhoria deste ensaio. Será questão de préstimo e boa vontade.

Foi em setembro de 1895 que veio à luz a primeira publicação local, o *Bello Horizonte*. Com o decurso do tempo outras foram surgindo, trazendo múltiplos e variados programas, até atingirmos a atual fase de realização plena da nossa Imprensa. Abstemo-nos de enumerá-las em seus íntimos e subjetivos aspectos por ser este trabalho mais uma resenha de dados históricos e estatísticos que propriamente obra de crítica e análise. Nos competentes lugares fazemos, no entanto, ligeiros comentários sobre a vida, projeção e orientação de cada uma, para ter o leitor uma pálida e superficial idéia do que tem sido a nossa Imprensa em sua marcha evolutiva.

Se temos contado com periódicos de inegável valor, a honrar qualquer meio, a maioria tem sido de folhas vulgares, enxameando a nossa Imprensa e só contribuindo para avultar numericamente o seu cadastro. Como nem todos se arriscam

a penetrar no campo das revistas, estas são em regra geral boas, algumas em consagrador destaque.

Merece especial referência um registro das publicações humorísticas, muitas das quais ignoram a demarcação dos limites entre humorismo e licenciosidade, como se os vocábulos envolvessem conceitos sinônimos.

Chega, às vezes, a ser desolador o que se publica e estampa em alguns de tais periódicos, tão ostensiva a sua matéria que não desafia, como no fino e são humorismo, a perspicácia ou a argúcia do leitor para se fazer entender, mas se envolve de despudorado enredo, ao alcance fácil de inteligências menos privilegiadas.

Tal onda perigosa de dissolução social carece de repressão para que a criança não nasça contaminada por vírus tão nocivo.

A nossa Imprensa se firmou definitivamente, tanto pelo valor como pela constância e regularidade das publicações, a partir de 1926, com o surgimento do *Correio Mineiro*. Se antes tivemos outros grandes órgãos de publicidade, todos tiveram vida efêmera, muito distanciados entre si no tempo. Épocas brilhantes e destacadas assinalaram outras fases, como esta que atravessamos e a de que é exemplo marcante a do início do nosso jornalismo em sua alta expressão, de 1899, com o advento do *Diário de Minas*, até 1912. Brilhante e das mais movimentadas, por sua fecunda produtividade no campo político e literário, só passível de crítica quando, em abusos de liberdade, encontrava na aberrante linguagem da violência a arma para as discussões nos terrenos pessoais.

Não alimenta este trabalho outras pretensões, nem aspira outra coisa senão o sincero e desapaixonado julgamento de quem se der ao desfastio de sobre ele lançar suas vistas.

Pretendíamos apresentá-lo o mais completo possível, mas para isso seria preciso contarmos com coleções completas de todas as publicações. Como não as possuímos, fizemos

o que estava a nosso alcance, com a prata de casa que, aliás, não é pouca.

Omissões, enganos e mesmo erros serão fatalmente descobertos, mas a tarefa de emendá-los ou corrigi-los caberá especialmente aos encarregados e interessados no restabelecimento da verdade. Esses defeitos decorrem naturalmente das dificuldades que tivemos de enfrentar.

Nem de leve, sequer, se poderá aquilatar das vicissitudes antepostas a nossos projetos, e nem mesmo é bom rememorá-las, porque, se encerra verdade o refrão "recordar é viver", não será erro afirmar-se que também recordar é sofrer.

A despeito de possuirmos a quase totalidade de publicações aqui editadas, representando valioso e inestimável acervo de milhares de exemplares, alguns raros e únicos, fomos pelas circunstâncias forçados a solicitar auxílio de proprietários ou diretores de publicações extintas no tocante a dados ou esclarecimentos que nem sempre oferecem as edições, como v.g., tiragem, local de impressão e outros elementos úteis. Até certo ponto fomos felizes e a tantos que nos proporcionaram essa colaboração consignamos nossa perene gratidão. Enormes, porém, foram as decepções causadas pela incompreensão e má vontade, ou mesmo pela incompreensível recusa de muitos a fornecer-nos o pouco que lhes cabia em relação ao muito que nos poderia ser proveitoso. Se a atitude dos que assim se omitiram não deixou de prejudicar, às vezes, a narrativa, como facilmente se deduzirá, tal prejuízo sobre eles próprios se refletirá, por não terem seus órgãos mencionados como os daqueles que, em gesto significativo e de alta compreensão, nos distinguiram com sua amável cordialidade.

Atormentados por essas contrariedades, ímpetos quase nos levaram ao abandono da tarefa em meio, contidos, entretanto,

pelo dignificante estímulo de quantos nos encorajaram durante toda a jornada.

Ante o visto, concluir-se-á que o trabalho não poderia corresponder aos propósitos de perfeição e indefectibilidade, nem atingir foros de obra definitiva. Permita-se-nos afirmar, contudo, o esforço, a boa vontade em acertar e a escrupulosa fidelidade que empregamos no resguardo da seriedade do assunto, sem fantasias ou engenhos que acaso desvirtuassem o exato sentido da apreciação e da crítica.

Mais tempo talvez gastamos em preliminares deste trabalho sobre a Imprensa do que propriamente em sua redação, onde não há preocupações ou ansiedades senão as de noticiar. Não se trata de obra literária alimentada por elegância de forma ou pureza de estilo. O que de real existe e impregna todo o ensaio é a estatística às vezes árida e, a amenizá-la, um pouco de história, história leve e elementar.

O serviço material de manusear e compulsar milhares de exemplares de jornais e revistas, estudando-lhes a feição, a diretriz, ou a orientação e rumos, para tirar as conclusões sobre sua projeção no ambiente social, político ou literário, foi obra de prolongado esforço e evangélica paciência. Falhas e incorreções que se notarem merecem indulgência, não só por isso mesmo, senão também porque nem todas correm por nossa conta, podendo ser levadas a débito de informações menos fiéis prestadas por terceiros.

Grande quantidade de publicações poderia enriquecer o texto se nele incluídas. Se tivemos dificuldades na obtenção de elementos a respeito, muito embora ainda vivos os jornalistas que as lançaram, daqui para a frente esse cabedal conhecido, mas até agora perdido, poderá ser aproveitado, constituindo um apêndice à história da nossa Imprensa e saindo do terreno do esquecimento.

Dentre essas publicações contam-se o *ABC, Universitário, Atualidade Mineira, Brasil Econômico, O Bandeirante, Cine Jornal* (4º), *Compra-se e Vende-se, O Estado Novo, O Excêntrico Mineiro, Faísca, A Farra, Gazeta Acadêmica, A Inúbia* (2ª), *Jornal Acadêmico, Jornal Livre, Lamparina, Mariano Infantil, Mensageiro da Boa Imprensa, Minas Econômica, Minas Ilustrada* (2ª), *Momento, Momento Mercantil, A Mutuca, Praça Sete, Primavera, Rádio Jornal, Rajada, Reformador, Taba, Uirapuru, A Voz de Minas, A Flâmula, O Tempo, A Ripa, Boletim do Hospital André Luiz, Meluza Malhan, Boletim de N. S. da Pompéia, Elo.*

Dessas publicações algumas conhecemos só pelo título, através de referências de outros jornais. De outras, possuímos alguns exemplares, mas de numeração tão elevada que por ela não se pode calcular a data da circulação de seus primeiros números.

Com as notícias que se seguem, desejamos estabelecer um confronto entre o desenvolvimento do presente trabalho e outros congêneres. No folheto intitulado *Juiz de Fora no Século XX*, coletânea de artigos comemorativos da entrada do novo século, o saudoso escritor e jornalista Heitor Guimarães fez o histórico de 30 anos da Imprensa local, em 33 páginas de 11,5 x 7. Há jornais cuja vida foi descrita em duas linhas, só merecendo maiores referências *O Pharol*, como o decano dos órgãos.

Tratando do jornalismo em nossa velha Sabará, de 1832 a 1894, 62 anos portanto, o consagrado historiador mineiro Arthur Campos descreveu 19 jornais em apenas seis páginas da *Revista do Arquivo Público Mineiro.*

O grande Xavier da Veiga, em estudos sobre a "Imprensa em Minas" alinhou 855 jornais e revistas publicadas em 86 localidades diversas, no período de 74 anos (1823 - 1897), gastando para isso 46 páginas.

Não nos envaidecemos de haver descrito nestas 550 páginas cerca de 900 publicações de uma só localidade, durante 52 anos exatos (1895 a 1947).

Se nesse confronto as vantagens estão de nosso lado, elas não desmerecem o incontestável sentido e o justo mérito das obras comparadas, que engrandecem o nome de tão ilustres historiadores. Desejamos apenas mencionar, com isso, que, do material acumulado, retiramos, com o relevo de todas as múltiplas e variadas facetas, dos detalhes a que não desceram os ilustrados escritores mencionados, o melhor proveito que poderia oferecer, nada mais nos animando senão procurar oferecer uma contribuição ao estudo das letras em nosso meio, onde ao jornalismo se reserva um plano de singular destaque.

Está finda nossa tarefa, que poderá ser atualizada com menores esforços. O campo a descoberto está onde as fontes são mais vivas e mais próximas. Chegando à meta visada, só nos cumpre entregar à crítica este amontoado de notas, almejando que seja ela construtiva, sincera, imparcial e com as esperanças de que o carinho, o amor e mais ainda, nossa obstinada paixão pelo movimento jornalístico venham despertar iguais sentimentos em sucessores neste empreendimento, que só nos pareceu árduo, às vezes, ante o descaso e o desalento dos homens, jamais pela exuberância e atração do tema histórico.

A humilde contribuição ao estudo da cultura mineira neste atraente setor do jornalismo abrange o período de 52 anos completos, de 7 de setembro de 1895 a 31 de dezembro de 1947.

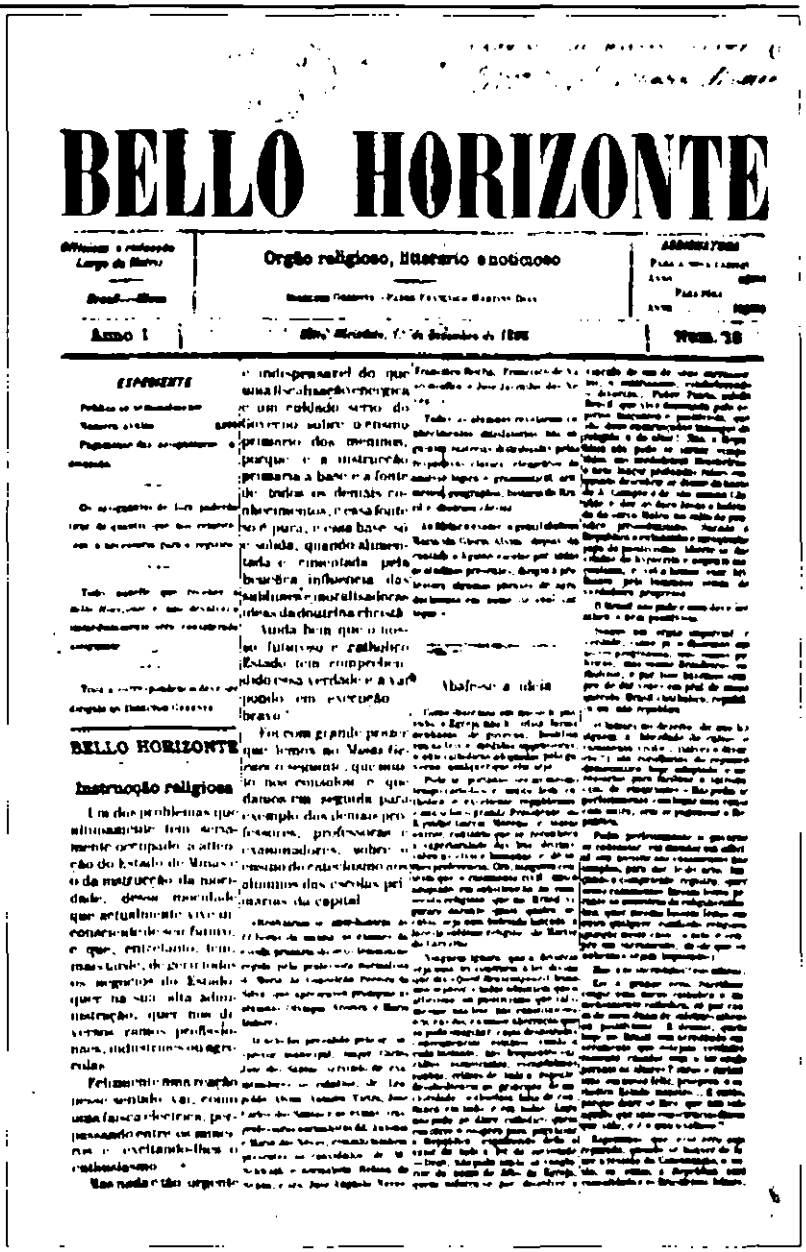
Os alicerces, pelo visto, parecem prontos.

Belo Horizonte, 07 de setembro de 1947.

JOAQUIM NABUCO LINHARES

Sócio fundador e honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

RESENHAS DOS PERIÓDICOS



BELLO HORIZONTE

Orgão religioso, litterario e noticioso

Anno I

ESPEDIENTE

BELLO HORIZONTE

Instrucção religiosa

Um dos problemas que ultimamente tem seriamente occupado a attenção do Estado de Minas é o da instrucção da mocidade, dessa mocidade que actualmente vive a consciencia de seu futuro, e que, entretanto, tem mais tarde, de governar os destinos do Estado quer na sua alta administração, quer nas diversas ramos profissionaes, industriaes ou agricolas.

Felizmente esse nosso meio possue sentido tal, comprehende uma tal necessidade, que, passando entre os nossos, vai excitando-lhes o enthusiasmo.

Abaixo a ideia

BELLO HORIZONTE (1º) 001

A data do aparecimento do primeiro jornal de Belo Horizonte deve ser gravada em letras de ouro nos anais de sua história.

Essa data é a de 7 de setembro de 1895, sábado, em que foi lançado à luz da publicidade, no velho arraial das gloriosas bandeiras de Borba Gato, o primeiro número de *Bello Horizonte*, fundado e dirigido, durante quase toda a sua existência, pelo Padre Francisco Martins Dias, vigário da Freguesia da Boa Viagem, a única aqui existente naquela época.

Com tão notável acontecimento, nova era de progresso e civilização se abria para a pequena localidade, que dois anos depois se engalanava com o título e foros de metrópole.

O Padre Martins Dias exerceu o *munus* paroquial até março de 1901.

Este jornal teve duas fases, ambas de propriedade de seu fundador, mas a segunda sob outra direção. Na primeira, que se prolongou até 30 de setembro de 1898, publicava-se semanalmente, aos domingos, como órgão religioso, literário e noticioso. No ano seguinte, iniciou a segunda, com o número 157, passando então a publicar-se diariamente, sob a competente direção do grande e saudoso jornalista José Maria Teixeira de Azevedo Júnior, que lhe deu feição rigorosamente independente.

Apesar da nova direção, o Padre Martins Dias não se afastou do jornal, tanto que fez uma declaração nesse sentido, na qual disse que Azevedo Júnior tomaria a responsabilidade da parte redatorial, ficando ele responsável somente pelos artigos de colaboração assinada. Praticamente, porém, o declarante não exercitou a função que para si reservara, pois Azevedo Júnior, com sua formidável capacidade de trabalho, enchia, sozinho, toda a folha como sempre fez em todas as que dirigiu. Disso resultava não sobrar espaço para qualquer colaboração.

Damos, a seguir, os primeiros períodos e o final do artigo com que o *Bello Horizonte* se apresentou ao público em sua segunda fase:

> *Será uma temeridade de nossa parte a publicação cotidiana do* Bello Horizonte*? Não encontraremos no aliás tão generoso povo da capital mineira o apoio de que carecemos? Tais são as perguntas que a nós mesmos nos fazemos, no momento em que iniciamos esta fase de labor jornalístico, e só o tempo nos poderá*

responder de um modo satisfatório. Vimos servir aos interesses do povo, e dizendo isto achamos que o programa do nosso diário está perfeitamente definido. Não temos absolutamente o menor vínculo político, e a nossa liberdade de ação é ampla o quanto é possível ser... O lábaro que aqui hasteamos tem esta legenda: Pro patria, pro populo.

E a legenda foi cumprida com absoluta fidelidade.

O *Bello Horizonte* foi o segundo jornal local de publicação diária, cabendo a primazia ao *Minas Gerais*.

Infelizmente, todos os esforços empregados para sua continuação foram improfícuos, pelo que foi obrigado a suspender suas atividades a 31 de março de 1899, sexta-feira, com o número 305. Durou, portanto, três anos e seis meses e 24 dias, publicado semanalmente pelo espaço de três anos e 24 dias e diariamente pelo de seis meses justos. Deu 156 números na primeira fase e 149, na segunda. Nesta, foi sempre matutino, não se publicando às segundas-feiras.

Durante toda a sua vida muito se salientou, mormente na segunda fase, que foi uma das mais brilhantes de nosso jornalismo. Nesse período manteve duas seções humorísticas de caráter permanente, *Bodocadas*, em prosa, e *Gaifonas*, em verso, redigidas por vários colaboradores, cada qual com seu pseudônimo. Artur Lobo, o saudoso poeta, escritor e jornalista mineiro, teve nelas grande e ativa participação.

O *Bello Horizonte* tinha tipografia própria, instalada, primitivamente, no Largo da Matriz da Boa Viagem, em uma casa do antigo arraial. Posteriormente, passou para o prédio da Rua da Bahia, 1500, que foi demolido para dar lugar ao novo, em que funciona o Colégio Imaculada.

Adotou dois formatos, de 32 x 21 até o número 33, e de 34,5 x 23 do número 34 até o fim, sempre com quatro páginas e quatro colunas. Um cabeçalho para cada período de publicação, mas o mesmo tipo do título em toda ela. Tiragem de 600 a 700 exemplares quando semanal e 1.000, quando diário.

O dia 7 de setembro de 1945 assinalou a passagem do cinqüentenário da fundação de nossa Imprensa e, no entanto, os jornais locais não consagraram nem sequer uma linha a relembrar tão notável efeméride.

Semelhante atitude de descaso e indiferença jamais será perdoada aos nossos grandes órgãos de publicidade que se esqueceram da razão de sua própria existência. A grande e faustosa data bem que merecia, como nenhuma outra, especial e condigna comemoração.

Na mesma ocasião alguns jornais noticiaram, com destaque, a passagem de outro cinqüentenário, aliás com toda a justiça, mas sem nenhuma projeção histórica como o da fundação de nossa Imprensa, tão lamentavelmente esquecido.

Coisas da vida!...

A CAPITAL (1ª) 002

Esta folha, a segunda aqui publicada, teve como proprietário e diretor o Coronel Francisco Bressane de Azevedo, falecido a 7 de novembro de 1927.

Quem tratou de sua fundação, e a primitiva idéia foi por meio de associação, foram os jornalistas Azevedo Júnior e Cândido de Araújo.

Importantíssimos e relevantes serviços prestou este jornal à nova Capital, no período de sua construção.

Sua publicação teve início a 28 de janeiro de 1896, quando fora anunciada para 15 de novembro do ano anterior. Motivos de ordem material determinaram esse adiamento. Publicava-se bissemanalmente, às quintas-feiras e domingos.

A 4 de agosto de 1898 encerrou sua brilhante carreira, com o número 129, do ano III. No primeiro ano deu 51 números; no segundo, também 51 e no terceiro, 27. Com o número 39, reformou todo o material.

Manteve sempre a mesma feição: formato de 49,5 x 32, seis colunas e quatro páginas. Tiragem de 1.000 exemplares e redação e oficinas, inicialmente, em um dos melhores prédios do arraial, situado à entrada da Rua Sabará, muito próximo à Praça da Matriz, e depois à Rua Marechal Deodoro, antiga do Saco, esquina da do Rosário, em prédio também dos primitivos da localidade.

A máquina de impressão de *A Capital* era de tipo manual, tendo servido anteriormente ao célebre jornal de propaganda republicana *O Movimento*, de João Pinheiro, publicado em Ouro Preto por algum tempo, a partir de 1889.

Teve esta folha três diretores eventuais. De junho a setembro de 1897, assumiu sua dire-

ção o jornalista Azevedo Júnior, por estar tomando parte nos trabalhos legislativos o Coronel Bressane, deputado estadual. De 20 de janeiro do ano seguinte até 21 de abril, ocupou o cargo o eminente brasileiro Dr. Alfredo Pinto Vieira de Melo, sob cuja orientação saíram os números 103 a 116. Retirando-se o Dr. Alfredo Pinto, foi substituído pelo ilustre jornalista Engenheiro Luís Silva, que se manteve no posto até o regresso do diretor proprietário, sob cuja responsabilidade já saiu o número 125, de 30 de junho, um dos últimos.

A Capital, jornal de tão gratas recordações para aqueles que acompanharam sua laboriosa vida, ao despedir-se de seus leitores assim falou:

> *Com o presente número desaparece a nossa modesta folha da arena jornalística, não sabemos ainda se temporária ou se definitivamente. O que sabemos e podemos afirmar ao público é que* A Capital *só reaparecerá como jornal diário.*

Infelizmente, *A Capital* acabou mesmo, de uma vez para sempre. Foi grande e sensível a perda.

A Capital, no terreno político, estava filiada ao PRM (Partido Republicano Mineiro).

AURORA 003

A 15 de novembro do mesmo ano em que saiu *A Capital*, 1896, surgiu também *Aurora*, jornal literário, fundado por diversos moços de talento, à frente dos quais se achava o malogrado Dr. João Elói da Costa Camelo. Com *Aurora*, despontou a *aurora* da Imprensa Literária em Belo Horizonte. A 1º de agosto de 1897 publicou o 18º e último número.

Editava-se a 1º e 15 de cada mês, com o formato de 20,5 x 14, quatro páginas e três colunas.

Impressa na tipografia do *Bello Horizonte*, com a tiragem de 300 exemplares.

TIRADENTES 004

A 21 de abril de 1897, dia consagrado à memória do protomártir de nossa Independência, era lançado à publicidade um jornal com seu glorioso nome.

Teve curta duração, como tem acontecido a quase todas as nossas publicações: apenas três números saíram.

Publicação quinzenal, pequeno formato e direção do Sr. J. C. Barros.
Impresso na tipografia de *A Capital*.

BOHEMIO 005

O *Bohemio*, jornal humorístico, deu seu primeiro número a 4 de julho do mesmo ano em que o precedente, 1897.
Pertencia a vários jornalistas, que tinham à frente Azevedo Júnior.
Publicação semanal, editada nas oficinas de *A Capital*.
Formato de 30,5 x 21, quatro páginas e quatro colunas.
Com o número 8, de 22 de agosto, foi compelido a suspender a publicação, por ter estampado, nesse mesmo número, uma circular política atribuída ao Secretário do Interior, Dr. Henrique Dinis, recomendando, oficialmente, em nome do Governo, candidatos à suprema magistratura do Estado, para o quatriênio 1898-1902.
Apesar de tratar-se de um jornal humorístico, a dita publicação estourou como uma bomba nos arraiais políticos, pelo tom de seriedade com que foi redigida e por vir desacompanhada de qualquer comentário que lhe desse aparência de pilhéria.
E por essa brincadeira, julgada ofensiva e comprometedora, lá se foi o *Bohemio*.

FORUM 006

Revista mensal de jurisprudência e legislação, de propriedade e direção dos Drs. Teófilo Ribeiro e Ismael Franzen.
Fundada em Ouro Preto, ali publicou o primeiro número a 15 de março de 1896.
Apesar de feita e publicada na antiga Capital, os números de agosto de 1897 a março do ano seguinte, época da distribuição do primeiro fascículo aqui editado, foram datados de Belo Horizonte.
Possuía oficinas próprias, com prelo movido a vapor.
Tiragem de 800 exemplares.
Com o fascículo de dezembro de 1901, suspendeu a publicação, que foi restabelecida muitos anos depois, a 1º de fevereiro de 1917, sob a direção dos Drs. Pedro Gonçalves Chaves, Teófilo Pereira Júnior e Ismael Franzen, um de seus fundadores.
Até quando circulou, ignoramos.

JAVARY 007

Publicado em Ouro Preto, de 9 de fevereiro 1896 a 8 de outubro de 1897, para aqui se

transferiu, dando o primeiro número a 20 de abril de 1898 e o segundo e último a 17 do mês seguinte.

Foi o primeiro dos três jornais vindos da antiga Capital.

Era literário e de direção do Sr. Paulo de Oliveira, artista gráfico.

Impresso na tipografia do *Forum*, com a pequena tiragem de 150 exemplares.

O título *Javary* dado a este jornal foi uma homenagem prestada ao vaso de guerra de igual nome, componente da esquadra chefiada pelo grande Almirante Custódio José de Melo e que se revoltou contra o governo do Marechal Floriano, a 6 de setembro de 1893, na baía do Rio de Janeiro.

TELA 008

Periódico dedicado aos interesses do povo, de publicação quinzenal e dirigido pelos Srs. Tito de Sousa Novais, Cornélio Rosemburg, Francisco de Paula Sousa e Leopoldo Cassão.

Publicou somente sete números; o primeiro a 21 de abril de 1898 e o último a 20 de agosto seguinte.

Tinha o formato de 24 x 18,5, quatro páginas e três colunas.

Impresso na tipografia do *Bello Horizonte*, com a tiragem de 150 exemplares.

Todas as edições saíram com a mesma feição material.

ACADEMIA 009

A 13 de maio de 1897, saía em Ouro Preto o primeiro número de *Academia*, que lá se publicou até 16 de outubro seguinte.

Era órgão dos estudantes de Direito de Minas. Transferida para aqui a Faculdade de Direito, passou o jornal a ser publicado na nova Capital, justamente um ano depois, isto é, a 13 de maio de 1898, com o número 9. Daí a dois meses, a 14 de julho, publicava o número 13, que foi o último.

Publicação quinzenal, com a seguinte comissão redatora: redator-chefe, Sr. Artur da Silva Bernardes; redator-secretário, Sr. Antônio Nogueira e depois Sr. Benjamim Lima; redator-tesoureiro, Sr. Fernando Viana; redatores, Srs. Miguel de Lana e Silva, João Baeta Neves e Henrique Magalhães Pinto.

Formato de 29 x 21,5, quatro páginas de numeração contínua e quatro colunas.

O cabeçalho teve os mesmos dizeres em todos os números. Só variou no tipo do título: nos números 9 e 10, de um feitio e nos

outros, de outro, estes, aliás, mais elegantes e mais vistosos.

Os dois primeiros números impressos na tipografia do *Bello Horizonte* e os demais, na Tipografia Beltrão, com a tiragem de 200 exemplares.

Academia foi um jornal de franca aceitação nos meios estudantis, por trazer variada matéria, principalmente sobre assuntos de Direito.

MINAS GERAIS 010

O *Minas Gerais*, órgão oficial dos Poderes do Estado e primeiro jornal diário publicado em Belo Horizonte, deve sua existência à Lei nº 8, de 6 de novembro de 1891, que criou a Imprensa Oficial.

O artigo 4º da referida Lei criou, entre outros lugares, o de diretor da Imprensa e redator do *Minas Gerais*.

Iniciou a publicação no dia 21 de abril de 1892, sob a competente direção do ilustre poeta e literato Dr. Jorge Pinto.

A Lei nº 128, de 12 de julho de 1895, entre disposições várias, criou o lugar de ajudante do diretor-redator e suprimiu um dos dois lugares de auxiliar de redação, criados pela Lei nº 40, de 21 de julho de 1892.

A primeira nomeação para aquele cargo recaiu, a 29 de agosto, no festejado autor de "Catástrofe" e "História Íntima", José de Andrade Braga, que brilhantemente o exerceu até 25 de outubro de 1898, data em que foi suprimido pelo Decreto nº 1.207, de acordo com o disposto no artigo 28 da Lei nº 246, de 20 de setembro do mesmo ano.

O Decreto nº 809, de 22 de fevereiro de 1895, aprovou o Regimento Interno do estabelecimento, e o de nº 850, de 29 de agosto seguinte, aditou algumas disposições do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 595, de 8 de outubro de 1892, em observância ao disposto no artigo 1º da citada Lei nº 128, que criou o lugar de ajudante do diretor-redator. Mudada a Capital, continuou a Imprensa Oficial por algum tempo na velha metrópole, da qual se despediu o *Minas Gerais* a 30 de junho de 1898. Efetuada a transferência daquela repartição para sua nova sede, aqui reapareceu o órgão oficial, a 12 de junho seguinte, com o número 116 do ano VII.

Desde a nomeação do Dr. Edmundo Veiga, em 14 de março de 1898, para o cargo de diretor da Secretaria do Interior, substituiu-o, como era regulamentar, o ajudante José de

Andrade Braga, até ser nomeado, a 24 de setembro seguinte, o Sr. João Nepomuceno Kubitschek, que pouco antes deixara o elevado posto de Vice-Presidente do Estado. José Braga foi, portanto, o primeiro redator do *Minas Gerais* em Belo Horizonte.

Falecendo a 3 de junho de 1899 o Sr. Kubitschek, foi encarregado da direção da Imprensa o oficial-de-gabinete do Presidente do Estado, Sr. Coronel Francisco Bressane de Azevedo que, a 9 de setembro, foi efetivado no cargo, exercido até 7 de igual mês de 1902, quando foi nomeado Prefeito da Capital.

A Lei nº 328, de 16 de agosto de 1902, dispensou a publicação do *Minas Gerais* às segundas-feiras quando não houver feriado na semana.

O então Deputado Bernardino de Sena Figueiredo, em sessão da Câmara dos Deputados realizada a 8 de agosto de 1903, por ocasião da segunda discussão do projeto nº 33, substitutivo por ele apresentado aos projetos 14 e 15, apresentou ao artigo 15 uma emenda, cujo parágrafo único estava assim redigido: *Para esse fim (a fundação da Revista Agrícola) poderá (o Governo) modificar o* Minas Gerais, *de modo a dar-lhe feição exclusivamente de órgão oficial.* Essa emenda não logrou aprovação do plenário, sendo rejeitada na sessão de 10. A idéia dessa transformação foi do Diretor do *Minas Gerais*, Dr. Carlos Toledo, que a consignou em relatório apresentado ao Governo.

Durante a administração do Dr. Leon Roussoulières, passou o estabelecimento por notáveis reformas, que o elevaram ao nível dos de maior nomeada do País. Entre esses melhoramentos destaca-se, por sua importância, a aquisição de uma grande e aperfeiçoada máquina Marinoni, do mais moderno tipo, inaugurada a 14 de julho de 1914.

A partir dessa administração, o *Minas Gerais* tem, periodicamente, editado belos suplementos sobre História, Literatura, comemorações, Educação, etc, primorosamente ilustrados, nada deixando a desejar, tanto o texto como a parte gráfica.

Por outras e sensíveis modificações, tomadas no sentido de elevar seu nível, tem passado a Imprensa Oficial e, conseqüentemente, o *Minas Gerais*. Limitamo-nos a mencionar apenas os atos principais de sua fundação e primitiva organização, que são justamente os mais interessantes.

A feição material do *Minas Gerais* tem passado por múltiplas transformações, que não podemos relatar por exaustiva e fora de nosso alcance, pela falta da respectiva coleção.

REVISTA DA FACULDADE LIVRE DE DIREITO 011

O primeiro fascículo desta revista foi publicado em Ouro Preto, no segundo semestre de 1894. O respectivo editorial é datado de 21 de junho.

A comissão redatora era eleita anualmente. A do primeiro ano compôs-se dos Drs. João Pinheiro da Silva, Sabino Barroso Júnior e Antônio Augusto de Lima.

Para aqui transferida, deu seu primeiro número em outubro de 1898, tendo como redatores os Drs. Teófilo Ribeiro, Edmundo Lins e Estêvão Lobo.

Cada edição constava de 180 a 200 páginas. Foi impressa em diferentes oficinas, dentre as quais as da Imprensa Oficial, *Forum* e Leuzinger & Cia., do Rio.

Suspensa a publicação, em época que não podemos determinar, reapareceu em outubro de 1949, sob a direção dos Professores Alberto Deodato, J. Pinto Antunes, Mário Casasanta e Orlando Magalhães Carvalho, este na qualidade de secretário.

DIARIO DE MINAS (1º) 012

O início da publicação do *Diario de Minas* estava marcado para os últimos dias de junho de 1898, mas só a 15 de novembro seguinte é que saiu o número-programa.

A propósito do lançamento dessa edição escreveu o jornal:

> *O número avulso que hoje distribuímos ao público legente é uma inovação por nós introduzida na imprensa jornalística do Brasil, conquanto de há muito usada no estrangeiro, e na França especialmente.*

Houve, nesse informe, manifesto engano e completo desconhecimento de ocorrência igual muito antes verificada, mesmo dentro de nossas fronteiras. Realmente, o fato não constituiu nenhuma novidade, pois *A Pátria Mineira*, jornal de São João Del-Rei, em 14 de abril de 1889 (10 anos recuados), antecipou sua publicação ordinária, iniciada a 16 de junho, com um número-programa — *Nil novi sub sole!* Lançado o número programa, a publicação comum do *Diario de Minas* teve início a 1º de janeiro de 1899.

Foi sempre jornal político, compreendendo sua existência várias fases. A primeira, que se prolongou até 5 de novembro, fazia franca e aberta oposição ao Governo do Estado e foi dirigida pelo grande jornalista Dr. Francisco Mendes Pimentel, que teve a seu lado, como leal companheiro de lutas, Azevedo Júnior, o cintilante burilador da crônica diária — "Boêmios".

A segunda fase, iniciada a 8 do referido mês, foi diametralmente oposta à primeira. Esteve sob a direção dos Drs. Francisco Antônio de Sales, Adalberto Dias Ferraz da Luz e Sabino Barroso Júnior, defendendo o mesmo Governo combatido na fase anterior e o PRM, do qual se tornou órgão oficial.

Na redação esteve, primitivamente, a partir de fevereiro de 1900, o belo espírito de Artur Lobo, substituído em janeiro de 1901 por Lindolfo Azevedo, o brilhante jornalista que escrevia "Ecos", crônicas diárias altamente apreciadas. Como secretário, serviu Assis das Chagas.

Até 21 de fevereiro de 1900 circulava pela manhã, menos às segundas-feiras, passando, de 22 em diante, a sair à tarde e não circulando aos domingos. Foi, portanto, o órgão que inaugurou a imprensa vespertina na Capital.

A 14 de maio de 1902, suspendeu a publicação até 19, dia em que saiu com todo o material reformado e sob a direção política do Dr. João Luís Alves. Em 29 de novembro seguinte nova suspensão de publicação, com o número 267, ano IV. Por muitos anos esteve nessa situação, até que, a 3 de agosto de 1909, reapareceu em terceira fase.

Sua volta à atividade teve por fito exclusivo a intensificação da propaganda da candidatura do indicado oficialmente à Presidência da República para o quatriênio 1910-14.

Nessa tormentosa fase foi dirigido pelo saudoso e eminente homem de letras Dr. Augusto de Lima, que teve como auxiliares diretos os Srs. Ferreira de Carvalho, José Osvaldo de Araújo e Mendes de Oliveira. Com a nova fase, nova numeração do ano de publicidade foi adotada.

Cessada a dura refrega da campanha eleitoral, continuou normalmente sua faina. Outros diretores vieram, como os Srs. José Ferreira de Carvalho, Arduino Bolivar, Noraldino Lima e José Osvaldo de Araújo.

O número mais elevado que conhecemos dessa fase é o 3.090, de 12 de setembro de 1919.

A 15 de outubro de 1926 assumiu sua direção o brilhante espírito de Magalhães Drummond. A edição de 17 de julho de 1927 publicou um comentário à sua revelia, o que provocou enérgica declaração sua, com o título "Palavras Peremptórias", desaprovando a malsinada publicação. Conseqüentemente, retirou-se do posto que tanto dignificara. Sua atitude teve ampla repercussão na cidade, sendo-lhe então prestada pelos acadêmicos e preparatorianos significativa homenagem, com grande manifestação de apreço pelo gesto de independência que acabara de praticar.

Magalhães Drummond foi substituído pelo Dr. Leandro Castilho de Moura Costa.

Não sabemos até quando se prolongou essa fase.

Em maio de 1932 reapareceu em quarta fase, sob a direção do Dr. Noronha Guarani, propriedade do Sr. Mário Rolla e redação do jornalista Mário Dias. Trouxe essa edição o número 1-2, de 1-2 de maio de ano XXXIII. Daí para a frente nada apuramos sobre esta tradicional folha, que em todas as fases de sua profícua existência muito elevou e honrou a cultura mineira e as tradições de nossa Imprensa.

Do *Diario de Minas* só o título foi imutável, pois a orientação sofreu múltiplas e antagônicas transformações, de acordo com as variações da política.

As quatro fases descritas devem ser consideradas como meras etapas, porquanto, politicamente, não teve mais de duas: a inicial, oposicionista, e as outras, abrangendo o resto de sua longa vida, governistas.

O *Diario de Minas*, até o número 36, foi impresso na Tipografia Beltrão, por não estarem ainda montadas suas máquinas e oficinas.

No início de sua vida há um fato digno de registro: a publicação, em folhetins, de "Rosais", romance para ele escrito especialmente por Artur Lobo que, até 1º de janeiro de 1901, deu ao jornal todo o esforço de seu trabalho e de sua comprovada competência.

Diversos foram os formatos usados: na primeira fase, 57,5 x 42; na segunda, 46,5 x 31,5; na terceira, 50 x 33 e 54,5 x 39,5 e na quarta, 45 x 29,5.

Ordinariamente com quatro páginas e seis colunas, à exceção de determinada época da terceira fase em que estampava sete colunas.

Azevedo Júnior, ao deixar o *Diario de Minas* que passava a novos donos, despediu-se de seus leitores com a publicação destes adoráveis "Boêmios", que são uma página de verdades e fina ironia:

Está finda a palestra, meu amigo.

Fecho hoje a janela e deixo-te em paz.

Não creio que nos encontraremos mais: tu, meu paciente leitor, eu, teu cronista au jour le jour.

Regresso à Tebaida do silêncio e como o poeta, de que falou Coppée, caminhando dentro do meu sonho para que tenha ao menos a ilusão de que ainda há neste mundo algo de bom e de suave...

Fui, muita vez, o clamor do povo, o pobre onagro ajoujado de impostos por estes almocreves, que são próceres pela mesma razão por que Calígula fez cônsul a Incitatus.

Em outra, fui o riso, a troça, a alacridade doidivanas, tudo isso que, cantando o hino da alegria, tonifica a alma, a mísera alma brasileira lacerada por tantas angústias.

Nos dias que correm, saber rir já é um bem, se as quadras são mais para se ver Werneck do que Mark Twain, o adorável humorista.

Pouquíssimos sentirão a minha ausência. Um Cronista não faz falta, mormente quando ele não entoa na gaita do elogio cantata ao medalhão que passa por talento e ao barrigudo que se impinge patriota...

Frases, recordando pela delicadeza e mestria os arabescos das velhas catedrais, que ainda hoje pompeiam a magnificência artística, de certo jamais escrevi aqui: prosa singela, roceira, tendo apenas o mérito da coerência e da sinceridade.

É claro que desagradei aos dominadores desta República, que se me apresenta na compostura de uma bacante ou de uma destas burguesitas que aparenta seriedade, mas que vão para as capitosas garçonnières...

O haver incorrido nas antipatias dessa gente — é talvez o meu quinhão de vitória; é sinal evidente de que disse verdades.

Jorge Pinto, quando foi forçado a deixar o Minas, *aconselhou aos moços, num*

brado de desespero e de desalento, a leitura de Schopenhauer.

Acho que o ilustre vassourense tem razão: o pessimismo do sombrio alemão é um consolo neste presente, em que até os afortunados da riqueza engrossam como qualquer pobre diabo à cata de um emprego.

O róseo otimismo é a pepsina que ajuda a digestão de uns senhores que deglutem o cibo orçamentário, barganhando opiniões ou fazendo como o Sicambro: queimando o que adoraram, e adorando o que queimaram.

Entrei para aqui de cabeça alta e alma limpa: saio, como entrei.

Falei a moços, estou bem convencido disso, pois não há meio de os próceres se capacitarem de que a república, que eles nos dão, difere pouco do absolutismo da Turquia.

O Diario *passa a outras mãos, sem dúvida muito hábeis, porque o dom da habilidade não é qualquer que o tem.*

Eu, por exemplo, sou um desastrado: podia dizer que o eminente Sr. Presidente do Estado é um general que nunca teve Sedan.

O imposto territorial, porém, mais implicante do que eu, afirma o contrário e até serve-se da imagem de Francisco de Castro quando, com o seu aticismo, nos descreveu o general Glycério puxando da farrusca no fogo da derrota.

Podia, se não fosse desastrado, dizer que o Congresso com Raposo à frente é um areópago a despejar mais luz que a que o competente Dr. Franco Lima, rival de Edson, nos dá por tamina e por muito dinheiro, que, de resto, graças à sabença de Murtinho, anda baratíssimo.

Podia dizer outras cousas, mas não sei, falta-me a embocadura para isso, e prefiro regressar aos penates, caminhando dentro do meu sonho, quando mais não seja para esquecer desilusões.

*Deixo nesta casa a tradição de um utopista, mas há outros mais utopistas que eu, principalmente os que cantarolam ditirambos às potestades, pensando abafar o regougo de "*De profundis*" que o povo está entoando.*

Os meus adversários almoçam hoje melhor... Só lhes desejo que não cometam a imprudência de uma indigestão, pois

devem considerar que já têm comido muito.

Após o almoço, irão votar na bela da chapinha do governo, a chapa que vai concorrer para o Coronel Mariano, o grande industrial que toda esta cidade conhece, seja um dos mais vantajosos luminares do Conselho que ainda maior renome dará à administração do Dr. Bernardo Monteiro, cujo vetusto republicanismo não cesso de admirar.

Eu, arrumada a trouxa, volto para casa e quero crer que o Sr. Presidente do Estado dignar-se-á de me permitir que continue a viver aqui nesta sua feitoria.

Podes, tu que foste meu leitor, e tu burguês, apertar a mão que te estendo nestas linhas de despedida.

A vida me é tarda e compreendo que nessa quadra os nervos tornam-se inamoldáveis aos salamaleques e às curvaturas palacianas.

Sê feliz, bom burguês, e... vá votar, para que não o façam por ti os fiéis defuntos.

Adeus!

O cabeçalho, como é natural, sofreu várias alterações.

Eis aí o que nos foi dado compilar sobre o *Diario de Minas*. Mais não pudemos fazer, por não termos a respectiva coleção a nosso alcance. Ligeiro esboço e jamais história.

O *Diario de Minas* iniciou suas atividades em um prédio situado à Rua da Bahia que, demolido depois, foi substituído pelo que tem atualmente o número 868. Daí passou para a Avenida João Pinheiro, 176, esquina da Rua dos Guajajaras, antiga Casa Artur Haas, local agora (1947) ocupado por uma bomba de gasolina.

A URTIGA 013

Jornal crítico e humorístico de estudantes da Faculdade de Direito. Foi mesmo uma verdadeira urtiga que pôs a pele de muita gente a arder.

Deu apenas dois números, o primeiro, a 29 de maio de 1899, que trouxe o número 907.661 e o segundo, a 13 do mês seguinte, com a numeração imediatamente superior.

Tinha por divisa a mesma do Arlequim Dominico — *Ridendo castigat mores*, que atribuiu à papisa Joana XXII.

Estava, no seu modo de contar, no século XXXVI, como atesta o cabeçalho.

Formato de 27,5 x 19, quatro páginas e igual número de colunas.

Impressão nas oficinas do *Diario de Minas* e tiragem de 200 exemplares.

Assim terminou seu artigo de apresentação:

> A Urtiga *é, pois, um protesto contra a tristeza geral: uma nota hilare e revolucionária na pasmaceira habitual desta pacata cidade.*
>
> *E... temos dito.*

Que diferença de tempos!

JORNAL DO POVO (1º) 014

Azevedo Júnior, um dos mais dedicados e operosos auxiliares do *Diário de Minas*, desde que este grande órgão passou à nova propriedade e à outra orientação, tratou incontinenti, de fundar um jornal exclusivamente seu, para poder, livre e sem peias, exercer à vontade a profissão que sempre honrou e nobilitou. E em menos de um mês, a 3 de dezembro de 1899, satisfazia seu justo anseio, apresentando ao público o primeiro número do *Jornal do Povo*, editado com seis páginas.

Tal foi a acolhida, que se fez mister segunda edição, fato até então aqui desconhecido. Não constituiu isso nenhuma surpresa, porque, logo que se divulgou a deliberação de Azevedo Júnior, toda a população aguardou, ansiosa, a realização da promessa.

O *Jornal do Povo* era essencialmente político, militando à frente daqueles que combatiam o governo então no poder.

Azevedo Júnior, que foi o mais eficiente colaborador de Mendes Pimentel no *Diário de Minas*, teve-o como seu no *Jornal do Povo*, ilustrando suas páginas com memoráveis artigos de alta e autorizada repercussão em todo o Estado.

Motivos vários determinaram a cessação do jornal, que cerrou suas portas a 30 de novembro de 1900, com o número 302 e com menos de um ano de existência.

O povo, que aplaudia e prestigiava a ação benéfica do paladino de suas aspirações, recebeu com tristeza e mágoa a dura realidade do fato. E em nosso cenário não mais volveu Azevedo Júnior a militar. Desiludido, foi-se daqui para Juiz de Fora, onde, a 2 de julho de 1901, assumiu a direção de *O Pharol*, que ressurgia sob a chefia do impoluto político mineiro Cesário Alvim, falecido a 3 de dezembro de 1903, em plena atividade de suas funções jornalísticas.

Anos depois, de parceria com Mário Brandão, fundou *A Comedia*, revista semanal ilustrada, crítica e humorística, que muito sucesso alcançou na ocasião. Teve, porém, vida efêmera, pois saíram apenas nove números, de 4 de junho a 31 de julho de 1904.

Pro patria, pro populo, a divisa do *Jornal do Povo*, jamais deixou de ser fielmente cumprida.

Esta folha foi a quarta publicada diariamente nesta Capital, tendo como gerente, até 1º de fevereiro de 1900, outro jornalista de escol, Artur Joviano, que posteriormente fundou e dirigiu a excelente *Folha Pequena*.

O *Jornal do Povo* do primeiro ao último número manteve inalterada a feição material. Formato de 41 x 26,5, quatro páginas e cinco colunas, com a tiragem de 2.000 exemplares. Impresso nas máquinas que pertenceram ao *Estado de Minas*, de Ouro Preto, cedidas por seu proprietário, Dr. Antônio Olinto dos Santos Pires.

Azevedo Júnior fez tudo o que foi possível para arranjar um cômodo destinado à instalação do jornal. Nada conseguiu, porque todos tinham medo de satisfazer seu grande e justo anseio, temendo as iras do Governo, que sempre se intrometia na vida do jornalista, criando-lhe toda a sorte de embaraços. Afinal, um seu devotado e prestimoso amigo, Sr. Carlos Maciel, proprietário da Confeitaria Acadêmica, situada à Rua da Bahia, hoje, 924, cedeu-lhe cômodos de seu estabelecimento comercial e neles foram instaladas a redação e oficinas do *Jornal do Povo*, provisoriamente.

A Confeitaria Acadêmica era o quartel general das novidades e tricas políticas daquele tempo e onde mais se falava mal do Governo e da vida alheia.

A 9 de janeiro de 1900, passou o jornal para a Avenida Liberdade (João Pinheiro), hoje 202-10, prédio então conhecido por Palacete Tricoli, nome do seu dono, um ricaço italiano. Anunciando essa mudança, o *Jornal do Povo* estampou, no número 30, de 6, uma nota em que verberava acremente o procedimento daqueles que pretenderam impedir sua instalação e também agradecia a quem o salvara de tão aflitiva situação. Finalmente, a 10 de abril seguinte mudou-se para a Rua do Espírito Santo, 945, atual, aí encerrando, meses depois, sua gloriosa vida.

Façamos, agora, uma resenha da matéria publicada pelo jornal.

Estampava ótimas seções permanentes como "Boêmios", "Biscates", "Araras e Papagaios"

"Ontem e Hoje". "Boêmios" e "Biscates" eram de autoria de Azevedo Júnior. Em "Boêmios", brilhante crônica diária, Azevedo Júnior comentava todos os acontecimentos em evidência, em seu admirável estilo, adequado a cada caso em foco. Há "Boêmios" que são legítimas páginas literárias. Usava seu autor, o pseudônimo de Pif.

"Boêmios" e "Biscates" ilustraram também a primeira fase do *Diário de Minas*. "Biscates" representavam a sátira fina e mordaz, em termos, porém, que não feriam a suscetibilidade de ninguém. Mesmo para aqueles que foram seus contemporâneos, como nós, já há "Biscates" que se tornaram verdadeiros enigmas, pela sutileza da concepção ou pela momentânea repercussão do assunto tratado. Em sua maioria, produções dessa natureza não ultrapassam sua época.

No corpo dessa seção seu autor publicou, até o número 111, de 15 de abril, "Quilos de Prosa", com o pseudônimo de H. Pato, irônica imitação de idêntica seção do *Diário de Minas*, "Metros em Prosa", de autoria do Sr. Álvaro Novais, que usava o pseudônimo de H. Pito. "Metros" e "Quilos" eram redigidos em prosa rimada.

"Ontem e Hoje" era a análise crítica e comparativa da efeméride do dia, com fatos e acontecimentos similares da época. Trazia a assinatura Y. "Araras e Papagaios", interessante seção que tudo observava e comentava, era assinada por Periquito, Maitaca e Cardial, conforme o assunto tratado. As duas seções também eram de autoria de Azevedo Júnior, que fazia todo o jornal, do artigo de fundo à mais pequena notícia.

Até o número 100, de 31 de março, Bento Ernesto Júnior deu ao *Jornal do Povo* o brilho de seu talento, publicando os apreciados "Bilhetes Literários".

Aurélio Pires, o mestre do vernáculo, o mimoso e perfeito estilista, escrevia "Folhas Esparsas", com o sugestivo pseudônimo de Peregrino. "Folhas Esparsas" faziam as delícias do espírito dos leitores.

Heitor Guimarães, com toda a sua mestria jornalística, redigia "Por Alto", com o pseudônimo de Vaugirard.

Mendes Pimentel, que ordinariamente só usava as iniciais M. P., estampava memoráveis artigos políticos que empolgavam a opinião pública de todo o Estado, pela transcrição dos mesmos em vários jornais do interior.

Muitos outros colaboradores políticos ilustraram as colunas do *Jornal do Povo*, como as grandes figuras de Francisco Sá e João Batista Martins.

A parte literária propriamente dita não foi objeto de principal preocupação da direção. Só esporadicamente apareciam composições de Afonso Pena Júnior, Salvador Pinto Júnior, Teodoro Ribeiro Júnior, Bento Ernesto Júnior, Ernesto Cerqueira, Juvenato Horta, Álvaro Viana e outros intelectuais.

No artigo editorial pontificava Azevedo Júnior, refletindo seu temperamento e sua fibra de lutador incansável e destemido. Pureza e sinceridade eram o seu lema, pois todos os atos de sua vida foram assim pautados.

Paladino intransigente das boas causas, nunca deixou de estar ao lado delas e dos desprotegidos da sorte, vítimas de quaisquer atentados a seus direitos. Defendia o pobre, o perseguido, com todo o ardor e desinteresse.

Pela franqueza e desassombro com que escrevia, em linguagem clara, positiva e sem rebuços, encarando o mundo e suas necessidades de maneira bem diversa da dos outros, isto é, pelo prisma da realidade e não das conveniências, foi injustamente acoimado de pessimista.

Nada mais improcedente, nada mais chocante. Pessimista jamais. Nem sequer um visionário e sim um propositadamente incompreendido por certa grei de seu tempo. Incompreensões por deliberadas e escusas conveniências, que não toleravam seu gesto de bater-se pelo bem coletivo e pelo triunfo da igualdade de direitos, sempre e em todas as eras sonegados aos pequenos.

E ele, indiferente a todos os conceitos que giravam em torno de sua conduta, continuava, impávido e sereno, na pureza de seus sentimentos e no encantamento de seus ideais, a pugnar com firmeza pela moralização de nossos costumes políticos e administrativos.

Seria pleonasmo dizer que nada alcançou. Não há quem resista ao baluarte da politicagem, essa praga daninha que sempre medrou no Brasil, entorpecendo a marcha de seu progresso.

Azevedo Júnior, que sempre viveu em honrada pobreza, poderia galgar os mais altos e elevados postos de qualquer setor da vida, se se alistasse na leva dos turiferários do Poder, mas sua feição moral repelia qualquer atitude dessa natureza. Jamais dobraria a cerviz altiva visando a interesses subalternos.

E assim foi a vida do grande lidador.

Glória, pois, ao excelso jornalista que, após 44 anos de vida, vivida plena de amargores e desenganos, mas sempre ereto e sobranceiro, deixou de existir a 30 de abril de 1909, como verdadeiro apóstolo e mártir de suas crenças e ideais.

O *Jornal do Povo* é o símbolo da Imprensa local. Sua existência, percorrida em brilhante trajetória, curta no tempo mas extensa em cometimentos e na sinceridade de suas lutas e campanhas, deve ser evocada, apesar dos anos perpassados, como padrão, por todos os que militam nas lides jornalísticas de Belo Horizonte. Não há nada como o tempo, que é o melhor conselheiro, abrandando as paixões e retornando os homens ao domínio da Razão. Sim, porque, muitos dos que hoje glorificam o grande morto apodaram-no em vida, quando lutava pelo triunfo da Verdade e da Justiça. Foi preciso que o valoroso jornalista morresse para ser julgado com serenidade. A 22 de abril de 1923 foi inaugurada, na Praça da Liberdade, a herma de Azevedo Júnior. Na solenidade falou o então Deputado Dr. Fidelis Reis que, em eloqüentes palavras e frases lapidares, pôs em destacado relevo a vida e obra do emérito jornalista.

O ENSAIO 015

Fundado e dirigido pelos moços Júlio Bueno Brandão Filho, Abel Drummond, Donato Andrade e Ataliba Brandão, era imparcial, literário e noticioso, e de publicação mensal. Saíram seis números, o primeiro, a 20 de janeiro de 1900, e o último, em dia que não conseguimos averiguar, mas depois de 17 de julho, data do número 5.

Impressão da Imprensa Oficial, com a tiragem de 200 exemplares, formato de 21,5 x 15, quatro páginas e três colunas.

Todos os números obedeceram, rigorosamente, ao mesmo feitio material, que apresentava agradável aspecto.

O Ensaio foi um jornalzinho bem-feito e bem escrito.

ALMANACK DA CIDADE DE MINAS 016

A inclusão do *Almanack da Cidade de Minas* neste trabalho não deve causar reparo. Justifica-se plenamente, porque os almanaques da natureza deste, nada mais são do que anuários, e estes sempre figuraram em todos os trabalhos sobre imprensa. Quanto ao nome empregado, mera questão de época. Nin-

guém adota, no presente, a denominação de *almanaque* para publicações especializadas como esta e sim a de *anuário*.

A única publicação desse gênero, que ainda conserva o nome primitivo, é o centenário "Almanaque Laemert", por força da tradição. As publicações que hoje por aí pululam, com o nome de almanaques, são apenas folhetos de propaganda de laboratórios farmacêuticos que não se confundem com os de tipo anuário.

Justificado, assim, o nosso ponto de vista, descrevamos o almanaque em apreço.

Só foi distribuído um volume, em janeiro de 1900. Teve por organizador o Sr. Joaquim Ramos de Lima, então Secretário da Prefeitura, que o fez imprimir nas oficinas da Imprensa Oficial.

Formato de 16 x 9, 230 páginas, além de 28 destinadas a anúncios.

Na capa, desenhada por Pinheiro, vê-se estampado o brasão da cidade, além dos dizeres próprios da publicação.

O *Almanack* dividia-se em cinco partes: a 1ª, com calendários e informações; a 2ª, contendo a descrição da administração do Estado e da cidade; a 3ª, com a relação dos comerciantes, industriais e profissionais e das instituições particulares e religiosas e outras indicações úteis; a 4ª, dedicada à literatura e variedades e a 5ª, de anúncios especiais de notabilidades comerciais, industriais e profissionais. Na parte literária, nada de inédito: tudo transcrição de trabalhos de autores brasileiros e estrangeiros. Nessa parte foram intercalados logogrifos, charadas e anedotas.

O *Almanack da Cidade de Minas* é um valioso subsídio para a história de nossas atividades nos primeiros tempos da Capital.

TRIBUNA CATHOLICA 017

Para substituir o extinto *D. Viçoso*, órgão oficial da Diocese de Mariana e que nessa cidade se publicava, o Padre Francisco Martins Dias fundou a *Tribuna Catholica*, cujo aparecimento se deu a 19 de março de 1900.

Publicava-se semanalmente, aos domingos. Seu diretor quis torná-la diária, mas não conseguiu levar avante tão louvável propósito, não obstante a publicação de um veemente "apelo patriótico ao clero e ao povo mineiro" expondo o programa e as diretrizes da nova fase projetada e solicitando a adesão de todos. Esse apelo ocupava três colunas do jornal e, apesar de aprovado pela autoridade diocesana, não foi ouvido nem correspondido.

A publicação diária estava subordinada à condição de angariar 1.000 assinaturas pagas, a 10$000 (dez mil réis) anuais. Frisou que seria o jornal mais barato do Brasil e o primeiro diário católico do Estado.

Realmente, nada mais barato do que uma folha diária a 10$000 por ano, mesmo para aquela época. Nem assim apareceram os 1.000 subscritores desejados.

Ao despedir-se das lides jornalísticas, queixou-se o diretor da *Tribuna Catholica* do fracasso daquela tentativa, que tanto trabalho lhe dera e tantas despesas não recompensadas acarretara. *Diário Catholico* seria o nome da sonhada folha.

De novembro de 1901 a 2 de fevereiro de 1902, esteve com a publicação suspensa. Com o nº 85, de 23 de maio desse último ano, encerrou o ciclo de suas atividades. Das palavras com que se despediu, destacamos estas, que bem traduzem a mágoa de seu diretor:

> *Somos, pois, forçados a suspender a publicação de* Tribuna Catholica, *por falta absoluta de recursos, e o fazemos com verdadeiro pesar, pois a imprensa tem para nós um ímã que nos atrai, nos seduz, nos encanta e nos arrasta.*

A *Tribuna Catholica* tinha oficinas próprias, que funcionaram primeiro à Rua da Bahia, atualmente 1200 e, em seguida, à Rua Sergipe, esquina da de Timbiras, em prédio depois demolido e que deu lugar ao atual número 129. Foram essas oficinas as mesmas que serviram ao *Bello Horizonte*.

Formato de 40 x 27, quatro páginas e cinco colunas. Cabeçalho sempre o mesmo e tiragem de 1.600 exemplares.

A *Tribuna Catholica* foi um bom jornal, tendo cumprido fielmente a missão que lhe pesava sobre os ombros, de defesa e elevação dos princípios católicos.

LOTUS 018

Excelente periódico, fundado por uma plêiade de talentosos moços, em sua maioria estudantes de Direito.

Genuinamente literário, era dirigido por uma comissão composta de três membros, eleita mensalmente pela sociedade de *Lotus*, que para sua publicação se fundara. A do primeiro número compôs-se dos Srs. Edgar da Mata Machado, Francisco de Sales Correia Mourão e Cícero Arpino Caldeira Brant e a do último, dos Srs. Ernesto Cerqueira, Benjamim de Lima e Marcos Rios.

Jornal muito bem escrito, estampando produções originais não só de seus fundadores como de competentes colaboradores, prometia fazer carreira e no entanto não passou de cinco números, o primeiro de 5 de abril de 1900 e o último de 8 de julho seguinte.

Impressos os números 1 e 2 nas oficinas da *Tribuna Catholica* e os restantes nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 500 exemplares.

O número 2 trouxe um suplemento, impresso na última das citadas oficinas.

O número 4 foi distribuído a 2 de junho, dia do assentamento da pedra fundamental da Capela, hoje, Matriz de Lourdes. Na cavidade dessa pedra foi lançado um exemplar deste jornal, bem como de outros em curso na data.

Formato de 32 x 22, quatro páginas e quatro colunas.

Rigorosa feição material em todas as edições. *Lotus* foi dos melhores jornais do gênero aqui publicados.

O DISCIPULO (1ª) 019

Encetou a publicação com o nome de *Minas*, a 17 de abril de 1900, passando a denominar-se *Discípulo* a 23 de setembro de 1901, com o número 22, do ano II. Posteriormente, aditou ao título o artigo. Justificando a mudança de nome, disse que dessa forma procedia para evitar confusões com o *Minas Gerais*. Já era ter pretensões!

Publicava-se ora semanal, ora quinzenalmente.

Propriedade e direção de Viana & Irmãos, Srs. José e Armando Viana.

Variou tanto de cabeçalho como de formato. Conhecemos três cabeçalhos e os formatos de 17,5 x 13, com três colunas, e 25xl8,5, com as mesmas três colunas e depois quatro. Todos, no entanto, com quatro páginas.

A VIOLETA (1ª) 020

Jornal literário fundado por diversos sócios do "Club das Violetas", importante associação recreativa que existiu nesta Capital. Completando o título, trazia estas palavras:

> *flor... de papel impresso, cultivado por um grupo de jardineiros do Ideal, para as senhoritas que enchem os salões do Club de espírito e graça.*

De Raul Pompéia adotou o lema — *Viver é vibrar.*

Perfumou os salões do clube apenas duas vezes, a 14 de julho e 9 de setembro de 1900.

Impresso o primeiro número nas oficinas do *Diário de Minas* e o segundo, nas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 100 exemplares. Impressão em tinta da cor da flor que lhe emprestou o nome.

Formato de 27,5 x 21, quatro páginas e outras tantas colunas.

A Violeta trazia boa colaboração, assinada por diversos moços cultores das letras.

O OPERARIO (1º) 021

A 15 de julho de 1900, reuniram-se, no Teatro Soucaseaux, mais de 700 operários, com o propósito de fundarem uma associação para defesa dos interesses da classe. Presidiu à reunião o Sr. Donato Donati, um inteligente e irrequieto súdito italiano, que foi sempre o vanguardeiro de todos os movimentos em prol do proletariado. Depois de discutido o assunto, deliberou-se a fundação da Liga Operária e de um jornal, órgão da mesma.

Uma semana depois, a 22, distribuía-se o número-prospecto de *O Operario*, dirigido pelos Srs. Donato Donati, Francisco Diogo de Vasconcelos, Marcos Rios e outros. Curioso é que o segundo e o terceiro não eram operários, e sim acadêmicos de Direito. Os outros números foram publicados sob a responsabilidade do presidente da Liga e de uma comissão executiva.

As idéias deste jornal, francamente socialistas, só tiveram agasalho entre o proletariado estrangeiro, na época aqui muito numeroso.

Após a publicação do primeiro número, houve verdadeira debandada dos poucos operários patrícios, que se retiraram da Liga, por não concordarem com o credo, estranho ao nosso ambiente social e político, que se procurava implantar no seio da entidade. Pela imprensa, fizeram muitos deles declarações nesse sentido.

O motivo da brusca retirada de sócios não deixou de abalar o prestígio moral da Liga. Por isso, e mais ainda por deficiência de recursos, *O Operario* deixou de circular com o número 5, ao que nos parece de 7 de outubro do mesmo ano.

O primeiro número ordinário veio a lume a 29 de julho.

Publicava-se no primeiro domingo e no terceiro de cada mês.

Formato de 24 x 18, quatro páginas e três colunas. Impressão da Tipografia Beltrão e tiragem de 1.000 exemplares.

O elemento nacional da Liga Operária era quase nulo, preponderando o italiano, em

percentagem esmagadora, para bem dizer absoluta.

O PINGO 022

Propriedade e direção dos Srs. Edgard Schimitd, Otávio Pena e Olavo Drummond.

Apenas quatro números saíram; o primeiro, a 3 de agosto de 1900 e o último, a 1º de janeiro do ano seguinte.

Impresso o primeiro número na tipografia de Joviano & Cia. e os outros, na dos Srs. Viana & Cia.

Formato de 17 x 12,5, quatro páginas e duas colunas.

Publicação quinzenal e tiragem de 150 exemplares.

Cabeçalho de vários formatos.

O ZEPHYRO 023

O Zephyro publicava-se quinzenalmente, tendo como proprietários e redatores os Srs. Tancredo Martins, Agenor de Sena e Elói Cortes.

Apenas cinco números foram publicados, de 10 de outubro de 1900 a 28 de fevereiro de 1901, sendo o primeiro impresso na Tipografia Viana & Irmão e os demais, na Tipografia Gomes, estabelecida à Avenida Paraopeba, hoje, Augusto de Lima, 142, atual.

Tiragem de 120 exemplares.

Adotou três cabeçalhos distintos, um para o número 1, outro para o número 2 e outro para os restantes.

Formato de 13 x 7,5, para o número 1 e 18 x 12, para os seguintes.

O número inicial não trouxe o artigo *O* do título.

A FORMIGA 024

Não ultrapassou o número 6, pouco mais da média de edições dos pequenos jornais.

O primeiro saiu a 1º de novembro de 1900 e o último, a 1º de fevereiro seguinte.

Pequeno formato, 12,5 x 9, quatro páginas e duas colunas. Cabeçalho sem modificação.

Impresso na tipografia do *Forum*, com a tiragem de 100 exemplares.

Direção do Sr. Amaro Horta Drummond.

O PERIQUITO 025

Data de 8 de novembro de 1900 sua publicação, que era quinzenal.

Com o número 9, de 4 de abril do ano seguinte, deixou de existir.

Propriedade e direção do Sr. Raimundo N. Felicíssimo.
Impresso na tipografia do *Forum* e tiragem de 200 exemplares.
Formato de 15,5 x 10,5, quatro páginas e duas colunas.
Não sofreu a mínima alteração em seu feitio material.

UN FIORE 026

Publicou oito números, sendo os quatro primeiros em italiano e os outros em português.
Propriedade do Sr. Carlo Massoti e direção do Sr. Julio Buoncompagni.
Primeiro número a 18 de novembro de 1900 e o último a 6 de janeiro seguinte.
Edição dos domingos, com a tiragem de 100 exemplares.
Impresso em prelo de madeira, construído por seu proprietário.
Un Fiore foi o primeiro jornal de Belo Horizonte a empregar idioma estranho ao nosso.
Formato de 11 x 8,5, quatro páginas e duas colunas.

A RASÃO 027

A Rasão não passou do número inicial, de 24 de novembro de 1900.
Direção do Sr. Felisberto Soares de Gouveia Horta Júnior.
Impressa na tipografia de Viana & Irmão, com a tiragem de 100 exemplares.
Formato de 16 x 12, quatro páginas e duas colunas.

A ESTRÉA 028

Pequenina, mas de muito bom aspecto material.
Estreou e com o mesmo número morreu, a 9 de dezembro de 1900.
O mais interessante foi ter anunciado publicação diária.
Pertencia ao Sr. José Viana, também seu redator.
Impressa na Tipografia Viana & Irmão, tendo tirado 100 exemplares.
Formato de 11 x 7, quatro páginas e duas colunas.

A FLOR 029

Jornal de propaganda do Beliche Mineiro, estabelecimento de sementes de flores, de propriedade do Sr. Francisco Antônio Deslandes.
Nem sempre trazia número e data. A publicação não estava subordinada a prazo certo: saía de quando em vez.

O primeiro número foi distribuído em dezembro de 1900, e até quando viveu não sabemos. O último número de nossa coleção é de fevereiro de 1910.

O formato não obedecia a um padrão, pois várias foram suas dimensões. Para os últimos números, no entanto, foi estabilizado um tipo, 41 x 27, quatro páginas e quatro colunas, mas com cabeçalhos distintos.

A impressão se fez em diversas oficinas, como Joviano & Cia., desta Capital; Tipografia Brasil, de Juiz de Fora, e outras não citadas nas respectivas edições.

A tiragem era elevada e de distribuição gratuita.

O MOSQUITO 030

Jornal de pequeno formato, 13 x 8 e publicação quinzenal.

Propriedade e direção do Sr. Pedro Bernardo Guimarães, que fazia todo o trabalho de composição, paginação e impressão.

Primeiro número, a 1º de janeiro de 1901 e o último, a 15 de junho seguinte.

Quatro páginas, duas colunas e tiragem de pouco mais de 100 exemplares.

A VIRGULA 031

Em dias de janeiro de 1901, nasceu e morreu este jornal. De sua existência só temos conhecimento pela referência que de sua vida e morte fez *O Pyrilampo*.

O PYRILAMPO 032

Publicação iniciada a 15 de janeiro de 1901 e terminada a 15 de julho seguinte, com o número 10.

Direção do Sr. Felipe Brandão e impressão das oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 200 exemplares.

Formato de 15 x 9,5, quatro páginas e duas colunas.

A edição inicial não foi numerada nem declarou o ano de publicidade.

Os demais números todos uniformes.

A REFORMA 033

Órgão maçônico, até hoje, no gênero, o único publicado nesta Capital e quiçá no Estado.

Propriedade e direção do ex-Padre Guilherme Dias, conhecido professor e educador.

Fundado na heróica e invicta cidade do Porto, Portugal, em 1877, ali se manteve até 1898.

Transferindo-se para o Brasil, publicou o primeiro número em Rio Novo, a 6 de janeiro de 1899. Nessa cidade permaneceu até 27 de igual mês, de 1901.

Seu diretor, mudando para Belo Horizonte o acreditado colégio que dirigia, continuou aqui a publicação de *A Reforma*, cujo primeiro número (o quinto do ano terceiro de publicação em nosso País) trouxe a data de 7 de março seguinte. Dois meses depois, a 5 de maio, suspendeu a publicação, transferindo-se para Santo Antônio do Machado, onde reapareceu a 4 de julho.

Tinha oficinas próprias, montadas à Avenida Amazonas, com prelo manual.

Grande formato, 46 x 31,5, quatro páginas e seis colunas.

A Reforma foi acérrima defensora de suas crenças e de seu programa.

Publicava-se semanalmente, tendo mantido o mesmo feitio em todos os números.

COMMERCIO DE MINAS 034

A 31 de março de 1901, saiu o número 1 deste jornal que, apesar dessa numeração, foi considerado como número-programa pela direção.

A publicação ordinária, anunciada para 21 de abril, só se efetivou a 3 de maio.

Sua existência compreende duas fases, ambas com a mesma finalidade: representar a Associação Comercial, recém-fundada, como seu órgão oficial.

A primeira fase teve por diretor o ilustre jornalista, Comendador João Augusto da Silva e dedicava-se ao comércio, indústria e arte, educação e ensino, ciências e letras. Prolongou-se até 31 de março de 1902 com publicação bissemanal, às quintas-feiras e domingos.

A segunda começou a 6 de maio seguinte com o número 94, e não a 1ª, como prometera, sob a direção e gerência do acatado jornalista, o saudoso Artur Joviano. Nesta fase eliminou do título o artigo *O*, adotado na primeira.

Publicação diária, menos às segundas-feiras.

A tiragem da primeira fase orçava em 2.000 exemplares, acrescidos de mais 500 na segunda.

Três foram os formatos apresentados: na primeira fase, 47 x 31,5 e na segunda, de 41 x 26,5 e 49 x 33,5, este do número 425 até o fim. Com tal aumento de formato, foi outrossim aumentado o número de colunas de cin-

co para seis. Sempre com quatro páginas. No número 540, de 31 de outubro de 1903, a direção anunciou a suspensão temporária da publicação do jornal, para dar-lhe nova organização, introduzir vários melhoramentos e aumentar o corpo de redatores, sob a direção de um de nossos melhores jornalistas.

Vã esperança. Ao invés do cumprimento dessa bela promessa, o que vimos foi seu desaparecimento da arena jornalística, que tanto honrou e tanto ilustrou. E desta maneira perdemos um grande órgão de publicidade.

Redação e oficinas à Avenida Liberdade, hoje, João Pinheiro, números 164-170, atuais, e depois à Rua da Bahia, 1005, antigo prédio, hoje substituído pelo de número 1004.

A PROPAGANDA 035

Jornal de propaganda comercial da Livraria Joviano & Cia., estabelecida à Rua da Bahia 1005, em prédio posteriormente demolido para dar lugar ao atual, que tem o número 1004.

O primeiro número foi publicado a 1º de junho de 1901 e o segundo, a 30 de setembro seguinte, com o qual suspendeu a publicação.

Já ninguém mais se lembrava de *A Propaganda* e eis senão quando ressurge ela, quase cinco anos depois, a 22 de julho de 1906, com o número 3, completamente reformada. Publicou 17 números, o último datado de 1º de janeiro de 1907, que saiu com o número 16, duplicata de numeração da anterior edição.

Os primeiros exemplares da edição de 23 de setembro de 1906 saíram com o número 10, quando se tratava do número 11. Houve, no entanto, oportuna retificação.

Publicação semanal, aos domingos, mas muito irregular.

Os dois primeiros números tiveram o formato de 27 x 19, quatro páginas e quatro colunas, e os demais 38 x 27, também com quatro páginas mas com cinco colunas.

Um cabeçalho para os números 1 e 2 e outro, do número 3 até o último. O segundo cabeçalho era gravado, trabalho das oficinas do *Jornal do Brasil*.

A Propaganda, a par da matéria de sua finalidade, publicava literatura, curiosidades, humorismo, etc.

Tiragem de 5.000 exemplares e distribuição gratuita.

MINAS ARTISTICA 036

Minas Artistica foi a precursora de nossas revistas, sob duplo aspecto: de feição e de origem local. De feição, por ter sido a primeira revista literária aqui publicada, e de origem local, porque foi também a primeira genuinamente belo-horizontina, pois as duas que a precederam, tiveram seu início na velha Ouro Preto.

Era dirigida pelos Srs. Horácio Guimarães, Edgar da Mata Machado, Alfredo de Sarandy, Álvaro Viana e Carlos Raposo.

Saiu a 1º de junho de 1901, ilustrada com o retrato do grande poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens, trabalho gráfico do Sr. Jaime Noronha.

À sua publicação precedeu, em 19 de março, a distribuição de uma poliantéia consagrada à memória de Cruz e Sousa, o pranteado autor de "Broquéis e Evocações", com o formato de 19 x 11, quatro páginas e coluna aberta. Trouxe o retrato do homenageado, o soneto de sua autoria, "Sonhador", e colaboração de Horácio Guimarães, Carlos Raposo, Edgar da Mata Machado, Alfredo de Sarandy, Alvaro Viana, Ernesto Cerqueira e Assis das Chagas. Impressa na Tipografia Joviano & Cia.

Passemos novamente à revista.

Apenas três números vieram a público, o primeiro, já referido, impresso na Tipografia Beltrão e os outros dois, datados de 1º de julho de 1901 e 1º de março de 1902, na tipografia de *O Porvir*, de Curvelo.

Em seu frontispício lia-se esta inscrição:

> *Eremo spirituali, Minas Artistica, quidquid datum ingenio nostro fuerit inchoari, id pro Visu, pro Arte nobis quaerentibus perficiendum.*

Minas Artistica, por sua feição simbolista, foi muito combatida em nossos círculos literários, principalmente pelas colunas de *O Norte* e de *O Prego*.

Formatos de 19 x 12 e 16 x 10, com 12 a 24 páginas.

A nosso ver, o nome *Minas Literária* estaria mais de acordo com a finalidade desta publicação do que o que lhe foi dado.

O NORTE 037

Fundado por um grupo de filhos do Norte de Minas, era especialmente consagrado à defesa dos interesses daquela região.

Seu corpo redatorial compunha-se dos Srs. Alfredo Sá, redator-chefe; Mata Machado Filho, redator-secretário, e Gustavo Farnese,

João Barroso, Adeodato Pires e Elizardo Eulálio, redatores.

Publicação iniciada a 9 de junho de 1901 e terminada a 31 de outubro seguinte, com o número 5.

Formato de 38 x 26, quatro páginas e igual número de colunas.

O primeiro número foi impresso nas oficinas do *Forum* e os outros, nas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 500 exemplares.

O Norte foi uma publicação muito bem orientada, publicando ótima colaboração literária, além de outras seções interessantes.

O SAL 038

O Sal inaugurou a nossa Imprensa ilustrada, mas infelizmente de modo desastrado.

Adotava o processo litográfico, executado pelo Sr. Jaime Noronha, processo não mais usado, por arcaico.

Por seu todo, vê-se que seus diretores tiveram a preocupação de dar-nos uma revista à feição ou semelhança das antigas, do grande artista Angelo Agostini, *Revista Ilustrada* e *D. Quixote*, que tanto furor fizeram no Brasil, deleitando duas gerações. Não conseguiram, porém, seu intento, por tudo lhes faltar para tão ousado cometimento.

Propriedade de Botelho & Noronha, Cândido José da Silva Botelho e Jaime Noronha.

Publicou somente cinco números, de 7 de setembro a 8 de dezembro de 1901.

Formato de 24 x 16, oito páginas de gravuras e outras tantas de texto, estas com duas colunas.

Publicação quinzenal e impressão da Tipografia Gomes, situada à Avenida Paraopeba, 142, atual, com a tiragem de 100 exemplares.

Quase no fim de sua existência, passou a ser ilustrado pelo outro sócio, Sr. Cândido Botelho, que exercia então o cargo de secretário do Ginásio Mineiro.

O Sal foi um jornal que podia ter tudo, menos arte e *sal*, objetivos únicos que ditaram sua criação. Seu humorismo era insosso, faltando-lhe justamente o principal condimento, o... *sal*.

Quanto à arte, uma lástima. Gravuras de um ridículo sem nome, grotescas e sem expressão, verdadeiros calungas. Coisas muito melhores temos visto, assinadas por garotos, em páginas infantis publicadas pelos diários locais e jornais escolares.

No texto, nada de apresentável, a não ser quando transcrevia algum trabalho de conhecido literato. Noticiando o recebimento do

número 2 de *O Sal*, fez *O Norte*, entre outras apreciações, as seguintes:

> ...*Por mais que a nossa indulgência queira, no silêncio ou no elogio, amparar as várias manifestações da arte que, como esta surgem em Belo Horizonte, não podemos calar a má impressão e desalentador efeito que elas nos deixam.... Vem agora* O Sal *que, precisando ter algum gosto e alguma propriedade, é um violento purgante, um intolerável* Sal... amargo.
>
> *Traz entre outros um retrato que aconselhamos à sua redação guardar bem guardado — tem a valiosa e econômica propriedade de servir para todo mundo. Quando fizer anos o Botelho, o Jaime, seus filhos, qualquer graúdo enfim, é impingir o tal retrato e mudar o nome.*

E assim por diante, no mesmo diapasão.

O que mais admira em tudo isto não é *O Norte* ter escrito, mas sim *O Sal* ter transcrito tão *amáveis* conceitos a seu respeito.

ARTHUR LOBO 039

Por iniciativa de vários literatos, foi impressa nas oficinas da Imprensa Oficial e distribuída a 25 de outubro de 1901, 30º dia de seu infausto e prematuro passamento, uma poliantéia dedicada à memória de Arthur Lobo, o saudoso autor de "Evangelhos" e de "Rosais". Dessa publicação tiraram-se 500 exemplares.

Formato de 32 x 24, 17 páginas, além da capa, na qual se encontram os dizeres *Arthur Lobo*, em diagonal, repetidos na folha-de-rosto.

À página 3, onde se lê "Homenagem a Arthur Lobo", vem estampado o retrato do homenageado e transcrito o soneto de sua autoria "Epopéia Universal".

Apreciável colaboração, em prosa e verso, dos seguintes intelectuais: Augusto de Lima, Mendes de Oliveira, Bento Ernesto Júnior, Pelayo Serrano, Fidé Yori, Arthur Mendes, Aurélio Pires, João Camelo, Prado Lopes e A. Marcos Lobo.

Fecha a homenagem o apelo da comissão que, pelas colunas do *Diario de Minas*, levantara a idéia de se erigir, no Parque Municipal, um monumento à memória do saudoso poeta.

O FRANGO 040

Em novembro de 1901, nasceu este *frango* e logo no primeiro número foi *depenado*.

Teve como redatores... os filhos da Candinha.

Formato de 16 x 10,5, quatro páginas e duas colunas.

Não podemos assegurar, mas pelo aspecto tudo nos faz crer ter sido impresso nas oficinas da *Tribuna Catholica*.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO 041

Deve esta revista sua existência ao Art. 8º da Lei nº 126, de 11 de julho de 1895, que criou o Arquivo Público Mineiro, cuja sede era em Ouro Preto.

O projeto de que se originou essa lei foi apresentado à Câmara pelo Deputado Levindo Ferreira Lopes, em sessão de 4 de junho de 1894. Destina-se à publicação de trabalhos históricos, biográficos, topográficos, estatísticos, etc.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, de conformidade com o citado Art. 8º.

Publicação trimensal, podendo, no entanto, ser publicada mais vezes, desde que seja conveniente, nos termos do Art. 45 do regulamento da repartição, promulgado pelo Decreto nº 860, de 19 de setembro de 1895.

Tiragem de 1.000 exemplares, número que poderá ser alterado por determinação do Governo.

O primeiro fascículo publicado e correspondente ao primeiro trimestre de 1896 só foi distribuído a 11 de maio. O primeiro aqui vindo à luz da publicidade foi o referente aos primeiro e segundo trimestres de 1901, distribuído em janeiro de 1902.

Tem como diretor nato o diretor da respectiva repartição, conforme determina o já citado Art. 8º.

Foi seu primeiro diretor o eminente historiador Comendador José Pedro Xavier da Veiga, autor das "Efemérides Mineiras" e falecido a 8 de agosto de 1900.

O Art. 2º do Decreto 1.479, de 21 de outubro de 1901, de acordo com o disposto no Art. 11 da Lei 318, de 16 do mês anterior, anexou o Arquivo Público Mineiro à Secretaria do Interior, constituído em nova diretoria, a cuja frente continuou o eminente poeta e literato Dr. Antônio Augusto de Lima, diretor da antiga repartição, para a qual fora nomeado a 31 de janeiro de 1901.

O Arquivo Público, transferido de Ouro Preto em conseqüência dos dispositivos legais

acima citados, começou a funcionar nesta Capital em janeiro de 1902.

Por deliberação do Governo, de 18 de novembro de 1914, foi suspensa a publicação da *Revista*, que só reapareceu em 1921, mas publicada com muita intermitência até 1937, desde quando está outra vez fora de circulação. Condenável semelhante suspensão, que muitos transtornos têm trazido aos estudiosos, privados que se acham dessa seleta fonte de consultas, tão necessária e indispensável ao bom êxito de suas lucubrações históricas. Em sua especialidade, a primeira publicada no Estado. Temos outra hoje, a do Instituto Histórico.

O PREGO 042

Periódico crítico e humorístico, dirigido por um grupo de estudantes de Direito.

Trazia por divisa: *Ridiculum acri — Fortius et melius magnas plerumque secat res Horacio. Satyras.*

Saíram quatro números, o primeiro a 21 de maio de 1902. A 18 de outubro do mesmo ano, *deu o prego.*

Impresso na Tipografia Beltrão, com a tiragem de 300 exemplares.

Formato de 24 x 16, quatro páginas e três colunas.

Redação à Avenida Martelo, nº 1.

O Prego foi um jornal que fez sucesso, pelo seu tom álacre e pela correção de sua linguagem.

A CAPITAL (2ª) 043

Folha destinada à propaganda de *A Capital*, estabelecimento comercial de propriedade do Sr. Raul Mendes, à Rua da Bahia, 1087, local hoje ocupado por novo prédio, que tem o número 1076.

Publicou um único número, a 3 de junho de 1902, com o formato de 24 x 16, quatro páginas e três colunas.

Impresso na Tipografia Beltrão, com a tiragem de 1.000 exemplares, distribuídos gratuitamente.

HELIANTHO 044

Não passou do primeiro número, datado de 15 de junho de 1902.

Propriedade da sociedade publicadora do *Heliantho*. Comissão diretora: Srs. Navantino Santos, Auto Sá, Júlio Brandão Filho e o malogrado moço João Elói da Costa Camelo.

Suas divisas: *Corrige hoc et hoc, sodes* (Quintiliano); *Mens agitat molem* (Virgílio, *Eneida*).

Impresso na Tipografia Joviano & Cia., à Rua da Bahia, 1005, com a tiragem de 500 exemplares.

Tinha o formato de 27 x 19, quatro páginas e outras tantas colunas.

Pelo número publicado, *Heliantho* prometia vencer no mundo das letras.

IL MARTELLO 045

Segundo periódico escrito em italiano aqui vindo à luz. Propriedade e direção do Sr. Júlio Buoncompagni.

Apenas um número, a 27 de julho de 1902.

Formato de 15 x 10, quatro páginas e duas colunas.

Impresso na Tipografia Viana & Cia. e tiragem de 100 exemplares.

Redação à Rua do Prego, nº 5, o inverso de *O Prego*, que tinha a sua à Avenida Martelo, nº 1.

HORUS 046

Revista de arte e literatura, de poetas simbolistas, admiradores de Verlaine e de Cruz e Souza.

Publicou somente dois números, em julho e agosto de 1902, este só distribuído no fim do ano.

Formato de 19 x 13,5, 40 páginas sem numeração e coluna aberta.

Cuidada impressão, em ótimo papel, de Joviano & Cia., com a tiragem de 500 exemplares.

Capa artística e muito original, desenhada e gravada em São Paulo.

Dirigida pelo Sr. Álvaro Viana, tinha como colaboradores Jacques D'Avray (Dr. Freitas Vale), Alphonsus de Guimaraens, A. Batista Pereira, Guerra Duval, Padre José Severiano de Resende, Augusto Viana de Castelo, Edgar da Mata Machado, Arcângelo de Guimarães e Horácio Guimarães.

Não compreendemos a razão de ser do nome escolhido para o título, pois, como se sabe, Horus era um deus egípcio, representado ora por um gavião, ora por um homem com cabeça de gavião.

CARAMURÚ 047

Revista literária, de publicação mensal. Órgão do Grêmio Literário Santa Rita Durão, era dirigida por uma comissão de sócios.

Foi auspiciosamente lançada a público no dia 18 de agosto de 1902, ilustrada com o retrato do grande poeta satírico Padre-Mestre Correia de Almeida, "padre que apenas diz missa — vate que não faz eneida".

Antes de iniciar suas atividades ordinárias, publicou uma poliantéia comemorativa do primeiro aniversário do Grêmio, datada de 5 de junho de 1901, cujo aparecimento fora anunciado para 13 de maio.

Adotou a divisa: *Da veniam, scriptis quorum non gloria nobis, causa, sed utilitas fuit* (Ovídio).

Em janeiro de 1903, distribuiu o quarto e último número, datado de novembro anterior. Formato de 19 x 11, 16 páginas e coluna aberta.

A poliantéia e os números 1 e 2 foram impressos na Tipografia Beltrão e o número 3, na Tipografia Batista, de Cataguases. Não conhecemos o número 4.

Tiragem média de 200 exemplares.

Capas dos números 1 e 2, perfeitamente iguais e a do número 3, com pequenas variantes.

Faziam parte do Grêmio, entre outros, cujos nomes não constam das revistas, os Srs. Jacques Maciel, Auto de Sá, Olímpio de Carvalho, Pedro Carlos da Silva, Navantino Santos, José de Magalhães Drummond, Josias de Azevedo, Eduardo Cerqueira, João Camelo, Donato Andrade, Amédée Péret, João Stockler, Alfredo Albuquerque, Pedro Chaves, Franklin Abranches e Álvaro Pena.

O Grêmio nasceu sob bons auspícios. Para atestá-lo, basta relancear a vista sobre os nomes dos sócios que o integravam, para logo nos certificarmos de que todos se salientaram na vida, cada qual no ramo de atividade de seu gosto e predileção. Alguns já se foram, e entre eles o nosso querido e saudoso amigo Álvaro Pena, morto na flor de radiosa mocidade, quando a vida lhe sorria com todos os encantos de que era digno e merecedor.

Caramuru foi uma revista diferente das anteriores, que se filiaram à escola simbolista. Modesta e sem pretensões, mas firme e confiante, venceu, porque deixou um rastro inapagável de sua proveitosa existência.

LA VOCE DEL CUORE 048

Jornal de publicação quinzenal, de propriedade e direção do Sr. Júlio Buoncompagni que antes dirigiu *Il Martello* e, como este, escrito em italiano.

Deu somente três números, o primeiro a 24 de agosto de 1902 e o último a 21 do mês seguinte.

Impresso na tipografia de Viana & Cia., constando sua tiragem de 200 exemplares.

O número 3, único de nossa coleção, tem o formato de 14,5 x 10, quatro páginas e duas colunas.

É comum ver-se este jornal citado com o nome de *Voce del Amore*. O erro deve ser corrigido quanto antes.

A COISA 049

A 7 de setembro de 1902 foi largamente distribuído no Circo Albano, então funcionando nesta Capital, o número único deste jornalzinho de crítica e humorismo, que trouxe a data de 6 e o número 1.001.

Vimos, mas não temos nenhum exemplar que media mais ou menos 12 centímetros de alto.

O VIAJANTE 050

Órgão dedicado à classe de que tirou o nome e de propaganda da casa J. Cipriano & Cia., do Rio de Janeiro.

Propriedade e direção do Sr. Alberto Silva, representante comercial daquela firma.

O número 1 foi publicado a 24 de setembro de 1902, com o formato de 26 x 17,5, quatro páginas e três colunas. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 500 exemplares.

A partir do número 2, passou a ser editado em São João Del-Rei, na Tipografia Comercial.

O 25º e último número saiu a 25 de dezembro de 1903. Publicação mensal até o número 5, e do número 6, de 15 de fevereiro, para a frente, quinzenal, a 15 e 30 de cada mês.

ALBUM DE MINAS 051

Jornal de propaganda de *Album do Estado de Minas*, grandiosa obra artística, científica, literária e informativa, de plano muito bem delineado e no qual seu autor, o benemérito artista Francisco Soucaseaux, se propunha fazer nosso Estado conhecido no Brasil e no estrangeiro.

O primeiro número foi publicado a 11 de agosto de 1903 e o quinto e último, a 12 de julho de 1906. Convém notar que entre os números 2 e 3 foi publicado um, sem numeração, pelo que o total das edições se eleva

a seis. Estranhavelmente, o número 5 está datado do Rio de Janeiro.

O número 1 trouxe o nome — *O Album do Estado de Minas*, abreviado para *Album de Minas* nos outros. Formatos os mais variados, desde 47 x 33,5, quatro páginas e seis colunas (número 1), até 22 x 14,5, quatro páginas e duas colunas (edição sem número).

Foram impressos nas seguintes oficinas: número 1, Beltrão & Cia.; número 2 e edição sem número, Imprensa Oficial e número 3, Leon de Renes & Cia., do Rio de Janeiro. Não conseguimos identificar precisamente o local de impressão dos números 4 e 5, mas tudo indica terem saído da última dessas oficinas.

Estes dois números se desviaram lamentavelmente de seu principal objetivo, que era o de propaganda da obra, ocupando-se somente em acusações a distinto artista encarregado da parte estética e decorativa do *Album* e que abandonou o encargo, por divergências com o organizador.

A tiragem oscilou de 2.000 a 3.000 exemplares, de distribuição gratuita.

Só o primeiro número do *Album de Minas* foi organizado por Francisco Soucaseaux. Os restantes o foram por seu irmão Augusto Soucaseaux.

Francisco Soucaseaux faleceu a 24 de setembro de 1904, em sua terra natal, Vila de Barcelos, Portugal.

O lutuoso acontecimento determinou a vinda de seu irmão Augusto Soucaseaux, para dar prosseguimento à grandiosa obra que o pranteado artista idealizara e que constituiu a constante preocupação de seus últimos anos de vida. Sob a direção do substituto, veio à luz o primeiro fascículo de tão esperada publicação, em abril de 1906.

Fracasso completo. Em nada correspondeu à expectativa, tanto que seu autor desistiu da empresa. Nem de longe havia símile entre o que foi apresentado e o plano grandioso previamente traçado.

Só o gênio criador de Francisco Soucaseaux seria capaz de nos dar obra digna e de merecimento. O sucessor, que mais visava a proventos materiais do que mesmo à grandiosidade do cometimento, não soube seguir as pegadas do Mestre, por faltar-lhe o alto gosto artístico e a invulgar capacidade técnica e profissional que sobravam no velho Soucaseaux.

Um fato que muito contribuiu para abalar o ânimo do incansável promotor de tão grandiosa obra foi a rejeição, a 12 de setembro de 1903, pelo Senado, e já em segunda discussão, do projeto nº 23, da Câmara, concedendo-lhe o auxílio de 30 contos de réis para a publicação do *Album de Minas*. A 2 de setembro de 1904, foi também rejeitada pela Câmara a emenda apresentada à Comissão de Orçamento mandando auxiliar, com a mesma importância e para o mesmo fim, o grande artista e benfeitor de Belo Horizonte.

O FREIO 052

Desvirtuando criminosamente os nobres postulados da Imprensa, foi distribuído, à sorrelfa, debaixo das portas, na madrugada de 28 de agosto de 1903, um jornal com o título supra. Jornal, não; um repelente pasquim.

Seu aparecimento causou a mais viva repulsa da população, pelas soezes diatribes e desabridos termos usados contra tudo e contra todos, especialmente contra a pessoa de venerando e respeitável magistrado, então professor de uma de nossas escolas superiores. No editorial, teve *O Freio* a suprema audácia e a inaudita coragem de escrever: ... *surge* O Freio, *atalaia avançada da regeneração de costumes. É nobre, é muito nobre a sua missão...!*

Depois disso, nada mais é preciso acrescentar.

Formato de 26 x 17, quatro páginas, três colunas e impressão de Beltrão & Cia.

Trazia por lema: *Alteri calcaria adhibere, alteri faevos* (Cic.).

Lia-se no cabeçalho:

> *Redatores, Neto e Mota — Redação, Rua dos Guajajaras — Tipografia do* Arauto, *em Cataguases — Toda e qualquer correspondência deve ser dirigida ao Sr. G. Leite, à Rua da Bahia.*

Só quem conheceu, como nós, o meio ambiente daquele tempo, pode julgar da maldade que tais indicações encerravam.

Conhecida a oficina impressora, fácil foi a tarefa da polícia em identificar o responsável pelas pasquinadas, que desapareceu da cidade, tão logo desconfiou das providências contra ele tomadas.

EVOLUÇÃO 053

Esta folha, editada em papel superior, era dirigida pela seguinte comissão redatora: Srs. Salvador Pinto Júnior, Josias de Azevedo, Pedro Carlos da Silva e Prado Lopes.

Primeiro número, a 5 de setembro de 1903 e o segundo e último, a 21 do mesmo mês.

Formato de 26,5 x 18,5, seis páginas no primeiro número e quatro no segundo; e três colunas em ambos.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 300 exemplares.

O número 2 foi integralmente consagrado a Santos Dumont que, no dia da circulação do jornal, aqui aportava. Ornava a edição o retrato do grande aviador patrício.

Apesar de vida mais do que curta, os números publicados foram bem uma demonstração do valor de seus dirigentes, que apresentaram uma publicação digna do meio, com excelente colaboração.

O OPERARIO (2ª) 054

A 15 de novembro de 1903, foi distribuído o primeiro número do *O Operario*, segundo do nome aqui fundado. A primeira página foi toda impressa em letras douradas.

Foi um dos jornais de publicação mais regular que temos tido. Edições dos domingos, com quatro páginas, três colunas e formato de 25 x 18.

Leve alteração no cabeçalho, com a inclusão, a partir do número 6, do seguinte: *Diretor responsável — Olímpio Neto Caldeira.*

Oficinas próprias, à Avenida Amazonas, 291, hoje, 114, e em seguida à Rua dos Caetés, 435, hoje, 406.

A 3 de agosto de 1904, com o número 34, suspendeu a publicação, transferindo-se para Curvelo, onde reapareceu a 6 de outubro seguinte.

O Operario, além da matéria classista, trazia amplo noticiário em proporção ao formato e boa colaboração literária e histórica.

Durante algum tempo, publicou "Entre Boêmios", apreciadas crônicas do Sr. Pedro Bernardo Guimarães, que usava o pseudônimo de Jacques Louis.

Olímpio Neto Caldeira, o esforçado proprietário e redator deste jornal, faleceu nesta Capital, a 3 de fevereiro de 1905.

REVISTA MINEIRA (1ª) 055

Revista política, científica, literária e industrial, de propriedade do Comendador Antônio Silva e redação dos Drs. Augusto de Lima e Batista Martins e Sr. Alfredo de Sarandy.

Como tantas outras, teve vida efêmera, publicando só três números, a 22 de novembro de 1903, 1º de janeiro e fevereiro de 1904. Rigorosa feição material e impressão da Tipografia Beltrão.

Formato de 20 x 13,5 e coluna aberta. As páginas eram de numeração contínua, atingindo a 96 nos três números.

Notamos a colaboração dos seguintes intelectuais: Pereira da Silva, Alphonsus de Guimaraens, Bastos Tigre, Afrânio de Melo Franco, Oscar Lopes, Brant Horta, Nelson de Sena, Stockler Coimbra, Assonipo de Sarandy Raposo, João Camelo, Belmiro Braga, Artur Guimarães, Bernardo Guimarães Filho, Augusto Franco, Eduardo Cerqueira, Teodoro Ribeiro Júnior, Cícero Lopes, Justiniano de Melo e Azevedo Júnior, além dos redatores. Como se vê, um selecionado corpo de colaboradores.

A colaboração de Azevedo Júnior foi sobre a profissão do jornalista. É pena não poder ser aqui transcrita tão interessante página.

Donato Donati, o operário socialista que tanto agitou nossas massas proletárias, guiado por seu credo político, também colaborou com um longo estudo intitulado "Il Socialismo Contemporaneo", que ocupou 20 páginas das três edições. Essa colaboração foi solicitada pela direção e por ela sugerido o tema.

Revista Mineira foi, inegavelmente, das melhores publicações aqui editadas.

FOLHA PEQUENA 056

A novidade implantada pelo *Diario de Minas* em nossa Imprensa foi imitada por *Folha Pequena*, que deu um número-prospecto a 1º de janeiro de 1904. O primeiro de publicação ordinária saiu a 12.

Folha diária sem ligações partidárias, teve como proprietário e diretor o belo espírito do boníssimo Artur Joviano, jornalista de primeira plana, cuja profissão exerceu com nobreza e elevação.

Como auxiliares de redação, Artur Joviano contou com a preciosa colaboração de Abílio Machado, Noronha Guarany, José Neves e Abílio Barreto.

Curta, mas proveitosa a duração de *Folha Pequena*.

No número 503, de 1º de outubro de 1905, a direção cientificou os leitores da suspensão temporária do jornal, a fim de mudar as oficinas e reformar o material, prometendo vol-

tar de formato aumentado. Infelizmente a promessa não foi cumprida.

No primeiro ano deu 291 números e no segundo, 212.

Jornal matutino, salvo no período decorrido de 11 de agosto a 30 de novembro de 1904, em que se tornou vespertino, isto abrangendo os números 169 a 257.

Pequeno formato, 31 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas. Rigorosíssima feição material em todas as edições.

Utilizou-se das mesmas oficinas, que serviram ao *Commercio de Minas*, instaladas à Rua da Bahia, 1005, hoje 1004.

Tiragem de 1.500 exemplares.

Folha Pequena, pequena no tamanho mas grande em suas realizações, foi um dos melhores jornais publicados em Belo Horizonte. Se já existisse a marcha de Lamartine Babo, poderia ela dizer, sem falsa modéstia e sem mentir — tamanho não é documento.

REVISTA FORENSE 057

Revista de doutrina, legislação e jurisprudência, uma das mais reputadas do País entre suas congêneres.

Fundada pelo Dr. Estêvão Leite de Magalhães Pinto, que a dirigiu por longos anos, passou depois à propriedade e direção do Dr. Francisco Mendes Pimentel.

Encetou a publicação a 15 de janeiro de 1904.

O último fascículo publicado nesta Capital foi o de número 390, de 1935, vol. LXV, ano XXXIII.

Em seguida passou a ser editada no Rio de Janeiro. Desde 1932 pertence à Empresa Revista Forense Ltda.

O BOGARI 058

Domingo, 3 de abril de 1904, saiu o primeiro número de *O Bogari*, de propriedade e direção do Sr. Mário Linhares. Deu apenas 15 números, sendo o último a 21 de agosto seguinte.

Publicação semanal, aos domingos, com a tiragem de 100 exemplares.

Tipografia própria, à Rua Antônio de Albuquerque, 189, antigo, e 167, atual.

Era composto, paginado e impresso pelo próprio diretor.

Pequeno formato, 10 x 6, quatro páginas e coluna aberta.

O título do número 1 foi impresso em caracteres góticos e o dos outros em tipo comum, mas sempre o mesmo.

A partir do número 8, a data, que se achava abaixo do título, passou para a parte superior. Esta, a única alteração sofrida no cabeçalho.

O número 13, de 3 de agosto, estampou um excelente retrato do Dr. Rodrigues Alves, então Presidente da República, que naquele dia chegava a esta Capital, em visita oficial ao Estado de Minas.

A GAZETA (1º) 059

Órgão republicano, de gerência e redação inicial do Sr. Otávio Barreto. Posteriormente, a 5 de junho, com o número 16, assumiu a chefia da folha o eminente patrício Dr. Antônio Augusto de Lima.

Jornal político, de publicação bissemanal, às quintas-feiras e domingos.

O primeiro número surgiu a 14 de abril de 1904 e a 15 de janeiro de 1905 deixou de existir, com o número 61.

Impresso nas oficinas que anteriormente serviram ao *Diario de Minas*, montadas à Rua Curitiba, hoje, número 331. Redação à Rua dos Tupinambás, 808, antigo, e depois nas próprias oficinas.

Cabeçalho com leve alteração; o tipo do título, porém, foi sempre o mesmo.

Formato de 31 x 21, quatro páginas e quatro colunas.

A Gazeta, na qual também trabalhou Mendes de Oliveira, foi um jornal de destaque e muito apreciado.

REVISTA AGRICOLA COMMERCIAL E INDUSTRIAL MINEIRA 060

Publicação mensal, editada pela Diretoria Geral de Agricultura, Viação e Indústria do Estado.

O primeiro fascículo é de 15 de abril de 1904. Até dezembro, saía a 15 de cada mês e de janeiro de 1905 em diante, a 30.

O volume constava de nove fascículos, com numeração contínua de páginas.

Suspendeu a publicação com o fascículo VIII, vol. 2º, de 30 de agosto de 1905, restabelecendo-a a 1º de agosto do ano seguinte, com o fascículo IX, do qual não passou.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com alta tiragem. Manteve inalterada a feição material.

Esta revista foi criada pelo Decreto nº 1.675, de 20 de fevereiro de 1904, de acordo com a autorização contida no Art. 15 da Lei nº 363, de 12 de setembro do ano anterior.

Dirigida pelos Engenheiros Álvaro da Silveira, Artur Guimarães, Carlos Prates e Josafá Belo, todos já falecidos.

Gozava de franquia postal, concedida por lei.

Depois de longos anos, reapareceu em janeiro de 1911, sob os auspícios da Sociedade Mineira de Agricultura, com o fascículo I do vol. III, mas com o título modificado pela transposição de palavras do mesmo, que assim ficou: *Revista Agricola Industrial e Commercial Mineira.*

Publicação mensal e impressão das oficinas da Imprensa Oficial. Nesta fase, as mesmas características da primeira, com a qual só tinha de comum o título e a finalidade.

Nenhum outro fascículo conhecemos além do I do vol. IV, de maio. Assim, ignoramos a data de seu desaparecimento.

Finalmente, outra vez em cena, de julho a dezembro de 1925. Desse período, nada conseguimos.

A EPOCHA (1º) 061

Verdadeira época fez esta folha em nosso meio.

Sua publicação teve início a 13 de maio de 1904, sob a direção da seguinte comissão redatora: Srs. Mendes de Oliveira, Josias de Azevedo e Araújo César. Em princípios de julho, retirou-se o Sr. Mendes de Oliveira, sendo então eleita nova comissão que assim ficou constituída: Srs. João Camelo, Josias de Azevedo e Benedito de Araújo César. Na gerência ficaram os Srs. Adeodato Pires, Martins de Andrade e Alírio Carneiro. O Sr. Araújo César, em setembro, desligou-se do jornal.

Posteriormente, novas direções vieram, tais como as dos Sr. João Camelo, Álvaro Viana e Martins de Andrade, e depois os mesmos, menos o Sr. Martins de Andrade e mais o Sr. Júlio Lemos.

Os três últimos números, 68 a 70, ficaram sob a exclusiva direção do Dr. Fernando Soares Brandão.

De 19 de março a 19 de julho de 1905, esteve suspensa a publicação. Novamente suspensa a 19 de novembro seguinte e reencetada a 10 de maio de 1906.

Com o número 70, de 12 de agosto desse último ano, desapareceu para sempre.

Até o número 4, de publicação quinzenal e do número 5 até o fim, semanal, exceto no período de 2 a 19 de novembro de 1905, em que saía às quintas-feiras e domingos.

A Epocha foi fértil em formatos. Vejamos: do número 1 ao 58, 39,5 x 37,5; do número 59 ao 67, 36 x 23; números 68 e 69, 44 x 29, e número 70, 39 x 27.

Sempre com quatro páginas e quatro colunas, menos nos números 68 e 69, que trouxeram cinco colunas.

Um cabeçalho até o número 67, outro, dos números 68 e 69 e outro, do 70.

O estilo do tipo do título só variou no último número.

Impressa do número 1 ao 58 na Tipografia Beltrão & Cia., do número 59 ao 69 nas oficinas de *O Estado de Minas* e o número 70 nas oficinas da Imprensa Oficial.

Tiragem de 500 a 1.000 exemplares, conforme a ocasião.

A Epocha foi um dos jornais mais lidos e procurados em todas as camadas, devido ao seu amplo noticiário, sempre cheio de novidades políticas e mundanas. Noticiava ao sabor do público, pondo os pontos nos *ii*, o que não agradava a muita gente boa. Não tinha peias no escrever. Assuntos palpitantes e graves eram tratados e expostos à luz meridiana com todas as minúcias e na dura realidade dos fatos, sem exceção.

A par disso, muito bem escrito, pois contava entre seus dirigentes uma plêiade de talentosos jovens de sólida cultura.

Da primeira à última página, tudo o que escrevia interessava e prendia a atenção do leitor, sempre ávido de sensações e escândalos. Nada se perdia de seu texto, onde não havia lugar para futilidades e banalidades.

Do princípio ao fim manteve a seção "Fagulhas", sátiras mordazes e candentes, em prosa e verso, inicialmente assinadas por Timour, depois por Ventura e finalmente por Ventura & Cia.

As "Fagulhas" não eram fagulhas e sim brasas vivas e por isso mesmo por todos temidas por sua causticidade. Os de hoje não as compreenderão; só quem a seu tempo viveu é que sabe a natureza do veneno que destilavam. Às vezes, uma simples frase encerrava uma grave ofensa. Eram de autoria quase exclusiva do Dr. Josias de Azevedo, cognominado de Correia-mirim, por sua veia satírica. O Dr. Josias, ainda muito moço, faleceu em princípios de 1915.

Álvaro Viana, com o pseudônimo de Spiridiam, redigiu por algum tempo "As Farpas", crônicas.

A parte literária era freqüente e variada.
Em política, radicalmente adversa ao governo do Presidente Francisco Sales, alvo de constantes editoriais e *sueltos* de críticas e *ataques a seus atos políticos e administrativos.*
Assim foi que pudemos retratar *A Epocha.*

A FOLHA 062

Sob a direção dos Srs. Rui Campista e João Huniade de Melo Franco, saiu, a 20 de junho de 1904, o primeiro número deste pequeno jornal.
Em meados de 1905, interrompeu a publicação, restabelecida com o número 24, de 15 de abril do ano seguinte, tendo como diretores os Srs. Rui Campista e José Severiano Machado Coelho.
Até o número 6 foi impressa nas oficinas de *A Gazeta*; do número 7 ao 23, na Tipografia Beltrão & Cia.; e os números 24 e 25, últimos que conhecemos, na Tipografia Moderna.
Tiragem de 100 exemplares.
Teve tantas feições materiais e formatos quantas foram as oficinas impressoras. Os formatos, porém, pouco variaram. O inicial foi de 9 x 5. Quatro páginas e coluna aberta. Anunciou publicação quinzenal.

O COLIBRI 063

Jornal microscópico, o menor que temos visto: 6 x 4,5.
Tinha seu ninho na tipografia de *O Bogari*, cujo redator era o dele também.
Nasceu de uma *flor*, e como um *pássaro* morreu, tudo isso no decurso do dia 12 de julho de 1904.

VIDA MINEIRA 064

Augusto Franco, o saudoso jornalista e escritor, no dia 9 de agosto de 1904 lançou à publicidade o primeiro número de *Vida Mineira*, jornal político e literário que, com o número 2, de 14, interrompeu a publicação restabelecida quase dois anos depois, a 8 de abril de 1906. Com o número 18, de 2 de junho seguinte, encerrou definitivamente sua carreira.
Semanal no primeiro período de publicação e bissemanal, no segundo.
Formato de 30 x 20,5, quatro páginas e três colunas até o número 4 e 39 x 27, quatro páginas e quatro colunas do número 5 ao fim.
Três cabeçalhos distintos, um até o número 4, outro do número 5 ao 8 e outro do número 9 ao 18. Todos com os mesmos dizeres,

menos do número 14 ao último, em que não mais constava o nome do diretor, Augusto Franco, que se retirou da direção do jornal, continuando, porém, como seu colaborador. A tiragem foi de 500 exemplares no primeiro período e de 2.000, no segundo. Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial.

Foram redatores-secretários de *Vida Mineira*: Abílio Machado, que só figurou no número 6, e Mário de Lima, do número 7 ao 13. Do número 14 até o fim, Mário de Lima esteve na direção.

Corpo de colaboradores o mais seleto possível: Padre-Mestre Correia de Almeida, Batista Martins, Alfredo Valadão, Álvaro da Silveira, Josafá Belo, Gustavo Pena, Nelson de Sena, Buarque de Macedo, João Massena, Mendes de Oliveira, José Eduardo da Fonseca, Noronha Guarany, Abílio Machado, Stockler Coimbra, Mário de Lima, Mário Pereira, João Rodrigues da Cunha, etc.

Seria pleonasmo dizer que *Vida Mineira* foi um jornal bem dirigido e bem redigido. Bastava o nome de seu ilustrado diretor para recomendá-lo e credenciá-lo.

Jornal político por excelência, apoiava sem reservas o governo dominante, que tinha como intransigentes adversários *A Epocha* e *O Estado de Minas*.

Com este jornal, *Vida Mineira* manteve acirrada polêmica, de parte a parte violenta e conduzida em termos os mais injuriosos pelos contendores. A fertilidade de insultos era pasmosa, inacreditável.

A geração atual, desconhecedora de tais processos jornalísticos, se compulsar as coleções de certos jornais daquele tempo, quedará estarrecida ante a torrente de qualificativos injuriosos que fervilhavam em suas páginas. Um quadro triste e desolador.

Tais polêmicas, como sempre acontece, não interessavam ao público, mas o divertia.

Felizmente tudo passa, os homens e as coisas, os usos e os costumes.

Augusto Franco, o malogrado diretor de *Vida Mineira*, foi um lutador de têmpera. Nada o entibiava; pelo contrário, sempre disposto à luta. Acometido de insidiosa moléstia, morreu muito moço, na Alemanha, deixando, porém, um nome digno de respeito e acatamento. Era um apaixonado de Tobias Barreto e por isso mesmo da cultura filosófica alemã.

Foi essa a agitada vida de *Vida Mineira*.

Esta folha ressurgiu para determinado fim: enfrentar, rebater e combater *O Estado de Minas*.

A IDÉA 065

A Patria no número 1 e *A Idéa* nos restantes.

Primeiro número, a 17 de agosto de 1904 e o oitavo e último, a 10 de janeiro do ano seguinte.

Órgão literário e noticioso, tendo como redator-chefe o Sr. Heraldo Barreto.

Publicava-se aos domingos. Formato de 18,5 x 11,5, no primeiro número e 16 x 10,5, nos outros; quatro páginas e duas colunas, exceto o número 1, que continha três colunas.

Três tipos de letras do título: do número 2 ao 6, do 7 e do 8. Cabeçalho com variantes.

Impressa nas oficinas de *A Gazeta*, com a tiragem de 100 exemplares.

Segundo jornal que trocou de nome.

A LUZ 066

Foram publicados seis números deste semanário: o primeiro, a 2 de setembro de 1904 e o último, a 29 do mês seguinte.

Direção do Sr. João Stockler Coimbra e gerência do Sr. Armando Roussoulières.

Conservou inalterável a feição material, que era esta: formato de 30 x 20,5, quatro páginas e três colunas.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 300 exemplares.

Redação à Rua dos Goitacazes, 99.

Não obstante a curta vida deste semanário, seu diretor-gerente se empenhou em violenta discussão com um dos redatores de *A Epocha*, discussão de lado a lado mantida no mesmo diapasão das que já temos relatado. Verdadeira lástima.

Essa deplorável e constristadora face da existência de certos jornais tinha, no entanto, seu reverso. A virulência de linguagem de uns era, felizmente, compensada pelo lado são de outros, no qual muita coisa de valor se aproveitava, em eloqüentes manifestações do pensamento, expressadas em verdadeiros prélios da inteligência sobre vários ramos do conhecimento humano, como literatura, história, crítica, arte, etc.

Já era um consolo para o leitor avesso às competições da política de campanário e à lavagem de roupa suja.

O LUAR 067

Jamais vimos este minúsculo jornal. Sabemos que existiu através de uma notícia a seu respeito inserta no número 3 de *A Idéa*, de 11 de setembro de 1904.

A BRAZA 068

Órgão literário, do qual era redator-chefe o Sr. Felipe Brandão. Conhecemos unicamente os números 1 e 2, de 4 de outubro e 13 de novembro de 1904, respectivamente.

Temos razões para crer que outros números não foram publicados.

Rigorosamente iguais em seu feitio: 20,5 x 14, quatro páginas e três colunas.

Editada pela Tipografia Joviano & Cia., com a tiragem de 200 exemplares.

O VERBO 069

Este bem-feito hebdomadário trazia o nome consagrado de Mendes de Oliveira em seu frontispício. Nem com essa credencial pôde enfrentar os embates da sorte, pois teve vida efêmera, como tem acontecido a quase todas as nossas publicações.

O número inicial foi entregue ao público a 12 de fevereiro de 1905 e o quinto e último a 16 de abril seguinte. Publicação dominical.

Da redação do *O Verbo* faziam parte mais os Srs. Fernando Carvalho Soares Brandão, João Stockler Coimbra, Mário de Lima e Tibúrcio de Oliveira.

Impresso nas oficinas que anterior e sucessivamente serviram ao *Diario de Minas* e *A Gazeta*.

Não sofreu a mínima alteração material: cabeçalho único, formato de 30 x 20,5, quatro páginas e quatro colunas.

Tiragem de 500 exemplares.

Redação e oficinas à Rua Curitiba, 619.

O Verbo era literário e imparcial em política. Moço, forte e cheio de vida, o consagrado autor de "Prélios Pagãos", diretor deste jornal, não escapou ao implacável e inexorável destino: a 29 de outubro de 1918 tombou fulminado pela *espanhola*, que naquele trágico fim de ano assolou o mundo inteiro, fazendo milhões de vítimas e enlutando milhões de lares.

O RECLAMO 070

Jornal noticioso, literário e comercial, publicado pelo Dr. Eduardo Lopes, proprietário do Bazar América, estabelecido à Rua Alagoas, 549, atual, e filial à Rua dos Caetés, 408, hoje, 317.

Publicação quinzenal, com a tiragem de 2.000 exemplares. Impresso na Tipografia Beltrão & Cia. e distribuído gratuitamente.

A 4 de março de 1905, saiu o primeiro número e a 27 de junho seguinte, o sexto e último.

Cabeçalho uniforme e formato de 31 x 22 até o número 5 e 37,5 x 23 no número 6.

Todas as edições com quatro páginas e quatro colunas.

Os anúncios eram intercalados no texto do noticiário, como sói acontecer em todas as publicações de propaganda.

O COLOMBO 071

Como o precedente, era também de propaganda da Casa Colombo, loja de fazendas e armarinho dos Srs. Gonçalves, Freire & Cia., estabelecida à Rua da Bahia, 932, atual.

Trazia à esquerda do título o clichê de um barco a vapor. A alegoria, como se vê, pecava pelo anacronismo. Não se pode associar o nome de Colombo à existência de um barco a vapor. Centenas de anos os separam.

Formato de 31 x 22, quatro páginas e quatro colunas.

Iniciou a publicação a 9 de abril de 1905, dando o terceiro e último número a 18 de junho seguinte.

Impresso em tinta azul, na Tipografia Beltrão & Cia., com a tiragem de 1.000 exemplares.

Publicação mensal e distribuição gratuita.

Guardou em todos os números a mesma feição material.

O sistema da anúncios era o mesmo adotado por *O Reclamo*.

L'ECO DEL POPOLO 072

Quarto jornal escrito em italiano, mas positivamente o único deles em condições de figurar no rol de nossa Imprensa. Os anteriores não passaram de meras manifestações de curiosidade de adolescentes.

L'Eco del Popolo teve como diretor o Engenheiro Giuseppe Scutari, um dos próceres socialistas em evidência na ocasião.

Publicou só quatro números, entre 28 de maio e 20 de junho de 1905.

Publicação semanal, aos sábados, com o formato de 42 x 27,5, quatro páginas e quatro colunas.

Rigoroso feitio material em todas as edições.

Impresso na Tipografia Beltrão & Cia., com a tiragem de 500 exemplares.

Redação e administração à Rua dos Tupinambás, 680.

Ignoramos até que ponto contou este jornal com o apoio político dos adeptos de suas crenças, bem como os motivos determinantes de seu desaparecimento.

THEATRO MODERNO 073

Jornal da Companhia Dramática Francisco Santos e por isso mesmo sem lugar certo de publicação.

Sua fundação obedeceu tão-somente à medida de ordem econômica. Nele se estampava o programa do espetáculo do dia, isento de qualquer ônus fiscal, o que não acontecia com o programa avulso, sujeito ao imposto de 30 réis por exemplar distribuído, nos termos do Decreto nº 5.465, de 25 de fevereiro de 1905.

Inegavelmente, foi um processo bem engendrado e um justo protesto contra a satisfação de tão original imposto, revogado pouco depois por sua inexeqüibilidade.

O primeiro número distribuído aqui foi o quinto de publicação e trouxe a data de 7 de junho de 1905.

Dirigia-o o Sr. Licarião Diógenes, *ponto* da Companhia.

Publicava-se às terças, quintas, sábados e domingos, isto é, nos dias de espetáculo.

O primeiro número, datado de Belo Horizonte, ou seja, como dissemos, o quinto de publicação foi impresso na tipografia do Sr. Antônio Costa, de Ouro Preto, e os demais na Tipografia Beltrão & Cia., daqui.

Teve aquele o formato de 23 x 14, quatro páginas e duas colunas, e os posteriores o de 26,5 x 21, quatro páginas e três colunas. Possuímos até o número 23, de 16 de julho.

Naturalmente saíram outros mais, porquanto só a 26 a Companhia se despediu do público da Capital.

Tiragem de 1.000 exemplares.

O LABOR 074

O operariado tem tido sempre um jornal para defesa dos interesses da classe. Já assinalamos a existência de dois, ambos com o título de *O Operario*. Agora cabe a vez a *O Labor*, órgão da Confederação Auxiliadora dos Operários, fundada a 12 de março de 1905.

O primeiro número de *O Labor* veio a público no dia 18 de junho de 1905, sob a direção do presidente da Confederação , Sr. José Modestino Leão. Só 12 foram publicados, o último a 31 de março de 1906.

Tiragem de 350 exemplares, número a nosso ver diminuto, por se tratar de representante de classe tão numerosa.

Até o número 8, de 9 de novembro, foi impresso na Tipografia Beltrão & Cia. e do número 9 em diante, na Tipografia Moderna, à Rua dos Guajajaras, 329.

Usou três cabeçalhos: um até o número 5; outro do 6 ao 8 e outro ainda do 9 ao 12. Do número 1 ao 8, com o formato de 22 x 14,5 e três colunas, e do 9 ao último, com o de 27 x 18,5 e quatro colunas. Todas as edições com quatro páginas.

O Labor foi um bom jornal, muito tendo feito em prol da classe que representava. Conhecemos seu diretor e podemos atestar seu devotamento à causa esposada e o esforço despendido para a manutenção do periódico.

O CLARIM 075

O jornal-reclame constituiu verdadeira epidemia na época que estamos descrevendo. Este é o oitavo e não será o último.

Órgão da Casa Resende, situada à Rua dos Tupinambás, esquina da do Rio de Janeiro, local hoje (1947) ocupado pelo prédio nº 322, Café Frei Veloso.

Não passou do número inicial, distribuído a 22 de junho de 1905.

Impresso na Tipografia Ondina, à Avenida do Comércio, 564, com a tiragem de 500 exemplares.

Formato de 15,5 x 10,5, quatro páginas e duas colunas.

Redação à Rua dos Tupinambás, 699.

O FILHOTE DO RECLAMO 076

Tinha o mesmo fim do ... pai: fazer propaganda do Bazar América.

Só um número, a 13 de julho de 1905, com o formato de 20,5 x 13,5, quatro páginas e duas colunas. Impresso na Tipografia Beltrão & Cia., com a tiragem de 1.000 exemplares.

O THEATRO ALEGRE 077

Fundado com a mesma intenção e para idêntico fim do *Theatro Moderno*, retro citado.

Órgão da Empresa Vieira Braga & Cia., que mantinha a "Companhia de Variedades, de Mágica, Mímica, Baile, Ópera, Cançonetas e Excentricidades".

O primeiro número saiu a 8 de agosto de 1905.

Não modificou jamais seu aspecto material: formato de 20 x 14, quatro páginas e duas colunas ou coluna aberta.

Impressão de Beltrão & Cia. e tiragem de 1.000 exemplares.

Temos apenas até o número 14, de 2 de setembro, mas muitos outros saíram, porque só a 10 de outubro se despediu a Companhia de nossa sociedade.

JORNAL DE MINAS (1º) 078

Primeiro deste nome aqui publicado. Órgão dos interesses do comércio e do povo e propriedade de uma associação anônima.

Direção do Sr. Júlio Eugeniano Vieira, então 2º escriturário da Delegacia Fiscal.

Publicação semanal, aos domingos, até o número 3, e às quintas-feiras, depois.

Surgiu a 13 de agosto de 1905. O número mais elevado que conhecemos é o 6, de 21 de setembro.

Formato de 46 x 27,5, quatro páginas e três colunas na primeira página e na terceira, e quatro na segunda e na quarta. A página de frente, assim como a terceira reservadas exclusivamente para anúncios e as outras para as demais matérias.

A única alteração do cabeçalho foi a mudança de tipos do título, a partir do número 3.

Impresso na Tipografia Beltrão & Cia. e tiragem de 500 exemplares.

Redação à Rua São Paulo, 583, e depois à Avenida Afonso Pena, 575.

Vasto noticiário, crônicas, literatura, variedades e seção de correspondentes.

O artigo de apresentação, intitulado "Ao Comércio e ao Povo", é de um pessimismo sem limites. Sem fé, sem confiança, sem esperança, descrente dos homens e das instituições. Não o transcrevemos na íntegra por não estar isso incluído no plano deste trabalho. Vamos, no entanto, reproduzir os tópicos iniciais, que dão fiel amostra do resto. São estes os primeiros períodos:

> *Se a Monarquia escravizava o negro, a República escraviza o branco.*
>
> *Eis-nos de volta à escuridão histórica do bárbaro feudalismo da Meia Idade.*
>
> *Nesta malfadada terra dos Brasis, onde em cada município de cada Estado se alevanta, como o fantasma da morte, a figura sinistra de um castelo feudal, parece que a imprensa morreu com todas as idéias edificantes.*

Neste país onde a paz e o progresso morreram com a morte da lei e da justiça, da propriedade, da honra e do caráter, o jornalismo nada significa.

Neste torrão semibárbaro, onde em nome dos governos se mata impunemente e o assassinato se transforma em benemerência, que será do homem de letras que ficaria na contingência de manter em uma das mãos a pena e na outra a carabina para a defesa das idéias e de sua própria vida?!...

Ainda bem que não tarda o irrompimento da aurora de um dia esplêndido para esta nacionalidade que há muito atravessa a noite caliginosa das misérias sociais, nunca sofridas por esta gente desditosa.

E neste estilo até o fim.

A MODA 079

Reclame da Alfaiataria Wilke & Cia., estabelecida à Avenida Afonso Pena, 791.

Primeiro número a 26 de outubro de 1905.

Conhecemos até o número 20, que é de agosto de 1909.

Impressão da Tipografia Beltrão & Cia.

Teve os mais variados aspectos e formatos. Descrevê-los seria descrever um por um, tarefa enfadonha e de nenhuma utilidade prática.

BELLO HORIZONTE (2º) 080

Segundo jornal deste título. O primeiro foi o iniciador da Imprensa local.

Órgão literário e noticioso, de publicação semanal, aos domingos.

Durou exatamente dois meses, de 28 de novembro de 1905 a 28 de janeiro de 1906, dando 10 números.

Impresso nas oficinas de *A Gazeta*, constando sua tiragem de 500 exemplares.

Direção do Sr. Augusto de Lima Filho, até o nº 8. Depois, redatores diversos. Fizeram também parte do jornal os Srs. Teixeira de Sales, Abílio Barreto e Tibúrcio de Oliveira, como noticiaram os números 2, 3, e 10, respectivamente.

Formato de 20,5 x 16, quatro páginas e três colunas.

Redação à Rua dos Tupinambás, 805.

Bello Horizonte era bem-feito e muito noticioso.

O BIOGRAPHO 081

Jornal anúncio de Borges & Cia., proprietários de um biógrafo, o precursor do cinema.

O aparelho era especialmente de vistas fixas, mas projetava também algumas cenas animadas, tipo lanterna mágica. Interessante é que os anúncios diziam: cinematógrafo falante! De fato, não deixava de ser falante, mas desta forma: projetada a vista ou qualquer chapa, um indivíduo oculto nos bastidores descrevia em voz alta a efígie, edifício, monumento ou panorama exibido. Tal o cinema falado da época, que martirizava o espectador com a projeção de 50 chapas em cada sessão.

O Biographo era publicado no local onde se encontrasse o aparelho em exibição.

O primeiro número aqui publicado foi o sexto de publicação e saiu a 23 de dezembro de 1905. Esse número, único que conhecemos, foi impresso na Tipografia Joviano & Cia., com a tiragem de 1.000 exemplares.

Formato de 13 x 9,5 e duas colunas na primeira página. As páginas centrais, unidas, estampavam o programa do dia.

Funcionava o aparelho no antigo Teatro Soucaseaux.

O ESTADO DE MINAS 082

Fundado pela letra "b" do Art. 5º do estatuto da Liga das Classes Produtoras, da qual era órgão e representante.

O primeiro número foi dado à luz a 1º de janeiro de 1906, sob a direção do Dr. Álvaro Viana.

Publicação bissemanal, às quartas-feiras e domingos.

A 12 de julho, com o número 54, deixou de existir.

Grande formato (44,5 x 29), quatro páginas e cinco colunas.

Oficinas próprias, à Rua Curitiba, 331, atual.

A partir do número 33, passou a ser impresso na máquina que anterior e sucessivamente servira ao *Jornal do Povo, Commercio de Minas e Folha Pequena.*

Tiragem de 3.000 exemplares. Jamais alterou a feição material.

Jornal estritamente político, muito agitou esse meio. Sua linguagem era de uma violência sem par, desde o editorial até o noticiário.

Adversário intransigente do governo de então, não poupava nem a seus auxiliares. Eram incessantes os ataques. A paixão dominava a razão. Tanto a polícia civil como a militar sofriam as mais rudes e constantes acusações e censuras, por fatos de somenos importância acontecidos na via pública entre populares e em que elas, por dever de ofício, ti-

nham obrigação de intervir a bem da ordem e da tranqüilidade públicas.

Com *Vida Mineira* manteve-se a violenta polêmica já referida quando tratamos desse jornal. A propósito, foi estampado, no número 44, um artigo intitulado "Pingos nos ii", que é uma página triste e dolorosa daquele tempo, em que a Imprensa, desviada de sua alta missão, transpunha os limites da liberdade para invadir sem cerimônia os da licenciosidade.

ACTUALIDADE 083

Actualidade era jornal político, moderado.

Ao se definir, disse a certa altura:

> *Folha republicana intransigente, a* Actualidade *não será, entretanto, órgão de agremiações partidárias, o que não quer dizer que deixará de tomar parte nas lutas políticas.*

Saiu no mesmo dia em que o precedente, 1º de janeiro de 1906.

Era de propriedade de uma associação e dirigida pelos Srs. Desembargador Tito Fulgêncio, Francisco Bressane e João Luís Alves. Isso no-lo diz Abílio Machado, em um breve relato que fez da Imprensa local e publicado no *Minas Gerais* de 27 de junho de 1929. Não fora essa referência e ficaríamos ignorando os nomes de seus dirigentes, porque em nenhuma das edições se encontra a menor referência a respeito.

Jornal de linguagem serena e discreta, só o vimos desviar-se dessa norma quando de uma resposta dada ao *Correio da Manhã*, em defesa de eminente político mineiro.

Publicou apenas 11 números, sendo o último a 19 de março. Todos obedeceram rigorosamente ao mesmo feitio material.

Formato de 40,5 x 27,5, quatro páginas e quatro colunas.

Publicação semanal e impressão da Tipografia Beltrão & Cia., com a tiragem de 1.000 exemplares.

Só sabemos da existência de um jornal com este nome. Nada podemos adiantar, conseqüentemente, sobre se a notícia que abaixo transcrevemos, publicada no *Correio Mineiro* de 20 de fevereiro de 1927, se refere ao quadro que acabamos de relatar:

> A Actualidade.
>
> *Recebemos ontem o número 1, da quarta fase, de "A Actualidade", semanário da tarde, que circulará aos sábados, sob a direção do Sr. J. Fausto Dias.*

Levanta-se, assim, a dúvida a ser esclarecida por quem dispuser de elementos bastantes e se prestar a uma prestimosa colaboração para a melhoria deste trabalho. O que nos confunde é o artigo que precede o título, não adotado na folha que descrevemos.

A HOMEOPATHIA 084

A 1º de janeiro de 1906, circulou o primeiro número deste jornal de propaganda. Era "órgão lídimo do Laboratório Homeopáthico Mineiro", estabelecido à Praça Doze de Outubro, 496, e de propriedade do farmacêutico A. Duarte, que faleceu tempos depois, já diplomado em Direito.

Formato de 27 x 18, quatro páginas e quatro colunas.

Impresso na Tipografia Beltrão & Cia., com a tiragem de 10.000 exemplares e distribuição gratuita.

Por lamentável descuido, trouxe a data de 1º de janeiro de 1905, quando de fato saiu a 1º de janeiro de 1906.

A VANGUARDA 085

Jornal republicano de propriedade e direção do venerando educador Dr. Agostinho Penido.

O início de sua existência conta-se de 20 de janeiro de 1906.

Publicação muito irregular, apesar de anunciada semanal. Além da irregularidade, deram-se várias interrupções.

No número 12, de 21 de abril, fez público que se tornaria diário, o que jamais se verificou.

Impresso até o número 11, na Tipografia Beltrão & Cia. e, em seguida, até o fim, nas oficinas da Imprensa Oficial. Tiragem de 500 exemplares.

Vários formatos. Inicialmente com 30 x 21 e, em seguida, de 38,5 x 27 — 30 x 21 — 27,5 x 19,5 e outra vez 38,5 x 27.

Cabeçalho sempre com os mesmos dizeres, mas com quatro variedades de caracteres tipográficos do título. Três colunas nas edições de menor formato e quatro, nas de maior. Ordinariamente com quatro páginas.

À numeração não se dispensava o devido cuidado. Assim, vemos o jornal de 19 de agosto de 1923 com o número 1.001 e o de 13 de fevereiro de 1924 com o número 912. Supomos ter sido este o último.

Nada de colaboração. Escrito integralmente pelo diretor, em seu originalíssimo e peculiar estilo de períodos curtos e elípticos, profu-

samente crivados de interjeições, exclamações e reticências. Sempre em defesa e louvor a todos os governos.

O PROGRESSISTA 086

Órgão oficial do Clube dos Progressistas, importante associação carnavalesca que durante alguns anos floresceu nesta Capital, só se publicava por ocasião do Carnaval.

O primeiro número foi distribuído a 27 de fevereiro de 1906, terça-feira gorda, tendo como redator-chefe, Rabecão. O segundo, não conhecemos, mas foi distribuído em 1907.

O primeiro e o terceiro, este de 1908, têm a mesma disposição material, somente com a diferença dos caracteres tipográficos do cabeçalho.

O último, que não trouxe numeração, circulou a 2 de fevereiro de 1913, domingo, com o cabeçalho completamente diverso dos anteriores.

Em vez de *órgão do Clube dos Progressistas*, dizia *órgão da Folia, da Graça e Defensor da Esbórnia*.

Seu diretor já era Chico Veludinho e não mais Rabecão. Empresa Pan & Degas e gerência de Manuel Escranchilino.

O ano e número estão assim indicados: Ano presente — Número único no gênero.

O primeiro número e o terceiro, com quatro páginas e três colunas e formato de 26 x 16,5.

O de 1913 continha seis páginas e três colunas, com a dimensão de 33 x 20,5.

O primeiro número foi impresso na Tipografia Moderna, à Rua dos Guajajaras, 329; o terceiro, na mesma tipografia, já à Rua dos Caetés, 556, e o de 1913, nas oficinas da Imprensa Oficial.

REVISTA DE MINAS (1ª) 087

Comércio, indústria e lavoura — este o seu programa.

Propriedade do Sr. Raul Mendes.

Três números apenas: a 15 de março, abril e maio de 1906.

Formato de 20 x 13,5, com 32 páginas no primeiro número e 42, nos outros.

Capas rigorosamente iguais.

Meia dúzia de páginas de texto e o resto só anúncios.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 2.000 exemplares e distribuição gratuita.

Redação à Rua da Bahia, 1072, hoje, 1076.

ANNUARIO DE MINAS GERAIS 088

Uma das melhores publicações do gênero até hoje editadas no Brasil. Foram publicados seis volumes, sendo o sexto em dois tomos.

Fundado e dirigido pelo conhecido historiador Dr. Nelson de Sena.

O Annuario, em suas copiosas edições, tratava de estatística, história, corografia, finanças, variedades, literatura, cronologia mineira, bibliografia, indicações úteis, etc.

O primeiro volume, referente ao ano de 1906, veio a público a 28 de março.

Foi publicado nos anos de 1906, 1907, 1909, 1911, 1913 e 1918, o deste ano distribuído em março de 1919.

Não é possível fazer-se um relato completo da matéria neles inserta, tal a quantidade e a variedade. Além dos grandes serviços que prestou com aquilo referente à época e, portanto, de caráter transitório, ainda os presta até hoje na parte de caráter permanente, que é quase tudo o que encerra. O vasto sumário relatado em cada edição, bem mostra o valor da obra, cuja descrição completa não se adapta aos moldes deste trabalho, modesto repositório de dados históricos e estatísticos. Todos os volumes de igual formato e editados nas oficinas da Imprensa Oficial.

A publicação de um soneto acróstico no primeiro volume provocou azeda discussão pela Imprensa, na qual se empenharam, de um lado, o diretor do *Annuario* e, de outro, descendentes de grande poeta e romancista mineiro, apontado como autor da mordaz sátira; um eminente político, irmão do alvejado, na época já falecido, e conhecido literato que, nada tendo com a perlenga, nela foi metido como Pilatos no Credo.

O BOHEMIO 089

Este veio precedido de artigo, o que não se deu com o outro.

Jornal literário e noticioso, tendo como redator-chefe o Sr. Heraldo Barreto. Deu quatro números, o primeiro datado de 2 de abril de 1906 e o último, de 24 do mês seguinte.

Jamais variou de feição: sempre com o formato de 13,5 x 9, quatro páginas e duas colunas. Impresso na Tipografia Moderna, com a tiragem de 100 exemplares.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE TYPOGRAPHICA 090

Trazia por lema: *Labora et spera* e *Pro nobis laboremus.*

Publicava-se a 29 de abril de cada ano, dia do aniversário da Associação, fundada em 1900.

O primeiro número saiu em 1906. Além desse, conhecemos os de 1907, 1908, 1911 e 1920. Ignoramos se nos anos intermediários foi publicada.

Adotou vários formatos.

Muito bem impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, trazia páginas de arte, muitas delas atestando a paciência, o gosto e a perícia gráfica de seus executores.

Ótima colaboração, como se verá da lista seguinte, composta integralmente de nomes que dispensam elogios: Álvaro da Silveira, Estevão Lobo, Azevedo Júnior, Aurélio Pires, Andrade Figueira, Nelson de Sena, Amédée Péret, Canuto de Figueiredo, Vasco Azevedo, João Luís Alves, Hélio Lobo, Cícero Ferreira, Tito Fulgêncio, Evaristo de Morais, Alcides Batista, Amaro da Silveira, Elisa Scheid, Albertino Drummond, Mário de Lima, João Camelo, Gudesteu Pires, Paulo Brandão, Pinheiro Chagas, Carlindo Lelis, Mendes de Oliveira, Abílio Barreto, Brant Horta, Belmiro Braga, Machado Sobrinho, Franklin Magalhães, Ramos Arantes e Pedro Verçosa. A apresentação de tão seleto corpo de colaboradores é a melhor recomendação que se pode fazer do valor desta Revista.

Desde que estamos tratando dela, achamos azada a oportunidade para, em breves traços, contar a origem da fundação da sociedade que ela tão dignamente representou.

A Associação Beneficente Tipográfica deve sua existência ao seguinte episódio, triste e doloroso, é certo, mas do qual nasceu uma grande e humanitária iniciativa.

No *Jornal do Povo*, número 104, de 5 de abril de 1900, em "Boêmios", aquelas admiráveis e inesquecíveis crônicas que diariamente faziam o encanto do leitor, Azevedo Júnior, impressionado com a notícia que tivera do estado de penúria física e material em que se encontrava um gráfico na antiga Capital e que aqui já militara, deu o brado de alerta, despertando a classe e concitando-a a cuidar de seu futuro, fundando uma sociedade de proteção e amparo a seus membros.

Ouvidas e acolhidas com ânimo resoluto suas amigas e conselheiras palavras, todos os tipógrafos, como se fossem um só homem, se movimentaram, pressurosos, no mesmo dia,

primeiro acudindo o companheiro infeliz que se debatia em tão angustiosa crise, em seguida lançando as bases da fundação da sociedade, que mais tarde seria o que estamos presenciando, com seu programa de distribuir a mancheias o bálsamo e o conforto a seus associados.

Evitou-se, destarte, a reprodução dos lamentáveis quadros a que antes assistíamos, do sofrimento dos beneméritos trabalhadores do livro e do jornal.

Bendita, pois, seja a memória do grande jornalista, o fundador espiritual da benemérita Associação Beneficente Tipográfica.

O REBATE (1º) 091

Órgão da mocidade, de direção de Perry e Veriano.

Primeiro número a 1º de maio de 1906 e o segundo e último a 9. Formato de 17,5 x 11,5, quatro páginas e duas colunas. Impresso nas oficinas do *Estado de Minas*, com a tiragem de 120 exemplares.

Perfeitamente iguais os dois números.

TRIBUNA DO NORTE 092

Serenou a onda dos jornais extremados, se bem que mais além veremos sua ressurreição. Estamos agora no período dos calmos e moderados. De um já falamos, *A Actualidade*. Tratemos de outro, a *Tribuna do Norte*, periódico de linguagem franca, mas dentro das normas do mútuo respeito.

Era órgão do Centro Norte Mineiro, fundado a 11 de maio de 1906.

Ótimo jornal, muito bem escrito e leal defensor da região de que se fez representante. Não cuidou só de seu principal objetivo. Tratava de todos os assuntos de interesse geral, além de estampar variadas seções, inclusive literatura, com boas produções. Acusava e defendia, mas dentro da ética profissional, o que lhe valeu revestir-se de autoridade para falar e ser ouvido.

Publicou o primeiro número a 4 de junho de 1906. Não passou de 35, de 30 de igual mês do ano seguinte.

Do número 1 ao 15 foi dirigido por esta comissão: Srs. João Camelo, Augusto Veloso, Dermeval Lessa, Mário Pereira e Adeodato Pires. A partir do número 16, com a retirada do Sr. Mário Pereira, ficou assim constituída a referida comissão: diretor, Augusto Veloso, e redatores, João Camelo, Adeodato Pires e Dermeval Lessa. Os dois últimos haviam-se retirado pouco antes, mas retornaram às lides.

No fim do ano suspendeu a publicação, que foi restabelecida a 1º de janeiro de 1907, com o número 21. Reapareceu com esta direção: diretor, Augusto Veloso, e redatores, Daniel Serapião, João Camelo e J. Campos do Amaral. Logo depois retirou-se João Camelo e, em seguida, Daniel Serapião, ficando somente o outro redator, J. Campos do Amaral, que no último número teve como companheiro Oscar Veloso.

Formato de 41 x 28 até o número 34 e o 35 de 39 x 22,5, todos com quatro páginas e quatro colunas.

Impressa, do número 1 ao 7, na Tipografia Beltrão, do 8 ao 34, nas oficinas da Imprensa Oficial e o 35, na Tipografia Pais & Cia., que se tornou sua editora-proprietária e também coveira, pois enterrou a folha logo no primeiro número de sua responsabilidade.

Tiragem de 2.500 exemplares. Cada oficina impressora adotou um cabeçalho. O primeiro, da Tipografia Beltrão, foi utilizado pela Imprensa Oficial até o número 16.

O CRAVO 093

A mesma feição de *O Bogari*, à exceção do último número, que se apresentou com duas colunas.

Redator, Sr. Olegário Dias Coelho e redação à Rua Antônio de Albuquerque, 313, antigo.

O primeiro número tem a data de 8 de junho de 1906 e o décimo e último, a de 12 de agosto seguinte. Publicação semanal, aos domingos, com a tiragem de 120 exemplares. Os números 1 e 2 com um cabeçalho e os restantes com outro.

A tipografia de *O Cravo* pertenceu anteriormente a *O Bogari*.

O ASTRO (1º) 094

Depois deste, tivemos mais três jornais com o mesmo título.

Este publicou apenas quatro números, o primeiro a 19 de junho de 1906 e o último a 12 de setembro seguinte. Impresso na Tipografia Moderna, com a tiragem de 120 exemplares, a redação à Rua dos Tupis, 45.

Direção do Sr. Osvaldo Barreto.

Do primeiro número ao terceiro com 14 x 9 e o quarto com 17 x 11. Quatro páginas e duas colunas.

REVISTA ESCOLAR 095

Primeira revista dedicada à instrução aqui editada.

A *Revista Escolar* era órgão da Associação Amante da Instrução e Trabalho, tendo como

redatores os membros da diretoria dessa entidade.

Saíram três números, o primeiro em agosto de 1906, o segundo em janeiro de 1907 e o terceiro em março de 1908. Como se observa, foi anual e não trimensal, como anunciava na capa.

Os dois primeiros números impressos na Tipografia S. Rafael, da Escola Paroquial da Glória, à Rua das Laranjeiras, 5, Rio, e o terceiro na Tipografia Beltrão & Cia., desta Capital.

Formato de 16 x 10, número variável de páginas e coluna aberta. Capa igual nos números 1 e 2 e outra para o terceiro.

Boa publicação, repleta de assuntos dignos de leitura.

DIÁRIO MINEIRO (1º) 096

Folha política, literária e noticiosa. Em política, integralmente ao lado do PRM, como assinalou no artigo de fundo.

Diretor, Sr. Otávio Barreto, e redator-secretário, Sr. Mendes de Oliveira. Para o primeiro desses cargos foi convidado Vasco Azevedo, que declinou do convite, por motivos particulares. Isso mesmo consta do primeiro número.

A publicação foi iniciada a 5 de setembro de 1906 e por pouco tempo se prolongou. Um trimestre apenas, pois, a 5 de dezembro saía o último número.

É esta a sina dos nossos jornais. Os fracassos se contam pelas tentativas.

Não sofreu a menor modificação em seu feitio material. Formato de 31 x 21,5, quatro páginas e três colunas. Impressão das oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 1.000 exemplares.

O *Diário Mineiro* era muito bem dirigido, contando com boa colaboração.

Essencialmente político e militando nas hostes governistas, não tinha procura igual à dos oposicionistas. O povo, a massa enfim, por índole e por instinto, pende sempre para a oposição e daí a razão de prestigiar os jornais feitos a seu paladar, tornando-se indiferente àqueles que apóiam os governos.

O DIABO 097

Publicação iniciada em Barbacena, a 5 de agosto de 1906, em forma de revista. Com o número 3, já com formato de jornal, estreou nesta capital, a 7 do mês seguinte.

Redator-chefe, Sr. Costa Júnior, e redator-secretário, Sr. Hugo Andrade.

Com o número 4, o segundo local, suspendeu a publicação, a 23 do mesmo mês. Reapareceu em Barbacena, a 4 de novembro.

Não conseguimos saber o local de impressão. A tiragem acusada no cabeçalho era de 10.000 exemplares!

Formato de 49 x 31,5, quatro páginas e seis colunas. O mesmo cabeçalho e a mesma feição em ambos os números.

Disse ao apresentar-se:

> *Modificamos o nosso jornal a fim de prestarmos melhores serviços ao povo, dando edições semanais, e modificamos também um pouco o nosso programa, preferindo a crítica severa ao humorismo.*

A PROVINCIA 098

A Provincia teve vida curta, mas bastante proveitosa para seus leitores.

Dirigida pelo Dr. Nelson de Sena, conhecido historiador patrício e grande autoridade em assuntos mineiros.

Saiu o primeiro número a 1º de janeiro de 1907 e o 12º e último, a 15 de junho seguinte.

Publicação quinzenal e tiragem de 1.000 exemplares. Formato de 41 x 27,5, quatro páginas e outras tantas colunas. Dois cabeçalhos, um para o número inicial e outro para os restantes.

Editada por Beltrão & Cia. e redação à Rua Santa Rita Durão, 906.

Publicava notícias sobre história, estatística, política, artes, letras, indústria, etc.

DIARIO DE NOTICIAS (1º) 099

Sob a direção do Sr. Vasco Azevedo, o *Diario de Noticias* encetou sua publicação a 21 de fevereiro de 1907.

Jornalista experimentado em prélios anteriores, seu diretor imprimiu à folha um cunho tal, que o colocou na primeira plana de seus pares até hoje publicados.

Não sabemos até quando circulou, mas foi além de agosto de 1909, pois com o número 677, de 9, reencetou a publicação, suspensa em data por nós desconhecida.

Publicação matutina até o número 241, de 6 de dezembro de 1907, e em seguida vespertina, não se publicando às segundas-feiras, como anteriormente não se publicava aos domingos.

Vários formatos adotou. Do número 1 ao 358, 31,5 x 23,5 e quatro colunas, do número 359 a outro que não precisamos, 41 x 26 e cinco colunas e, finalmente, 47 x 32 e seis colunas. Sempre com quatro páginas.

Impresso nas oficinas antes usadas pelo *Estado de Minas*, situadas à Rua Curitiba, 311, moderno. Daí passou para a Avenida João Pinheiro, 205.

Um cabeçalho até o número 33; outro do 34 ao 358 e do número 359 ao fim, outro.

Vasco Azevedo morreu a 11 de dezembro de 1907. Com sua prematura e sentida morte, não sabemos como ficou a direção da folha até maio de 1908. A 2 de junho, com o número 359, iniciou nova fase, sob a direção do Sr. Augusto Veloso e redação dos Srs. Campos do Amaral e Mendes de Oliveira. Outra fase se registra mais tarde, esta a final, sem que saibamos de quem a orientação. Nessa altura deu-se a retirada de Mendes de Oliveira, que passou a ser um dos redatores do *Diario de Minas*, em nova fase, aberta exclusivamente para a célebre campanha eleitoral de 1909-10.

Na primeira fase era político, mas sem feição partidária. Política geral. Na segunda, declarou-se também livre de peias partidárias e na terceira abertamente político, apoiando o Governo do Estado e a candidatura oficial que levou à suprema magistratura da Nação o reconhecido pelo Congresso, mas não eleito pela soberania popular.

Só isso pudemos coligir sobre este jornal, por estar bastante desfalcada nossa coleção.

O LABARO ____ ____ ____ ____ 100

O primeiro número saiu com o título de *Affonso Celso* e o segundo e último com a designação acima gravada.

O número 1, de 14 de março de 1907, foi editado em comemoração da passagem do primeiro aniversário da fundação do Grêmio Conde de Afonso Celso.

A Comissão de redação compôs-se dos Srs. Gudesteu de Sá Pires, João de Melo Franco e Átila Schultz Ribeiro.

Impresso na Tipografia Joviano, com a tiragem de 200 exemplares e formato de 25 x 17, quatro páginas e três colunas.

O Labaro saiu a 7 de setembro seguinte, com 39 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas, e impressão de Beltrão & Cia.

Nova comissão de redação, composta dos Srs. Frederico Zacarias Álvares da Silva, Agenor de Sena, Olinto Martins da Silva, Gudesteu de Sá Pires e Itagiba de Oliveira. Ambos os números com excelente colaboração dos sócios do Grêmio e de estranhos.

Terceiro jornal de duplo nome.

O ALFINETE 101

Primeiro número a 24 de março de 1907, com duas colunas, quatro páginas de 15 x 11,5. Só conhecemos este número e o 3, que saiu a 2 de maio, trazendo novo cabeçalho, formato de 15,5 x 11 e o mesmo número de páginas e colunas do anterior.

O primeiro número impresso, ao que parece, nas oficinas do *Diario de Noticias* e o terceiro, na Tipografia Beltrão, como nele se declara. Naquele, figura como redator Cássio Danilo e neste o Sr. Renato Lima, que usava aquele pseudônimo.

Publicação quinzenal e redação à Rua dos Tupinambás, 793.

Muito interessante e bem-feito este jornalzinho.

O PROPAGADOR MINEIRO 102

Órgão de propaganda comercial, industrial e das riquezas minerais do Estado.

Propriedade dos Srs. Raimundo Alves Pinto e Raul Mendes. Redatores os mesmos, até o número 25 e daí até o número 28, o Tenente Cristiano Alves Pinto, que a partir do número 29 teve como companheiro o Sr. Agenor de Sena.

Data de 21 de abril de 1907 o início de sua vida. No número 31, de 10 de abril de 1908, previu seu desaparecimento, se não fosse amparado pelos assinantes, aos quais fez um apelo nesse sentido. E não se enganou a direção da folha, tanto assim que, a 19 de setembro seguinte, com o número 44, foi compelida a suspender sua publicação, em caráter provisório, mas que se tornou efetivo, a bem dizer.

Publicação quinzenal, formato de 40,5 x 27,5, quatro páginas, quatro colunas e tiragem de 3.000 exemplares.

Três anos mais tarde, a 13 de março de 1911, reapareceu com o número 45, mas de que forma? Para dar apenas essa amostra e desaparecer de uma vez para sempre. Nessa fase, que morreu no nascedouro, era de propriedade de J. B. Palermo & Cia.

Até o número 9, impresso na Tipografia Beltrão & Cia. e depois nas oficinas da Imprensa Oficial, menos o último, que o foi nas oficinas do *Diario da Tarde*.

Cabeçalho e título uniformes até o número 44. O 45 saiu completamente diferente dos outros na parte gráfica.

O Propagador Mineiro foi um jornal que inestimáveis serviços prestou à economia mineira, fazendo conhecidas as riquezas do Estado além de suas fronteiras. Inseria, também, vasto noticiário, crônicas, literatura, curiosidades, etc.

A CAPITAL (3ª) 103

É este o terceiro jornal com o título supra. Mas dois serão ainda descritos.

Primeiro número a 25 de abril de 1907 e o nono e último a 12 de julho seguinte.

Publicação semanal, às quintas-feiras, e edição das oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 500 exemplares.

Redação à Rua dos Tupinambás, 805.

Formato de 31,5 x 20,5, quatro páginas e três colunas. Feição rigorosamente igual em todos os números.

Foram seus redatores os Srs. Fernando Gonçalves Pena e Augusto de Lima Filho.

Como colaboradores, estampava os nomes de três grandes astros de nossa literatura — Guimarães Passos, Olavo Bilac e Augusto de Lima. Colaboradores honorários, porque deles nada vimos nas colunas do jornal. Colaboraram em *A Capital* Mendes de Oliveira, Mário de Lima e Hermes Fontes.

Bom jornal e bem escrito, mas, como quase todos, de vida efêmera.

A Capital foi substituída por *A Gazeta* (2ª).

A FLAMMULA 104

Jornal pequeno, mas muito bem-feito.

Diretor, Sr. Mário Linhares, e redatores, os Srs. José Linhares Júnior e Olegário Dias Coelho.

Publicação quinzenal e redação à Rua Antônio de Albuquerque, 189, antigo.

Foi lançado a público no dia 16 de maio de 1907. É escusado dizer que pouco tempo teve de vida. Apenas quatro números saíram, sendo o último a 10 de julho. Há mesmo caveira de burro na Imprensa de Belo Horizonte.

O primeiro número foi composto nas oficinas do *Diario de Noticias* e impresso na Tipografia Moderna. Os outros saíram da Tipografia Mineira, de Rodrigues & Cia.

Os dizeres do cabeçalho sem alteração. Variaram, porém, os caracteres tipográficos do título: um para o número 1, outro para o número 2 e outro para os números 3 e 4.

Formato de 15 x 11,5 para os dois primeiros números e 18,5 x 13 para os dois últimos.

Tiragem de 200 exemplares.

Literatura e variedades.

O CONFEDERAL 105

Órgão do Centro Confederativo dos Operários do Estado de Minas.

Redator, Dr. Alcides Batista Ferreira, o malogrado moço cujo trágico fim é conhecido.

Diretora, a comissão principal do Centro.

Seu programa foi assim traçado no artigo de apresentação intitulado — "Na Liça":

Aparece hoje O Confederal *como órgão do Centro Confederativo dos Operários do Estado de Minas, tendo por divisa:* união, desinteresse e trabalho, *e como realização da 3ª conclusão do Congresso Operário reunido em Sabará de 2 a 6 do mês próximo passado, que diz: Para preparar o operariado para a luta profícua pelos seus direitos, o Centro Confederativo fundará uma imprensa livre e independente, de doutrina e propaganda, a qual terá regulamentação especial, feita pela comissão central...*

A 2 de maio de 1907, foi distribuído o número-prospecto, iniciando a publicação ordinária a 1º do mês seguinte. Com o número 4, de 7 de agosto, cessava a publicação.

Formato de 40,5 x 27,5 e quatro colunas para os números-prospecto 1 e 2 e 31,5 x 20,5 e três colunas para os números 3 e 4. Todos com quatro páginas. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

Apesar dos poucos números publicados, este jornal muito fez em prol da classe.

Redação à Rua Bernardo Guimarães, 910, antigo.

O GALENO 106

Mais um jornal de propaganda. Órgão comercial, literário, noticioso e recreativo, de propriedade da Farmácia Neves, estabelecida à Rua São Paulo, 372, hoje, 371. Não passou de um número, distribuído a 16 de junho de 1907.

Formato de 31,5 x 22,5, quatro páginas e três colunas. Impresso na Tipografia Moderna, de Santos & Costa, à Rua dos Caetés, 556, com a tiragem de 3.000 exemplares.

A LETTRA 107

Somente três números foram dados à publicidade, o primeiro a 23 de julho de 1907 e o último a 21 de setembro seguinte.

Impressa na Tipografia Mineira, de Rodrigues & Cia,. Publicação mensal e tiragem de 500 exemplares.

Os números 1 e 2 sob a direção do Sr. Sizenando de Barros e redação dos Srs. Orozimbo Nonato da Silva, Waldemar de Oliveira Costa, Miguel Batista Vieira e José Coelho Linhares Júnior. Com a retirada dos outros diretores, o número 3 ficou sob a direção do Sr. Waldemar de Oliveira Costa e redação do Sr. Miguel Batista Vieira.

Uniforme a parte material em todos os números. O mesmo cabeçalho e formato de 22 x 15,5, quatro páginas e três colunas.
Redação à Rua Santa Rita Durão, 884.
Redigida por quem foi, *A Lettra* não podia deixar de ser, como aconteceu, um apreciado jornal.

A GAZETA (2ª) 108

Segundo dos quatro jornais que tiveram esse nome.
A 1º de agosto de 1907, dava seu primeiro número. Com o número 18, de 8 de julho de 1908, cessava a publicação. Até dezembro de 1907 deu 12 números. Em 1908 começou nova numeração, que foi até 18. Assim, 30 números foram publicados.
Redatores, Srs. Fernando Pena e Sena Vale, até 21 de março de 1908. Nesta data retirou-se o primeiro, passando a constar do cabeçalho redatores diversos.
Publicação semanal e impressão das oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 2.000 exemplares. Não alterou seu feitio, aliás de aspecto muito agradável. Formato de 38,5 x 27, quatro páginas e quatro colunas.
Redação à Avenida Paraopeba, 235, e depois à Rua Alagoas, 844.
No primeiro número declarou que vinha em substituição *a A Capital* (3º).
Era jornal político, apoiando o governo do Presidente João Pinheiro.
Muito noticioso e de texto variado.

A REACÇÃO 109

Revista mensal, fundada por iniciativa dos alunos do 2º ano de Direito, com a seguinte comissão redatora: A. Duarte, Tibagi Navarro, Tito Lívio, Afonso Santos e Alcides Sousa.
Foi a 11 de agosto de 1907, dia do aniversário da fundação dos cursos jurídicos no Brasil, que saiu o primeiro número.
Apesar de ter anunciado publicação mensal, o segundo número só apareceu quase um ano depois, em 5 de julho de 1908. O respectivo editorial teve o título "Ressurgindo e Vencendo". Ressurgiu, sim; mas não venceu, porque nesse número ficou.
Formato de 18 x 11, doze páginas no primeiro número e dezessete no segundo e duas colunas.
Impressa na Tipografia Beltrão, com a tiragem de 300 exemplares.
Capa igual em ambas as edições. A primeira destas não trouxe cabeçalho interno.
Boa e variada colaboração.

DIARIO DO POVO 110

A 7 de setembro de 1907, foi distribuído, gratuitamente, o número-prospecto deste jornal, que dele não passou.

Propriedade e direção do jornalista e poeta Rodrigo Teófilo Gomes Ribeiro.

No corpo de redação figuravam os nomes de Mendes de Oliveira, Carlindo Lélis e Carlos Veloso.

Grande formato, 45 x 30,5, quatro páginas e cinco colunas. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 1.000 exemplares.

Dado o grandioso programa divulgado, pleno êxito alcançaria o jornal, se não fosse sua morte antes de nascer, porque morreu ao anunciar sua futura vida.

Teve a colaboração de Augusto de Lima, Mendes de Oliveira, Álvaro da Silveira, Carlindo Lélis, Lúcio dos Santos, Nelson de Sena, João Camelo e Nazareth Menezes.

A NOTICIA (1º) 111

Jornal independente, de propriedade de uma associação anônima.

Redator-chefe, Sr. Costa Júnior.

Publicou unicamente um número, a 15 de setembro de 1907, impresso na Tipografia Mineira, à Avenida Afonso Pena, 1052, onde também era a redação. Formato de 39 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

O PRELUDIO 112

O Preludio, quinzenário noticioso e literário, de propriedade de uma associação de estudantes, apareceu a 3 de outubro de 1907 e desapareceu um mês depois, a 2 de novembro, com o número 3.

Formato de 20 x 15, quatro páginas e três colunas. Ótima aparência e muito bem impresso pela Tipografia Mineira.

Direção do Sr. Jorge Silveira e redação à Rua do Espírito Santo, 454, e depois à Rua dos Timbiras, 1391.

Em 25 de dezembro do mesmo ano de seu aparecimento, ressurgiu em Varginha, terra natal de seu diretor, com o número 4.

A RUA 113

Jornal independente. Jamais saiu bissemanalmente, como se lia no cabeçalho.

Primeiro número a 12 de novembro de 1907 e o oitavo e último a 8 de janeiro seguinte.

Direção dos Srs. Silva Guimarães e José Afonso Mendonça de Azevedo. Este se desligou da redação em meados de dezembro.

Formato de 40 x 27, quatro páginas e quatro colunas no primeiro número e cinco nos outros.

Oficinas próprias e redação à Rua São Paulo, 665.

O cabeçalho teve sempre a mesma disposição; só foi mudado o tipo do título, a partir do número 3.

No artigo de apresentação disse:

> *Aqui é* A Rua *onde se ri e se reclama, onde tudo se fala e tudo se discute.*

Vasto noticiário e excelente parte literária.

O SOL 114

A 15 de novembro de 1907, foi publicado o primeiro número deste pequeno jornal. Não sabemos se continuou.

Redator-chefe, Sr. Milton Barcelos.

Formato de 18,5 x 12, quatro páginas e duas colunas. Anunciou publicação quinzenal.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, sendo a redação à Rua dos Tupis, 187.

O PROGRESSO (1º) 115

Iniciou a publicação na mesma data do precedente, 15 de novembro de 1907. Dirigido pelo Sr. Temístocles Barcelos.

Só possuímos até o número 5, de 15 de janeiro de 1908, que julgamos ter sido o último.

Formato de 18,5 x 12, quatro páginas e duas colunas. A mesma feição material em todas as edições. Publicação quinzenal, rigorosamente observada.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial e redação à Rua dos Aimorés, 1486.

Como se vê, na parte material, perfeitamente igual ao anterior.

O JARDIM 116

Pequenino jornal, impresso pela Tipografia Joviano & Cia. Formato de 11,5 x 9, quatro páginas e duas colunas. Não passou do primeiro número, datado de 21 de novembro de 1907. Diretor, Sr. A. Roque.

O BINOCULO 117

> *Semanário de grande alcance no belo horizonte da vida mineira — Literatura, arte, ciência, comércio, lavoura e indústria.*

Estes seus principais fins, estampados no cabeçalho.

Surgiu a 12 de abril de 1908.

Em "O Nosso Fito", seu artigo de apresentação, traçou o programa a seguir, dele excluindo a política. O prurido, porém, que essa megera desperta no sentimento de todo brasileiro, não se fez esperar em assaltar os diretores de *O Binoculo*, tanto que no número 8, de 31 de maio, já se incluía em suas normas

de publicidade mais esse objetivo, como declarou o artigo "Novo Rumo".

Direção do competente jornalista, o venerando Sr. Antonio Lima, hoje residente no Rio de Janeiro.

Formato de 22,5 x 14, sempre com 14 páginas e duas colunas.

Oficinas próprias, à Rua Pouso Alegre, 36, e redação à Rua do Espírito Santo, 278 e depois à Rua da Bahia, 916.

Contorno da capa desenhado por Raul e, portanto, igual em todos os números. O centro, porém, variava, trazendo gravuras humorísticas.

O cabeçalho interno era de original concepção. Representava um palhaço assestando um binóculo, ao qual serviam de objetivas as duas letras "O" do título. Igualmente desenhado por Raul, o grande caricaturista brasileiro.

Não encontramos nesta revista a mínima notícia sobre seu corpo de redatores e de técnicos. Foi ele, porém, o seguinte, conforme lemos em *A Gazeta* de 21 de março, ao noticiar o próximo aparecimento de *O Binoculo*: redatores, Mendes de Oliveira, Cícero Lopes e Abílio Machado; chefe do atelier fotográfico, Aldo Borgati; desenhistas, Abreu e Silva, Francisco Rocha, Justino Carneiro e José Neves.

O Binoculo publicava-se semanalmente, aos domingos, tendo saído com rigorosa pontualidade.

O número 8, já citado, disse que:

> *Entrou a fazer parte integrante de* O Binoculo *o Dr. Joaquim Batista de Melo Filho, que, como novo diretor e redator, vai encarregar-se de orientar uma nova feição desta revista, desde junho em diante.*

Ao que parece, isso não se confirmou, porque jamais vimos edição alguma posterior à que contém tal declaração. Assim, para nós, foi esse o último número publicado.

Notamos a colaboração dos seguintes intelectuais: Augusto de Lima, Machado Sobrinho, Belmiro Braga, Heitor Guimarães, Bento Ernesto Júnior, Carlindo Lélis, Paulo Brandão, Azevedo Júnior e Artur Ragazzi.

Manteve, com freqüência, as seguintes seções: "Por um óculo", assinada por Honório; "Corda Bamba", de autoria de Malagueta e "Sombras", de Luigi a primeira produção e de Quincas as demais. "Por um óculo" e "Corda Bamba" eram crônicas em que se comentavam fatos do tempo e "Sombras" ligeiros perfis de conhecidas pessoas, com a

silhueta do perfilado. Estampava várias ilustrações e gravuras humorísticas.

Alguns jornais da época, noticiando o próximo aparecimento desta revista, prognosticaram-lhe um sucesso jamais alcançado em nossa Imprensa e uma perfeição sem precedentes. Nada disso se confirmou, nos moldes anunciados, porque *O Binoculo*, além de não atingir a perfeição preconizada, não teve melhor projeção do que outras publicações aqui nascidas sem antecipados e retumbantes louvores. Os exageros laudatórios são sempre prejudiciais.

Não obstante, não podemos deixar de proclamar, com inteira justiça, seu inegável valor.

VIA LACTEA 118

A 13 de maio de 1908, foi publicado o primeiro e único número desta folha, órgão literário do Grêmio Olavo Bilac.

A comissão de redação compôs-se dos Srs. José Osvaldo de Araújo, Gastão Itabirano e Teixeira de Sales.

Formato de 38 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Impressa na tipografia da Casa Pais & Cia.

Bom número, com a colaboração de Diogo de Vasconcelos, que escreveu belo artigo intitulado "Um Episódio", em que conta o fato, ocorrido em Ouro Preto, do preso Jeremias, que ia ser enforcado e que afinal teve a pena comutada para galés perpétuas, por interferência do então Deputado Inácio Martins, o grande mineiro depois agraciado com o título de Visconde de Assis Martins.

Também colaboraram Amédée Péret, João Camelo, Assis Cândido, Áurea Pires, Mário Linhares, Mário de Lima, Artur Ragazzi, Mendes Mota, Nicanor Noronha, Olegário Dias Coelho, B. Martins, Osvaldo Araújo, Augusto de Lima, Teixeira de Sales, Gastão Itabirano, Afonso Celso Júnior e Coelho Neto.

Um belo jornal, que muito prometia.

HIGH-LIFE 119

Jornal de propaganda da alfaiataria do mesmo nome, de propriedade do Sr. Augusto Lovalho e situada à Rua da Bahia, 1025.

A 14 de julho de 1908 foi publicado o primeiro número e supomos tenha sido o único.

Formato de 26,5 x 19, quatro páginas e quatro colunas.

Impressão de Pais & Cia., à Rua da Bahia, 916, e tiragem de 10.000 exemplares. Estes algarismos vão por conta da redação. Sua distribuição era gratuita.

O ESPIRITA MINEIRO 120

Órgão da Federação Espirita Mineira, que depois passou a denominar-se, como até agora, União Espirita Mineira.

O Espirita Mineiro está circulando no momento em quinta fase, todas elas bem distanciadas entre si e bastante curtas. Basta dizer que, em 44 anos de existência, ainda não atingiu a duas centenas de edições. Descrevamos, assim, sua longa trajetória através dos tempos.

A primeira fase foi iniciada a 1º de agosto de 1908 e se prolongou até 1912. Começou como jornal e em setembro do ano seguinte tomou o feitio de revista, assim se mantendo até desaparecer.

Como jornal tinha o formato de 32,5 x 22, quatro páginas e outras tantas colunas, e como revista o de 22 x 14, oito páginas e duas colunas. Capa de revista e cabeçalho do jornal sem modificações.

Oficinas próprias, as mesmas que anteriormente serviram a *O Binoculo*.

Ressurgiu em segunda fase 23 anos depois, em março de 1935, ainda como revista, assinalando ano I, número 1. No número 2, entretanto, já constava ano V, por se terem computado os quatro anos de publicação anterior (1908-1912).

Mesmas características da primeira fase, mas com capa de outro aspecto e número de páginas aumentado para doze.

Só circularam cinco números, sendo que o último em julho.

Ignoramos o local da impressão do primeiro número. Os números 2 e 3 foram impressos na Tipografia União, à Rua Curitiba, 626, e os números 4 e 5 na Tipografia Rocha, à mesma rua, nº 618.

Depois dessa, veio a terceira fase, começada com o número 6, de novembro de 1936, em formato de jornal novamente. Continuou com a indicação do ano V, mas em 1937 modificou-a para ano III, por ter tomado então como ponto de partida para a contagem do tempo, o início da segunda fase, 1935, desprezando o período da primeira, 1908-1912, que, se fosse adicionado, acusaria ano VII.

Apresentou-se esse número com 28,5 x 19, quatro páginas e quatro colunas. Logo depois passou a ter o formato de 37,5 x 23,5, e o de 41,5 x 28 a partir do número 22.

Desta fase só conhecemos até o número 48, de abril de 1940. Pouco mais viveu. Não conseguimos saber onde se imprimia.

Desde sua fundação, até junho de 1937, esteve *O Espirita Mineiro* sob a direção do ilustre e saudoso jornalista Antônio Lima. A

partir do número 15, de 15 de julho seguinte, foi substituído pelo Professor Cícero Pereira. Ignoramos a data do último número desta fase. Em outubro de 1944, lançou uma edição ocasional e especial, sem numeração, para comemorar a semana espírita em homenagem a Alan Kardec.

A quarta fase teve começo a 1º de maio de 1948, com o número 1 do ano XLI, por ter contado o tempo de sua existência desde a data de fundação, não obstante as constantes soluções de continuidade verificadas.

O número 10, de 31 de dezembro de 1949, é o de numeração mais elevada que conhecemos.

Formato de 42 x 29, quatro páginas e cinco colunas.

Diretor, Dr. Camilo Rodrigues Chaves; redator, Dr. Noraldino de Melo Castro e secretário, Sr. Martins Peralva.

À esquerda do título e num retângulo lê-se: *Preparai as veredas do Senhor. João.* O tipo de letras do título foi mudado a partir do número 10. Impresso na Editora Minas Gerais S.A., à Rua dos Tamoios, 1023, e em outras oficinas.

Não sabemos quando terminou esta fase.

Finalmente, em março de 1952 reapareceu, portanto em quinta fase, com o número 1 do ano XLIV, de publicação mensal, rigorosamente seguida.

Voltou com o formato de 38 x 26,5 no primeiro número e 43 x 28,5 nos seguintes. Em ambos os formatos, com quatro páginas e cinco colunas. Impresso na Gráfica Belo Horizonte, à Rua dos Tupinambás, 617.

Diretor, Dr. Camilo Rodrigues Chaves e redatores, Srs. Ademar Dias Duarte e Jorge Azevedo. Este foi, depois, substituído pelo Sr. Ismael Ramos das Neves, que após passou a secretário, cargo então ocupado pelo Sr. Jaime de Ávila Machado.

O Espírita Mineiro é um lídimo representante do Espiritismo e esforçado defensor de seus ideais, sendo por isso muito difundida sua circulação.

A JUSTIÇA 121

Foi lançada à luz da publicidade a 6 de setembro de 1908.

Até o número 8, de 31 de outubro, órgão literário e noticioso, de propriedade do Sr. F. Costa. Com esse número suspendeu a publicação, só restabelecida em 19 de janeiro seguinte, como órgão independente e sem citar o nome de seu proprietário. Meses depois, a 21 de outubro de 1909, deu por finda sua carreira, com o lançamento do número 35.

Redação de Barreto de Oliveira e J. Guivanni até o número 5, e somente do primeiro do número 6 até o final.

Vários foram os formatos. O número 1 com 16 x 11 e duas colunas; 2 a 8 com 20 x 15,5 e três colunas, e 9 a 35 com 30 x 21 e quatro colunas. Um cabeçalho para cada formato e quatro páginas em todos.

Publicação semanal e impressão da Tipografia Mineira, à Avenida Afonso Pena, 1052, até o número 8, e em seguida em oficinas próprias, como noticiou o número 9.

Tiragem de 700 exemplares.

Redação à Rua da Bahia, 1045, e depois à Rua Estrada de Ferro, como era conhecida a Rua Ramal, hoje, Mauá.

A Justiça foi uma publicação bem-feita e de amplo noticiário.

TRIBUNA DO POVO 122

Deste jornal, de que não possuímos nenhum exemplar, só podemos dar as lacônicas notas que se seguem.

Órgão independente, de redação do Sr. João de Lima. O primeiro número foi distribuído em 19 de janeiro de 1909, com o formato de 26,5 x 18, quatro páginas e quatro colunas.

O ASTRO (2ª) 123

Este *astro* atravessou o firmamento da Imprensa como um relâmpago, pois não passou do primeiro número, publicado a 5 de fevereiro de 1909. Segundo do nome.

Formato de 16 x 12,5, quatro páginas e três colunas.

Redação à Rua Curitiba, esquina de Guaicurus, e direção do Sr. Leandro Barbosa. Lia-se no cabeçalho "semanário independente".

O D. VIÇOSO 124

O D. Viçoso, nome que nos recorda o santo varão príncipe da Igreja marianense, era órgão dos alunos do Colégio D. Viçoso, acreditado estabelecimento de ensino secundário que existiu nesta Capital.

Conhecemos só quatro números: o primeiro de 10 de fevereiro de 1909, o segundo de 18, o terceiro de 1º de março e o sétimo de 3 de julho, todos bem colaborados pelos alunos.

Formato de 26 x 18,5 para os três primeiros números e de 30 x 23,5 para o último. Quatro páginas e três colunas e o mesmo cabeçalho em todos.

Ao que parece, foi impresso nas oficinas do *Diario de Noticias*. Tiragem de 200 exemplares.

Redação à Rua da Bahia, 1542.

Em 16 de maio de 1911, um jornal local noticiou o aparecimento do primeiro número do *Dom Viçoso*, órgão dos alunos do colégio de igual nome. A nosso ver, não se tratava do aparecimento de novo jornal, e sim de reaparecimento do antigo, com o nome modificado.

Dessa fase não conhecemos nenhum exemplar.

MATAKINS 125

Publicação carnavalesca, de propriedade do Clube Matakins, importante sociedade que floresceu aqui, durante muitos anos.

Só destacadamente podem ser tratados os cinco números editados, tal a diferença existente entre eles.

Primeiro número — Durante o tríduo de Momo, de 1909, que decorreu de 21 a 23 de fevereiro, foi profusamente distribuído pelos carros alegóricos o primeiro número deste jornal, *órgão esfusiante do espírito, da graça e da folia.*

No cabeçalho estampava: *Número único... no gênero — Ano da galhofa — Redator-chefe, Momo, Secretário, Pierrot.*

Formato de 31 x 20,5, quatro páginas e três colunas. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

Segundo número — Saiu a 26 de janeiro de 1911, em pleno carnaval. Pouca diferença do anterior.

Agora

> *órgão esfusiante do espírito, da graça e do humorismo — Número único... no gênero — Ano da galhofa e da folia — Momo é o chefe. Secretário é o Pierrot.*

Formato de 32,5 x 20,5. Mesmo local de impressão.

Terceiro número — Carnaval de 1912. Distribuído a 18 de fevereiro. *Órgão oficial da galhofa e da folia — Ano da graça Matakim — Número único no gênero.*

Formato igual ao anterior. Não conseguimos identificar o local da impressão.

Até aqui saía em formato de jornal e com o nome de *O Mataquim.* As duas edições em seguida descritas saíram com o nome de *Matakins* e em formato de revista.

Quarto número — Datado de 2 de fevereiro de 1919.

Formato de 28 x 20, 18 páginas e três colunas. Impressão de Oliveira, Mesquita & Cia., à Rua do Espírito Santo, 529, e Avenida Afonso Pena, 1050.

Quinto e último número — É de 15 de fevereiro de 1920, sendo perfeitamente igual ao quarto, salvo quanto ao número de páginas, que ascendeu a 26, sem numeração, como as daquele.

Impresso nas oficinas de Oliveira & Costa, sucessores da firma impressora do número 4.

A EPOCHA (2ª) 126

Para não fugir à regra geral, este jornal foi de curta duração. Surgiu no dia 24 de fevereiro de 1909 e desapareceu com o número 3, de 16 do mês seguinte.

Órgão consagrado à defesa do povo, teve como redator o Sr. F. Ribeiro de Carvalho.

Formato de 30 x 23, quatro páginas e quatro colunas. Não alterou o cabeçalho.

Impresso na Tipografia Mineira, à Avenida Afonso Pena, 1052, com a tiragem de 500 exemplares.

Redação à Rua da Bahia.

No artigo de frente disse:

> *Aparecemos hoje no periodismo mineiro alheios a quaisquer compromissos partidários, sem ligações a idéias ou conceitos que um órgão de igual nome aqui há tempos emitiu.*

É o segundo jornal deste nome.

A NOTÍCIA (2ª) 127

Semanário literário e noticioso, de redação do Sr. O. Brant e colaboração de diversos. Segundo do título.

Primeiro número a 4 de março de 1909 e o segundo a 24, únicos de que temos *notícia*.

O mesmo cabeçalho e a mesma feição material: formato de 30,5 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 200 exemplares.

Redação à Rua Tomé de Sousa, 878.

A VIOLETA (2ª) 128

Iniciou a publicação a 28 de março de 1909, com o título de *Violeta*. Passou a ser *A Violeta* com o número 10, de 15 de junho. O acréscimo do artigo foi-lhe funesto, pois com o número seguinte, saído a 24, deixou de existir.

Mimoso jornal, dedicado às senhorinhas mineiras.

Publicação semanal, bastante regular.

Direção dos Srs. Osvaldo de Araújo, Gastão Itabirano e Antônio de Oliveira.

Até o número 9 teve o formato de 19 x 11,5 e duas colunas, e nos dois últimos o de 26,5 x 17 e três colunas. Quatro páginas em todos.

Edições da Tipografia Mineira, à Avenida Afonso Pena, 1052, com a tiragem de 300 exemplares.

Os números de menor formato foram impressos a cor, trazendo um elegante

cabeçalho, modificado nos números seguintes.

Redação à Praça 12 de Outubro, 492 (atual Praça Sete).

A Violeta teve ótima colaboração de moços que depois se destacaram em nosso meio literário.

A outra *A Violeta* foi a do Club das Violetas, descrita sob número 20.

CORREIO DO DIA (1º) 129

O agitado período de propaganda das candidaturas à curul presidencial, para o quatriênio de 1910-14, fez com que brotassem, de todos os recantos do Brasil, centenas de jornais, advogando cada qual a elevação de seu candidato à suprema magistratura do País. Desse contagioso mal não escapou esta capital.

O *Diario de Minas*, há longos anos inerte, com a publicação suspensa, ressurge e se faz o intérprete dos partidários daquele que foi reconhecido pelo Congresso e de fato tomou posse do cargo.

Como arauto das aspirações contrárias, aparece o *Correio do Dia*, combatendo em toda a linha a favor do candidato do povo, o genial e imortal brasileiro Conselheiro Rui Barbosa.

Titânica e hercúlea luta sustentou este jornal. Na qualidade de órgão do Partido Civilista, teve de terçar armas com todos os adversários e a todos rebater, aparando-lhe os golpes, muitas vezes violentos e injustos, como soem ser os desferidos nas pugnas travadas em épocas incendidas de paixões, como foi aquela.

Felizmente, porém, passou a rajada e dos dias tormentosos de fins de 1909 e princípios de 1910 só resta a lembrança.

O primeiro número do *Correio do Dia* apareceu a 14 de julho de 1909, tendo como redator-chefe o Dr. Alberto Álvares.

Durou pouco mais de um ano, pois a 12 de agosto de 1910 publicava o último número, que foi o 319.

Grande formato, 50 x 33,5, quatro páginas e seis colunas. Oficinas próprias, instaladas à Rua do Espírito Santo, 1047, atual Cinema S. Luís. Tiragem de 5.000 exemplares.

Do primeiro número ao último sem a mínima alteração material.

O *Correio do Dia* teve ótima e vibrante colaboração de seus correligionários, que se batiam valentemente em prol da vitória de seu eminente candidato, a Águia de Haia.

Jornais desta natureza, de campanha política ocasional, são ordinariamente fundados com

o período de existência predeterminado, mesmo porque, passada a refrega, nada mais lhe interessa. Basta a terminação do pleito para determinar-lhes a morte. Não esperam mais, porque nada mais têm a esperar.
Foi o que aconteceu ao *Correio do Dia* e a muitos outros por estes Brasis afora.

A EXPOSIÇÃO 130

Por ocasião da Exposição Agropecuária realizada nesta capital, em setembro de 1909, foi distribuído, no recinto da mesma, no dia 10, o primeiro e único número do jornal intitulado *A Exposição*, exclusivamente de anúncios, menos a metade da primeira página, ocupada com o artigo de apresentação.
Formato de 38 x 27, quatro páginas e impressão das oficinas da Imprensa Oficial.
Propriedade de Aldo & Correia.

AS SAWAB 131

A Razão é a tradução do título.
Até o presente, assim o cremos, o primeiro e único jornal escrito em árabe no Estado.
Iniciou a publicação no Rio de Janeiro, a 1º de janeiro de 1900. Semanal ao princípio, passando a bissemanal em 1906 e a diário a partir de 1º de abril de 1908. O último número diário foi o 707, de 12 de fevereiro de 1909. Depois deste publicou mais dois, espaçadamente, sendo o segundo a 15 de maio.
Transferindo-se para esta Capital, reencetou a publicação com o número 710, de 11 de setembro.
Trazia a legenda — *Liberdade, Igualdade e União.*
Em português só estampava alguns anúncios.
Propriedade e direção do jornalista Miguel Murad, com oficinas próprias à Rua São Paulo, 673.
Publicação semanal, aos sábados; formato de 29 x 22, oito páginas, três colunas e tiragem de 800 exemplares.
Ignoramos tudo o mais a respeito deste jornal, a não ser que, em fins de 1910, ainda circulava.
É óbvia a razão por que nada podemos dizer sobre a matéria nele contida. Procuramos e não encontramos quem traduzisse alguma coisa que interessasse a este trabalho.

O ODONTOGOGONO 132

Curioso e estranho título. E o que significa? Nós o ignorávamos e o leitor certamente o ignora também. Vamos, porém, satisfazer sua

justa curiosidade, transcrevendo do segundo número do jornal esta breve explicação

> *...o nome Odontogogono foi pelos egípcios aplicado a um aparelho de extração de dentes, constituído por uma talhadeira e um pequeno martelo. Esse aparelho, cujo valor histórico é incontestável, porque teve aplicação 400 anos antes de Cristo, é encontrado nas múmias do Egito, guardadas na Europa.*

Está, assim, satisfeita a curiosidade de todos.

O Odontogogono era órgão do Centro Odontológico Osvaldo Cruz, tendo como redator o Dr. Levi Cerqueira e como diretor o Sr. Assis Moreira Júnior.

Publicação quinzenal, iniciada a 15 de novembro de 1909. A 15 de maio de 1910, com o número 7, desapareceu do cenário.

Adotou dois formatos. Os números 1 e 2 com 26,5 x 17 e três colunas e do número 3 ao fim, 38 x 27 e quatro colunas. Todos com quatro páginas. Tiragem de 500 exemplares. Os números de menor formato impressos na Tipografia Mineira, à Avenida Afonso Pena, 1052, e os de maior, nas oficinas da Imprensa Oficial. Cada formato, cada cabeçalho.

Redação à Rua dos Aimorés, 1274.

O Odontogogono, completamente afastado das competições políticas, tinha *por principal escopo proporcionar à brilhante mocidade acadêmica e aos demais leitores alguns momentos de leitura literário-científica.*

A CIDADE (1ª) 133

Semanário independente, científico, literário e noticioso.

O primeiro número foi dado à publicidade a 16 de dezembro de 1909. Conhecemos até a edição de 7 de setembro de 1910, número 23.

Redator-chefe, Sr. Antenor Oliveira e, depois, o Sr. Manuel Pontes.

Formato de 27 x 19, quatro páginas e cinco estreitas colunas até o número 4, e quatro nos demais. Cabeçalho sem modificação. Tiragem de 300 exemplares, impressos em papel rosa, a partir do número 5.

Redação e oficinas à Rua dos Guajajaras, 110, hoje, 97.

A Cidade foi um jornal muito noticioso.

O ASTRO (3º) 134

Em 27 de janeiro de 1910, surgiu este jornal, o terceiro do nome, mas não o último, pois temos ainda mais um a descrever.

Pouco depois, a 21 de março, com o número 6, interrompeu a publicação, que foi

restabelecida a 24 de outubro, com nova numeração.

No primeiro período teve como diretor o Sr. Osvaldo Gomes e redator o Sr. Osvaldo Barreto e no segundo como redatores os Srs. Manuel Ribeiro Pontes e Osvaldo Gomes de Sousa.

Órgão republicano. Partidário, em política, do candidato oficial à Presidência da República, indicado na convenção de maio de 1909.

Formato de 27 x 22 e quatro colunas nos primeiros números e três nos outros. Quatro páginas em todos.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

Redação à Rua do Espírito Santo, 1314.

A REPUBLICA 135

Proclamada a 18 de fevereiro de 1910. Só temos até o número 3, de 12 de março, que acreditamos ter sido o último.

Como o anterior, também defensor da candidatura oficial. Redatores, Srs. Tomé de Freitas e Manuel da Mata Machado.

Formato de 38,5 x 27, quatro páginas e quatro colunas. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, como todos da época que adotaram a candidatura já referida.

Cabeçalho rigorosamente igual em todas as edições.

Redação à Rua da Bahia, 463.

DIARIO DA TARDE (1º) 136

Primeiro dos três assim intitulados.

A 19 de abril de 1910, ao lançar o primeiro número, disse o *Diario da Tarde*:

> *Fazer o jornal leve, em que se reflitam todos os aspectos da vida urbana, um jornal que se bata pelas mais urgentes necessidades locais, um diário que seja, enfim, o termômetro exato da nossa cultura, do nosso progresso, industrial e comercial — tal o escopo do* Diario da Tarde. *No terreno político não precisamos nos definir — fomos sempre partidários da ordem. Por conseguinte, apoiaremos a atual situação enquanto ela se mantiver, como até agora se tem mantido, dentro da órbita da Justiça e do Direito.*

Até o número 54, de 30 de junho, teve como redatores os Srs. Horácio Guimarães e Ramos César. Do dia seguinte em diante, entraram como diretores os Srs. Raul de Faria e Augusto Veloso, continuando, porém, aqueles redatores e entrando mais o Sr. Teodomiro Pacheco. Posteriormente, em período cujo início não precisamos, aparecia como redator

apenas o Sr. Ramos César e, finalmente, no cabeçalho não constava mais nome algum de diretores ou redatores.

O último número de nossa coleção é o 275, de 10 de junho de 1911. Depois desse, poucos saíram.

Dois formatos adotou: de 40 x 26,5 no princípio e no fim e 48,5 x 34 no período intermediário. No formato maior cinco colunas e no menor as mesmas cinco no início da publicação e quatro no final.

Não obstante possuir oficinas próprias, as edições da fase começada a 1º de julho foram impressas, a partir de certa data, nas oficinas da Imprensa Oficial.

Duas fases distintas teve este jornal. A primeira era muito apreciada pela leveza do estilo, farto noticiário e variado texto. A segunda, tendo-se tornado francamente política, não atraiu a mesma preferência do público. Jornal político só interessa quando de campanhas que empolguem a opinião geral, o que não acontecia na época em que circulava o *Diario da Tarde*. Quando este apareceu, já havia cessado a luta para a eleição de Presidente da República, realizada a 1º de março. Redação e oficinas à Avenida João Pinheiro, 205, hoje 202-210; depois à Rua dos Timbiras, 1557, depois ainda à Rua da Bahia e outra vez à Rua dos Timbiras. Essas oficinas foram as mesmas que serviram ao *Correio do Dia*.

GAZETA DE NOTICIAS 137

Nada de semelhança com sua velha homônima, do Rio de Janeiro.

Apesar de pequenina, trazia no cabeçalho este pomposo título: *órgão crítico, político, literário e noticioso*.

Só conhecemos o primeiro número, saído a 6 de maio de 1910, com o formato de 13,5 x 9,5, quatro páginas e duas colunas.

Redator, Sr. A. Oliveira e diretor, Sr. A. Luís. Impressa nas oficinas de *A Cidade*.

A SEMANA (1ª) 138

Primeira das quatro até o presente publicadas. Apareceu a 29 de maio de 1910. O número 8, de 21 de julho, é o mais elevado de nossa coleção. Ao que parece, foi o último.

Redator-chefe, Sr. Maurício Pothier Monteiro; redator-secretário, Sr. Aníbal M. Machado; redator-gerente, Sr. E. Clark Júnior e, depois, Sr. João Nogueira de Almeida.

Formato de 31,5 x 23, quatro páginas e quatro colunas. Rigorosa feição material nos números constantes de nosso fichário.

Edições da Tipografia Mineira, à Avenida Afonso Pena, 1052.
Jornal bem-redigido e de variada leitura.

BOLETIM MENSAL DE ESTATISTICA DEMOGRAPHO-SANITÁRIA 139

Publicação oficial da Diretoria de Higiene e cuja finalidade está implicitamente declarada no título.
Saiu o primeiro número em junho de 1910. Conhecemos apenas até o número 4, de abril de 1913, ano IV.
Formato de 32 x 21, quatro páginas e coluna aberta. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

FOLHA DO DIA (1º) 140

A 3 de setembro de 1910, saía o primeiro número e não sabemos até quando se publicou. O último de nossa coleção é o 58, de 19 de novembro de 1911. E só até ele falaremos.
Formato de 38 x 25, quatro páginas e três colunas nos primeiros números e quatro nos restantes. O cabeçalho foi mais ou menos o mesmo, mas no fim da publicação apresentou outro tipo do título.
Impressa inicialmente na Tipografia Mineira, à Avenida Afonso Pena, 1052, e depois nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 2.000 exemplares.
Dirigida do princípio ao fim pelo Sr. Fernando Soares Brandão. Exerceu o lugar de redator-secretário, por limitado tempo, o Sr. J. Lopes Sobrinho.
"Nosso Rumo" foi o título do artigo-programa, do qual transcrevemos este trecho:

> *Estaremos ao lado do povo e de todas as necessidades que visem o engrandecimento de Minas e o bem-estar da República, o que tanto vale afirmar que apoiamos a presente situação política que dirige o nosso Estado.*

Mesmo não sendo essencialmente política, esta folha apoiava incondicionalmente o Governo, como suas colunas atestam.
Redação à Rua dos Timbiras, 1545.
Folha do Dia era de publicação... *bissemanal!*

NOVO HORIZONTE 141

Novo Horizonte foi uma revista digna de aplausos, por representar extremo esforço de seus fundadores.
Fundada pelo gênio artístico de Manuel Pena, secundado por Azeredo Neto, não logrou vencer, porque o meio não ajudou nem estimulou. Infelizmente é essa a regra geral de nosso periodismo, que não admite exceções.

Sobejas vezes temos isso afirmado no curso destas notas. Para mais corroborar nossas asserções, aqui vai o que disse o próprio *Novo Horizonte*, no Expediente do primeiro número:

> *Certos de que o* Novo Horizonte *será publicado ao menos um ano, visto como a maior dificuldade na confecção do mesmo é vencida por aqueles que, se achando à sua frente, também se encarregam de toda parte material, solicitamos do povo o seu auxílio para esta publicação.*

Como vimos, os fundadores da nova revista iniciavam sua publicação já temerosos e sem esperança de êxito. E tinham razão, porque esta terra não presta para iniciativas desta ordem.

Contentavam-se eles ao menos com um ano de existência. Pois nem essa mínima pretensão alcançaram... Assim, não vale a pena repisar mais em tão ingrato assunto.

Novo Horizonte deu o primeiro número a 7 de setembro de 1910 e se publicou mensalmente até janeiro seguinte, dando portanto cinco números.

Formato de 22 x 14, 16 páginas sem numeração e duas colunas.

O mesmo tipo de capa em todos os números, só variando o centro ornado com retratos de eminentes políticos de época. O cabeçalho da capa era reproduzido na parte interna e representava vasto horizonte, tendo ao fundo o perfil de uma serra.

Direção e oficinas à Avenida Paraná, 166. Supomos que essas oficinas se destinavam exclusivamente ao serviço de gravuras, porquanto a impressão se fazia nas oficinas da Imprensa Oficial, como consta do número 2.

Novo Horizonte honrou sobremodo nosso meio. Produto exclusivo de ingentes esforços de seus fundadores, marcou uma nova era em nossa Imprensa ilustrada, principalmente porque todo trabalho de gravura era executado pelo saudoso Professor Manuel Pena, que se revelou exímio artista.

O texto de muita atração, pela variedade e pela escolha. Um pouco de tudo nele se encontrava: literatura, humorismo, crônicas, seção charadística, enfim, matéria para todos os paladares.

Entregue, como estava, a dois competentes profissionais do jornalismo, não podia esta revista ter projeção diversa da que teve.

Azeredo Neto faleceu nesta Capital, a 12 de julho de 1946. Dedicado às lides da imprensa desde a adolescência, em Sabará, tornou-se depois o jornalista de todos nós conhecido, sendo sempre abnegado e sincero batalhador

em prol das causas elevadas e humanas. Seu feitio só se inclinava para o bem e para a concórdia. As crônicas que brotavam de sua pena ressumbravam somente doçura e paz. Jamais se exaltou, somente para profligar o descaso pelas coisas de nosso passado ou a mutilação de nossas relíquias históricas. Mesmo assim, sua exaltação era nobre, envolvendo conceitos superiores, conduzidos num terreno de perfeita elevação moral.

Foram, assim, bem justas e merecidas as homenagens tributadas à sua memória pelos nossos órgãos de publicidade, naquela triste data, que cobriu de crepe não só a Imprensa local como também a de outros pontos do País, em que sua personalidade era conhecida através de suas festejadas colaborações.

A VIDA MINEIRA 142

Literatura, comércio, indústria e agricultura, todos esses ramos de atividade humana estavam representados em bela alegoria na capa, trabalho do hábil e competente arquiteto, o saudoso Luís Oliviéri.

A Vida Mineira iniciou sua vida no mesmo dia em que a anterior revista, isto é, a 7 de setembro de 1910.

Diretor, Sr. Raimundo Porto até o número 4. Não conhecemos o número 5, mas o número 6 está assinalado com a direção do Sr. Augusto de Lima Júnior.

Não obtivemos informação segura da data em que deixou de circular. Em fevereiro de 1912, porém, ainda se publicava, como se lê no *Estado de Minas*, de 18, noticiando o aparecimento do número 10.

Publicação: duas vezes por mês, em dias indeterminados. Isso o prometido, mas não cumprido.

Formato de 24 x 17; 20 a 30 páginas sem numeração e duas colunas.

Impressão da Tipografia Beltrão & Cia.

Capa e cabeçalho interno sem alteração.

Gerência do Sr. J. A. Barros e colaboração fotográfica e artística do Sr. O. Belém.

Redação e administração à Rua da Bahia, 1025, depois 1022, e mais tarde à Avenida Amazonas, 365.

Expondo seu programa, disse, entre outras coisas, o seguinte:

> *A nossa revista será o veículo que há de levar ao mundo literário, comercial e agrícola o produto dos nossos esforços e da nossa dedicação...* A Vida Mineira *é uma pequena enciclopédia e é por isso*

que, ao lado de uma página de literatura, agricultura ou comércio, tratará de um acontecimento político, sem, contudo, ferir a sensibilidade de quem quer que seja.

Profusamente ilustrada com retratos de políticos, era colaborada por brilhantes penas, como esta lista informa: Da Costa e Silva, D. Vera de Lima, Raimundo Porto, Antônio Sales, Carlos Góes, Lincoln Prates, Alphonsus de Guimaraens, com quatro belas poesias inéditas; Francisco Campos, Gastão Itabirano, Aldo Delfino, Batista Brasil, Franklin Magalhães, Augusto de Lima Júnior, Dario Leite de Barros, etc.

O que aí fica, mostra claramente o valor da revista.

QUASI!... 143

Semanário noticioso e humorístico, cujo aparecimento se verificou a 11 de setembro de 1910. Foram publicados 18 números, sendo o último a 15 de janeiro do ano seguinte.

Formato de 27,5 x 19, quatro páginas e três colunas. Impresso na Tipografia Brasil, à Rua da Bahia, 340, com a tiragem de 800 a 1.000 exemplares.

Usou três cabeçalhos: do número 1, do número 2 ao 13 e do número 14 ao 18. Mais original e interessante o segundo, que representava um indivíduo dentro da letra inicial do título, empunhando um chicote e vergastando, impiedosamente, dois cidadãos encasacados, que fugiam em desabalada carreira, deixando cair as lustrosas cartolas. Este cabeçalho era gravado.

Quasi!... teve como redatores os Srs. Gastão Itabirano, Da Costa e Silva, Bernardo Guimarães Filho e Silva Guimarães. Pouco antes de cessar a publicação, retiraram-se da redação os Srs. Da Costa e Silva e Silva Guimarães.

Jornal de aspecto elegante e impresso em ótimo papel.

Quasi!... não foi quase e sim integralmente o jornal humorístico que melhor encarnou esse gênero de publicação em nossa Imprensa até o presente, se bem que, muitas vezes, de modo irreverente ao glosar certos fatos e acontecimentos.

ROMA 144

Quinto jornal escrito em italiano.

Saiu o primeiro número a 20 de setembro de 1910, dia do aniversário da unificação da Itália.

Foi fundado em virtude de deliberação tomada em uma reunião realizada pela colônia italiana, a 11, na sede da Società Italiana de Beneficenza. De dirigi-lo foi encarregado o Dr. Alfonso Salimei.

Publicação semanal anunciada, mas sem nenhuma regularidade.

Grande formato, 45,5 x 32, quatro páginas e outras tantas colunas. Cabeçalho uniforme.

Impresso na Tipografia Comercial, à Rua dos Tupinambás, 650, com a tiragem de 200 exemplares.

Redação à Rua do Espírito Santo, 278, e administração à Rua da Bahia, 1044.

Sabemos que pouca duração teve, mas não podemos precisar a época de seu desaparecimento.

Pela origem de sua criação, é claro que só interessava à colônia italiana.

UNIÃO POPULAR 145

Boletim oficial do Centro da União Popular e Comissão Permanente dos Congressos Católicos do Estado.

Por mais que fizéssemos, não conseguimos saber a data do primeiro número desta publicação.

O número 3 é de outubro e o 4, de dezembro de 1910, ambos em formato de jornal, o primeiro com 32 x 22 e o segundo com 37 x 25, quatro páginas e três colunas. Cabeçalhos completamente iguais, menos as letras do título.

Impressos na Tipografia Comercial, à Rua dos Tupinambás, 650.

O número 1, ano II, de outubro de 1911, e os números 1 e 2, ano III, de janeiro e abril de 1920, adotaram o feitio de revista. Foram impressos o primeiro na tipografia já citada, nessa data à Avenida Afonso Pena, 768; o segundo na Tipografia Oliveira & Costa e o terceiro nas oficinas da Imprensa Oficial.

Direção do Sr. Campos do Amaral.

O COMMERCIO (1º) 146

Primeiro do título.

Propriedade de uma sociedade anônima e direção do Dr. Vicente Racioppi.

Em 19 de outubro de 1910, publicou o primeiro número. Não conhecemos edição alguma posterior à do número 8, de 5 de dezembro.

Publicação semanal, às segundas-feiras e, depois, aos domingos.

Feição material e cabeçalho sem qualquer alteração. Formato de 37,5 x 25,5, quatro páginas e três colunas. Impressão da Tipografia Comercial, à Rua dos Tupinambás, 650.

Redação à Rua Curitiba, 559, e em seguida à Avenida Afonso Pena, 575.

"Nosso Rumo" foi o título do artigo de apresentação. Dele destacamos estes tópicos:

> *Cumprindo a velha praxe jornalística, apresentamos ao público a nossa credencial. Nenhuma promessa impraticável, nem espalhafatosa apresentação. O nosso jornal bater-se-á pela realização das aspirações do povo, pela defesa robusta de seus interesses, pela prática da sã democracia, pelo respeito à ordem. Cuidará das necessidades materiais da nossa* urbs *e, defendendo os interesses do povo em geral, tratará em especial dos que se prendem diretamente ao comércio. Sem preocupações de partidarismo de espécie alguma,* O Commercio *agirá só de acordo com as inspirações de seu patriotismo.*

O Commercio foi um jornal bem-feito, variado e bem escrito.

CORREIO DAS LOCAES 147

Direção do Sr. Heraldo Barreto, que anteriormente fundou e dirigiu *A Justiça.*

Publicação iniciada a 6 de dezembro de 1910 e não sabemos quando terminada.

Formato de 33 x 21,5, quatro páginas e quatro colunas. Cabeçalho igual nos números que possuímos, salvo o do número 4, que diferiu dos outros.

Edições semanais, com a tiragem de 500 exemplares.

Desta forma se manifestou em certo ponto do editorial do primeiro número:

> *Correio das Locaes não promete nada, não receando não poder cumprir o prometido, senão pela certeza que tem de não lhe acreditarem os leitores, desiludidos que andam por esses canalhas, jornalistas mercantes.*

Já nos temos referido abundantes vezes à violência de linguagem empregada por certos jornais do passado. Este, por exemplo, em o número 5, estampou um artigo vasado em termos os mais injuriosos possíveis e com a incrível epígrafe — "Ministro Gatuno!..."

O alvo dessa condenável publicação foi um grande mineiro carregado de serviços à Pátria e que muito brilho deu a todos os postos que exerceu, inclusive e especialmente o de Ministro, que pouco antes deixara.

Como se vê, a liberdade de Imprensa a serviço da difamação. Triste recordação de uma época!

O MONITOR ___ ___ ___ ___ 148

Órgão dedicado aos interesses da antiga Brigada Policial.

Três números apenas foram publicados, o inicial a 8 de janeiro de 1911 e o final a 22. Não passou, assim, de uma quinzena.

Foi seu diretor o Capitão Joviano de Melo.

A mesma disposição material em todas as edições. Formato de 40 x 27, quatro páginas e quatro colunas.

O primeiro número trouxe um suplemento, todo ocupado com o retrato do então Presidente do Estado, Sr. Júlio Bueno Brandão.

Impresso na Tipografia Mineira, à Avenida Afonso Pena, 1052.

Bom jornal, com abundante noticiário. Foi substituído pela *Revista Militar*, em seguida descrita.

REVISTA MILITAR ___ ___ ___ 149

Publicação quinzenal da Biblioteca Militar da Brigada Policial, que veio suceder a *O Monitor*.

O primeiro número é datado de 1º de fevereiro de 1911. Nossa coleção acusa somente até o número 18, de 15 de outubro. Além disso, tudo desconhecemos.

Teve como diretor o Tenente-Coronel Cristiano Alves Pinto, comandante da corporação; redator, Capitão Joviano de Melo, e redator-gerente, Tenente Getúlio da Fonseca. A partir do número 7, de 1º de maio, desligou-se da redação o Capitão Joviano de Melo, entrando como auxiliar o Alferes Otávio Campos do Amaral. Logo depois, retirou-se também o Tenente Getúlio da Fonseca.

Formato de 25 x 17,5, 12 páginas, em média, de numeração contínua e duas colunas.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, sendo publicada com rigorosa pontualidade, a 1º e 15 de cada mês.

Capa e cabeçalho interno perfeitamente iguais em todas as edições.

Como órgão de classe, foi esta revista uma das boas publicações editadas nesta capital.

JORNAL DO COMMERCIO 150

Mais uma tentativa frustrada, mais uma ilusão desfeita. Sim, porque este vespertino só fez circular três números, a 2, 7 e 16 de fevereiro de 1911.

Direção do Sr. Costa Júnior, que muitos outros jornais dirigiu anteriormente.

Grande formato, 47,5 x 32,5, quatro páginas e cinco colunas. O mesmo cabeçalho nos três números.

Serviço de impressão da Tipografia Comercial, à Avenida Afonso Pena, 678.

Entre outras coisas, assim falou no primeiro editorial:

> *O cunho característico de nossa folha, hoje saída à luz da publicidade, é a independência. É preciso, porém, considerar essa palavra na sua verdadeira acepção. Destas colunas falaremos sempre com isenção d'ânimo, imparcialmente, em defesa dos interesses públicos, maximè, sob o ponto de vista econômico.*

No último número avisou a suspensão da publicação, devido aos trabalhos de montagem de suas oficinas, com a promessa de reencetá-la diária, a 1º de março. Não cumpriu o prometido.

Jornal do Commercio não teve tempo para firmar-se, mas os poucos números apresentados foram todos muito bem lançados, índice seguro de uma boa carreira, cortada no início.

ILLUSTRAÇÃO MINEIRA (1ª) 151

Jamais vimos essa publicação. Só conhecemos a capa e isso mesmo em *fac-simile*, através do *Album de Minas*, organizado pelo Sr. Raimundo Alves Pinto.

A seu respeito aqui vai o que lemos no *Minas Gerais* de 7 de março de 1911:

> *Recebemos o primeiro número da* Illustração Mineira, *magnífica revista de literatura, arte, crítica, comércio, esporte e variedades, que acaba de aparecer nesta capital, sob a direção do nosso colega Raimundo Porto. Nesse número, além de várias vistas de Juiz de Fora, traz excelente artigos e versos.*

O referido *fac-simile* é do número 2, publicado a 4 de abril. Por ele se verifica que a revista era quinzenal e sua redação e administração instaladas à Avenida Afonso Pena, 768.

Sabemos que o número 4 foi distribuído em setembro, como noticiou a *Revista Militar*, no número 18, de 15 de outubro.

E nada mais.

REVISTA ACADEMICA 152

Revista de publicação muito espaçada e irregular, apesar de ter noticiado publicação mensal. Era órgão do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito.

Dada a diferença das edições, não é possível descrevê-las em conjunto, o que nos leva a tratá-las separadamente. Só a primeira foi numerada, pelo que trataremos as outras em relação ao ano de publicação.

— *Primeiro número*. Saiu a 13 de maio de 1911, com o formato de 19,5 x 12,5, 16 páginas sem numeração e coluna aberta. Impresso na Tipografia Moderna, à Rua dos Caetés, 556.

O editorial de apresentação, intitulado "Peristilum", é da lavra do então segundanista Francisco Luís da Silva Campos, que tão altos postos ocupou em nosso cenário político e cultural.

Colaboração dos Srs. Orozimbo Nonato da Silva, Waldemar Loureiro e Edgard de Oliveira Lima. Os Srs. Teixeira de Sales e Lincoln Prates também colaboraram, mas no terreno da poesia. A comissão de redação compôs-se exatamente desses colaboradores, menos o Sr. Orozimbo Nonato.

Em julho desse mesmo ano de 1911, jornais noticiaram a publicação de outro número, naturalmente o segundo.

— *Ano de 1913*. Publicada em maio e dirigida pelos Srs. Sandoval Soares de Azevedo, Nicolau Tolentino de Morais Navarro, Luís Franzen de Lima e Cisalpino de Sousa e Silva.

Formato reduzido para 18 x 11, 93 páginas e coluna aberta ou duas, conforme a necessidade da paginação.

Ilustrada com retratos de professores e alunos e contendo farta colaboração.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial.

— *Ano de 1918*. Em novembro foi distribuído mais um número, como noticiou a Imprensa.

Teve esta direção: Srs. José Correia Machado, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Franklin de Sales, Manuel de Oliveira e Milton Campos.

— *Ano de 1919*. Em 3 de outubro, o *Novo Horizonte* disse estar circulando outra edição.

— *Ano de 1921.* É de junho, trazendo na capa o retrato do Professor Saraiva.

Formato de 21,5 x 14,5, 32 páginas sem numeração e duas colunas.

Corpo de direção: diretor, Sr. Cícero de Castro Filho; gerente, Sr. Aguinaldo Costa; secretário, Sr. Mário Casasanta; redatores, Srs. Francisco Barbosa, Milton Campos, Fausto Alvim e Abgar Renault.

Graficamente, a melhor de todas. Editada, ao que parece, por Beltrão & Cia.

— *Ano de 1927.* Publicada a 11 de agosto, para comemorar o primeiro centenário da fundação dos cursos jurídicos no Brasil.

Grande formato, 26,5 x 19, 60 páginas e duas colunas. Não consta o local da impressão.

Comissão redatora: Srs. Gonçalo Rolemberg Leite, Pedro Machado de Sousa, Dario Délio Cardoso e Jair Negrão de Lima.

Excelente colaboração, não só de alunos como de eminentes mestres do Direito.

De 1927 para cá não tivemos qualquer notícia desta revista. É bem possível e até certo que no espaço entre um e outro dos números focalizados outro ou outros tenham sido publicados, mas nada conseguimos apurar.

BI-CENTENÁRIO DE OURO PRETO 153

Poliantéia comemorativa do bicentenário da fundação de Vila Rica, a antiga metrópole mineira, ocorrido a 8 de julho de 1911.

Devemos a organização de tão patriótica e oportuna publicação a dois ilustres e saudosos patrícios, o eminente Engenheiro Álvaro da Silveira e o poeta Mendes de Oliveira.

Não foi uma edição de luxo nem volumosa, muito ao contrário foi até bem modesta e simples em seu aspecto material, não comportando mais de seis páginas de 39 x 27, duas colunas na primeira e três nas outras.

Cada página, menos a última, estampou uma vista panorâmica da antiga capital.

Impressa em tinta azul, nas oficinas da Imprensa Oficial.

Nela colaboraram Afonso Arinos, Augusto de Brito, Álvaro da Silveira, Mendes de Oliveira, Olavo Bilac, Abílio Machado, Francisco de Paula Sousa, J. C. Gomes Ribeiro, Mário de Lima, Henrique Gorceix, o sábio fundador da Escola de Minas; Bernardo Aroeira, Lopes Neves, Cipriano de Carvalho, Carmo Gama e Manuel Bernardez.

A preciosa colaboração de Afonso Arinos trouxe o título "Atalaia Bandeirante", simbolizando a legendária Capela de S. João, que

do alto do morro do mesmo nome domina, através dos séculos, a vetusta e ancestral cidade. Belíssima página de recordações, em que seu ilustre autor, como romântico peregrino, passa em revista, com vigor e precisão e o colorido próprio da paisagem, os sítios tradicionais da velha Ouro Preto, testemunhas mudas dos notáveis fatos históricos desenrolados naquele vasto cenário, berço da civilização mineira.

Só quem conhece aquelas agrestes e encantadoras paragens pode julgar da fidelidade da narrativa. Essa enternecedora e evocativa página deve ser revivida, porque só a vimos reproduzida na *A Tarde*, de fevereiro de 1913.

As demais colaborações estão todas à altura do mérito de seus ilustres autores.

O ESTADO (1º) 154

Diário matutino de grande formato. Começou a circular no dia 23 de julho de 1911.

Segundo cremos, não passou de novembro de 1914. O número mais elevado de nossa coleção é o 917, de 8 de setembro daquele ano.

Inicialmente dirigido pelos Srs. Dr. Raul de Faria, Dr. Ernesto Cerqueira e Ramos César. Em novembro desligou-se da direção o Dr. Ernesto Cerqueira, o que antes já fizera o Sr. Ramos César. Em 26 de fevereiro de 1913, por sua vez, retirou-se o Dr. Raul de Faria, substituído pelos Srs. Dr. Pedro Carlos da Silva e Lindolfo Gomes.

Dois formatos foram usados, de 46,5 x 34 e 59 x 43,5, o maior até hoje adotado pelas folhas locais. Essa mudança operou-se com o número 125, de 17 de dezembro de 1911.

Quatro páginas, sem numeração no formato menor e numeradas no maior. Naquele, cinco colunas e neste, sete.

Vários cabeçalhos, mas o mesmo tipo do título.

A começar do número 461, de 27 de fevereiro de 1913, passou a ser vespertino, não se publicando aos domingos, como antes não saía às segundas-feiras. Apesar da mudança de horário de publicação, naquele dia circulou também pela manhã, pelo que apareceram duas edições, uma matutina e outra vespertina.

Redação e oficinas à Rua dos Timbiras, 1557.

"O Nosso Rumo", tal o título do artigo com que se apresentou. Nele disse:

> *Ao iniciarmos a publicação deste diário, não nos animam outros intuitos que não*

sejam — colaborarmos com sincero esforço para o engrandecimento da República e de Minas Gerais.

Escusado é dizer que não nos alheamos da política. Comentaremos os atos e os fatos de vida coletiva, apontando erros e verberando abusos; e, do mesmo modo, não regatearemos aplausos e encômios aos poderes constituídos, quando em nossas consciências os reputarmos na sua nobre tarefa de tornar feliz o povo, não lhes pouparemos censuras, desde que se afastem das boas normas.

Não obstante seu tamanho, não era farta a matéria da redação, que não ocupava mais de página e meia e, às vezes, menos. O resto era de matéria paga.

O Estado teve larga circulação, tanto local como no resto do Estado, por se tratar de um jornal que bem alcançou seu objetivo.

ESTADO DE MINAS (1º) 155

Deste título o primeiro. Hoje temos outro, o terceiro, em franca atividade. Anteriormente tivemos *O Estado de Minas*, descrito sob nº 82.

Quatro fases distintas teve este diário. Vamos enumerá-las cada uma de per si, para evitar confusões, certas se descritas englobadamente.

Primeira fase — Começou a 15 de novembro de 1911 e se estendeu até o número 117, de 25 de abril de 1912. Teve sempre como diretor-redator o ilustre jornalista Dr. José Viana Romanelli.

"À Guisa de Programa" foi o título do editorial de apresentação, do qual reproduzimos as palavras finais, que são a síntese de seu programa:

Enfim, para sintetizar a esfera de ação futura desta folha, podemos dizer que o nosso programa político-social é, mutatis *levemente* mutandis, *o programa político-social de Rui Barbosa, o glorioso apóstolo da Paz e do Direito, a personalidade máxima da Pátria, a figura por excelência dignificadora desta terra que ele procurou sempre nobilitar a golpes de gênio. Concluindo, teremos em mente os conselhos geniais de V. Hugo: Quereis grandes idéias e grandes cometimentos? Crede! Tende fé, fé religiosa, fé patriótica, fé literária — Crede na humanidade, no gênio, no futuro, em vós mesmos — A fé é salutar ao espírito — Não basta pensar. É necessário crer — Da fé e da convicção*

brotam os feitos nobres e as idéias sublimes.

Segunda fase — Finda a primeira fase, poucos dias esteve suspensa a publicação, pois a 1º de maio era iniciada a segunda, com o número 118. Esta se prolongou até 30 de dezembro do mesmo ano de 1912, com o número 321.

Propriedade de uma empresa, da qual faziam parte os Srs. Mendes de Oliveira, Claudiano Martins e Álvaro Brandão. A direção da folha coube ao primeiro, Sr. Mendes de Oliveira.

No artigo "Fase Nova" escreveu estas linhas:

Inteiramente afastados dos acampamentos partidários, onde em regra entram em conflito preferências de natureza pessoal, em vez de idéias altas e princípios gerais, o Estado de Minas *assume perante a opinião, o compromisso de ocupar a linha neutra da imparcialidade, na maneira de analisar os fatos e de observar as coisas. Não formaremos, portanto, ao lado dos que, abdicando da própria vontade, do próprio pensamento, que é a maior dignidade humana, se deixam desfibrar e corromper no bojo mole da subserviência. Não seremos também do número daqueles que, mal compreendendo a missão da Imprensa, fazem do jornal um pelourinho de atividade permanente. Entre os que bajulam com a consciência escravizada ao interesse e os que invectivam com a razão obscurecida pelo ódio, correm os contrafortes tranqüilos do raciocínio e da justiça, que são os pontos culminantes do sistema moral. É aí que procuraremos ficar, sem embargo dos maus ventos, que forcejam por arrastar para a planície chata as mais nobres aspirações.*

No último número disse que suspendia a publicação por poucos dias, por motivo de várias reformas. Só voltou, porém, em nova fase e com outra direção.

Terceira Fase — Cessada a publicação da segunda fase a 30 de dezembro de 1912, só quase cinco meses depois ressurgiu, a 23 de maio de 1913, com o número 322.

Assumiu a direção o Sr. Felipe Silviano Brandão, que já vinha da segunda fase, desde 5 de outubro. Também fizeram parte da redação os Srs. Edgard de Oliveira Lima, redator-secretário; Gudesteu de Sá Pires, Vicente Racioppi, Germano Rocha e Júlio

Ramos. Para aqui trasladamos algumas palavras do artigo de apresentação:

> *Continuando sem desfalecimentos a brilhante rota traçada já, quer quando recebia a orientação benéfica do seu ilustre fundador Dr. Viana Romanelli, quer sob a direção do vigoroso jornalista Mendes de Oliveira,* o Estado de Minas *não terá nenhum matiz político e nem refletirá opiniões contrárias aos alevantados interesses da coletividade. Órgão genuinamente imparcial e francamente adverso às nefastas ligações de partidarismo extremado, que tanto infelicitam as administrações, impedindo a ação patriótica e arruinando-lhes os mais nobilitantes programas de governo, não obedecerá a nenhum interesse individual, pugnando, ao contrário, pela grandeza de Minas Gerais, pela segurança de seu povo, tentando orientá-lo na defesa de suas causas, no triunfo de seus empreendimentos.*

Pouca duração teve esta fase, que se estendeu somente até 23 de outubro do mesmo ano de 1913. Passemos, agora, à quarta e última.

Quarta fase — Não houve solução de continuidade entre as duas fases finais. A 24 de outubro continuava o *Estado de Minas* a circular normalmente, sob a direção de seu fundador, Dr. José Viana Romanelli.

Como as anteriores, esta fase foi também efêmera, extinguindo-se a 29 de janeiro de 1915, com o número 777.

Infelizmente, desse período possuímos poucos exemplares, pelo que estamos privados da apresentação de detalhes.

Nesta derradeira etapa, teve o *Estado de Minas* a mesma orientação da primitiva. Filiou-se ao Partido Republicano Liberal.

O *Estado de Minas* usou quatro formatos, um em cada fase, mas pouco diferentes entre si: de 49 x 35 e 45,5 x 32,5. Na primeira fase trazia seis colunas e cinco nas outras. Um cabeçalho serviu às duas primeiras fases; as outras, cada uma teve o seu.

Redação e oficinas em todo o período de publicação à Avenida João Pinheiro, 211.

Não padece a mínima dúvida de que a vida do *Estado de Minas* foi das mais destacadas da nossa Imprensa. As fases extremas, dirigidas pelo denodado jornalista Dr. Viana Romanelli, muito se distinguiram pela vigorosa dialética e combatividade de seu ilustre

diretor, que sustentou agitadas lutas políticas de grande responsabilidade, delas se saindo sempre galhardamente.

A direção do Sr. Felipe Brandão não foi de política extremada, mas nem por isso deixou de ser também política.

Mendes de Oliveira dirigiu sua fase eqüidistante dos partidos, fazendo um jornal neutro e independente. Foi uma fase de raro brilho.

Em suma, o *Estado de Minas* elevou e honrou as tradições da Imprensa de Minas.

ALMANACK GUIA DE BELLO HORIZONTE 156

Incluímos esta publicação neste trabalho pela mesma razão por que o fizemos em relação ao *Almanack da Cidade de Minas*. Não há, pois, necessidade de nova explicação.

O título acima inscrito refere-se ao 2º volume. O primeiro saiu com o nome de *Guia de Bello Horizonte*.

Foram publicados dois volumes, em janeiro de 1912 e em janeiro de 1913, tendo o daquele ano como organizadores os Srs. Felipe Veras e Antônio Moreti e o deste apenas o Sr. Veras. Na coleção de obras raras da Biblioteca Pública Luís de Bessa existe, dos mesmos autores, um almanack de 1908.

Primeiro volume impresso na Empresa Minerva, à Rua da Bahia, 310, e o segundo na Tipografia Comercial.

Formato de 18 x 11.

Excelente publicação, contendo copiosas informações sobre a cidade, em todos os múltiplos e variados aspectos de sua vida coletiva. O segundo volume foi grandemente ilustrado.

A TARDE (1º) 157

A Tarde foi, talvez, o jornal que maior popularidade gozou em Belo Horizonte. Escrito em linguagem franca e tudo noticiando sem temor, com processos de reportagens bastante avançados para a época, sua tiragem era rapidamente consumida.

Contou quatro fases. A primeira, iniciada a 1º de março de 1912, teve como fundadores e diretores os Srs. Adeodato Pires e Ramos César, que pouco tempo permaneceram na direção, pois que em meados de abril se retiraram. Não sabemos quem os substituiu no curto período de sua ausência. Dissemos no curto período porque a 1º de maio retornavam a seus antigos postos. Pouco

tempo também neles se mantiveram, pois a partir do dia 5, novo diretor aparecia, o Sr. Costa Júnior. Mesmo assim, continuaram aqueles como redatores até o dia 10, quando se retiraram definitivamente.

Desta fase só conhecemos até o número 84, de 11 de junho. Pouco depois, suspendia a publicação.

Até 30 de abril, propriedade de uma empresa e, depois, do Sr. Carlos Vasconcelos.

Dois formatos: do número 1 ao 50 — 40,5 x 29 e quatro colunas; do número 51 até o final, 49 x 34 e cinco colunas. Cada formato teve o seu cabeçalho e o seu tipo de letra próprios, para o título. Redação e oficinas à Rua do Espírito Santo, 568, no primeiro mês de sua existência, e depois à Rua da Bahia, esquina de Tupinambás; finalmente, à Avenida João Pinheiro, 238.

Transcrevemos, abaixo, alguns tópicos do artigo com que se apresentou:

> *Preestabelecer a orientação de uma folha é desconhecer a caprichosa versatilidade humana, é limitar a sua missão a uma cruzada por algumas idéias ou interesses fragmentados, é traçar um círculo vicioso, é fugir à luta.*
>
> *Programas raro se cumprem... Fiquem eles para os jornais partidários.*
>
> *A nossa diretriz acompanhará as areias movediças dos fatos, as curvas sinuosas da evolução.*
>
> *Esforçando-se por dar aos leitores um jornal noticioso e leve, falaremos dos erros dos homens e das suas necessidades.*
>
> *A vastidão do nosso programa se reduz ao laconismo desta frase: Dizer a verdade, doa a quem doer.*

Segunda fase — A 13 de agosto do mesmo ano de 1912, ressurgia *A Tarde* em segunda fase, ainda orientada pelo Sr. Costa Júnior e com o formato aumentado para 58 x 43,5 e sete colunas. Iniciou nova numeração de ano e do jornal.

O Sr. Costa Júnior foi, em dezembro, substituído pelo Sr. Leopoldino de Oliveira, que em janeiro de 1913 cede o lugar ao ilustre jornalista Dr. Joaquim Francisco de Paula. O Sr. Leopoldino passou a exercer o lugar de secretário.

Após curta interrupção, reapareceu a 28 de agosto, trazendo no cabeçalho os mesmos nomes e mais o do Sr. Rufino Mota, mas todos três como redatores, sem funções privativas. Logo depois, a 9 de setembro, era

encerrada esta fase, com o número 302. O Sr. Abreu e Silva foi secretário de 23 de maio a 5 de setembro de 1912.

Redação e oficinas à Rua dos Carijós, 653.

Terceira fase — Surgiu em terceira fase a 21 de novembro de 1914, sob direção que ignoramos. Só conhecemos os números 3, 13 e 19, este com o formato de 49 x 34 e seis colunas e aqueles com o de 40,5 x 28 e cinco colunas. Redação e oficinas outra vez à Avenida João Pinheiro, 238.

Quarta fase — Esta a última, que teve começo a 1º de janeiro de 1916. Parece que não passou de meados de fevereiro de 1917.

Como diretor voltou o Dr. Joaquim Francisco de Paula, tendo como redator o Dr. Menton de Alencar e depois o Sr. Sandoval Campos.

Formato de 58 x 40,5 e seis colunas e no fim, 49 x 34 e cinco colunas. Redação no mesmo local da terceira fase.

Do número 51 da primeira fase até o último da última, conservou os mesmos caracteres tipográficos do título. *A Tarde* era de publicação diária, menos aos domingos.

PRIMEIRO DE MAIO 158

No dia de seu título, em 1912, foi distribuído o número único deste jornal, comemorativo da festa do Trabalho.

Grande formato, 55 x 39,5 e sete colunas. Impresso nas oficinas do *Diário de Minas* e publicado por iniciativa e sob os auspícios da Liga Operária Mineira. Farta colaboração, toda alusiva à efeméride comemorada.

A ASSISTENCIA 159

Revista da Assistência Judiciária Mendes Pimentel, da Faculdade Livre de Direito. Publicou dois números, em maio e junho de 1912, impressos na Tipografia Beltrão & Cia., com capas perfeitamente iguais e formato de 21,5 x 13,5, duas colunas ou coluna aberta.

A comissão de redação compôs-se dos Srs. C. Meireles Filho, J. Osvaldo de Araújo e João Tavares Correia Beraldo.

Redação e administração à Rua Piauí, 761.

Boa colaboração, sobre assuntos de Direito.

DIARIO DO CONGRESSO 160

Como apenso, o *Minas Gerais* de 23 de junho de 1912 iniciou a publicação do *Diario do Congresso*, destinado exclusivamente a estampar os trabalhos do Poder Legislativo.

Este útil empreendimento do Dr. Léon Roussoulières, diretor da Imprensa Oficial, recebido aliás com grande simpatia, não foi mantido por muito tempo, porque a 13 de dezembro de 1914 cessava esse apêndice do órgão oficial sua publicação, com o número 27, do ano terceiro.

Quantidade variável de páginas, de acordo com a natureza da publicação. Formato de 38,5 x 27 e quatro colunas.

Por ter paginação especial e numeração própria, não hesitamos em incluí-lo aqui como jornal distinto do *Minas Gerais*.

Ressurgiu a 18 de julho de 1928, mas não sabemos quanto tempo durou.

A NOITE 161

Este jornal despertou invulgar interesse em nossa população.

Devido às múltiplas transformações e modificações por que passou, vamos tratá-lo por partes, como já fizemos em relação a outros. Quatro foram suas fases.

Primeira fase — Iniciada a 28 de junho de 1912, tendo como diretor o Sr. Adeodato Pires e como gerente o Sr. José Dias Lana. Propriedade deste e do Sr. Carlos Vasconcelos, passando em fins de julho a pertencer apenas ao Sr. Lana. A partir do número 2, entrou para a redação o Sr. Oduvaldo Brant, que durante longo tempo trabalhou em *O Estado*.

"Em Campo", eis o título do artigo-programa. Não obstante pequeno, deixamos de transcrevê-lo na íntegra, dando somente estes trechos, bastantes para definir sua orientação:

> *Apenas para não fugirmos à praxe, já de há muito estabelecida, vamos dizer ao povo, em poucas palavras, qual vai ser a nossa ação no jornalismo mineiro.*
>
> *Preliminarmente afirmamos que não evoca esta folha nenhuma facção política, ou cousa que o valha, para comentar os fatos com a imparcialidade que convém a um órgão de opinião.*
>
> *Queremos tudo pelo direito e o defenderemos com todas as forças de nossa fé e com todo o estímulo de nossas puras intenções.*

Com o número 65, de 11 de setembro, encerrou a fase inicial. Em toda ela manteve rigorosamente o mesmo cabeçalho e o formato de 34 x 24,5, quatro páginas sem numeração e quatro colunas.

Redação e oficinas à Avenida Comércio, hoje Santos Dumont, 426.

Segunda fase — Seguindo a numeração da primeira, reapareceu poucos dias depois, a 16, com o número 66.

"Um Programa" foi o título do editorial. Por ele se verifica o feitio francamente político e de oposição aos governos federal e estadual, principalmente àquele.

De propriedade individual que era, passou o jornal ao domínio de uma empresa.

Adeodato Pires, redator da primeira fase, continuou também nesta, conjuntamente com estes novos elementos: Drs. Gudesteu de Sá Pires, Carlos Sá e Justino Carneiro. A 4 e 7 de outubro, respectivamente, retiraram-se os Srs. Adeodato Pires e Gudesteu de Sá Pires. Conhecemos até o número 88, de 11 de outubro.

Parte material idêntica à da primeira fase, mas com o formato ligeiramente alterado para 36,5 x 26.

Redação e oficinas no mesmo local de início.

Terceira fase — Não precisamos, positivamente, a data do ressurgimento desta folha. Parece-nos, entretanto, que foi em meados de março de 1915.

Deste período de publicação nada podemos adiantar por possuirmos apenas os números 99 e 102, aquele de 1º e este de 6 de julho. Foi iniciada nova numeração, tanto do ano de publicidade como das edições. Outro cabeçalho, formato de 40,5 x 28 e cinco colunas.

Redação e oficinas à Rua dos Caetés, 364.

Quarta fase — Desta fase o jornal de numeração mais baixa que consta de nosso fichário é o 14, de 5 de novembro do mesmo ano de 1915. Considerando que se publicava diariamente, menos aos domingos, presume-se que o primeiro número tenha saído a 21 de outubro, se é que foi regular a publicação. Como na terceira fase, começou nova numeração do ano e da folha. Não sabemos se foi além do número 176, de 26 de maio de 1916, o último de nossa coleção.

Até 8 de janeiro desse ano, esteve sob a direção dos Srs. José Bouças e Adeodato Pires, e daí por diante dos Srs. Vicente Badenes e Gustavo Erse.

No princípio, o tipo do título era igual ao da fase anterior, adotando depois outro modelo e novo cabeçalho. Formato, o mesmo da terceira fase.

Redação à Rua dos Caetés, 365, e depois à Avenida Afonso Pena, 515. Oficinas à Rua dos Caetés, no número assinalado.

REVISTA DE MINAS (2ª) 162

Revista literária, humorística e de interesses gerais. O primeiro número foi publicado a 7 de agosto de 1912, o segundo a 31 e o terceiro a 20 de outubro, únicos de que temos conhecimento.

Publicação quinzenal e impressão da Tipografia Beltrão & Cia Itabirano. Número variável de páginas, com formato de 23 x 15 e duas colunas.

Dirigida pelos Srs. José Osvaldo de Araújo, Gastão Itabirano, Teixeira de Sales e Da Costa e Silva.

Um modelo de capa para cada número, mas com o mesmo cabeçalho.

Para mais uma vez corroborar o que temos dito a respeito em diferentes partes deste trabalho, não há como transcrever o que disse esta revista no número 1 e sob o título "Duas Palavras em Muitas...":

> *A* Revista de Minas *tem também o seu programa. Aparece como uma tentativa, na esperança de arrancar a caveira de burro que pesa sobre o destino das publicações deste gênero.*

Infelizmente, tal caveira ainda não foi arrancada; parece, até, que cada vez mais se aprofunda pelo solo adentro. É o que temos visto. As melhores intenções fracassam fragorosamente. Ninguém que tente exumar a caveira fatídica. Ela é que tem inumado belas iniciativas.

Revista de Minas foi uma ótima publicação e muito bem colaborada. Trazia bom serviço fotográfico e interessantes gravuras humorísticas.

A VIDA MUTUA 163

Órgão de propaganda da Sociedade Cooperativa Beneficente e de Crédito Popular "A Vida Mútua".

Número único a 15 de agosto de 1912. Diretor, Dr. A. Teixeira Duarte e secretário, Dr. J. Júlio Soares.

Impresso na Tipografia Empresa Minerva, à Rua da Bahia, 310, com distribuição gratuita e formato de 22 x 14, 16 páginas e duas colunas. Variada colaboração sobre diferentes assuntos.

VIS UNITA 164

Boletim de Vis Unita, sociedade de auxílio mútuos, fundada pelos empregados federais

e da qual era presidente o Dr. Francisco Brant, na ocasião administrador dos Correios. Só deu um número, a 31 de agosto de 1912, impresso na Tipografia Beltrão & Cia., em tinta azul, com o formato de 28 x 19, oito páginas e duas colunas.
Distribuição gratuita.

ANIMUS 165

Animus entrou na liça dos combates da Imprensa a 7 de setembro de 1912 e menos de três meses depois *desanimava*, com o número 7, de 2 de novembro. E foi pena seu desaparecimento, por se ter dele muito a esperar, à vista do valor dos números apresentados.
Periódico literário, noticioso e humorístico, dirigido pelos Srs. Narciso Lara de Araújo e Miranda Neto.
Publicação quinzenal e impressão das oficinas da Imprensa Oficial. Formato de 36,5 x 27, quatro páginas e quatro colunas.
O primeiro número, ilustrado com o retrato do saudoso literato e filólogo Dr. Carlos Góes, teve um cabeçalho e os restantes outro. O título daquele número era composto de caracteres tipográficos comuns e o dos outros, gravado em letras estilizadas, aliás, bem artístico.
Labor omnia vincit — a legenda usada.
Animus teve boa e escolhida colaboração.
Redação à Rua da Bahia, 1055.

CORREIO DA NOITE 166

A 19 de setembro de 1912, aparecia o primeiro número deste jornal, do qual foi diretor o Sr. J. Americano B. de Moura. A 30, interrompeu a publicação com o número 10, restabelecendo-a a 21 de dezembro seguinte. Nessa data entrou como redator o Sr. Heraldo Barreto, que pouco tempo se conservou no cargo.
Não conhecemos outro número além do 40, de 14 de fevereiro de 1913.
Publicação diária, menos aos domingos.
Formato de 34 x 25 e quatro colunas até o número 10; depois 38 x 28 e cinco colunas e, finalmente, 32 x 24 e quatro colunas. Até o citado número 10 um cabeçalho e daí para a frente vários, mas todos com o título de um só tipo.
Redação à Rua do Espírito Santo, 1229, e oficinas à mesma rua, 1041. Posteriormente, ficaram estas duas seções unidas, ainda à mesma rua, 1262.

A TRIBUNA (1ª) 167

Diário vespertino, de propriedade do Sr. J. Dias Lana e direção do Sr. Adeodato Pires. O Sr. Vicente Racioppi exerceu o lugar de secretário no primeiro mês de publicação.

Órgão político independente.

Em meados de janeiro de 1913, passou à propriedade de uma empresa, declarando no cabeçalho — *Nova fase*. Ignoramos se continuou com a mesma direção.

Publicou 92 números, sendo o primeiro a 22 de outubro de 1912 e o último a 23 de abril de 1913, um semestre justo. Não circulava aos domingos.

Formato de 37 x 26, quatro páginas sem numeração e quatro colunas. Cabeçalho com alterações pouco sensíveis, mas sempre com o mesmo tipo de título.

Redação e oficinas à Avenida do Comércio, 426.

O TEMPO 168

Sob a direção do Sr. Porfírio Camelo, surgiu o primeiro número deste jornal a 24 de outubro de 1912. Ignoramos quando deixou de circular.

Formato de 40,5 x 28,5, quatro páginas, cinco colunas e o mesmo cabeçalho nas edições que possuímos.

A velha usança do artigo de fundo foi aqui abolida. Não trouxe programa nem coisa semelhante. Entrou sem dizer a que vinha, a não ser o que constava no cabeçalho: Diário independente, noticioso e político.

Redação e oficinas à Rua do Espírito Santo, 370.

A MUTUARIA 169

As célebres *mútuas*, que avassalaram o País em todos os quadrantes, muito contribuíram para o aumento excessivo de jornais, pois cada um contava com seu órgão de propaganda. Já descrevemos dois e vamos agora tratar deste, de propriedade da Mutuária Amparo das Famílias.

A Mutuaria teve como diretor o Dr. Nogueira de Sá e como redator o Sr. Marçal Benigno, até certa data.

O primeiro número saiu a 15 de janeiro de 1913 e o sétimo, último de nossa coleção, a 15 de abril seguinte.

Publicação quinzenal e colaboração de diversos.

Formato de 40,5 x 26, quatro páginas sem numeração, quatro colunas, tiragem de 5.000 exemplares e cabeçalho inalterado.

Editor, Sr. José Maria do Espírito Santo, com oficinas à Avenida Afonso Pena, 768.

O MOMO 170

Terça-feira, 4 de fevereiro de 1913, no delírio da festa excepcionalmente brasileira, o Carnaval, era o deus Momo honrado com seu homônimo... de papel, *O Momo, órgão de todos e de ninguém*, que tinha como *diretor, Dr. Barbudo sem nome* e como *gerente — Coronel Ignoto*. Propriedade da *empresa dos Pinga, Miséria & Cia.* O ano e o número eram assim assinalados: *Número 1 sem continuação — Ano da Desgraça.*

No expediente declarou:

> O Momo *publica todos os dias, devendo sair só hoje — A direção responsabiliza o Presidente do Estado e o Prefeito pelos artigos aqui publicados.*

Impresso em papel de cor, ao que parece nas oficinas da Imprensa Oficial. Formato de 33,5 x 20,5, quatro páginas sem numeração e três colunas.

A ILLUSTRAÇÃO MINEIRA 171

Com exclusão do artigo, já tivemos uma revista com este nome. Está registrada sob o número 151.

A *Illustração Mineira* foi uma bela publicação, de excelente feitura. Não podemos dizer que honrou nossas oficinas gráficas, porque foi feita no Rio de Janeiro, na Casa Pimenta de Melo & Cia., à Rua Sachet, 34.

Propriedade da D'Ávila & Cia., Sociedade composta dos Srs. Celso D'Ávila, Amaro Drummond e Francisco Alevato.

Só publicou um número, datado de 1º de março de 1913. Formato de 31,5 x 22,5, 16 páginas e três colunas.

O corpo de colaboradores, citado na capa, era representado por altos expoentes da literatura e da política.

Saiu ilustrada com finas gravuras, todas de edifícios públicos e paisagens da Capital.

Notamos a colaboração de Costa Rego, Aldo Delfino, D'Ávila Cordeiro, Venceslau de Morais, Ramos César, Osório Dutra, Mário Bhering e Carlos Góes.

A CAPITAL (4ª) 172

Quarto e, até agora, penúltimo jornal com este título.

Publicação iniciada a 5 de maio de 1913, sem o clássico e proverbial artigo de fundo.

Nos primeiros tempos apresentou-se como jornal político, simpático ao Governo estadual e infenso, não ao Governo Federal diretamente, mas ao General Pinheiro Machado, na ocasião o chefe supremo e absoluto da política nacional. A atitude desta folha em relação ao grande senador gaúcho pode ser definida só com estas palavras, escritas no primeiro número: "... o funesto e ensangüentado caudilho Pinheiro Machado, príncipe da Carniça, urubu-rei da República". Depois mudou de orientação, tornando-se imparcial.

Diário matutino, exceto no período decorrido de 13 de fevereiro a 16 de abril de 1914, no qual se transformou em vespertino. De 25 de maio desse ano em diante, saía também às segundas-feiras, o que jamais aconteceu a qualquer outra publicação local, porque, mesmo sem ser isso defeso, não era usual o trabalho aos domingos.

O número 156, de 27 de junho de 1914, é o mais elevado que consigna nosso fichário.

Teve vários diretores. Inicialmente, o Dr. Celso D'Ávila, depois o Sr. Amaro Drummond e depois ainda o Sr. Joaquim de Azevedo. No fim da publicação não constava do cabeçalho o nome do responsável. O Sr. Gastão Itabirano exerceu o lugar de redator na gestão do Dr. Celso D'Ávila.

Vários formatos: 36,5 x 26,5 — 48 x 33 — 46,5 x 32,5 — 49 x 32,5 e 54 x 38 e quatro colunas no primeiro, cinco no segundo e seis nos restantes. Sete foram os cabeçalhos e três as variedades dos tipos empregados no título.

Redação e oficinas à Rua da Bahia, 1012, e em seguida à Avenida Paraopeba, 244.

A Capital foi um jornal que bem cumpriu sua missão. Vasto noticiário, bom serviço telegráfico, correspondências, etc.

Com *A Tarde* teve algumas escaramuças, que não chegaram, porém, a degenerar em polêmica, como as que foram mantidas entre outros jornais e relatadas nos respectivos lugares.

A MARRÊTA 173

Tendo como redator-chefe o Dr. Aleixo Paraguassú, *A Marrêta* começou a *marretar* a 7 de junho de 1913. O segundo número saiu a 6 de julho e o terceiro e último a 22 de agosto.

Publicação mensal e impressão da Tipografia A Central, de Araújo, Irmão & Cia., situada à Rua do Espírito Santo, 328. Formato de 18,5

x 12, número variável de páginas e duas colunas.

Capas diferentes, um motivo para cada número. A do primeiro trouxe na base um escudo seguro pela mão direita de uma velha, que na esquerda sustentava a célebre marreta, cuja ponta do cabo era um lápis de desenho. Dentro desse escudo o lacônico e incisivo programa, nestes termos concebido:

> A Marrêta *é uma revista humorística, crítica, literária e política, que não depreciará o mérito nem exaltará as nulidades. Prefere o aniquilamento com independência à abastança pela subserviência.*

Um cabeçalho para a capa e outro para a folha-de-rosto. O desta representa um elegante cavalheiro de fraque e cartola, munido porém de enormíssimo e peludo rabo, atravessado sobre uma bigorna, e uma velha com cara de poucos amigos a marretá-lo, impiedosamente.

A Marrêta teve boa acolhida do público, por sua graça e espírito. Estampava diversas gravuras, muitas delas alusivas aos textos humorísticos.

Escritório e redação à Rua Guarani, esquina de Tupinambás.

O AEROPLANO 174

Órgão científico, literário e de propaganda comercial. Propriedade da Farmácia e Drogaria Neves, estabelecida à Rua dos Caetés, 673.

Só *voou* duas vezes, em junho e setembro de 1913.

Formato de 30,5 x 22, quatro páginas sem numeração e três colunas. Ambos os números com o mesmo cabeçalho e a mesma feição gráfica.

Impresso na Tipografia Progresso, do Sr. Carlos Masoti, à Rua do Espírito Santo, 225.

VITA 175

Vita foi uma revista de valor, por ter sido feita com arte e elegância. Copiosamente ilustrada com finas gravuras, que mais realçavam pela ótima qualidade do papel empregado na impressão, sempre executada nas oficinas da Imprensa Oficial.

Trazia por divisa *"Ecce verbis et civitatis VITA"*.

O primeiro número foi distribuído em julho de 1913. Apesar da grande aceitação que logrou obter de nosso meio social, não passou do número 17, datado de 7 de setembro de 1914. Foi mais uma para o rol das vítimas da fatalidade que pesa sobre nossa Imprensa.

Revista de arte e letras, consagrada à propaganda moral e material de Minas.

Do número 3 em diante passou de mensal a quinzenal.

Redação dos Srs. Columbano Duarte e Ramos César e direção artística do Sr. Luís de Soto, até o número 4; do número 5 ao 9, diretor, Dr. Ernesto Cerqueira. A contar do número 10, voltaram os primitivos redatores, Srs. Columbano Duarte e Ramos César, que se conservaram até o fim.

A mudança de direção provinha de mudança de propriedade. Foram proprietários, primeiro, os Srs. Luís de Soto e José A. da Fonseca; depois, só este último e, finalmente, os Srs. Celso Bueno Brandão e José Maximiano de Carvalho.

A parte artística estava entregue aos competentes artistas Luís de Soto, como diretor; J. Georgi, Salvador Soliva e Henrique den Dopper.

Formato de 20,5 x 13,5, média de 30 páginas sem numeração e duas colunas.

Cada edição trazia uma capa diferente, muitas delas desenhadas por algum dos artistas acima citados.

Três tipos de cabeçalho interno, um do número 1; outro dos números 2 e 11 a 17, e outro dos números 3 a 10.

Vita em sua primeira página ostentava uma seção permanente intitulada "Homens ao Leme", na qual descrevia a personalidade de patrícios ilustres e de representação nos diferentes setores da atividade humana das ciências, da política, das letras, das artes, da magistratura, do Direito, etc. O homenageado tinha sua efígie aí estampada.

Revistas iguais temos tido, mas não superiores. *Vita* foi uma publicação que honrou sobremodo nossos meios gráficos e culturais.

É um prazer manuseá-la. Quantas evocações desperta! De tudo se encontra em suas páginas: arte, literatura, sociais, humorismo, etc. Até hoje é ela lembrada com saudades.

Seleto o corpo de colaboradores. Entre outros, apontaremos Aurélio Pires, Abílio Machado, Hermes Fontes, Alphonsus de Guimaraens, Carlos Góes, Mendes de Oliveira, Osvaldo de Araújo, Mário Matos, Arduíno Bolivar, Gustavo Pena, José Eduardo da Fonseca, José Rangel, Belmiro Braga, Da Costa e Silva, Álvaro Viana, Aldo Delfino, Batista Brasil, Olímpio de Carvalho, Lincoln Prates, Bento Ernesto, E. Detalonde, Ariosto Palombo, etc.

Redação: Rua da Bahia, 463; Avenida João Pinheiro, 102 e Rua da Bahia, 981.

LOURDES 176

Revista mensal ilustrada, órgão da Associação de N. S. de Lourdes e do Círculo Católico Mineiro, isso o que a princípio constava do cabeçalho. Depois, só se lia — *revista mensal católica ilustrada.*

Fundada e dirigida pelos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, da Igreja de Lourdes.

A publicação teve início a 31 de julho de 1913, prolongando-se por dilatado tempo, até dezembro de 1939 — 26 anos. Foi esse o único e formal desmentido à má sorte que tem imperado sobre quase todas as nossas publicações. Não há regra sem exceção.

Até certa altura, manteve boa parte literária, na qual colaboravam alguns de nossos escritores. O Sr. Benedito Lopes foi redator, no período inicial.

Formato de 17 x 11, número variável de páginas e duas colunas ou coluna aberta. A numeração de páginas era contínua, por ano ou grupo de anos. Não havia uniformidade.

Inicialmente, impressa nas oficinas da Imprensa Oficial e depois em outras.

Capas e cabeçalhos os mais variados. As edições eram numeradas por ano; depois adotou-se numeração contínua.

Redação, primeiro, à Rua dos Aimorés, 1592, e posteriormente à Rua da Bahia, 1536.

Lourdes foi uma revista muito apreciada não só pelos católicos como também pelos amantes de boa e sadia leitura.

O COMMERCIO (2ª) 177

Segunda folha com este nome. Saiu a 10 de agosto de 1913, mas não sabemos quando desapareceu.

Publicação diária, menos às segundas-feiras, como de praxe.

Redatores-proprietários os Drs. Fábio Prevost Neri e Manuel Gomes Pereira.

Formato de 41,5 x 26,5, quatro páginas e cinco colunas. Cabeçalho com leves alterações.

Redação e oficinas à Rua do Espírito Santo, 576.

Finalizou desta forma seu artigo de apresentação, intitulado "Ao Povo":

> *A cada um o que é seu.* O Commercio *sintetiza o seu programa neste belo brocardo-civilizador e por ele se baterá sem temor e sem tréguas.*

CHRISTO REDEMPTOR 178

A 17 de agosto de 1913, domingo, distribuiu-se nesta capital uma poliantéia organizada

pelo Sr. J. Borges Fleming, em homenagem a Cristo Redentor, cuja imagem, naquele dia, foi colocada no salão do júri da comarca.

A primeira página foi integralmente ocupada com a fotogravura do belo crucifixo cuja entronização se efetuava.

Colaboraram nessa poliantéia os Srs. Aurélio Pires, Mário de Lima, Carlos Góes, Edgard de Oliveira Lima, Lindolfo Gomes, Horácio Guimarães, Amédée Péret, Azeredo Neto, Abílio Barreto, Fausto Ferraz, José Eduardo da Fonseca, João Borges Fleming, Emílio Loureiro e José do Patrocínio (transcrição).

A comissão promotora da homenagem compôs-se dos Srs. Coronel Antônio da Rocha Melo, João Borges Fleming e Manuel de Magalhães Penido.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 40 x 26,5, quatro páginas sem numeração e quatro colunas.

Na segunda página estampou um grupo fotográfico da referida comissão.

O RAIO X ____ ____ ____ 179

Órgão literário, científico, humorístico e noticioso.

Primeiro número a 20 de setembro de 1913, com o formato de 28 x 17,5, quatro páginas e três colunas.

Gerente, Sr. J. G. Machado.

Redação à Rua da Bahia, 280.

Nada mais conseguimos.

O PATROCINIO ____ ____ ____ 180

Mais um produto das famigeradas *mútuas*. Este advogava os interesses da Mutuária Cristã Brasileira, sociedade beneficente de pecúlios, com sede à Rua dos Carijós, 659.

O primeiro número foi publicado a 1º de novembro de 1913, o segundo a 16 e o terceiro a 1º de dezembro, únicos que conhecemos.

Formato de 31,5 x 22, quatro páginas sem numeração e três colunas.

A NOTICIA (3ª) ____ ____ ____ 181

Sob a direção dos Sr. Adeodato Pires, surgiu, a 24 de novembro de 1913, o terceiro jornal deste título, órgão exclusivamente popular e sem ligações partidárias.

Passado algum tempo, suspendeu a publicação, cujo restabelecimento se operou em meados de junho de 1914. Propriedade da empresa Vasconcelos & Pires.

Diário vespertino, não se publicando aos domingos. Ignoramos até quando circulou.
Da redação também faziam parte os Srs. Vicente Racioppi e Gastão Itabirano.
Nos primeiros números com o formato de 40 x 27, quatro páginas e cinco colunas, e em seguida com o de 50 x 32,5, quatro páginas e seis colunas. Um cabeçalho para cada formato.
Redação e oficinas à Avenida Amazonas, 442.
Por falta de elementos para melhor descrição, aqui ficamos.

YÁYÁ, ME DEIXA... 182

Jornal humorístico e de trepações.
Foi distribuído no Carnaval de 1914, dias 22 a 24 de fevereiro. À esquerda do título estampava a figura de rotunda preta baiana.
Impressão das oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 32,5 x 22, seis páginas sem numeração e quatro colunas.

O BEIJA FLOR 183

Conhecemos somente o primeiro número, que é de 19 de abril de 1914.
Propriedade de uma empresa, como está no título e dedicado ao belo sexo. Não declinou o nome do redator.
Publicação semanal, aos domingos, com o formato de 30 x 21,5, quatro páginas e quatro colunas.
Escrito à Rua Sabará, 70.

FOLHA ACADEMICA 184

Jornal dos interesses da classe e órgão do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito.
Diretores, Srs. Cisalpino de Sousa e Silva e N. T. de Morais Navarro; redator, Sr. Eugênio Detalonde.
Surgiu a 28 de abril de 1914 e até quando se publicou não sabemos.
Publicação quinzenal. Formato de 33 x 23, oito páginas sem numeração e quatro colunas.
Impressa na Tipografia Beltrão & Cia., à Rua do Espírito Santo.
O mesmo cabeçalho nos números de nosso conhecimento.
Cada número trazia na primeira página o retrato de um vulto de destaque do nosso meio cultural, tendo essa galeria a denominação "Os Mestres".
Redação à Rua dos Carijós, 718.
Jornal muito bem-feito e de variada colaboração.

O número 6, de 11 de agosto de 1914, saiu em formato de revista e com o nome de *Revista Academica*. Não significou isso alteração do formato nem mudança do título em caráter permanente. O fato assim se explica: a direção incluiu em seus planos publicar, nas grandes datas nacionais, um número especial do jornal, mas com aquelas variantes. Daí a publicação do número em apreço, na data do aniversário da fundação dos cursos jurídicos no Brasil.

Foi uma bela edição de luxo, ornada com os retratos do Conselheiro Afonso Pena, fundador da nossa Faculdade de Direito; Mendes Pimentel, diretor da mesma; Edmundo Lins, então Presidente do Tribunal da Relação; Estêvão Pinto, Afonso Pena Júnior e Heitor de Sousa, professores da Faculdade, e Aurélio Pires.

Trouxe o formato de 20 x 13,5, 28 páginas não-numeradas e duas colunas.

Farta e seleta colaboração.

Ignoramos se outros números saíram nas mesmas condições deste.

ZÁS-TRAZ! 185

Periódico humorístico e crítico. Lia-se no frontispício: *Cet animal est très méchant: quand on l'attaque il se défend.*

A 30 de abril de 1914, saiu o primeiro número. Os números que conhecemos são perfeitamente iguais: formato de 33 x 24, quatro páginas e quatro colunas.

Impresso na Tipografia Gibraltar, à Rua da Bahia, 916.

Em 13 de maio de 1915, reencetou a publicação, suspensa em data que não conseguimos apurar.

Direção dos Srs. Da Costa e Silva e Silva Guimarães.

Zás-Traz! foi um dos melhores jornais humorísticos aqui editados. Ele e o Quasi!... formam a dupla por excelência da nossa Imprensa humorística.

PEQUENO JORNAL 186

Diário vespertino, de interesse geral.

Encetou a publicação a 2 de maio de 1914, dizendo, entre outras coisas do artigo de frente, o seguinte:

> *Jornal de feição moderna, para leitura rápida, no curto itinerário do bonde, ou entre o café e a prosa, será o instantâneo da vida local, nos seus múltiplos aspectos, registrando a nota interessante do dia, com a maior dose possível de humor e ironia.*

Não consta do cabeçalho ou de qualquer outra parte do jornal o nome do redator ou redatores. Um deles seria o Sr. Osvaldo Araújo, que não chegou a sê-lo por se ter desligado da redação, antes mesmo da publicação do primeiro número, que noticiou a ocorrência. Não sabemos o tempo que durou.

Formato de 33 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas. Oficinas próprias, sem indicação do local. Cabeçalho igual em todas as edições que temos à vista, poucas, aliás.

Bem-redigido, com bom noticiário.

TRIBUNA D'OESTE 187

Órgão dos interesses da zona do Oeste de Minas, de direção dos Srs. Sandoval Campos, Lincoln Nogueira e F. de Areia Leão.

A publicação começou a 2 de maio de 1914, mas não sabemos até quando se prolongou.

Publicava-se aos sábados, com o formato de 47 x 30,5, quatro páginas e cinco colunas. Cabeçalho igual nas poucas edições que temos arquivadas.

Redação à Rua São Paulo, 585, e oficinas no número 379 da mesma rua.

Tribuna d'Oeste, além da parte especial a que se consagrara, estampava vasto noticiário local, sociais, etc.

A RENASCENÇA 188

Semanário independente, cujo primeiro número foi publicado a 3 de maio de 1914. Só conhecemos esse número e o 10, de 19 de julho. Ambos com o mesmo cabeçalho e a mesma feição material — formato de 38,5 x 27, quatro páginas e quatro colunas.

A direção estava a cargo dos Srs. Tomás Carneiro, *diretor*; Rodolfo Cavalcanti, *redator*, e redator-secretário, Sr. Alzir do Nascimento Torres.

Impressão da Tipografia Beltrão & Cia., em muito bom papel.

Texto variado e escolhido, sobre todos os assuntos.

DIARIO DA TARDE (2ª) 189

Segundo dos quatro jornais portadores deste título.

Poucos meses teve de duração, apenas três. Seguiu a regra geral, para não quebrar a tradição de que nesta terra o jornal não vinga mesmo.

Publicou-se de 8 de maio a 5 de agosto de 1914, editando 76 números. Propriedade do Sr. J. Dias Lana e redação do vibrante jornalista e republicano histórico, Engenheiro Antero de Magalhães.

Jornal de boa aparência material e muito bem impresso, media 50 x 33, trazendo quatro páginas sem numeração e cinco colunas. O cabeçalho não sofreu a mínima alteração.

Redação e oficinas à Avenida João Pinheiro, 238.

Folha política de grande projeção, filiou-se ao Partido Republicano Conservador, chefiado por Pinheiro Machado, sem, no entanto, ser órgão oficial do mesmo aqui, conforme explicou numa nota publicada em resposta a *O Paiz*, que, ao noticiar seu próximo aparecimento, o apresentara naquele caráter. Disse que sustentava e aplaudia sem hesitações e sem desfalecimentos a orientação do PRC, mas sem ter com ele laços de dependência material que o prendessem à sua direção.

Foram seus colaboradores efetivos os Srs. Drs. Francisco de Oliveira Catão, Joaquim Francisco de Paula, Joaquim Quirino Ferreira, acadêmico Djalma Andrade e outros.

Além da parte política, pouco mais publicava de interesse geral, pois só a primeira página era utilizada pela direção. As restantes se destinavam exclusivamente à matéria paga.

Foi esta, em breves traços, a vida do *Diario da Tarde*.

O PIMPOLHO 190

Periódico caricato, crítico e ilustrado, de propriedade de uma sociedade anônima.

Publicação quinzenal.

Primeiro número a 5 de junho de 1914. O número 10, o mais elevado de nossa coleção, é de outubro.

Formato de 20,5 x 14, 16 páginas sem numeração e duas colunas. Capas diferentes, ocupadas com assuntos humorísticos. O mesmo cabeçalho em todas as edições.

O título, composto de letras estilizadas e entrelaçadas, confunde e baralha a vista, tornando-se quase ilegível ao primeiro olhar. Só depois de bem fixado pode ser lido com clareza e entendido.

O Pimpolho era impresso em bom papel, estampando retratos de pessoas da nossa sociedade, além de gravuras humorísticas. Bem escrito e espirituoso.

Nem por vias indiretas conseguimos saber qual o diretor desta revista, que se "fechou em copas" neste particular.

Redação e oficinas à Avenida Afonso Pena, 371, e depois à Avenida do Comércio, 351.

O DEBATE (1º) 191

Não afirmamos, mas temos razões para crer que *O Debate* não passou de número de estréia, verificada a 17 de junho de 1914.

Diretores-redatores, Srs. Ariosto Palombo e Oscar de Oliveira Lima.

Formato de 38,5 x 27, quatro páginas e cinco colunas. Parece-nos ter sido impresso nas oficinas do *Diário de Minas*.

Redação à Rua Guarani, 70.

REVISTA COMMERCIAL 192

Órgão de propaganda das riquezas do Brasil e dedicado ao comércio, indústria, ciências, artes e agricultura.

Publicação mensal, mas sem regularidade.

O primeiro número foi dado à luz da publicidade a 30 de junho de 1914 e o 21º e último em fevereiro de 1917.

Os números 1 e 2 saíram sob a direção do Dr. João Carvalhais de Paiva e o número 3, sob a do Dr. José Álvares de Abreu e Silva. Em certo período, entre os números 5 e 11, foi dirigida pelo Sr. Ariosto Palombo.

Propriedade da Agência Mineira nos números 1 e 2; de Soares & Peres nos números 3 e 4; de Soares, Peres & Cia. nos números 5 a 11, e do 12 ao fim, do Sr. Egídio Soares Filho.

Formatos de 32 x 23, número de páginas variando de 24 a 40 e quatro colunas até o número 6, e 25 x 17, média de 50 páginas e duas colunas, do número 7 ao 21.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 10.000 exemplares, consoante sua afirmativa.

Capas de diferentes tipos, sendo as dos cinco primeiros números mais ou menos iguais.

No formato maior não mudou de cabeçalho; no menor estampou dois, um utilizado no início e no fim da publicação e outro no período intermediário.

Revista Commercial, no gênero, foi uma das mais destacadas publicações que temos possuído. Grande aceitação teve não só no Estado como fora dele. Manteve boa seção literária e de charadas. Muitas fotogravuras de assuntos subordinados ao texto ilustravam suas páginas.

A GAZETA (3ª) 193

Terceiro e penúltimo jornal assim intitulado. Terça-feira, 15 de setembro de 1914, era distribuído seu primeiro número. Durou até meados de fevereiro do ano seguinte.

Propriedade de Lopes & Lopes, Antônio Lopes de Vasconcelos e Alfeno Ferreira

Lopes. Faziam parte da Redação os Srs. Horácio Guimarães, Adeodato Pires e J. Fabrino.

Diário matutino, com o formato de 50 x 34, quatro páginas e cinco colunas. Cabeçalho sem alteração.

Administração e oficinas à Avenida Afonso Pena, 586.

Para não destoar do inveterado costume, manteve com *O Estado* forte polêmica.

A Gazeta teve boa aceitação por parte do público.

O DEMOCRATA 194

Órgão de propaganda dos clubes da Empresa Democrata, de propriedade de Ascendino & Cia. Não sabemos a data exata do primeiro número. Nem seu proprietário nos soube informar. Por aí verá o leitor as dificuldades que enfrentamos para rabiscar estes toscos apontamentos. Às vezes, meia dúzia de linhas aqui traçadas representam um esforço que não compensa, dada a natureza e pouca importância do jornal, mas, como todos devem ser descritos, não temos outro remédio senão conformar-nos. São os ossos do ofício.

A numeração do jornal era em algarismos romanos. Do cabeçalho só mudou o tipo do título no último número, ou seja o 6, de 15 de outubro de 1914. O primeiro número foi publicado em setembro, em dia por nós não sabido, como já dissemos.

Formato de 28 x 18, quatro páginas e três colunas, com a tiragem de 50.000 exemplares. Essa *piada* corre por conta da redação.

BOA VIAGEM 195

Nosso catálogo inscreve somente o número 1 deste jornal, datado de 6 de outubro de 1914.

Semanário imparcial, noticioso, literário e defensor dos interesses do povo.

Formato de 18 x 13, quatro páginas e duas colunas.

Gerente, Sr. Horácio Tertuliano.

Redação e oficinas à Rua Paraíba, 624.

IMPRENSA DE MINAS 196

Sob a direção do ilustre jornalista Dr. Fausto Ferraz, surgiu este matutino a 28 de outubro de 1914.

A 4 de janeiro seguinte, o Dr. Fausto Ferraz, por escrúpulos, passou temporariamente a direção do jornal ao seu companheiro de redação, Dr. Cavalcanti de Albuquerque, por se ter apresentado candidato a uma cadeira

de deputado federal pelo 5º Distrito Eleitoral.

Diário do comércio, da indústria e da agricultura, e propriedade da Empresa de Publicidade e Artes Gráficas. Não era publicado aos domingos.

Formato de 45 x 28,5, quatro páginas e cinco colunas. Um cabeçalho para os primeiros números e outro para os demais, mas todos com o mesmo tipo do título.

Ótimo jornal. O nome de seu ilustre diretor já era uma recomendação.

A FLORESTA 197

Começou a publicação como jornal e acabou como revista. Como jornal deu o primeiro número a 15 de novembro de 1914, tendo como redatores os Srs. Rafael Machado e Alcides Rosa.

Órgão dos interesses do bairro que lhe deu o nome. Foi o primeiro jornal suburbano aqui editado.

Os números 1 e 2 com o formato de 31 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas. O número 3, de 20 de dezembro, último que conhecemos, aumentou o formato para 38 x 27 e mais uma coluna. Um cabeçalho para cada formato.

Redação à Rua Pouso Alegre, 917.

No número 1 anunciou publicação quinzenal e no número 3, semanal.

A 14 de fevereiro de 1915, lançou o primeiro número como revista, com a mesma direção. Logo depois retirou-se o Sr. Alcides Rosa, que foi substituído pelo Sr. Renato Travassos. O número 5, de 4 de março, é o último de nossa coleção.

Formato de 20 x 13, número de páginas variável, sem numeração, e duas colunas. Cabeçalho uniforme.

Boa publicação, que continha muitas ilustrações e seções literária e noticiosa.

CRUZ VERMELHA 198

Órgão de propaganda da seção da Cruz Vermelha, anexa à União Espírita Mineira.

Número único, de distribuição gratuita, publicado a 25 de novembro de 1914. O título ostentava de cada lado uma cruz de Malta, tudo impresso em vermelho.

Do cabeçalho constava — *Deixai vir a mim as criancinhas* e *Fora da Caridade não há salvação.*

Formato de 42 x 28,5, quatro páginas e cinco colunas.

CORTA-JACA 199

Jornal humorístico, de publicação dominical. Trazia no cabeçalho: *Chorar é próprio de bezerros desmamados — Ponhamos a máscara do riso e... deixemos correr a inana*, as frases de cada lado do título.

Primeiro número a 29 de novembro de 1914. Só sabemos da existência desse número e do segundo, de 6 de dezembro.

Formato de 30 x 21,5, quatro páginas sem numeração, quatro colunas e o mesmo cabeçalho.

Propriedade de uma empresa, com escritório à Avenida Oiapoque, 68.

De nossos jornais humorísticos, é de justiça colocar-se este em plano mais elevado do que muitos outros, que de humorísticos só têm o rótulo.

POVO MINEIRO 200

Órgão popular, de redação e propriedade do Dr. José Falci, antigo advogado e magistrado, falecido em abril de 1946.

Publicou-se de 29 de novembro de 1914 a 17 de janeiro de 1915, dando seis números. Publicação semanal, com a tiragem de 1.000 exemplares. Formato de 28,5 x 20, quatro páginas e quatro colunas.

Redação e oficinas à Rua Cláudio Manuel, 602.

Jornal muito bem redigido e de segura orientação. Teve, infelizmente, vida efêmera, o que não constitui surpresa para quem tem acompanhado o desenvolvimento deste trabalho.

O MOMENTO (1º) 201

Diário vespertino de grande formato, que se publicou de 1º de janeiro de 1915 a 17 de julho seguinte, quando saiu o número 168.

Era rigorosamente diário. Para ele não havia domingos, feriados ou dias santificados. Circulava sem obedecer a quaisquer preconceitos religiosos ou históricos.

Formato de 50 x 33,5, quatro páginas e seis colunas, e o mesmo cabeçalho em todas as edições.

Era esta a sua direção: diretores, Drs. Gustavo Farnese e Ernesto Cerqueira; redator-secretário, Sr. Porfírio Camelo; redator, Sr. João Chaves; auxiliares de redação, Srs. Osvaldo Furst e Oduvaldo Brant.

Redação e oficinas à Avenida João Pinheiro, 328.

O Momento pode ser inscrito entre os jornais que melhor souberam elevar o nível de nos-

sa Imprensa. Foi uma publicação na qual tudo se encontrava.

Não fez o estirado artigo de fundo. Expôs, em breves linhas, seu programa. Inicialmente, disse:

> *Informar e comentar, com verdade e justiça, servindo aos interesses da República e de Minas — tal o programa com que* O Momento *surge entre os órgãos de publicidade desta capital.*

VIDA DE MINAS 202

Não confundir esta revista com *A Vida de Minas*, que daqui a pouco será descrita.

Vida de Minas nasceu a 1º de janeiro de 1915 e morreu a 15 de junho seguinte. Nem um semestre viveu! Apenas 12 números circularam.

Publicação quinzenal, rigorosamente obedecida.

Diretor, Sr. Cisalpino de Sousa e Silva, que contava com o seguinte corpo de colaboradores: Arduíno Bolivar, Abílio Machado, Aurélio Pires, Arcângelo Guimarães, Assis Viana, Abílio Barreto, Carlos Goes, Camilo Filho, Da Costa e Silva, Daniel de Carvalho, Ernesto Cerqueira, Eugênio Detalonde, Fernando Azevedo, Gastão Itabirano, Lúcio dos Santos, Lincoln Prates, Mário de Lima, Mendes de Oliveira, Mário de Azevedo, Noraldino Lima, Nicolau Navarro, Osvaldo de Araújo, Silva Guimarães e outros.

Propriedade dos Srs. Alfredo Jorge da Silva, Eusébio Cavalieri Soares e José Augusto de Oliveira, até o número 6 e do 7 em diante, apenas do primeiro.

Formato de 20 x 13,5, 40 a 50 páginas sem numeração e duas colunas. Não mudou de cabeçalho tanto da capa como da parte interna. Todas as capas de muito bom gosto, com retratos, vistas, fantasias, etc.

A primeira página era destinada à seção "Nomes em Foco", na qual se realçavam os principais traços da vida e obra de destacadas figuras da política, das letras, da ciência, etc. Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, em ótimo papel.

Vida de Minas foi um primor de arte e de texto. As melhores e mais oportunas colaborações: literatura, humorismo, crônicas, enfim, tudo tão bom como nas revistas de nossos dias.

A RONDA 203

Começou a *rondar* no dia 25 de janeiro de 1915. Curta, porém, foi a sua *ronda*, que

terminou logo depois, sem que precisemos a data.

Publicação bissemanal, às quartas-feiras e sábados. Órgão independente, de propriedade de uma empresa.

Formato de 34 x 26, quatro páginas sem numeração e quatro colunas. Cabeçalho inalterado.

Qual o diretor e local de impressão não conseguimos saber.

Redação à Rua dos Tupinambás, 1130.

A EPOCA (3ª) 204

Terceiro e penúltimo jornal assim intitulado. Este, porém, veio sem o "h", o que está de acordo com a atual ortografia. Antecipou os acontecimentos.

Saiu a 13 de fevereiro de 1915 e deixou de existir a 12 de agosto seguinte.

Redator proprietário, Sr. Levi Cerqueira.

Publicação bissemanal, com oficinas próprias, à Rua Itapecerica, 233.

Formato de 34 x 23, quatro páginas, sem numeração e quatro colunas.

Jornal noticioso e bem escrito.

TENENTES DO DIABO 205

Jornal carnavalesco, publicado nos anos de 1915, 1916, 1919, 1922, 1923 e 1924. Citamos apenas os de nosso conhecimento. Talvez outros tenham saído em anos intermediários, mas nada podemos adiantar a respeito.

Temos que descrever as edições separadamente, uma por uma, porque sua natureza assim o exige.

1915 — Distribuído de 14 a 15 de fevereiro, com o formato de 29 x 19, seis páginas e duas colunas.

No cabeçalho:

> *Assinatura: um conto e um canudo por ano — Redação, debaixo da pinguela do Saco, 2º andar térreo — Cair n'água é a função dos barbados — Ano não existe — Sem número — Órgão oficial sem farda, dos maludos e pintos pelados.*

1916 — Circulou de 5 a 7 de março. Cabeçalho idêntico ao de 1915, com esta pequena variante: *Redação, debaixo da pinguela do córrego do Leitão, 2º andar.* Formato de 27,5 x 16,5, quatro páginas e três colunas.

1919 — Datado de 2-4 de março, com o formato de 26,5 x 20,5, quatro páginas e quatro colunas.

Cabeçalho :

> *Assinaturas, um conto... do vigário por ano — Redação, debaixo da ponte, 2º*

andar, quarto do meio — Órgão oficial sem farda, dos maludos e pintos pelados — Quem não chora, não mama — Ano V — Número não existe.

Impresso na Tipografia Vitoria, à Rua dos Tupinambás, 527.

1922 — Cabeçalho:

Edição, 5.000 números — Assinaturas, um conto e um canudo — Redação, debaixo da ponte — Órgão oficial dos maludos carnavalescos — Quem não chora não mama — Evoé! Evoé! Evoé! — Ano 69 — Nº não há — Fevereiro de 1922.

Formato de 31 x 24,5, quatro páginas e quatro colunas.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

1923 — Formato de 34 x 24,5, quatro páginas e quatro colunas.

Cabeçalho idêntico ao anterior, com o acréscimo do seguinte: *Redator, Lord Garrafa — Camilo Ribeiro.* Ano 69 substituído por *ano não há.* Distribuído de 11 a 13 de fevereiro.

1924 — Redator, Camilo Ribeiro — Crítica e humorismo — Quem não chora não mama — Evoé! Evoé! Evoé! Redação no inferno — Assinatura, 10.000$000.

Distribuído de 2 a 4 de março.

Formato de 38,5 x 27, quatro páginas e quatro colunas.

O jornal carnavalesco foi e será sempre o mesmo em todos os tempos. Assim, nada de novo a falar sobre este.

DOMINGO 206

Domingo teve duas fases. A primeira, que adotou dois formatos, de jornal e revista, foi iniciada a 11 de abril de 1915. Em formato de jornal publicou 25 números, o último datado de 26 de setembro do mesmo ano. A 10 do mês seguinte, transformou-se em revista, com os números 26-27, em um só volume. Além desse, só conhecemos o número 32, de 14 de novembro.

Jornal com o formato de 31,5 x 21,5, oito páginas e quatro colunas, e revista com o de 20 x 13,5. A de número 26-27 com 70 páginas e a de número 32 com 8, todas elas sem numeração.

Tanto o jornal como a revista conservaram os respectivos cabeçalhos em todas as edições.

Diretor, Sr. Ramos Arantes e Redator, Sr. Eugênio Detalonde.

Colaboração selecionada, de elementos de destaque nas letras.

No formato de jornal trazia, à esquerda do cabeçalho, esta quadra do poeta boêmio B. Lopes.

Domingo. O Verde em baixo, o azul em cima,
E o cristal da manhã vibrando ao meio!
O sol parece um guizo de ouro, cheio
De alegria sonora de uma rima.

Ainda no mesmo formato, estampava na primeira página uma seção intitulada "Homens em Destaque", com o retrato do homenageado e breves traços de sua personalidade. Mendes Pimentel foi a primeira figura focalizada.

Impressão das oficinas da Imprensa Oficial. Redação à Rua Rio de Janeiro, 1140.

Segunda fase — A 1º de julho de 1917, ressurgiu em segunda fase, com o formato primitivo de jornal e com nova numeração da folha e do ano de publicidade. Formato de 41,5 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Ao alto do cabeçalho, os mesmos versos de B. Lopes.

Diretor proprietário, Sr. Ramos Arantes. Do número 4 ao número 9, exerceu as funções de redator o Sr. Moacir Andrade.

Nossa coleção pára no número 12, de 30 de setembro.

Impresso na oficinas de *A Nota*.

Domingo era crítico, humorístico, literário, recreativo, industrial e comercial.

A primeira fase foi farta em ilustrações sobre todos os assuntos, principalmente sociais. A segunda não era ilustrada. Publicação muito bem-feita e atraente. O corpo de colaboradores, nomeado no texto, compunha-se de brilhantes intelectuais.

Ramos Arantes, que bem sabia fazer jornal, foi um apaixonado amante da Imprensa, à qual sempre se dedicou com grande entusiasmo, espírito e alma.

Redação à Rua Rio Grande do Norte, 1135.

A NOTA (1ª) 207

Pouco diremos sobre esta publicação, por falta de elementos. Só conseguimos obter alguns exemplares e estes mesmos de numeração muito salteada. Coincidiu sua circulação com nossa ausência da Capital.

O número mais antigo que temos é o 8, de 7 de julho de 1915. Considerando que se publicava diariamente, menos aos domingos, de-se conjeturar tenha saído o primeiro ·ro a 25 de junho. Se não foi nesse dia, a diferença será pequena entre ele e a verdadeira data.

Quanto tempo durou não podemos também afirmar, pelo motivo exposto.

O número mais elevado de nosso arquivo é o 616, de 10 de outubro de 1918.

Direção dos Srs. Alcides Rosa, Sandoval Campos e Carlos Vasconcelos. De 6 de setembro a 28 de dezembro de 1916, fez também parte da redação o Sr. Ataliba Santos. O Sr. Adeodato Pires, por algum tempo, pertenceu ao corpo de redatores.

Usou cinco formatos, que variaram de 49 x 32,5 até 33 x 22, e quatro ou cinco colunas. Vários cabeçalhos e três tipos de letras do título.

Publicação vespertina até 5 de setembro de 1916, depois matutina e em seguida vespertina outra vez.

Redação e oficinas em diferentes pontos.

Boa circulação e bom noticiário, pois tinha uma reportagem bastante ativa. Com esta folha, Adeodato Pires encerrou sua brilhante e agitada carreira efetiva de jornalista. Foi ele quem mais jornais fundou nesta capital, como se pode verificar pela leitura deste trabalho. Grande espírito e grande lutador, sempre agiu com denodo e honestidade em prol das boas causas.

A 30 de novembro de 1953, morreu aqui esse mosqueteiro de nossa Imprensa, como, com acerto e felicidade, o denominou Moacir Andrade, em brilhante artigo publicado por ocasião de seu sentido passamento.

O BELLO HORIZONTE 208

Com o nome *Bello Horizonte* já tivemos duas publicações. Esta, porém, aditou ao título o artigo "o". Só lhe conhecemos os números 4 e 9, de 24 de julho e 2 de agosto de 1915, respectivamente.

"Jornal político e de assuntos vários", com o formato de 28,5 x 21,5, quatro páginas e quatro colunas.

Não trazia a menor indicação sobre a periodicidade, direção, oficina impressora, local da redação, etc.

A VIDA DE MINAS 209

Cessada a publicação de *Vida de Minas*, a 15 de junho de 1915, seu diretor, Sr. Cisalpino de Sousa e Silva, cuidou de fundar nova revista e exatamente um mês depois, a 15 de julho, lançava à publicidade o primeiro número de *A Vida de Minas*, nome igual ao da que deixara, acrescido apenas do artigo.

Esse fato gerou, na época, muita confusão, porque nem todos se aperceberam do desaparecimento da primeira publicação. Até hoje perduram os enganos oriundos da semelhança de títulos. Temos presenciado muita gente pretender uma dessas revistas e, ao alcançar seu desejo, verificar que obtivera justamente aquela que não lhe interessava.

A Vida de Minas viveu até 30 de setembro de 1916, quando fez circular o número 25. Publicava-se a 1º e 15 de cada mês. Saíram em um só volume os números 5 e 6, com a data de 30 de setembro de 1915, e 16 e 17, com a de 15 de abril de 1916.

Diretor, como já assinalamos, o Sr. Cisalpino de Sousa e Silva e redator, a partir do número 12, o Sr. Milton Prates. Posteriormente, entrou para a redação o Sr. Nicolau Navarro. O Sr. Djalma Andrade também fez parte da mesma até o número 4.

Formato de 20 x 14, número variável de páginas, sem numeração, e tantas colunas quantas necessárias à estética da paginação. Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial.

Cada número uma capa diferente, todas artisticamente ilustradas, muitas delas por elementos locais, que também assinavam belos cabeçalhos.

A Vida de Minas contava com a colaboração artística de Genesco, Francisco Rocha, José Neves, J. Péret, etc, que ornavam suas páginas com gravuras humorísticas e vistosas vinhetas.

Tanto a parte literária como a ilustrada eram dignas de encômios. Finas gravuras, especialmente de sociais.

A saliente posição que conquistou esta revista foi justa e merecida. Nela colaboraram Milton Prates, Camilo Filho, autor da crônica da quinzena; Noraldino Lima, Gastão Itabirano, A. Teixeira Duarte, Amédée Péret, Arcângelo Guimarães, Alphonsus de Guimaraens, José Severiano, Mário de Lima, Mendes de Oliveira, Assis Viana, Aurélio Pires, Wellington Brandão, Arnaldo Reis, Nilo Guerra, Teixeira de Sales, Caio de Melo Franco, Gilka Machado, Afonso Costa, etc.

Vita, Vida de Minas e A Vida de Minas formam a trindade soberana das revistas da idade média da Imprensa de Belo Horizonte.

Bem distanciadas estão pelo tempo, mas até hoje são lembradas com admiração, pelo muito que valeram.

O DIARIO (1º) 210

Vespertino imparcial, de direção dos Srs. Luís Ernesto de Cerqueira e Levi Cerqueira. Passado algum tempo retirou-se o primeiro. O Sr. Ariosto Palombo, o novo papa de Triângulo, desde o início também fez parte da redação, bem como o Sr. Leôncio Cerqueira, este na qualidade de auxiliar.

Primeiro número a 26 de julho de 1915. Não sabemos a data do último. Em dezembro, porém, ainda circulava.

Formato de 34,5 x 22,5, quatro páginas sem numeração e quatro colunas. De nossos exemplares notamos dois cabeçalhos diferentes.

Redação e oficinas à Rua São Paulo, 693, e depois *Caetés*, 569.

Jornal bem escrito e noticioso.

O CURIÓ 211

Só possuímos um exemplar deste minúsculo jornal, o número 22, ano 2º, nova fase, de 6 de agosto de 1916.

Segundo informação que oportunamente nos ministrou seu próprio redator, Sr. Leonam Pena, o primeiro número de *O Curió* saiu a 6 de outubro de 1915 e o número 27 e último, a 28 de agosto de 1916.

Formato de 10 x 7, quatro páginas sem numeração e duas colunas. Impresso na Tipografia Athene, à Avenida João Pinheiro, 205. Redação à Avenida Cristóvão Colombo, 316.

A REFORMA 212

A Reforma circulou sob a competente direção do Sr. Raul Henriot.

Revista mensal de distribuição gratuita, nos primeiros tempos.

Saíram 36 números, o primeiro a 1º de janeiro de 1916 e o último a 31 de março de 1919.

Até o número 28, de abril de 1918, era órgão da União Espírita Mineira, passando com o número 29, de 15 de agosto seguinte, a ser revista independente, literária e de propriedade de uma empresa anônima.

Formato de 21 x 14, 10 a 12 páginas e duas colunas. As páginas foram numeradas até o número 29, citado, e do número imediato para frente sem essa particularidade. As capas e cabeçalhos muito variaram.

Redação e administração à Rua Curitiba, 626.

Dentro do âmbito de seus ideais, cumpriu com galhardia a rota que a si própria traçara. Nos arraiais espíritas foi uma publicação que se impôs.

Em 1901 tivemos um jornal maçônico com este mesmo título.

O CHICOTE (1º) 213

Jornal humorístico e crítico, com o formato de 32,5 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas, aparecido no carnaval de 1916, no dia 7 de fevereiro.

Redação à Rua do Couro, 001, Tesourópolis.

FIERAMOSCA 214

Bissemanário dedicado aos interesses da colônia italiana no Estado de Minas e sexto jornal aqui editado em italiano.

Desviou-se algum tanto da regra geral, por ter conseguido varar heroicamente uma existência de mais de cinco anos, acontecimento digno de especial menção.

Publicação iniciada a 18 de março de 1916 e terminada a 12 de junho de 1921, com o número 307.

No princípio foi seu gerente-responsável o Sr. M. Di Giacomo. Depois, até o número 279, de 19 de setembro de 1920, esteve como diretor o Sr. G. Banducci, que daí até o fim foi substituído pelo Sr. Ettore Corrière.

Conhecemos dois formatos: 40 x 28, quatro páginas, cinco colunas e depois quatro e outra vez cinco, e 49,5 x 33,5, quatro páginas e seis colunas.

Usou quatro cabeçalhos: do número 1 ao 5; do número 6 ao 64; do número 65 ao 258 e do número 259 ao 307.

Redação e administração à Rua do Espírito Santo, 370, e depois à Avenida Amazonas, 425.

Jornal de colônia, só a esta interessava.

O COMMERCIO DE MINAS 215

A 13 de maio de 1916, apareceu o primeiro número deste diário, pertencente a uma sociedade anônima. Com exclusão do artigo, já tivemos um jornal com este mesmo nome.

Teve como diretor-presidente o Dr. Manuel Gomes Pereira e como diretor-redator o Sr. Luís Gomes Pereira.

Formato de 45,5 x 34, quatro páginas e seis colunas. Adotou dois cabeçalhos e outros tantos modelos para o título.

Não se publicava aos domingos e feriados nacionais.

Redação e oficinas à Avenida João Pinheiro, 211, e depois à Praça Rio Branco, 914.

O Commercio de Minas preencheu plenamente os fins que ditaram sua fundação.

O INSTITUTO FUNDAMENTAL 216

O primeiro número deste pequeno periódico foi publicado no mesmo dia em que o anterior, isto é, a 13 de maio de 1916. O número 81, ano IV, de 14 de novembro de 1920, é o último que conhecemos.

Órgão literário e noticioso, dos alunos do colégio que lhe deu o nome, de propriedade e direção do Dr. J. Coelho Júnior.

Formato de 28 x 20,5, quatro páginas e quatro colunas. Os números de nossa coleção apresentam três cabeçalhos distintos.

Após algum tempo de impressão em estabelecimentos particulares, montou oficinas, sendo nas mesmas editado.

Redação à Rua dos Tupinambás, 406, e em seguida redação e oficinas à Rua da Bahia, 1210 e 1221.

O Instituto Fundamental se destinava especialmente à publicação de composições dos alunos do colégio.

COMMERCIO E LAVOURA 217

Commercio e Lavoura foi publicado de 28 de maio de 1916 a 17 de setembro seguinte. Deu 16 números. Publicação semanal, aos domingos.

Diretor o Sr. J. Roberto da Cruz e, mais tarde, o Sr. J. Dionísio Veloso.

Impresso na Oficina Senegal, à Rua dos Caetés, 686, com a tiragem de 2.000 exemplares.

Quanto ao formato, foi inicialmente de 40 x 27,5 e no fim de 31,5 x 22, quatro páginas e quatro colunas, menos na edição de 13 de agosto, que se apresentou só com três colunas.

Redação e administração à Rua dos Guaicurus, 545, e em seguida à Rua dos Tupinambás, 903.

O PAPAGAIO (1º) 218

Supomos que não foi além do primeiro número, datado de 25 de junho de 1916. Formato de 31,5 x 21,5, quatro páginas e quatro colunas.

Diretor-redator o Sr. Alceu Ferreira Lopes.

No expediente escreveu: *Matutino independente, publicado todos os domingos.*

Redação e oficinas à Rua dos Tupinambás, 914.

O REFORMADOR 219

Órgão cristão-presbiteriano. A publicação teve começo a 30 de junho de 1916 e se

estendeu até 10 de julho de 1917, quando saiu o número 19.

Redator-chefe o Sr. Américo C. de Menezes e redatores-auxiliares os Srs. Aguinaldo Costa e Antônio Maciel. Pouco tempo depois desligou-se da redação o Sr. Aguinaldo Costa.

Até o número 12 era quinzenal e tinha o formato de 27 x 20. Do número 13 ao fim, passou a publicar-se de 20 em 20 dias, com o formato aumentado para 43 x 25. Quatro páginas e quatro colunas, salvo justamente o citado número 13, de 20 de janeiro de 1917, que se apresentou com cinco colunas. Um cabeçalho para cada formato.

O Reformador foi um jornal de lutas. Com várias publicações, tanto daqui como do interior do Estado, manteve acesas e fortes polêmicas.

Redação e oficinas à Avenida do Contorno, 4674.

O PROGRESSO (2ª) 220

Segundo jornal deste título.

Semanário humorístico e literário, dedicado à mocidade. Publicava-se aos domingos, com o formato de 26 x 16,5, quatro páginas e três colunas.

Conhecemos unicamente o primeiro número, de 9 de julho de 1916, mas fomos informados por seu ilustre diretor de que saíram oito números, impressos em uma tipografia então existente à Rua dos Caetés, esquina de Espírito Santo, atualmente número 300 e de propriedade do saudoso Professor Pereira da Silva, o benemérito fundador do escoteirismo em Minas.

Diretor-redator o Engenheiro-Agrônomo João Anatólio Lima e redação à Rua Muriaé, 169.

ARCHIVOS MINEIROS DE MEDICINA 221

Revista científica que teve como diretores os Drs. Alfredo Balena, Borges da Costa e Hugo Werneck; como redator-chefe o Dr. A. L. Pimenta Bueno e como secretário o Dr. Leontino Cunha.

O corpo de colaboradores compunha-se dos mais ilustres médicos desta capital.

O primeiro número foi distribuído em julho de 1916. Só conhecemos este e o segundo, de agosto, ambos com a mesma feição material: formato de 19 x 13,5, duas colunas e numeração contínua de páginas.

Ao alto da capa lia-se

...mais il est permis, même au plus faible, d'avoir une bonne intention et la dire! (Légende des Siècles. Victor Hugo).

Não há indicação do nome da oficina impressora.

VIDA FORENSE 222

Periódico mensal de doutrina, legislação e jurisprudência, fundado e dirigido pelo Dr. João Paulo de Lima.

O primeiro número surgiu a 1º de setembro de 1916, com o formato de 30 x 20,5, quatro páginas e três colunas. Do número 2 em diante tomou o formato de revista, com 21 x 14, 14 páginas e duas colunas.

Redação à Rua dos Timbiras, 830, e oficinas à Avenida João Pinheiro, 211.

Outros elementos não temos para mais desenvolvida notícia.

A SEMANA (2ª) 223

A Semana, segundo nos parece, não deu outro número além do primeiro, de 3 de setembro de 1916.

Foram seus redatores os Srs. Eduardo Lopes e Elói Carvalho.

Periódico literário sem ligações partidárias. Formato de 31,5 x 23, quatro páginas e quatro colunas.

Redação à Rua Pouso Alegre, 97.

AS ALTEROSAS 224

Revista semanal, dirigida pelo Sr. Porfírio Camelo, falecido a 11 de janeiro de 1924. Não se apresentou como é de costume e nem mesmo no cabeçalho, segundo a praxe, objetivou sua finalidade.

Foi posta em circulação a 28 de outubro de 1916. Só três números constam de nossa coleção e não sabemos se foi além deles.

Adotava o formato de 27,5 x 19,5, oito páginas e três colunas. Tudo indica ter sido impressa na Tipografia Beltrão & Cia.

O cabeçalho não sofreu alteração. Era gravado, tendo ao centro o título e de cada lado um quadrilátero. O da esquerda continha o triângulo simbólico da bandeira dos Inconfidentes, com a respectiva legenda extraída das Bucólicas do poeta mantuano *Libertas quae sera tamen*, e o da direita um camelo ajoelhado e esta inscrição: ao alto *Alter alterius* e embaixo *Onera portate*. A primeira página sempre ocupada por inteiro com uma gravura de crítica a fatos políticos do momento. Eram de A. Meira tais ilustrações. Esse mesmo artista foi o autor do desenho do cabeçalho.

Esta publicação, pelos modos e processos de focalizar os acontecimentos políticos e administrativos, era mais um panfleto do que mesmo uma revista.

A FAISCA (1ª) 225

Pequeno jornal, caprichosamente composto e impresso em tipo corpo 6.

Formato de 13 x 9,5, quatro páginas e três colunas. Edição da Tipografia Athene, à Avenida João Pinheiro, 205-211.

Só temos os números 4 e 5, de 12 de dezembro de 1916 e 1º de janeiro de 1917. Presumimos ser de princípios de novembro o primeiro número.

A Tipografia Athene, neste trabalho freqüentemente citada, era de propriedade de Zeno Pereira, benemérito protetor de todas as iniciativas ligadas à vida da Imprensa. Nele todos encontravam um incentivador de suas vocações, sem ter por escopo proventos materiais.

Na galeria de nossos editores, Zeno Pereira deve ocupar, sem favor, o primeiro lugar, se considerarmos que labutou numa época em que os recursos gráficos não se comparavam com os que desfrutam os editores de hoje. Apesar de agora afastado desse cenário, não esqueçamos os serviços por ele prestados com dedicação e competência às artes gráficas de Belo Horizonte.

O GREMIO 226

Órgão do Grêmio Literário Antônio Afonso de Morais.

Primeiro número, único aliás que conhecemos, datado de 25 de dezembro de 1916. Publicação quinzenal e impressão do *Diario de Minas*, em ótimo papel.

Sua direção tinha a seguinte constituição: diretor, Sr. Custódio Ribeiro da Luz e redatores, Srs. Milton Campos, J. E. Franzen de Lima, Moacir Tinoco e Carlos Pieruccetti.

Formato de 32 x 22,5, seis páginas e quatro colunas.

O número que estamos descrevendo trouxe na primeira página o retrato do patrono do grêmio.

Boa e variada colaboração.

BOLETIM DA SOCIEDADE MINEIRA DE AGRICULTURA 227

Entre a segunda fase e a terceira da *Revista Agricola Commercial e Industrial de Minas*, aquela finda em 1911 e esta iniciada em 1923, a Sociedade Mineira de Agricultura

publicou este boletim, cujo primeiro número se refere a outubro-dezembro de 1916.
Só conhecemos este fascículo e o II, correspondente ao primeiro trimestre de 1917.
Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

X... 228

Revista humorística, que não passou do primeiro número, aparecido a 11 de março de 1917.
Teve como redator-diretor o Sr. L. Gonzaga de Melo e como redator-secretário, o Sr. Sandoval Campos.
Formato de 28 x 20, oito páginas e três colunas.
Em dois retângulos do cabeçalho, um de cada lado, lia-se: no da esquerda, *Política do Povo*, e no da direita, *Direito e Liberdade*.
Redação à Rua Guarani, 192.

A EVOLUÇÃO MILITAR 229

Revista mensal de assuntos militares, dirigida pelos 1º e 2º Tenentes do Exército Herculano T. d'Assunção e José E. de Lima e Silva.
A 1º de julho de 1917, saiu o primeiro número, com o formato de 24 x 14, 24 páginas e duas colunas. A numeração de páginas era contínua.
Impressa na Tipografia Athene, à Avenida João Pinheiro, 205-211.
De feição muito especializada, só podia interessar aos técnicos no assunto.
Redação à Avenida Cristóvão Colombo, 343.

O METHODISTA 230

Só viemos a saber da existência deste jornal por uma referência que lhe fez O *Reformador*, outra folha protestante, na edição de 10 de julho de 1917.
Foi dirigido pelos Srs. Onofre Di Giacomo e Romero Rotier Duarte.
Sua colocação neste lugar é toda precária, por ignorarmos a data exata de seu aparecimento. Registramo-lo como se tivesse saído no dia da aludida notícia.
Não podíamos excluí-lo deste trabalho desde que dele tivemos conhecimento. Oportunamente poderá ocupar o lugar que lhe competir, desde que isso nos informe quem tiver elementos. Aí fica o apelo.

O FOOT-BALL 231

Semanário esportivo, cujo primeiro número saiu a 13 de setembro de 1917 e o segundo a 21, que julgamos, com fundadas razões, ter sido o último.

Redator-chefe, Sr. F. Matos e redator-secretário, Sr. O. Chagas.

Formato de 31 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas, e impressão das oficinas de *A Nota*. O Cabeçalho foi gravado por R. M.

Redação à Rua Paraibuna, 657.

O Foot-Ball foi o fundador da Imprensa Esportiva em Belo Horizonte.

CORREIO DA TARDE (1ª) 232

Jornal noticioso e informativo, como acentuou no cabeçalho.

Dirigido pelo ilustre jornalista Dr. José Viana Romanelli, seu primeiro número foi lançado a público no dia 5 de novembro de 1917.

Publicação diária, mas efêmera. Foi só até o número 104, de 22 de março de 1918. Não fez mais do que cumprir o triste fadário a que foi condenada nossa Imprensa.

Formato de 50 x 34, quatro páginas e cinco colunas. Feição material sem mudança em todas as edições.

Redação e oficinas à Avenida João Pinheiro, 238.

Por sua natureza exclusiva de noticioso e informativo, não teve o *Correio da Tarde* a mesma vibração dos outros diários dirigidos pelo Dr. Viana Romanelli, todos de caráter político e nos quais seu ilustre diretor deu as mais eloqüentes mostras de seu valor combativo.

Os jornais consagrados exclusivamente a notícias, como este, morrem com o seu tempo, ficando assim esquecidos, ao passo que os de outras feições, tais os políticos e literários, jamais são olvidados, passando sua fama de geração em geração. Para prová-lo, aí está a recordação que até hoje ainda nos despertam as seguintes publicações do Passado: *Bello Horizonte, A Capital, Diario de Minas, Jornal do Povo, A Epocha, Horus, Caramuru e Revista Mineira*, só para falarmos das primitivas.

É verdade que o jornal político moderno não se compara com os antigos. Outrora bastava um artigo ou um simples entrelinhado para mudar o panorama político e operar mudanças fundamentais na estrutura governamental e administrativa, como aconteceu em todo o período imperial, principalmente nos tempos da Regência até a Maioridade, quando brilharam valentes órgãos da opinião pública, pioneiros da formação de nossa nacionalidade. Neste número vemos a *Aurora Fluminense, O Sete de Abril, O Tamoyo*, etc.

Os de hoje, porém, não exercem a mesma influência nos destinos dos governos que aqueles exerceram.

O TRENO 233

Jornal esportivo e literário, de publicação semanal.

Começou a *trenar* a 30 de março de 1918. O número 2 é de 6 de abril e o terceiro de 13.

Diretor, Sr. Martins de Oliveira e redator-secretário, Sr. A. A. Filho.

Formato de 27 x 17, quatro páginas e três colunas. Cabeçalho sem alteração nos mencionados números.

Impresso na Tipografia Comercial, de Jatahy & Cia., à Avenida Amazonas, 258, onde também era a redação.

A FARPA 234

Conhecemos somente o primeiro número deste jornal. Nem seu diretor, Sr. Edvar Nazário Teixeira, soube informar-nos sobre a vida do mesmo.

Saiu a 10 de abril de 1918, com o formato de 26 x 17, quatro páginas e três colunas.

Impresso na Tipografia Oliveira, Mesquita & Cia., estabelecida à Avenida Afonso Pena, 1055.

O FLIRT 235

Segunda-feira, 15 de abril de 1918, *O Flirt* iniciava sua vida.

Jornal de arte e literatura, tendo por diretor o Sr. Israel Franco Belga.

Formato de 26 x 17, quatro páginas e três colunas.

Redação à Avenida do Comércio, 664.

Este jornal não podia deixar de ter ficado no primeiro número, porque tudo indica que o seguinte veio em sua substituição, como é fácil verificar-se comparando-os. Além disso, não se compreendem dois jornais publicados ao mesmo tempo sob uma só direção. Pelo que temos escrito, vê-se claramente que o nosso meio jamais comportaria tal dispersão de energia, tempo e... dinheiro.

O ASTRO (4º) 236

Quarto e último jornal deste nome, até agora. O primeiro número foi publicado a 1º de maio de 1918. O número 4, de 18 de junho, é o último de que temos notícia.

Periódico quinzenal, dedicado à arte e à literatura. Impresso nas oficinas do *Diario de Minas*, com o formato de 26 x 17, quatro páginas e três colunas. Manteve rigorosamente o mesmo cabeçalho.

Diretor, Sr. Israel Franco Belga e redator, Sr. João Anatólio Lima.

Redação à Avenida do Comércio, 664.

Comparem e verão que é perfeitamente igual ao anterior.

Apesar de pequenino, *O Astro* foi um bom jornal.

JORNAL DE MINAS (2º) 237

A 3 de julho de 1918, registrava a Imprensa local o aparecimento do segundo *Jornal de Minas*.

Publicação diária, em oficinas próprias, situadas em diferentes pontos, como Avenida João Pinheiro, 238; Praça da Estação, 234, e Rua do Espírito Santo, 277.

Sempre dirigido por seu proprietário, Dr. João Paulo de Lima. Em determinado período, teve como redator-chefe o Dr. José Viana Romanelli e como secretário o Sr. Sandoval Campos. Em meados de 1919, retiraram-se ambos. Em setembro do ano seguinte, o Sr. Sandoval Campos voltou, permanecendo no posto até setembro de 1921.

Formato de 50 x 34, três colunas e seis páginas no princípio e depois quatro. Posteriormente, aumentou o formato para 58 x 43 e o número de colunas para oito.

Conhecemos três cabeçalhos distintos. O tipo do título foi modificado somente em período intermediário da publicação.

No cabeçalho se lia "Diário do Povo". Além dessa qualidade, foi também, por algum tempo, órgão oficial da Associação Mineira de Imprensa, com esta restrição constante do texto: "*O Jornal de Minas* é órgão oficial da Associação Mineira de Imprensa no que publicar referente a esta". Nos últimos números já não mais constava do cabeçalho ser representante daquela entidade.

Adotou numeração anual para as edições até certa época e depois numeração contínua, como demonstra o último da nossa coleção, que é o 742, de 18 de abril de 1921. Parece que viveu até julho de 1922.

Proporcionalmente aos números publicados, poucos exemplares possuímos, o que nos priva de darmos notícia mais detalhada a seu respeito. O que vimos, no entanto, autorizanos a dizer que *Jornal de Minas* foi um bom jornal.

MINAS EM FÓCO (1º) 238

Ramos Arantes, que pouco antes fundara e dirigira *Domingo*, a 15 de agosto de 1918 lançava à publicidade nova revista — *Minas*

em Fóco. Seu amor pela Imprensa e seu irrequieto temperamento quando dela se tratava, punham-no sempre à frente dessas iniciativas.

Desta revista só conhecemos os números, 1, 2, 8 e 11. O número 2 é de outubro do ano de seu aparecimento, o número 8 de novembro de 1919 e o número 11 de outubro de 1920. Isso mostra a irregularidade da publicação.

O Sr. Benedito Lopes foi seu diretor nos dois primeiros números. No número 11 aparece o Sr. Ramos Arantes não mais como diretor e sim como diretor-gerente da sociedade anônima proprietária de *Minas em Fóco*.

Formato de 20 x 13,5, número variável de páginas sem numeração e duas colunas.

O referido número 11 foi impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, não constando dos outros o nome da oficina impressora.

Um cabeçalho para cada número e um tipo de título para a capa dos números 1 e 2 e outro para a dos números 8 e 11.

O cabeçalho daqueles representava um aparelho fotográfico, de cuja objetiva partiam raios envolvendo o nome da revista.

Ramos Arantes, profundo conhecedor de nossa vida jornalística e das dificuldades que arrostavam os que nela se arriscavam a penetrar, disse, mui judiciosamente, no primeiro número, estas duras e irrespondíveis verdades:

> *Sabemos, perfeitamente, e por várias vezes temos asseverado, que as revistas, nesta terra, têm praga de mãe, todas as pragas juntas, inclusive as sete pragas do Egito.*

E tinha carradas de razão quando desta maneira se externava. Naquelas palavras transbordava toda a angústia que lhe ia n'alma, afeita que estava a tão bem querer a tudo o que se relacionasse com o jornalismo. Em outros termos, tudo aquilo e mais alguma coisa temos dito a respeito, no transcurso deste trabalho, e podemos afirmar que o estribilho não terá fim enquanto tivermos Imprensa. Mais vale a pena calar do que comentar, porque não se pode obrigar o público a ler.

Minas em Fóco teve excelente colaboração. Em suas páginas apareciam trabalhos dos melhores literatos daquele tempo. Afora esta parte, a principal, trazia a revista ótima e desenvolvida reportagem fotográfica, de cuja arte era seu diretor competente profissional.

O já citado número 11 foi, em grande parte, consagrado à visita dos soberanos belgas, fixando numerosos aspectos fotográficos da estada dos mesmos nesta capital.

Eis o que, pela rama, pudemos coligir sobre esta interessante publicação.

À falta de melhor documentação, aí fica o que vimos, o bastante para se julgar o que foi *Minas em Fóco*.

O JAPECANGA 239

Jornal de propaganda do preparado medicinal licor de japecanga composto.

O número 8, do ano oitavo, foi o primeiro aqui distribuído, a 7 de setembro de 1918. Não conseguimos saber onde era publicado anteriormente.

Formato de 20 x 13,5, oito páginas sem numeração e duas colunas.

Redação à Rua Curitiba, 712, esquina de Carijós.

O número em apreço foi ilustrado com o retrato do Sr. Artur Bernardes, que no dia de sua distribuição assumia as rédeas do governo do Estado.

O FESTIM 240

De *O Festim* foram publicados oito números, o primeiro a 7 de outubro de 1918 e o último a 17 de março de 1919. Cinco são os que conhecemos: 1 e 5 a 8. O primeiro saiu com o formato de 14 x 9 e os demais com 18 x 11. Quatro páginas e duas colunas em todos. Um cabeçalho para o número 1, outro para os números 5 a 7, e outro para o número 8. Publicação quinzenal e impressão da Tipografia Gualberto, à Avenida Amazonas, 483. No cabeçalho escreveu: *Jornal dependente das circunstâncias.*

Redator-chefe, Sr. Pinto Júnior. O último número não estampou mais o nome do redator. Redação à Rua dos Tupinambás, 782.

O Festim foi um jornalzinho bem-feito e espirituoso.

TANK 241

Revista mensal ilustrada, de direção do Sr. Alberto Haas, com redação à Rua da Bahia, 1005.

O primeiro número saiu a 1º de janeiro de 1919 e o 17-18, último que conhecemos, está datado de janeiro-fevereiro de 1921, tendo a capa ilustrada com o retrato de Pedro II.

Formato de 22,5 x 16, grande quantidade de páginas não numeradas e três colunas.

Fartamente ilustrada com ótimas fotogravuras sobre motivos vários.

O número 14 foi quase integralmente dedicado à visita que nos fizeram os reis da Bélgica. Sobre esse acontecimento estampou interessante e curiosa reportagem fotográfica daqui e do Rio de Janeiro.

Seções de literatura, sociais, humorismo, etc.

Impressão das oficinas da Imprensa Oficial.

FERRÃO 242

Ridendo castigat mores, eis a legenda que escolheu para meter o ferrão no próximo. E assim começou a *ferroar* a 1º de fevereiro de 1919. O número 4, de 23 do mesmo mês, é o último de nossa coleção.

Publicação semanal, aos sábados, e formato de 28 x 20,5, quatro páginas e outras tantas colunas. A feição material não mudou.

Redatores — Rubens Guerra, Paulo d'Ávila, Raul Penalva e Tomás d'Alenquer. A partir do número 2, Rubens Guerra foi substituído por Joel da Maia. Apesar de ingentes esforços, não conseguimos saber os nomes dos redatores que aqueles pseudônimos encobriam.

Impresso na Tipografia Vitória, à Rua dos Tupinambás, 527.

Redação e administração no... Bar do Ponto.

Ferrão, além de seu espírito leve e sem ofensa, publicava também alguma cousa de literatura e noticiário, especialmente social.

NOVIDADES 243

Propriedade de uma empresa e redação à Rua do Espírito Santo, 449.

Primeiro número a 13 de fevereiro de 1919. Quantos publicou nada sabemos.

Não constava do cabeçalho o nome de seus dirigentes; figurava tão-somente o do Sr. Copérnico Pinto Coelho, como gerente, e isso mesmo só nos primeiros números.

Publicação diária e órgão dedicado aos interesses do povo.

Formato de 40,5 x 27,5, quatro páginas e quatro colunas. Cabeçalho inalterado.

Impresso na Tipografia Vitória, à Rua dos Tupinambás, 527.

Com o número 56, de 6 de maio, tomou o formato de revista, com 24,5 x 16, 14 páginas sem numeração e três colunas.

Nesta quadra ampliou suas atividades, passando a tratar de política, arte, humorismo, literatura, esportes, notícias, etc. Deste feitio só temos o número citado.

Parece ter adquirido oficinas nesta fase, pois o cabeçalho informa: *Redação, Administra-*

ção e Oficinas à Rua do Espírito Santo, 497, local anteriormente citado só como da Redação.

Em qualquer dos feitios, *Novidades* foi uma publicação merecedora de leitura.

A ESCOLA 244

Pedagogia, instrução e literatura, este o programa de *A Escola*.

Primeiro número a 15 de fevereiro de 1919, único que possuímos.

Publicação quinzenal e oficinas próprias, como se declara no fim do jornal.

Teve como redator o Sr. Jorge Silveira, que anteriormente dirigiu *O Preludio*.

Formato de 22,5 x 18, quatro páginas e três colunas.

Redação à Praça da Lagoinha.

NOVO-TEMPO 245

Jornal imparcial, noticioso, literário, etc, como consta de seu frontispício.

Fez sua entrada no jornalismo a 15 de fevereiro de 1919.

Publicação quinzenal, a 1º e 15 de cada mês, e formato de 26 x 17, quatro páginas e três colunas.

Por falta de qualquer informação, não se fica sabendo qual seu diretor.

Ao alto do cabeçalho expôs o motivo por que se escusava de publicar o tradicional artigo-programa.

Não conhecemos mais do que os números 1 e 2, este de 1º de março.

Redação e oficinas à Avenida João Pinheiro, 211.

Rigorosa feição material nos dois números. Bom e variado texto.

O EX-PIÃO 246

Por curiosidade, reproduzimos o conteúdo de seu cabeçalho, que bem define o que foi:

> O Ex-Pião — *Jornal periscópico, de observações, político, noticioso, literário, superlapótico e, por cima de tudo: "Socialista moderado". Órgão oficial do Partido Bolscheviki Mineiro. Estereotipado e impresso nas máquinas rotativas de macarroni.*

Não sabemos da existência de outro número a não ser o primeiro, saído a 16 de fevereiro de 1919 e impresso na Tipografia Vitória, à Rua dos Tupinambás, 527.

No expediente vinha esta indicação:

Toda correspondência deve ser endereçada ao Hospício Nacional de Alienados, no Rio, para onde seguiram os redatores. Praia Vermelha — Telefone, 70-Sul.

Formato de 20 x 15, quatro páginas e três colunas, e nada de nome do diretor ou redator.

ECHO 247

Não nos lembramos desta publicação. Sua existência só nos foi revelada por intermédio do *Ferrão*, que em seu número 4, de 23 de fevereiro de 1919, disse o seguinte:

O Echo *é o título de uma nova revista que acaba de aparecer nesta cidade. Entregue a diretores competentes e conhecedores do* métier, *esperamos sua prosperidade, agradecendo a gentil notícia do nosso aparecimento.*

Também o *Novo-Tempo* se referiu a ela, no número 2, de 1º de março.

NOVO HORIZONTE 248

A 21 de maio de 1919, *Novo Horizonte* surgia em Belo Horizonte, com publicação bissemanal.

Desconhecemos a data em que deixou de circular. Só temos alguns números, sendo o 26, de 25 de outubro, o mais elevado.

Era órgão oficial de diversas municipalidades mineiras. Propriedade de Conceição & Gomes e direção dos Srs. F. C. Gomes e B. Conceição. De certa data em diante, estas indicações desapareceram do cabeçalho.

Divisa adotada: *Tudo pelo Estado de Minas.*

Formatos: 40 x 28 e cinco colunas nos primeiros números e em seguida 49 x 34 e seis colunas, mas todos com quatro páginas.

Redação à Rua da Bahia, 1005, e depois redação e oficinas à Avenida João Pinheiro, 238.

Para cada formato um cabeçalho diferente, sem mudança, porém, do tipo do título.

Já tivemos outra publicação com idêntico nome, mas em formato de revista.

ARCHIVOS MINEIROS DE DERMATOSYPHILIGRAPHIA E SCIENCIAS AFFINS 249

Desta publicação, poucos dados podemos apresentar.

Foram seus diretores os Drs. Antônio Aleixo e Olinto Orsini de Castro.

Publicava-se quatro vezes por ano, nos meses de junho, agosto, outubro e dezembro. O primeiro número foi distribuído em junho de 1919.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 330.

ESTADO DE MINAS (2ª) 250

Segundo jornal deste título. O primeiro foi o do Dr. Viana Romanelli, publicado de 1911 a 1915. Anteriormente, em 1906, tivemos outro, mas com o acréscimo do artigo, dirigido pelo Dr. Álvaro Viana. Em circulação temos o terceiro.

O *Estado de Minas* foi fundado pelo Dr. Augusto Mário Caldeira Brant, que o dirigiu durante quase todo o período de sua existência. Já no fim teve por substituto o Dr. Laércio Prazeres.

O dia 15 de julho de 1919 assinala o início de suas atividades. Sem embargo de sua sólida organização, não conseguiu vencer, contra geral expectativa. Três anos após, a 12 de setembro de 1922, com o número 987, deixava de circular, tendo desta forma só alcançado pouco mais de um triênio de vida.

Se assim acontece com as grandes empresas, não devem causar espanto a ninguém os freqüentes insucessos de pequenas entidades, aos quais já estamos cansados de referir-nos ao longo destas notas.

Inicialmente publicava-se à tarde. Em meados de novembro, transformou-se em matutino, aumentando o formato de 49,5 x 34 para 55 x 42,5, conservando, porém, as mesmas seis colunas do formato menor e depois aumentando-as para sete. Cada formato um cabeçalho; seis páginas no início e em seguida quatro.

Estado de Minas era grandemente informativo: amplo serviço telegráfico, o melhor até então apresentado; política, religião, crônicas, correspondência do interior do Estado, sociais, esportes, humorismo, etc. Nele colaboravam altos expoentes de nossa cultura.

Não padece a mínima dúvida de que foi o *Estado de Minas* que aqui lançou as bases do jornal moderno, plantando, destarte, o marco divisório de duas eras de nossa Imprensa — a antiga e a moderna. Com seu desaparecimento, estivemos privados, por quatro longos anos, de qualquer outro grande órgão de publicidade, até que apareceu o *Correio Mineiro*, que mais não fez do que ampliar o

iniciado pelo *Estado de Minas*, claro é que com métodos mais modernos e de acordo com o tempo que, em seu evoluir, tudo melhora.

Oito meses depois do aparecimento do *Correio Mineiro* surge o *Diário da Manhã*, que levou a palma a seus antecessores. Veio com processos ainda mais adiantados, tanto pelo lado jornalístico como, principalmente, pelo lado material, tão bem aparelhadas eram suas oficinas, providas de tudo o que havia de mais moderno em artes gráficas.

O grande sucesso alcançado pelo *Estado de Minas* não causou admiração aos contemporâneos, porquanto seu diretor, jornalista militante em grandes centros, perfeito conhecedor da profissão, dos meandros e segredos da mesma, não podia encontrar embaraços nem empecilhos que dificultassem sua tarefa para dar-nos, como deu, um diário moldado em rumos novos e à altura de nossos foros de civilização.

De jornais de publicação diária como este e de outros de igual categoria, isto é, dos grandes jornais, só poderíamos apresentar um trabalho correspondente a seu valor se examinássemos edição por edição, pois cada uma delas apresenta um aspecto, uma novidade, uma colaboração diferente.

Esse processo, porém, não é o aqui adotado, nem poderia sê-lo, pois estamos fazendo apenas um trabalho de leves traços históricos e estatísticos. Mesmo que quiséssemos quebrar essa linha de conduta, a falta da coleção nos obrigaria a retroceder.

O *Estado de Minas*, à guisa de programa, publicou somente estas poucas linhas em "Ecos e Notas", uma de suas seções permanentes:

> *Esta folha representa o esforço de um grupo de mineiros de boa vontade, empenhados em ver esta capital dotada de um jornal de informação e de opinião, de feitio moderno, no qual possam ser aventadas e discutidas as questões de interesse do Estado e do país. É este o escopo do* Estado de Minas*; este é o seu programa, já que programa se exige de todo o jornal novo, que vem tomar o seu lugar nas fileiras da Imprensa. — A esta empresa não falta, por parte de seus organizadores, esforço e boa vontade. O seu êxito depende pois do apoio que este esforço e boa vontade encontrarem no público.*

Neste pequeno relato fica a vida de um grande jornal.

Redação e oficinas à Rua da Bahia, 1310, até 30 de agosto, e à Rua Goiás, 64, daí por diante.

O JORNAL 251

Órgão de propaganda da fábrica de carimbos de borracha Gualberto, estabelecida à Avenida Amazonas, 483.

Só conhecemos o número 4, de julho de 1919. O seguinte foi o último.

Formato de 18 x 11, quatro páginas e duas colunas. Impresso em tipografia própria.

Além dos anúncios de propaganda, publicava versos e anedotas.

A SEMANA (3ª) 252

Penúltima folha deste título aqui editada.

Órgão independente, noticioso, literário, político, crítico e humorístico, de propriedade de uma empresa.

Publicou 14 números, de 16 de agosto a 15 de novembro de 1919.

Redator, Sr. Bruno Piancastelli até o número 7. No número 8 nada consta sobre a direção e do número 9 em diante surgem como diretores os Srs. Cícero de Castro Ribeiro e José de Lima e Sousa, anteriormente ocupantes dos cargos de gerente e caixa, respectivamente.

Publicava-se aos sábados, apresentando o formato de 29 x 22,5, quatro páginas sem numeração e igual número de colunas.

Impressa na Tipografia Comércio, à Rua dos Carijós, 776, onde também se instalara a redação. Tiragem de 800 exemplares.

O cabeçalho só foi alterado nos dois últimos números, conservando porém em todos o mesmo tipo do título.

De nossos pequenos hebdomadários, foi *A Semana* um dos bons. Bem noticioso, com seções várias, como esportes, sociais, humorismo, etc.

ADOREMOS 253

Este boletim foi fundado pelo Dr. Joaquim Furtado de Menezes, na velha Capital mineira, onde se publicou de setembro de 1914 a agosto de 1919 (número 60 do ano V).

Com o número 61, ano VI, de setembro seguinte, passou a publicar-se aqui. Não houve, pois, solução de continuidade na publicação.

Era órgão oficial da Liga Eucarística, da Cruzada Angélica e da Adoração Noturna. Feição integralmente religiosa.

Trazia no cabeçalho: *Christum Dominantem Gentibus Adoremus.*

Publicação mensal, com o formato de 21 x 13,5, quatro páginas e depois oito e duas colunas. Impresso em tipografias que não pudemos identificar.

Teve vários cabeçalhos, sendo que o último estampava a vista do cimo do Corcovado, com a estátua de Cristo Redentor.

O número 1, por um lapso, não indicou o nome da localidade em que se editava.

Não asseveramos, mas temos quase certeza de que o número 316, de outubro de 1941, foi o derradeiro.

MINAS AGRICOLA (1ª) 254

Minas Agricola surgiu em 15 de outubro de 1919 e com o número 5-6, de maio-junho do ano seguinte, deixou de existir.

Revista mensal ilustrada de agricultura, pecuária, indústria e comércio, dos alunos da Escola Mineira de Agronomia e Veterinária.

Diretor, Sr. Ramos Mourão e redatores, Srs. Israel Franco Belga e Agápio Vaz de Melo. Depois, passou o Sr. Franco Belga para as funções de diretor, aparecendo como redatores os Srs. João Anatólio Lima e Torquato Machado.

Capas variadas e cabeçalhos diferentes. Formato de 23 x 15, duas colunas e 20 páginas, em média, numeradas na parte inferior.

Redação e administração à Avenida João Pinheiro, 316, transferidas em seguida para a Rua da Bahia, 1005. Publicação muito bem-feita, com interessantes trabalhos sobre todos os assuntos de seu programa, prometia vencer, mas não escapou ao contagioso mal que mata todas as iniciativas de nossa Imprensa.

Minas Agricola teve prosseguimento em 1922, com outro nome, *Minas Rural*, sem que isso constituísse propriamente nova fase. Foi uma seqüência, mas tão-somente pela direção e pela finalidade.

OS SINOS

Damos, nestas linhas, uma resenha do que foram, em conjunto, os *Sinos*, na sua parte material e estatística, para que não nos tornemos enfadonhos, repetindo sempre a mesma cantiga, em tratando de cada um em particular.

Foram 13 esses periódicos, 12 dos quais não representavam mais do que outras tantas reedições de *O Sino de S. José*, com pequena variante, qual a de aditar ao título comum a

todos o nome da paróquia a que pertencia e incorporar ao texto a pauta dos atos ou solenidades da semana seguinte, peculiar a cada matriz. No mais, é evidente, tudo rigorosamente igual, por serem impressos com a mesma chapa.

Saíram uns após outros, cessando a publicação de todos, automaticamente, na mesma data. A tiragem variava de acordo com a população da paróquia.

Tinham o formato de 23 x 16, estampando duas colunas e depois três, a contar das edições de 24 de dezembro de 1933, e quatro páginas. Numeração das edições renovada a cada ano. O processo de numeração de páginas muito variou. Ora numeração contínua para cada ano, ora contínua absoluta, ora por edição.

Impressos, primitivamente, nas oficinas da Imprensa Oficial, depois na Tipografia Oliveira Costa & Cia., e, finalmente, na oficina do Sr. Valdemar Dinis, à Rua Moscovita, 87, Prado, que foi a impressora da quase totalidade de suas edições.

Distribuído aos domingos, gratuitamente, depois da missa conventual das matrizes. A tiragem global dos *Sinos* atingia a elevada cifra de 10.000 exemplares.

A partir de certa data, talvez de outubro de 1922, aceitavam anúncios, para auxiliar a publicação, dado o elevado custo do papel e material tipográfico.

Edições eram também tiradas para paróquias do interior e até de outros Estados.

Em fins de 1938, publicaram um suplemento com o título único de *O Sino*, exclusivamente de anúncios, que por isso foram retirados do corpo do jornal. Pouca duração teve.

Todos estamparam, no último número, datado de 29 de dezembro de 1940, o seguinte: "Aviso importante — Com o número de hoje o *Sino de S. José* deixa de circular daqui em diante — A razão não é outra senão o fato de existir uma folha paroquial espalhada pelo Brasil inteiro com o título *O Domingo*. No futuro esta folha ilustrada, religiosa e educativa será distribuída gratuitamente cada domingo depois das Santas Missas, na Igreja de S. José".

O primeiro número de *O Domingo* aqui distribuído foi o 2º do ano IX, de 5 de janeiro de 1941.

Nos respectivos lugares, descrevemos estes semanários, à exceção dos das paróquias de Sant'Ana, Cachoeirinha e S. Sebastião, sobre

os quais, por mais que diligenciássemos, nada apuramos.

O SINO DE S. JOSÉ 255

É este o precursor dos *Sinos* e a forma em que todos se plasmaram.

Foi o de maior duração, tendo circulado de 28 de dezembro de 1919 a 29 de dezembro de 1940, ou seja, 21 anos completos, fato virgem, até o presente, nos fastos de nossa Imprensa, à exceção do *Minas Gerais*.

No último ano publicou 53 números.

Superou a todos os outros *Sinos* em tiragem, sempre uniforme, de 2.000 exemplares.

À direita do título trazia a gravura da Igreja, tendo sido durante a publicação usadas quatro chapas, cada uma representando o templo em uma posição. Vários cabeçalhos, conservando, porém, o mesmo tipo de título.

O BRIQUELA 256

Humorismo, crítica, letras, anúncios e reclames. Só conhecemos o primeiro número, de 2 de janeiro de 1920, que veio com 10 páginas sem numeração, três colunas e formato de 27 x 18.

Publicação semanal e redação à Avenida Paraibuna, 1309.

Mais nenhum pormenor elucidativo trazia a edição a que nos estamos reportando.

A NOTICIA (4º) 257

Quarto e último jornal do título supra.

A 12 de janeiro de 1920, saía o primeiro número, sob a direção de seu proprietário, Sr. Edvar Nazario.

Publicava-se em dias incertos, a título de experiência e propaganda, como frisou no artigo de apresentação.

Formato de 29 x 22, quatro páginas sem numeração e quatro colunas. Até o número 15, de 17 de fevereiro de 1921, estampou três cabeçalhos e outros tantos tipos do título.

Impresso na Tipografia Comércio, à Rua dos Tupinambás, 203, e depois na Tipografia Athene, à Avenida João Pinheiro, 211.

Quase toda a sua matéria consistia de anúncios, preferencialmente intercalados no texto de fantasiosas notícias ou casos e fatos imaginários. Não lhe era estranha a política.

O BATISTA MINEIRO 258

Em 1915, os Srs. H. E. Cockell e D. F. Crosland cogitaram da fundação de um jornal batista, idéia que só em janeiro de 1920 se concretizou, com a publicação do primeiro número

de *O Batista Mineiro*, que saiu sob a direção provisória do Sr. Cockell, efetivado a partir do número 2. Nessa ocasião foi também eleito redator o Sr. D. F. Crosland, que não chegou a exercer as funções, por se achar ausente.
Em julho seguinte, operou-se a primeira modificação na direção, sendo substituídos aqueles redatores pelo Dr. Antônio Martins Vilas Boas.
Nessa oportunidade mudou-se a sede da redação de Divinópolis para esta Capital, pois o jornal era aqui editado.
Em julho de 1921, foram eleitos redatores os Srs. Cassimiro Gomes de Oliveira, Jurandir Freire e Gasparino Soares, passando a redação da Rua Curitiba, 527, para o Colégio Batista, à Rua Pouso Alegre, 602. De 1922 a janeiro de 1924, foi o jornal dirigido pelo Professor Aquiles Barbosa, que teve por substituto o antigo diretor, Sr. Cassimiro Gomes de Oliveira, auxiliado pelo Sr. Higino T. de Sousa. De 1926 a 1928, esteve na direção o Sr. Herval S. Rangel, auxiliado pelo Sr. Ubaldino F. de Sousa, nos dois primeiros anos, e pelo Sr. Munelar M. Maia, no último. Em 1929, foram seus redatores o Sr. Munelar M. Maia e D. Julieta G. Maia. O Sr. Ubaldino F. de Sousa foi o redator no ano de 1930.
Em 1920, publicou 10 números, impressos na Casa Publicadora Batista, do Rio, com o formato de 26 x 18,5.
Daquele ano a 1930 vários foram os formatos e cabeçalhos usados.
De 1931 a 1937, nada conseguimos obter. Daí para cá são também escassos nossos apontamentos. Não obstante, vamos registrá-los.
Temos apenas seis números, de fevereiro de 1938 a dezembro de 1939, que trouxeram quatro cabeçalhos diferentes, mas com igual formato, 28 x 20, três colunas e quatro a oito páginas.
Todos esses números tiveram como diretor o acatado Professor Antônio Silva e vários redatores, como os Srs. Professor Aquiles Barbosa, Cassimiro Gomes de Oliveira, José Arnaldo Harington e Munelar M. Maia.
Em 1940 e 1941, não circulou, por ter sido a publicação suspensa pelo DIP (Departamento de Imprensa de Propaganda) para satisfação de exigências legais. Em maio de 1942, ressurgiu completamente remodelado. Veio com novo cabeçalho, até agora conservado, com o formato aumentado para 32 x 23 e quatro colunas.

Antes era órgão da Convenção Batista Mineira, depois da Convenção Batista Mineiro-Goiana e na atualidade da Congregação Batista Mineira.

No período anterior a 1942, a numeração das edições era anual, sendo agora contínua.

De seu reaparecimento até certa data, foi dirigido pelo conceituado Professor Dr. Enéias Tognini. Hoje (1947) circula sob a direção do Dr. Aquiles Barbosa.

Sempre publicado mensalmente. Anteriormente, impresso nas oficinas gráficas de Tipo Arte, estabelecida à Rua do Espírito Santo, 980, e na atualidade pela Gráfica Queiroz Breyner Ltda.

Redação à Rua Ponte Nova, 691.

O Batista Mineiro é um jornal de larga circulação e muito tem feito em prol da elevação e prestígio da entidade que representa.

De todas as folhas em circulação é a mais antiga, sem se falar no *Minas Gerais*.

PATHÉ JORNAL 259

Órgão literário e humorístico, da Empresa Cinematográfica Pathé, que funcionava à Avenida Afonso Pena, 755 e 760.

Fez sua primeira *exibição* a 6 de fevereiro de 1920. O número 13, de 17 de junho, é o último de nosso arquivo.

Começou publicando-se de 10 em 10 dias e posteriormente passou a quinzenal.

Formato de 27 x 19,5, quatro páginas sem numeração e três colunas.

Dois cabeçalhos, um até o número 3 e outro do número 4 ao 13.

Impresso na Tipografia Artística, que funcionou à Rua Itapecerica, 42; à Rua Guarani, 157, e, finalmente, à Rua dos Tupinambás, 748. Impresso também na Tipografia Americana, de A. Lopes.

Interessante jornal, que publicava versos, curiosidades, humorismo, crônicas, etc.

Redação na sede da empresa.

A ESQUINA 260

A Esquina saiu pela primeira vez a 22 de abril de 1920, sem declaração alguma pela qual se pudesse saber qual ou quais seus redatores.

Política, questões sociais, letras, atualidades, este o programa com que se apresentou.

Publicava-se quatro vezes por mês.

Formato de 28 x 19, oito páginas sem numeração e três colunas. O mesmo cabeçalho

nos dois únicos números que temos, impressos na Tipografia Vitória, à Rua dos Tupinambás, 527.

A Esquina contava com a colaboração dos Srs. Djalma Andrade, Silva Guimarães e outros intelectuais.

FLORESTA-JORNAL 261

Publicação iniciada a 8 de maio de 1920 e terminada em data que não conseguimos apurar, mas posterior a 4 de outubro de 1922, quando saiu o número 2, do ano III. Ao que parece, não foi muito além.

Com o número 17, de 31 de outubro, passou a chamar-se *O Palladio*, voltando, porém, à primitiva denominação com o número 20, de 22 de maio de 1921.

Sempre de propriedade e direção do Sr. Argemiro Teixeira e órgão defensor do bairro que lhe deu o nome.

Sob o título de *O Palladio*, teve como redator o Sr. Antônio E. de Paiva.

Tornando-se francamente político e partidário das candidaturas dos Srs. Artur Bernardes à presidência da República e Raul Soares à presidência do Estado, assumiu sua direção, a 29 de janeiro de 1922, o Dr. João de Freitas Filho. Nesta fase, a contar de determinada época, o Dr. Hermelindo Paixão exerceu o cargo de redator.

Conhecemos dois formatos, o de 29 x 20 e quatro colunas e o de 40 x 26,5, cinco colunas e depois quatro. O *Palladio* contava 31 x 22,5 e quatro colunas. Quatro eram as páginas das duas publicações.

Três cabeçalhos para o *Floresta-Jornal* e um para *O Palladio*.

As edições de menor formato impressas na Tipografia Athene, à Avenida João Pinheiro, 210, e as de maior, nas oficinas da Imprensa Oficial.

Redação à Rua Itajubá, 467.

Floresta-Jornal foi o quarto jornal de dupla denominação.

O EX 262

Jornal protestante da Igreja Presbiteriana, cujo aparecimento se verificou a 1º de junho de 1920.

Conhecemos somente até o número 6, de 15 de agosto, que nos parece ter sido o último.

Assim explicou a escolha do título:

> *O título de* EX *promana do fato de serem todos os seus redatores ex-padres e seminaristas, como foi adotado unani-*

memente na reunião aqui realizada a 21 de abril deste ano por alguns ex-padres convertidos ao Evangelho.

Teve como redatores os ex-padres Reverendíssimos Hipólito de Oliveira Campos, Dr. Vítor Coelho de Almeida, Ricardo Maiorga, João Trentino Ziller, Dr. Henrique Lima da Costa, Professor Alípio Gonzaga Barros, ex-salesiano Constâncio Omegua e ex-seminarista Reverendíssimo Guaraci Silveira.

Publicação quinzenal, a 1º e 15 de cada mês, mas de distribuição sempre atrasada.

Muito bem impresso e em bom papel, tinha o formato de 40,5 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

O número 1 foi composto na Tipografia Athene e impresso nas oficinas do *Jornal de Minas* e os restantes feitos integralmente na Tipografia Beltrão & Cia.

Não sofreu a mínima alteração no cabeçalho, a cuja direita se lia este versículo — *Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. João. 8-32.*

Redação à Rua do Espírito Santo, 568, prédio já demolido e em cujo terreno foi edificado o Banco do Brasil.

O *Ex* foi um jornal de páginas maciças e exclusivamente de assuntos sobre o Evangelho.

Bem escrito e de espírito lutador e combativo, pois de seu corpo de redação se destacavam alguns elementos de reconhecido valor.

O OPERARIO (3ª) 263

Terceiro e último jornal deste nome publicado nesta Capital, até o presente. A 19 de junho de 1920, era dado à publicidade seu primeiro número.

Órgão da Confederação Católica do Trabalho, foi um legítimo defensor dos direitos e aspirações da entidade.

O último número que conhecemos é o 9, de 20 de setembro de 1925, ano VI.

Publicação quinzenal até o número 16 e semanal, às quintas-feiras, a partir do número 17, de 3 de março de 1921. A 10 de março de 1924, com o número 34, passou a ser publicado três vezes por mês, nos dias 10, 20 e 30.

Do referido número 17 em diante, figurava como diretor o Dr. Campos do Amaral. Em época mais avançada, seu nome aparecia

como fundador e o do Dr. Lincoln Kubitschek como diretor.

Formato de 24,5 x 17,5 até o número 20 e 32 x 23 a contar do número 21, de 17 de novembro de 1921. Em ambos os formatos com quatro páginas e três colunas.

Impresso, inicialmente, na tipografia de Oliveira & Costa, à Avenida Afonso Pena, 1050, e depois, até o fim, nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 1.000 exemplares. Cada formato um cabeçalho e um tipo de letras do título.

O Operario, passados muitos anos, em 1938, teve como seu continuador o periódico *Vida Nova* (2ª).

O ESQUELETO 264

Jornal de fino humorismo, fundado por acadêmicos de Medicina.

Teve duas fases, a primeira iniciada a 18 de julho de 1920, da qual conhecemos até o número 21, de 31 de julho de 1921.

Publicação semanal, aos domingos, e depois aos sábados.

O diretor, o redator e o gerente usavam pseudônimos, todos tirados de nomes de partes do esqueleto humano, como frontal, occipital, costela, parietal, rádio, etc.

Formato uniforme, de 31,5 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas.

Impresso nas oficinas do *Estado de Minas* e Tipografia S. José, à Rua dos Tupinambás, 527, e tiragem de 600 exemplares.

O título foi desenhado por J. Boltshauser e gravado nas oficinas da Imprensa Oficial. Muito original e tétrico. Disposto em posição oblíqua, da esquerda para a direita, estampava, entre as letras, três esqueletos de mãos dadas, em atitude de dança. De cada lado do mesmo uma caveira, a da direita a derramar copiosas lágrimas!

Redação à Avenida Paraibuna, 870, depois à Rua Pernambuco, 581, e depois, ainda, à Rua dos Inconfidentes, 874.

O primeiro número da segunda fase saiu a 25 de outubro de 1924. Temos apenas até o número 19, de 1º de março de 1925.

Como anteriormente, de publicação semanal.

Dois foram os formatos com que se apresentou: 30,5 x 22 e 27 x 20, todos com quatro páginas e quatro colunas.

Diretor, Sr. João Manso Pereira e redatores, Srs. Alderico Andrade, Moacir Cabral e Joaquim Coelho Filho, depois este e Sr. Francisco Pires e, finalmente, este e Sr. Francisco Tora.

Impresso nas oficinas da *A Tipogravura*, à Rua dos Goitacazes, 90, e na Tipografia S. José.

Redação à Avenida Floriano Peixoto, 864.

O mesmo cabeçalho da anterior fase, sem contudo trazer a assinatura do desenhista na chapa.

O Esqueleto fez sucesso em todas as rodas de Belo Horizonte, principalmente na acadêmica. Escrito com correção e fino espírito, teve justa e merecida acolhida. Inegavelmente, porém, a primeira fase mais se destacou e mais atrativos encerrou do que a segunda, sem que isso significasse não ter esta também correspondido à expectativa do público; pelo contrário, tanto assim que seu desaparecimento foi geralmente sentido, tão acostumados estavam seus inúmeros leitores com sua amável e desopilante visita semanal.

O número 9, de 18 de setembro de 1920, saiu duplamente errado: com o número 8 e a data de 14.

PROTEU 265

Revista de pensamento, ciências, letras, artes e mundanismo.

Em 19 de setembro de 1920, foi distribuído o primeiro número. Saíram poucos, 6 a 8.

Redatores, Srs. Romeu d'Avelar, Luís Hermógenes e Delorizano Morais.

Publicação mensal e impressão da Tipografia Athene, estabelecida à Avenida João Pinheiro, 211. Formato de 21 x 13,5, 36 páginas numeradas na parte inferior e duas colunas. Só conhecemos o número 2, de outubro. A capa deste número representa o mar encapelado e as vagas açoitando um penedo sobre o qual se destaca a figura de Proteu, contemplando a imensidade do Oceano. Gravada pelo grande artista F. Borseti. Ao alto e à direita da mesma lê-se:

> ... *avaro de seu saber, esquivo às consultas, possuía a faculdade maravilhosa de se transformar; divindade do Oceano, representava a própria onda- multiforme, inconstante, vezes rebeldes, vezes manso... Da Mitologia.*

Redação à Rua Rio de Janeiro, 910.

Escolhido corpo de colaboradores, como atestam os trabalhos insertos em suas páginas.

RADIUM 266

Formosa e brilhante revista científico-literária, cujo primeiro número saiu a 29 de setembro de 1920 e o sexto e último em outubro de 1923.

Teve como redator-honorário, a partir do número 3, de julho de 1921, o grande e saudoso mestre Aurélio Pires.

Diretor, Sr. Tolentino Miraglia, e redatores, Srs. Mário Mendes Campos, Armando Pereira e Agêo Pio Sobrinho, do número 1; os mesmos e mais o Sr. A. Alves Passig e menos o Sr. Armando Pereira, dos números 2 e 3. Não conhecemos o número 4. O Sr. Lucídio Avelar foi diretor-redator dos números 5 e 6. Redatores do número 5, Srs. Mário C. Linhares, Hermínio F. Pinto, Vicente Soares e Massilon Machado, e do número 6, os Srs. Hermínio F. Pinto, Vicente Soares e J. Coelho Filho.

O número 1 apresentou-se com uma capa e os demais com outra, que não variou até o fim, a não ser no centro, cujo espaço se destinava ao retrato de um dos professores da Faculdade. Esta capa é de autoria do hábil desenhista e exímio gravador Felipe Borseti, com motivos alusivos à Medicina e às ciências médicas. À direita um medalhão enflorado com a indicação: *Órgão do Centro Acadêmico da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte*. Também o ano de publicidade e o número da edição aí figuravam.

Do lado esquerdo igual medalhão, contendo isto:

> Radium... *Nasceu em terra mineira, debaixo de auspícios felizes, e, assim, há-de ser luminoso, há-de ser honesto, há-de ser crente, como o povo que deste ambiente se nutre. Rui Barbosa". Este conceito sobre* Radium *foi emitido pelo genial brasileiro quando de uma visita que os acadêmicos das diversas escolas superiores desta capital lhe fizeram, em Palmira, hoje Santos Dumont, onde se achava convalescente.*

Ditas inscrições foram, a partir do número 3, transpostas, passando a do medalhão da direita para o da esquerda e vice-versa.

Grande formato, 31 x 21, 32 páginas e duas largas colunas. Finíssimas gravuras e impressa em ótimo papel.

Parte científica digna de menção e parte literária de muito realce, pois contavam ambas com colaboradores da altura de Roberto Cunha, Otávio de Magalhães, Álvaro de Barros, A. Austregésilo, etc, nas ciências médicas, e João Alphonsus, Emílio Moura, Abgar Renault, Aurélio Pires, Delorizano de Morais, Carlos Góes, Vinício da Veiga, etc, nas letras.

Outras seções figuravam, como esportes, sociais, noticiário, etc. Reportagem fotográfica mui desenvolvida, focalizando todos os aspectos de nossa vida mundana e acadêmica.

Enfim, *Radium* foi uma revista como poucas temos tido e, como todas, cumpriu seu triste fadário, morrendo cedo.

Foram homenageados com os respectivos retratos nas capas os Professores Dr. Cícero Ferreira, diretor da Faculdade e pouco antes falecido, no número 1; Dr. Borges da Costa, no número 2; Aurélio Pires, no número 3; Dr. Álvaro de Barros, no número 5, e Dr. Otávio C. de Magalhães, no número 6.

TOM MIX 267

Publicação iniciada a 8 de outubro de 1920 e não sabemos se continuada.

No cabeçalho estampava: *Jornal engraçadíssimo. Propriedade alheia.*

Contava 17,5 x 13, quatro páginas e duas colunas.

Redação à Rua Curitiba, 590, e impressão da Tipografia Artística, de Alceu Lopes, à mesma rua, 748.

A ESCOLA 268

Sob a direção do Professor Honório Guimarães, apareceu em Uberabinha, hoje Uberlândia, em 1908, um pequeno jornal didático intitulado *A Escola*. Em maio de 1920, resolveu seu fundador transformá-lo em revista, que se publicou naquela cidade até outubro.

Em 1921, passou a ser editada nesta Capital, com a publicação dos números 6-7, de janeiro. Também pouco durou, porque em outubro seguinte desaparecia, com os números 13-14.

A Escola dedicava-se à instrução, lavoura, comércio, indústria, ciências, artes, etc.

Quando publicada em Uberabinha, era impressa na Tipografia Guimarães, de Ribeirão Preto, São Paulo, e nesta capital na Tipografia Athene.

Formato de 21 x 15, 8 a 12 páginas sem numeração e duas colunas.

Capas variadas, algumas com retratos de eminentes políticos. O título mudou de tipo três vezes.

A Escola estampava sempre boas produções sobre literatura, pedagogia e variedades.

OS FENIANOS 269

Órgão oficial do clube carnavalesco que lhe deu o nome. O número único foi distribuído a 6 de fevereiro de 1921.

Diretor, Sr. Camilo Ribeiro.

Formato de 29 x 20, quatro páginas e três colunas. Impresso na Tipografia Lopes, à Rua dos Tupinambás, 748.

Do cabeçalho: *Assinatura: um conto e um canudo — Redação: debaixo da Ponte — Quem não chora não mama — Ano ?!... — Nº Não há.*

Bem espirituoso este pequeno jornal.

A CAPITAL (5ª) 270

Dos cinco jornais aqui publicados com este nome, este é o último.

Diário vespertino, político, noticioso e independente, aparecido a 18 de fevereiro de 1921. À esquerda do título liam-se estas palavras: Verdade, Independência e Justiça. Além do número 40, de 16 de abril, não conhecemos nenhuma edição.

O primeiro número trouxe um cabeçalho e os demais outro. Pouca diferença entre eles.

Formato de 30 x 22, quatro páginas e quatro colunas.

Oficinas próprias, à Rua dos Tupinambás, 748, e propriedade de uma empresa.

A Capital era bastante noticiosa.

PELA VIDA I 271

Apenas dois números constam de nossa coleção, o primeiro e o segundo, de 12 e 20 de março de 1921, respectivamente.

Panfleto semanal ilustrado, independente, de política, finança, notícia, arte, letra, etc, de direção do Sr. Franco Belga.

Formato de 28 x 20, 12 páginas e três colunas. Impresso na Tipografia S. José, à Rua dos Tupinambás, 527. O mesmo cabeçalho nos citados números.

Assim terminou seu artigo de apresentação:

> Pela Vida! *é um panfleto e fica frágil e imoral num panfleto um programa como qualquer jornal provinciano. Somos um panfleto — aí está.*

O SOM DO EVANGELHO 272

Periódico evangélico, aparecido a 12 de março de 1921, tendo como redator responsável o Professor T. Ziller. O número mais elevado de nossa coleção é o 5, de 2 de outubro. Parece-nos que foi o último.

Formato de 24 x 16,5 e três colunas até o número 4. O número 5 saiu com 27,5 x 20 e quatro colunas. Todos com quatro páginas. Cabeçalho o mesmo em ambos os formatos;

no do número 5, porém, foi mudado o tipo do título.

À esquerda do cabeçalho inscreveu este trocadilho: *O vós qui cum Jesu ites — Ne eatis cum jesuitis.*

Impressão da Tipografia Athene, de Zeno & Cia., à Avenida João Pinheiro, 211.

O Som do Evangelho foi um jornal de polêmica religiosa.

FOOTING 273

A 5 de junho de 1921, saía o primeiro número de *Footing*, jornal humorístico, de publicação dominical.

Foram seus redatores os Srs. Agêo Pio Sobrinho, Clemente Medrado Fernandes e Nelson Faria, que usavam os pseudônimos de Quincas Borba, Braz Cubas e D. Casmurro. Não conseguimos, porém, ligar os nomes aos pseudônimos.

Do número 5 em diante, D. Casmurro, então gerente, passou a redator, entrando para aquele lugar Lú, pseudônimo que não sabemos a quem pertencia. Lú só serviu até o número 8.

No cabeçalho lia-se isto:

Namorados que andais com a boca transbordando
De beijos, perturbando o campo sossegado
E o casto coração das flores inflamando,
Cuidado!... Olhai... o Footing.

De sua apresentação destacamos estes tópicos:

Chamo-me Footing *e é com esse nome que hei de vergastar os pedantes, enxotar os* piratas, *ridicularizar os almofadinhas, chicotear os* voadores, *única e exclusivamente com o fim, aliás muito digno, de afastar, tanto quanto possível, a onda escandalosa de dissolução e imoralidade que começa a invadir a sociedade moderna.*

Em todos os números que conhecemos, 1 a 10, manteve inalterável feição material. O mesmo cabeçalho, oito páginas, três colunas e formato de 27,5 x 19.

A Tipografia Athene, à Avenida João Pinheiro, 211, foi sua impressora.

Redação à Avenida Afonso Pena, 550.

Footing, além de humorismo, mantinha, outrossim, desenvolvida parte literária, de que eram colaboradores Alphonsus de Guimaraens, Djalma Andrade, Silva Guimarães, Da Costa e Silva, Honório Armond, Mário Mendes Campos, Abgar Renault e, como

estes, muitos outros intelectuais de valor. De apreciável quantidade de produções literárias não podemos citar os nomes dos autores, por se terem acobertado à sombra de pseudônimos.

Mesmo por esta pálida notícia, verifica-se que *Footing* foi uma publicação digna de encômios.

O REBATE (2º) 274

Hebdomadário crítico e desportivo, de direção de Haesserre Brasil e secretaria do Sr., Artur Pinto.

Apenas o número 1, de 18 de junho de 1921, consta de nossa coleção. Formato de 33,5 x 24,5, quatro páginas e quatro colunas.

Redação e administração à Rua do Espírito Santo, 771.

Era franco partidário da candidatura do Sr. Artur Bernardes à presidência da República. Em 1906, tivemos um jornal com esse mesmo título.

DIARIO POPULAR 275

Saiu o primeiro número deste vespertino a 1º de julho de 1921. Só a partir do número 18 de 21, trouxe o nome do diretor, Sr. A. Soares da Silva.

Foram publicados 78 números, estando o último datado de 1º de outubro seguinte. Grande formato, 50 x 33,5, quatro páginas e seis colunas.

Redação à Avenida Amazonas, 423, e oficinas à Rua dos Carijós, 802.

"Traços de Nosso Programa" foi o artigo com que se apresentou ao público. Dele destacamos estes tópicos:

> *Aqui na Capital e no Estado,* o Diario Popular *intervirá, diretamente, em todas as lutas, por mais ardentes que sejam, no que se referir à nossa grandeza econômica, guardando a mais rigorosa imparcialidade em matéria política, respeitando todas as tendências religiosas, jamais combatendo os homens e sempre verberando os costumes quando estes estiverem a se distanciar do bem público.*

Cada número trazia à direita do cabeçalho um *suelto* sobre assuntos vários, principalmente políticos. Perfeita disposição material em todas as edições.

Sem embargo do que disse na parte acima transcrita de seu editorial, era contrário à candidatura do Sr. Artur Bernardes à presidência

da República e simpático à do Sr. Nilo Peçanha.

A VOZ DE MINAS (1ª) 276

Jornal político e noticioso, de publicação semanal e direção do Sr. Camilo Ribeiro.

Veio à luz no dia 16 de julho de 1921, com o formato de 38 x 27, quatro páginas e quatro colunas.

Fundado com o fito exclusivo de fazer propaganda das candidaturas dos Srs. Artur Bernardes e Raul Soares às presidências da República e do Estado, respectivamente.

Não alterou a feição nos dois primeiros números, únicos que possuímos.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

O ARREPIADO 277

Órgão oficial dos poderes do *Bloco Arrepiado*. Inicialmente só humorístico e depois panfleto humorístico, literário, crítico, etc.

O primeiro número saiu a 16 de julho de 1921. Ignoramos até quando circulou.

No princípio era mensal, em seguida quinzenal, e finalmente, semanal. A publicação foi, porém, muito irregular.

Direção: Diretor, X, e redatores, K Peta, K Melo, K Lado e K Pricho. Depois apareceu como diretor o Sr. Último de Carvalho e, em seguida, Atalago como redator-chefe e Fubá Mimoso como redator-gerente.

Formato de 27,5 x 19, oito páginas e três colunas. Impressos os primeiros números na Tipografia Athene, à Avenida João Pinheiro, 211, e os demais em outras oficinas, entre as quais a de *A Reacção*. Tiragem de 2.000 exemplares.

Conhecemos quatro cabeçalhos até o número 12, de 19 de março de 1922.

Os números editados pela Tipografia Athene têm o mesmo aspecto material do *Footing*.

Antes de passar à direção do Sr. Último de Carvalho trazia no cabeçalho o seguinte: *A spiritu politicae, libera nos, Domine.*

A edição de 30 de outubro, que não foi numerada, noticiou a retirada daquela diretor, com o que passou o jornal a ser dirigido pelos Srs. Ataliba Lago e Benvindo Lima, seus fundadores, que se ocultavam sob os pseudônimos de Atalago e Fubá Mimoso.

Bem-feito e espirituoso *O Arrepiado*.

O CHICOTE (2ª) 278

Jornal humorístico, *órgão oficial da Trepação*, que teve como redator-chefe o Sr. Ataliba Lago.

Divisa constante do cabeçalho: *Sapecar a peroba.*

Sua publicação teve início a 24 de julho de 1921. O número 2, último que conseguimos obter, é de 31. Formato de 25 x 18,5, quatro páginas e quatro colunas.

Tiragem de 5.000 exemplares e editado em oficinas próprias. Corre isso por conta de quem escreveu.

Redação à Avenida do Comércio, 406.

O MOVIMENTO 279

Revista de doutrina e questões sociais, que pouca duração teve. Deu apenas três números, o primeiro a 17 de agosto, o segundo a 7 de setembro e o terceiro a 2 de outubro do ano de 1921.

Foi-lhe dado este título em homenagem à memória dos grandes vultos republicanos de nossa terra e como recordação do célebre jornal republicano de igual nome, fundado por João Pinheiro, em 1889, na velha metrópole mineira.

Direção e propriedade dos Srs. João Pinheiro Filho, Raimundo Mendes, Romeu d'Avelar e Luís Cavalcanti.

Formato de 27 x 20, três colunas e 14 páginas, numeradas nos números 1 e 2 e sem numeração no 3. Não sofreu qualquer alteração material. As capas foram ilustradas com os retratos de João Pinheiro, Afonso Pena e Silviano Brandão, nos números 1, 2 e 3, respectivamente, em uma galeria intitulada "Estadistas Mineiros".

Redação à Avenida João Pinheiro, 308.

Por todos os títulos foi bastante sentido o desaparecimento desta revista, especialmente pelo fato de privar o público da leitura de magnífica coleção de documentos históricos de inestimável valor, pertencentes ao arquivo particular de João Pinheiro e que prometera publicar.

No artigo de apresentação frisou seu afastamento do campo da política, declarando sua neutralidade em face de qualquer partido, apoiando, no entanto, incondicionalmente, toda idéia elevada, etc.

Em *O Movimento* colaboraram Lincoln Prates, Orozimbo Nonato, Silva Guimarães, José Eduardo da Fonseca, Magalhães Drummond, Romeu d'Avelar, Lincoln Pena, Brito Pereira, Flausino Vale, Gudesteu Pires, Camilo Prates, etc.

EXCELSIOR I (1ª) 280

O primeiro número de *Excelsior!* foi publicado em dia que não conseguimos saber, do

mês de agosto de 1921. Dele só conhecemos o número 8, de 27 de fevereiro de 1922, e ao qual se referem estas notas.

Folha política, de apoio à candidatura do Sr. Raul Soares à presidência do Estado.

Formato de 40 x 27,5, quatro páginas e cinco colunas. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, como todos os seus congêneres.

Direção do Sr. Eduardo Lopes.

Jornais como este e outros já descritos só se fundavam em épocas de propaganda eleitoral para altos cargos. Finda esta, desapareciam ou, quando muito, iam até à eleição ou à posse do eleito. Não passavam de publicações de emergência, cuja existência não mais se justificava depois de alcançado o fim colimado. Publicações interesseiras e por isso mesmo de ideal restrito.

REVISTA DE MINAS (3ª) 281

Terceira revista deste nome. Direção e propriedade do Sr. V. de Sousa e Silva.

Primeiro e único número a 1º de setembro de 1921. Formato comum, 21,5 x 14, páginas sem numeração e duas colunas. Várias ilustrações, todas alusivas ao texto.

Capa ilustrada com bela alegoria, tendo na parte inferior esta frase: *Minas é um povo em marcha para novos e gloriosos destinos.*

Redação à Avenida Afonso Pena, 790.

O corpo de colaboradores compunha-se dos seguintes intelectuais: Aníbal Machado, J. A. Nogueira, José Eduardo da Fonseca, Batista Santiago, Abgar Renault, Arduíno Bolivar, Silva Guimarães, Milton Campos, Djalma Andrade, Mário de Lima, Osvaldo Araújo, Carlos Góes, João Alphonsus, Carlos Drummond de Andrade e outros.

A FUBECA 282

Jornal humorístico, cujo primeiro e único número saiu a 11 de setembro de 1921.

Formato de 27,5 x 18,5, quatro páginas e duas colunas. Impresso na Tipografia Athene, à Avenida João Pinheiro, 211.

Não lemos sequer uma única palavra de humorismo neste jornal, que essa qualidade ostentava no cabeçalho. Tudo política. Talvez a política fosse o seu humorismo.

Destoando do modo de pensar da maioria dos últimos jornais políticos descritos, à candidatura do Sr. Artur Bernardes contrapunha a do Marechal Hermes da Fonseca.

NOVELLA MINEIRA 283

Publicação das mais destacadas que temos tido no mundo das letras, *Novella Mineira* teve como diretores os Srs. Aníbal Matos e Osvaldo Araújo, dois nomes assaz conhecidos em nosso meio cultural.

Suas páginas contêm o que de melhor se possa desejar, dado o valor do corpo de colaboradores, que se compunha, dentre outros, dos seguintes expoentes de nossas letras: Godofredo Rangel, Milton Prates, Mário de Lima, Silva Guimarães, Bento Ernesto, Bernardo Guimarães Filho, Orozimbo Nonato, Horácio Guimarães, Josafá Belo, Wellington Brandão, Aníbal Matos, Osvaldo Araújo, Aldo Delfino, Carlos Drummond, Paulo Rehfeld, Breno Pontes, João Dornas Filho, Avelino Fóscolo, etc.

O primeiro fascículo veio a lume em 27 de setembro de 1921. Formato de 20 x 14 e tiragem de 5.000 exemplares, coisa rara nesta terra, principalmente em se tratando de revistas.

Publicação mensal. Adotava numeração contínua de páginas, que traziam duas colunas. O último fascículo publicado foi o IX-X, de 1922, sem indicação do mês.

Redação à Rua da Bahia, 1057.

OPINIÃO 284

Estamos na fase dos jornais partidários. E este foi um deles, aliás o mais extremado de todos das duas correntes em choque, que defendiam as candidaturas dos Srs. Artur Bernardes e Nilo Peçanha à presidência da República.

Opinião pugnava pela candidatura do Sr. Artur Bernardes e atacava violentamente a de seu antagonista, a quem *mimoseava*, bem como a seus correligionários, com os qualificativos mais candentes.

Nas duas edições que conhecemos, publicou à direita do cabeçalho um *suelto*. E em que termos! No do número 1 falou em *corja nilista, que só tem sabido empobrecer e aviltar o País*, e no do número 2, que a candidatura do grande chanceler precisava ser retirada, por ser ele candidato de ladrões e falsários!...

Grande chanceler dizemos nós, em substituição ao termo chulo empregado para nomear o eminente brasileiro.

De *Opinião* só temos os números 1 e 2, de 1º e 9 de janeiro de 1922. Supomos que neles ficou.

Sua direção estava a cargo dos Srs. Alves Neto, Copérnico Pinto Coelho e J. Kascher.

Formato dos maiores aqui adotados, 56 x 42,5, quatro páginas e sete colunas. Representava ser ainda maior, pela grande margem da parte superior.

Presumimos ter sido impresso na Tipografia Oliveira & Costa, à Rua do Espírito Santo, 529. O mesmo cabeçalho nas duas edições. Redação à Rua Goiás, 58.

Mais adiante encontra-se outro jornal com este nome, mas precedido do artigo.

A REACÇÃO 285

Órgão independente, da defesa e propaganda da Lavoura, sua publicação teve começo a 15 de janeiro de 1922. Só conhecemos quatro números, o último de 12 de fevereiro. Foi além, mas não sabemos até quando.

Diretor-gerente, Sr. Hilário Vitral.

Publicação semanal, aos domingos, com a promessa de tornar-se diária, o que não aconteceu.

Dois formatos nos quatro citados números: 50 x 33,5 e seis colunas e 41 x 28 e cinco colunas. Quatro páginas em ambos. Cabeçalho uniforme.

Redação e oficinas à Rua Rio de Janeiro, 235.

A Reacção, sem ser uma folha declaradamente política, não escondia suas predileções pelos Srs. Nilo Peçanha e Francisco Sales, aquele candidato à presidência da República e este à presidência do Estado.

DIARIO DE NOTICIAS (2ª) 286

Segundo do título. O primeiro circulou em 1907, sob a direção de Vasco Azevedo.

De todos os jornais partidários fundados em princípios de 1922, por situacionistas ou oposicionistas, para propaganda das candidaturas à presidência da República e à presidência do Estado, foi este, sem dúvida, o principal e de maior autoridade política. Os outros, de lado a lado, foram fundados por pessoas completamente estranhas e sem ligações aos altos círculos políticos, portanto, sem credenciais e sem autoridade oficial. Este, ao contrário, representava um grande partido nacional, perfeitamente organizado e dirigido por eminentes patrícios.

O oficialismo era representado pelo *Diario de Minas*, único desse lado com autoridade igual à do *Diario de Noticias* para falar em nome de um partido, o PRM, do qual era órgão.

Como já tivemos oportunidade de realçar, jornais como estes são criações de emergência. Finda a campanha, desaparecem com a mesma facilidade com que apareceram, por nada mais lhes restar fazer.

O *Diario de Noticias* surgiu a 1º de fevereiro de 1922 e teve seu ocaso a 29 de julho seguinte. Não obstante tão curta existência, passou por duas fases: a primeira, começada na referida data e terminada com o número 138, de 22 de julho, e a segunda, iniciada dois dias depois, a 24, com o número 139, e encerrada logo após, a 29, com o número 144. Não valeu a pena restabelecer a publicação para durar apenas cinco dias. Nesse curto período deixou de lado a política, tornando-se independente, sem no entanto declarar de quem a direção.

Na primeira fase *Diario de Noticias* era órgão da Reação Republicana, partido que sustentava as candidaturas dos Srs. Nilo Peçanha à presidência da República e Francisco Sales à presidência do Estado. A fação contrária sustentava os nomes dos Srs. Artur Bernardes e Raul Soares.

Dirigido pelo Coronel Francisco Bressane de Azevedo, teve como redatores os Drs. Cícero Lopes, Benjamim Lima, Columbano Duarte e Djalma Andrade.

Cada fase adotou um formato. O da primeira foi de 49 x 33, quatro páginas e seis colunas, e o da segunda de 41 x 27,5, quatro páginas e cinco colunas. Dois cabeçalhos para o formato maior e um para o menor. O tipo do título foi mudado a partir do número 5.

Publicação vespertina em ambas as fases.

Redação à Rua do Espírito Santo e oficinas à Rua dos Carijós, 802.

Diario de Noticias foi um jornal de combate. Seu diretor, político sagaz e de alta visão, vindo de outros tempos, dos belos tempos da *Gazeta Sul Mineira*, órgão republicano que fundou em S. Gonçalo do Sapucaí, em pleno regime monárquico; de *A Capital* e mais jornais em que militou, sabia manejar a pena com destreza e habilidade e, desta forma, fácil lhe foi a tarefa de defender a causa da Reação Republicana.

Vencida esta, Francisco Bressane afastou-se das atividades políticas, morrendo poucos anos depois, isolado, esquecido e ignorado e, o que é mais, em estado de extrema pobreza, por ter sido um homem honesto, probo e de mãos limpas. Quanto ao político que morre pobre, disse Martim Francisco re-

ferindo-se a José Bonifácio, o Patriarca: Um político brasileiro que caiu na asneira de morrer pobre...

Em quase todas as edições publicava à direita do cabeçalho disposições várias da Constituição mineira, como que chamando a atenção do Governo sobre as garantias individuais.

A redação deste jornal foi, por mais de uma vez, atacada por partidários do PRM. Seus redatores constantemente se viam importunados pela Polícia, sendo um deles preso em plena Avenida Afonso Pena e levado para a Casa de Detenção, no Rio, onde permaneceu por longo tempo.

O CALAFATE 287

Mais um jornal partidário, favorável aos candidatos oficiais, Srs. Artur Bernardes e Raul Soares.

Publicado pelo Diretório Político do Calafate, a partir de 5 de fevereiro de 1922.

Publicação semanal e impressão das oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 1.000 exemplares.

Redatores, Srs. Professor Leopoldo Rodrigues Alves, João Ferreira de Morais e Dr. Waldomiro Machado, tendo como colaboradores os Srs. Carlos Marques Júnior e Milton Felicíssimo.

Formato de 31 x 22, quatro páginas e três colunas. Rigorosa feição material em todos os números.

Com a realização das eleições presidenciais de 1º a 7 de março, cessou a razão de ser da existência de *O Calafate*, que a 2 de abril, com o número 9, suspendeu a publicação.

O ARAUTO (1º) 288

Outro ainda, defensor das mesmas causas, *O Arauto*.

Órgão da Associação Republicana do Calafate, veio à luz a 24 de fevereiro de 1922, quase às vésperas das eleições, realizadas a 1º e 7 do mês seguinte.

Não consta das edições o nome do redator. Teve como colaboradores os Srs. Leon Renault, Alfredo Sá, Gudesteu Pires, José Pedro de Oliveira, Moacir Assis Andrade e Abgar Renault.

Formato de 39,5 x 27,5, quatro páginas e outras tantas colunas. Cabeçalho sem alteração.

Impresso semanalmente nas oficinas da Imprensa Oficial.

O número 5, de 27 de março, é o último que consta de nossa coleção. Ao que nos parece, foi também o último publicado.

O Arauto, além da parte política, trazia também algumas produções literárias.

Por falta de jornais locais de propaganda, jamais deixariam de ser eleitos os candidatos oficiais...

Em 1946, apareceu outro jornal com o mesmo título deste.

O CARNAVAL (1º) 289

Número único, distribuído a 26 de fevereiro de 1922.

Do cabeçalho:

> *Redator está no Hospício e os tipógrafos tomaram uma surra de pau e fugiram. Os colaboradores foram condenados a galés perpétuo — Redação lá, distribuição cá — Um tostão solamente — É barato ou caro? — O papel é bom e o coração é... — B. Horizonte, dia tanto do mês presente.*

Formato de 40,5 x 29,5, quatro páginas e quatro colunas.

Impresso na Tipografia de Castro Saraiva & Comp., à Rua dos Caetés, 418.

CARNAVAL 290

Revista carnavalesca de grande formato, órgão do Bloco dos Crisântemos.

Saíram quatro números, o primeiro a 26 de fevereiro de 1922, o segundo a 11 de fevereiro de 1923, o terceiro a 2 de março de 1924 e o quarto a 19 de fevereiro de 1928.

Direção do Sr. Ramos Arantes.

Os números 1 e 4 com 30,5 x 23 e os outros 37 x 26. Todos com 20 páginas, sem numeração, e quantidade variável de colunas.

Cabeçalho da capa, o mesmo. O interno variou de número para número. Cuidada impressão em bom papel e artística disposição da matéria publicada.

Carnaval tinha mais anúncios do que texto. Este, porém, era variado e interessante.

Impressão das oficinas da Imprensa Oficial.

Depois de tantos jornais políticos, vieram os carnavalescos. Também, no Brasil tudo isso se confunde.

A NOVA IDÉA 291

A Nova Idéa era órgão do Partido Republicano da Mocidade, que tinha por fim

> *desenvolver por meio de intensa campanha, tanto na imprensa como na*

tribuna, os sentimentos cívicos do povo, despertando-lhe o patriotismo, o amor ao trabalho e à honra, a firmeza de caráter e a conseqüente confiança em si mesmo.

Conhecemos somente os números 1 e 2, de 26 de março e 9 de abril de 1922. Formato de 28,5 x 19,5, 10 páginas e três colunas. O mesmo cabeçalho, mas cada número com um tipo diferente do título.

Não consta dos citados números o nome do redator nem o da oficina impressora.

Redação à Rua dos Timbiras, 830.

Na política partidária acentuou: nem oposição sistemática, nem apoio incondicional.

O JUDAS 292

Nasceu e *enforcou-se* no mesmo dia, a 15 de abril de 1922, isto é, no seu próprio dia, o Sábado de Aleluia.

Do cabeçalho constava o seguinte:

Órgão oficial dos traidores — Redator-chefe: Vulcano — Redação: No Inferno — Número avulso: grátis — Trair! Trair! Trair! — Ano?!! — Belo Horizonte (sem data, sem mês e sem ano) Nº ?!!.

Dirigido pelo Sr. Camilo Ribeiro e impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

Formato de 31 x 24,5, quatro páginas e quatro colunas.

O Judas tinha o seu espírito.

A RIBALTA 293

Periódico lítero-teatral, que teve como diretor o Sr. Mata Simplício.

O número 1, único de nosso conhecimento, é datado de 3 de maio de 1922.

A Ribalta foi fundada para publicar os programas de espetáculos da Sociedade Teatral Mineira, agremiação de artistas amadores que muito sucesso fizeram em nosso palco, com a representação de várias peças teatrais.

Formato de 18,5 x 13, quatro páginas e duas colunas.

O CUPIDO 294

O Cupido publicou oito números, o primeiro a 4 de junho de 1922 e o último a 30 do mês seguinte.

Era órgão da *mocidade apaixonada* e publicava-se semanalmente.

Redatores, Srs. Sebastião F. Brandão, José Brandão e Arquelão da Silva Gomes.

Do número 1 ao número 7 com o formato de 23 x 16,5. O número 8 saiu maior, só na altura, com 26. Todos com quatro páginas e

três colunas. Um cabeçalho até o número 6 e outro para os dois últimos. O primeiro cabeçalho era gravado.
Impresso nas oficinas do *Diario de Noticias*.
Redação à Avenida dos Tocantins, 211.
O Cupido era jornal crítico e humorístico.

MINAS RURAL 295

Mensário agrícola ilustrado, de assuntos agropecuários, industriais e comerciais.
Propriedade e direção do Engenheiro-Agrônomo Israel Franco Belga e redação do Engenheiro-Agrônomo João Anatólio Lima.
Apesar do tempo decorrido entre uma e outra, sua fundação obedeceu à finalidade de substituir a sua congênere *Minas Agrícola*.
A publicação do primeiro número teve lugar a 16 de junho de 1922. Bem curta, porém, foi a sua existência: não ultrapassou o número 4-5, de setembro-outubro do mesmo ano.
Formato de 22,5 x 15, páginas numeradas seguidamente, tendo nas cinco edições atingido o total de 134. Duas colunas. Cabeçalho sempre o mesmo, tanto na capa como na parte interna.
Desenhada pelo hábil e competente artista F. Borseti, a capa usada em todos os números representava um campo e um arado desbravando-o. Na parte inferior, uma legenda sobre assunto agrícola para cada edição.
Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 500 exemplares.
Redação e administração à Avenida Afonso Pena, esquina de Espírito Santo, Edifício Álvaro dos Santos.
Minas Rural executou fielmente o programa traçado de início, prestando relevantes serviços no terreno de suas atividades, com a publicação de matéria selecionada, subscrita por seus diretores e colaboradores de firmada reputação.

MINAS POSTAL 296

Fundada por funcionários postais, este jornal era o órgão representativo da classe.
A 15 de julho de 1922, teve início sua publicação. Nada sabemos sobre sua duração, por conhecermos apenas o primeiro número.
Publicava-se nos dias 8, 15, 22 e 29 de cada mês.
Era esta a sua direção: diretor, Sr. Confúcio Augusto Pamplona; redatores, Srs. Dr. Antônio Alves, Pedro da Mota Moreira e Paulo da Mata Machado.

Formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

À direita do cabeçalho estampava um dos mandamentos cívicos da antiga Liga de Defesa Nacional.

Como representante da classe, só tratou de assunto de seu interesse.

A NOVA ESTAÇÃO 297

Poliantéia publicada a 11 de novembro de 1922, para comemorar o ato inaugural da nova Estação da Central, nesta Capital.

Ótima publicação, fartamente ilustrada, com excelente colaboração sobre assuntos atinentes a obras, construções, etc, da Estrada.

Formato de 38,5 x 26, oito páginas e três colunas.

Editada pela Imprensa Oficial, em papel superior.

A GARE 298

Jamais vimos tal publicação. Sabemos que existiu pela seguinte notícia que transcrevemos de *Radium*, número 5, de setembro-novembro de 1922:

> A Gare, *novo álbum-mensário ilustrado, que vem de surgir em Belo Horizonte. Dirigida por Dario de Alemar, auxiliado pelo Professor Alfredo Jardim e por Clemente de Avelar,* A Gare *surge vitoriosa no seio dos empregados da Central do Brasil, a grande classe trabalhadora e unida.*

Datada de 15 de novembro de 1922 e distribuída a 21 daquele mês.

O COMMERCIO (3ª) 299

Terceiro e último jornal com este título, até o presente. *Semanário, noticioso, pela indústria e comércio — Sem feição política* e depois *Órgão da classe comercial de Belo Horizonte. Semanário noticioso, sem feição política.*

Diretor proprietário, Sr. Argemiro Teixeira.

Primeiro número a 26 de novembro de 1922, com o formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas. O número 3 só saiu a 18 de fevereiro de 1923, com novo cabeçalho e quatro colunas. Ignoramos quando cessou a publicação.

O título bem indica a natureza da principal matéria publicada.

Redação à Rua Salinas, 697.

REVISTA MINEIRA (2ª) ___ ___ ___300

Mensário de ciências, letras, artes e estudos econômicos. Segunda publicação aqui editada com este nome.

Diretor, Dr. José de Magalhães Drummond e redator-secretário, Sr. Otaviano Davis e, depois, Sr. Aristeu Amaro.

Publicou oito números, o primeiro em novembro de 1922 e o último em fevereiro de 1924, abrangendo o período decorrido desde dezembro anterior.

Entre seus ilustres colaboradores podemos nomear, além de seu eminente diretor, figuras de destacado valor literário e intelectual, como Mário Matos, Carlos Góes, Orozimbo Nonato, Wellington Brandão, João Alphonsus, Ibraim Carone, Archangelus Guimarães, Evágrio Rodrigues, Álvaro da Silveira, José Eduardo da Fonseca, Antônio Aleixo, Emílio Jacob, M. A. Teixeira de Freitas, João Boltshauser, etc.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 22,5 x 15, 20 páginas em média e duas colunas. Não mudou de capa nem de cabeçalho.

Propriedade do Dr. José de Magalhães Drummond e Benedito Conceição, exercendo este o cargo de gerente.

Nada precisamos dizer sobre o mérito desta revista. Basta o nome de quem a dirigiu e os de seus ilustres colaboradores para bem defini-la.

SEIS HORAS ! ___ ___ ___ ___ ___ 301

A 1º de fevereiro de 1923, aparecia o primeiro número deste jornal. Cremos que o último saiu a 11 de maio seguinte.

Foi-lhe dado o nome de *Seis Horas!* para marcar o momento exato de sua distribuição, aliás raramente pontual. Hoje se chamaria naturalmente *Dezoito Horas!*

Publicação diária, sob a direção de seu proprietário, Sr. Israel Franco Belga.

Formato de 49 x 34, quatro páginas e cinco colunas. O mesmo cabeçalho serviu aos poucos números que temos à frente.

Oficinas próprias, situadas à Rua do Espírito Santo, 291, e redação à Avenida Afonso Pena, 930.

Seis Horas! era jornal independente e noticioso.

O PIERROT ___ ___ ___ ___ ___ 302

Jornal carnavalesco, distribuído a 11 de fevereiro de 1923.

Redação no Parque Municipal — Oficinas no abrigo do cemitério — Ano 923 — Evoé! Evoé! — Domingos de Carnaval — Evoé! Evoé! — Nº único, era o que o cabeçalho apresentava.

Formato de 41 x 27,5, quatro páginas e cinco colunas.

Bastante espirituoso *O Pierrot*, que teve por diretor o Sr. Joaquim Soares Maciel.

O HORIZONTE 303

A 8 de abril de 1923, surgiu *O Horizonte*, jornal católico e órgão do Conselho de Imprensa da Diocese de Belo Horizonte.

O primeiro nome lembrado para este periódico foi o de *Voz de Minas*, afinal não adotado sob o fundamento de já ter existido aqui outro jornal de caráter partidário com este mesmo título.

Realmente, dois anos antes tivemos uma publicação assim chamada, mas de nenhuma importância. Publicação de emergência, fundada para engrossar as fileiras dos que defendiam as candidaturas de dois eminentes políticos.

O Horizonte teve existência bastante longa em relação a outras publicações, cujo índice de vida é de pleno conhecimento do leitor.

O número mais elevado de nossa coleção é o de 1.159, de 13 de novembro de 1934. Muito além dele, porém, não pôde ter ido, porquanto o jornal que continuou sua carreira, *O Diário*, saiu a 6 de fevereiro de 1935.

Esclareçamos que as notas que se seguem, giram somente em torno do primeiro ano de publicação e de poucos exemplares de anos posteriores. Só daquele período possuímos maior soma de elementos.

Publicava-se semanalmente, aos domingos, depois tornou-se bissemanal, saindo às quartas-feiras e sábados, e no fim, trissemanal, aos domingos, terças e quintas-feiras.

Inicialmente foi seu diretor o ilustre e venerando Monsenhor João Rodrigues de Oliveira, sem que isso constasse do cabeçalho ou do texto da folha. Em seguida vieram outros diretores, como os Srs. Dr. Lúcio dos Santos, até 5 de julho de 1924; Padre Vicente Soares, Dr. Joaquim Furtado de Menezes, Dr. Cristóvão dos Santos e Padre Leão de Medeiros, todos nessa ordem de colocação.

Só teve um formato, 49 x 33,5, quatro páginas e seis colunas. Dos exemplares que possuímos notamos três cabeçalhos, cada um com

um tipo de letra para o título. Impresso na Imprensa Diocesana, à Rua do Espírito Santo, 1059.

O Horizonte publicava excelente colaboração dos mais autorizados membros do catolicismo, destacando-se dentre todos, por sua assiduidade às colunas do jornal, o Dr. Lúcio dos Santos, que produziu páginas de subido valor, abordando os mais palpitantes e variados assuntos.

REVISTA DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS 304

Consoante disposição expressa do Regimento Interno, a Academia fará imprimir, sempre que for possível, na Imprensa Oficial, e mediante concessão dos Poderes competentes, a *Revista da Academia*, na qual serão publicados unicamente trabalhos dos acadêmicos, ou seus patronos, adrede sujeitos à censura da respectiva comissão.

A comissão da *Revista* é constituída de três membros, designados pelo presidente. Esta comissão poderá inserir na *Revista* trabalhos inéditos, esparsos, ou esgotados, de autores mineiros já falecidos, ou ainda livros preciosos sobre Minas, mesmo de autores estrangeiros, desde que a diretoria seja previamente consultada e concorde.

A tiragem não será inferior a 400 exemplares.

O primeiro volume foi lançado a público no dia 17 de abril de 1923.

Deixou de ser publicada de 1936 a 1952. Em 1953 reapareceu com o número 17, com esta Comissão de Redação: Eduardo Frieiro, Alphonsus de Guimaraens Filho e Oscar Mendes.

A primeira edição teve por diretores os acadêmicos Aldo Delfino, Carlos Góes e João Lúcio, todos já falecidos.

Esta revista é um vasto e precioso repositório de trabalhos literários, mas infelizmente pouco conhecida do grande público, por sua limitada tiragem e restrito círculo de distribuição.

Sempre impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 15 x 9 e número variável de páginas.

O DISCIPULO (2ª) 305

Segunda publicação deste título. A primeira teve o formato de jornal.

O Discipulo era órgão de propaganda da Loja Bhagavad Gantama, da Sociedade Teosófica.

Comissão de Redação: D. Militana Coelho, Vestremundo Coelho e C. Feldmann. Redator-secretário, Sr. Josebento Ângelo.

Redação à Avenida do Contorno, 4887.

Publicava-se no

> *Dia do Lotus Branco, todos os anos, como humílima homenagem à excelsa fundadora da Sociedade Teosófica, senhora Helena Petrowna de Han Fadaef Blavatsky.*

Conforme as circunstâncias, podia também circular em outros dias.

O dia do Lotus Branco corresponde, no nosso calendário, a 8 de maio. E nesse dia, do ano de 1923, foi que saiu o primeiro número desta revista. Em outubro seguinte outro foi publicado.

Formato de 19 x 13, 18 páginas e duas colunas.

A capa, toda alusiva a assuntos teosóficos, tinha ao alto o título escrito em letras góticas e à esquerda deste o emblema da Sociedade, circundado destas palavras: *Não há religião superior à verdade.* No sopé lia-se esta sentença:

> *Os olhos que jamais dormem estão vigilantes sobre o mundo nesta hora de trabalho — Ide percorrer a Terra e difundir a Luz. Annie Besant.*

A Sociedade Teosófica tinha por objetivo:

1º — Formar um núcleo de Fraternidade Universal, sem distinção de raça, sexo, crença, nacionalidade ou classe social.

2º — Promover o estudo comparativo das religiões, filosofias e ciências antigas e modernas.

3º — Investigar as leis inexplicadas da natureza e os poderes latentes do homem.

O primeiro item representava a velha aspiração e a eterna utopia.

O NABO 306

Órgão da rapaziada vibrante da zona.

A edição inicial, datada de 13 de maio de 1923, trouxe o número 99.999 e ano 33. Do expediente:

> *Direção: Norte, Sul, Leste e Oeste — Redação, administração e oficinas: Casa da Peste — As assinaturas começam e acabam sem os assinantes saberem.*

Só conhecemos o primeiro número e não será temeridade dizer-se que talvez dele não tenha passado. Formato de 29,5 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas.

Humorismo bem picante o deste jornal, como se espírito fosse só imoralidade.

A VOZ DE MINAS (2ª) 307

Segunda publicação deste nome, aparecida a 18 de maio de 1923. Vamos descrever o número 2, de 3 de junho, exemplar único de nossa coleção.

Não indicava o ano de publicidade e sim o mês. Publicação semanal, de direção dos Srs. Plínio de Freitas e J. Virote, e formato de 20,5 x 14, quatro páginas e três colunas.

Redação à Avenida do Contorno, 49.

Pelo número que temos à vista, não se pode fazer idéia de sua orientação.

A GAZETA (4ª) 308

Quarta publicação com o nome de *A Gazeta* e última até o presente.

Jornal independente, de publicação trissemanal, às segundas, quartas e sextas-feiras.

Circulou pela primeira vez a 25 de maio de 1923. A 8 de agosto saiu o número 28, último de nosso arquivo.

Não publicava o nome do diretor.

Redação, administração e oficinas à Rua do Espírito Santo, 277.

Formato de 49,5 x 33,5, quatro páginas, seis colunas e o mesmo cabeçalho em todas as edições.

A Gazeta usava linguagem bastante franca em todos os fatos que analisava. Trazia bom noticiário local.

ARALDO ITALIANO 309

Quinzenário dedicado à colônia italiana de Minas.

Tinha por divisa — *Vicent amor patriae, laudumque immensa cupido.* Virgilio.

Publicação iniciada a 22 de julho de 1923, sob a direção do Sr. Tolentino Miraglia.

Além do número 9, de 18 de dezembro, nada sabemos.

Editado nas oficinas do *Diario de Minas*, com o formato de 40 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Cabeçalho e feitio material sem quaisquer alterações.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 1914.

À esquerda do título estava uma gravura representando um nobre empunhando a bandeira italiana.

Sétimo jornal escrito em italiano nesta capital. Como órgão de colônia estrangeira, só a esta interessavam os assuntos e notícias publicadas.

O SETE DE SETEMBRO 310

Pelo título tem-se a impressão de um jornal comemorativo ou de ação política. Nada disso. Trata-se de órgão oficial dos comerciantes. Pela finalidade, deram-lhe um nome esdrúxulo e inadequado.

No número 2 mudou de orientação, tornando-se semanário independente, noticioso e literário. Rápida e radical metamorfose.

Não precisamos indicar o dia de seu aparecimento. Ele próprio o faz, mas o ano foi o de 1923.

Só conhecemos os dois números citados.

Formato de 42 x 27,5, três colunas no primeiro número e quatro no segundo. Um cabeçalho para cada edição.

Diretor, Sr. Torquato Vieira.

O BA-TA-CLAN 311

Humorismo e literatura. Publicação semanal, de propriedade do Sr. Pedro T. Alves e redação do mesmo e do Sr. B. Lima.

Primeiro número a 11 de novembro de 1923 e o segundo a 25, únicos constantes de nossa coleção. Formato de 26,5 x 18,5, quatro páginas e três colunas.

Impresso na Tipografia Artística, à Rua dos Tupinambás, 720.

B. Lima desenhou o cabeçalho, pondo à direita a Melindrosa e à esquerda o Almofadinha.

O Ba-ta-clan, bastante espirituoso, teve bom acolhimento por parte do público.

O REFLEXO 312

Revista mineira, trimensal, humorística e amplamente feminina, como se lê no expediente.

Direção e gerência do Sr. A. Cruz e redação à Rua da Bahia, 234.

Circulou pela primeira vez a 20 de novembro de 1923. Não conhecemos outro número.

Formato de 20 x 12, 16 páginas e duas colunas.

O Reflexo tinha como programa refletir em suas páginas tudo o que ocorresse na Capital.

UNIÃO DOS MOÇOS 313

União dos Moços foi, a princípio, órgão do Conselho Federativo e posteriormente do Conselho Superior da União de Moços (UMC). Pouco diremos sobre este jornal, por falta quase absoluta de dados.

Em 21 de novembro de 1923, saiu o primeiro número. Em dezembro de 1927 ainda

existia, pois desse mês temos o número 129, de 1925.

Do material que possuímos verifica-se terem sido seus diretores os Drs. Olinto Orsini de Castro e Orestes Dinis Barbosa e redatores os Srs. Lauro Horta, Edmundo Bicalho Filho, Virgílio Rosa Fernandes, João Augusto Perilo, Ananias Ataliba Teixeira, Claúdio Laranja, José da Silva Medeiros e Erotides Dinis.

Formatos vários, entre eles os de 27,5 x 19,5 e três colunas, e 39 x 28 e cinco colunas.

Impresso na Imprensa Diocesana, com oficinas à Rua do Espírito Santo, 1059.

Cabeçalhos diferentes, mas sempre com o mesmo tipo do título.

Como todos os jornais católicos, jamais se afastou de seus princípios básicos.

Redação à Avenida Paraná, 261.

INSTRUCÇÃO 314

Publicação mensal do Colégio Belo Horizonte, cujo proprietário, Professor Honório Guimarães, era o diretor do jornal.

Primeiro número datado de 22 de dezembro de 1923, com o formato de 28 x 20,5, quatro páginas e quatro colunas.

Dedicado exclusivamente à causa do ensino.

AVANTE ! 315

O Avante! teve duas fases. A primeira se estendeu de 8 de junho de 1924 até fins de 1925, com o número 88.

Publicação semanal, com um período intermediário de bissemanal. Dirigida por seu fundador, Dr. Amadeu H. Teixeira de Siqueira, até princípios de novembro de 1925, quando assumiu a direção o Dr. Vital Pacífico dos Passos.

Formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Impresso na Tipografia S. José.

Tiragem de 2.000 exemplares nos primeiros tempos e depois bastante aumentada.

Redação à Rua São Paulo, 522.

No número 4, de 29 de junho, estampou um sensacional artigo a que deu este título — *36.000.000 cabeças governadas por duas: uma inválida, outra ébria.* Bem sabe o leitor a que cabeças se referia o articulista.

Já prevenida com o sucedido e para evitar a reprodução do fato, a Polícia invadiu as oficinas do jornal, confiscando toda a edição do número 5, de 7 do mês seguinte e incinerando-a no pátio da Delegacia, além de prender o Dr. Amadeu. A autoridade, para que se não fizesse uma edição clandestina, ordenou e assistiu a *distribuição* de todas as

chapas do número confiscado. Os poucos exemplares que escaparam à vigilância policial são raríssimos.

A violência de linguagem usada pela folha não autorizava o gesto ilegal da Polícia. A Lei de Imprensa então vigorante que fosse aplicada com todas as suas sanções, sem necessidade de recorrer-se a medidas extremas como aquelas. A Polícia, para coibir um abuso cuja punição a lei previa, cometeu outro maior, qual o de invadir, a desoras, a propriedade alheia, sem obediência aos cânones legais.

Em conseqüência desse incidente, esteve suspensa a publicação do jornal até 3 de agosto seguinte.

Voltando a circular, continuou na mesma rota, sendo por isso novamente preso seu diretor, a 6 de novembro, e desta vez remetido para o Rio de Janeiro, onde, na Detenção, curtiu longos meses de reclusão. Solto, regressou, restabelecendo a publicação do *Avante!* a 5 de abril de 1925, com o número 28.

Voltou, porém, outro, completamente transformado, sem aquele grau de agressividade anterior, tanto assim que no editorial daquele número e intitulado *"Macte animo, Avante!"* disse a certa altura:

> *Para cima e para a frente,* Avante! *não poderá retrogradar, tratando de coisas baixas que ficaram para trás, confundidas com o lixo das sarjetas e as misérias dos fundos dos quintais.*

Repudiava, assim, tudo o que escrevera. Tão brusca transformação foi mal recebida por seus inúmeros admiradores, que nela enxergaram a cessação das hostilidades.

Mesmo com a linguagem modificada, o proprietário de certa tipografia tão inconvenientes achou os artigos em seu poder, que se recusou a editar o jornal e, mais fazendo ainda, levou os originais ao conhecimento da Polícia. O Delegado, prelibando talvez elogios e agradecimentos no seu *nobre* gesto, levou-os ao Presidente do Estado, Sr. Melo Viana, que lendo-os nada de inconveniente achou neles, que apenas o chamavam de péssimo administrador. Disse que era essa a opinião do jornalista, a qual merecia todo o respeito, como todas as opiniões.

Chamado ao Palácio o Dr. Amadeu, o Presidente entregou-lhe os originais com a afirmativa de poder continuar a criticar os atos do Governo. Retrucando, disse-lhe o Dr. Amadeu não ter onde imprimir o jornal, pois todos os editores eram uns medrosos. Sor-

rindo, o Sr. Melo Viana respondeu-lhe. Imprima-o no *Minas Gerais*.

E assim foi o rubro jornal oposicionista impresso em oficina do Estado, de fins de maio a outubro de 1925.

A nobreza do gesto do Sr. Melo Viana fez com que daí por diante ficasse o *Avante!* seu amigo e passasse a exaltar tanto a sua pessoa como o seu Governo. Chegou até a levantar a sua candidatura à presidência da República, em contraposição à do Sr. Washington Luís, que já se esboçava nitidamente nos horizontes da política nacional.

Assim viveu o *Avante!* até o fim do ano, quando desapareceu do cenário.

Com o número 89, de 21 de agosto de 1927, ressurgiu em segunda fase. Voltou tal como no início da publicação, ou seja, com a mesma cerrada oposição ao Governo Federal, como prova o trecho seguinte, escrito à direita do cabeçalho daquele número:

> Avante! *Mais uma vez, como Fênix, ressuscita das próprias cinzas. — Os espíritos de Felipe dos Santos, Tiradentes e José Bonifácio (o velho) hão de proteger este jornal, que tanto tem sofrido por contar tantas verdades nuas e cruas. — Que estes cafajestes de bernardes com suas leis celeradas não saiam do inferno para irritar a paciência nossa, é o que imploramos a Deus...*
>
> *Omitimos o último período por demais escabrosos seus termos.*

Nesta fase o formato foi o mesmo da primeira, mas com o número de colunas reduzido para quatro. Não conseguimos identificar a oficina impressora, nem saber a data em que o *Avante!* suspendeu a publicação definitivamente.

Redação à Avenida Paraopeba.

Avante! teve uma circulação fora do comum, principalmente nas camadas populares, devido à sua desabusada linguagem, a única de agrado e regalo das massas, que por instinto aplaude sem reservas todas as atitudes dessa natureza.

Radicalmente contrário ao governo do então Presidente da República, Sr. Artur Bernardes, o redator do *Avante!* não o poupava. Fazia-lhe tremenda oposição em artigos e *sueltos* violentos, os mais fortes destes publicados destacadamente à direita do cabeçalho, em lugar portanto em que não podiam passar despercebidos ao leitor, por menos avisado que estivesse.

E esta foi a vida do *Avante!*, vida intensa e cheia de peripécias como jamais presenciou a Imprensa local.

Seu redator não temia as conseqüências de seus atos.

JORNAL DO POVO (2º) 316

Segundo do nome. Não teve, porém, a popularidade nem a intensa vibração de seu homônimo. Muito longe disso.

Deu o primeiro número a 21 de junho de 1924. Até quando circulou ignoramos. O último número que conhecemos é o 13, de 19 de julho.

Anunciou publicação diária, à tarde, mas, por falta de aparelhamento de suas oficinas, publicou-se, ao menos até o número 13, citado, às terças, quintas e sábados. Impresso na Tipografia S. José, à Rua Rio de Janeiro, 357. Redação nessa mesma rua, 422.

Direção do Sr. Canuto Guimarães.

Formato de 48,5 x 33,5, quatro páginas e seis colunas. Cabeçalho pouco alterado, mas sem mudança do tipo do título.

Jornal do Povo foi uma folha bem escrita e bastante noticiosa.

LA VOCE COLONIALE 317

Publicação semanal, dirigida pelo Professor Vincenzo Cappiello.

Primeiro número a 10 de julho de 1924. Nossa coleção só alcança até o número 5, de 10 de agosto.

Formato de 41,5 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Impresso nas oficinas do *Diário de Minas*. Cabeçalho igual em todos os números. *La voce Coloniale* foi o oitavo jornal escrito em italiano nesta capital.

Mais de uma vez já dissemos e aqui repetimos que jornais de colônias só a estas interessam.

REVISTA DO COMMERCIO (1ª) 318

Sabemos que saiu a 15 de agosto de 1924.

A seu respeito só podemos adiantar, de acordo com o que lemos no número 2 do *Jornal do Povo*, ao noticiar o seu próximo aparecimento, que seria editada pelos Drs. Américo Gasparini e Mozart Meniconi, sob os auspícios da Associação Comercial, e se destinava à defesa dos interesses gerais das classes conservadoras do Estado.

O SELLO 319

Presumimos ter sido *O Sello* o primeiro jornal dedicado à filatelia editado em Minas. Teve

como redatores os Srs. Hélio Viana e Álvaro Neves.

Possuímos tão-somente os números 1 e 11-12-13, estes publicados em uma só edição e referentes aos meses de outubro a dezembro de 1925. O primeiro número é de dezembro de 1924. Foi distribuído a 20.

Formato de 22,5 x 16,5, quatro páginas e três colunas.

Cabeçalho sem modificação. À direita um clichê do selo de taxa devida do valor de 2$000 e à esquerda outro, do Olho de Boi, de 30 réis.

Administração à Rua Goiás, 74, e depois à Avenida Afonso Pena, 1482.

Muito bem-feito e interessante *O Sello*. Ignoramos se muito viveu.

Admira-nos até como conseguiu publicar 13 números em um meio filatélico como o nosso, tão parado e quase sem intercâmbio, principalmente naquele tempo.

MONITOR MERCANTIL MINEIRO 320

Boletim diário, destinado à publicação do movimento de mercadorias entradas pelas estradas de ferro e destinadas ao comércio.

Deve ter saído em princípios de 1924. Como não podemos precisar a data, colocâmo-lo em último lugar daquele ano.

Formato de 28 x 19 e coluna aberta. Capa e folhas de anúncios impressas e o texto mimeografado.

Redação e oficinas à Rua da Bahia, 234.

A TRIBUNA (2ª) 321

Segunda publicação deste título.

Órgão da democracia, de direção do Sr. José Lomeu dos Santos.

Publicação vespertina, aos domingos, e depois às segundas-feiras. Anunciou publicação bissemanal, que não sabemos se foi levada a efeito.

Surgiu a 4 de janeiro de 1925. Não conhecemos além do número 23, de 16 de julho. Sabemos, entretanto, que foi além dessa data, pois em agosto de 1926 ainda circulava, como lemos em outro jornal.

Formato de 37,5 x 26, quatro páginas e quatro colunas. Impressa em diferentes tipografias, com três cabeçalhos distintos.

Redação e administração à Avenida do Contorno, 11715, antigo 1162.

A Tribuna trazia farto noticiário.

VIDA NOVA (1º) 322

A 25 de janeiro de 1925 era publicado o primeiro número desta folha, da qual não possuímos outra informação a não ser esta.

ARLEQUIM 323

Jornal carnavalesco, cujo número único foi distribuído a 22 de fevereiro de 1925.
Direção de Pierrot e gerência de Momo.
Formato de 28,5 x 20, quatro páginas e quatro colunas. Impresso em uma tipografia situada à Rua dos Goitacazes, 96.

CARREGA! 324

Este também carnavalesco e distribuído no mesmo dia do anterior, a 22 de fevereiro de 1925, e como ele número único.
Diretor-redator, Sr. Ricardo A. Pinto Júnior, e diretor responsável, Pedro A. de Sousa.
Formato de 20 x 14, quatro páginas e três colunas. Impressão da Tipografia Mercúrio, à Avenida Afonso Pena, 534.
Redação à Avenida Brasil, 310.

DESTEMIDOS 325

Revista carnavalesca, órgão do Clube dos Destemidos.
Circulou nos dias 22, 23 e 24 de fevereiro de 1925, consagrados a Momo.
Redator-chefe, Sr. Carlos S. Filho.
Formato de 28,5 x 19, 40 páginas, inclusive as especiais de anúncios e duas colunas ou coluna aberta. Impressa na Tipografia S. José, à Rua Rio de Janeiro, 358.

REVISTA DO ENSINO 326

A criação da *Revista do Ensino* não é de data contemporânea à sua circulação, como todos pensam. É até de data bastante remota, pois foi criada há mais de meio século, pelo Art. 325 da Lei nº 41, de 3 de agosto de 1892, que marcou o dia 1º de janeiro de 1893 para o início de sua publicação. Seria editada quinzenal ou mensalmente, no formato e número de páginas que fosse determinado pelo Governo, em regulamento. A redação e revisão de provas ficaria a cargo de um professor do Ginásio, da Escola Normal ou da Escola de Farmácia da antiga Capital, com a gratificação anual de 1.000$000.
Todas essas disposições foram reproduzidas no Art. 190 e seguintes do Decreto nº 655, de 17 de outubro de 1893, que promulgou o regulamento das escolas e instrução primária.

Como sói acontecer quase sempre, tudo isso não passou do papel, letra morta, como a maioria de nossas leis. Nada se cumpriu.

Vinte e oito anos depois, a Lei nº 800, de 27 de setembro de 1920, em seu Art. 59, reviveu o assunto, mandando que a Diretoria da Instrução editasse a *Revista do Ensino*. Isso ficou ainda dependendo da regulamentação da mesma Lei, o que se verificou só daí a quatro anos, pelo Decreto nº 6.655, de 19 de agosto de 1924, que no Art. 479 reproduziu aquela disposição. Nessa altura, então, não houve outro remédio senão dar cumprimento a tantos textos legais, que vinham sendo procrastinados desde longa data. E assim surgiu, a 8 de março de 1925, o primeiro número de tão decantada publicação. Nasceu quando já devia estar contando 33 anos de idade, se a lei de sua criação não tivesse sido atirada ao rol das coisas inúteis.

Nos termos do Art. 484 daquele Decreto, a revista foi dirigida, até 1934, pelo Diretor da Instrução. É certo que pelo Art. 7º da Lei nº 916, de 3 de setembro de 1926, foi criado o lugar de diretor da mesma, mas poucos dias depois, a 30, a Lei nº 940 revogou aquela, quando disse que a revista passaria a ser publicada nos termos dos Arts. 479 a 486 do mesmo Decreto nº 6.655. Uma lei despistadora.

O que ela quis fazer, e de fato fez, foi única e exclusivamente suprimir, implicitamente, o lugar de diretor da revista e cometer sua direção novamente ao Diretor da Instrução, cargo este que se transformou no de Inspetor Geral da Instrução, *ex-vi* do Decreto nº 7.970 A, de 15 de outubro de 1927, que aprovou o Regulamento do Ensino Primário. Não havia necessidade de dar-se à redação da mesma a amplitude que se lhe deu com a citação de artigos que não estavam em jogo e que nada tinham com o fim visado. Seu principal objetivo era suprimir o lugar de diretor e para isso bastaria que dissesse: "Fica revogada a Lei nº 916". Nada mais. Seria mais simples e não constituiria um perfeito quebra-cabeças para quem não acompanha, *paripassu*, a evolução de nossa legislação.

Em 1934, operou-se nova modificação na direção da revista. Pelo Decreto nº 11.233, de 20 de fevereiro, foi extinto o cargo de Inspetor Geral da Instrução e diretor da *Revista do Ensino* e criados os cargos de Auxiliar Técnico do Secretário da Educação e de Diretor da *Revista do Ensino*. Mera separação de funções. Destarte, ficou a

revista com sua direção sem qualquer ligação ou dependência com outro cargo.

Este sucinto histórico mostra claramente que a Lei nº 41, de 1892, foi a verdadeira criadora da *Revista do Ensino*, porquanto todos os textos de leis e regulamentos que se seguiram não passaram de disposições complementares e supletivas, como atestam os próprios termos em que foram redigidos.

Como dissemos, o primeiro número desta revista saiu a 8 de março de 1925. Inicialmente tinha o formato de 24 x 18 e em seguida o de 17 x 11.

Até o número 9, de dezembro de 1925, era distribuída como suplemento do *Minas Gerais*, de acordo com o Art. 486 do Decreto nº 6.655, e depois em fascículos avulsos.

Teve vários cabeçalhos, sendo o mais elegante e de melhor aparência justamente o usado até o número 9, citado.

Quanto à periodicidade, foi mensal, bimensal e até semestral.

A numeração de páginas era contínua, por ano, e depois por volume.

Por muitas transformações materiais passou a *Revista*. Não podemos enumerá-las pela falta da respectiva coleção. Em se tratando de tão destacada publicação, era nosso desejo ampliar ao máximo a descrição de sua trajetória, mas infelizmente não conseguimos nem ver a coleção completa, por mais que a procurássemos, mesmo em local em que seria obrigatória sua existência.

Suas páginas estão repletas de boas fotografias, com especialidade de edifícios escolares, grupos de professores e alunos, estes em exercício, em recreio ou em classe.

Alguns números do início da publicação trouxeram, em tricromia, a reprodução de quadros de grandes pintores brasileiros, como "O Julgamento de Felipe dos Santos", de Antônio Parreiras e "Primeira Missa no Brasil", de Vitor Meireles.

O texto continha o que de melhor se podia exigir em assuntos de Pedagogia e de interesse para o ensino. Além disso, estampava magníficas produções de autorizados escritores sobre literatura, história de Minas, folclore, etc.

No princípio, constava do cabeçalho ser órgão da Diretoria da Instrução e, posteriormente, órgão técnico da Secretaria da Educação. Depois dizia apenas — *Da Secretaria da Educação e Saúde Pública.*

Com o número 174-175, de maio-junho de 1940 deixou de circular, sob a alegação de o

estado de guerra dificultar ou mesmo impossibilitar a aquisição de papel. Papel, no entanto, não faltou para impressão de muita coisa sem utilidade e sem proveito para a coletividade, em detrimento da publicação da *Revista*. Outra foi, certamente, a causa determinante dessa medida, porquanto a alegada não procede.

Como puderam, então, as oficinas particulares editar volumosas obras, revistas, jornais e avulsos naquele mesmo período anormal da vida mundial? Onde arranjaram elas papel? Maiores facilidades tinha o Governo de suprir-se de material do que as empresas privadas, que não cessaram suas atividades.

Quiséramos ser mais explícitos, mas não podemos, pelos motivos já expostos. Assim, mau grado nossa boa vontade, por aqui ficamos, encerrando a primeira fase da vida desta publicação.

O Decreto-Lei nº 1.535, de 15 de dezembro de 1945, abriu à Secretaria da Educação o crédito de 60 mil cruzeiros para pagamento de despesas com a publicação da *Revista do Ensino*. Dois meses após, a 27 de fevereiro de 1946 e depois de quase seis anos de suspensão, aparecia o primeiro número da nova fase, que foi o 176 da numeração geral.

Pelo Decreto nº 1.622, de 10 de janeiro anterior, foi extinto o lugar de diretor da Revista e de sua direção incumbido um funcionário da Secretaria da Educação, designado pelo respectivo superintendente. A designação recaiu no Professor João Batista Santiago, que já vinha da fase transacta. A partir do número 191, de janeiro-junho de 1949, foi substituído pelo Professor Benjamim Ramos César.

As diretrizes da *Revista do Ensino* estão consubstanciadas nisto: sociologia, pedagogia, legislação, técnica e administração do ensino.

Tiragem de 10.000 exemplares, sendo gratuita a distribuição ao professorado dos estabelecimentos estaduais.

Continua com o mesmo formato e impressa na primitiva oficina, Imprensa Oficial.

Façamos votos para que não mais se interrompa a publicação desta útil revista.

O ECHO 327

Semanário independente, humorístico e de interesse popular.

Ecoou pela primeira vez a 22 de março de 1925, tendo como diretor o Sr. Clarimundo Cordeiro. Apenas conhecemos os dois primeiros números, cada um com o seu forma-

to, o número 1 com 28,5 x 19,5 e o número 2 com 30,5 x 22,5, ambos, porém, com o mesmo cabeçalho e quatro colunas.
Redação à Avenida Afonso Pena, 744, e oficinas à Rua Rio de Janeiro, 358.
Jornal com bom noticiário e seções várias.

O CINEMA 328

Jornal noticioso, humorístico e de propaganda. Propriedade da Empresa Cinematográfica Gomes Nogueira. Foram publicados vários números, estando o primeiro datado de 29 de abril de 1925. Distribuição interna.
Publicação diária, contendo, além dos programas dos cinco cinemas da empresa, seções de variedades.
Formato de 20 x 14,5, quatro páginas e três colunas, com cabeçalho uniforme.

RADIOPHOLIA 329

Revista boêmia-comercial, cheia de trocadilhos na capa. Publicação semanal, iniciada a 2 de maio de 1925.
Diretor proprietário, Sr. André Dumanoir.
Formato de 21 x 13,5, 20 páginas sem numeração e coluna aberta. Impressa na Tipografia S. José, situada à Rua Rio de Janeiro, 358.
Anúncios em geral e uma ou outra variedade.
Estas notas se referem ao número 3, de 16 de maio, único que vimos até hoje.

O ACADEMICO (1ª) 330

Conhecemos três fases deste jornal. *Academico* na primeira e *O Academico* nas outras, era órgão do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito.
Iniciou a publicação em 21 de junho de 1925, sob a direção dos Srs. João Lima Guimarães e Clarimundo Cordeiro. O segundo número é de 1928.
Formato de 39 x 28, quatro páginas e cinco colunas, e impressão das oficinas do *Diario de Minas*. O mesmo cabeçalho nos dois citados números.
Redação à Avenida Afonso Pena, 744.
Suspensa a publicação em data que não apuramos, ressurgiu mais tarde, a 1º de junho de 1929, com oito páginas. A 29 publicou o terceiro número.
Nesta fase apresentou-se com esta direção: diretor-responsável, Sr. Newton Paiva Ferreira; diretor-gerente, Sr. Cristiano E. Barsante dos Santos e redatores, Srs. Hugo

Gouthier de Oliveira Gondim e Javert de Sousa Lima.

Novamente interrompida sua carreira, também em data que não podemos assinalar, voltou a circular daí a quatro anos, a 2 de junho de 1932, tendo como diretor o Sr. Ricardo Fortini e como redatores os Srs. Edgard Magalhães, José Bezerra Gomes e Luís Gonzaga Alves Pereira.

Apenas quatro ou cinco números saíram nesta fase, conforme nos informou um dos redatores.

Em seus dois reaparecimentos adotou nova numeração, tanto para o ano de publicidade como para as edições.

Nada mais conseguimos apurar.

A REVISTA 331

Foi em 1º de julho de 1925 que apareceu esta revista, exclusivamente literária. Publicou apenas três números, sendo o primeiro na data citada, o segundo em agosto e o terceiro em janeiro de 1926.

Foram seus diretores os Srs. Martins de Almeida e Carlos Drummond e redatores os Srs. Emílio Moura e Gregoriano Canedo.

Publicação mensal, formato de 18 x 11,5, 50 páginas e coluna aberta.

Redação e administração à Avenida João Pinheiro, 565.

Editada nas oficinas do *Diário de Minas*, à Rua da Bahia, 1210-20, como se lê na capa.

Apresentou-se desta forma:

> *Artigo de fundo — Para céticos — O programa desta revista não pode necessariamente afastar-se da linha estrutural de todos os programas. Resume-se numa palavra: Ação. Ação quer dizer vibração, luta, esforço, construtor, vida.*

Ótima publicação, cujo desaparecimento é até hoje sentido nas rodas literárias. Colaborada pelos nossos melhores escritores.

CALUNGA 332

O *Calunga*, jornal ilustrado, humorístico e literário, veio à luz a 12 de julho de 1925. O número 3, de 3 de agosto é o último de nossa coleção.

Direção do Sr. Ataliba de Miranda Lima.

Formato de 39 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Impressão da Tipografia S. José.

RISOS E SORRISOS 333

Revista mundana, artística, humorística e literária.

Sua publicação teve início a 1º de agosto de 1925 e não sabemos até quando se prolongou. Só conhecemos até o número 1 do ano II, que é de outubro de 1926.

Quinzenal foi a periodicidade anunciada, mas saía com muita irregularidade.

Diretor-proprietário, Sr. André Dumanoir e redator-secretário, Sr. Albano de Morais. Do número 6 ao 9 esteve à sua frente, como redator-chefe, o brilhante escritor e jornalista Djalma Andrade.

Formato de 26,5 x 19,5, 50 páginas em média, não-numeradas, e duas colunas.

Impressa, no princípio, na Tipografia Leão, à Avenida Afonso Pena, 538, e em seguida nas oficinas da Imprensa Oficial.

Um modelo de capa para cada número e cabeçalhos diversos.

Redação à Rua do Espírito Santo, 206.

Algumas edições, profusamente ilustradas, foram consideradas especiais, em homenagens diversas.

Publicava vastíssima reportagem fotográfica sobre todos os assuntos. A parte literária era colaborada por nomes sobejamente conhecidos em nosso cenário intelectual, tais como, além dos diretores, os Srs. Djalma Andrade, Abílio Machado, Edson Magalhães, Brito Machado, Otoniel Beleza, Paulo Carvalho, Evágrio Rodrigues, Gastão Itabirano, etc.

Outras interessantes seções ilustravam *Risos e Sorrisos*, todas dignas de apreço pelo valor e oportunidade de que se revestiam.

O COLLEGIO 334

Órgão literário do Colégio Arnaldo.

Primeiro número de setembro de 1925, com o formato de 40 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Direção do Sr. Antenor de Castro.

Publicação mensal e impressão da Tipografia S. José.

Jornal colaborado pelos alunos do estabelecimento.

MINAS SPORT 335

Órgão independente, crítico e desportivo, de propriedade da Casa Osório, estabelecimento de bebidas e conservas.

Datado de 11 de outubro de 1925 o primeiro número. O número 8, de 6 de dezembro, é o último que possuímos.

Publicação semanal e direção do Sr. Salim Suaid até o número 6 e, daí por diante, do mesmo e Sr. Oscar Monte.

Formato de 35,5 x 26, quatro páginas e quatro colunas. O cabeçalho só foi modificado no tipo das letras do título.

MERCURIO 336

No primeiro número, que trouxe a data de 30 de outubro de 1925, disse este jornal a certa altura do artigo de frente, intitulado "Nosso Programa":

> *Órgão principalmente comercial, propagandista de tudo o que se relaciona com o comércio,* Mercurio *será também noticioso e um pouco literário... Quanto à política — seremos absolutamente imparciais, não emitindo opinião alguma sobre A ou B.*

Órgão da União dos Empregados no Comércio, teve como diretor, até o número 6, o Sr. Domingos Moutinho Teixeira e gerente, o Sr. Colatino Teixeira dos Reis. A direção dos números 7 e 8 foi esta: diretor, Sr. Alcindo Passos; redator, Sr. Raimundo de Medeiros; secretário, Sr. Antônio Vasconcelos.

Suspensa a publicação a 30 de outubro de 1926, só reapareceu exatamente dois anos depois, a 30 de outubro de 1928, com o número 9 e com esta direção: diretor, Sr. Joaquim de Oliveira e Silva; redator, Sr. Durval Lima; gerente, Sr. Paulo Baeta Neves. De nada valeu seu reaparecimento, porque daí por diante deixou de circular.

Impressão da Tipografia S. José até o número 6; das oficinas da *A Época*, à Rua dos Tupinambás, 380, os números 7 e 8, e das oficinas gráficas Americano & Cia., à Rua Curitiba, 577-81, o número 9.

Formato de 40 x 28, quatro páginas, cinco colunas e tiragem de 5.000 exemplares. Dois cabeçalhos, um até o número 6 e outro para os números 7 a 9, ambos, porém, sem alteração do tipo empregado no título.

Redação e administração à Rua dos Tupinambás, 312.

Mercurio cumpriu religiosamente seu programa. Manteve várias seções, entre as quais as de literatura, sociais, notícias, etc.

BRASIL ! 337

De propriedade, direção e gerência do Sr. Raimundo de Freitas, surgiu o *Brasil!* a 10 de janeiro de 1926, tendo como *protetor* o Dr. Amadeu H. Teixeira de Siqueira, o revolucionário fundador e diretor do *Avante!*, nessa época com a publicação suspensa.

Fato virgem nos anais da Imprensa, talvez mundial, o de dar-se *protetor* a jornal. Pelo

menos nunca ouvimos falar a respeito. Naturalmente profunda admiração do *protegido* pelos processos jornalísticos do *protetor*.

Quanto viveu o *Brasil!* não sabemos; só temos até o número 4, de 21. Dada a vida efêmera de nossas publicações, é de acreditar-se ter sido esse o último número.

Publicação bissemanal e impressão da Tipografia S. José.

Formato de 40 x 28, quatro páginas e cinco colunas. O mesmo cabeçalho em todas as edições.

Redação à Rua S. Paulo, 522.

O *Brasil!* não foi tanto quanto o *Avante!*, mas não fugiu de todo a seus métodos de publicidade.

O *protetor* disse no primeiro número que muito em breve assumiria a direção da folha, criando "uma nova seção formidável (!), a cargo de um dos mais belos cérebros da minoria tão brilhante da Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro" (sic).

A parte material dos dois jornais aqui referidos foi a mesma, *mutatis mutandis*. Até o ponto de admiração do *Avante!* foi transplantado para o *Brasil!*.

Apesar de o *protetor* não aparecer sempre ostensivamente, pelo estilo descobre-se muita colaboração de sua lavra. Estamos bastante familiarizados com seus escritos e assim podemos identificá-los com facilidade e certeza. *Ex digito gigas.*

Trechos do artigo com que se apresentou:

> O Brasil! *é um jornal genuinamente democrata, aberto às doutrinas liberais que bafejam o mundo, nasce lutando pelas aspirações do povo, pela sua educação, pelo seu conforto. Combaterá os elementos nocivos, a falsidade dos caracteres, os* profiteurs *sem escrúpulo, a imprensa servil e louvaminheira.*

Aí está o *Brasil!*... jornal.

A TROMBETA 338

Número un...ico — Redator: J. J. Tesoura.

Saiu a 16 de fevereiro de 1926, dia de carnaval, com o formato de 28,5 x 19,5, quatro páginas e três colunas. Impressão da Tipografia S. José.

Anúncios e matéria própria da festa.

O CARNAVAL (2ª) 339

Publicado no mesmo dia em que o precedente, 16 de fevereiro de 1926. Número úni-

co. Mais anúncios do que assuntos carnavalescos.

Redator-gerente, Sr. Ricardo Burato.

Formato de 32 x 22, quatro páginas e quatro colunas. Impresso na Tipografia Medeiros, à Rua dos Caetés, 237.

LA SQUILLA 340

Nono jornal escrito em italiano aqui editado.

Em fevereiro de 1926, publicou o primeiro número, sem indicação do dia.

Só temos os números 1, 4 e 21, este de 24 de julho de 1927.

Publicação semanal. Os números 1 e 4 impressos na Editora Mineira, à Avenida Amazonas, 121, e o número 21 nas oficinas da Imprensa Oficial.

Os dois primeiros números citados com o formato de 29 x 22,5 e quatro colunas. O último deu um grande salto, passou a ter 42,5 x 24 e três largas colunas.

Diretor, redator, proprietário e gerente responsável o Sr. Giulio Buoncompagni.

Cada número um cabeçalho. Só manteve inalterado o tipo do título, escrito em letras góticas.

La Squilla era jornal político, fascista, italiano, independente. Hoje não teria mais razão de ser; mudaram-se os tempos, felizmente.

Em se tratando de jornais estrangeiros, temos dito que só interessavam às respectivas colônias. Deste não podemos dizer o mesmo, pois não interessava a toda a colônia italiana e somente a parte dela, porque a outra repudiava o credo professado e propagado do *La Squilla*.

Tinha por lema — *Più in alto ed oltre.*

Conhecida a orientação deste jornal, torna-se supérfluo qualquer comentário a respeito.

JORNAL DO VIAJANTE 341

Em março de 1926, foi publicado o primeiro número deste jornal, em dia que não conseguimos saber. O número 3 é de 5 de abril.

Edição semanal, de distribuição gratuita, com a tiragem de 5.000 exemplares, como consta do cabeçalho interno. Impresso na Tipografia Aleixo, à Rua dos Tupinambás, 683, sendo seu editor o Sr. Willy Eppenstein.

Formato de 21,5 x 15, oito páginas, inclusive a capa, e coluna aberta.

O título nos dá a impressão de jornal de classe, quando de fato só estampava anúncios e mais nada.

Melhor lhe assentaria este nome: *Jornal de Anúncios.*

CINE-JORNAL (1º) 342

Contrariando o próprio título, de cinema uma insignificante parcela. Lá na página central, discretamente, lacônico programa do Cinema Avenida. O resto, anúncios e mais anúncios.

Primeira distribuição em 25 de abril de 1926.

Publicação diária e impressão da Tipografia Monteiro, à Rua Curitiba, 551. Formato de 26 x 18,5 e quatro páginas, com cabeçalho uniforme.

Depois deste tivemos mais dois jornais com o mesmo título.

VOCE LATINA 343

Voce Latina foi um excelente jornal, dirigido pelo Sr. Ettore Corriere, que sempre militou no jornalismo local.

Infelizmente, não podemos descrevê-lo mais amplamente, por falta de elementos. Só possuímos dados estatísticos e materiais, tirados da respectiva coleção, que não pudemos reter em nosso poder o tempo necessário a uma consulta minuciosa e eficaz, como se fazia mister.

Publicou 34 números, o primeiro a 9 de maio de 1926 e o último a 6 de novembro de 1927.

Publicação dominical, de caráter independente, tendo por lema: *Perla Patria e la collectivita.*

Estampava quatro páginas e sete colunas, pois tinha grande formato, 52,5 x 36,5.

Até o número 4, impresso em uma oficina situada à Avenida Paraná, 98, e do 5 ao último nas oficinas da Imprensa Oficial.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 789.

Foi o décimo jornal escrito em italiano nesta capital, mas nele se encontrava muita colaboração em português, de aparadas penas locais.

A BOA SEMENTE 344

Revista mensal da Congregação Presbiteriana do Cálix Comum, associação fundada a 25 de março de 1923.

Primeiro número a 1º de junho de 1926.

Formato de 19 x 13,5, 16 páginas e duas colunas. Impressão da Tipografia Castro, Queiroz & Cia., e de outra particular.

Redação à Rua Pium-i, 1.

Farta colaboração de acordo com sua finalidade, inclusive hinos sacros, acompanhados dos clichês das respectivas músicas.

Propriedade e direção do Sr. Francisco Antônio Deslandes, cujo nome, no entanto, não constava da publicação.

Estes dados se referem unicamente ao primeiro número.

Posteriormente, *A Boa Semente* se transformou de revista em jornal, com o formato de 25 x 17, quatro páginas e duas colunas. Na nova feição passou a publicar no cabeçalho o nome do diretor. Agora, órgão da Congregação Cristã, e não mais da Congregação Presbiteriana.

Conhecemos até o número 34, de 1º de setembro de 1930.

Impressão de uma tipografia particular, situada à Rua Tomás Gonzaga.

A VERDADE (1ª) 345

Primeira folha deste nome, cujo primeiro número saiu a 27 de agosto de 1926 e o quarto a 23 de maio de 1927.

Órgão oficial da Associação dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares, padarias e anexos, no número 1, e órgão independente e de combate, no número 4.

No primeiro número: diretor, Sr. Francisco J. de Oliveira; redator, Sr. L. Dias e gerente, Sr. Júlio Dias, e no número 4, redator-chefe, Sr. Jair Soares Pereira e redator-gerente, Sr. J. M. Campos.

Formato do número um, 49 x 23 e seis colunas. Ordinariamente a tendência de todo jornal é crescer, mas com este deu-se o contrário, pois o número 4 reduziu o formato para 39 x 26 e quatro colunas.

Impresso o primeiro número nas oficinas do periódico *Aliança*, de Juiz de Fora, e o número 4 na Tipografia Monteiro, à Rua Curitiba, 551, este com a tiragem de 8.000 exemplares, assinalada no cabeçalho.

Cada número teve seu cabeçalho diferente.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 372.

No artigo inicial lê-se este período:

> *Não manteremos oposição sistemática, nem também estaremos ao lado dos eternos apologistas; a nossa posição será imparcial, cuidaremos da nossa classe.*

De fato, essa edição foi toda consagrada aos interesses da classe, mas o número 4 já saiu completamente diverso. Tornou-se político extremado, contra o Sr. Artur Bernardes, que a esse tempo não mais exercia a presidência

da República. Foi, portanto, uma atitude de caráter pessoal, que não se justificava.

O Sr. Amadeu Teixeira, redator do extinto *Avante!* e "protetor" do *Brasil!*, foi destacado colaborador desta folha.

Por não termos os números seguintes, se é que saíram, não sabemos como continuou este jornal em sua faina de ataques.

BOLETIM MENSAL 346

Boletim da Associação dos Empregados no Comércio de Minas Gerais, dirigido pelo Sr. José Mamede da Silva.

Primeiro número em agosto de 1926, sem indicação do dia.

Formato de 23,5 x 15,5, oito páginas e três colunas. Impresso na Tipografia Medeiros, à Rua dos Caetés, 237.

Exclusivamente dedicado aos interesses sociais.

A EPOCA (4ª) 347

Ao contrário das duas anteriores, esta não adotava o "h". Já seguia a fonética, por antecipação.

Veio a público a 19 de setembro de 1926. O número 7, é de 31 de outubro, e o número 24, de 21 de agosto de 1927. Não conhecemos outros.

Publicava-se aos domingos.

Diretor dos números 1 e 7 o Sr. Clarimundo Cordeiro e do número 24, o Sr. Januário Esteves.

Formato de 39 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

Redação e oficinas à Rua dos Tupinambás, 380, e depois à Rua Além Paraíba, 31.

Os números 1 e 7 com um cabeçalho e o 24, com novo. Naqueles dois números lia-se: *semanário noticioso e independente* e neste, *periódico de grande circulação no Estado.*

A Epoca trazia bom noticiário e outras seções de interesse geral.

CORREIO MINEIRO 348

Um dos grandes jornais cá da terra e de acentuada projeção em todos os círculos sociais. *Correio Mineiro*, sob os melhores auspícios, encetou sua brilhante carreira a 11 de novembro de 1926.

Jornal independente e de feição ultramoderna, publicava-se diariamente, sob a direção de seu fundador, Vitor Silveira, o grande jornalista que tanto lustre e brilho deu

à profissão abraçada. Para melhor cumprir sua elevada e árdua tarefa, acercou-se de uma plêiade de competentes auxiliares, como Alberto Deodato, Moacir Andrade, Jair Silva, Guimarães Menegale, Aurino de Morais, Lauro Santos e outros igualmente credenciados para o exercício das funções.

Pesa-nos dizê-lo, mas a verdade é que sobre *Correio Mineiro* pouco falaremos, pela carência de dados. Possuímos alguma coisa do início da publicação, mas pouca de períodos posteriores. Jornais diários são difíceis de ser colecionados, por motivos vários, razão por que nossa coleção está bastante desfalcada. Pelo dito, nada mais podemos falar a seu respeito além das linhas que se seguem.

Não sabemos quanto tempo durou a fase dirigida por Vitor Silveira. Depois dela outras vieram. A primeira, ao que nos consta, foi a do escritor João Dornas Filho, seguida da de Alberto Deodato, iniciada a 2 de março de 1933, com o número 1 do ano VI. Retirando-se Alberto Deodato, novos dirigentes se seguiram, até Santa Cruz Lima, que a 3 de setembro de 1935 deu começo à fase final do jornal, terminada a 8 de março de 1936, com o número 162, do ano VIII. Foi esta uma fase toda de caráter popular e que grande sucesso alcançou. Jornal barato, a 100 réis o exemplar.

Formato de 54 x 37 quando do aparecimento, sofreu, porém, alterações posteriores neste particular, bem como no cabeçalho.

Redação à Avenida Afonso Pena, 924, e oficinas à Avenida Paraná, 98.

No cabeçalho se destacavam dois retângulos, o da direita do título reproduzindo a folhinha do dia e o da esquerda com o seguinte: Libertas quae sera tamen — *Formemos todos uma cruzada santa pela concórdia humana. Melo Viana — Agir sempre dentro das normas da mais rigorosa justiça. Antônio Carlos.*

De seu primeiro editorial destacamos estes trechos:

> *Esta folha será, principalmente, uma folha de informações. Toda vida desta capital e dos municípios mineiros, nos seus múltiplos aspectos, aqui se refletirá em noticiário abundante. Mas, nem por isso o* Correio Mineiro *deixará de ser um jornal de opinião, desassombrado e sincero em face dos governos. Seremos conservadores e amigos dos governantes, aos quais procuraremos auxiliar com uma análise imparcial e elevada dos seus atos,*

mas não seremos louvaminheiros incondicionais, porque nada lhes devemos, nem queremos dever, além das garantias com que lhes cumpre cercarem a nossa liberdade de consciência e de palavra.

Já assinalamos, no competente lugar, ter sido o *Estado de Minas* (2º) o iniciador da Imprensa leve e moderna aqui, mas é de justiça salientar que foi o *Correio Mineiro* o consolidador de tão elevada conquista, isso devido não só à reconhecida competência de seu fundador, como também ao progresso da época, mais adiantada tanto em relação às artes gráficas como aos processos jornalísticos. O que, porém, não se pode olvidar é a feliz iniciativa do *Estado de Minas*, inaugurando em Belo Horizonte o primeiro jornal verdadeiramente moderno.

Correio Mineiro inseria todas as seções próprias e indispensáveis a um grande jornal e vasta reportagem com títulos garrafais, espetaculares e subtítulos de sensação, para melhor chamar a atenção do leitor. Seu noticiário era amplo e minucioso, tanto quanto os jornais de hoje. Ótimo serviço telegráfico.

O *Correio Mineiro* manteve violenta polêmica com o *Diário da Manhã*, na qual se empenharam os ilustres diretores dos dois destacados órgãos de publicidade.

Aí fica o que nos foi dado observar em relação à grande folha que foi o *Correio Mineiro*.

O CHARLESTON (1ª) 349

Jornal crítico, literário, humorístico e noticioso. É de 19 de dezembro de 1926 o primeiro número.

Diretor proprietário, Sr. Omar Aguiar.

Formato de 27 x 20, quatro páginas e três colunas. Impresso nas oficinas da *A Epoca* (4ª).

Redação à Rua São Paulo, 565.

O cabeçalho tinha à direita do título um *jazz-band* e à esquerda dois pares dançando o charleston.

DIARIO DA TARDE (3ª) 350

O pouco que aqui se vai ler refere-se exclusivamente ao número 1 do *Diario da Tarde*, único que obtivemos. Saiu a 31 de janeiro de 1927.

Propriedade da Associação *Diario da Tarde* e direção do Sr. Adeodato Pires.

Formato de 48,5 x 30, quatro páginas e cinco colunas.

Redação à Avenida João Pinheiro, 210, e oficinas à Rua Bernardo Guimarães, 1200.

É sabido que só uma edição não permite fazer-se um juízo sobre qualquer publicação, pelo que nada podemos articular a respeito desta.

CORREIO DA SEMANA 351

Jornal de "política, literatura, esportes, agricultura, cinematografia e assuntos diversos". Circulou pela primeira vez a 26 de fevereiro de 1927 sob a redação do Sr. Pedro Bernardo Guimarães. Oito páginas sem numeração, com o formato de 30 x 22 e quatro colunas.

Redação à Rua São Paulo, 527.

Estas as características do número 1, único que nos foi dado conhecer.

VAE QUEBRÁ 352

Jornal de graça... de graça — Redação onde o diabo perdeu a bota — Oficina: Casa da sogra — Diretor responsável, Inocêncio Reis — Carnaval de 1927 — 27, 28 e 1.º de março — Gerente, Sou eu garanto o senhor.

Isso o que constava do cabeçalho.

Formato de 36 x 26, oito páginas e cinco colunas.

Pouco ou quase nada de carnaval: anúncios e mais anúncios, o principal objetivo da maior parte de publicações desta natureza. Só fitavam proventos materiais. O pouco humorismo, banalíssimo e sem humor algum.

GRITO DE MINAS 353

Só conhecemos os números 1 e 4, aquele de 4 de maio de 1927 e este de 4 de julho seguinte.

Semanário político, literário e desportivo.

Diretor e redator-chefe, Sr. A. de Pinho Fernandes Viana e redator, Sr. Andrade Souza.

Formato de 25,5 x 19,5, oito páginas e três colunas. Impresso na Tipografia Moderna. Estas as características do primeiro número.

O número 4 foi materialmente igual, mas de impressão da Tipografia Medeiros. O mesmo diretor, figurando como redator-secretário o Sr. Aníbal Vaz de Melo e como redator-gerente, o Sr. Dante Sachetto.

O cabeçalho é gravado e tem à esquerda a figura de uma criança com as mãos em concha aos lados da boca escandindo as sílabas do título, cujas letras crescem de tamanho à proporção que avançam para o fim do mes-

mo, que forma um perfeito triângulo isósceles, cortado de linhas.
Edições de 12 páginas e tiragem de 2.000 exemplares.
Redação à Rua dos Caetés, 237.
Jornal bem-feito e de variada leitura.

MINAS ESPORTE 354

Não confundir este jornal com o *Minas Sport*. *Minas Esporte* saiu em maio de 1927, em dia que não sabemos. Só conhecemos os números 8 e 9, de 4 e 8 de junho.
Direção do Sr. J. Lopes Cury, com redação e oficinas à Rua da Bahia, 61.
Pelas datas dos citados números, depreende-se ter saído bissemanalmente.
Formato de 39 x 26, quatro páginas e quatro colunas. O mesmo cabeçalho naqueles dois números.
Exclusiva e integralmente dedicado aos esportes.

CIDADE VERGÉL 355

Foi em maio de 1927 que saiu esta revista. Já estamos cansados de falar e registrar as dificuldades encontradas em nossas pesquisas sobre a vida de revistas e jornais publicados de certo tempo para cá. De épocas anteriores temos valiosa coleção, que nos permite fazer melhor descrição de todas as publicações, sem auxílio de terceiros.
Cidade Vergél está no primeiro caso. Nada conseguimos a seu respeito. Obtivemos apenas o número 2, de junho, e dele são os traços aqui relatados. Parece que não foi muito além desse mês, porque em 30 de novembro o *Diário da Manhã* aludia a seu desaparecimento, mas em termos vagos.
Formato de 22 x 19, 44 páginas sem numeração e impressão da tipografia de Americano & Cia., à Avenida Afonso Pena, 550.
Revista de artes e letras, de publicação mensal.
Diretores, Srs. Juarez Brant e Sílvio Brant; redator-chefe, Sr. Aquiles Vivacqua; diretor artístico, Sr. Érico de Paula; redatores, Srs. Diderot Coelho Júnior e Francisco Martins; fotógrafo, Sr. Martins Cunha.
Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 789.
O número descrito muito bem colaborado e digno de leitura.

SEMANA ILLUSTRADA 356

Esta publicação teve duas fases, uma como jornal e outra como revista. Daquele formato intitulava-se *A Caveira*.

Para melhor clareza, vamos descrevê-las separadamente.

A Caveira — Jornal humorístico acadêmico, que começou a circular no dia 4 de junho de 1927. Foram publicados 13 números, sendo o último a 27 de agosto.

Diretores, Sr. M. Prates, M. Fonseca e D. Morais e, em seguida, mais o Sr. J. Las Casas.

Publicação semanal, aos sábados, e impressão da Tipografia Castro & Furtado, à Rua do Espírito Santo, 522.

Formato de 32 x 22,5, seis ou oito páginas e quatro colunas.

Até o número 4 um cabeçalho e outro do número 5 até o fim, este mais artístico. No primeiro, duas caveiras, a do lado esquerdo do título de frente e a do lado direito de perfil, e no segundo uma caveira à esquerda, de perfil, a à direita uma cara gargalhando, com a boca desmesuradamente aberta.

Redação à Rua Rio Grande do Norte, 53.

Não obstante a transformação do gênero de publicação, *A Caveira* continuou a ser publicada nas páginas de *Semana Illustrada*, seguindo a numeração anterior, que passou a correr paralela em ambas as publicações, por força de ter a segunda continuado também a numeração da primeira.

A Caveira foi um ótimo jornal. Além do humorismo esparso, mantinha seções de caráter permanente, como "Epitáfios", "Corações Vazios", "Pequenos Recados", etc, que continuaram na nova fase.

Illustrações de Érico, Monsã e Otto.

Semana Illustrada — Em continuação a *A Caveira*, Semana Illustrada apresentou seu primeiro número, o 14º de publicação geral, a 4 de setembro seguinte, 1927.

Revista de crítica social, humorismo, vida acadêmica, literatura, charges e esportes. Posteriormente, assinalava somente: *Revista noticiosa, artística e literária.*

Até o presente, a única revista semanal aqui editada e note-se que saiu com bastante regularidade, o que raro acontece mesmo às de publicação mais espaçada.

Propriedade e direção do Sr. Delorizano Morais. Redator-chefe, Sr. Romeu Avelar; redator-secretário, Sr. Aquiles Vivacqua; redator-gerente, Sr. J. E. Las Casas. Este foi substituído pelo Sr. C. Valadares Maciel, que figurava só como gerente. Depois novos redatores vieram: Srs. Aquiles Vivacqua, Diderot Coelho Júnior, João Dornas Filho e Érico de Paula.

Estas notas se referem até o número 90, de 4 de maio se 1929, se bem que com muitas falhas.

Formato de 23 x 15,5, número variável de páginas não numeradas e duas colunas ou coluna aberta mais freqüentemente.

Impressa na Tipografia Bhering, de Furtado & Cia., à Rua do Espírito Santo, 522, e em seguida na tipografia de Guimarães, Almeida & Cia., à mesma rua, 980. Para o fim, disse ter oficinas próprias, situadas à Rua dos Tupinambás, 203. Até o número 88, de 20 de abril de 1929, reproduzia o título na primeira folha interna. Daí para a frente deixou de assim proceder.

Bonitas capas, muitas delas devidas aos lápis do Érico e Monsã.

Redação à Rua Rio Grande do Norte, 53 e Rua da Bahia, 521, e depois 986.

Já dissemos o que foi a *A Caveira*. *Semana Illustrada* seguiu-lhe as normas e as diretrizes, ampliando mais o texto, sempre variado e atraente, à altura de uma revista moderna, como foi esta na ocasião em que circulou.

Entre os números 29 e 34 de *Semana Illustrada*, foi suspensa a publicação de sua inseparável companheira *A Caveira*.

O JAHÚ 357

Órgão da mocidade. Humorístico, crítico e noticioso.

Primeiro número a 5 de junho de 1927, com o formato de 28 x 20,5, oito páginas e três colunas.

Publicação semanal, aos domingos.

À esquerda do título lê-se: *Trepações a granel* e à direita — *Não se queimem os trepadores.*

Consta do cabeçalho: *Tripulação: A. L. Barbosa, comandante; J. Labarrere, observador e S. B. Fleury, mecânico. Decola da Avenida Contorno, 11715.*

Responsável, Sr. J. Labarrere e diretores proprietários, Srs. A. L. Barbosa, gerente, e S. B. Fleury, tesoureiro.

Só vimos o número 1, ao qual se referem estas notas.

O nome dado a este jornal foi o do hidroavião do nosso glorioso patrício João Ribeiro de Barros, que fez no mesmo a travessia aérea da Itália ao Brasil, em julho de 1927.

Ribeiro de Barros faleceu a 20 de julho de 1947, em Jaú, sua terra natal.

A FOLHA ACADEMICA 358

Ignoramos quantos números saíram deste jornal, porquanto só conhecemos o primeiro, de 7 de julho de 1927. Logo depois deixou de circular, reaparecendo em junho de 1929,

sob a direção dos Srs. Ari Itamar, Edgard Guimarães e Jamir Silva, como noticiou o *Diário Mineiro*, de 1929.

Fundado em obediência à letra *f* do Art. 1º do estatuto do Clube PRM da Faculdade de Direito, que assim dispunha: *publicar um jornal de feição literária, política, esportiva, social e humorística.*

As iniciais PRM significam Partido Recreativo da Mocidade, as mesmas do velho e tradicional partido político — Partido Republicano Mineiro.

Compôs-se a direção do primeiro número dos seguintes acadêmicos: diretores, Srs. Plínio Lemos e Resende Júnior; redatores, Srs. José Maria Lobato e Leão de Faria Júnior; secretário, Sr. Viana e Sousa.

Formato de 39,5 x 26,5, quatro páginas e cinco colunas. Trouxe um suplemento com numeração própria, contendo o estatuto do clube, impresso nas oficinas da Imprensa Oficial. Não identificamos o local da impressão do jornal.

Redação na própria Faculdade de Direito.

A Folha Academica, se continuou como começou, pode-se afirmar sem receio ter sido uma boa publicação.

DIARIO DA MANHÃ 359

Este foi o maior jornal de seu tempo e que aqui inaugurou a Imprensa rigorosamente moderna. Ultrapassou a todos, inclusive o *Correio Mineiro*, seu contemporâneo e rival. Sua fundação foi de um arrojo sem precedentes. Causou espanto e foi julgada como uma temeridade de seu proprietário, pois ninguém , por mais otimista que fosse, acreditaria que um jornal de tão dispendiosa aparelhagem material e técnica vencesse em nosso meio sem grandes prejuízos, que fatalmente lhe acarretariam a morte certa. De fato, *Diario da Manhã* não venceu, mas por motivos outros que não os prognosticados. Surgiu a 16 de julho de 1927. O número 170, de 19 de fevereiro de 1928, é o último que possuímos. Nele se informa que o *Diario da Manhã* passaria, por aqueles próximos dias, à nova propriedade e nova direção. E isso aconteceu, pois de suas oficinas pouco depois, a 7 do mês seguinte, saía *O Estado de Minas*, ainda em franca e próspera atividade. Quer isso dizer que *Diario da Manhã* cessou a publicação entre as duas datas acima referidas, 19 de fevereiro e 7 de março. Não temos, porém, elementos para fixá-la precisamente.

Com o aparecimento de *O Estado de Minas*, continuador sob todos os títulos do *Diário da Manhã*, desfez-se a lenda tão arraigada de que esta capital não comportaria um grande jornal com todos os requisitos modernos.

Formato dos maiores adotados, 57 x 38,5, seis páginas e sete colunas. Cabeçalho e feição material sem qualquer modificação. O título sempre ladeado por dois retângulos: o da direita dividido em duas partes com o nome do diretor e local da redação na parte maior e o número de páginas da edição na parte menor. Essa divisão foi depois abolida, ficando todo o espaço reservado para o nome do diretor. O retângulo da esquerda estampou nos primeiros números conhecidas frases latinas, sendo esta a da edição inicial — *Audaces fortuna juvat*. Depois foi ocupado por diferentes dizeres e por algum tempo pelo nome do fundador e antigo diretor.

Foi fundado pelo espírito dinâmico do Dr. Augusto de Lima Júnior, que o dirigiu até meados de dezembro. Substituiu-o o Sr. Augusto Pamplona, que foi até o fim, com interrupção apenas de alguns dias de janeiro de 1928, período em que esteve na direção o Sr. Alexandre Braga. O Sr. Pamplona exerceu as funções de diretor-substituto de setembro até assumir a direção efetiva. Anteriormente foi esse cargo exercido pelo Dr. José Osvaldo de Araújo.

Tinha oficinas próprias, montadas com o que havia de mais moderno. Seu custoso material foi fornecido por E. C. Caubit & Cia. e Casa Lambert, compreendendo, além de um grupo de máquinas de composição da Mergenthaler Linotype Comp., de Nova Iorque, poderosa máquina de impressão rotativa Marinoni, a primeira aqui instalada por empresa particular.

Ignoramos o montante de sua tiragem normal, mas a do primeiro número, segundo afirma o cabeçalho, foi de 50.000 exemplares. Parece fortemente exagerada a cifra.

Propriedade de Lima & Cia. Ltda., com redação, administração e oficinas à Avenida João Pinheiro, 267.

Diario da Manhã publicava desenvolvido serviço telegráfico, diário forense, esportes, sociais, enfim, tudo o que pudesse interessar ao grande público nele se encontrava. Estampava retumbantes reportagens, precedidas de títulos berrantes, em grandes letras.

Não tinha partido político definido, mas movia forte campanha contra o governo de então.

Diario da Manhã foi um jornal de destacado valor em nosso meio. Hoje se confundiria com os atuais, porque o grau de adiantamento da Imprensa é comum a todos os jornais dos grandes centros. Em seu tempo, porém, nenhum o igualou.

Destacamos de seu artigo de apresentação os períodos iniciais:

> *O desenvolvimento desta cidade impunha a criação da grande imprensa diária que, dotada de um aparelhamento moderno, pudesse satisfazer às necessidades do meio, ansioso por poder dispor de um órgão de publicidade afastado da dependência dos governos e genuinamente um reflexo da opinião pública. Foi com esse desígnio que os incorporadores deste jornal lançaram-se à tarefa da organização de S. A.* Diário da Manhã, *que pretende ser apenas um órgão das aspirações populares e um propugnador das necessidades de Minas. Mas quais serão essas aspirações e quais são as nossas necessidades mais palpitantes? Para responder a estas perguntas, pedimos aos nossos mais notáveis na política, nas letras, na indústria, no comércio, na administração, no clero, na mocidade das escolas, que nos formulassem as respostas. Estas constituirão o nosso programa de apoio ou de combate; por elas nos orientaremos nas lutas a que os acontecimentos nos arrastarem.*

A 28 de outubro de 1927, *Diario da Manhã* deu uma edição especial, comemorando o 6º aniversário da entrada dos camisas-pretas em Roma, estampando os retratos do rei e do tirano, bem como de outros próceres do Fascismo, hoje, felizmente, banido da face da Terra. O artigo comemorativo é de vigorosa exaltação à obra mussolínica, colocada nos pináculos da glória. No retângulo do cabeçalho disse: *Mussolini é a encarnação gloriosa das energias da latinidade!*

Com o *Correio Mineiro*, o *Diario da Manhã* teve forte disputa, conforme assinalamos quando tratamos daquele jornal.

A SEMANA (4ª) ____ ____ ____360

É esta a quarta e última folha deste título.

A 1º de agosto de 1927, aparecia o primeiro número, dos 112 vindos a público, o último dos quais em 20 de outubro de 1929.

Diretor, Sr. César Júnior, até o número 49, de 22 de julho de 1928. Do número 50, de 1º

de agosto seguinte, até o número 79, de 17 de fevereiro de 1929, redator-chefe Hugo D'Ávila e secretário, Sr. Aníbal Vaz de Melo. A partir do número 80, de 20 do referido mês de fevereiro, o Sr. Anibal passou a redator-chefe, até o número 83, de 24 de março seguinte. Do número 85, de 1931, ao fim, constava do cabeçalho somente isso — *redatores diversos*. O Sr. Isidoro Cordeiro, que foi a alma deste jornal, sempre exerceu nele o cargo de gerente. Hugo D'Ávila era pseudônimo do Sr. A. de Pinho Fernandes Viana. A não ser em jornais literários e humorísticos, nunca vimos em outros o redator adotar pseudônimo no cabeçalho.

Formato de 39 x 28,5, quatro páginas e cinco colunas.

O cabeçalho sofreu várias alterações. Até o número 85, de 31 de março de 1929, usou um tipo de letras para o título: letras maiúsculas, grande formato. A contar do número 86, de 14 de abril, que aliás saiu com a data errada para 14 de março, adotou outro tipo de letras: minúsculas, pequeno formato.

Naquele período trazia à direita do título um retângulo e neste, dois, um de cada lado, o da direita sempre reservado para a reprodução de frases, pensamentos, etc, de políticos, literatos ou escritores, e o da esquerda com o nome do redator-gerente e o local da redação.

Publicava-se aos domingos. No número 60, de 7 de outubro de 1928, noticiava sua próxima publicação diária, fato que não se concretizou. Teríamos assim *A Semana*... diária, como já tínhamos *Folha do Dia*... semanal.

Impressa, ao que tudo indica, nas Oficinas da Imprensa Oficial, quando nada, até certo tempo. Redação e administração à Avenida do Contorno, 6997.

A Semana publicava oportunos editoriais, farto noticiário da cidade e do interior, e boa colaboração sobre assuntos diversos. A política não lhe foi estranha, mas sob moldes discretos. Não topava o Fascismo.

A região norte-mineira muito ficou a dever-lhe, pela relevância dos serviços prestados em prol de seu progresso e em defesa de seus interesses.

Inegavelmente, *A Semana* se constituiu um bom jornal.

O ESTADO (2ª) 361

O Estado começou sua publicação a 19 de agosto de 1927 e dele conhecemos apenas

os três primeiros números. Publicava-se bissemanalmente.

Redator-chefe, Sr. Adeodato Pires, que inúmeros outros jornais aqui dirigiu com brilho e proficiência; e redator-secretário, Sr. A. de Pinho Fernandes Viana, posteriormente redator-chefe de *A Semana* (4ª).

Formato de 47 x 30, quatro páginas e cinco colunas.

Redação, administração e oficinas à Rua Bernardo Guimarães, 1200.

Entre outras afirmações contidas no editorial do primeiro número, destacamos estas:

> ... O Estado *não pretende senão refletir, com as mesmas cores com que se oferecem as expectativas coletivas, os fatos atinentes à sua vida, à sua evolução, às suas aspirações, enfim. Isso não é um programa, mas uma norma de conduta, que será cumprida sem desvios, nem transigências de qualquer ordem.*

GOYAZ ACADEMICO 362

Publicação quinzenal, iniciada a 1º de setembro de 1927, sob a direção do Sr. Walporé de Castro e redação do Sr. José Bueno de Lima, que só serviu no primeiro número, sendo em seguida substituído pelo Sr. Romeu Almeida.

Formato de 31 x 22, quatro páginas e quatro colunas.

Redação e administração à Rua dos Inconfidentes, 926.

O MOMENTO (2ª) 363

Segundo jornal assim intitulado.

De propriedade da Empresa Mineira de Publicidade e órgão das classes conservadoras de Minas Gerais, veio a lume no dia 7 de setembro de 1927.

Redator-chefe, Dr. J. R. Sette Câmara e gerente, Dr. Jair Negrão de Lima.

Publicação bissemanal e impresso em oficinas próprias.

Formato de 50 x 33,5, quatro páginas e seis colunas.

Representante de classes, delas cuidava especialmente, sem contudo relegar a plano inferior o que mais precisa contar um bom jornal, para ser lido pelo público em geral.

Bem escrito, otimamente impresso e de simpática feição, *O Momento* impôs-se no meio jornalístico. Publicou 14 números, sendo o

último de 23 de outubro, todos sem a mínima alteração do cabeçalho.

A 1º de novembro seguinte, foi substituído pelo *Diario do Commercio*.

Redação e administração à Rua dos Tamoios, 502.

PRESIDENTE ANTONIO CARLOS 364

A 7 de setembro de 1927, foi distribuída uma poliantéia em homenagem à passagem do primeiro aniversário do governo do Sr. Antônio Carlos.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, em papel superior, com o formato de 21 x 13, 39 páginas e coluna aberta.

A primeira página estampou um ótimo retrato do homenageado. Em página central destaca-se um histórico grupo, em que estão retratados os três grandes Andradas, troncos da tradicional e ilustre família dos Andradas — José Bonifácio, Antônio Carlos e Martim Francisco.

A poliantéia teve a seguinte comissão organizadora: Dr. Abílio Machado, Dr. Noraldino Lima, Dr. Arduíno Bolivar, Sr. Francisco Murta, Sr. Sandoval Campos, Sr. Abílio Barreto, Dr. Alberto Deodato e Sr. Castorino Magalhães.

Nela colaboraram os Srs. Dr. Abílio Machado, Dr. Noraldino Lima, Sr. Francisco Lins, Sr. Ramos Arantes, Dr. Aurélio Pires, Dr. Arduíno Bolivar, Dr. Carlos Góes, Sr. Francisco Murta, Sr. Abílio Barreto, Sr. Sandoval Campos, Sr. Gonzaga de Melo, Dr. José Maria de Alkmim, Sr. Raimundo Felicíssimo e Dr. Pedro Marques de Almeida. Cada um desses colaboradores focalizou a figura do homenageado por um prisma de sua grande personalidade.

MOMENTO MERCANTIL 365

Momento Mercantil publicava-se mensalmente, tratando de finanças, economia, comércio, indústria e lavoura.

Direção do Dr. José Maria de Alkmim.

O primeiro número é de setembro de 1927.

Não conseguimos saber o tempo de sua duração nem o local de impressão e tiragem.

Formato de 28 x 18,5, média de 30 páginas e duas ou três colunas.

Redação à Rua do Espírito Santo, 1204.

O número 2, que temos presente, contém vasta matéria de colaboradores do selecionado corpo que apresentava a revista.

CHRISTUS 366

Revista mensal de pequeno formato, 18 x 11,5, mas de muito bom aspecto e perfeita orientação. Mantinha duas colunas e constava de 16 a 24 páginas, de numeração contínua.

Publicou-se de outubro de 1927 a setembro de 1932, dando 60 números com perfeita regularidade. Título e cabeçalho inalterados. O desenho da capa variou sempre.

Era órgão dos interesses das Vocações Sacerdotais e da formação do clero da Arquidiocese.

Diretor, Padre Leão de Medeiros Leite e gerente, Padre José de Medeiros Leite.

Impresso nas oficinas da Imprensa Diocesana, à Rua do Espírito Santo, 1065.

DIARIO DO COMMERCIO 367

Diario do Commercio foi o continuador de *O Momento*. Como este, de propriedade da Empresa Mineira de Publicidade. De órgão das classes conservadoras, passou a ser órgão da Lavoura, Indústria e Comércio, o que representa a mesma coisa. Questão de nomes.

Não sofreu, desta forma, nenhuma alteração no programa. Nem mesmo na direção, na qual continuou o Dr. J. R. Sette Câmara, passando o Dr. Jair Negrão de Lima de gerente a redator. Nesta qualidade entrou outro, o Dr. M. Teixeira de Sales.

A 23 de outubro de 1927, *O Momento* cessou a publicação e uma semana depois, a 1º de novembro, *Diario do Commercio* aparecia à luz da publicidade, com o formato levemente reduzido, 49 x 33,5, mas com o mesmo número de páginas e colunas, quatro e seis, respectivamente.

Administração no mesmo local, Rua dos Tamoios, 502. A redação separou-se dela, indo para a Avenida Afonso Pena, 372.

Não mudou de cabeçalho, que tinha de cada lado do título um retângulo, o da esquerda ocupado com os nomes dos diretores e o da direita com as condições de assinaturas e o nome do gerente, Sr. R. de Azevedo Santos. Infelizmente ignoramos a data em que cessou a publicação. Sabemos apenas que em junho de 1928 ainda circulava.

Diario do Commercio tinha matéria mais desenvolvida do que *O Momento*. Estampava várias seções, entre elas as de telegramas, notícias dos municípios, copioso noticiário de todas as ocorrências da vida e apreciada colaboração doutrinária sobre interesses da classe.

Impôs-se, destarte, não só perante aqueles que representava, como também perante o público ledor. Em suma, uma publicação de destaque.

VIDA SPORTIVA 368

Sob a direção do Sr. Júlio Pires do Couto e redação do Sr. Ornélio Alves Pereira, saiu, a 14 de novembro de 1927, o primeiro número de *Vida Sportiva*. Não passou do número 14, de 13 de fevereiro de 1928.

Publicação semanal, às segundas-feiras, com o relato completo dos jogos esportivos da véspera.

Formato de 39,5 x 26,5, quatro páginas e cinco colunas, e impressão nas oficinas da Imprensa Oficial.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 805.

Exclusivamente dedicada aos esportes, foi, talvez, a melhor publicação do gênero, no passado.

Boa colaboração e amplo noticiário. Vários números apareceram ilustrados.

O primeiro número publicou interessante e curioso histórico dos primórdios do futebol em Belo Horizonte, valioso subsídio para quem se propuser escrever a história desse esporte em nosso meio.

YÂRA 369

Revista quinzenal ilustrada, de direção do Sr. João Santos e secretaria do Sr. Aguiar Dias.

O primeiro número foi dado à publicidade a 15 de novembro de 1927.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 924.

Formato de 23,5 x 16, 32 páginas, três colunas e capas de Érico. Impressa nas oficinas gráficas de Americano & Cia., à Avenida Afonso Pena, 350.

Colaboração literária dos melhores escritores nacionais, especialmente mineiros. Numerosas ilustrações e variadas seções, todas bem redigidas e atraentes.

Yâra foi, inegavelmente, uma revista que ocupou bom lugar no rol de nosso periodismo.

GAZETA ESPORTIVA 370

Semanário independente, humorístico e desportivo, cuja publicação teve início a 27 de novembro de 1927.

No expediente informou:

> *Esta folha se destina a focalizar e refletir com a mais rigorosa imparcialidade os*

acontecimentos mais interessantes da vida esportiva do Estado.

O número 8, de 28 de janeiro de 1928, é o último que conhecemos.

Diretor proprietário, Sr. José Lopes Cury.

Edição dos sábados, às 16 horas, com o formato de 43,5 x 31, quatro páginas e cinco colunas. Cabeçalho uniforme e título gravado com elegância.

Oficinas à Rua Blenda, 10, e depois à Rua Rio Grande do Norte, 501. Neste mesmo ponto a redação. Administração à Avenida Afonso Pena, 789.

O K-LOURO 371

O K-Louro deu o primeiro número a 24 de dezembro de 1927. Lamentavelmente, foi trocado o mês, pois figura o de janeiro. Um atraso de 11 meses! O número 2 saiu a 31 e o 4 a 14 de janeiro de 1928.

Semanário crítico e humorístico, de direção dos Srs. S. B. Fleury e E. Santos, nos dois primeiros números, e apenas do Sr. Fleury no quarto.

Formato de 32 x 23, seis páginas e quatro colunas.

Redação à Rua São Paulo, 504, e depois à Rua da Bahia, 1415.

Cada uma das edições referidas, únicas constantes de nosso arquivo, teve um cabeçalho, sendo mais interessante o do último.

Jornal bem escrito e de sadio humorismo.

O PAPAGAIO (2º) 372

Segundo *trepador* aqui descrito. O outro é de 1916.

Jornal do povo e dos estudantes, de publicação dominical.

Primeiro número no dia de Natal de 1927, com o formato de 26,5 x 18, quatro páginas e três colunas.

Editor-gerente, Sr. J. Silveira e redação à Rua Araguari, 191.

ANNUARIO DO AUTOMOVEL CLUB 373

O Automóvel Clube, importante associação fundada nesta capital a 17 de dezembro de 1925, fez publicar seu primeiro anuário em 1927. Daí para cá só foram publicados dois volumes, em 1928 e 1938.

Todas as edições saídas das oficinas da Imprensa Oficial.

BOLETIM DE AGRICULTURA, ZOOTECNIA E VETERINÁRIA 374

Órgão da Secretaria da Agricultura. Publicação mensal e impressão das oficinas da Estatística. Iniciou a publicação em janeiro de 1928 e a suspendeu em dezembro de 1936. Formato de 18,5 x 12 e numeração contínua de páginas.

Sua finalidade está patente no próprio título. Pela Portaria nº 39, de 17 de janeiro de 1947, o titular da pasta da Agricultura determinou o restabelecimento deste *Boletim*, que será publicado mensalmente, como dantes. Nesse mesmo mês voltou ele a circular, com o número 1 do ano X, ficando conseqüentemente extintos, em virtude da mesma portaria, o *Boletim Agrícola* e a *Revista da Produção*.

REVISTA CARNAVALESCA 375

Desta revista conhecemos somente três edições, a primeira de 19 de fevereiro de 1928 e as outras de igual mês dos anos de 1929 e 1934. Entre estes dois anos saiu outra, porquanto a de 1934 tem o número 4.

As duas primeiras, de direção dos Srs. C. Bastos e A. Paula Ferreira e gerência do Sr. José Araújo. Redação à Rua Pouso Alegre, 986.

A última teve como redator o Sr. Cilo Reno, não mais constando de quem a gerência nem o local da redação.

Formato de 28 x 18,5, número variável de páginas, bem assim de colunas. Capas diferentes, sendo a de 1929 a melhor. Entre as de 1928 e 1934 há um detalhe comum: a gravura que as ilustra.

Como todas as publicações congêneres, humorismo em prosa e verso, tendo por tema assuntos relacionados com os folguedos de Momo e anúncios com fartura, o principal objetivo de tais revistas.

ESTADO DE MINAS (3ª) 376

Difícil tarefa a de descrever a evolução de um jornal do porte deste, sem a presença da respectiva coleção, hoje já bastante volumosa.

Colecionar jornais diários só é dado a Arquivos e Bibliotecas, que possuem acomodações espaçosas e apropriadas para tal fim. O particular não pode, mesmo que o queira, proceder de igual forma, porque as mais das vezes mal lhe chegam os cômodos da casa para as indispensáveis exigências domésticas. É-lhe, assim, defeso armazenar por longos e

dilatados anos o que diariamente os prelos lançam à publicidade.

O contrário sucede, entretanto, com as publicações semanais, quinzenais ou mensais, que ocupam pouco lugar, pelo espaçamento da publicação e pela vida efêmera de quase totalidade de todas elas, como temos demonstrado.

Do exposto resulta um chocante paradoxo, qual o de um jornal de valor e destaque não ser descrito à altura de seu reconhecido mérito, e outro sem nenhuma ou de pouca importância ser apresentado com maior soma de detalhes.

Por tudo isso, pouco poderemos falar do *Estado de Minas*. Do passado quase nada, porque raros exemplares possuímos. É deveras lamentável semelhante situação, por se tratar de um jornal já de longa existência e cuja descrição completa daria uma interessante página.

Desde o início, *O Estado de Minas* tem sido um dos grandes jornais da Imprensa brasileira. Com elevada tiragem, circula em todo o território nacional.

Com a cessação das atividades do *Diario da Manhã*, foram suas oficinas adquiridas por uma sociedade que, a 7 de março de 1928, lançava à publicidade o primeiro número de *O Estado de Minas*, tendo como diretores os Drs. Juscelino Barbosa, Pedro Aleixo e Álvaro Mendes Pimentel. Em maio do ano seguinte passou à propriedade dos Diários Associados. O primeiro número dessa nova fase foi o 362, de 14 daquele mês. O Dr. Juscelino Barbosa já não era mais diretor quando se efetuou essa transferência de propriedade.

Com o número 391, de 16 de junho do mesmo ano de 1929, excluiu do título o artigo *o*, que tanto o enfeava, passando a somente *Estado de Minas*.

Foi seu primeiro diretor, nesta nova fase, o Dr. Dario de Almeida Magalhães. Depois deste vieram os seguintes, pela ordem de colocação: Drs. Afonso Arinos de Melo Franco, novamente Dario Magalhães, Gregoriano Canedo, Oswaldo Chateaubriand e Newton de Paiva Ferreira, atual.

Publicação diária, menos às segundas-feiras. Formato de 56 x 35, oito páginas e sete colunas na primeira fase e 57 x 40, oito colunas e páginas variando de 10 a 20, na atual. O cabeçalho tem sofrido modificações, mas pouco sensíveis.

Oficinas primitivamente à Avenida João Pinheiro, 267, e hoje à Rua Goiás, 34.

Estado de Minas, como já salientamos, é um grande jornal. Tudo publica. Ótimo e desenvolvido serviço telegráfico interno e externo, fornecido pelas melhores agências; editoriais quase diários, firmados pelo ilustre e brilhante jornalista Assis Chateaubriand; crônicas, esportes, sociais, magníficas reportagens, noticiário amplo e desenvolvido, valiosas colaborações, correspondência do estrangeiro, firmadas por eminentes personalidades de fama e conceito mundiais, etc. Enfim, trata-se de uma das grandes publicações da atualidade.

Pesarosamente aqui encerramos estas ligeiras notas, por nos faltarem elementos para maiores e melhores detalhes.

A 4 de fevereiro de 1956, passaram a dirigir este jornal os Srs. João Calmon e José de Almeida Castro.

Tratamos da imprensa somente pela rama. Nem podia ser de outro modo, é óbvio. Agora, quem quiser conhecer a vida de bastidores desta folha, que se transporte à edição de 7 de março de 1953, em que Milton Prates faz um relato fiel e completo do que se passou nos primitivos tempos de sua existência. Recorra, outrossim, ao não menos precioso documentário de autoria de Lincoln S. Gomes, estampado no *Diário de Minas*, de 23 de novembro de 1952.

É este jornal o terceiro do título. O primeiro é de 1911 e o segundo de 1919. Igual ao primitivo nome, *O Estado de Minas*, tivemos outro, em 1906.

PHOENIX 377

Só conhecemos o número 1 desta revista, datado de 15 de março de 1928. Este o seu programa: letras, artes, humorismo, educação, esportes, mundanismo, etc.

Órgão da Academia do Comércio de Belo Horizonte, tendo por diretores os Srs. A. Régis Silva e Jaime Electo de Queiroz e como redatores os Srs. J. Guimarães Menegale e Aguiar Júnior.

Formato de 21 x 13,5, 20 páginas sem numeração e duas colunas ou coluna aberta. Impressão da Tipografia Antunes, situada à Rua dos Carijós, 515.

Redação e administração à Rua Rio de Janeiro, 616.

Colaboraram no número em apreço, além da redação, os Sr. Eugênio Rubião, Ramos César, J. Guimarães Menegale, Ildefonso Silva e J. Guimarães Ferreira.

A VENTAROLA 378

Revista mensal literária e noticiosa, de distribuição gratuita nos cinemas de Belo Horizonte e Juiz de Fora. Publicação iniciada em março de 1928.

Diretores-proprietários, Americano & Cia. e redator-chefe, Sr. Aguiar Júnior.

Redação, administração e oficinas próprias, à Rua Curitiba, 577-81.

Capa ilustrada por Érico e formato de 28 x 20, 24 páginas sem numeração, três colunas e tiragem de 5.000 exemplares. No título da capa foi omitido o artigo "a".

Esta revista não passava de mero veículo de propaganda da oficina gráfica que a firma sua proprietária mantinha aqui, no local já assinalado. Sem embargo dessa finalidade, publicava boa parte literária, variedades, curiosidades e outras seções. Foi uma boa publicação, de leitura leve e atraente.

O PREPARATORIANO 379

Conhecemos apenas o número 2 deste jornal, datado de 20 de maio de 1928. Nele não se declara a periodicidade. Semanal ou quinzenal que fosse, o primeiro número teria saído fatalmente no mesmo mês. Era órgão do Centro dos Preparatorianos.

Diretor, Sr. Antônio Viçoso Horta Esteves; redatores, Srs. Aníbal Vaz de Melo, José de Paula Santos e Benjamim de Castro; secretário, Sr. Geraldino Borges Magalhães; gerente, Sr. Osvaldo Ribeiro Mendes.

Formato de 32,5 x 22,5, seis páginas não numeradas e quatro colunas.

Redação e administração à Rua da Bahia, 434.

Noticioso e bem redigido.

TERRA MINEIRA 380

Revista mensal de artes e atualidades sociais. O início de sua carreira conta-se de 25 de maio de 1928. Foram publicados quatro números, com toda a regularidade, sendo, portanto, o último de agosto.

Formato de 26,5 x 18, 16 a 20 páginas não numeradas e duas colunas.

Capas diferentes, mas com o mesmo cabeçalho. O cabeçalho da página interna variou de um para outro número.

Diretores, Sr. Adeodato Pires, Heráclito Mourão de Miranda e Clenório Bastos.

Redação e oficinas à Rua Rio Grande do Norte, 908.

Ilustrações em profusão; nem uma página sem gravura.

seções várias como crônicas, política, atualidades, sociais, etc. *Terra Mineira* foi uma boa revista.

Correio da tarde (2º) 381

Não temos o número 1 de *Correio da tarde* (com "t" minúsculo), mas supomos que saiu a 28 de maio de 1928, porque o número 2 é de 4 de junho. Tratava-se de publicação semanal.

Teve como diretores os Srs. Adelino Deícola dos Santos e Moacir de Rangel.

Formato de 48 x 33,5, quatro páginas e seis colunas. Pelo que lemos na segunda edição, se bem que de modo não muito preciso, parece ter sido a primeira, impressa nas oficinas de *O Estado de Minas*, apesar de possuir oficinas próprias.

Direção, redação e oficinas à Avenida Amazonas, 290.

Correio da tarde, em todas as suas seções, usava de linguagem assaz agressiva contra as autoridades e também contra quem não estivesse em suas boas graças. O número 2 publicou um injurioso artigo contra certa autoridade policial, que chamou os diretores à responsabilidade, sendo ambos convenientemente processados e afinal condenados pela Justiça à pena de prisão e multa. Esta informação extraímos da respectiva sentença condenatória, publicada no número 161, de 12 de setembro de 1928, de *O Estado de Minas*.

E foi nisso que deu a desenvoltura de linguagem usada pelo jornal, que com tal estréia não podia reservar outro fim a seus diretores.

Nada mais conseguimos saber sobre sua vida, que está bem-definida no pouco que ficou relatado.

ANAÚÊ! 382

Esta revista, que se apresentou como órgão oficial da Associação Mineira de Escoteiros, só deu um número, a 22 de julho de 1928.

Era ilustrada e consagrada ao desenvolvimento do escoteirismo em Minas, dentro deste programa: escoteirismo, desportos, artes, ciências e letras. Teve boa colaboração.

Diretores, Srs. Hugo d'Avila e G. Santos. Formato de 23,5 x 15,5, 32 páginas sem numeração e duas colunas. Ilustrada por Nelson.

No centro da capa estampou o retrato da rainha dos escoteiros mineiros, sendo coroada por um dos soldadinhos de Baden-Powell.

Redação à Rua Paraíba, 1217.

Anauê! era a saudação clássica dos escoteiros, que deixaram de usá-la desde que lhes foi ela arrebatada pelos integralistas.

O REPORTER MINEIRO 383

Novo jornal do Dr. Amadeu Teixeira, antes redator do *Avante!* e protetor do *Brasil!*

Órgão semanal provisório. Provisório porque se pretendia torná-lo diário.

Um anjo de candura e de candidez *O Reporter Mineiro.* Com toda santidade avançou estas palavras: *Jornal de uma pureza inconcebível!...*

Não temos notícia de outro número a não ser do primeiro, de 12 de agosto de 1928. É quase certo ter por aí ficado, para não fugir à sorte de nossa Imprensa.

Diretor-proprietário, Sr. Juvenal M. de Oliveira.

Formato de 38 x 27, quatro páginas e cinco colunas, e impressão da Tipografia Antunes, à Rua dos Carijós, 515.

O Reporter Mineiro foi redigido no mesmo tom e no mesmo estilo de seus maiorais, *Avante!* e *Brasil!*, e como eles cultivou a velha ojeriza contra o Sr. Artur Bernardes.

CIDADE VERDE 384

Não possuímos apontamento algum desta revista. Um amigo, porém, tirou-nos das aperturas, fornecendo-nos estes dados:

> *A revista mensal* Cidade Verde *circulou de agosto de 1928 a abril de 1929, tendo à sua frente Guimarães Menegale, Ciro dos Anjos, José Maria de Alkmim, Newton Prates, Andrade Câmara, Hermenegildo Chaves e Francisco Martins Filho. A gerência esteve a cargo do Sr. Jaime Electo de Queiroz. Publicação leve e atraente, com matéria variada e interessante.* Cidade Verde *conquistou posição de relevo na imprensa ilustrada de Minas, marcando época. Foi uma das melhores revistas já editadas no Estado. O seu nome surgiu de uma* enquête *feita através do jornal* Estado de Minas.

Alberto Deodato, ao fazer a apresentação da revista *O que há*, escreveu:

> Cidade Verde *foi um grande sonho. Nada lhe faltou à perfeição. O lápis de Monsã ilustrou-a, na apoteose da capa à cidade menina e nas caricaturas dos políticos da época. A direção esteve nas mãos de notável jurista. Carvalho Santos, o grande comentador do nosso Có-*

digo Civil, apesar de artista, no terceiro número teve que enterrar o seu grande sonho.

Diz-se, na primeira transcrição, que *Cidade Verde* circulou de agosto de 1928 a abril de 1929. O número deste mês foi o quinto, como noticiaram os jornais da época.

A primeira transcrição não menciona o nome de Carvalho Santos e a segunda alude apenas a três números. Isso não importa, porque as duas se completam.

O PIROLITO (1º) 385

Semanário de esportes e humorismo, de direção dos Srs. J. S. Maciel e A. Vaz e redação dos Srs. Gil Vaz e Inocêncio. O Sr. J. S. Maciel, passado pouco tempo, retirou-se da direção, que ficou exclusivamente a cargo do outro diretor. Primeiro número a 3 de setembro de 1928.

Conhecemos tão-somente até o número 13, de 14 de janeiro de 1929.

Formato de 38,5 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Cabeçalho o mesmo em todas as edições.

Publicava-se às segundas-feiras, noticiando os jogos de domingo.

O Pirolito tratou quase que exclusivamente de esportes. Pouco humorismo e uma ou outra piada.

JORNAL DE POLICIA 386

O primeiro número deste jornal saiu a 7 de setembro de 1928.

Fundado pelo Sr. Murilo Soares e dirigido pelo Sr. Rui Canedo. Formato de 44 x 28, oito páginas e cinco colunas.

Redação e administração à Avenida do Comércio, 502.

Como o próprio título mostra, dedicado somente a assuntos policiais, com a descrição de crimes e da vida de criminosos de reconhecida temibilidade. Muitas ilustrações, alusivas aos textos e algum noticiário.

ITALIA NUOVA 387

Órgão oficial do fascismo, de triste memória, em Minas e Goiás, e décima primeira publicação em italiano.

O primeiro número está datado de 25 de setembro de 1928, tendo como redator-chefe o Dr. Antonio D'Angelo e gerente o Sr. Julio Boncompagni.

Esse número, em formato de revista, foi integralmente consagrado à memória do aviador Carlo del Prete.

O título da capa, gravado em grande retângulo, é um interessante trabalho de desenho, ornado com vários símbolos alegóricos. Na parte superior inscreveu: *Patria — Re — Valore — Disciplina — Fede — Rinnovamento — Giustizia — Lavoro*, e na parte inferior: *Eja! — Eja! — Eja! — Alalá!*. O resto da capa é ocupado com o retrato daquele infortunado ás, entre alegorias várias, destacando-se os escudos do Brasil, Itália, Fascismo, Minas e Belo Horizonte.

O título interno é reproduzido em caracteres tipográficos comuns, tendo à direita um retângulo, no qual se inscreveu uma das costumeiras fanfarronadas do ex-ditador italiano. Ao ano I de publicação, aditou — *Ano VI-E.F.* (era fascista).

Formato de 29 x 22, 12 páginas e quatro colunas. Impressão das oficinas da Imprensa Oficial.

Direção e administração à Rua dos Goitacazes, 43.

Não sabemos quantos números publicou no formato de revista. Passando a ser editado como jornal, esteve sob a direção do Sr. Aureliano Nochi e como órgão de propaganda italiana. E com essa orientação foi até o fim, julho de 1929.

Formato de 50 x 33, seis páginas e seis colunas.

Adotou por lema: *Per una più grande Italia* e *Pela grandeza do Brasil*.

Estamos informados ter sido linotipado nas oficinas do *Estado de Minas* e impresso em outras.

Redação à Rua dos Guajajaras, 739.

REVISTA DE MINAS (4ª) 388

Direção e propriedade do Sr. Ramos Arantes, que muitas outras publicações aqui manteve.

O primeiro número é de dezembro de 1928. De nossa coleção consta apenas o número 2, de 10 de janeiro de 1929. Daí para a frente nada mais conseguimos apurar. Desse número, portanto, são as ligeiras referências aqui contidas.

Formato de 23,5 x 14, 36 páginas e três colunas. Impressão das oficinas da Imprensa Oficial.

Muitas gravuras sobre assuntos vários, literatura, humorismo, sociais e anúncios em profusão.

A quinta e última revista deste nome vai descrita quase no fim deste trabalho.

O GATO PRETO 389

De 10 a 12 de fevereiro de 1929, dias do reinado do deus Momo, foi distribuído, gratuitamente, o número único de *O Gato Preto.*

Impresso na Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980, com a dimensão de 31 x 20, oito páginas não numeradas e cinco colunas.

No cabeçalho estampou: *Nº Tá Bão, Deixa — Nº avulso: para dar de graça — Ano do Carnaval de 1929— Assinatura, Procure outro, sim?*

Ver um jornal carnavalesco é ver todos, vazados que são no mesmo estilo sensaborão. Há exceções e estas estão notadas.

O SINO DA CATHEDRAL 390

Apareceu a 24 de fevereiro de 1929 e desapareceu na data comum a todos: 29 de dezembro de 1940.

Teve duas fases, cujos limites não podemos determinar por falta de dados. Os *Sinos* não tangeram muito bem para nosso lado, pelo muito trabalho e pouco resultado que nos deram.

Tiragem de 500 exemplares.

O SINO DE LOURDES 391

Nasceu e morreu nas mesmas datas do acima referido: 24 de fevereiro de 1929 e 29 de dezembro de 1940.

Até certo tempo via-se no cabeçalho a fotogravura do templo, depois abolida. Tiragem: 500 exemplares.

O SINO DE N. S. DAS DORES 392

Primeiro número a 3 de março de 1929 e o último a 29 de dezembro de 1940. Tiragem de 800 exemplares.

GAZETA PEQUENA 393

O único número que conhecemos é o 4, de 4 de março de 1929. Especialidade em esportes.

Direção do Sr. Perosi Paula Machado.

Formato de 39 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Linotipada nas oficinas do Sr. Cícero Queiroz, à Rua dos Tamóios, 507, e impressa na Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980.

Redação à Avenida Afonso Pena, 726.

REVISTA MINEIRA DE MEDICINA 394

O que de mais importante sabemos desta publicação é o que consta da seguinte notí-

cia, inserta em *Folha da Noite*, número 1, de 1º de abril de 1929:

> *Iniciou-se a publicação da* Revista Mineira de Medicina, *órgão oficial das Associações Médico-Cirúrgica, Farmacêutica e Odontológica de Minas Gerais.*

O texto, na cintilante colaboração das maiores personalidades do campo científico em nosso Estado, é moldado sobre assuntos da mais palpitante atualidade científica, com rara e feliz competência".

Sabemos que saíram vários números, sendo o 2º de 22 de abril.

A NOTA (2ª) 395

A Nota iniciou suas atividades a 1º de abril de 1929, sob a direção do Sr. Armando Vaz. O primeiro jornal deste nome saiu em 1915. Formato de 39 x 28, quatro a oito páginas e cinco colunas. Cabeçalho sem alteração.

Apesar de dedicada quase exclusivamente aos esportes, inseria também outros assuntos, como política, sociais, etc.

Publicava-se às segundas-feiras, dando todo o movimento esportivo do País, ocorrido na véspera.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 726.

FOLHA DA NOITE 396

Minguado o material que possuímos deste jornal, pelo que muito pouco podemos falar a seu respeito.

Vespertino independente — eis o que constava no cabeçalho das edições de nosso conhecimento. Não obstante tal declaração, era adepto da Aliança Liberal, a qual deixou para abraçar a causa da Concentração Conservadora, em cujas hostes se alistou e passou a militar.

Como se sabe, a Concentração Conservadora era o partido político que sustentava a candidatura do Sr. Júlio Prestes à presidência da República para o quatriênio de 1930 a 34.

Propriedade inicial do Sr. Joaquim Rolla e depois do Sr. Raimundo Campolina; direção do Dr. Alberto Deodato.

Surgiu a 1º de abril de 1929, com o formato de 42 x 28, oito páginas e cinco colunas. Assim sempre se manteve. Tiragem de 10.000 exemplares e oficinas situadas à Rua dos Tamoios, 484. Composto em linotipos e impresso em máquina Marinoni.

Cabeçalho sem alteração nos números de nossa coleção, a não ser a inclusão, posteriormente, do subtítulo *Mineira*.

Folha da Noite, pela natureza de sua orientação, foi um jornal de lutas e polêmicas. Com ardor e vibração defendia sua posição de combatente. Além da parte política, fim para que foi fundada, não se descurou do mais que precisa ter um órgão da publicidade para satisfazer a todos os leitores. Assim, mantinha seções várias e bastante desenvolvidas, como sociais, esportes, etc, e amplo noticiário.

Redação à Avenida Afonso Pena, 708, e depois à Rua dos Tupis, 26.

A 17 de julho de 1930, no aceso da campanha eleitoral, foram depredadas suas oficinas e, conseqüentemente, empastelado todo o seu material tipográfico pelos partidários da Aliança Liberal, sob as vistas complacentes dos agentes da autoridade pública e a poucos passos da delegacia de Polícia!

É este o velho e tradicional processo brasileiro, de fazer calar a voz do adversário pelo empastelamento de seus órgãos de opinião, quando não por meio do trabuco ou do bacamarte.

A triste empreitada, porém, bem cara saiu, pois teve o Estado de pagar vultosa indenização ao proprietário das oficinas, por causa daquilo que o Governo não procurou prevenir e não quis reprimir no momento oportuno.

Dois dias depois dessas cenas de vandalismo, passadas no coração da cidade e presenciadas por autoridades policiais, voltava *Folha da Noite* a circular. Mas de que forma? Da mais precária e tumultuária possível. Andavam seus redatores de Herodes para Pilatos. A composição era feita nas oficinas do Sr. Delorizano de Morais e a impressão, ora nas oficinas de Simões de Almeida & Filhos, ora nas de Queiroz Breyner. O papel, fornecia-o a firma Dolabella Portella & Cia. A tiragem, que subia a 10.000 exemplares na época normal, ficou reduzida a menos da quarta parte.

Não podendo mais suportar tantos sacrifícios e canseiras, *Folha da Noite* suspendeu definitivamente suas atividades a 6 de setembro seguinte, com o número 518, do ano II.

DIARINHO-RECLAME 397

Como o nome indica, trata-se de um pequeno diário especializado em anúncios, trazendo também algum noticiário e variedades. Viveu de 1º de abril a 30 de agosto de 1929, encerrando sua carreira com o número 120. Propriedade e direção do Sr. Januário Esteves,

tendo como diretor-secretário o Sr. Claúdio de Queiroz.

Formato de 27,5 x 19,5, quatro páginas e três colunas. Dois os cabeçalhos constantes dos números de nossa coleção.

Publicava-se à noite, com distribuição gratuita. Redação e oficinas à Rua Ramal, 1154.

ANNUÁRIO ESTATISTICO POLICIAL E CRIMINAL 398

Publicação oficial do Departamento de Estatística, de caráter especializado, como se vê do próprio título.

O primeiro volume foi distribuído a 28 de abril de 1929, com o formato de 26 x 17,5. Impresso nas oficinas do Departamento, com a tiragem de 1.000 exemplares.

ILLUSTRAÇÃO MINEIRA (2ª) 399

Segunda revista deste nome e, como sua homônima, de curta duração, mas proveitosa e de destacada projeção entre as congêneres.

Abril de 1929 foi o mês que marcou seu aparecimento. O último número foi o 12-13, de maio-junho de 1930. Além desse número, só conhecemos os sete primeiros, que saíram em quatro volumes: 1, 2-3, 4 a 6 e 7.

Formato de 26,5 x 19,5, grande número de páginas sem numeração e ordinariamente três colunas. Tiragem de 1.000 exemplares e impressão das oficinas da Imprensa Oficial, menos o último número, que foi editado por uma tipografia então estabelecida à Rua Curitiba.

Cabeçalho uniforme e capas variadas, sendo a do número 1 ilustrada por A. Delpino.

Revista mensal de literatura, civismo, biografias, ciências, indústria, comércio, história, esportes, sociais, etc.

Diretor, Dr. Milton Medeiros Cruz; redator, Dr. Luís Gonzaga Alves Pereira; secretário, Sr. Argemiro Augusto de Araújo Jorge; gerente, Sr. Euclides Taves. Depois, passou o Dr. Luís Gonzaga a redator-secretário, desaparecendo os cargos de secretário e gerente.

Illustração Mineira foi uma excelente publicação. Suas alentadas páginas estão cheias de ótimas gravuras sobre todos os assuntos, retratos de políticos, reprodução de quadros de autoria de laureados artistas patrícios, paisagens, panoramas, retratos de vultos de destaque, etc. A parte literária escolhida, contendo produções de festejados literatos.

De feitura gráfica de primeira ordem, nada deixava a desejar, podendo mesmo ser considerada igual às melhores e mais representativas de hoje.

O FACHO 400

Saiu a 1º de maio de 1929 o número, ao que parece, único deste jornal.

Não trouxe a mínima indicação sobre a periodicidade, nome do redator e local da redação. Completamente silencioso. Teve, porém, como redator o Sr. David Jardim Júnior. Formato de 41 x 28, quatro páginas sem numeração, cinco colunas e impresso na Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980.

Jornal francamente comunista, o primeiro desse credo publicado no Estado. As autoridades policiais não deram tréguas a seu diretor, em conseqüência de sua atitude política, naquele tempo condenada sem reservas. Comunista em tudo, até na parte material, pois foi impresso em tinta rubra. No cabeçalho ostentava, à direita, os emblemas da bandeira russa, o martelo e a foice, e à esquerda uma mão empunhando um facho luminoso. Abaixo do título estava:

Ergue-te, ó lua! Estrela para o povo
Para os tiranos lúgubre cometa!

Todas as páginas cheias de artigos subordinados ao programa, assinados por D. Jardim Júnior, Armando Caldeira Brant, N. Andrade e J. Ribeiro. De Américo França Júnior publicou "a Eterna Comédia", longa poesia calcada dentro dos moldes do ideal professado pelo jornal. De Vargas Vila foram publicados vários pensamentos.

Terminando o artigo de apresentação, intitulado "O Nosso Programa", escreveu:

E, como nós, esperamos que toda a mocidade desta terra abençoada pelo sangue de Tiradentes vá formando fileiras em torno da bandeira vermelha da Revolução, a única que poderá simbolizar um ideal que seja digno de nós mesmos. Basta de covardia.

leite crôlo 401

Jornal dirigido pelos Srs. Aquiles Vivacqua, João Dornas Filho e Guilhermino César.

O número 1 é de 13 maio de 1929. Por faltar-nos a respectiva coleção, nada mais podemos adiantar a seu respeito, além do que se segue.

Formato de 28,5 x 21, oito páginas, três colunas e impressão da Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980.

leite criôlo foi um jornal de combate às velhas formas literárias e colaborado por elementos de subido valor, inclusive seus ilustres diretores.

Escrevia o título tal como o registramos acima, ou seja, com letras minúsculas.

O SINO DE N. S. DA CONCEIÇÃO 402

Circulou de 9 de junho de 1929 a 29 de dezembro de 1940. Trazia no cabeçalho o clichê da imagem da padroeira. Tiragem de 1.000 exemplares.

DIARIO MINEIRO (2º) 403

Dirigido pelo belo espírito de Lauro Santos, que antes militou no *Correio Mineiro*, ao lado de Vitor Silveira e outros jornalistas, o *Diario Mineiro* começou a circular a 12 de junho de 1929. Também faziam parte da direção os Srs. Moacir Andrade e J. Guimarães Menegale. Politicamente, adepto da Aliança Liberal.

Só falaremos sobre os 12 primeiros números, únicos que temos. Apresentaram-se eles de dois formatos: 50 x 34 e 46 x 32, o maior contendo oito páginas e o menor seis, e seis colunas ambos. Cabeçalho sem alteração.

O outro jornal de igual nome é de 1906.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 744, e oficinas à Rua Curitiba, 577.

Em certo ponto do artigo-programa disse:

> *Aquilo que o povo mineiro quiser, aquilo a que tiver direito, soará nestas colunas, como o clamor de multiplicadas vozes, doa a quem doer, desagrade a quem desagradar.*

Diario Mineiro mantinha excelente e minucioso noticiário local e de fora. Outras seções completavam suas páginas, como sociais, foro, religião, diversões, esportes, etc.

Lauro Santos, de saudosa memória, sabia fazer jornal e por isso este não podia deixar de ser o que foi.

S. ANTONIO 404

Órgão da Irmandade de Santo Antônio, da capela do bairro do mesmo nome. Publicação iniciada a 13 de junho de 1929, dia do padroeiro. O quinto e último número é de 27 de outubro seguinte.

Diretor, Sr. Claudiano Martins Júnior, provedor da Irmandade, e redator-chefe, Sr. João

Edmundo Caldeira Brant. Depois só constava no cabeçalho: *Redatores diversos.*

Saía mensalmente, no último domingo de cada mês, distribuindo-se gratuitamente à porta da capela, após a missa das 8 horas.

Formato de 30 x 22, quatro a oito páginas, quatro colunas e cabeçalho uniforme. Impresso na Tipografia Bhering, à Rua do Espírito Santo, 474.

S. Antonio, sobre ser jornal religioso, era também noticioso. Bem redigido, de boa e sadia leitura, e sincero defensor dos interesses e progresso do bairro.

O ZINGARO 405

Jornal *cometa*, em sua própria definição, fundado exclusivamente para propaganda das "Barraquinhas das Ciganas Modernas", instaladas na Floresta, em benefício das obras da construção da Matriz da freguesia.

Saiu a 21 de junho de 1929, com o tempo de duração predeterminado: o de funcionamento daquelas barraquinhas, isto é, quatro dias, 21 a 24. Essa edição, além de não indicar a localidade de sua publicação, não trouxe a respectiva data.

Abaixo do título estava escrito: *Diário noturno encarregado de ajudar a colher cobres para as obras da Matriz da Floresta. Depende de todo mundo.*

Formato de 42 x 28, quatro páginas, cinco colunas e cabeçalho sem alteração.

Texto variado, com humorismo e piadas alusivas às festas que se realizavam.

A CAPITAL UNIVERSITARIA 406

O *Diario Mineiro*, de 23 de junho de 1929, publicou o seguinte:

> *Mais um jornal acadêmico. — Os nossos acadêmicos, que estão fazendo um brilhante movimento jornalístico, de que tem resultado o aparecimento de vários periódicos, nos darão, agora, mais um jornal. Chamar-se-á o novo colega, cujo primeiro número sairá amanhã,* A Capital Universitaria, *título sugestivo, para órgão da classe a que pertence. Dado o carinho que certamente lhe dedicarão as inteligências moças de Osvaldo França e José Soares Júnior, diretor e redator, respectivamente, de* A Capital Universitaria, *não é ousado prever que o novo jornal será bem-feito e atraente, sendo de justiça que lhe levemos, como levamos, os nossos votos de longa vida.*

Nada mais conseguimos saber a respeito, apesar de nossos esforços, a não ser que de fato saiu.

O SACRÉ COEUR DE MARIE 407

Interessante jornalzinho, órgão das alunas do Colégio Sacré Coeur de Marie, que funciona à Rua do Chumbo, 400, Serra.(*) Data de 7 de julho de 1929 seu aparecimento, época em que o colégio funcionava à Rua dos Timbiras, 1497, isto é no princípio de suas atividades.

Publicação quinzenal e impressão da Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980. Formato de 21,5 x 14, quatro páginas e duas colunas.

Cabeçalho sem alteração, trazendo abaixo do título, à esquerda, um emblema desta forma: dois ramos, um de café e outro de fumo, unidos na base por um laço de fita, em cujas dobras foram gravadas estas palavras: *Spes, Salus, Consolatio Nostra.* No centro desses dois ramos o emblema do Coração de Maria, encimado por uma cruz. As letras do título são enfeitadas com figuras de crianças, em posições várias, de acordo com os traços e curvas peculiares às mesmas letras.

Diretora, Branca Sette Câmara, nos números que conseguimos obter, poucos, aliás. Redatoras, diversas alunas.

Foram publicados 52 números, mas ignoramos a data do último. Com o número 53, de 31 de maio de 1933, transformou-se em revista. Sobre esta fase nada podemos adiantar, porque só possuímos aquele número. No próprio colégio não encontramos quem nos fornecesse os necessários esclarecimentos.

Formato de 20 x 12,5, 20 páginas e duas colunas. Impressão da oficina Guimarães, citada. Conservou o mesmo cabeçalho do tempo de jornal.

Diretora, Marina A. de Resende.

Em ambas as fases com boa e variada colaboração das alunas do acreditado estabelecimento de ensino.

O MOMENTO (3ª) 408

O primeiro número de *O Momento* foi publicado a 12 de setembro de 1929. Teve como diretor o Sr. Aníbal Vaz de Melo e como redator o Sr. J. Silva Martins. Além do número 1, só conhecemos os números 3 e 8, de 17 de outubro daquele ano e 1º de março de 1930, respectivamente.

(*) *Nota da Editora: A antiga Rua do Chumbo chama-se atualmente Rua Professor Estêvão Pinto. O Colégio Sacré Coeur de Marie mudou sua denominação para Colégio Sagrado Coração de Maria.*

Formato de 41 x 29, quatro páginas e cinco colunas.

Redação e administração à Rua Hipódromo, 44.

O Momento era jornal político, exaltado partidário da Aliança Liberal. Não obstante, num gesto muito democrático, franqueava suas colunas a todas as idéias e opiniões, mesmo opostas a seus pontos de vista.

Na parte inferior da primeira página e em toda a sua extensão estampou em grandes letras, o seguinte:

> O Momento *é o órgão das opiniões liberais afeiçoado à corrente dos ideais novos, com um programa que põe à margem o partidarismo, o medo, a covardia, as conveniências, as campanhas sistemáticas, todas essas verminas que corrompem o nosso eugênico regime republicano.*
>
> O Momento *combate ininterruptamente todo e qualquer governo que se estriba no despotismo.*

HUMANIDADE 409

Conhecemos somente o primeiro número desta folha, que é de 27 de setembro de 1929 e ao qual se referem estas notas.

Foram seus diretores os Srs. Edgard Guimarães, George Haas e G. Serrano Neves, e redator-secretário o Sr. Almeida Paiva.

Anunciou publicação semanal. Grande formato, 50 x 34, seis páginas e seis colunas. Boa impressão e perfeita feição gráfica. Não citou a oficina impressora.

Cabeçalho bastante original, trazendo as letras do título entrelaçadas umas às outras.

Redação e administração no Edifício Haas.

No artigo de apresentação disse:

> Humanidade *não surgiu, diga-se desde já, para uma campanha política, como se poderia supor. Mas abraçou, com entusiasmo, enfileirando-se à imprensa livre do País, num combate são de idéias e princípios, a essa causa puríssima que aí está, congregando para a luta todo o povo brasileiro.*

Filiando-se à Aliança liberal, pregou abertamente a revolução, que de fato não tardou a vir.

Estampou a seguinte lista de seus colaboradores efetivos: Mendes Pimentel, Magalhães Drummond, Pedro Aleixo, Juscelino Barbosa, Abílio Machado, Trancredo Martins, Pedro Rache, Olinda de Andrade, Orozimbo Nonato, Hamilton Barata e José Eduardo da Fonseca.

A MONTANHA (1º) 410

Vibrante panfleto político de direção do Dr. Vito Leão, cujo primeiro número saiu a 17 de outubro de 1929.

À direita do título reproduziu estas palavras de Danton: *Fugir?... Leva-se, acaso, a pátria à sola dos sapatos?...*

Formato de 41,5 x 27,5, quatro páginas e cinco colunas. Edição de Queiroz Breyner, com oficinas à Rua dos Tamoios, 507.

A que vimos foi a epígrafe do artigo com que se apresentou. Artigo forte e decisivo, franco e sem rodeios. Não está nos moldes deste trabalho a transcrição integral de tais peças. Isso só seria possível se estivéssemos tratando unicamente de um jornal, em estudo especial e particular, e não de todos, em conjunto, como estamos fazendo. Temo-nos cingido, apenas, a citar períodos isolados de tais artigos. O estampado por esta folha, porém, tem os períodos tão ligados e dependentes entre si, que só sua transcrição completa satisfaria ao leitor. E por não ser isso possível, vamos transcrever unicamente o trecho final, como fiel amostra do todo:

> *Para pôr termo aos desvarios dos governos que se tresmandam em achincalhes à Constituição jurada e em violências contra um povo ordeiro e bom, nem as sentenças judiciárias, nem as campanhas eleitorais: um fuzil, nada mais, para todo e qualquer brasileiro de brio!*

Partidário da Aliança Liberal, pregava, abertamente, a revolução, que daí a menos de um ano deflagrou, a 3 de outubro de 1930.

Do artigo "Si vis pacem, para bellum":

> *Por que não pregar, abertamente, a revolução, desde que esta mais não seja do que a legítima defesa dos oprimidos contra os opressores?... — Isso posto, forçoso é concluir: cabe à palavra apostolar de Antônio Carlos — o liberal — ceder a vez à espada fulgurante e justiceira de Luís Carlos Prestes — o libertador.*

E nesses termos está redigido todo o jornal.

Em 1946, apareceu outro jornal com o mesmo nome deste.

RONDA 411

Começou a *rondar* a 28 de outubro de 1929. Política, literatura, esportes, humorismo, música, eis o que constava de seu programa.

Publicação quinzenal e tiragem de 5.000 exemplares, no seu dizer . Formato de 26,5 x 19,5, vinte e quatro páginas e três colunas.

Dirigida pelo Sr. Xavier Bruno, tendo como secretário o Sr. H. Fern Poley e como gerente, o Sr. J. Farano.

Em 1915, tivemos um jornal com este nome, mas com o acréscimo do artigo — *A Ronda*.

O GRAPHICO MINEIRO 412

O Graphico Mineiro deveu sua existência a um projeto de autoria do Sr. Valdemar Dinis, apresentado ao Conselho da Associação Beneficente Tipográfica em sessão de 28 de setembro de 1929 e assim concebido:

> *Art. 1º— Fica o presidente da A.B.T. autorizado a fundar um órgão de propaganda da Associação, com o nome de* O Graphico Mineiro *e nomear os seus redatores.*

Aprovado por unanimidade esse projeto, o presidente, usando da faculdade que o mesmo lhe conferiu, nomeou em seguida o corpo redatorial, que ficou constituído desta forma: diretor, Sr. Lindolfo Espechit; diretor-tesoureiro, Sr. Abelardo H. Campos; gerente, Sr. Nicanor Dias; redatores, Srs. Adamastor Barreto e Valdemar Dinis.

Fundado que foi, um mês depois, a 30 de outubro, vinha a público o primeiro número do jornal. Conhecemos tão-somente até o número 9, de agosto de 1930, que supomos ter sido o último publicado. Salientemos, no entanto, que, a 29 de abril de 1936, foi publicada uma edição comemorativa do aniversário da Associação, em formato de revista, edição que presumimos ter sido especial, de caráter ocasional, à vista da suposição que acima externamos. Anteriormente, em abril de 1930, quando se achava em plena atividade, a Associação editou um belo álbum ilustrado, *impecavelmente impresso em magnífico* papel, com escolhida e preciosa colaboração, comemorando seu 30º aniversário, isso sem prejuízo da publicação do número ordinário do mês. Foi uma publicação digna dos mais calorosos encômios.

O Graphico Mineiro manteve sempre o mesmo cabeçalho, cujo motivo se prende aos labores da classe: ao centro, o escudo da Associação, tendo na parte superior dois rolos tipográficos, dispostos em posição oblíqua; aos lados gravuras representando salas com linotipos e máquinas impressoras, unidos ao escudo, dois círculos, o da esquerda indi-

cando o ano de publicidade e o número do jornal, e o da direita, a data de sua fundação. Formato de 27 x 18, oito a vinte páginas sem numeração e três colunas.

Publicava-se mensalmente, impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

Sua matéria referia-se principalmente a assuntos de interesse da laboriosa classe e estudos técnicos sobre a arte tipográfica. Enfim, *O Graphico Mineiro* foi uma publicação muito saliente, sendo de lamentar-se seu desaparecimento da arena da Imprensa.

A VERDADE OPERARIA 413

Órgão das classes trabalhadoras, surgido a 2 de novembro de 1929.

Nada podemos falar a seu respeito a não ser do primeiro número.

Diretor, Sr. J. Marques Campos.

Formato de 42 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Impressa na Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980, com tiragem de 2.000 exemplares.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 372.

Enérgica defensora do regime russo. No artigo de comemoração do 12º aniversário da fundação da República Soviética, exaltou a posição desfrutada ali pelos operários, assim terminando: *Viva o governo dos operários, camponeses, soldados e marinheiros!*

Era esta a orientação de *A Verdade Operaria*, quando nada no primeiro número.

FUZARCA 414

O primeiro número de *Fuzarca* foi dado à publicidade a 09 de novembro de 1929. Ignoramos de sua existência tudo a não ser dos números 1 e 7.

Direção dos Srs. João Dornas, João Guimarães e Érico, isto no número 1. No número 7 já constava: diretor-proprietário, redator-chefe e responsável, Zé Maria do Espírito Santo.

Conosco é na madeira... — era a legenda da edição inicial. O outro número não mais a publicou e sim isto, abaixo do título — *filho da Manha.*

O número 1 com o formato de 25 x 19 e o número 7 com o de 28 x 19. Oito páginas e quatro colunas nesses dois números e cada qual com seu cabeçalho. Impressão da Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980.

A terceira página constituía um suplemento com o título *Diario de Menos*, que se intitulou órgão do PRM. Esse suplemento era uma tro-

ça ao *Diario de Minas*, então órgão oficial daquele partido.

Fuzarca interrompeu por algum tempo a publicação, que foi restabelecida a 15 de agosto de 1931, com o citado número 7.

Jornal muito bem-feito e de fina crítica à política de então. Todo o humorismo era acompanhado de interessantes e espirituosas caricaturas alusivas ao fato comentado. Aí está a sua primeira fase. Em segunda voltou a circular a 18 de dezembro de 1953, iniciando nova numeração tanto do ano como das edições.

Formato de 33 x 25, quatro páginas e cinco colunas. Ignoramos qual a oficina impressora.

Como anteriormente, muito bem escrito e bastante espirituoso.

JORNAL DA NOITE 415

O número 1 é de 11 de novembro de 1929. Direção dos Srs. Lauro Santos e Guimarães Menegale, no início, e depois só do segundo. Abaixo do título inscreveu: *Para satisfazer aos anseios de Minas e de seu povo.*

Formato de 45,5 x 32,5, quatro páginas e seis colunas. Reduzindo o formato para 26 x 21, reduziu também o número de colunas para quatro.

Em outubro de 1930 ainda se publicava, pois o número 313 é de 20 desse mês.

Redação à Avenida Afonso Pena, 744.

Jornal político, partidário da Aliança Liberal. Era como que uma segunda edição do *Diario Mineiro* (2º), em cujas oficinas se imprimia.

REVISTA DA ESCOLA DE SARGENTOS 416

O primeiro número desta revista foi distribuído a 7 de dezembro de 1929, com esta direção: Srs. Pedro Dutra Furtado, diretor; Sebastião Ferreira Torres, redator-chefe; José Rodrigues, redator-secretário; Melquíades Líbano Horta, gerente; redatores: Antonino Ferreira da Silva, Argemiro Augusto dos Santos, Hamilton Melo, Ernesto Gonçalves, Santos Ferreira Cavalcante e Antônio de Sant'Ana. A partir do número 2, foi esse corpo de diretores mudado quase totalmente.

Formato de 22,5 x 17,5, 24 a 48 páginas, duas colunas e serviço gráfico das oficinas da Imprensa Oficial. Publicação mensal e órgão do Grêmio Militar General Carneiro.

Capas variadas, trazendo nos números que conhecemos retratos de grandes militares

como General Carneiro, Visconde de Taunay e Duque de Caxias. Contornando esses retratos, foram dispostas as armas do Estado, o escudo do Grêmio, armas e apetrechos bélicos.

A *Revista da Escola de Sargentos* tratava exclusivamente de assuntos militares, o que fazia com firmeza e segura orientação. Copiosas ilustrações, especialmente referentes a assuntos do gênero da revista.

VÓZ DA ESCOLA 417

Órgão da Escola de Aperfeiçoamento. Publicou apenas um número, a 8 de dezembro de 1929, embora houvesse o corpo de redatores entregue à repartição competente matéria suficiente para a publicação de muitos outros.

O objetivo de *Vóz da Escola* era difundir modernas idéias pedagógicas e publicar todas as realizações da Escola que representava.

Era esta a sua direção: redatora-chefe, Sra. Maria do Céu Correia; diretora, Sra. Zilda Gama; gerente, Sra. Ana Fonseca; redatora-pedagógica, Sra. Iris Resende; redatora-literária, Sra. Filocelina Matos; redatora-social, Sra. Helena Paladini; secretária, Sra. Débora Horta Rodrigues.

Formato de 49 x 32, quatro páginas e seis colunas. Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 500 exemplares.

Vóz da Escola devia ter prosseguido, porque o primeiro número foi uma bela amostra.

DEUTSCHE MINAS ZEITUNG 418

Em alemão, foi o primeiro jornal publicado no Estado. Posteriormente veio outro, cuja descrição está mais além.

Das línguas estrangeiras é esta a terceira usada em nossa Imprensa. A primeira foi a italiana e a árabe, a segunda. No primeiro desses idiomas já tivemos várias publicações e do segundo apenas uma.

Publicava-se bissemanalmente, tendo o primeiro número saído a 10 de dezembro de 1929. Com o número 101, de 11 de dezembro de 1930, deixou de existir.

O primeiro número foi dirigido pelo Sr. Leopoldo Cmelka e do número 2 ao fim, pelo Professor Luís Pfeiffer. Teve como fundador o Sr. Américo Ban.

Formato de 42 x 26, quatro páginas e quatro colunas. Leves alterações no cabeçalho, mas sempre o mesmo tipo de título. Impressão

de Queiroz Breyner Ltda., e tiragem de 1.500 a 2.000 exemplares.

Redação à Avenida Afonso Pena, 789, e depois, 805.

Dedicado unicamente aos interesses da respectiva colônia.

ANNAES DA FACULDADE DE MEDICINA 419

O primeiro volume é de 1929. O segundo, de 1930, teve a seguinte comissão de redação: Drs. Alfredo Balena, Aurélio Pires, Olinto Meireles e Mário Mendes Campos.

Impresso na Tipografia Americana, à Rua Curitiba, 581, com o formato de 20 x 11 e 286 páginas.

Publicação eminentemente científica, em cujas páginas se encontram valiosos trabalhos originais.

Até agora foram publicados quatro volumes, os citados e os dos anos de 1931 e 1945.

FOLHA DO DIA (2ª) 420

Jornal político, filiado à Concentração Conservadora, que apoiava a candidatura do Sr. Júlio Prestes à presidência da República.

A 19 de janeiro de 1930, teve início sua publicação, que se eclipsou a 17 de julho seguinte, pelo empastelamento das oficinas de *Folha da Noite*, nas quais era impressa.

Mesmo que isso não acontecesse, sua vida não iria longe, como acontece a todos os jornais fundados para fins de campanha eleitorais. Todos morrem, ordinariamente, com a vitória ou derrota da causa abraçada. Não lhes interessa mais a existência, qualquer que tenha sido o resultado do pleito.

No caso vertente, houve vitória nas urnas de 1º de março seguinte, vitória transitória, porém, porque logo após se transformou em fragorosa derrota, em conseqüência da revolução triunfante de 3 de outubro, levada a cabo pela Aliança Liberal.

Folha do Dia teve como diretor o Dr. Enéias Câmera, de saudosa memória, e como redatores os Srs. Lauro Jacques, outro morto, de memória digna de veneração, e Manuel Gomes Pereira.

Era órgão das *aspirações mineiras*, como salientou logo abaixo do título.

Formato de 49 x 35,5, quatro páginas e seis colunas.

Folha do Dia cumpriu religiosamente sua missão.

BRAZIL-CENTRAL 421

Magazine que publicava artigos sobre engenharia, medicina, direito, finanças, literatura, atualidades, ensino, religião, modas, cinema, turismo, agricultura, arquitetura, etc.

A coleção que compulsamos está encadernada e sem as respectivas capas, pelo que não se fica tendo a mínima noção do número e data das edições. Nem no interior da revista vêm esses elementos declarados. Curioso também é que nenhum dos trabalhos publicados nos pôde servir de guia, por não estarem datados.

Só depois de afanoso trabalho conseguimos identificar, no conjunto homogêneo das páginas, a quantidade de números publicados. Quem folhear as páginas da coleção a que referimos, desprevenido e desatento, passará de um número a outro sem perceber, pela falta de um indício revelador dessa mudança. Cotamos oito números, com o total de 380 páginas, aliás não numeradas.

Publicação mensal dos números 1 e 2 e quinzenal, a 1º e 15, dos outros.

Propriedade da Empresa Neval de Publicidade.

Diretor, Sr. Alfeu Felicíssimo; redatores, Srs. Carlos Drummond de Andrade, Juarez Felicíssimo e Francisco Martins; gerente, Sr. João Boltshauser. O Sr. Carlos Drummond de Andrade exerceu o cargo de redator até o número 3.

Formato de 24 x 17, número variável de páginas e de duas a quatro colunas ou coluna aberta. Impresso até o número 7 na Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980. O oitavo e último número saiu das oficinas gráficas de Queiroz Breyner à Rua dos Tamoios, 501. Tiragem de 2.000 exemplares.

Na parte interna, o título só foi incluído a partir do número 5, em dois tipos diferentes, um para os números 5, 7 e 8 e outro para o 6.

O primeiro número circulou a 31 de janeiro de 1930 e o último a 30 de junho seguinte. Apesar de publicados somente oito volumes, o último trouxe a dupla numeração, 8-9, conforme verificamos em um exemplar avulso que obtivemos posteriormente ao exame da coleção referida.

Redação à Avenida Afonso Pena, 726.

Brazil-Central teve um seleto corpo de colaboradores, como patenteia esta lista: Srs. Francisco Campos, J. A. da Silva Campos, Milton Campos, Ciro dos Anjos, Guilhermino

César, Mário Casasanta, Otacílio Negrão de Lima, Benedito dos Santos, Gabriel Passos, Juarez Felicíssimo, Carlos Drummond de Andrade, Sócrates Alvim, Iago Pimentel, Renato Elói de Andrade, Flausino Vale, Galba Moss Veloso, João Gúsman Júnior, Margarida Signorelli, Augusto de Lima, Julinda Alvin e outros nomes marcantes de nosso meio intelectual.

Ilustrações de Delpino Júnior, Monsã, Nova e Boltshauser.

Brazil-Central muito elevou o nível de nossa imprensa, sendo por isso mesmo muito sentido seu desaparecimento, que nos privou de uma publicação de grande projeção no cenário cultural de Minas.

Uma única restrição faremos a *Brazil-Central*: as gravuras não têm a perfeição correspondente ao valor da publicação. Estranhamos também o modo de grafar a palavra *Brazil*.

Brazil-Central apresentou-se com o artigo intitulado "Em Lugar de um Programa", do qual destacamos estes trechos, os que reputamos mais expressivos para dar uma idéia de sua orientação:

> *Fazendo circular o primeiro número desta publicação, temos em mira dotar o nosso Estado de um instrumento periodístico de vulgarização e comentário, suscetível de interessar, sobre o maior número de assuntos, o maior número de pessoas.* — Brazil-Central *será, de algum modo, o índice e o reflexo das preocupações e tendências que compõem o pano de fundo de nossa hora. A atmosfera de suas páginas será a da atualidade mais flagrante, apanhada no nervosismo de suas múltiplas e complexas expressões de trabalho, no campo da indústria, da lavoura, do comércio, das profissões liberais e das pesquisas científicas, — cada uma das quais procuraremos fixar com o colorido e o contorno que são próprias.*

E aí está o *Brazil-Central*.

O INTRANSIGENTE 422

Estamos outra vez em época de jornais políticos. Já registramos a existência de dois — *Jornal da Noite* e *Folha do Dia (2º)* e agora mais este.

Órgão oficial da Coligação Liberal Antônio Carlos e, portanto, filiado à Aliança Liberal.

Diretor e redator, Dr. Luís Gonzaga Alves Pereira.

O primeiro e único número traz a data de 13 de fevereiro de 1930. Grande formato, 50 x 34, quatro páginas e seis colunas.
Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 805.

REVISTA DA CONFEDERAÇÃO AUXILIADORA DOS OPERARIOS 423

A 12 de março de 1930, a Confederação Auxiliadora dos Operários brindou o público com uma bela revista-álbum, comemorando desta forma o 25º aniversário de sua fundação.
Magnificamente impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, em papel de primeira qualidade. Todas as páginas com lindas vinhetas, formando admiráveis conjuntos.
Justas e merecidas homenagens foram prestadas a altas autoridades, patrícios ilustres e membros da diretoria, com a reprodução de seus retratos em páginas artisticamente enfeitadas.
Esmerada colaboração, toda subordinada ao acontecimento e à vida da Confederação. Nomes ilustres subscreveram a matéria nela contida, como os Srs. Furtado de Menezes, Magalhães Drummond, Cícero Pereira, J. Esteves, Gil Júnior, Nelson de Sena, etc.
Formato de 26 x 19, 44 páginas e duas colunas. Na capa, o escudo social, impresso a cores. Essa capa foi feita pela Tipografia de A. Baliseu & Cia., estabelecida à Rua dos Tupinambás, 1072, como contribuição e homenagem ao acontecimento.

LIDA 424

Semanário ilustrado de publicação dominical e formato de 30 x 22, quatro páginas e quatro colunas.
De propriedade da Empresa Neval de Publicidade, começou a *lidar* a 16 de março de 1930, sob a direção do Sr. J. Boltshauser.
Na parte baixa dos dois lados do título lê-se: *Para-todos.*
Redação à Avenida Afonso Pena, 726.

FOLHA ESPORTIVA (1ª) 425

A finalidade deste jornal está patente no próprio título. Iniciou a publicação a 21 de abril de 1930, sendo de 28 o segundo número. Só conhecemos estes dois.
Direção do Sr. Edgard Vieira e redação dos Srs. E. Curtiss de Lima, J. Barbosa Melo, Lisandro Pinto, F. Martins Filho e Guilhermino Oliveira.

Formato de 30 x 22, 16 páginas no número 1 e 12 no segundo, e quatro colunas em ambos. Cabeçalho gravado e sem alteração nas duas edições. Na respectiva chapa, além do título, trazia os nomes dos dirigentes.
Redação à Rua dos Goitacazes, 82.
Fartamente ilustrada com fotografias sobre esportes, *Folha Esportiva* está no rol das melhores publicações do gênero até hoje aqui editadas. Amplo e desenvolvido noticiário. Contava com a colaboração de distintos e dedicados esportistas locais.
Em 1946, apareceu nova *Folha Esportiva.*

GOAL! 426

Como o anterior, também jornal de esportes. Nem precisávamos dizê-lo. O nome indica claramente sua finalidade.
Sob a direção do Sr. Abílio Lopes de Almeida, *Goal!* iniciou a publicação no dia 02 de junho de 1930. Conhecemos apenas o primeiro número.
Formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Cabeçalho gravado, tendo entre as letras do título o desenho de um arco com as suas redes.
Publicação semanal, às segundas-feiras.
Redação e oficinas à Rua dos Tamoios, 501. Muito bem-feito, com minucioso noticiário esportivo.

A TRIBUNA (3ª) 427

Órgão do Centro Acadêmico da Faculdade de Direito, aparecido a 14 de julho de 1930. Grande formato, 41,5 x 28, oito páginas e cinco colunas. Desse nome a terceira folha de Belo Horizonte.
Corpo de redação composto dos seguintes acadêmicos: diretores, Srs. Adeodato Pires e Rafael Caio Nunes Coelho; diretor-gerente, Sr. Alcides Rodrigues Júnior; redatores, Srs. Pio Soares Canedo e Geraldo Serrano Neves.
Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 387.
O Sr. Adeodato Pires foi de nossos jornalistas o que mais incrementou e estimulou a Imprensa local e que maior número de jornais fundou e dirigiu.

A TARDE (2ª) 428

Vespertino independente, de direção e propriedade dos Srs. Clodoveu de Oliveira e Delorizano de Morais. Veio à luz a 7 de agosto de 1930, com o formato de 48 x 32, quatro páginas e seis colunas. Por falta de material, mais não podemos falar a seu respeito.

Redação, administração e oficinas à Avenida Paraná, 98.

A INFANCIA MODERNA 429

Quase todos os estabelecimentos de ensino primário ou secundário estão representados neste trabalho com um jornalzinho. Como é natural, o Grupo Escolar Lúcio dos Santos também teve o seu, cujo título encabeça estas linhas.

A Infancia Moderna lançou o primeiro número a 15 de agosto de 1930. Era dirigido pelos alunos, que se revezavam anualmente. Só conhecemos os números 1, 3 e 9, este mimeografado e os outros impressos. Cada qual com seu formato e seu cabeçalho. Os impressos com três colunas e o mimeografado com duas. Tiragem média de 150 exemplares. O número 3 foi impresso na Gráfica Queiroz Breyner, Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Como todos de sua categoria, só estampava pequenas composições dos alunos.

O ESCOLAR 430

O Escolar, pequeno jornal do Grupo Escolar Afonso Pena, foi fundado pelos alunos que cursaram o 3º ano em 1930 e o 4º em 1931. Teve duas fases, curtas ambas e bastante distanciadas uma da outra. A primeira foi iniciada em 15 de agosto de 1930 e se prolongou até setembro de 1931. Os seis números publicados saíram nas seguintes datas: o número 1, a 15 de agosto, o 2, a 1º de setembro, o 3, a 1º de outubro, o 4, a 1º de novembro de 1930, o 5, em junho e o 6, em setembro de 1931. Direção do aluno Haroldo Machado. Formato de 18,5 x 10,5, quatro páginas e duas colunas. Cabeçalho sem modificação. A figura do escolar, que se encontrava à esquerda do título, foi desenhada pela aluna Regina da Silva, que nesse trabalho revelou seus dotes artísticos. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial até o número 5, com tiragem de 100 a 200 exemplares. O último número foi mimeografado e ilustrado com vários desenhos, todos muito bem-feitos e condizentes com os textos que encabeçavam. Suspensa a publicação com o número 6, só 10 anos depois, em 1940, voltou à vida, em segunda fase, dirigido pelo aluno José Joaquim Alves de Paula. Por coincidência, deu nesta fase também seis números, sendo o número 1, de junho, o 2, de julho , o 3-4, de agosto-setembro, o 5, de outubro e o 6, de novembro de 1940.

Formato de 19 x 11,5, quatro, seis ou oito páginas e duas colunas. Novo cabeçalho e novo tipo do título. Impressão da Tipografia Castro, à Rua dos Caetés, 375, depois à Rua Tiradentes, 101, com a tiragem de 100 a 150 exemplares.

Interessante jornal, muito bem-feito e digno de elogios. Para demonstrar o grau de seu valor, basta dizer que obteve o primeiro lugar no concurso de jornais infantis de todo o Estado, realizado a 29 de outubro de 1930 e promovido pela Associação Pedagógica de Minas Gerais, da Escola de Aperfeiçoamento. Conseqüentemente, foi-lhe conferido honroso diploma.

Por ocasião do reaparecimento de *O Escolar*, sua direção recebeu inequívocas provas de estímulo, ressaltando dentre elas as de altas autoridades, como o Governador do Estado, o Secretário do Interior e o Chefe do Departamento de Educação, conforme tudo isso vimos no precioso álbum que, da vida do jornal, organizou sua ilustre orientadora, Professora Áurea Queiroga.

Em toda a existência de *O escolar*, muito êxito alcançaram seus pequenos colaboradores, que foram guiados e encaminhados durante o curso pela educadora acima citada, um dos mais destacados valores do magistério mineiro.

GINASIO ARNALDO 431

Editado pelos alunos do estabelecimento de que tirou o nome. Não obstante os reiterados esforços que empregamos, nada conseguimos apurar sobre sua vida, a não ser que iniciou a publicação em 1930.

Isto não basta, mas deve ficar consignado, para todos os efeitos.

REVISTA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS 432

Não logramos saber, nem na própria Universidade, em que data exata saiu esta revista. Sabemos apenas que foi em 1930, embora o seu primeiro número traga a referência a 1929.

Estava no número 9 em maio de 1951.

Comissão da Revista, do número 1: Professores Aurélio Pires, Lúcio José dos Santos, Rafael Magalhães e Roberto de Almeida Cunha e estudante Paulo da Matta Machado; do número 2, Professores Lincoln Prates, Artur Guimarães e Ubirajara Viana Novais; dos números 8 e 9, Professores Oscar Versiani e Francisco de Assis Castro e acadêmico Olavo

Jardim Campos; redator-técnico, Professor Eduardo Frieiro. Nos demais números não há qualquer referência à direção.

Os números 1, 2, 6 e 7 foram impressos nas oficinas da Imprensa Oficial; os números 3, 4 e 5 nas oficinas do "Jornal do Comércio", do Rio; e os números 8 e 9, na Tipografia Brasil, à Rua dos Guajajaras, 1540. O número 1 foi editado em três tomos e o número 2 em dois.

Formato de 20 x 16, número variável de páginas e tiragem de 1.000 exemplares.

Nada precisaremos dizer quanto a esta publicaçào, que se coloca à altura do renome de nossa conceituada Universidade.

O SINO DE S. THEREZA 433

Publicado de 1º de janeiro de 1931 a 29 de dezembro de 1940.

À direita do título trazia, até o número 8, a estampa de Santa Teresa, em meio corpo e daí em diante em corpo inteiro. No número 43, de 18 de outubro, substituiu essa estampa pela fotogravura do projeto da fachada do futuro templo. Depois, suprimiu do cabeçalho todos esses acessórios.

Tiragem de 800 exemplares.

FUTEBOL 434

Conhecemos tão-somente o número 5 deste jornal, datado de 8 de fevereiro de 1931. Saiu, naturalmente, em princípios de janeiro, o primeiro número.

Formato de 28 x 22, quatro páginas e quatro colunas. Impresso, como nele se diz, em oficinas próprias, estabelecidas à Rua dos Carijós, 545, com a tiragem de 2.000 exemplares.

Direção do Sr. H. A. da Silva.

A BULGARINHA 435

Pouco apuramos sobre sua existência. Sabemos apenas que a publicação foi iniciada em janeiro de 1931, com o formato de 30,5 x 22, quatro páginas e quatro colunas, sendo a impressão de Queiroz Breyner, Ltda., então à Rua dos Tamoios, 501.

Jornal de propaganda da cerveja de igual nome, de fabricação do Sr. Paulo Simoni.

DIÁRIO DA TARDE (4ª) 436

Quando Tratamos do *Estado de Minas* dissemos das dificuldades com que sempre lutamos para descrever os grandes jornais diários, pela falta das respectivas coleções. Os mesmos motivos subsistem, evidentemente, em relação a este e

subsistirão quanto a todos os que estiverem nessas condições.

Adivinhamos o reparo do leitor ao ler a descrição completa ou quase completa de um pequeno e secundário jornal, em flagrante contraste com a lacônica e falha dos grandes. A razão já foi sobejamente explicada: daqueles, a aquisição e conservação de todos os seus números é fácil e barata, e dos últimos bastante dispendiosa, além de apresentar grande volume, aumentado dia a dia com novas edições. Premidos por tais circunstâncias, cuja procedência ressalta aos olhos dos que nos quiserem fazer justiça, vamos dar, do *Diário da Tarde,* somente os principais traços e características de sua já longa vida.

O primeiro número foi publicado a 14 de fevereiro de 1931, sob a direção do Sr. Newton Prates, passando daí por diante a novas direções, as mesmas do *Estado de Minas.*

No artigo de apresentação frisou:

> O Diário da Tarde *aparece hoje como um desdobramento lógico, uma projeção do* Estado de Minas, *a cujo espírito de orientação se filia, dentro de um amplo programa de devotamento aos interesses do povo.*

Formato inicial de 56 x 38,5 e sete colunas e hoje 56 x 40,5 e oito colunas. Número de páginas variável, mas ordinariamente seis. A numeração é contínua, já estando na casa de 5.700.

Redação e administração à Rua Rio de Janeiro, 607, e oficinas à Avenida João Pinheiro, 267. Atualmente à Rua Goiás, 34. Suas oficinas foram e são as mesmas do *Estado de Minas.*

Seu cabeçalho muito tem variado. Na atualidade sua colocação é incerta na página. É posto onde mais convém à paginação.

O *Diário da Tarde* é um jornal essencialmente moderno, com vasto noticiário e desenvolvida reportagem sobre os últimos acontecimentos do dia, tanto locais como do resto do País e do exterior.

CIDADE LUZ 437

Revista quinzenal ilustrada, aparecida a 15 de fevereiro de 1931. Não numerava as páginas e tinha o formato de 24 x 16. A capa do primeiro número foi desenhada por Cosme.

Era este o seu corpo de redação: diretor-presidente, Sr. G. Machado; diretor-gerente, Sr. Geraldo G. Nunes Coelho e diretor-redator-chefe, Sr. J. C. Irineu de Araújo.

O artigo de apresentação desta forma terminou: *Programa: presentear Belo Horizonte com uma revista. Apenas isto. Nada mais.* O título deste artigo foi sibilino e enigmático. Nada de representação por palavras, e sim por dois sinais de pontuação: um ponto de interrogação e outro de exclamação.

Redação e administração à Rua da Bahia, 1065.

BOLETIM DO ROTARY CLUB 438

Quase nada falaremos desta publicação, por falta de elementos. Os poucos exemplares que dela possuímos não são suficientes para descrevê-la com minúcias.

Segundo informações que nos prestou um dos diretores do clube, o primeiro número do "Boletim" saiu a 1º de fevereiro de 1931. Inicialmente de publicação mensal e depois semanal, como se lê no número 5, de 8 de setembro de 1947.

A princípio, as edições não eram numeradas. Depois passaram a sê-lo, com numeração contínua e mais tarde por ano. A primeira edição numerada que conhecemos é a de 30 de outubro de 1946.

Formato de 24 x 17, quatro páginas e três colunas.

Cabeçalho de vários tipos, até certa data ilustrado com vistas panorâmicas da Capital.

Pelo que a princípio dissemos, nada mais podemos acrescentar.

3 DE OUTUBRO 439

A 20 de abril de 1931, era posto em circulação o primeiro número deste jornal, cujo título foi escolhido em homenagem à data do irrompimento da revolução conduzida pela Aliança Liberal e cujos efeitos todos nós sofremos. Essa revolução foi deflagrada em nome dos princípios democráticos e no entanto, ao invés da implantação da verdadeira democracia, o que dela auferimos foi justamente o contrário, o totalitarismo disfarçado nos primeiros tempos e depois francamente instituído e selado com o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937. Sua finalidade foi bem cedo deturpada.

Ignoramos até quando o *3 de Outubro* circulou. Publicava-se diariamente, sendo editado

em oficinas próprias, à Rua dos Tamoios, 484. Formato de 41,5 x 28, quatro páginas e oito colunas. O título, sem qualquer alteração dos caracteres tipográficos, mudava de posição de acordo com as necessidades de paginação.

Teve como redator-chefe o jornalista Mário Dias. No artigo de fundo, intitulado "O Nosso Ideal", definiu sua situação no cenário político. Nele disse não ter ligações de espécie alguma e mais adiante acrescentou que defenderia com ardor e sinceridade a pureza dos princípios revolucionários. Isto quanto ao panorama político nacional; quanto ao estadual, estava inteiramente ligado aos próceres do PRM e contra o governo então no poder.

3 de Outubro foi um bom jornal. Além de freqüentes editoriais, publicava seções sobre todos os assuntos: noticiário, esportes, sociais, religião, etc.

Redação e administração à Rua dos Tupis, 26.

LIBERDADE (1ª) 440

Liberdade começou a publicar-se no dia 21 de abril de 1931 e em igual mês de 1933 ainda circulava.

Órgão oficial do Comitê Minas Gerais Pró-Liberdade do Pensamento nos dois primeiros números e, do terceiro em diante, órgão oficial da Liga Mineira Pró-Estado Leigo.

Sub lege libertas foi o moto que adotou. Formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Cabeçalho sem alteração.

Redatores-responsáveis os Srs. A. C. Oliveira e Raul Henriot. Direção e redação à Rua dos Goitacazes, 102, e oficinas à Rua dos Tamoios, 501, e depois à Avenida Amazonas, 119.

O programa deste jornal está claramente explicado no título da entidade que representava como órgão oficial — Liga Mineira Pró-Estado Leigo.

GAZETA DA FLORESTA 441

Fundada e dirigida pelos Srs. Araújo Vieira, Carlos S. Gomes e Geraldo Dutra de Morais. Os dois primeiros figuravam apenas no primeiro número.

Órgão oficial do povo dos bairros da Floresta e Santa Teresa, sem embargo dessa representação era também jornal humorístico, literário, esportivo e noticioso.

Publicação semanal, aos domingos. Durou pouco mais de um ano, de 26 de abril de 1931 a 30 de julho de 1932, quando publicou o número 61. Impresso na Gráfica Queiroz

Breyner Ltda., com a tiragem de 1.500 exemplares e formato de 31,5 x 22, quatro páginas e quatro colunas.

Gazeta da Floresta era muito bem-feita e interessante.

CINE-JORNAL (2º) ___ ___ ___ 442

Primeiro número a 2 de maio de 1931.

Jornal de distribuição gratuita e publicação semanal, aos sábados. Edição e propriedade das oficinas gráficas de Queiroz Breyner & Cia., estabelecidas à Rua dos Tamóios, 501-507.

Formato de 28 x 20, quatro páginas e três colunas. Cabeçalho com leves alterações.

Como o nome está indicando, só tratava de coisas de cinema. Impresso em ótimo papel, com perfeita paginação.

O IRRADIADOR ___ ___ ___ 443

Folha de propaganda comercial, de propriedade do Sr. Luís B. Nogueira. Publicação iniciada em maio de 1931, sem indicação do dia. Só conseguimos obter o número 1 e a ele é que se referem estas notas.

Formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Impresso na Tipografia Queiroz Breyner & Cia.

Anúncios e nada mais.

VOZ DO POVO ___ ___ ___ ___ 444

Panfleto político de publicação mensal e distribuição gratuita. Nada de noticiário ou quaisquer outras seções que lhe dessem aparência de jornal propriamente dito. Só estampava teses e estudos sobre questões sociais, políticas e econômicas, todas exclusivamente da lavra de seu ilustre redator, Sr. Pedro da Matta Machado, falecido em junho de 1944. Não havia outra colaboração a não ser a dele.

O primeiro número saiu em junho de 1931, em formato de folheto, com 26 páginas de 16,5 x 7,5. Impresso na Tipografia Oliveira Costa & Cia., à Avenida Afonso Pena, 1052.

Na página de frente lia-se:

> *O Industrialismo e seu irmão gêmeo, o Urbanismo, sendo fatos naturais nas nações pletóricas de gente, são fenômenos de decomposição na terra vasta e vazia.*

Os números sucessivos saíram em forma de jornal, com 29,5 x 18,5, mas impressos só em meia folha de papel.

No cabeçalho estampava acima do título, em duas linhas:

> *Não temos crítica social e política das coisas brasileiras porque a observação e*

o julgamento da nossa mentalidade trazem o cunho indelével da formação exótica que os caracteriza.

As primeiras edições só mencionavam o mês e o ano. Não indicavam o dia, o número do jornal, nem o ano de publicidade. Somente as últimas satisfizeram a detalhes tão indispensáveis ao leitor.

Foram publicados apenas oito números, sendo o último em junho de 1942. Pelo tempo e pelo números publicados, nota-se a irregularidade da publicação: 8 números em 11 anos.

Todas as edições constavam de duas colunas e traziam junto ao título, o seguinte: *Povoar, pastorear, agricultar — Pastorear, agricultar para povoar.*

No último número foi estampada esta declaração:

> Voz do Povo *cala. O número 6 deste jornal publicou o seguinte: Aos 76 anos de idade nada mais se aprende, nem ao menos ortografia simplificada. Assim, eu havia deliberado cessar a publicação do meu inútil jornal. Mas meus filhos embargaram a resolução, alegando ser* Voz do Povo *higiene mental e distração na minha verde velhice; prontificaram-se a fazer a grafia dos originais e corrigir as provas.*
>
> *Recebidos os embargos.*
>
> *Agora* Voz do Povo *cala definitivamente, porque seu redator ouviu o bom conselho do seu modesto orçamento, para que não continue com o luxo de tão dispendiosa higiene mental.*

Voz do Povo foi uma publicação de valor, na qual se encontram produções de elevado cunho patriótico e de fervoroso espírito de brasilidade de seu ilustre diretor.

Em setembro de 1944, o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) cancelou o registro deste panfleto, por ter deixado de circular.

JORNAL...ÉCO 445

Pequeno jornal de *ensaios literários dos principiantes na arte de escrever*, de direção do Sr. Nelson Dabés, que teve os seguintes auxiliares: redator-chefe, Sr. Aquiles Correia Rabelo; secretário, Sr. Virgílio Reis; e gerente, Sr. José de Alencar Reis.

Deu apenas três números, o primeiro, a 11 de agosto de 1931; o segundo, a 18; e o terceiro, a 26. Formato de 27,5 x 20, quatro

páginas e três colunas. Rigorosamente igual a parte material de todas as edições.

Além da parte literária, objetivo de sua fundação, publicava seções várias, como sociais, esportes, humorismo, etc.

Muito atraente a leitura de *Jornal...Éco*, que, ao contrário do nome, jamais foi um *jornaleco*.

Redação à Rua Pernambuco, 849.

O NOSSO JORNAL 446

Jornal mensal do Grupo Escolar Caetano Azeredo, dirigido pelos alunos do 4º ano. Saíram 30 números, o primeiro, a 30 de agosto de 1931 e o último, em maio de 1937. Formato de 28 x 17,5, quatro a oito páginas e duas colunas.

O título está assim disposto: as palavras *O Nosso* em sentido ascendente, e a palavra *Jornal* em sentido descendente, o que lhe dá a forma de um ângulo agudo. Nos números 9 e 10 foi outro o modelo das letras empregadas. De cada lado traz a gravura de um escolar assentado com um livro aberto, curioso desenho do aluno José Renato.

Era mimeografado, serviço aliás feito com apurada perfeição. Tiragem de 200 exemplares.

Sem favor, pode-se afirmar ter sido este jornal uma das melhores publicações escolares de Belo Horizonte. Fartamente ilustrado, com interessantes e originais desenhos da lavra dos alunos, trabalhos estes que muito recomendam a vocação artística de seus pequenos autores.

MINAS PHILATELICA 447

Eurico Santos foi um grande lutador pelo progresso da filatelia local. Imbuído dos melhores propósitos, fundou *Minas Philatelica*, cujo primeiro número lançou à luz da publicidade, em agosto de 1931. Como todas as iniciativas úteis, esta também fracassou, porque o meio ambiente não compreendeu seu elevado alcance nem o esforço e a boa vontade de seu autor, tão sinceramente empenhado no desenvolvimento de nosso meio filatélico e na congregação de todos os seus elementos.

Não sabemos ao certo quantos números circularam.

Minas Philatelica, além de sua precípua missão, incentivava também a numismática.

Publicação mensal, com o formato de 24 x 16, seis páginas, inclusive a capa, e três colunas.

Redação à Avenida Amazonas, 259.

Tivemos nesta revista uma copiosa fonte de informações e estudos filatélicos. Ela honraria qualquer centro adiantado de colecionadores de selos.

A CIDADE 448

A Cidade cuidava de crítica, humor, literatura, arte, esportes e sociedade.

Dirigida pelo Sr. Sílvio José Fernandes, tinha como diretor-redator-chefe o Sr. Júlio César de Martins e como diretor-redator-secretário o Sr. Araci Borges.

Esta publicação teve por ponto de partida o dia 27 de setembro de 1931. Ao que parece, deixou de circular a 8 de novembro, com o número 7.

Cabeçalho uniforme nos números de nossa coleção e capas ilustradas com vistas ou retratos. Formato de 24 x 16, 20 páginas e duas colunas. Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial.

Redação e administração à Rua dos Carijós, 408.

A Cidade não deixou de ser uma interessante revista, com grande número de ilustrações e texto variado, prevalecendo neste o gênero literário.

VIDA INFANTIL 449

Pequeno jornal dos alunos das classes anexas da Escola de Aperfeiçoamento.

Primeiro número a 2 de outubro de 1931 e o último, até o presente, em igual mês de 1943.

Mimeografado durante longo tempo e impresso a partir de abril de 1942. As edições tipografadas saíram com três colunas e quatro a oito páginas e as mimeografadas com duas colunas e duas, quatro ou seis páginas. Muito variou de formato e de cabeçalho. Os números que vimos medem 28 x 19 ou 24 x 17.

A publicação não obedecia a prazo certo e determinado. Tiragem de 80 a 100 exemplares.

Vida Infantil publicava interessantes composições dos alunos, estampando também muitas gravuras.

O número 1 da revista *Educando* inseriu, com todos os pormenores, o histórico da fundação deste jornal.

INFORMADOR COMMERCIAL 450

Boletim fundado, em 18 de outubro de 1931, pelo Sr. Armando Mendes. Em 7 de novembro de 1933, foi adquirido pelo Sr. José Costa, que o dirige até o presente.

Dedicado, exclusivamente, a assuntos comerciais e econômicos. Publica-se diariamente, com bastantes páginas.

Até dezembro de 1943 era mimeografado, passando em seguida a adotar, simultaneamente, esse sistema e o tipográfico. Atualmente, só adota este último. Tem oficinas próprias, nas quais inaugurou novas máquinas, a 2 de junho de 1950.

Não indicava o ano de publicidade nem numerava as edições, falhas depois corrigidas. Redação e administração à Rua dos Tupinambás, 498.

O *Informador Commercial* presta reais e relevantes serviços ao comércio local, pondo-o a par, com exatidão e presteza, de tudo o que possa interessar às suas atividades.

JORNAL DA MANHÃ (1º) 451

Matutino independente, surgido a 27 de outubro de 1931, sob a direção do Sr. Menotti Muceli, com redação e oficinas à Avenida Paraná, 98 e depois redação à Rua dos Carijós, 408, e oficinas à Rua Curitiba, 577.

Formato de 50 x 33,5, quatro páginas e seis colunas.

Conhecemos apenas dois números deste jornal, o primeiro e o 281, de 27 de setembro de 1932.

Em 1952, saiu outro jornal com o mesmo título.

REVISTA UNIVERSITARIA 452

Editada pela Associação Universitária Mineira, da qual era órgão oficial.

Dirigida por uma comissão composta dos Srs. J. D. Alves, pela Faculdade de Medicina; J. Arcésio, pela Faculdade de Direito; A. M. de Miranda, pela Escola de Engenharia; e A. Suzano, pela Faculdade de Odontologia.

Colaboração exclusiva de professores e alunos da Universidade.

O primeiro número foi publicado em novembro de 1931, com 66 páginas, numeradas na parte inferior, formato de 23 x 15,5 e duas colunas. Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, em muito bom papel e com excelentes gravuras e retratos de professores etc.

Além de assuntos técnicos, publicava outras seções como literatura, esportes, etc.

Em resumo, uma publicação completa, que infelizmente ficou, ao que nos parece, no número de estréia.

Administração e redação à Rua Rio de Janeiro, 358.

O SINO DE SÃO JOSÉ DO CALAFATE 453

Só sabemos que saiu em 1931. Dessa fase conhecemos unicamente o número 51, de julho de 1932, ano II. Suspendeu a publicação em data que não apuramos, mas em 28 de janeiro de 1934 reiniciou suas atividades que se prolongaram até o desaparecimento de todos os *Sinos*, 29 de dezembro de 1940.

CORREIO DO POVO 454

Jornal de agitadas campanhas políticas de oposição ao governo.

Iniciou a publicação em 26 de janeiro de 1932, sob a direção do Sr. J. Coelho Vieira. Dissemos 26 de janeiro porque, sendo o número 2 de 2 de fevereiro e a publicação semanal, deduz-se que o primeiro número deveria ter saído naquela data. Se de fato não saiu, a diferença não será de molde a prejudicar sua colocação na ordem cronológica.

Em época que não precisamos, assumiu sua direção o Sr. Milton Lopes, tendo como redator-chefe o Sr. Geraldo Teixeira da Costa e como secretário o Sr. Pedro Moreira de Abreu.

Formato de 42 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Primitivamente impresso em oficinas que não identificamos e depois na Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980, com a tiragem de 3.000 exemplares.

No número 56, de 20 de novembro de 1933, publicou um agressivo artigo intitulado "Polícia Milionária", que causou gerais protestos e enérgica repulsa dos militares ali severamente atacados. Tal repercussão causou o referido artigo, que, com ele, o jornal encerrou sua carreira.

Correio do Povo usava linguagem áspera contra a política dominante e políticos militantes. Redação e administração à Rua Curitiba, 768, e posteriormente à Avenida Amazonas, 308, com oficinas à mesma avenida, 118.

ANAIS DE DIREITO 455

Mensário de doutrina, jurisprudência, bibliografia e legislação, de propriedade e direção dos Drs. J. M. de Carvalho Santos, o grande comentador do nosso Código Civil, e seu irmão, Lauro Santos.

O primeiro fascículo foi distribuído em fins de janeiro de 1932.

Formato de 18 x 11 e 150 páginas em média, numeradas por volume, composto de quatro fascículos. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial até dezembro. Os fascículos de janeiro e fevereiro de 1933, últimos da nossa coleção, saíram das oficinas gráficas de *A Coluna*, jornal editado na cidade de Campo Belo. Notamos que cada um deles constituiu um volume, ao contrário do sistema usual em publicações congêneres e por esta também seguido no ano anterior, quando um volume compreendia quatro fascículos.
Anais de Direito muito honrou a nossa cultura jurídica, pois trazia como credenciais dois nomes ilustres.
Não sabemos se foi além de fevereiro de 1933. Parece-nos que não.
Redação e administração à Rua dos Caetés, 360.

gazeta universitária 456

Esta folha, como outras, grafava o título com letras minúsculas, e desta forma a assinalamos para não fugirmos à perfeita exatidão material da descrição.
De *gazeta universitaria*, órgão independente dos estudantes da UMG, só obtivemos o primeiro número, que apareceu a 1º de fevereiro de 1932. Dela nada mais sabemos, a não ser que o número 11 saiu a 23 de dezembro de 1933.
Diretores: Srs. Newton Lamounier, Diderot Coelho Júnior, José Nava, Tânios Saliba e Antônio Noronha.
Formato de 33 x 22, oito páginas e quatro colunas. Impressão da Tipografia Americana, estabelecida à Rua Curitiba, 581. Redação e administração nesse mesmo local.
gazeta universitaria, além da parte principal, que era a relacionada a assuntos do ensino, estampava outras seções, como a literária.

COLOMBINA 457

Revista do Carnaval, distribuída a 7 de fevereiro de 1932.
Direção do Sr. A. Silva e redação de Cilo Reno.
Formato de 27 x 18,5, 16 páginas sem numeração e número variável de colunas. Impressão de uma tipografia estabelecida à Rua Tomás Gonzaga.
Mais anúncios do que mesmo matéria própria da publicação.

U. E. C. 458

Jornal do Empregado do Comércio, que adotou para título as iniciais da respectiva

União, sem ser, no entanto, órgão oficial da mesma.

Diretor-honorário, Dr. Geminiano Alves Pereira; redator-chefe, Sr. Emílio Curtiss de Lima; e secretário, Sr. E. Souto Maior.

Apareceu nos primeiros dias de fevereiro de 1932. Ignoramos até quando circulou.

Publicação mensal, com o formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

Tratava somente de assuntos de interesse da classe, sendo todo o seu texto, apesar de variado, adstrito a esse programa ou àquilo que com ele tivesse afinidade.

COLLECTANEAS DE ACCORDÃOS 459

Publicação especializada na publicação de acórdãos proferidos, na quinzena anterior, pela nossa mais alta corte de Justiça.

Fundado pelo Dr. João Edmundo Caldeira Brant, que foi seu diretor e redator e depois passou a diretor somente, figurando como redatores os Drs. Juarez Caldeira Brant, Saul do Prado Brandão, Luís Libânio do Prado e Geraldo Spyer Prates. Os dois últimos retiraram-se posteriormente.

Editou 94 fascículos, sendo o primeiro, a 19 de março de 1932, e o último, a 15 de agosto de 1936, só distribuído em princípios de outubro.

Publicação quinzenal, nos dias 15 e último de cada mês, menos nos dias 15 de janeiro, 31 de agosto e 15 de setembro, por serem as quinzenas anteriores de férias forenses.

Formato de 19 x 12,5, número variável de páginas de numeração contínua para cada ano e coluna aberta no princípio e duas nos últimos tempos de publicação.

Impressão inicial da Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980; e depois da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Amazonas, 119; da Gráfica O Dia Ltda., à Rua dos Guajajaras, 47; e outra vez da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., já à Avenida Afonso Pena, 351.

Capas de vários modelos.

SILHUETA 460

Revista quinzenal ilustrada, cujo primeiro número circulou a 22 de março de 1932.

Direção dos Srs. J. A. Barbosa Melo, J. Xavier Bruno e Érico de Paula e redação dos Srs. Djalma Andrade, E. Curtiss de Lima, Francisco Martins Filho, Jair Silva, J. Guimarães Menegale, Orlando de Carvalho, Pedro Bernardo Guimarães e Sandoval Campos.

Novo redator aparece depois, o Sr. Álvaro Afonso de Morais.

Formato de 24 x 16, 34 a 50 páginas numeradas na parte inferior e ordinariamente três colunas. O número 6, bastante volumoso, marcou 146 páginas, devido à vasta reportagem fotográfica da revolução paulista de 1932.

Silhueta de tudo tratou: literatura, assuntos técnicos, modas, xadrez, palavras cruzadas, páginas em alemão e italiano, grafologia, charadas, sociais, esportes, etc.

Nela colaboraram grandes valores como Carlos Drummond, Caio Júlio César Vieira, Francisco S. Magalhães Gomes, Floriano de Paula, Guilhermino César, Hermenegildo Chaves, Jair Silva, Artur Ragazi, Abílio Barreto, João Domas Filho, João Anatólio de Lima, Newton Braga, Flausino Valle, Gustavo Capanema, Bernardo Guimarães Filho, Hélio Vaz de Melo, Juarez Felicíssimo, Plínio Motta e outros mais.

Edições das oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 1.000 exemplares. Capas diferentes, ilustradas por Érico.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 726.

Silhueta foi uma das grandes revistas de Belo Horizonte.

BRASILIEN UND DEUTSCHLAND 461

Segundo jornal escrito em alemão aqui editado, aliás, em Minas.

Publicação iniciada a 20 de maio de 1932 e terminada com o número 6, cuja data não conseguimos apurar. O número 2 é de 28; o 3, de 4 de junho e o 4, de 11. Pela regularidade da publicação dessas edições, pode-se conjeturar que o número 5 saiu a 18 e o 6, último, a 25.

Publicação semanal e direção do Sr. G. Wiming.

Formato de 27 x 19, seis páginas e três colunas no primeiro número, e 35,5 x 26, seis páginas e quatro colunas do segundo ao quarto. Um cabeçalho para cada formato, sendo o do segundo gravado por Júlio Widder. Esse cabeçalho tinha à esquerda do título o mapa da América e à direita o do continente europeu, dele se destacando a grande Alemanha sonhada por Hitler, abrangendo toda a Europa Central. Felizmente, as armas aliadas desfizeram por completo o alucinante sonho do maior criminoso de todos os tempos da História.

A matéria deste jornal só interessava à pequena colônia alemã aqui domiciliada.

O CHRONISTA 462

Jornal de esportes em geral, de direção dos Srs. Elias Farah e Rubem de Castro Leite.

Só temos o primeiro número, datado de 5 de junho de 1932. Saiu com o formato de 27,5 x 19,5, oito páginas e três colunas.

Apresentou-se desta forma:

> *Para não fugir à praxe, aqui a apresentação do:* O Chronista. *Assunto principal — O sportivo. Intuito — Engrandecer e propagar o sport mineiro. Esperança — Ser bem aceito na opinião pública.*

Na sexta página editava *O Caruncho*, jornal-suplemento humorístico e escrito em estilo caipira.

Redação e administração à Rua dos Tamoios, Palacete Viaduto.

Nada além de esportes, como todos os de sua classe.

O SINO DE S. FRANCISCO DAS CHAGAS 463

Teve duração de oito anos, pois foi publicado de 5 de junho de 1932 a 29 de dezembro de 1940. Até o número 4 adotou um cabeçalho e outro, do número 5 até o fim. Tiragem de 1.000 exemplares.

CINE-JORNAL (3º) 464

Terceira publicação com este título, lançada a público no dia 25 de setembro de 1932. Propriedade da Empresa Cine-Mineira Ltda., e direção do Sr. R. Rabelo.

Publicação bissemanal, às quintas-feiras e domingos, e distribuição gratuita, nos cinemas.

Estampava o programa do dia e tudo o mais relacionado à arte cinematográfica.

Formato de 22 x 16,5, quatro páginas e três colunas. Ilustrado com retratos de artistas.

Redação à Avenida Afonso Pena, 748.

FAISCA (1º) 465

Interessante jornalzinho de moças, tendo como diretora a Senhorinha Maria Sigaud e como redatora-chefe a Senhorinha Emerenciana Vieira.

Publicou o primeiro número em setembro de 1932, com o formato de 26 x 17, seis páginas e três colunas. O título, escrito em letras à fantasia, é atravessado por uma faísca elétrica, impressa em cor vermelha.

Parece-nos que pertencia a uma sociedade intitulada Escola Social Feminina.

Primeiro jornal do nome.

AMA 466

Revista mensal, órgão da Associação Mineira de Atletismo, que adotou para título as iniciais dessa entidade esportiva.

Foram publicados apenas três números, em novembro e dezembro de 1932 e janeiro de 1933. O primeiro circulou no dia 26 do primeiro daqueles meses.

Diretores: Srs. Aldo Pardini, Rubem de Castro Leite e Orestes Fraga Damasceno.

Redação e administração à Rua dos Tamoios, 62.

Formato de 19 x 13, 16 páginas sem numeração e duas colunas. Impressa nas oficinas de Queiroz Breyner & Cia., à Rua Rio de Janeiro, 620. Cabeçalho rigorosamente igual, tendo à esquerda um triângulo preto e nele inscrito o nome da revista, em monograma.

Exclusivamente dedicada ao atletismo. Nada de outras seções, a não ser de sociais. Grande número de ilustrações e capas variadas.

Todos os números publicaram artigos de autoria de competentes desportistas locais.

O ESCOTEIRO 467

Outra revista de escoteiros, pois já descrevemos uma — *Anauê!*

O Escoteiro era órgão da Associação Auxiliar do Escotismo. Saiu em novembro de 1932, com o formato de 20,5 x 12, vinte páginas e duas colunas. Capa de Monsã.

Impresso na Tipografia Guimarães e redação à Rua Sergipe, 607.

Colaboração de acordo com sua especialidade.

A OPINIÃO 468

Já tivemos uma *Opinião*. Esta, porém, vem acompanhada do artigo. Apenas três números foram publicados, o primeiro a 23 de janeiro de 1933, o segundo a 29 e o terceiro a 6 de fevereiro.

Era esta a sua direção: diretor, Dr. Luís Gonzaga Alves Pereira; redator-chefe, Sr. Henrique Diniz Filho; secretário, Sr. José Mosqueira Pereira de Melo; gerente, Sr. Sebastião Marégola Campos; redatores-literários, Srs. Bernardo Guimarães Filho e Maria José Colen; redator-esportivo, Sr. Geraldo Teixeira da Costa; redator-social, Sr. Onofre Rebelo Horta; redator-jurídico, Sr. Dilermano Rocha; e redator-agrícola, Sr. Marino Vitarelli.

No número 2 aparece também como diretor o Sr. José Diniz Alves e no número 3 desa-

parecem os lugares de gerente, redator-social e redator-agrícola.

Formato de 41 x 28, seis páginas no número 1 e quatro nos demais, e cinco colunas em todos. Cabeçalho rigorosamente igual. Tiragem de 10.000 exemplares, conforme sua própria declaração!

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 785.

Folha independente, assim fechou o seu artigo-programa:

> *Em terminando este, é-nos grato dizer que aqui, em torno desta pequena folha, nos congregamos para defender os princípios da justiça e os interesses do nosso povo, cujos direitos defenderemos com calor, com sinceridade e sem desfalecimentos.*

Ótimo jornal, de variada matéria sobre problemas políticos nacionais, sem se esquecer das demais seções próprias da imprensa em geral. Pelo texto se verifica a veneração do jornal pela figura máscula do egrégio brasileiro Rui Barbosa.

UTLJ 469

A 25 de janeiro de 1933 aparecia este jornal, órgão da União dos Trabalhadores do Livro e do Jornal.

Fomos seguramente informados de terem sido publicados apenas 5 ou 6 números. Não conseguimos obter senão o primeiro, ao qual se referem estas notas.

O título é representado pelas iniciais no topo indicadas e reproduzido por extenso em uma faixa branca, que atravessa aquelas letras na parte central. Tem à direita um quadrilátero com estas palavras:

> *Sem união não pode haver força — Unamo-nos, pois, no seio da UTLJ, na mais integral solidariedade e seremos invencíveis no futuro.*

Não há, no número que estamos descrevendo, a mínima indicação sobre sua direção, periodicidade e tiragem. A impressão foi das oficinas gráficas de Queiroz Breyner Ltda.

Sobre sua finalidade nada se faz mister dizer. Está ela claramente definida no próprio título.

Formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

Aí está o que notamos no número em apreço.

REVISTA DO 5º BATALHÃO 470

Nos últimos dias do mês de fevereiro de 1933, foi distribuída esta revista, que trouxe

os números 1 e 2, referentes a janeiro e fevereiro. Publicou nove números em quatro volumes, 1-2, de janeiro e fevereiro; 3, de março; 4 a 6, de abril a junho; e 7 a 9, de julho a setembro.

Esta a direção: na primeira edição (números 1 e 2), diretor-redator-chefe, Tenente Manuel Pedro dos Santos; diretor-gerente, Professor José Augusto de Resende e diretor-tesoureiro, Tenente José Luís e Silva. Na segunda edição (número 3), o Professor José Augusto de Resende passou à categoria de redator, não mais aparecendo o lugar de diretor-gerente, por ele até então exercido. Terceira edição (números 4 a 6), sem alteração. Na última edição (números 7 a 9), foi substituído o diretor-redator-chefe, Tenente Manuel Pedro dos Santos, pelo Capitão João Batista Soares Júnior, com o título de diretor.

Formato de 27 x 18,5 e 76 páginas em duas edições; 60, em uma e 56, em outra e duas largas colunas em todas. Dois cabeçalhos distintos nas capas, um, para os dois primeiros volumes e outros, para os dois finais. Cada número com sua capa diferente, todas ilustradas, sendo o desenho de Júlio Kaukal, salvo o da primeira edição, de autor não-declarado. Impressa em ótimo papel, nas oficinas da Imprensa Oficial, com elevada tiragem.

Redação e administração na própria sede da unidade militar que lhe deu o nome.

O assunto predominante da revista era, logicamente, o militar, sem contudo deixar de publicar outras seções de interesse geral, como literatura, sociais, charadas, etc. Farta e nitidamente ilustrada com vistas e retratos de eminentes personalidades civis e militares. Enfim, uma publicação digna de ser lida e apreciada , por tudo o que nela se encontra.

À publicação desta revista precedeu a de uma outra, para comemorar as festas do 10º aniversário da criação do 5º Batalhão, realizadas a 3 de julho de 1932. Sua distribuição, porém, só se fez no fim de outubro seguinte.

Edição do mesmo formato, tipo e características da que acabamos de descrever.

FAISCA (2ª) 471

De *Faisca* só conhecemos os números 2 e 6, de 30 de março e 13 de maio de 1933, respectivamente.

Pela data do número 2, é justo supor-se ser de fins de fevereiro ou princípios de março

o primeiro número. Tanto com uma como com outra dessas datas, sua posição cronológica neste trabalho será sempre a mesma.

O número 2 anunciou publicação às quintas-feiras e o 6, aos sábados. Pelo espaçamento da publicação dos mesmos, vê-se que não foi semanal, como dissera.

Direção do Sr. Antônio Nunes Pinto.

Consta do número 6 ser jornal dos funcionários e para os funcionários da Secretaria (Interior).

Formato de 19,5 x 13, quatro páginas e duas colunas. O cabeçalho foi em tudo diferente entre os números referidos.

Redação à Rua Diamantina, 632.

Toda a sua matéria constava de piadas, especialmente com os funcionários da casa.

Eis o que pudemos coordenar sobre *Faisca*.

A primeira publicação deste nome está registrada sob o número 463.

P.R.M. 472

Órgão de ação revolucionária, política e doutrinária.

Adotou para título as iniciais do antigo e tradicional Partido Republicano Mineiro, ao qual se achava intimamente vinculado por ideais políticos. Sem embargo desse vínculo, não era órgão oficial do PRM, mas seu porta-voz autorizado. Obedecia, assim, à orientação e diretrizes dos próceres e maiorais do Partido, o que é de fácil compreensão, pois o título, sendo privativo daquela agremiação, jamais poderia ser usado por outrem sem seu consentimento, se não houvesse perfeita unidade e comunhão de idéias entre os interessados.

P.R.M. era bem um panfleto, rigorosamente político e de franca e aberta oposição aos *Governos federal e estadual. Esteve sempre* sob a direção do Dr. Mário Dias, jornalista vibrante, de espírito lutador.

De seu breve artigo de apresentação destacamos estas palavras iniciais:

> P.R.M. *não é um órgão partidário. Escolheu para seu título o nome abreviado do velho partido montanhês, porque essas três iniciais perderam a significação primitiva, para se transformarem num verdadeiro símbolo de civismo, de renúncia e de sacrifício de um povo.*

P.R.M. publicava-se às segundas-feiras, tendo o primeiro número a data de 13 de março de 1933.

Impresso na Tipografia Guimarães, com o formato de 29 x 19,5, quatro colunas e 20 a 24 páginas, algumas delas ilustradas.

VOZ DO INSTITUTO 473

Mais um dos muitos jornais escolares. Este era órgão dos alunos do Instituto João Pinheiro, situado na Gameleira. Pouco sabemos a seu respeito, e os dados que se seguem, referem-se ao número 4, de agosto de 1933, único exemplar que obtivemos.

Sua publicação foi iniciada, ao que nos informaram, a 28 de março daquele ano. Formato de 30 x 18,5, quatro páginas e duas colunas. Datilografado pelos alunos, com a tiragem de 1.000 exemplares.

O cabeçalho, todo colorido, tem à esquerda o busto de um homem de cuja boca entreaberta parte, como se o estivesse pronunciando, o título do jornal. Na parte inferior destaca-se um campo de cultura.

Vários desenhos no texto sobre agricultura, também coloridos.

Diretor, Sr. Vicente Cassemiro e, redatores, os alunos.

Estampava somente pequenas composições dos internos do estabelecimento.

A TRIBUNA (4ª) 474

Quarta e, até o presente, última publicação com semelhante título.

A Tribuna foi um jornal de acentuada importância no nosso cenário de publicações, mas infelizmente pouco podemos falar a seu respeito, por falta de material suficiente. Como todas as folhas de destaque, merecia esta especial referência e que se lhe fizesse a história completa, mas, pelo justo motivo exarado, somos a contragosto forçados a desistir do intento. Bem que diligenciamos na obtenção de informes, mas todas as nossas pesquisas resultaram inúteis.

Contentemo-nos, assim, com estas ligeiras linhas, por não haver outro remédio.

Sua direção esteve confiada aos Drs. José Maria de Alkmim e J. Guimarães Menegale. Foi a 11 de abril de 1933 que lançou o número inicial, de grande formato, 55 x 38,5, oito páginas e sete colunas. Oficinas próprias, à Rua São Paulo, 692, e redação e administração à Avenida Afonso Pena, 538.

O nosso involuntário laconismo será compensado com a transcrição que em seguida fazemos, *data venia*, do que a respeito de *A Tribuna* escreveu o Dr. Gualter Gontijo Maciel, na *Folha de Minas* de 24 de novembro

de 1944, no estudo crítico sobre o livro do Dr. Ciro dos Anjos, *O Amanuense Belmiro*. Ei-la:

> *Não foi através de* O Amanuense Belmiro *que Ciro dos Anjos apareceu como escritor. Foi no jornal, principalmente em* A Tribuna, *um diário de grande formato e vida curta, que surgiu em Belo Horizonte, em 1933, com um programa de ação política. A redação do jornal era uma colméia de moços que amavam Anatole France e faziam em croniquetas diárias sua profissão de fé nas letras. Reunia Ciro dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Guilhermino César, Mário Casasanta, Emílio Moura, João Alphonsus, José Maria de Alkmim, J. Guimarães Menegale e outros.*
>
> A Tribuna *foi, talvez, o primeiro jornal mineiro fundado com um programa previamente definido: servir o governo estadual contra várias correntes que dificultavam a sua ação política e administrativa. A despeito, porém, dessa finalidade, foi o jornal mais literário de Minas. Havia em suas páginas crônicas de tudo: de arte, de letras, de mundanismo.*

O FAN 475

O Fan saiu em princípios de julho de 1933. Teve dois formatos: 27 x 19, quatro páginas e quatro colunas, e 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas, depois quatro.

Jornal exclusivamente dedicado à publicação de programas dos cinemas locais.

Dos poucos números que conhecemos, o de 8 de outubro, de oito páginas, apresentou-se como suplemento cine-social de *A Tribuna*.

É natural que tenha sido impresso nas oficinas desse jornal, mas o número 2, de julho, o foi na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Amazonas, 119.

Não entendemos sua numeração, pois temos dois exemplares, um de julho e outro de outubro, ambos com o número 2.

No número 4 se diz ser a tiragem de 20.000 exemplares!

BELO HORIZONTE 476

Com igual nome, já tivemos várias publicações, mas só esta em forma de revista, que alcançou o quase impossível nesta terra: vida longa. Realmente, de todas as revistas até hoje aqui publicadas, com exceção de *Lourdes*, *Belo Horizonte* foi a que mais resistiu

aos embates do tempo, mas este, que nada poupa, abateu-a alfim.

Em grande formato, 28 x 18,5, iniciou sua carreira em 19 de agosto de 1933. Posteriormente, foi esse formato reduzido para 24 x 16, assim se conservando até desaparecer. Cessou a publicação com o número 184, sem data, mas distribuído em fins de setembro de 1946, *para comemorar o aniversário* de sua fundação, ocorrido no mês anterior.

Foi fundada e sempre dirigida pelo jornalista Augusto Siqueira, falecido nesta Capital a 4 de outubro de 1946, em pleno exercício de suas atividades.

Durante certo período de 1939 ou 1940, fez também parte da direção o Dr. Floriano de Paula.

Publicação semanal no início e em seguida mensal. Impressa em diferentes oficinas, como Queiroz Breyner Ltda., então à Avenida Amazonas, 119; Tipografia Castro, à Rua dos Caetés, 375; Folha de Minas, etc.

Como é comum em todas as revistas, o cabeçalho sofreu múltiplas transformações. Capas diferentes, ilustradas por Fernando, Monsã, J. Kaukal, Rodolfo, S. Costa, Rocha, Érico, Moura, Orózio Belém, etc. Número variável de páginas e colunas, sendo as páginas sem numeração.

Belo Horizonte contava com selecionada colaboração e desenvolvido serviço fotográfico. Mantinha todas as seções próprias de uma revista moderna, como literatura, esportes, mundanismo, variedades, humorismo, modas, crônicas, arte, etc.

Augusto Siqueira foi um herói, porque só homens feitos de fibras de herói poderiam manter, como ele o fez, uma revista regularmente publicada durante 13 longos anos, em um meio tão ingrato e reconhecidamente avesso a todas as tentativas tendentes à elevação de nosso nível cultural. E justamente ao entrar no 14º ano de existência, baqueou a revista, porque também tombou, para sempre, o forte baluarte que a sustinha.

Belo Horizonte foi a constante preocupação da vida de Augusto Siqueira. Se vivesse ele uma eternidade, uma eternidade também viveria a sua querida revista.

Com o número 185, de junho de 1947, voltou Belo Horizonte a circular, sob a direção do ilustre jornalista Miguel Chalup, que lhe imprimiu novos rumos e mais modernos e atraentes métodos de publicidade.

Redação dos Srs. Floriano de Paula e Domingos D'Angelo, sendo que este, só neste número.

Ilustrações de Luís Carlos e Antônio Rocha; fotografias de Francisco Fernandes, Eugênio H. Silva, Augusto Cardoso, Francisco Martins e clichê da Fotogravura Minas Gerais.

Formato de 27 x 20,5 e variável tanto o número de páginas como o de colunas.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 526.

Um ano mais tarde, em junho de 1948, entrou em nova fase, com o número 189, tendo como proprietário, diretor e redator-chefe o Sr. Edson Bonifácio Costa, e o Sr. Hélio d'Alessandro Sarmento como secretário, substituído, no número 190, pelo Sr. Celius Aulicus, mas como redator-secretário. Este, por sua vez, no número 191, foi substituído pelo Sr. Tarcísio Coelho Cleto, com a função de diretor-superintendente.

O número 194, que supomos ter sido o último publicado, é de fevereiro de 1953.

Formato de 23,5 x 15,5.

Profusamente ilustrada e com todas as seções próprias do gênero de publicação.

Redação e administração à Rua da Bahia, 1065 e Rua Rio de Janeiro, 282.

ASAS 477

O primeiro "ruflo" de *Asas* foi desferido em agosto de 1933.

A última edição que conhecemos é de agosto de 1937 e traz o número 56. Essa avançada numeração não podia, em hipótese alguma, ser aí aposta a não ser por lamentável engano que, se não for agora proclamado, como o fazemos, muita confusão gerará para o futuro. O número 12 é de novembro de 1936, logo, o de agosto de 1937, jamais poderia ser senão o 21, isso mesmo no caso de ter a publicação mensal anunciada sido realizada com rigorosa pontualidade. Em caso contrário, nem a esse número chegaria a referida edição.

Nos números que conhecemos encontramos os seguintes formatos: 19,5 x 13,5 — 21 x 15 e 25 x 16,5. Páginas numeradas e duas colunas. O número 56, citado, é o de maior formato e contém três colunas.

Capas de muita originalidade, umas sem assinatura e outras assinadas por Ilza, Ceschiatti, Odete, Horizontina e L. Amaral. Impressão de Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Amazonas, 119, e outras oficinas.

Até certa data, órgão do Grêmio Lítero-Pedagógico da Escola Normal e depois órgão

do Conselho de Estudantes da mesma escola. Direção das alunas do estabelecimento, que se revezavam anualmente.

Quatro foram os cabeçalhos adotados.

Sem favor, pode-se asseverar que *Asas* foi uma excelente revista. Várias ilustrações e colaboração esmerada sobre literatura, pedagogia, variedades, etc.

A revista *Montanheza* em seu número 43, de agosto-setembro de 1938, noticiou a retirada de um de seus diretores, Sr. Joaquim Campos, para assumir novamente a direção geral da revista *Asas*. Desse período de sua existência nada conseguimos apurar.

REVISTA MÉDICA DE MINAS 478

Revista mensal de Medicina, Cirurgia e Ciências afins, de direção científica do eminente Professor Lopes Rodrigues, tendo como redator-chefe, o Dr. Paulo Pinheiro Chagas, redator-secretário, o Dr. Mittermeyer de Paiva Queiroz e gerente, o Sr. Paulo Olímpio Belo.

Primeiro número em 15 de setembro de 1933.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 24 x 18, 50 a 80 páginas e tiragem de 1.000 exemplares.

Colaboração das mais destacadas, de eminentes cientistas.

surto 479

Título estampado em letras minúsculas, bem como as epígrafes do texto e até os nomes próprios.

Revista modernista de cultura, sem credo político, literário e religioso, fundada por alunos da Faculdade de Direito.

Só conhecemos cinco números, o primeiro de outubro de 1933, o segundo de novembro, o terceiro e quarto, em um só volume, de dezembro de 1933 e janeiro de 1934, e o quinto, de fevereiro-março de 1934.

Era este o comitê de redação: Srs. José Bezerra Gomes, Cristiano Martins, Geraldo Mendes Barros, Celestino Leal, Célio Goyatá, Paulo A. de Figueiredo, Onofre Rebelo Horta e Dantas Motta, isto nos primeiros números. Nos números 4 e 5 foi essa lista aumentada com os nomes dos Srs. J. B. Alvarenga, Jamil Sampaio e Everaldo Dayrell de Lima.

Ilustrações de Delpino, Fernando, Lelis e Alvarenga.

Formato de 28 x 18,5, número variável tanto de páginas como de colunas. Impressão das

oficinas da Imprensa Oficial, com capa igual nos números citados.

Redação e administração à Rua dos Goitacazes, 1049.

Escreviam em *surto*, além de seus ilustres diretores, mais outros valores como os Srs. Abgar Renault, Guimarães Menegale, Ciro dos Anjos, Francisco Campos, Afonso Arinos de Melo Franco, Aires da Mata Machado Filho, Arthur Versiani Velloso, Francisco de Magalhães Gomes, Heli Menegale, Eduardo Frieiro, Mário Matos, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Guilhermino César e Alberto Deodato.

surto foi uma grande revista, das de maior projeção entre as aqui editadas.

A VERDADE (2ª) 480

Segundo jornal com este título. Deu apenas um número. Já era essa a intenção de seu diretor, tanto que declarou no cabeçalho — *publicação ocasional.* Foi, de fato, ocasional, de emergência, destinada exclusivamente a tornar conhecidas dos espíritas as resoluções do Conselho Federativo, reunido na Federação Espírita Brasileira, no Rio de Janeiro, conforme se lê no artigo de fundo. Surgiu em outubro de 1933. Deve ter saído depois de 22, data de certa reunião que é noticiada no texto.

No cabeçalho, além de constar ser órgão da União Espírita Mineira, trazia o seguinte: *Só a verdade nos fará livres. Jesus.*

Formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

RADIO REVISTA (1ª) 481

Só acidentalmente tivemos conhecimento desta revista, pela leitura de *Asas*, de outubro de 1933.

É motivo de justa contrariedade de nossa parte a inclusão de publicações neste trabalho sem as termos visto. Se desta forma procedemos, é para não perdermos a pista. Hoje nada sabemos, mas amanhã quem isto ler poderá informar-nos do que souber a respeito, para ser aproveitado oportunamente. No título desta revista está implicitamente traçado o seu programa.

REXI 482

Órgão do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Primeiro número a 30 de novembro de 1933, com o formato de 32 x 22, seis páginas e quatro colunas.

Diretora, Cecília de Castro Sousa; secretária, Maria José F. de Aguiar; redatora-pedagógica, Neusa Câmera; redatora-literária, Dalva Dode. Além desse número, não conhecemos outros a não ser a partir de 4 de janeiro de 1935. Aí já se apresentou com formato diminuído, de 26,5 x 16,5, quatro a oito páginas e três colunas.

Diretora, Maria de Lourdes Ribeiro e, depois, Efi Marinho Braga.

À esquerda do título um escudo e dentro dele uma cruz encimada por um pomba, representação do Divino Espírito Santo. Acima do escudo a inscrição: *Vivat Deus Unus et Trinus in cordibus nostris.*

Na parte direita destaca-se a fotografia do edifício do colégio.

Nossa coleção não passa do número 5, datado de 29 de setembro de 1936. Ao que tudo indica, foi este o último no formato de jornal, porque logo depois passou a ser editado como revista, cuja descrição se segue.

Nesse formato começou em novembro e até hoje se publica, se bem que com notória irregularidade.

Diretora, Efi Marinho Braga, e depois, Gislaine Ferreira Pena. Os outros cargos muitas modificações sofreram, com freqüentes substituições das respectivas titulares.

Capas variadas, formato de 18 x 11 e 24 a 30 páginas. Tiragem de 600 a 700 exemplares.

Impressa na Editora S. José, à Rua Moscovita, 87; tipografia do Aprendizado Técnico-Profissional, à Avenida do Contorno, 9090 e Gráfica Belo Horizonte, à Rua dos Tupinambás, 617.

A capa do número de maio-junho de 1944 é um belo e paciente trabalho, feito a bico de pena pela aluna Zizinha.

As páginas de *Rex!* publicam exclusivamente colaboração das alunas do estabelecimento, um dos mais reputados desta Capital.

MINAS ILUSTRADA 483

Em janeiro de 1934, saiu o primeiro número de *Social Revista*, que se publicou até junho. A 1º de julho sofreu dupla e radical transformação, passando de revista a jornal e trocando aquele nome pelo de *Minas Ilustrada*. Desta, conhecemos somente o número 1, da data assinalada.

Formato de 38 x 27, 16 páginas e cinco colunas. Continha grande cópia de ilustrações e matéria variada.

Redação à Avenida do Contorno, 1373.

Da primeira fase, ou seja, de *Social Revista*, só temos os números 2, de 1º de março; 3, de 1º de abril; 4, de 15 de abril; e 6, de maio. Formato de 27 x 19, 28 páginas e duas colunas. Cabeçalho interno sem modificação e o externo de dois tipos. Capas diferentes, mas todas de muito bom efeito; duas desenhadas por Lenoir e uma por Vicente Caruso, de São Paulo. A capa do quarto representa o ex-ditador italiano falando à multidão, com as mãos apoiadas em um balcão de grande palácio. Não obstante o motivo dessa capa, nada vimos de fascismo no texto da revista.

Direção, em ambas as fases, do Professor Dr. Marcelo de Faria Alvim e redação à Rua Piauí, 1447.

Impressão das oficinas da Imprensa Oficial. Seleta e variada colaboração. Produções de autores nacionais e estrangeiros, e tudo o mais próprio de publicações do gênero, como reportagens fotográficas sobre assuntos políticos e sociais, modas, página infantil, esportes, etc. Muitas das colaborações ilustradas por Lenoir, o mesmo artista, autor dos desenhos das capas referidas.

Em suma, uma excelente publicação, de feitura gráfica muito bem cuidada e de muito gosto em seu todo.

MANUAL DE JURISPRUDÊNCIA 484

Revista de jurisprudência nacional — Exegese das leis de acordo com a jurisprudência completa dos tribunais brasileiros, era o que se lia abaixo do título.

Diretor, Dr. João Paulo de Lima, ex-juiz de Direito de várias comarcas do Estado.

O primeiro fascículo saiu a 31 de janeiro de 1934. O último, com a numeração 8-9, é de fevereiro-março de 1938. Seis fascículos formavam um volume de 500 páginas, aproximadamente.

Redação à Rua dos Caetés, 265.

Impressa inicialmente em tipografia que não conseguimos saber qual, depois, nas oficinas da Imprensa Diocesana e finalmente nas de Queiroz Breyner. Formato de 19 x 11,5 e tiragem de 1.000 exemplares. Cabeçalho sem qualquer alteração.

Manual de Jurisprudência foi uma revista que se impôs nos meios jurídicos nacionais, tal o valor e seleção da matéria contida em suas páginas. Circulava em todo o Brasil, com o

mais satisfatório acolhimento e calorosos encômios de juristas e advogados.
Foi, assim, uma revista de valor.

BOLETIM DO SINDICATO 485

Vulgarizador do Sindicato dos Ferroviários da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas, hoje Rede Mineira de Viação.
O primeiro número é datado de janeiro de 1934, mas só foi distribuído a 24 do mês seguinte. Número 2 propriamente dito não houve, porquanto o seguinte ao número 1, que naturalmente devia ter aquela numeração, trouxe o número 3, referente aos meses de fevereiro e março. O curial e lógico seria a numeração 2-3, abrangente do período a que se referiu. Ao que nos parece, aí parou.
Dirigido pelo Sr. Januário Esteves.
O citado número 3, único de nossa coleção, tem o formato de 41 x 28, três colunas nas três primeiras páginas e cinco na quarta.
Estas as informações que podemos prestar.

O DEBATE (2ª) 486

O primeiro *O Debate* saiu em 1914, e este, a 14 de março de 1934.
Diário vespertino independente, de direção do Sr. Paulo Pinheiro Chagas, até o último número de nossa coleção, o 201, de 5 de novembro. Daí por diante nada sabemos sobre qualquer modificação na direção. Em 19 de maio aparece como redator-secretário o Sr. Santacruz Lima, depois substituído pelo Sr. J. P. Pereira da Silva.
Formato de 43,5 x 29, oito páginas e seis colunas. Título e cabeçalho sem alteração em todas as edições.
Redação e administração à Rua dos Tupis, 26, e oficinas à Rua dos Tamóios, 486.
Todos os números ilustrados com vistas e retratos de políticos em evidência, encabeçando os respectivos textos.
O Debate trazia amplo e desenvolvido noticiário político, naquela época fértil em acontecimentos sensacionais e palpitantes novidades. Era uma folha essencialmente política e, como tal, órgão oficial do PRM, sem, no entanto, constar do cabeçalho esse encargo.
Em suas colunas se destacam trechos e mais trechos apagados, como os tipos completamente amassados e esmagados, em virtude da ação *democrática* dos cérberos da censura governamental.
O Debate foi, inquestionavelmente, um grande, um excelente jornal, sob todos os aspec-

tos. Jornal moderno, leve, de alto valor informativo. Todas as seções se achavam nele mui bem representadas. Havia de tudo, desde o comentário político, que era a sua nota predominante, até as seções comuns a todas as publicações, como sociais, religião, variedades, esportes, reportagens várias, noticiário geral, etc., todas elas minuciosamente relatadas e descritas.

São de seu artigo de fundo os tópicos que se seguem:

> *Esta folha, nascida de um milagre de vontade, constante no rumo traçado, marchará num milagre de fé. Vem com ânimo de servir. Inacessível ao interesse, plena de espírito público, será uma permanente consulta à legítima opinião de Minas. E o Brasil é, nesta hora agitada, um amplo debate político-social. Procuram-se rumos construtores, concertam-se medidas de salvação pública. A nação é um debate tumultuoso e este jornal será uma tribuna livre para os que nele quiserem intervir. Sua posição se definirá com atitudes de resistência ao que estiver errado. Um anseio, uma aspiração sagrada lhe guiará os passos: veicular a verdadeira voz de Minas. Em face de tão grande objetivo, esta folha sabe compenetrar-se do alto sentido dessa vocação.*

MI-CARÊME 487

A 31 de março de 1934, sábado da Aleluia, dia em que se celebra a festa do Mi-Carême, foi distribuída uma revista com este título.

Direção do Sr. A. Paula Ferreira e redação de Cilo Reno.

Formato de 28 x 18, 10 páginas sem numeração e número de colunas de acordo com as necessidades da paginação. Capa ilustrada com desenho assinado por A. B.

Insignificância de humorismo e de matéria própria da publicação, mas pletora de anúncios, como em quase cem por cem das revistas carnavalescas.

MINAS MEDICA 488

Revista de medicina, cirurgia e ciências afins, fundada pelos Drs. Alberto Cavalcanti e Nícias Continentino.

Redator-chefe, Dr. José de Mello Teixeira; redator-secretário, Dr. Nícias Continentino; redator-gerente, Dr. Alberto Cavalcanti; redatores, Drs. Aureliano Tavares Bastos, Aulo Pinto Viegas, Costa Chiabi, Pedro Salles e José Ferolla.

Abril de 1934 foi o mês que marcou o seu aparecimento.
Publicação bimestral, nos meses de fevereiro, abril, junho, agosto, outubro e dezembro.
Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 2.000 exemplares e formato de 24 x 18.
Numeração contínua de páginas, por ano.
Capa e título uniformes.
Ainda se publica, com bastante regularidade.
Valiosa colaboração de eminentes cultores da ciência médica.

O GINASIAL 489

Primeiro e único número publicado a 25 de maio de 1934.
Órgão do Grêmio Lítero-Esportivo Magalhães Drummond, do antigo ginásio Mineiro, hoje Colégio Estadual.
Diretor, Sr. Hugo Pinheiro Soares; redator-secretário, Sr. Waldemar Gontijo Maciel e gerente, Sr. Heli Duarte Figueiredo.
Formato de 38 x 27, cinco colunas e seis páginas, sendo as duas centrais ocupadas por um suplemento intitulado *A Normalista*, dedicado às alunas da Escola Normal, que nele colaboraram. Teve esse suplemento como redatora-chefe, Gisela da Penha Carvalho e como redatoras-auxiliares, Lindalva Nogueira Braga e Lourdes Medeiros.
Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 924.
Tanto o jornal como o suplemento muito bem redigidos e com texto variado e atraente.

REVISTA DA U. E. C. 490

Revista mensal, ilustrada, de direção dos Srs. Abraham Caram, Francisco Pedrosa e José Gomes Filho.
Primeiro número em maio de 1934. Posteriormente, em data que não precisamos, passou a ser órgão da União dos Empregados do Comércio, tendo como diretor-responsável o Sr. Sebastião Maregola Campos.
Antes, apesar de usar como título as iniciais do nome daquela entidade, nada tinha de comum com ela. Mera homenagem de seus diretores à sociedade de que faziam parte.
Da primeira direção só obtivemos o número 1 e da segunda, os números de dezembro de 1935 e fevereiro-março de 1936.
Todos com o mesmo formato, 23 x 13, o número variável de páginas, sem numeração.
Capas ilustradas por Monsã e impressão da Tipografia Rocha, à Rua Curitiba, 681.

Os citados números se apresentaram distintos e dignos de menção, pela escolha e variedade da matéria publicada.

Em setembro de 1936, entrou na terceira e última fase, sob a direção do Sr. Gastão Fernandes.

A *Revista da U. E. C.* nesta fase muito se distinguiu no cenário da imprensa belo-horizontina. Ampliou, com cuidado e seleção, o âmbito de suas atividades, introduzindo sensíveis melhoramentos, tanto materiais como os de ordem espiritual. Manteve, assiduamente, diferentes e interessantes seções, tanto as comuns a todas as publicações do gênero como outras de criação peculiar. Entre estas podem ser nomeadas as intituladas Flechadas, Silhuetas, Perfil e Perfilando.

Colaboração de nomes de grande relevo, que abordavam todos os assuntos com proficiência.

A parte gráfica foi objeto de especial carinho, apresentando-se ornada de finas gravuras e ilustrações. Serviço perfeito, em papel superior, da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Capas ilustradas por Rodolfo, que também emprestava a segurança e originalidade de seus traços às ilustrações e decorações do texto. Formato de 24 x 16, número variável de páginas e de colunas. Usou dois cabeçalhos nos números constantes de nosso arquivo.

Em janeiro de 1940 ainda se publicava.

Estas as únicas informações que coligimos sobre tão apreciada revista, que não devia ter desaparecido de nosso meio jornalístico. Como dissemos, o primeiro número saiu em maio de 1934, e por isto estranhamos ter o número 57, de setembro de 1939, comemorado a sua entrada no sétimo ano de existência. Para que isso acontecesse, precisaria ter saído em setembro de 1932, vale dizer, um ano e oito meses antes da data em que de fato saiu.

Com as mesmas iniciais desta revista, tivemos em 1932 outra publicação, mas em formato de jornal.

HOLLYWOOD 491

Em maio de 1934, foi iniciada a publicação da revista *Hollywood*, distribuída gratuitamente nos Cinemas Glória e Avenida. Assuntos de cinema e insignificante parte literária. Quase integralmente composta de anúncios, anúncios a granel.

Diretor e redator-chefe, Sr. Paula Baeta Zebral; redator, Sr. J. Damasceno Pinto; secretário, Sr. Orlando Pozzolini; e colaboradores, Srs. Drs. Geminiano Alves Pereira, Júlio A. Lages, J. Ribamar Peres de Lima, René Guimarães e acadêmicos Gurgel do Amaral Valente, Sigefredo Marques Soares e Uriel de Resende Alvim.

Formato de 24 x 15, 28 páginas sem numeração e número variável de colunas. Supomos ter sido impressa na Tipografia Brasil, de Veloso & Cia., à Rua da Bahia, 932. Redação à Rua Goiás, 240.

O SEMEADOR (1º) 492

Deste jornal só conhecemos o primeiro número, datado de 3 de junho de 1934 e ao qual se referem estas ligeiras notas.

Órgão do Centro Acadêmico Benedito Valadares, da Faculdade de Odontologia Tiradentes, da qual era diretor o Dr. Milton Medeiros Cruz.

Diretor, Sr. Juvenal de Oliveira; redator-chefe, Sr. Luís Segantini e secretário, Sr. Edson Cerqueira.

Jornal de literatura e ciência.

Formato de 41 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Impressão de uma tipografia então existente à Rua do Espírito Santo. Redação à Rua Tomé de Sousa, 457.

Aceitava colaboração sobre assuntos ligados à medicina, odontologia, farmácia, engenharia, advocacia e interesses industriais e comerciais.

O número em foco apresenta boa colaboração científica e literária.

Trouxe os retratos dos Srs. Getúlio Vargas, Benedito Valadares, Noraldino Lima e Milton Medeiros Cruz.

Primeiro jornal deste nome. O segundo está registrado sob o número 556.

REVISTA P. P. 493

Revista essencialmente política e órgão do Partido Progressista, que tinha por adversário o Partido Republicano Mineiro.

Publicava-se semanalmente, sendo impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, como todas as publicações políticas do lado do governo.

Foram publicados 21 números, o primeiro a 1º de outubro de 1934 e o último a 1º de março de 1935.

Formato, 27 x 18,5, número de páginas incerto, duas colunas e tiragem de 5.000 exemplares.

Direção do Sr. Geraldo Dutra de Morais, anteriormente diretor da *Gazeta da Floresta* e posteriormente da revista *Cock Tail*.

O primeiro número foi ilustrado com os retratos dos principais elementos do partido.

FOLHA DE MINAS 494

Mais um grande diário e, como os outros de seu porte, prejudicado profundamente na narrativa, pela falta da respectiva coleção. Possuímos, apenas, alguns números do início da publicação e somente sobre eles poderemos falar, bem como da atualidade, ficando todo o período intermediário na penumbra, pela razão exposta.

É pena que justamente os maiores órgãos de publicidade sejam os atingidos por essa lacuna. Diretamente não os cabe a culpa, pois, como já frisamos no curso deste trabalho, torna-se a um particular impossível colecionar todos os jornais diários. Daí a deficiência de detalhes.

Considerações não adiantam, porque não concertam; logo, passemos ao assunto.

Folha de Minas entrou na liça dos combatentes a 14 de outubro de 1934 e, no entanto, comemora seu aniversário com quatro meses de antecedência, a 14 de junho, ou seja, na data da fundação da sociedade. Por mais respeitável que seja esse seu modo de proceder, é forçoso convir em que está em flagrante contradição com a realidade dos fatos.

O primeiro número constou de quatro seções, com o total de 48 páginas.

Propriedade da Sociedade Anônima Folha de Minas.

Direção inicial do Dr. Afonso Arinos de Mello Franco, tendo como redatores principais os Srs. Luís de Bessa e Newton Prates. O Dr. Gualter Gontijo Maciel foi seu diretor até julho de 1947, quando teve por substituto o Sr. Geraldo Alvim, em caráter interino.

Até hoje com o mesmo formato, 49 x 34, sete colunas e grande número de páginas. Os caracteres tipográficos do título não sofreram a mínima alteração. Poucos jornais como este têm conservado quase inalterada a sua feição material, não obstante uma existência já bastante longa, pois sua numeração já passou de quatro milhares. A única diferença que se nota no cabeçalho é que, na atualidade, nele não mais se incluem os nomes dos diretores.

Redação e administração à Rua dos Tupinambás, 532, depois à Rua Rio de Janeiro, esquina de Tamóios, e hoje à Rua da

Bahia, 884. As oficinas desde o começo funcionam à Avenida Amazonas, 885.

"Palavra inicial" foi o título do artigo de apresentação. Dele destacamos estes tópicos:

> *Mineiros,* Folha de Minas *será o vosso jornal. Não convém insistir na superioridade colossal que o seu aparelhamento técnico e o seu serviço de informações trazem sobre os de qualquer outro jornal do Estado. Isso é palpável, é visível e dispensa referências especiais. Mas, além disto,* Folha de Minas *não transige, não se avilta, não se põe a serviço de ninguém, nem de nenhum partido ou facção. Apenas a de idéias altas, de causas justas, de interesses puros.*

Folha de Minas sempre foi e é um dos lídimos representantes da adiantada imprensa mineira. Jornal moderno, tudo publica. Seções várias e múltiplas, todas cuidadas e selecionadas. Noticiário amplo e perfeito sob todos os aspectos. Minucioso e sem espalhafato. Desenvolvido serviço sobre sociais, esportes, religião, etc. A par de tudo isso, publica artigos de sumidades mundiais e editorias sobre todos os ramos da atividade humana, bem como ótimo serviço telegráfico.

Incompletas estas notas, bem o sabemos, mas só o que aí está nos foi dado coligir. Repitamos: sem a presença da coleção nada se pode fazer que bem demonstre o valor da folha a ser descrita.

Há tempos, e durante dois anos, este diário publicou um suplemento — *Folha de Minas Infantil.* Sabemos que brevemente voltará ele a circular.

Folha de Minas tem sido órgão oficioso, refletindo o pensamento político dos governos que se sucedem. Manteve, porém, integral neutralidade de novembro de 1945 a janeiro de 1946, período em que a administração do Estado esteve confiada ao Poder Judiciário, em conseqüência dos acontecimentos de 29 de outubro.

Naquele curto interregno, *Folha de Minas* limitou-se a relatar os fatos políticos que se desenrolavam em torno dos partidos em luta, mas sem nada comentar pró ou contra qualquer deles. Mero noticiário de atividades partidárias. Da mesma forma procedeu durante o governo do Sr. Alcides Lins, conforme expressa recomendação sua, da qual nos deu notícia o órgão oficial de 28 de dezembro de 1946.

FOLHA DA TARDE 495

Folha da Tarde trazia como subtítulo — *Mineira*.

Começou a circular a 26 de novembro de 1934, sob a direção do Sr. Santacruz Lima, até pouco antes redator-secretário de *O Debate*. Secretário, Sr. José Benedito. Deu 56 números, sendo o último a 30 de janeiro de 1935.

Não trouxe o solene e tradicional artigo de fundo, nem sequer uma nota elucidativa ou uma linha de apresentação, ficando-se, portanto, sem saber a que veio.

Nada também sobre o local da redação e o nome da oficina impressora.

Formato de 54 x 37, seis páginas e oito colunas. Como se vê, um jornal grande. Cabeçalho sem a mínima alteração.

LUMINAR 496

Jornal do Centro de Estudos Jean Gaillac, do Colégio Sacré Coeur de Marie.

O Padre João Antônio Gaillac, patrono desse Centro, foi o fundador da Congregação do Sacré Coeur de Marie, em Béziers, Heraut, França, em 24 de fevereiro de 1849.

Redatora, Sílvia Pereira da Rocha; secretária, Maria de Lourdes Tolentino; e tesoureira, Isa França.

Publicação mensal, com o formato de 23 x 16, quatro páginas e três colunas.

À esquerda do cabeçalho um facho em chamas e por baixo *Vincit omnia veritas*.

Estes detalhes se referem ao número de agosto de 1934, ano I, único que possuímos. Não está numerado, mas sabemos tratar-se da primeira edição.

Colaboração das alunas do estabelecimento.

À cata de informações, fomos ao próprio colégio e lá nada nos souberam informar a respeito, razão por que coisa melhor não podíamos fazer.

O DIARIO (2º) 497

O primeiro jornal deste nome circulou em 1915, e este, 20 anos depois, em 1935.

Circulação iniciada a 6 de fevereiro e ainda em grande e proveitosa atividade.

Pelo velho e sediço motivo de falta de coleção, não podemos, sobre este jornal, falar tanto quanto desejávamos e devíamos. O mesmo se deu com outros jornais de nomeada, como terá visto o leitor.

O Diario pertence à Boa Imprensa S. A.

Tem tido os seguintes diretores: Dr. J. Sandoval Babo, Dr. Benjamim Magalhães de Oliveira, Dr. João Franzen de Lima, Dr. Oscar

Mendes e Prof. H. J. Hargreaves (atual). Como secretários serviram os Drs. Guilhermino César e Edgar de Godói da Mata Machado, antigo redator e depois redator-chefe. No início exerceu o cargo de redator-chefe e depois diretor, Dr. Oscar Mendes.

O primitivo formato foi de 44 x 28,5, com seis colunas. Atualmente é de 54 x 37,5 e oito colunas. Número de páginas variável, como todos os grandes jornais. Cada formato um cabeçalho.

Redação e administração à Rua dos Tupis, 26, e oficinas à Rua dos Tamoios, 486, depois à Rua do Espírito Santo, 1011 e, hoje, em majestoso edifício próprio, tem todos os seus departamentos instalados à Rua dos Goitacazes, 76.

Não precisamos encarecer a atuação e projeção deste jornal. Eminentemente católico, tem sido um denodado paladino de suas crenças, estando sempre à frente das boas e justas causas, tanto de caráter religioso como social.

Além da parte especial de defesa dos princípios católicos, mantém em suas páginas tudo o que deve constar de um jornal moderno, mas é certo que dentro das normas e dos limites de seu programa e de sua finalidade. Enfim, *O Diario* é um dos vanguardeiros de nossa imprensa e o mais importante diário católico da América do Sul.

O BEBÊ 498

Semanário das mães, publicado em auxílio à Creche Menino de Jesus.

Publicação iniciada a 23 de fevereiro de 1935, sob a direção do Sr. Vicente Guimarães, que fez circular 16 ou 17 números. Passando à propriedade do Sr. Juraci Barra, saíram mais sete ou oito edições.

Tratando-se de jornal consagrado a aconselhar às mães o tratamento e a criação dos filhos, foi escolhido competente corpo de redação, composto de ilustres pediatras, que orientavam prática e cientificamente suas leitoras. Fizeram parte desse corpo os Drs. Francisco de Sousa Lima, Fernando Magalhães Gomes, Mercedo Moreira, Dolor Luís Ferreira, Rodovalho Mendes, Berardo Nunam e Tupi Coutinho Soares. Do número 9 em diante, desapareceram do cabeçalho todos esses nomes.

Formato de 28 x 20,5, seis páginas e quatro colunas. Até o número 13, de 1º de junho, último que vimos, pouca alteração sofreu o cabeçalho. O título, porém, conservou os mesmos caracteres tipográficos.

Impresso na Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980, com a tiragem de 3.000 exemplares. Redação à Rua dos Carijós, 408.
A primeira impressão que se tem deste jornal é de uma publicação para divertimento infantil, tal o seu título, e, no entanto, trata-se de utilíssimo repositório de informações e conselhos sobre puericultura e que inestimáveis serviços deve ter prestado às mães.

CORREIO DOS ESTUDANTES 499

Muito fizemos, mas nada conseguimos obter sobre a vida deste jornal. A breve descrição que se segue refere-se somente ao exemplar único que possuímos, o número 2, de 23 de fevereiro de 1935.
Diretor, Sr. Etervino Tibúrcio Henriques e redator-secretário, Sr. Ademar Dias Maciel.
Publicação trimensal, com o formato de 43 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Não fez qualquer referência à oficina impressora.
Na seção Expediente disse ser jornal independente.
Seções várias, como noticiário, esportes, sociais, etc.
Redação e administração à Rua da Bahia, 1416.

DIÁRIO DA ASSEMBLÉIA 500

Inicialmente, órgão da Assembléia Constituinte e, em seguida, da Assembléia Legislativa. Publicado de 4 de abril de 1935 a 10 de novembro de 1937, quando o fatídico golpe de Estado desferido nessa data lhe determinou a morte, pela extinção da corporação que representava.
Apesar de ter numeração privativa, tanto de edições como de páginas, era impresso no corpo do *Minas Gerais*, até que, com o número 99, de 10 de dezembro de 1935, passou a ser editado em separado.
Permanentemente com três largas colunas.
Restabelecida a ordem constitucional no País, voltou a circular a 18 de março de 1947, da mesma forma, isto é, no corpo do órgão oficial. O diretor da Imprensa Oficial, porém, em janeiro de 1950, resolveu editá-lo, a partir do mês seguinte, separadamente, como no início da publicação, por julgar que essa iniciativa traria sensível vantagem tanto para a própria Assembléia como para os cofres públicos. O Legislativo, no entanto, não concordando com essa resolução, protestou, ficando assim tudo como dantes no quartel de Abrantes.

CINCO P'RAS DEZ 501

É este o título mais original e mais enigmático constante do catálogo da Imprensa belo-horizontina.

E o porquê deste título?

Cinco p'ras dez era a hora regulamentar do sinal de silêncio, à noite, no Internato. Daí nasceu o nome da folha. Fácil a decifração, não há dúvida, mas... depois de explicada.

Este jornal, órgão da Associação das alunas do internato da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, sito à Rua do Chumbo, 601, foi fundado pela então aluna Walesca Paixão, que depois de diplomada passou a exercer proficientemente a alta função de diretora do estabelecimento. Nos primeiros tempos foi órgão oficial do Grêmio Literário 9,55.

Encetou a publicação a 20 de abril de 1935. Os números 1 e 2 foram datilografados, e os de 3 a 11, mimeografados. Passou a ser impresso com o número 12, de 19 de julho de 1936.

Cada número tinha sua redatora ou redatoras. A partir de novembro de 1939, ficou sob a exclusiva responsabilidade da Senhorinha Walda Paixão.

Não podemos asseverar, mas queremos crer que cessou a publicação em abril de 1940, com o número 10, do ano V.

Por não os termos visto, nada podemos falar sobre os números datilografados. Os mimeografados constavam de duas colunas e quatro a seis páginas. No texto viam-se algumas gravuras. A fase impressa, sempre com três colunas e quatro páginas. Editado na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com o formato de 27,5 x 18.

A numeração, tanto do jornal como do ano de publicidade, era a mais confusa possível. Ora avançava, ora recuava. Aqui vão algumas dessas contradições: a edição de 26 de abril de 1936 traz o número 26 e a de 19 de julho, o número 12; a de janeiro de 1937, o número 1, do ano III; a de setembro, o número 30 do ano II e a de março de 1938, o número 24 outra vez do ano III.

Cinco P'ras Dez publicava variados trabalhos das alunas, todos dignos de elogios, tanto pela originalidade como pelos conceitos emitidos.

O título era duplamente fixado no cabeçalho: por extenso e por um relógio marcando 9 horas e 55 minutos. O original cabeçalho foi desenhado pelo artista Rodolfo.

ILUSTRAÇÕES

1. Bello Horizonte
2. A Capital
3. Aurora
4. Diario de Minas
5. Jornal do Povo
6. O Operario
7. Caramurú
8. A Epocha
9. Vida Mineira
10. Tribuna do Norte
11. O Propagador Mineiro
12. *Quasi!...*
13. Correio do Dia
14. Diario da Tarde
15. A Noite
16. Vita
17. Lourdes
18. A Marrêta
19. Minas Agricola
20. Matakins
21. O Esqueleto
22. Italia Nuova
23. Correio Mineiro
24. Diario da Manhã
25. Diario do Commercio
26. A Illustração Mineira
27. Radium
28. Informador Commercial
29. Silhueta
30. L'Arrotino Coloniale
31. Montanheza
32. Alterosa
33. Minas Tenis
34. Panorama
35. A Raposa
36. Jornal do Povo
37. Acaiaca
38. Diario de Minas
39. Binômio
40. Correio da dia

BELLO HORIZONTE

Anno IV | Bello Horizonte 1 de outubro de 1896 | Num. 157

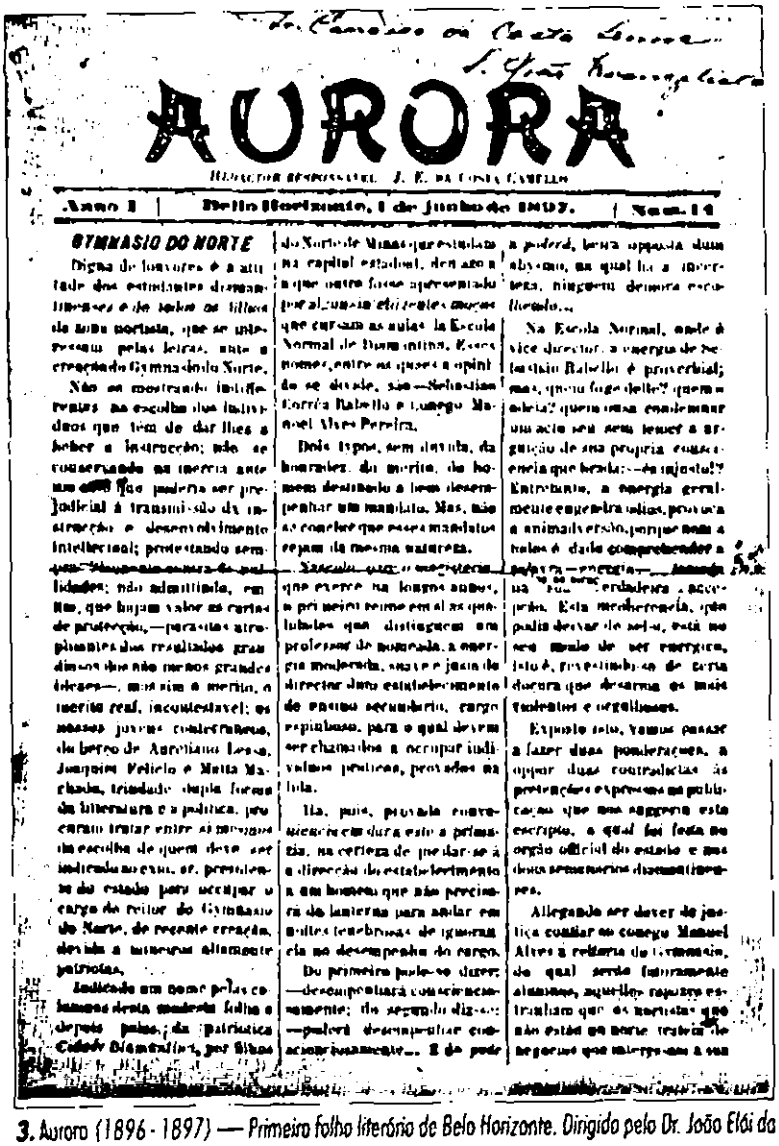
BELLO HORIZONTE

Do interesse local

1. Bello Horizonte *(1895 - 1899)*

A CAPITAL

2. A Capital *(1896 - 1898) — Segundo jornal publicado em Belo Horizonte, de propriedade do Coronel Francisco Bressane. Bissemanal, publicava-se às quintas-feiras e domingos.*



AURORA

Director responsavel J. E. da Costa Carvello

Anno I | Bello Horizonte, 1 de Junho de 1897. | Num. 11

GYMNASIO DO NORTE

Digna de louvores é a attitude dos estudantes dramaticamente e de todos os filhos da bella capital, que se interessam pelas letras, pela creação do Gymnasio do Norte.

Não se mostrando indifferentes ás escolhas dos individuos que têm de dar lhes a haver a instrucção; não se conservando na inercia ante um acto que póde ser prejudicial á transmissão da instrucção e desenvolvimento intellectual; protestando sempre [illegible] contra as parcialidades; não admittindo, emfim, que hajam valor as cartas de protecção,—parasitas atrophiantes das qualidades grandiosas que não menos grandes ideaes—, mas sim o merito, o merito real, incontestavel; os nossos jovens conterraneos, do heroe de Aureliano Lessa, Joaquim Pedrello e Mello Machado, triadade cuja força da litteratura e a politica, procuram imitar entre as personagens da escolha de quem deve ser indicado ao exm. sr. presidente do estado para occupar o cargo de reitor do Gymnasio do Norte, de recente creação, devido a iniciativa altamente patriotica.

Indicado um nome pelas columnas desta modesta folha e depois pelas da patriotica *Cidade Bismarck*, por Sitio do Norte de Minas que estudam na capital estadoal, deu-se a que outro fosse apresentado por alguns *elementos* que cursam as aulas da Escola Normal de Bello Horizonte. Esses nomes, entre os quaes a opinião se divide, são—Sebastião Corrêa Rabello e conego Manoel Alves Pereira.

Dois typos, sem duvida, de honrados, de merito, de homens destinados a bem desempenhar um mandato. Mas, não se comprehende que esses mandatos sejam da mesma natureza.

Sabe-se que o governo [illegible] que exerce na longa ausencia, o primeiro termo em as qualidades que distinguem um professor de humanidades, a energia moderada, sabia e justa de dirigir um estabelecimento de ensino secundario, cargo espinhoso, para o qual devem ser chamados a occupar individuos politicos, privados da lida.

Ha, pois, provada [illegible] em dura esta primazia, na eleição de preferir-se á a direcção do estabelecimento a um homem que não precisa de lanterna para andar em muitas trevas de ignorancia no desempenho do cargo.

Do primeiro pode-se dizer: —desempenhará conscienciosamente; do segundo dizem-se —poderá desempenhar conscienciosamente... E do pode a *poder*, resta apenas um abysmo, no qual ha a incerteza, ninguem demora escolhendo...

Na Escola Normal, onde é vice director, a energia de Sebastião Rabello é proverbial; mas, quem foge delle? quem o acha? quem ousa condemnar um acto seu sem temer a argução de sua propria consciencia que brada:—é injusto!? Entretanto, a energia geralmente empregada tolhe, provoca a animadversão, porque nem a todos é dado comprehender a palavra—energia—[illegible] na sua verdadeira accepção. Esta moderemos, que pode deixar de ser, está no seu meio de ser energica, isto é, previnindo-se de certa dureza que desarma os mais valentes e orgulhosos.

Exposto isto, vamos passar a fazer duas ponderações, a oppor duas contradictas ás proferições expressas na publicação que nos suggeriu esta escripta, a qual foi feita no orgão official do estado e nas duas seguintes discussões.

Allegando ser dever de justiça cuidar no conego Manoel Alves a reitoria do Gymnasio, do qual seria fatalmente alumno, aquelles rapazes estranham que os mortaes que não estão no seio restrito de negocios que interessam a sua

3. *Aurora (1896 - 1897) — Primeira folha literária de Belo Horizonte. Dirigido pelo Dr. João Elói da Costa Carneiro, era editado a 1º e 15 de cada mês.*

DIARIO DE MINAS

PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA

Anno I | Cidade de Minas, 4 de Agosto de 1899 | Numero 28

TELEGRAMMAS

Congresso

A EXPOSIÇÃO

INTERIOR

4. *Diario de Minas (1899 -) — Jornal político de significativa importância em Belo Horizonte. Nesse número, já na sua fase governista, sustenta polêmica com o Jornal do Povo.*

JORNAL DO POVO

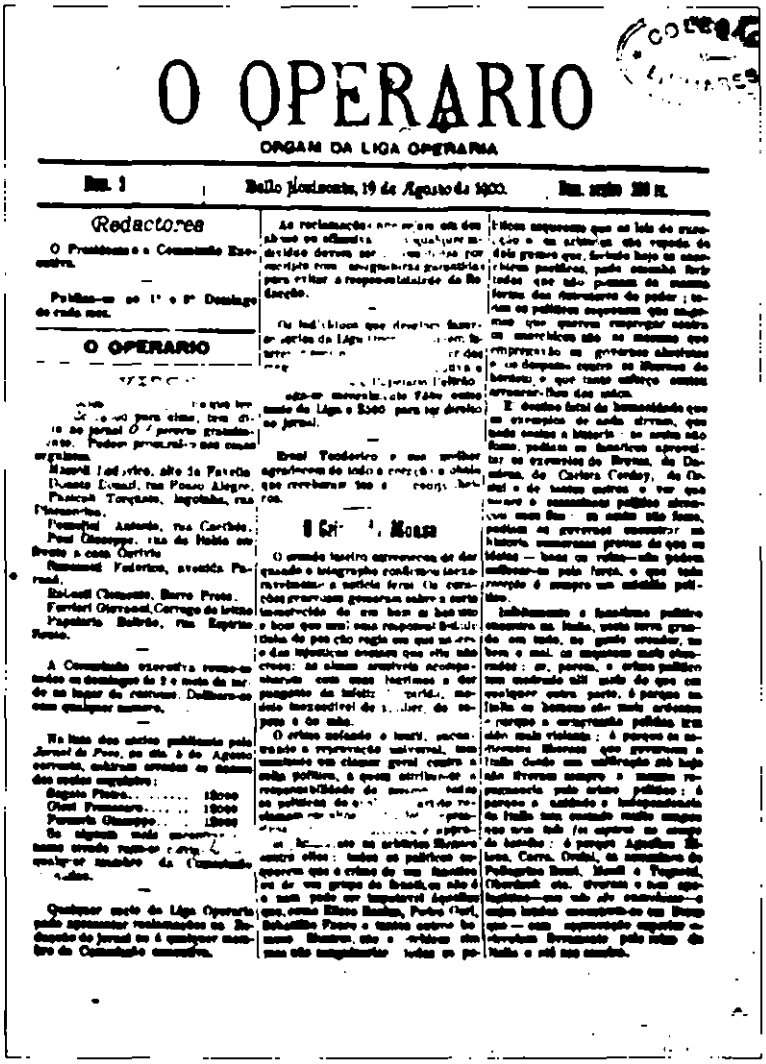
FOLHA DIARIA

ANNO I | Bello Horizonte | N. 2

Jornal do Povo

BOHEMIOS

5. Jornal do Povo *(1899 - 1900) — Jornal político, fundado e dirigido por Azevedo Júnior, que, nesse número, critica o Governo na sua coluna "Bohemios".*



O OPERARIO

ORGAM DA LIGA OPERARIA

Num. 1 | Bello Horizonte, 19 de Agosto de 1900.

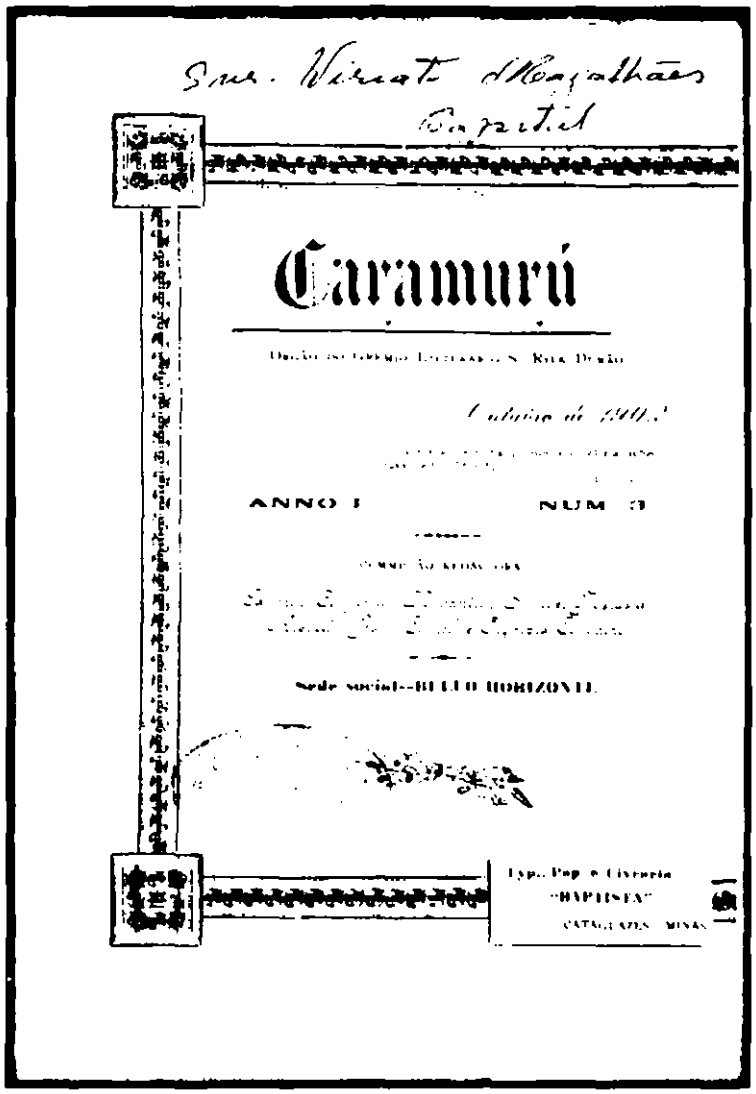
Redactores

O Presidente e o Commissão Executiva.

Publica-se no 1º e 3º Domingo de cada mez.

O OPERARIO

6. O Operario *(1900) — Jornal de propriedade da Liga Operária, fundada em Belo Horizonte a 15 de julho de 1900. Dirigido por Donato Donati, Francisco Diogo de Vasconcelos e Marcos Rios. De tendência socialista, era publicado no primeiro e no terceiro domingos de cada mês.*



Caramurú

ANNO I NUM 3

Sede social—BELLO HORIZONTE.

Typ. Pop. e Livraria
"BAPTISTA"
CATAGUAZES MINAS

7. Caramurú *(1902) — Revista literária, modesta e sem pretensões, foi uma "revista diferente das anteriores, que se filiaram à escola simbolista".*

A EPOCHA

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Anno I | BELLO HORIZONTE | N. 4

Profissão de fé

CHRONICA

A EPOCHA

BUNDES

8. A Epocha *(1904 - 1906) — No seu tempo, foi um jornal que prendeu a atenção do público, especialmente pela gama de "novidades políticas e mundanas". Fazia cerrada oposição ao Governo do Estado.*

VIDA MINEIRA

HEBDOMADARIO POLITICO E LITTERARIO

DIRECTOR — AUGUSTO FRANCO

9. Vida Mineira *(1910) — Revista de variedades, ilustrada, quinzenal. Apresentava capas assinadas pelo arquiteto Luís Olivieri.*

Tribuna do Norte

Orgão do Centro Norte-Mineiro

EXPEDIENTE

10. Tribuna do Norte *(1906 - 1907) — Órgão do Centro Norte Mineiro, pretendia ser porta-voz dos interesses do norte do Estado.*

ANNUNCIOS

BOA COMPRA

Obras de ouro

Açougue de carne de porco e vacca

Officina de Mechanica

VICTOR PURRI

Villa Fidelyra

VINHO DE MINAS

Raymundo de Paula Dias

NA CASA COMMERCIAL

AUGUSTO ANDRADE

EM DIAMANTINA

Photographia Mineira

RAYMUNDO PINTO

OLEO DE OVO

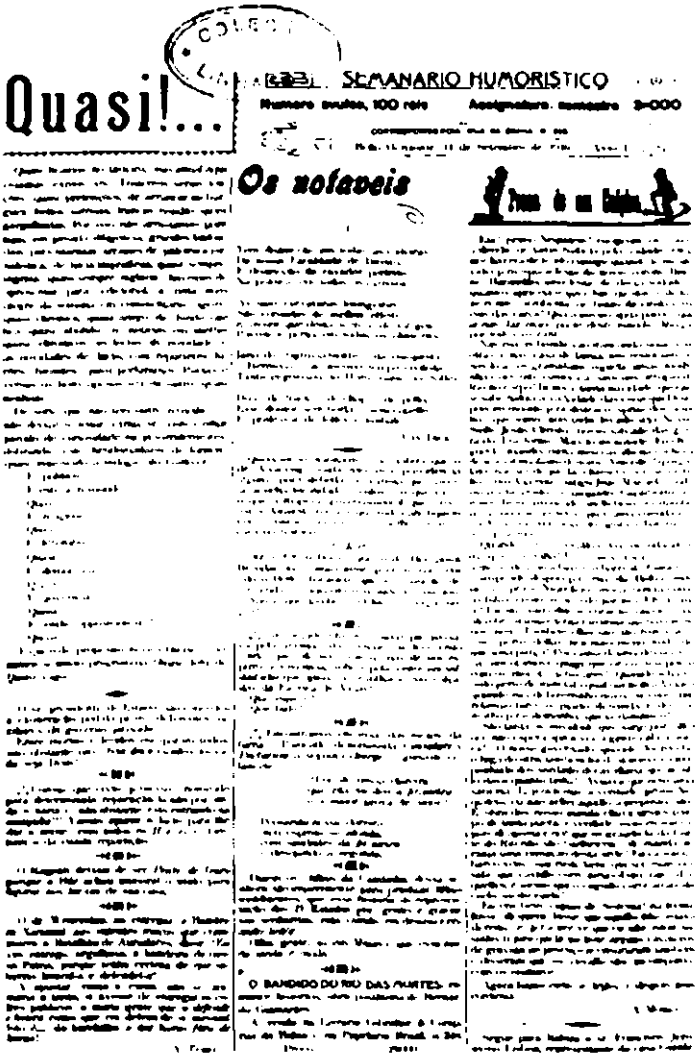
SURUCUINA

A CASA COMMERCIAL

João Dias de Andrade

DIAMANTINA

11. *Uma página de anúncios do* Propagador Mineiro, *órgão de propaganda comercial publicado quinzenalmente em Belo Horizonte no período de 1907 a 1911.*



Quasi!...

SEMANARIO HUMORISTICO

Os notaveis

12. Quasi!... *(1910-1911) — Semanário noticioso e humorístico, às vezes muito irreverente para os padrões da época.*

CORREIO DO DIA

Redactor: Cloto Alberto Alvares

ANNO I

N. 60

JOÃO PINHEIRO

HOMENAGENS Á SUA MEMORIA

A remessa a Ouro

Sessão civica

13. Correio do Dia *(1909 - 1910) — Jornal ligado à campanha civilista.*

DIARIO DA TARDE

O NOVO GOVERNO

14. Diario da Tarde *(1910 - 1911) — Primeiro dos três jornais de Belo Horizonte assim denominados.*

15. A Noite *(1912 - 1916) — Jornal que despertou invulgar interesse na população belo horizontina.*

16. *Vita (1913 - 1914) — Revista ilustrada, que apresentava uma seção dedicada a uma personalidade representativa, de determinado setor de atividade humana. O homenageado de cada número tinha sua efígie estampada na capa.*

ANNO I 21 de Agosto de 1913 NUM. 2

LOURDES

REVISTA MENSAL

Orgam da Associação de N. S. de Lourdes

e do Circulo Catholico Mineiro

ASSIGNATURA ANNUAL ..... 5$000

SUMMARIO

Duas palavras da mesma indole — Ao Sagrado Coração de Maria — Medalha e Pureza — O Bom Pastor — Doce Coração de Maria, vida minha salvação — Importancia de um titulo — Lourdes — Responsabilidade moral — Revolucionarios da sciencia — Pharmacopéa — Benção do Episcopado Brasileiro — Carta Pastoral — Orga[illegible] — Acção Catholica na Italia — Torpe insinuação — A medalha milagrosa e a Archiconfraria da Immaculada Conceição de Maria — Cura Vianney e Henrique Rochefort — Curiosidades — O ouro em cousas da terra — Palavras ministeriaes — Nagrecção da imagem de Christo-Rei — Primeiras Noticias — Circulo

Com approvação ecclesiastica

ADMINISTRAÇÃO E CORRESPONDENCIA

REV.MOS PADRES DO CORAÇÃO DE MARIA

R. dos Aymorés, 1592 – Bello Horizonte

COLEÇÃO

17. Lourdes *(1913 - 1939) — Revista mensal ilustrada, órgão da Associação de N. S. de Lourdes e do Circulo Católico Mineiro. Circulou durante 26 anos.*

A MARRETA

O automobilismo em B. Horizonte

Zé'i — Que bôas gargalhadas dão a morte e o CHOUFFEUR das victimas do PROGRESSO... sem freio!...

O Civil: E lhe dizer eu que para esse mal não ha remedio!... Prende-se um assassino desses... e é só chegar á Delegacia, está na rua...

—Diga-me lá o' meu BOM AMIGO Guimarães, quem é que, sendo BOM grulho burocrata, Sancho Pança-mirim, — andou com o rei na barriga, mettendo os pés pelas mãos, numa certa repartição federal?—

—Ah! já sei: é o Joca Silverio da Fiscal, delegado, chaleira-mór de seu CHEIROSO amo o Chiquinho da Fazenda... E, como Delegado, soube sempre proteger os nulos e ser algos dos dignos.

— Ahi, cabra, acertou!—

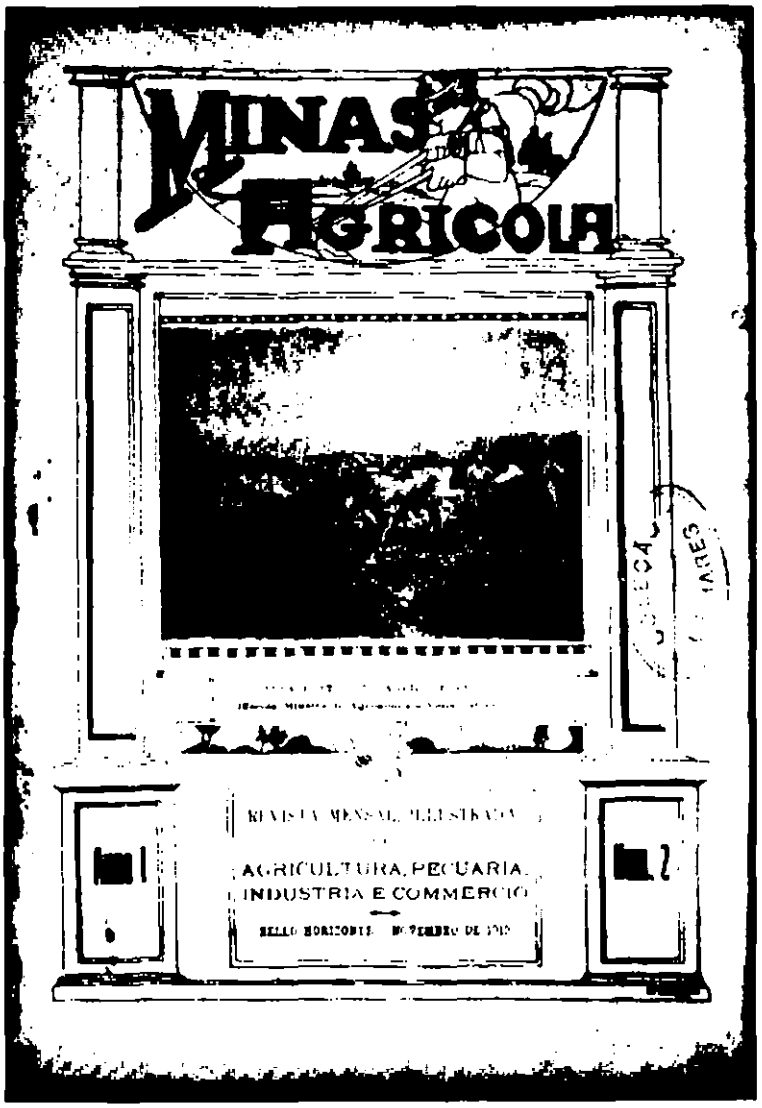
— Você que é sabido, ô Mendes, digame por favor aonde anda mettido o nosso spectral e INCOMPARAVEL "Dr. Chaleira"?

—Pois não?... está no fôgão aquecendo agua para os pés de quem ficar no poleiro.

—AQUILLO é fino... p'ra besta.

.....

18. *A Marreta (1913) — Revista humorística, mensal, ilustrada.*



19. Minas Agricola *(1919 - 1920) — Revista mensal ilustrada de agricultura, pecuária, indústria e comércio, dos alunos da Escola Mineira de Agronomia e Veterinária.*

20. Matakins *(1909 - 1920) — Publicação carnavalesca, de propriedade do Clube Matakins. Esse é o quarto número, de fevereiro de 1920. Publicava-se às terças-feiras do Carnaval.*

COLECÇÃO LINHARES

O ESQUELETO

Authentico

Hospedes Illustres

Divisas

Recenseamento

PHENYL

TERPYL

21. O Esqueleto *(1920 - 1925). Jornal de humor, fundado por acadêmicos de Medicina.*

22. Italia Nuova *(1928) — Órgão de orientação fascista, cujo primeiro número, em formato de revista, foi integralmente consagrado à memória do aviador Carlo del Prete.*

CORREIO MINEIRO

Propriedade de uma Sociedade Anonyma

AZAS DE SANTA CRUZ

Dr. Arthur Bernardes

Chronica Politica

23. Correio Mineiro *(1926 - 1936) — De propriedade de Vitor Silveira, marca o surgimento do "imprensa moderna" na cidade.*

DIARIO DA MANHA

Quebrará o Sr. Antonio Carlos os grilhões que acorrentam o povo mineiro?

O governo de Minas não teve ainda coragem de defender o contracto de siderurgia

Vamos pagar tudo pelo dobro do preço

TRISTES PERSPECTIVAS!

Abordando um problema nacional

No mundo dos espiritos

O problema rodoviario de Minas

24. Diario da Manhã *(1927 - 1928) — Considerado o jornal que "aqui inaugurou a Imprensa rigorosamente moderna".*

Diario do Commercio

ORGÃO DA LAVOURA, INDUSTRIA E COMMERCIO

PROPRIEDADE DA EMPREZA MINEIRA DE PUBLICIDADE

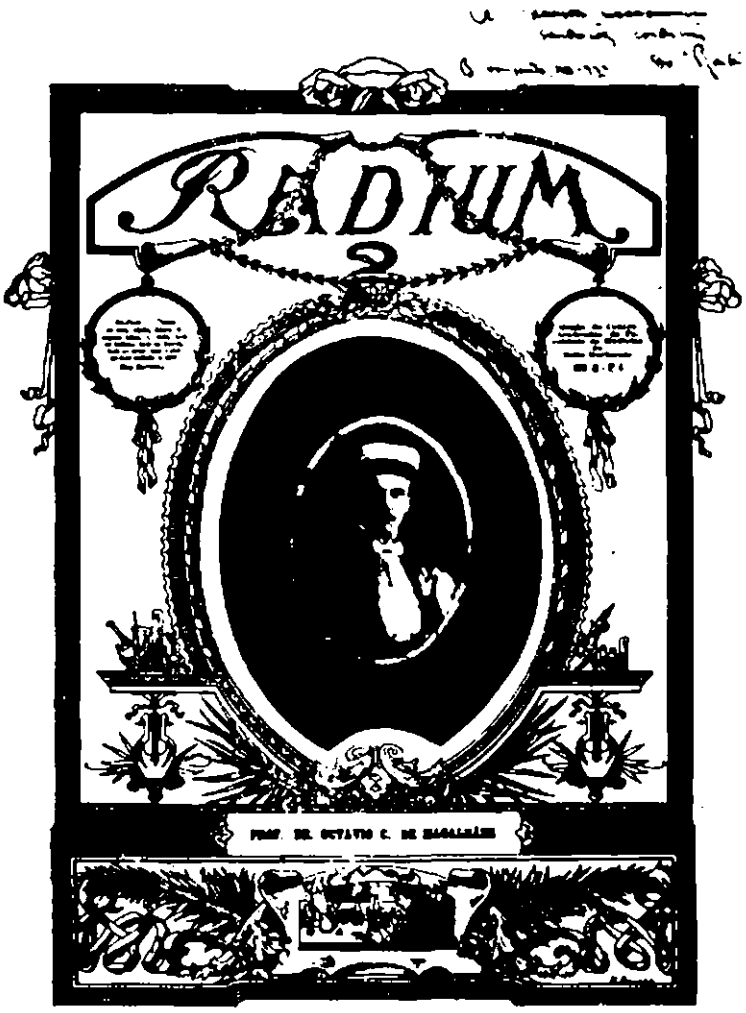
ANNO I

DEPUTADO LAMAR JACQUES

Barbeiragem de inspectores

25. Diario do Commercio *(1927) — Foi o continuador de* O Momento. *"Órgão das classes conservadoras".*

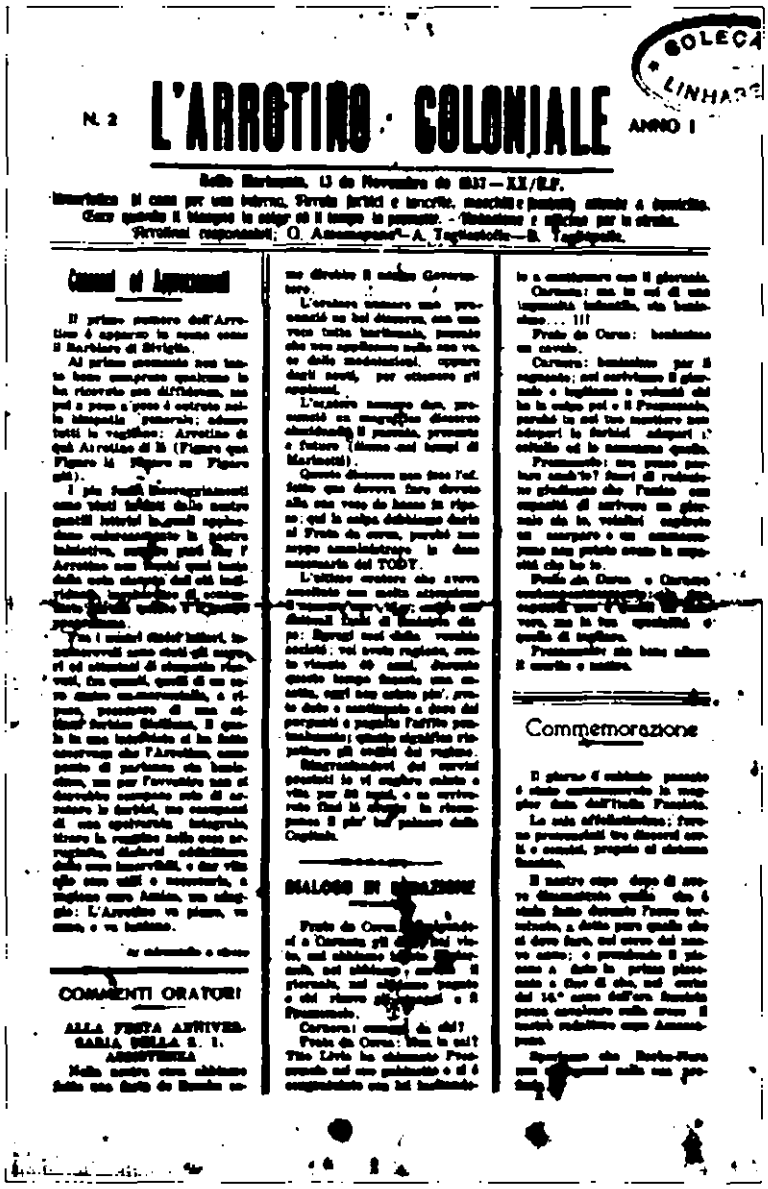
26. A Illustração Mineira *(1913) — Revista ilustrada, produzida no Rio de Janeiro, só publicou este número.*



27. Radium *(1929 - 1933) — Revista científico-literária, cuja capa é "de autoria do hábil desenhista e exímio gravador Felipe Barseti".*

28. Informador Commercial *(1931) — Boletim comercial fundado em 18 de outubro de 1931, foi adquirido pelo Sr. José Costa, a 7 de novembro de 1933. Deu origem ao atual* Diário do Comércio.

29. Silhueta *(1932) — Revista quinzenal ilustrada, de variedades, com significativa colaboração dos escritores e literatos da cidade.*



N. 2 **L'ARROTINO COLONIALE** ANNO I

Belo Horizonte, 13 de Novembre de 1937 — XV/E.F.

Inserzioni: Si cede per una lira. Strada larga e lunga, macchie e buche, attacchi a domicilio. Cane quando il bisogno lo esige ed il tempo lo permette. - Abbaiano e mordono per le strade.

Direttori responsabili: O. Ammanguard — A. Tagliatelle — B. Tagliapolo.

Comunal ed Appuramenti

Il primo numero dell'Arrotino è apparso in mezzo ad un frastuono di litiglio.

Al primo annuncio non tutto fosse completo qualcuno lo ha ricevuto con diffidenza, un poi a poco a poco il entrato nella simpatia generale: odiamo tutti lo vogliono: Arrotino di qua Arrotino di là (Figuro qua Figuro là Figuro su Figuro giù).

I più fondi disorganizzamenti come vitali bisogni della nostra quotidi interni hanno spaventato enormemente la nostra laboriosa, quieta pacifica Arrotino non trovi qual tanto della nostra stampa dal più indifferente leggitore di cronaca nera fino al più esigente politico.

Ma i nostri cliente lettori, le sottoscrittori sono stati gli augurii ed attestati di simpatia ricevuti, tra quali, quelli di un nostro illustre concittadino, e ripetuto, presidente di una abbastanza Sinfonica. Il quale la ha voluto indirizzato al lui della stessa che l'Arrotino, come punto di partenza che bene dire, non per l'avvenire non si dovrebbe compiere solo di arrotare la forbici, ma compiere di una spolverata, lustratina, ritocco la vernice nelle cose un negozio, abitazioni abbastanza della sua bisogno, e dar vita ciò che non vale o necessario, a ripiego cose Arotino, ma adagio: L'Arrotino va piano, va sano, e va lontano.

Le redazione e ritorno

COMMENTI ORATORI

ALLA FESTA ANNIVERSARIA DELLA S. I. ARGENTEIRA

Nella nostra cara abbiamo fatto una fatta da Bambini se-

me direbbe il nostro Governatore.

L'oratore primiero non pronunziò su lui discorso, ma una vera tutta barbiturata, pensate che non spellamento nella sua vita delle medesimissi, oppure delli novili, per ottenere gli applausi.

L'oratore secondo dun, pronunziò un magnifico discorso abbastanza il pensato, presente e futuro (Niente nel tempi di Marinetti).

Questo discorso non fece l'effetto che doveva fare doveva alla sua vera da bocca in ripiego: qui la colpa debbiamo darla al Prete da corsa, perchè non sapo assolutamente le dove necessarie del TODY.

L'ultimo oratore che aveva annullato con molta attenzione e vennero fuori vigi: sempre sui dettagli [illegible] dis po: Signori miei della vostra società: voi avete ragione, avete la vicenda di mali, durante questo lungo tempo avete un molto, quel tuo molto più, presto dato e sostituito a loro dal parquali e popolo l'attivo particolarmente; questo significa ripristinare gli ordini del regime.

Rincrescimenti dei servizi pensioni io vi ringrazio molto e vita per 50 mesi, e vi arrivederci [illegible] la ringrazio il più bel palazzo della Capitale.

DIALOGO DI [illegible]

Prete da Corsa: [illegible] ...ti a Carmen gli [illegible] un abbiamo [illegible] nel abbiamo; [illegible] il giornale, nel abbiamo pagato e del nuovo [illegible] e il Presidente.

Carmen: [illegible] da dal?

Prete da Corsa: Non lo sai? Tito Livio ha abbiamo Presidente nel suo palazzetto e di è congratulato con lui [illegible] la e continuamo con il giornale.

Carmen: ma io nel di una [illegible] [illegible] che bambino... !!!

Prete da Corsa: bambino un cavalo.

Carmen: bambino per il regimento; nel scrivimo il giornale e leggiamo e volentieri del ha la colpa poi e il Presidente perchè lo nel tuo mestiere non adoperi la forbici adoperi l'ombrello ed la commessa quella.

Presidente: ma penso perchè vuole? Sarei di redattore giornale che l'Italia con capacità di scrivere un giornale che lo, volentieri capisco un scrivere e un commesso penso non potrà avere la capacità che ha lo.

Prete da Corsa e Carmen [illegible] capacità [illegible] vero, non lo fa [illegible] quello di leggere.

Presidente che bene allora il vecchio e matto.

Commemorazione

Il giorno 6 volendo passato è stato commemorato la ricorrenza della dell'Italia Fascista.

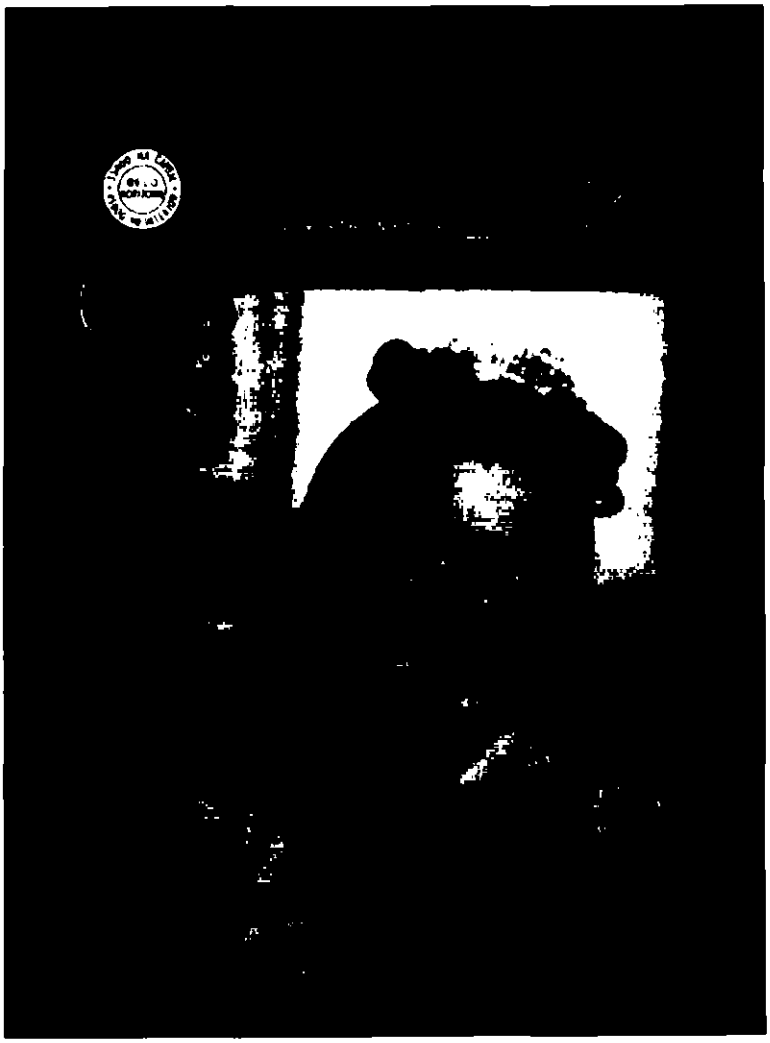
Le sole alfabetizzate: furono pronunciati tre discorsi commendatori, progetto ed elaborato Gandolfo.

Il nostro capo dopo di aver dimostrato quello che è stato fatto durante l'anno trascorso, e detto poco quello che si deve fare, nel corso del nuovo anno: e proclamato il giovane a fatto la prima piccola e fine di che, nel corso del 16.° anno dell'era fascista possa compiere nello stesso il nostro valoroso capo Amministratore.

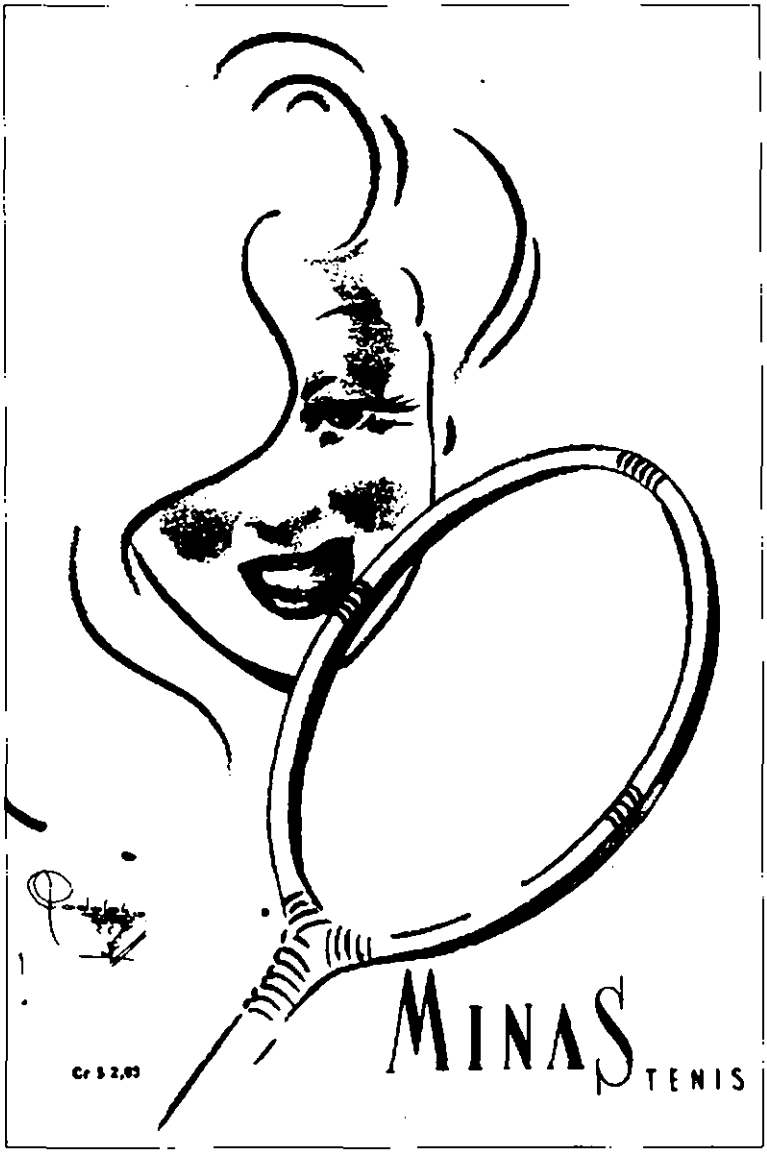
Speriamo che Benito-Mussolini [illegible] nella sua pro-

30. *L'Arrotino Coloniale (1937) — Um dos últimos jornais da colônia italiana que se publicaram em Belo Horizonte. Tiragem limitada, de publicação esporádica, exclusivamente humorístico.*

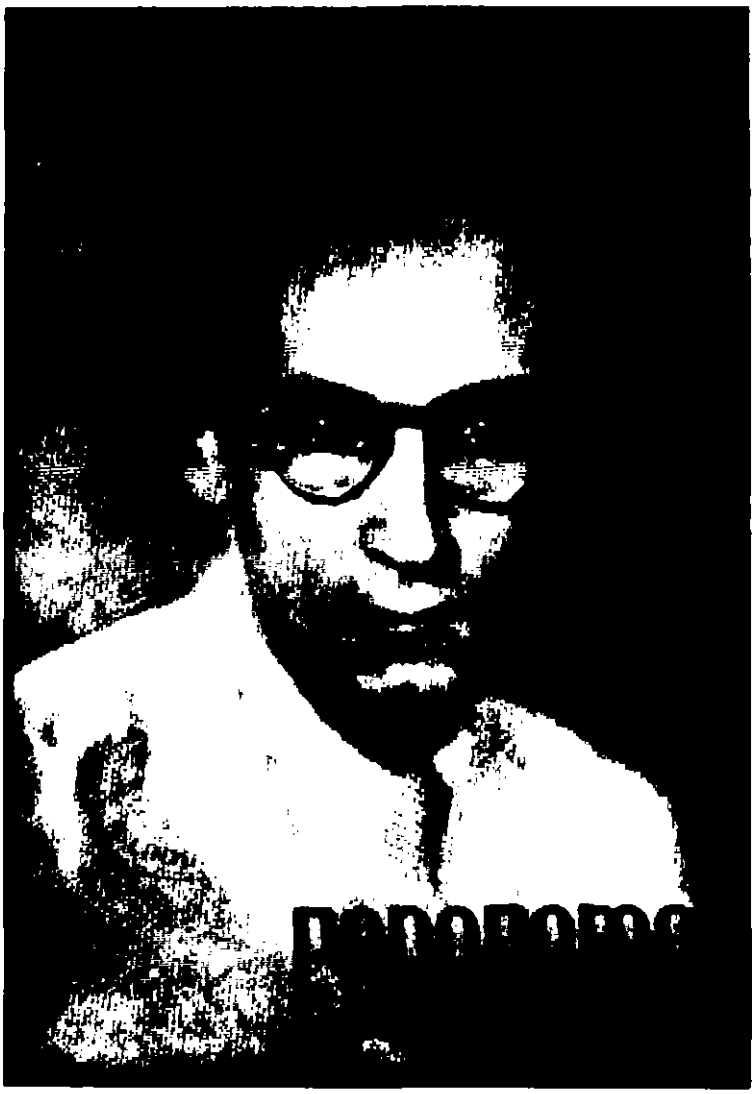
31. *Anúncio veiculado na revista Montanheza (1935 - 1938). Revista ilustrada, apresenta capas de Delpino, Monsã e Rodolfo, entre outros.*



32. Alterosa *(1939 - 1965) — Inicia sua publicação sob a direção de José Carlos Lisboa. Revista de variedades, ilustrada, foi de destacada importância na evolução da imprensa da cidade.*



33. Minas Tenis *(1941 - 1945) — Revista ilustrada, de publicação esparsa, dedicada ao Minas Tênis Clube.*



34. Panorama *(1947 - 1949) — Revista de arte e literatura, adotava "o critério de dedicar cada edição a uma destacada figura do mundo das letras, das artes, da política". O seu primeiro número foi dedicado a Carlos Drummond de Andrade.*

ANO I PREÇO CR$ 100 N.º 3

A RAPOSA

Belo Horizonte, 1 de Julho de 1946

Atletico 2 X America 0

35. *A Raposa (1946) — Jornal do Cruzeiro Esporte Clube, que mostra a incorporação, pelo futebol de Belo Horizonte, da simbolização criada por Fernando Pieruccetti, o "Mangabeira".*

"O Candidato eleito, seja quem for, deve governar"

Com a chegada do Carnaval,

DESAPARECERAM as BEBIDAS

A manobra altista da Antartica e da Brahma deve ser sustada, com o levantamento dos estoques e o tabelamento dos produtos

JORNAL DO POVO

Torturado pela policia, só recobrou os sentidos 25 dias depois

Confronto nos bastos do P. S. D. mineiro

"Acto entre amigos" da Casa

36. Jornal do Povo *(1947) — É o 3º jornal com este título na cidade, sendo o primeiro de orientação comunista. Foi fundado em Belo Horizonte após o estabelecimento da liberdade de imprensa e a liberação para o funcionamento de partidos políticos após o Estado Novo.*

37. Acaiaca *(1948) — Revista mensal, literário, de cuidadosa e fina impressão.*

Diario de Minas

Milhares de soldados e marinheiros ingleses nos trabalhos de descarga de navios em Londres

Ampla repercussão em todo o mundo do decreto de ilegalidade dos comunistas

38. *Diario de Minas (1949) — É o segundo jornal com este título em Belo Horizonte, sem nenhum tipo de vinculação com o anterior.*

Apesar de depredados pelo povo, o sr. Antonio Luciano mandou abrir todos os seus cinemas. E' um homem que não pode ver nada fechado.

BINÔMIO

SOMBRA E AGUA FRESCA

TAMBEM SOMOS DA QUEBRADEIRA

Duzentas e sessenta e nove palavras ao leitor

Isso é Belo Horizonte:

Tambem o governo tem o seu binômio

ENERGIA E

TRANSPORTE

39. *Binômio (1952 - 1964) — Jornal panfletário, de crítica política ferina e mordaz; publicação inicialmente quinzenal, depois semanal. Sofreu várias apreensões e encerrou suas atividades após o Golpe Militar de 1964.*

40. Correio do Dia *(1953 - 1954) — Segundo jornal com este nome, sem qualquer vinculação com o anterior.*

FLAMULA 502

Bastante precários foram os dados colhidos sobre esta publicação, órgão oficial do Colégio Izabela Hendrix. Não obstante, assim mesmo a incluímos neste trabalho, a fim de não ficar mais uma no rol do esquecimento.

Ao que fomos informados, saiu o primeiro número em abril de 1935. Em 1941, devido a dificuldades de impressão e falta de papel, fatos estes motivados pela guerra, passou a ser mimeografado. Saiu assim até 1943, quando desapareceu. Foram publicados mais ou menos 60 números.

Estas informações nos foram prestadas por uma das antigas diretoras da folha.

Em outubro de 1946, ressurgiu com o número 1, ano X, com esta direção: diretora, Hilda Oliveira Hermany; redatora, Ana Rosa Martino Vilela e gerente, Beatriz Maria Branquinho. Continua como órgão oficial do Colégio Izabela Hendrix.

Formato de 33,5 x 22,5, oito páginas e três colunas, sem frisos de separação. Título em letras à fantasia, saindo do alto da letra M um facho luminoso entre raios. Em semicírculo e cortando esses raios a epígrafe *Conhece o Dever e Cumpre-o.*

Impressão da Tipografia Brasil, com oficinas à Rua dos Guajajaras, 1540.

Ao ressurgir, nada disse sobre a fase anterior, nem se apresentou ao público.

Em 1907 tivemos *A Flammula.*

ARQUITETURA (1ª) 503

Primeira revista deste gênero fundada no Estado. Como subtítulo trazia: *Engenharia-Decoração-Urbanismo.*

O número inicial foi publicado em maio de 1935, com bastante êxito, tanto que se fez segunda tiragem. Apenas seis números circularam.

Era órgão oficial dos alunos da Escola de Arquitetura, reputado estabelecimento que muito honra o nosso meio cultural. Para isso comprovar, basta o ato do Governo Federal reconhecendo-a e o do Conselho Universitário incorporando-a à Universidade de Minas Gerais.

Publicação mensal, editada nas oficinas da Imprensa Oficial.

Formato de 23 x 15, 34 páginas em média, numeradas na parte inferior, e duas colunas. Capas variadas, ilustradas com desenhos de grandes construções. Cabeçalho uniforme. Os

caracteres do título interno do primeiro número foram diferentes dos demais.

Direção do Sr. Shakespeare Gomes, redação do Sr. João Jorge Cury e secretaria do Sr. Francisco Salomé.

Redação à Rua Maranhão, 1299.

Arquitetura foi uma revista de mérito e comprovada utilidade, por conter ótima colaboração, tanto descritiva como gráfica. Suas páginas estão cheias dos mais belos projetos e plantas de construções de toda a espécie. O que há de estranhável é que publicação como esta tenha desaparecido, quando estava fadada a ocupar lugar de relevo entre as suas congêneres, elevando, desta forma, o nome de Minas e de sua cultura artística.

Em 1946, apareceu nova revista com o mesmo título e também órgão dos alunos da Escola de Arquitetura. Nada, porém, de comum entre as duas.

BOLETIM DA ORDEM DOS ADVOGADOS 504

(*) *"Boletim da Ordem dos Advogados"* ou *"Boletim Oficial da Ordem dos Advogados"*.

Este boletim (*) é órgão oficial da Ordem dos Advogados, Seção de Minas.

O primeiro volume saiu em junho de 1935 e até o presente só foi publicado mais um, em dezembro de 1938, aquele impresso na Tipografia Oliveira & Costa e este, na Tipografia Brasil.

Formato de 18 x 11 e tiragem de 2.000 exemplares.

Diferentes as capas dos dois números.

RECORD 505

Semanário universitário, cujo primeiro número foi publicado a 18 de agosto de 1935. Deu 12 edições, sendo a última a 24 de novembro seguinte. Publicação dominical.

Sempre com cinco colunas, formato de 41 x 27 e oito páginas, com ou sem numeração. Teve quatro cabeçalhos: dos números 1 ao 8, do 9, dos números 10 e 11 e, finalmente, do número 12.

Editado pelo *Correio Mineiro*.

Diretor, Sr. Raimundo Silva de Assis; redator, Sr. Armando V. Machado; e gerente, Sr. Fernando Tamietti, isto no início. Depois foi este o corpo de direção: Srs. Moacir P. Brant, Raimundo Silva de Assis, Fernando Tamietti, Armando V. Machado e Luís Anastasia.

Redação e administração à Avenida Bernardo Monteiro, 1581, e posteriormente à Avenida Afonso Pena, 732.

Pode-se afirmar, sem receio, ter sido *Record* uma publicação à altura do meio. Fundado

como o propósito de confraternização universitária e defesa das aspirações da classe, não titubeou nesse sentido.

Era bastante variado o seu texto. Nele tudo figurava: ciências, literatura, esportes, cinema, humorismo, sociais, etc.

Record teve por continuadora *Folha Universitária.*

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO 506

Edição mensal da Biblioteca Pública, na época dirigida pelo ilustre homem de letras Dr. J. Guimarães Menegale.

Data seu aparecimento de setembro de 1935. Foram publicados três números, mas do último não damos notícia.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 17 x 12,5, duas colunas e numeração contínua de páginas. Capas diferentes e também diferentes os respectivos cabeçalhos. O primeiro número não trouxe o costumeiro cabeçalho interno.

Boletim Bibliographico, além de preencher plenamente os fins de sua criação, publicava destacada colaboração dos nossos mais consagrados escritores, como o notável crítico Eduardo Frieiro, Guimarães Menegale, Aires da Mata Machado Filho e outros.

Publicação de grande utilidade, tanto para o público como para os intelectuais. Lamentável a cessação de suas atividades.

COCK TAIL 507

Revista ilustrada, social e literária. Direção dos Srs. Geraldo Dutra de Morais e A. Luciano Pereira, filho, sendo que este figurou apenas no primeiro número.

Publicação mensal. Circulou de 5 de outubro de 1935 a julho do ano seguinte, dando 10 números.

Formato de 28 x 18, número incerto de páginas e colunas. Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 1.000 exemplares.

A capa do primeiro número foi desenhada por Fernando.

Contava com a colaboração de grandes figuras de projeção nas letras, como Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, João Dornas Filho, Moacir Andrade, Edelweiss Barcelos, Aníbal Matos, Mário Casasanta, Guilhermino César e Abgar Renault.

Conhecemos apenas o primeiro número, mas com tais colaboradores *Cock Tail* devia ter sido uma revista de acentuado valor.

CARETINHA 508

Revista infantil de propriedade de Almeida & Guimarães e direção do Sr. Vicente de Paulo Guimarães, autor de inúmeros livros de contos e estórias para crianças.

Órgão oficial do Império Juvenilista, saiu o primeiro número a 15 de outubro de 1935. Esse número e o segundo, de 1º de novembro seguinte, tiveram o formato de 34 x 23,5 e 16 páginas. Os seguintes passaram a ter 24,5 x 12, mas, em compensação, o número de páginas foi aumentado, variando de 24 a 30. Só saíram 13 números, sendo por nós ignorada a data do último.

No centro do título via-se a imagem do sol, encimada por uma coroa real.

Publicava-se quinzenalmente, sendo impressa na Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980.

O nome desta revista foi sugerido pelos próprios interessados, em enquête promovida por seus proprietários, por intermédio das colunas do *Diario da Tarde*.

Capas diferentes, com ilustrações, muitas delas de Monsã.

Do artigo de apresentação: "A *Caretinha* é a revista da infância e juventude estudiosa do Estado de Minas Gerais. *Caretinha* é órgão oficial do Império Juvenilista."

Bastante e merecido sucesso alcançou *Caretinha* entre a petizada da época.

ARGUS 509

A 22 de outubro de 1935, distribuía-se o primeiro número desta revista policial. Conhecemos somente até a edição de outubro-dezembro de 1938, que trouxe a numeração 30-32. Não parou aí, mas também não foi muito longe, pois em junho seguinte desaparecia.

Doutrinária, ilustrada, literária e noticiosa.

Diretor, Sr. Otelo Iori, alto funcionário do nosso aparelhamento policial; redator-secretário, e depois redator-social, o Sr. Romeu M. Godói; e redator-policial, o Sr. Ademar Queiroz, que mais adiante figurava apenas como redator.

Capas variadas sobre assuntos policiais, ilustradas por Paiva, Elmar e Rodolfo.

Quatro cabeçalhos distintos na capa e dois internos. Formato de 22,5 x 15, número variável de páginas, de 40 a 50, numeradas nas primeiras edições e depois sem numeração, duas colunas e, em seguida, três.

Publicação mensal e impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 1.000 exemplares. Redação à Avenida Afonso Pena, 732. Variada parte literária, especialmente de temas policiais. Nítidas gravuras sobre todos os assuntos. Colaboração escolhida e de muito interesse.

Argus jamais desmentiu o nome, pois tudo via no terreno de sua especialidade. Observava, noticiava e comentava com precisão e acerto.

FOLHA UNIVERSITÁRIA 510

Apresentou-se com o mesmo formato de *Record*; 41 x 27 e cinco colunas, com a média de seis páginas.

O cabeçalho, que trazia à esquerda o emblema da Universidade, teve as letras do título mudadas quatro vezes.

Constava a tiragem de 2.500 exemplares, sendo impressa nas oficinas de *Folha de Minas*.

O primeiro número é de 1º de dezembro de 1935 e o 51, último que conhecemos, de 18 de outubro de 1936. Sabemos que continuou, quando nada, até outubro de 1939, quando saiu o número 233. Entre este número e o 51 nada pudemos apurar.

Teve vários diretores, sendo os primeiros os Srs. Moacir Pimenta Brant, Raimundo Silva de Assis, Fausto Machado, Fernando Tamietti, Luís Anastasia e Wilson Batista.

Disse, ao iniciar a publicação, que *Record* desaparecia para dar lugar à *Folha Universitária*, que nascia com os mesmos objetivos daquele semanário, mas com um programa mais desenvolvido e orientação exclusivamente universitária. E cumpriu a promessa, porque se tornou integralmente o órgão da classe, pugnando com ardor por sua união e elevação e pela conquista de seus direitos.

Não descurou, no entanto, de manter em suas colunas as mais variadas seções sobre todos os assuntos. Assim, ministrava a cada leitor o que era de seu agrado.

REVISTA AZUL 511

Direção do Professor José A. Machado Filho, na ocasião diretor da Faculdade Brasileira de Comércio.

Saíram unicamente três números, sendo o primeiro a 8 de dezembro de 1935. Só deste vamos falar, pois ignoramos tudo o que se refere aos outros dois.

Formato de 23 x 15,5, 32 páginas e duas colunas. Impressa na Tipografia Acadêmica,

de propriedade da Faculdade Brasileira de Comércio. Tiragem de 1.000 exemplares.

Revista ilustrada de acentuado cunho católico, trazia, no entanto, outras seções, como literatura, esportes, sociais, cinema, comércio, etc.

Impressa em tinta azul, de acordo com o título.

Depois de analisar os usos e costumes da época, assim encerrou o seu artigo de apresentação:

> *Nós aparecemos na vida literária e social de Belo Horizonte com um programa definido e singelo: queremos ser a revista das famílias belo-horizontinas. Queremos penetrar em todos os lares para levar-lhes a nossa poesia, o nosso conto, o nosso noticiário social, a nossa página infantil, a nossa página de modas e de esportes, sem perigo da moral para quem quer que seja. Seremos a revista da família mineira tradicional e cristã. Seremos a vossa revista.*

Redação na sede da referida Faculdade, à Rua dos Tupis, 51.

MONTANHEZA 512

Montanheza publicava-se semanalmente, às quintas-feiras. Data de 24 de dezembro de 1935 o seu aparecimento. Tanto quanto alcançaram as nossas pesquisas, acreditamos não ter passado do número 43, de agosto-setembro de 1938.

Formato de 24 x 16, com a média de 40 páginas. Cabeçalho pouco alterado.

Sua direção sofreu inúmeras transformações. Vejamos. Até o número 6, de 30 de janeiro de 1936: diretores, Srs. Miranda e Castro e Euclides de Almeida; e redator-chefe, Sr. J. R. Pereira da Silva. A partir do número 7, de 6 de fevereiro: diretores, Srs. Fábio Andrade e Miranda e Castro. O Sr. Euclides de Almeida passou a diretor-gerente, continuando o Sr. Pereira da Silva como redator-chefe. No número 21, de 21 de maio, já aparece como diretor-gerente o Sr. Pinheiro Costa. No número 25, de 18 de junho, este não mais figura, surgindo o Sr. R. Palombo como secretário e Del Pino na parte artística. No número 28, de 9 de julho, desaparece o nome de Del Pino, aparecendo o do Sr. J. Batista Magon como gerente.

Com o número 31, de 30 de julho, interrompeu a publicação até 3 de setembro, quando ressurge, tendo como diretor o Sr. Juraci Barra, antigo chefe de publicidade. No número 33, de 21 de outubro, outro diretor, Sr. Mil-

ton Martins de Andrade, e gerente, o Sr. Batista Magon.

No número 36, de fevereiro de 1937: diretores, Srs. Rui de Araújo Lima e Gerardo Lopes Ribeiro. No número seguinte, de março, vê-se: diretor-chefe, Sr. Rui de Araújo Lima; diretor-gerente, Sr. Gerardo Lopes Ribeiro e redator-secretário, Sr. Fernandes Viana. No número 39, de julho-agosto, não mais figura o Sr. Rui de Araújo Lima como diretor, cargo que passou a ser exercido pelo Sr. Gerardo Lopes Ribeiro, ex-diretor-gerente.

Finalmente, no número 41, de maio de 1938: diretores, Srs. Gerardo Lopes Ribeiro, Joaquim Campos e Fernandes Viana, que ficaram até o fim.

A redação funcionou em vários pontos, como Rua do Espírito Santo, 980 e 48; Rua Rio de Janeiro, 328; Rua Leopoldina, 441, e Avenida Afonso Pena, 468 e 789.

Montanheza estampava capas artisticamente ilustrada, algumas sem assinatura do autor e outras devidas aos lápis de Delpino, Monsã, Moura, Fernando e Rodolfo, que também colaboravam com desenhos no texto.

Durante toda a sua existência satisfez plenamente aos objetivos que ditaram a sua criação.

Fartamente ilustrada, publicava freqüentemente contos escolhidos de autores nacionais e estrangeiros, além de excelentes crônicas e espirituosas caricaturas.

Entre tantas outras matérias, como esportes, sociais, etc., mantinha estas seções de caráter permanente: "Marionetes", que com fina malícia glosava a vida mundana; "Espelho", tudo refletindo, em versos de Guilherme Tell, e "De Ontem e Hoje", comentários gerais. Outra seção interessante, mas de pouca duração, foi "Perfilando", perfis de pessoas de nossa sociedade, em versos de Guilherme Tell e desenhos de Moura.

Concluindo, só temos a proclamar que *Montanheza* foi uma revista que deixou saudades a seus inúmeros leitores e uma lacuna em nossa imprensa.

Foi impressa em várias tipografias. No número 15, de 9 de abril de 1936, participou ter adquirido as oficinas gráficas da firma Simões Almeida & Filhos, para a impressão da revista, a partir de 1º de maio. Não obstante tão formal declaração, isso não se concretizou.

Eis o que foi *Montanheza*.

LUX 513

Jornal das alunas do Colégio Santa Maria.

Conforme nos informaram nesse educandário, o primeiro número de *Lux* saiu nos últimos meses de 1935. Só conseguimos obter os números 5 e 8, de maio e outubro de 1936. Na incerteza da época exata de seu aparecimento, colocamo-lo em último lugar de 1935. As duas citadas edições saíram sob a direção da aluna Edith Maria e redação da aluna Marta A. Costa.

Formato de 22,5 x 19, quatro páginas e três colunas. O número 5 foi impresso em uma tipografia então existente à Rua Tomás Gonzaga. Quanto ao número 8, nada sabemos nesse particular.

Colaboração integral das alunas e de acordo com a natureza do jornal.

A DEFESA 514

Este jornal, de propriedade e direção do Sr. Borges da Veiga, pouco se *defendeu*, pois publicou apenas cinco números, o primeiro a 1º de fevereiro de 1936 e o último a 28 de junho de 1937. Além desses dois, só conhecemos o número 3, que é de 28 de junho do mesmo ano do início da publicação.

As edições acima citadas tiveram dois formatos: de 40,5 x 28 os números 1 e 3 e de 32 x 22, o 5. Quatro páginas em todas e cinco colunas no formato maior e quatro no menor.

Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 500 exemplares. Redação e administração à Rua Rio Grande do Norte, 862.

Eram estes os seus principais objetivo:

> *Pregar o respeito aos poderes constituídos do Estado e da União. Prestigiar o governo de Minas. Reprimir com veemência o comunismo e tudo que se disser imoral. Defender de alma e coração a Religião e a Igreja Católica e intensificar o ensino cultural e o problema de assistência hospitalar em nosso Estado.*

O DIA 515

Com o lançamento dos primeiros números de *O Dia*, a impressão dominante no público ledor foi a de que ele venceria no cenário de nossa imprensa, tal a pujança com que se apresentou. Mas, com espanto geral, operou-se justamente o inverso, pois não viveu mais de 22 dias, de 21 de abril a 12 de maio de 1936. Circularam somente 19 números.

Teve esta direção: diretor, Sr. Newton de Paiva Ferreira; redator-secretário, Sr. Saul do Prado Brandão; redatores principais, Srs. Joubert Vasconcelos e João Pimenta da Veiga. Propriedade da Gráfica O Dia Ltda., com oficinas à Rua dos Guajajaras, 37. Tiragem de 2.000 exemplares.

Formato rigorosamente uniforme, com 45 x 32, seis páginas e seis colunas. O cabeçalho não sofreu qualquer alteração.

O título colocado entre raios do sol nascente. Aos lados dois retângulos, o da esquerda com as informações peculiares à folha e o da direita com a folhinha do dia e o número da edição.

O Dia foi jornal político, de apoio ao governo de então.

Além da matéria de sua principal finalidade, publicava vasto e desenvolvido noticiário e várias seções, as comuns a todos os jornais. À epígrafe de algumas delas antepunha o próprio título, assim: *O Dia político*, *O Dia comercial*, *O Dia cinematográfico*, *O Dia social*, *O Dia religioso*, etc.

Nem um só número sem ilustração. Todas as páginas cheias de retratos de políticos em evidência na ocasião, charges diversas, enfim, fotografias com fartura sobre tudo e sobre todos os assuntos.

O Dia foi, inegavelmente, um bom jornal. Materialmente de ótima feição e agradável aspecto.

Redação e administração à Rua da Bahia, 919.

"Nosso aparecimento" — eis o título do editorial com que se apresentou ao público. Não obstante pequeno, vamos transcrever apenas alguns tópicos, que reputamos os mais expressivos para que o leitor possa julgar da sua orientação:

> *Não temos um programa adredemente preparado. O povo será o nosso guia e nos traçará as diretrizes.*
>
> *Procuraremos, tanto quanto as circunstâncias nos permitirem, seguir a estrada larga da independência. Não nos prenderemos a homens e partidos. Seremos veiculadores de idéias.*
>
> *Esforçar-nos-emos para manter de pé, intangíveis e mais vivas, as tradições do jornalismo montanhês. No exame dos homens e dos acontecimentos, colocar-nos-emos no ângulo em que se possa enxergar panoramicamente com os olhos da imparcialidade e da isenção de ânimo.*

BOLETIM CATEQUETICO 516

Direção do ilustre Padre Álvaro Negromonte, um dos mais fluentes e empolgantes oradores de nosso clero.

Abril de 1936 é a data de seu aparecimento. Começou como publicação mensal, passando posteriormente a bimensal. Quando mensal não se publicava nos meses de dezembro e janeiro.

Tem sido impresso na Editora S. José, estabelecida à Rua dos Caetés, 229, e depois à Rua Moscovita, 87, Prado, e em uma tipografia situada à Rua Pouso Alegre, 2135. Tiragem de 1.800 a 2.000 exemplares.

Formato de 19 x 11,5, com 12 a 20 páginas e duas colunas. Conhecemos três tipos de capa e dois de cabeçalho interno.

O próprio título da publicação indica o fim a que se destina, dispensando, portanto, qualquer esclarecimento a respeito.

Não precisamos exaltar o seu mérito: o nome estampado no frontispício é um seguro penhor de sua sólida orientação e alevantados propósitos.

INSTITUTO PESTALOZZI 517

Instituto Pestalozzi é o jornalzinho dos alunos do estabelecimento do qual tirou o nome. Tem sido publicado sob três processos distintos de reprodução: manuscrito, mimeografado e tipografado.

O primeiro número, manuscrito, saiu a 9 de maio de 1936, com o avantajado formato de 56 x 40, quatro colunas e duas páginas. O título, abreviado, só continha as iniciais I. P. e ao lado um desenho colorido da fachada do edifício. Manuscrito se manteve todo aquele ano e parte do seguinte.

O segundo processo, mimeografado, teve início a 25 de março de 1937, com o número 1 do ano II e formato de 30 x 17,5, quatro páginas e duas colunas. Nesta fase trazia também o título abreviado e sobre desenhos que variavam de uma para outra edição. Perfeito o serviço de mimeógrafo.

A 1º de dezembro de 1938 apareceu tipografado, com o número 2 do ano IV. Esse número, apesar de impresso, trouxe o título como os anteriores, isto é, abreviado. Media 17 x 13, quatro páginas e duas colunas.

Com esse mesmo formato saíram outros números, já com o título por extenso mas sem citação do número da edição nem do ano de publicidade. Conhecemos três deles, os de 30 de outubro e 25 de novembro de 1941 e 19 de abril de 1942.

A partir de 22 de julho de 1943 diminuiu o formato, passando a ter 12,5 x 9,5, quatro páginas e duas colunas.

De meados de 1945 para cá tem saído com relativa regularidade, continuando, porém, a não citar o número das edições nem o ano de publicidade, como de há muito vinha fazendo. Formato de 17,5 x 12, quatro páginas e duas colunas.

Todo o serviço tipográfico é desempenhado pelos alunos, em tipografia que D. Helena Antipoff, dedicada diretora do estabelecimento, trouxera da Europa e que foi aumentada com material doado pelo Chefe de Polícia e pelo Diretor da Imprensa Oficial.

As pequenas composições dos alunos, publicadas neste jornalzinho, são bem o reflexo da dedicação e paciente esforço da benemérita diretora e ilustres professores do Instituto Pestalozzi, que, como se sabe, tem uma finalidade toda especial e digna dos maiores louvores.

As letras do título, quando dos processos manuscrito e mimeografado, fingiam troncos de ipê cobertos de flores, como alusão ao nome do jornal — I. P.

A LUCTA (LIVRE) 518

A Lucta (Livre) começou a *lutar livremente* a 31 de maio de 1936. Conseguimos obter apenas o primeiro número e só dele, portanto, podemos falar.

Dirigida por Maquiavel, um sugestivo pseudônimo.

Formato de 31,5 x 23,5, quatro páginas e cinco colunas.

O título se encontra entre dois retângulos. No da esquerda, um ringue com dois mirrados lutadores e no da direita, um braço curvado, tendo a mão calçada de luva de box. Nesses retângulos lê-se a frase latina *Labor omnia vincit*, estando as duas primeiras palavras gravadas no primeiro e a terceira, no segundo.

No Expediente publicou: *Semanário pequeno no tamanho e grande nas ações. Sai aos sábados, mesmo que chova, e é vendido a duzentos réis.*

Redação à Avenida Afonso Pena, 559.

Bom número, escrito com graça e espírito. Tipo de *A Manha*, do Barão de Itararé.

O SINO DE S. ANTONIO 519

Iniciou a publicação a 7 de junho de 1936 e a encerrou a 29 de dezembro de 1940. Nada de extraordinário a notar em sua existência.

Tiragem de 500 exemplares.

ITALIA 520

Revista mensal de cultura, que surgiu em junho de 1936. Dirigida pelo Sr. Mário Alessandrini, com o seguinte comité de redação: Drs. Lopes Rodrigues, Mario Casasanta e Guilhermino César.

Colaboração escrita em português e italiano. De seu longo artigo de apresentação, intitulado "A nossa certeza", reproduzimos estas palavras, que definem claramente a sua orientação:

> *Porque* Italia *vem à luz com um programa puramente, estritamente, simplesmente cultural. Não órgão de batalha, não órgão de exaltação dos valores nacionais, mas órgão simplesmente de divulgação, de informação de esclarecimento de tudo o que a nova Itália produz, pensa, agita e projeta no campo das artes, das letras e da cultura. É a isso que nos propomos, isso é o que queremos alcançar.*

Os números 1 e 3, únicos que conhecemos, foram impressos nas oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 18 x 11. Capa e cabeçalho perfeitamente iguais em ambos. Ilustrada com gravuras de motivos exclusivamente italianos.

Redação à Rua dos Tamoios, 341 (Casa D'Italia).

BUTINA! 521

Butina tem quatro fases, todas de curta duração. A primeira, iniciada a 11 de julho de 1936, durou um ano, mais ou menos. Propriedade e direção do Sr. Raul Ramalho. No primeiro número consta *Ano 500 — nº 3.000.*

A segunda fase começou em 30 de outubro de 1943. Só mais dois números saíram, um a 6 e outro a 13 de novembro seguinte. Redação e oficinas à Rua Floresta, 25.

Ressurgiu em 31 de março de 1945, desaparecendo com o número 4, a 27 de junho. Apenas o primeiro número foi datado. Impressão da Gráfica Minas Ltda., à Avenida Paraná, 60.

Em quarta fase, voltou a 9 de novembro de 1950 com o número 5, não passando do 10, de janeiro de 1951.

Publicação muito irregular, como se deduz do que ficou descrito. Formato de 34 x 23 e quatro páginas com cinco colunas nas duas primeiras fases e com duas, na terceira. Na

última reduziu o formato para 29 x 20,5, contando oito páginas e quatro colunas.
Título impresso em preto, vermelho ou verde. O do número 1, da segunda fase, em ponto muito menor do que o normal.
Trazia esta legenda: *Aplicando a lógica do absurdo, faz sorrindo a crítica dos costumes*, e na parte superior da primeira página: O *jornal mais sério do mundo.*
Jornal escrito com graça e espírito, estampando muitas gravuras alusivas às críticas feitas em torno de acontecimentos políticos e sociais.

O LIBERAL (1ª) 522
Jornal político, órgão do Partido Progressista do Bairro de Santo Antônio.
A 14 de julho de 1936, encetava a sua efêmera carreira. Não passou de um trimestre, pois a 15 de outubro seguinte desaparecia, com o número 7.
Publicação quinzenal, impressa em tipografia própria, à Rua dos Guajajaras, 47, com a tiragem de 1.000 exemplares.
Teve como diretor, nos números 1 e 2, o Dr. João Batista Lopes de Assis e nos outros, o Dr. Oliveira Paula. Este foi antes redator-secretário, cargo suprimido em virtude de sua promoção. Redator até o número 2 e depois redator-chefe, o Dr. Marcelo Jardim Linhares.
Formato de 38,5 x 27, quatro páginas e cinco colunas. Rigorosa feição material em todas as edições. O cabeçalho, em ponto menor, era reproduzido na última página, à direita.
Redação e administração à Rua Rio de Janeiro, 2797.
Torna-se ocioso tudo o que se disser sobre a atuação de jornais políticos. São todos a mesma coisa; simples mudança de rótulo.
Fora dos bastidores da política manteve várias seções. Assim, publicava noticiário geral, página religiosa, sociais, esportes, etc. Foi grande defensor das necessidades e melhoramentos do bairro.

DIARIO DA CAMARA MUNICIPAL 523
Órgão da Câmara Municipal de Belo Horizonte.
Fato singular e talvez único nos anais da imprensa é o que vamos relatar. Este jornal publicou o primeiro número a 28 de agosto de 1936, e no dia seguinte deu nova edição com o mesmo número 1, sob o pretexto de ter saído com incorreções a resenha dos trabalhos da Câmara Municipal!

Curial e certo seria a reprodução, na edição seguinte, da parte errada, e não a reprodução do número. Claro como água cristalina.

Agora, perguntamos, em que data, a rigor, saiu mesmo esse diário? A 28 ou 29, se existem duas edições com o número 1 e com a mesma matéria? A 29 não pode ser, por já ter um datado de 28. Deve, portanto, prevalecer o deste último dia, como é lógico e racional.

O primeiro número publicado não pode ser anulado ou declarado inexistente, porque existe de fato; logo, certo ou errado, ele é que deve ser tomado como ponto de partida de publicação, sem embargo de sua virtual anulação pelo segundo.

O número 2 teve também a data de 29, o que significa duas edições em um só dia, quando uma só bastava, com aumento de páginas.

O *Diario da Camara Municipal* publicava os trabalhos da respectiva corporação, dissolvida pelo golpe de Estado de 10 de novembro de 1937.

Formato de 26,5 x 18, número de páginas de acordo com as necessidades e duas colunas. Cabeçalho uniforme, tendo à esquerda o brasão da cidade.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, com tiragem igual ao número de exemplares de *Minas Gerais,* distribuídos na Capital.

REVISTA DO COMMERCIO (2ª) 524

O primeiro número foi lançado à publicidade em agosto de 1936.

Redator, Sr. Sebastião Maregola Campos, que tem aqui dirigido várias publicações.

Publicação mensal, fartamente ilustrada.

Várias as oficinas impressoras, entre elas a Tipografia Castro, estabelecida à Rua dos Caetés.

Capas variadas, desenhadas por Monsã e L. D'Aurea, e cabeçalhos diversos.

Formato de 25 x 16 e número variável de páginas, sem numeração.

Redação em diferentes pontos: Rua dos Tupis, 550; Avenida Bias Fortes, 1787, e Avenida Afonso Pena, 468.

Revista do Commercio não se limitava a tratar de assuntos comerciais: estampava muitas outras seções, como literatura, sociais, curiosidades, boas reportagens fotográficas, etc.

Notamos na vida desta revista o seguinte fato, para o qual não achamos explicação: saiu ela em agosto de 1936, como a princípio dissemos; pois bem, quatro meses depois,

em dezembro, aparecia com o número 48 e comemorando o quarto aniversário. Ora, é óbvio que o número correspondente àquele mês não poderia ser senão o 5, por se tratar de uma publicação mensal. Desta forma não atinamos com a origem de tal numeração e conseqüente comemoração.

LUX ET VITA 525

Em 3 de setembro de 1936, instalou-se nesta Capital o Segundo Congresso Eucarístico Nacional, que foi uma demonstração viva da fé católica do povo brasileiro e uma das solenidades mais edificantes de nossa vida religiosa. A imponência do acontecimento e o brilho de que se revestiram as solenidades são penhores seguros da inabalável crença e confiança dos católicos na pujança e eternidade da Igreja de Cristo.

Nessa ocasião, o Sr. Sebastião Maregola Campos distribuiu um belo álbum intitulado *Lux et Vita*, em homenagem e comemoração a essa grande parada de fé.

Na capa, impressa em dourado, além do título, trazia o escudo do Congresso, que é composto de símbolos dispostos em feliz e harmonioso conjunto.

Lux et Vita apresentou-se com o formato de 25 x 16,5, 28 páginas sem numeração e número variável de colunas.

Além de muitas ilustrações, publicou variada colaboração, bem como atos oficiais do Congresso.

Não precisamos falar sobre essa colaboração, que não podia ser senão alusiva à comemoração realizada.

Boa impressão, em ótimo papel.

O título deste álbum foi extraído da legenda *inscrita no escudo do Congresso.*

ALBUM REVISTA 526

Comemorando o mesmo acontecimento aludido na publicação retro, os Srs. Padre Inácio Campos e Dr. Moacir Miranda organizaram, também, um álbum-revista, de 29 x 19, cuja tiragem foi de 50.000 exemplares, como nele se declara. Distribuído na mesma data do anterior.

Neste interessante álbum-revista tudo se encontra referente ao Segundo Congresso Eucarístico Nacional.

Profusa e artisticamente ilustrado com vistas e retratos de todos os prelados brasileiros, bem como de Pio XI, do Núncio Apostólico e do saudoso Cardeal D. Sebastião Leme que,

na qualidade de Legado do Papa, presidiu ao grande e imponente conclave.

Na capa foi reproduzida a rica custódia que serviu nas solenidades e para esse fim especialmente fabricada. Trata-se de custosa obra de arte, de quase dois metros de altura, trabalho pacientemente executado a cinzel, em ouro e prata e toda cravejada de pedras preciosas.

Essa notável peça, dádiva das crianças mineiras, é bastante simbólica. Seu todo é constituído de motivos vários, tirados de partes arquitetônicas de antigos templos mineiros, monumentos coloniais, móveis ancestrais de nossas igrejas, etc. Tão bem dispostos e combinados foram esses motivos, que o conjunto se apresenta impressionante e monumental, de linhas sem discrepância.

O *Album-Revista* teve como redatores os Srs. Pedro Moreira de Abreu e Raimundo Rabelo e como colaboradores, além de seus organizadores, os Drs. Lúcio dos Santos, Romão Cortes de Lacerda, Javert de Sousa Lima, João Henriques, Luís Signorelli e Padre Clóvis de Sousa e Silva.

Desenhos de Délio, Clichérie de Noronha e trabalho gráfico das oficinas da Imprensa Oficial.

A ENFERMAGEM EM MINAS 527

A Enfermagem em Minas tem a glória de ser a primeira revista técnica profissional de enfermagem publicada no Brasil.

Veio à luz da publicidade a 3 de setembro de 1936. Com o número 1, ano III, de janeiro-fevereiro de 1938, cessou a publicação. Não conseguimos saber quantos números circularam, mas, por deduções que tiramos dos existentes em nosso arquivo, calculamos de oito a dez.

Publicação mensal, estando a redação a cargo das seções de cultura, propaganda e informações da Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

Formato de 21 x 12,5, 34 a 80 páginas e coluna aberta. Cabeçalho sem alteração, salvo quanto ao tipo do título, que foi um para o número 1 e outro para os seguintes.

A mesma capa em todas as edições. Consta ela do título, à esquerda, escritas as duas primeiras palavras verticalmente e as outras duas horizontalmente. À direita, em cinco linhas bem distanciadas uma da outra, esta divisa: *A Deus, — pela humanidade, — para-o-Brasil.* Abaixo disso a cruz de Malta, em vermelho, tendo ao centro o mapa do Brasil, em amarelo. Da cruz parte um triângulo que

vai até a parte superior esquerda. Esse triângulo é dividido em duas faixas, uma verde e outra amarela, cortadas de linhas pretas, em sentido longitudinal.

Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, em ótimo papel. Tiragem de 500 exemplares.

A Enfermagem em Minas teve a melhor colaboração e dos melhores elementos, como ilustres médicos, enfermeiras, etc. Rica em ilustrações, todas sobre assuntos de sua especialidade.

Notamos que algumas edições mencionaram apenas o mês, omitindo tanto o ano civil como o de publicidade e a respectiva numeração. Terminando, só nos cumpre realçar o mérito incontestável desta revista.

A INÚBIA 528

A Inúbia deu o seu primeiro número a 25 de setembro de 1936, conclamando os "guerreiros" do antigo Ginásio Mineiro para o combate jornalístico.

Sua publicação tem sido das mais irregulares. Basta dizer que só em novembro de 1940 foi que circulou o número 15, nele parando. Quatro anos depois reapareceu, a 27 de agosto de 1944. Daí para cá tem sofrido inúmeras interrupções.

Inicialmente numerava seguidamente suas edições, passando depois a fazê-lo anualmente.

Órgão dos alunos do Ginásio Mineiro e, posteriormente, do Grêmio Lítero-Esportivo Professor José Eduardo da Fonseca. Ao ressurgir, em 1944, ficou como órgão dos alunos do Colégio Estadual, até o número 3, de outubro de 1945, e para a frente, até agora, órgão oficial da "Acerce" (Associação Cultural, Esportiva e Recreativa do Colégio Estadual).

Redatores do primeiro número os alunos Paulo Gomes, Manuel Barbosa Neto e Roberto Gonçalves. Teve, nessa fase, como assistente, o Professor Murtinho Costa Maia. Depois, até o presente, muito tem variado a sua direção.

Formato dos primeiros tempos: 33 x 23 e quatro colunas, e 39 x 27 e cinco colunas. Seis páginas em quase todas as edições. De então para cá freqüentemente alterado para mais e para menos. O último número que conhecemos, de junho de 1953, mede 32 x 25, com quatro páginas e cinco colunas. É o número 2, do ano XVIII. Saiu sem o artigo. Apenas *Inúbia*. Impressão de *Tribuna de Minas*.

A edição inicial de *A Inúbia* é obra das oficinas de "A Impressora", estabelecida à Avenida Afonso Pena, 328, e do 2 ao 15, da Imprensa Oficial. As seguintes edições têm sido impressas em várias outras tipografias.

Nas páginas de *A Inúbia* encontra-se valiosa colaboração dos alunos do estabelecimento, toda ela revelando o grau de cultura e adiantamento de seus jovens autores.

O ESPORTE 529

O nome está indicando o seu programa, pelo que nada a acrescentar.

Primeiro número a 19 de outubro de 1936. Publicava-se às segundas-feiras, dando o movimento esportivo de domingo.

Redatores, Srs. Raul Ramalho e Alcides Curtiss de Lima, de acordo com o cabeçalho. No texto consta ser de propriedade e direção do primeiro daqueles redatores.

Formato de 44 x 30,5, quatro páginas e seis colunas. Impresso na Tipografia Guimarães, à Rua do Espírito Santo, 980, onde também funcionava a redação.

Esportes e nada mais.

ALVORADA 530

Este jornal teve sua alvorada a 24 de outubro de 1936. Saíram 10 números, segundo nos disse um de seus diretores que, no entanto, não nos soube informar a data do último. O terceiro número foi publicado a 5 de dezembro e o 4, o 5 e o 6 em dias consecutivos, 18 a 20 do mesmo mês. Estas três edições diárias foram tiradas para atender à necessidade de maior e mais rápida divulgação dos trabalhos do Primeiro Congresso Nacional de Imprensa Integralista, aqui reunido naquela ocasião.

Diretores, Srs. Garibaldi Introcaso e Salustiano Pureza.

Formato de 40 x 26,5, quatro páginas e cinco colunas. O cabeçalho se compõe de um semicírculo figurando o sol nascente e dentro dele o Sigma, estando o título em torno dos raios do sol, formando a base de suas letras uma linha parabólica.

A partir do número 3 declarou abaixo do semicírculo — *Sigma jornais reunidos.*

Um texto qualquer, concernente ao programa do jornal, ocupava sempre a parte superior do título.

Foi esta a primeira publicação integralista aqui editada.

Tiragem de 4.000 exemplares e impressão de uma tipografia situada à Rua dos Guajajaras, 47.

Mais adiante será descrita uma revista do mesmo nome desta folha.

Conhecida a orientação de *Alvorada*, nada mais temos a acrescentar, a não ser que se bateu com ardor por seus ideais.

BOLETIM FILATELICO 531

O *Boletim Filatelico* é órgão da Sociedade Filatélica de Minas Gerais. Em primeira fase, circulou de dezembro de 1936 a maio de 1941, dando 11 números, em 6 fascículos, três deles abrangendo 8 números. Só os números 1, 10 e 11 saíram em publicação singular.

Com o número 12, de junho de 1946, mas só distribuído a 14 de agosto, voltou a circular. Capas diferentes, mas todas ilustradas com motivos filatélicos. De comum entre elas, além do título, só o escudo social, belo e artístico trabalho, de concepção e desenho do ilustre consócio Dr. Gil Morais Lemos.

O número 10, de julho de 1940, foi consagrado à comemoração do primeiro centenário do aparecimento do selo postal, a genial invenção de Sir Rowland Hill.

Diretor, Sr. Epaminondas Duarte nos números 1, 10 e 11; Sr. Artidoro Arco e Flecha nos números 2 e 9; e Dr. João Morais Pinto na nova e atual fase. O número 11, além do diretor, teve como redatores os Srs. Dr. Gil Morais Lemos e Francisco Gonçalves Valério. Publicação trimensal, anunciada, mas não seguida. Além de muito espaçada, é bastante retardada a distribuição.

Formato de 20 x 11,5, número de páginas variável e duas colunas. Diferentes cabeçalhos internos. Os números 2 e 3 impressos na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351; os números 4-5, 6-9 e 10, na Tipografia Castro, à Rua dos Caetés, 375 e os números 12 a 14, na Gráfica Cejota. Os números 15 e 16, este de setembro de 1951, mimeografados, menos as capas, que são impressas. O número 17, de julho de 1953, saiu impresso, com o formato de 13 x 9 e 16 páginas.

Boletim Filatelico gozou sempre e goza ainda de justo e merecido conceito nos meios filatélicos nacionais.

Durante o período em que esteve inativo, a Sociedade editou um pequeno avulso, pondo seus consócios a par do movimento filatélico universal.

REVISTA TRIBUTARIA 532

Revista Tributaria iniciou sua carreira em dezembro de 1936. O número mais elevado que conhecemos é o 26, de março de 1941. Não sabemos até quando circulou.

Publicação mensal, a cuja frente esteve como diretor-responsável o Dr. César Burnier Pessoa de Mello. Redator-secretário Dr. José Martin Kascher, que depois passou a redator-chefe, desaparecendo o lugar de secretário.

Formato de 22 x 15, duas colunas ou coluna aberta e número variável de páginas.

Prática e original a distribuição da matéria publicada. Dividia-se a revista em quatro seções assim discriminadas: a) diversos assuntos; b) impostos federais; c) seção econômica; d) impostos estaduais. Essas seções eram subdivididas, e cada subseção tinha numeração própria e contínua de páginas, inteiramente independente de qualquer outro assunto.

Não trazia cabeçalho interno. O externo sem qualquer modificação. A capa, desenhada por Rodolfo, representava uma estampilha federal, do tipo em uso no decurso do ano da publicação da revista.

Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem média de 1.500 exemplares.

Revista Tributaria era órgão dos contribuintes e dos representantes do Fisco. A parte referente aos impostos estaduais passou mais tarde a ser publicada sob a orientação da Secretaria das Finanças.

Múltiplos e inestimáveis serviços prestou esta conceituada revista a todas as classes sociais, pois nela se condensavam as leis e decretos sobre assuntos fiscais, bem como decisões administrativas e julgados do Judiciário, pertinentes à sua especialidade.

Tudo, enfim, que se achasse ligado ao Fisco era ali descrito, analisado e comentado com clareza e em linguagem simples, ao alcance de todos, iniludível vantagem em publicação de interesse coletivo.

O sumário de cada número é um atestado eloqüente do valor desta publicação, cujo desaparecimento deve ter causado embaraços àqueles que, em suas páginas, se acostumaram a ter um guia seguro e autorizado.

ANAIS DA FACULDADE DE ODONTOLOGIA E FARMACIA 533

Desta publicação só sabemos da existência de cinco volumes, 1936 a 1940.

O primeiro e o quinto não indicam o local da impressão; o segundo e o terceiro foram impressos no *Jornal do Commercio*, do Rio e o quarto na Gráfica Olímpica, também do Rio, à Rua Miguel Couto, 92.

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE ASSISTENCIA AOS MUNICIPIOS 534

Esta revista foi criada pelo inciso 15 do artigo 84 da Lei nº 183, de 2 de dezembro de 1936. Seu título dispensa qualquer explicação, pois mostra precisamente sua finalidade. Não se faz, assim, mister, qualquer esclarecimento a respeito.

Publicação bimensal, editada nas oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 21 x 14 e tiragem de 1.000 exemplares.

Foram publicados quatro números, todos em 1937: o primeiro, em março, o segundo, em maio e o terceiro e quarto, em um só volume, em julho-setembro.

O primeiro número trouxe na capa a vista de edifício da Secretaria do Interior; o segundo, a do Balneário de S. Lourenço e o último a do Grupo Escolar da Lavras, ótimos, aliás, os trabalhos fotográficos.

Adotou numeração contínua de páginas, que ascenderam em toda a publicação a 300.

Teve por diretor o mesmo do Departamento, Engenheiro Firmino de Salles Botelho.

O título, por sua extensão, ocupa duas linhas. A capa foi sempre a mesma, variando apenas a fotografia.

Revista de fina e cuidada impressão, estampava duas colunas e publicava valiosos trabalhos de apreciados colaboradores, além de fazer constar em seu texto todos os atos oficiais atinentes do Departamento de que era órgão autorizado.

REVISTA DA PRODUÇÃO 535

Editada pela Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho, a partir de março de 1937.

Publicação mensal e tiragem de 3.000 exemplares. Formato de 28 x 20, com a média de 60 páginas e duas colunas. O primeiro número foi impresso nas oficinas gráficas de Oliveira Costa & Cia., e os demais em diferentes oficinas. Capas ilustradas com desenhos apropriados a seu fim.

Com o número 22, de 1942, suspendeu a publicação.

Quase dois anos depois, em abril de 1944, com o número 1 do ano VI, iniciou novo ciclo de existência, sem modificação de seu antigo programa e editada pela Sociedade Anônima Folha de Minas. De janeiro a março de 1945 não circulou.

Diretor, Dr. Juscelino Dermeval da Fonseca e secretário, o Sr. Washington Albino e depois, nos três últimos números, Sr. José Alphonsus de Guimaraens.

Esta fase, segunda e última, foi encerrada com o número 10, de agosto de 1946, ano VII.

Revista da Produção foi uma excelente publicação, em sua especialidade, das melhores do Brasil. Texto abundante de assuntos de alto interesse para criadores, agricultores, industriais, comerciantes, economistas, etc. Outras seções também ilustraram suas páginas, como as de higiene, turismo, viação, colonização, educação, estatística, etc.

Apesar de ter cessado a publicação em agosto anterior, esta revista só foi oficialmente extinta pela Portaria nº 39, de 17 de janeiro de 1947, do Secretário de Agricultura, que, restabelecendo o *Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária*, suprimiu todas as publicações então editadas pela Secretaria.

REVISTA SOCIAL TRABALHISTA 536

Mensário de legislação, doutrina, jurisprudência e informações social-trabalhistas.

Foi em 30 de abril de 1937 que veio a público o primeiro número.

A direção técnica estava a cargo do Dr. Sabino Brasileiro Fleury. Diretor responsável, Dr. Marinho Vianna e redator-chefe, Dr. Leopoldo Fleury. Depois foi dirigida pelo Sr. Lindolfo Xavier Júnior. Na atualidade tem nova direção. Formato de 24 x 15, 40 páginas em média e duas colunas. Capa adequada ao gênero da revista e desenhada por Rodolfo. Impressão de Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 2.000 exemplares.

É a única revista desta natureza até agora publicada em Minas. Vem trilhando com segurança a rota delineada, com a publicação, além de atos oficiais, de proveitosa colaboração dos melhores técnicos no assunto.

CACIQUE 537

Magazine de Minas Gerais, cujo primeiro número apareceu em abril de 1937, sob a dire-

ção do Dr. Geraldo Armando Viegas e gerência do Dr. Sigefredo Marques Soares. Redatores principais, Dr. Hélio Vaz de Mello e José Morais.

Não passou do número de estréia, que foi composto nas oficinas de *Folha de Minas* e impresso em A Impressora, de Mário Cursino de Castro. Esmerada impressão, em ótimo papel, com gravuras finas e nítidas. Clichês de Cirilo e Oswaldo e fotografias de W. Zats, Miguel e Amaral.

Capa de Augusto Resende e ilustrações deste e de Paiva. Formato de 27 x 20, 56 páginas e número variável de colunas.

Texto escolhido, com seções de variedades, história, literatura, sociais, rádio, cinema, modas, etc.

Publicações como *Cacique* não deviam desaparecer, mormente quando nascem tão auspiciosamente e com elementos garantidores de pleno êxito, como lhe aconteceu.

ATLANTIDA (1ª) 538

Revista mensal, social-literária.

Conhecemos apenas três números de *Atlantida*, o primeiro, de maio de 1937, o segundo, de julho e o terceiro, de agosto.

Formato de 24,5 x 16, com a média de 36 páginas, numeradas ou não. Impressa na Tipografia Cine Arte, à Rua do Espírito Santo, 980. Cabeçalho igual nos três números.

Capas dos números 1 e 2 desenhadas por Rodolfo. Serviu de motivo à do número 3 o retrato do Sr. Armando Salles, cuja fotografia, com dedicatória, foi por ele oferecida à revista, que fazia propaganda de sua candidatura à presidência da República.

Sua direção compunha-se dos Srs. S. Jésus de Miranda Mourão e Fernando Tamietti.

Atlantida publicava boa colaboração literária, a par das demais seções próprias de revistas.

Redação à Avenida dos Tocantins, 41, e depois à Rua Rio de Janeiro, 385.

O PANDEIRO 539

O Pandeiro começou a *rufar* em maio de 1937. Teve dois formatos, o primeiro de 21 x 14 e o segundo exatamente o dobro.

Diretor responsável, Sr. Carlos Filgueiras; redator-chefe, Sr. Cid de Carvalho e secretário, Sr. Plínio Silva, como consta do número 22.

Impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 3.000 exemplares.

Dedicado exclusivamente a assuntos de rádio, estampava tudo o que nele se cantava, além de notícias e biografias de autores e artistas.

Foram muito precárias as informações que obtivemos deste jornal. Só conseguimos, e com que paciente esforço, os números 17, de janeiro de 1939; 19, sem data; e 22 de setembro-outubro, sem declaração do ano! Ora, com elementos tão falhos, nada mais podíamos fazer além do que aí está.

O último número foi publicado a 12 de dezembro de 1940.

Em 17 de janeiro de 1947, portanto, mais de seis anos depois de suspensa a publicação, reapareceu em nova fase, com o mesmo diretor responsável, Sr. Carlos Filgueiras. Diretores, Srs. Wilson Ângelo e Geraldo Dias Coelho.

Formato de 29 x 19,5, oito páginas e quatro colunas. Impresso nas oficinas gráficas de *O Diário*, com a tiragem de 500 exemplares.

Iniciou nova numeração do ano de publicação, não citando, porém, o ano civil. Indica apenas o mês.

Com o número 6, de junho-julho, mudou o tipo de título, em que as duas letras *o* imitam pandeiros.

Duas edições trouxeram o número 4.

Depois do número 7 passou a ser publicado em folheto, sem qualquer aparência de jornal, mero caderno de canções.

CRITICA (1ª) 540

Duas foram as fases deste jornal. Falemos da primeira. *Critica, o panfleto de Minas Gerais*, saiu a 15 de julho de 1937, sob a direção do Sr. Miranda e Castro e gerência do Sr. Gastão Fernandes dos Santos. A partir do número 3, de 26 de agosto, ficou à sua frente apenas o Sr. Gastão Fernandes, na qualidade de proprietário e diretor.

A legenda *Tudo pela Democracia* se localizava em um longo traço apendicular à letra *a* do título, que passou a ser impresso em tinta vermelha a partir do número 2.

Formato de 32 x 22, oito a dez páginas e número de colunas variável, atendendo à necessidade e estética da paginação. Cabeçalho sempre o mesmo.

O nono e último número é de 19 de outubro do mesmo ano de 1937.

Redação à Rua São Paulo, 692, e depois à Avenida Afonso Pena, 782.

Critica combatia ardorosamente a candidatura do Sr. Armando Salles à presidência da

República e a todos os políticos dessa corrente, e apoiava, com veemência, a do candidato oficial, Sr. José Américo de Almeida. Com a mesma fibra com que defendia a democracia, profligava o comunismo e o integralismo, este, naquele tempo, em pleno desenvolvimento e aparentemente com visos de triunfo. Dessas duas ideologias o comunismo era o menos atacado. Contra o integralismo suas baterias não cessavam.

Aí está a primeira fase de *Critica.*

A segunda teve início quase oito anos depois, em 17 de junho de 1945, mas de efêmera duração. Apenas três números saíram, sendo o último, em setembro seguinte, sem declaração do dia.

Diretor-responsável, Sr. Gastão Fernandes dos Santos; redator-chefe, Sr. Homero Lima, só nos números 1 e 2 e secretário, Sr. Francisco Fernandes.

Conservou todo seu feitio antigo, menos a cor rubra do título.

Critica voltou à cena para participar da campanha eleitoral a favor da candidatura do General Eurico Dutra à presidência da República, assim como fizera, em 1937, com relação à do Sr. José Américo.

Sempre impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351. Tiragem de 1.000 exemplares nas duas fases. Redação à Rua do Espírito Santo, 480.

Em ambos os períodos de sua existência, *Critica* foi um jornal bem escrito, mas de atitude política bastante extremada, tratando o adversário com rigor, principalmente ao rememorar fatos idos, como se muitos de seu partido não tivessem também os seus pecados!...

CRUZADA 541

Revista mensal de cultura que se batia pela restauração da monarquia, dentro do programa do Patrionovismo.

Ótima publicação, que durou de julho a outubro de 1937, editando quatro números.

Teve como diretor responsável o Dr. Vianna Espeschit e redator-secretário o Dr. Arnaldo Vianna Machado.

Formato de 19 x 11, 30 páginas em média e coluna aberta. Impressa na Editora S. José, à Rua Moscovita, 87, Prado, o primeiro número, e na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, o terceiro. Não conhecemos os números 2 e 4. Tiragem de 1.000 exemplares.

A capa, desenhada por Rodolfo, apresentava os seguintes pormenores: ao alto, o título, escrito em letras góticas, tendo à esquerda a coroa imperial do Brasil; sob esta a legenda *Religião - Pátria - Raça*. O resto da capa é ocupado pela figura de corpulento cruzado, ostentando no braço direito um escudo com a cruz de Malta.

Farta colaboração, assinada por Arlindo Veigas dos Santos, o fundador do Patrionovismo; Padre A. Negromonte, João Camillo de Oliveira Torres, Ar...ido Vianna Machado, L. Nobre de Almeida, Sebastião Pagano, Arthur Versiani Velloso, Vianna Espeschit, Jackson de Figueiredo, Paulo Dutra da Silva, Álvaro de Las Casas, Oscar Mendes, Mário Sombra, Roberto Otávio Gonçalves, Nobre de Almeida, etc. Do grande mineiro Couto de Magalhães publicou um trecho da obra *Manual do Monarquista* e também trechos de um discurso de Gustavo Barroso.

No verso da capa do primeiro número deu uma ligeira biografia do Príncipe D. Pedro Henriques, seguida de uma exortação aos operários, com o título "Operário, escuta!" de autoria da Chefia Patrionovista, do Rio. Essa exortação prevenia os operários contra o comunismo, concitando-os a se alistarem na Aço Imperial Patrionovista.

A página seguinte estampou um belo retrato daquele Príncipe, com os dizeres "Homenagem de Pátria Nova", ao alto, e em baixo, "S. A. I. Dom Pedro Henriques de Orléans e Bragança, futuro Imperador do Brasil".

Pena foi não termos conseguido todos os números publicados, para que fizéssemos melhor descrição.

Cruzada foi uma bela publicação, mas pouco conhecida. De sua espécie, uma das raras do Brasil.

É ASSIM QUE SE COMEÇA... 542

Eis o originalíssimo título que as inteligentes alunas da Escola Normal escolheram para seu jornal, cuja direção é renovada periodicamente.

É assim que se começa... começou muito bem e assim se tem mantido. Surgiu a 5 de agosto de 1937, tendo até agora publicado 28 números. É muito pouco, não resta dúvida, mas o que falta em quantidade sobra em qualidade, pela excelência das edições apresentadas, todas repletas de interessantes trabalhos originais.

Do número 1 ao 9, de outubro de 1939, *Jornal das alunas*; do número 10, de julho-agosto de 1940, ao número 12, de outubro-novembro do mesmo ano, *Jornal do Conselho dos Estudantes*; do número 13, de abril de 1941, ao número 22, de setembro de 1943, *Órgão do Conselho de Estudantes*, e, finalmente, do número 23, de outubro de 1943 em diante, *Órgão do Centro Cívico Bárbara Heliodora*.

Sempre com três colunas, quatro a oito páginas e formato de 27 x 17. Cabeçalho sem alteração.

Impresso na Tipo Arte, à Rua do Espírito Santo, 980, depois à Rua dos Guaicurus, 503. Ao que parece, alguns números saíram das oficinas da Imprensa Oficial.

À esquerda do título traz estampado o pórtico da Escola.

É assim que se começa... veio substituir *Asas*, a graciosa revista já descrita.

Com o número 10 saíram duas edições, a de junho e a de julho-agosto de 1939.

ESPUMAS 543

Pertence ao Ginásio Tristão de Ataíde, sendo órgão oficial do Grêmio Lítero-Esportivo Jaime de Souza Martins.

Jornal fundado em Niterói, pelos Srs. José Augusto Câmara Torres e Daniela de Almeida, a 24 de maio de 1933. Nesta Capital deu o primeiro número a 7 de setembro de 1937. Como adota numeração contínua, não conseguimos saber qual a numeração dessa edição.

Formato de 26,5 x 18,5, quatro páginas e três colunas. Tiragem de 500 exemplares, sendo gratuita a distribuição entre os alunos. Vários locais de impressão, entre eles a Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Os poucos números de que dispomos ostentam dois cabeçalhos distintos. Também dois títulos diferentes, um formado de caracteres tipográficos comuns e outro de belo efeito, tendo ao centro uma águia de asas abertas, que traz pendente do bico um triângulo invertido com as iniciais do Ginásio e sobre a letra central o mapa do Brasil. Nenhum desses títulos veio substituir o outro. Ora é usado um, ora outro, indistintamente.

Espumas publica variada colaboração dos alunos do Ginásio, além de outras seções, como literatura, sociais, esportes, etc.

As informações colhidas não ministram maiores elementos para melhor descrição.

REVISTA COMERCIAL DE MINAS GERAIS 544

Propriedade e direção do Dr. Luís Carlos de Portilho e editada sob os auspícios da Federação das Indústrias e da Associação Comercial. Anteriormente, foi órgão oficial dessas mesmas entidades, tendo como diretor o Sr. Lauro Vidal Gomes e gerente o seu atual diretor.

Publicação mensal do movimento econômico e financeiro de Minas e do Brasil.

Data de setembro de 1937 o início de sua publicação. Formato de 27 x 20, 60 páginas, em média, e número variável de colunas. Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 3.000 exemplares. Capas diferentes e mais de um cabeçalho.

Redação e administração à Rua Rio de Janeiro, 336.

Revista Comercial é uma publicação que goza de alto e merecido conceito em nossos meios comerciais, industriais e financeiros. Publica tudo referente às leis trabalhistas e fiscais, inserindo outrossim selecionada colaboração de conhecidos escritores sobre economia, finanças e problemas atuais.

Em 1914, tivemos uma *Revista Comercial*, simplesmente. Não aditava ao título, como esta o faz *de Minas Gerais*.

L'ARROTINO COLONIALE 545

Extravagante título para um jornal, pelo seu significado. *Arrotino* traduz-se por amolador de ferramentas, destes que andam pelas ruas com aquele aparelho de roda, coisa muito antiga e de todos conhecida.

Seu próprio redator não soube nos informar a data do primeiro número nem do último. Nessa contingência, até que melhor oportunidade apareça, tivemos de adotar como ponto de partida da publicação o número 2, que tem a data de 13 de novembro de 1937. Poucas edições saíram, cinco ou seis, unicamente.

Não tinha período certo de publicação. Aparecia esporadicamente.

Formato de 27 x 18, quatro páginas e três colunas. Tiragem muito limitada, pois circulava apenas entre restrito número de amigos. Não saía desse círculo.

Jornal exclusivamente humorístico, de casa, para uso interno, como disse no cabeçalho. Responsáveis: G. Amassapane, A. Tagliastoffe e B. Tagliapelle.

Foi a 12ª publicação aqui editada em italiano.

MENSAGEM 546

Arte, cultura e literatura.

Apesar da escassez de cabedal, vamos tentar descrever, o quanto possível aproximada da realidade, a vida de *Mensagem*.

Nada menos de cinco fases atravessou. A primeira começou como revista, a 28 de novembro de 1937, dando apenas três números, os dois últimos, em um só volume, a 1º de maio de 1938.

Direção do Dr. Francisco A. de Magalhães Gomes e secretaria do Prof. J. Etienne Filho. Formato de 21 x 12,5, 60 páginas no primeiro número e 101 no outro. Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial.

Mais de um ano depois, isto é, em 15 de julho de 1939, ressurgiu em forma de jornal, publicando 23 números.

Sua direção esteve confiada ao Dr. Guilhermino César, diretor; redator-chefe, Sr. J. Carlos Lisboa; secretário, Prof. J. Etienne Filho; gerente, Sr. Vicente Guimarães.

Em abril de 1940, deixou a gerência o Sr. Vicente Guimarães, entrando mais um secretário, o Sr. Milton Amado.

O brilhante corpo de redatores era tão numeroso que jamais víramos outro igual: nada menos de 47 titulares.

Temos a impressão, aliás bem-fundada, de que o designativo redatores foi aí empregado em substituição ou como sinônimo de colaboradores, porquanto, tendo cada redator sua função privativa, não é verossímil a existência de 47 funções distintas em um jornal, mesmo em se tratando de grandes organizações jornalísticas.

Quanto aos componentes dessa longa lista, basta um simples relancear de olhos para se certificar que todos os expoentes de nosso mundo literário e intelectual estavam nela arrolados. Um autêntico cenáculo.

Publicação quinzenal, formato de 42 x 28, oito páginas e cinco colunas. Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, em ótimo papel e excelente aspecto material.

Redação à Avenida Cristóvão Colombo, 92, e depois à Rua Tomás Gonzaga, 569.

Esta a segunda fase de *Mensagem*.

A terceira veio a 15 de outubro de 1940, como órgão oficial da A.L.A. (Amigos da Literatura e da Arte), da qual era presidente o Dr. Mário Casasanta.

O conselho diretor ficou constituído dos Srs. Dr. Guilhermino César, Dr. Oscar Mendes, Sr. J. Carlos Lisboa, Prof. J. Etienne Filho e Milton Amado. O Sr. J. Carlos Lisboa era também o diretor-comercial-responsável.

Nesta fase saíram 10 números, mas só conhecemos estes: 1, 2 e 3, os dois últimos em uma só edição.

Como anteriormente, quinzenário e com o mesmo feitio material e local de impressão.

No número 1 disse no artigo "Mensagem e A.L.A.":

> *Mensagem incorporou-se à A.L.A., como conseqüência da identidade de programa de uma e outra entidade. Isto quer dizer que nenhuma transformação se fez, nem se fará, nos pontos básicos de seu programa.*

Redação à Avenida Afonso Pena, 952.

Não nos foi dado fixar a data inicial da quarta fase, mas deve ter sido em meados de 1942, por ser o número 21, de 20 de fevereiro de 1943.

No expediente já não se faz mais referência à A.L.A., ao menos nos números existentes em nossa coleção.

Diretor-responsável, Sr. J. Carlos Lisboa. Havia um conselho orientador, composto dos Drs. Mário Casasanta, Guilhermino César e Oscar Mendes. Como secretário, aparece no número 25, de 15 de julho de 1943, o Sr. Paulo Dantas. No número seguinte não mais constava seu nome entre os dos dirigentes. Materialmente, sem diferença das fases anteriores.

Finalmente, chegamos à quinta e última fase, que teve início a 15 de novembro de 1943. O grande formato, até então adotado, foi reduzido para 28,5 x 20,5. Essa redução ficou, porém, sobejamente compensada com o aumento de páginas para 20. Continuaram as mesmas quatro colunas.

Diretor-responsável, Sr. J. Carlos Lisboa; redator-chefe, Prof. J. Etienne Filho; e conselho orientador, o mesmo que servira na fase anterior, composto dos Drs. Mário Casasanta, Guilhermino César e Oscar Mendes.

Retirando-se o redator-chefe, Prof. J. Etienne Filho, foi suprimido o lugar e criado o corpo de redatores, que foi provido pelos Srs. Prof. Aires da Matta Machado Filho, Clemente Luz e Paulo Dantas, sem prejuízo do conselho orientador, que continuou.

De nada valeu essa modificação, porque com ela o jornal cessou a publicação, com o número 12, de 1º de janeiro de 1945. Os 12 números saíram em sete edições. Só o pri-

meiro e o último tiveram numeração singular; dupla foi a dos outros.

Impresso nas oficinas de *Folha de Minas* até o número 10-11, de 30 de outubro de 1944 e nas oficinas da Imprensa Oficial, o último. Redação à Rua São Paulo, 552.

Mensagem foi uma das mais destacadas e melhores publicações até o presente, aqui editadas. Suas páginas estão repletas de trabalhos e produções originais de grande valor literário, subscritas não só por seus ilustres diretores e redatores, como também pelas mais acatadas penas do País.

Durante sua existência vários foram os cabeçalhos e os caracteres tipográficos empregados no título. Em todas as fases o cabeçalho era reproduzido na última página.

MEMORIAS DO INSTITUTO BIOLOGICO EZEQUIEL DIAS 547

Órgão oficial do Instituto, cujo nome epigrafa estas linhas.

O primeiro tomo é de 1937, o segundo de 1938 e o 3º e 4º, em um só volume, de 1939-40, só publicado em 1945.

Formato de 17 x 10,5 e 200 páginas, mais ou menos, algumas com ilustrações elucidativas do texto.

Estas *Memorias* se destinam exclusivamente à publicação de trabalhos originais realizados no Instituto ou seus congêneres, a critério da Diretoria. O autor de cada trabalho publicado terá direito a receber, gratuitamente, 50 separatas.

O último volume foi impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Publicação de reconhecido mérito, gozando de elevado conceito no meio científico nacional.

METROPOLE 548

Por falta de informações exatas quanto à data do aparecimento do primeiro número de *Metropole*, não nos ocorre outra solução que não seja a de colocá-la em último lugar do ano de 1937. Sua colocação efetiva será definida a seu tempo.

Conhecemos somente os números 10, 13, 14, 15 e 17, de novembro de 1938, julho e outubro de 1939 e março e junho de 1940, respectivamente.

Tão irregular e espaçada foi a sua publicação, dita mensal, que é inútil tentar determinar a época, mesmo aproximada, do primeiro número, pelo processo de contagem dos

meses em retrocesso. Por isso mesmo, fica ela aqui colocada até ulterior deliberação.

Daqueles números, o 10 apresentou-se com o formato de 24 x 15 e os outros com o de 34 x 24. O número 17 publicou uma nota avulsa avisando que voltaria a circular com o primitivo formato, devido ao encarecimento de todos os trabalhos gráficos, motivado pela guerra. Não obstante tão formal declaração, esse número foi o último publicado.

Diretor, Sr. Silva Guimarães, nos números 10 e 13, sendo diretor-secretário deste último o Sr. Benjamim Costa Pereira, que passou a diretor do número 14 para a frente, tendo como companheiros os Srs. Nazareno Alphonsus, redator, e Ovídio José dos Santos, secretário, este somente no referido número 14.

Capas iguais nos três últimos números citados e diferentes nos outros, as destes desenhadas pelo artista Rodolfo.

Ignoramos o local de impressão do número 10. O número 13 foi impresso nas oficinas de *Folha de Minas* e os restantes na Tipografia Castro, à Rua dos Caetés, 376.

Redação à Avenida Afonso Pena, 550, e depois à Rua da Bahia, 887.

Além da parte literária, muito seleta, *Metropole* publicava desenvolvidas seções de sociais e humorismo e interessantes reportagens fotográficas, nitidamente gravadas.

GAZETA DE DECRETOS E LEIS 549

De propriedade e direção do Sr. Alberto da Silva Gualberto, esta publicação deu o seu primeiro número em janeiro de 1938. Somente sete números vieram a lume, sendo de julho o último.

Publicava-se mensalmente, com a tiragem de 600 exemplares e formato de 17 x 10,5.

Impressa nas Tipografias Gualberto e Castro, aquela à Rua Bonfim, 151. Capa sem alteração. Não usava cabeçalho interno.

Tinha por fito a publicação de decretos e leis federais e estaduais, separada cada uma dessas partes em seção especial, com numeração própria e contínua de páginas.

Gazeta foi uma publicação de utilidade indiscutível, organizada com método, clareza e inteligência.

Ótimos serviços prestou a todos aqueles que dela se utilizaram, tanto leigos como letrados, que em suas páginas encontravam vasto

repositório da legislação e atos do Executivo, metodicamente dispostos e distribuídos.

BOLETIM DA J. F. C. 550

As iniciais J.F.C. significam Juventude Feminina Católica, um dos setores da Ação Católica.

Este boletim, de publicação mensal, começou a circular em março de 1938, publicando 42 números, o último em junho de 1943.

Deixando de ser publicado em avulso, passou imediatamente a ser editado em uma só página da revista *Vinculum Unitatis*, prosseguindo a numeração das edições e do ano de publicidade. Posteriormente, porém, desapareceram esses característicos, sendo a matéria do boletim editada em página comum, como qualquer outro assunto, tal como aconteceu com *Vida*, em seguida descrita.

Trazia de 4 a 10 páginas e coluna aberta. As páginas começaram a ser numeradas regularmente só a partir do número 12-13, de abril-maio de 1939. As dos números anteriores eram ou não numeradas.

Do número 5, de julho de 1938, em diante, incluiu no cabeçalho *acies fraterna*.

Formato de 21,5 x 14,5. Um cabeçalho para os números 1 e 2 e outro para o resto.

Redação à Rua do Espírito Santo, 1047, Edifício Pio XI.

VIDA 551

Boletim mensal, de feição integralmente religiosa, aparecido em abril de 1938.

Era dirigido por uma representante da L.F.A.C. (Liga Feminina de Ação Católica), um dos setores da Ação Católica.

Durou exatamente cinco anos, editando 46 números e não 45, como consta do último, de abril de 1943. Tal diferença explica-se pela duplicata do número 19, um de março e outro de abril de 1940.

O número 1 teve um cabeçalho; do número 2 ao primeiro 19, outro; do segundo 19, outro, até o número 26, de novembro de 1940, e outro, finalmente, do número 27, de março de 1941, até o fim.

Só a partir do número 10, de abril de 1939, trouxe a indicação do ano de publicidade.

Formato de 21 x 15, com duas colunas e ordinariamente seis páginas e raras vezes quatro.

Suspendendo, como o anterior descrito, a publicação avulsa, passou, como ele, a ser editado também em uma página da mesma

revista *Vinculum Unitatis*, que representa hoje todos os círculos da Ação Católica.

Tendo *Vinculum Unitatis* saído em julho de 1943, é crível ter *Vida* publicado, além dos citados, mais dois números, em maio e junho, para naquela revista prosseguir a publicação sem solução de continuidade, como aconteceu com o *Boletim da J. F. C.*.

É preciso salientar que *Vida* passou a ser editada em *Vinculum Unitatis* com o nome traduzido para o latim, *Vita*, sem numerar as edições nem indicar o ano de publicidade, ou seja, em página comum.

BOLETIM BRASILEIRO 552

Publicação de valor, das melhores aqui editadas.

Deu somente quatro números, em maio e agosto de 1938, outubro de 1939 e 15 de novembro de 1940. Os três primeiros saíram em formato de revista e o quarto, de jornal. Revista com o formato de 20,5 x 12,5, e jornal com o de 49 x 32.

Órgão oficial do Centro de Estudos Brasileiros, tratando dos mais altos problemas, tais como educação, cultura, literatura, sociologia, filosofia, política, direito, economia, finanças, higiene, agricultura, indústria, geografia e história do Brasil.

Diretor, Dr. Herbert Brant Aleixo; secretário, Sr. Cícero Franco, no número 1; Sr. José de Miranda Costa, no número 2; Sr. Pedro Silveira, no número 3 e Sr. Aderbal de Oliveira Baracho, no número 4.

No formato de revista, apresentou o total de 260 páginas, com duas colunas ou coluna aberta, e no de jornal, 10 páginas e cinco colunas. Este foi muito bem-paginado, sendo a matéria distribuída com rigorosa simetria, o que lhe dava um aspecto vistoso e elegante. Trouxe na primeira página um grande retrato do eminente brasileiro Rui Barbosa.

Capa da revista e cabeçalho interno iguais nos dois primeiros números, aquela desenhada por Rodolfo. O número 3, com outra capa e novo cabeçalho.

Os números 1 e 2 impressos na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, e os números 3 e 4 na Tipografia Castro, à Rua dos Caetés, 375, depois à Rua Tiradentes, 101.

Boletim Brasileiro publicava vasta e escolhida colaboração sobre relevantes assuntos,

subscritos por consagrados escritores do nosso meio e por sócios do Centro.

Uma bela e conceituada publicação, digna de encômios pela exuberância e excelência da matéria contida em suas páginas.

Boletim Brasileiro é uma pequena enciclopédia. De suas proveitosas páginas reservou uma para homenagear brasileiros ilustres, a qual deu o título de "Vultos Nacionais". No número 1 estampou o retrato do grande Oswaldo Cruz; no número 2, o de Afonso Celso Júnior e no número 3, o de Machado de Assis.

Expondo sua finalidade, disse:

> *O Centro de Estudos Brasileiros tem um programa: o Brasil.* O Boletim Brasileiro *vem divulgar-lhe os trabalhos e estudos. A sua publicação representa, antes, uma utilidade: vai mostrar onde está o espírito moço-dedicado à Pátria. Vai fazer conhecida uma organização de trabalho. Uma atividade volvida, com dedicação, para o interesse supremo, que é o de zelar a Pátria. Vai contar que, em Minas, moços se organizaram, destinando o entusiasmo, em sua eloquência máxima, às cogitações máximas.(...) Destarte, esta publicação estará a serviço de todos os que estudam. Podem vencer as iniciativas puras. As iniciativas puras dos moços devem vencer.*
>
> O Boletim Brasileiro *é um esforço de inspiração cívica. Mostrando o Brasil ao Brasil, há de vencer.*

REVISTA MINEIRA DE ENGENHARIA 553

Órgão oficial da Sociedade Mineira de Engenharia, cujo primeiro número foi distribuído em maio de 1938.

Fundadores: Engs. Honório Hermeto, Demerval Pimenta, Benedito Quintino dos Santos, Mário Werneck de Alencar Lima, João Gusman Júnior e Sr. Romeu Moreira de Godói, que é seu gerente.

Tem passado por várias direções. No número 1 constava como diretor-honorário o Eng. Honório Hermeto, e como diretores-técnicos aqueles outros engenheiros.

Formato de 26,5 x 19 e 60 páginas, em média.

Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 1.000 exemplares.

Capa do primeiro número de Rodolfo.

O título da revista indica precisamente o seu programa. Não precisamos proclamar nem salientar o valor e o conceito em que é tida nos centros científicos nacionais.

MAGAZINE DE TURISMO 554

Publicação mensal ilustrada, patrocinada pelo Touring Club do Brasil, Seção de Minas Gerais.

Direção dos Srs. Hélio Vaz de Mello e Vicente Guimarães, com desenhos de Rodolfo.

Formato de 33 x 23, 20 páginas sem numeração e impressão da Tipografia Castro, à Rua dos Caetés, 375.

O primeiro número foi distribuído a 3 de junho de 1938. Saíram apenas três, mas só conhecemos o segundo, sobre o qual calcamos estas notas. Este não traz a mínima indicação pela qual se possa verificar a data de sua edição. Sendo mensal, é justo presumir-se que seja de julho.

De acordo com o título, só tratava de turismo, estampando ótimas fotografias de lugares e sítios pitorescos sob todos os aspectos e que podiam despertar interesse e curiosidade aos turistas.

A edição de *Magazine de Turismo* a que nos estamos referindo foi lançada em ótimo papel, o que muito contribuiu para realçar as suas nítidas ilustrações.

Muito bons serviços prestou e maiores prestaria se ainda circulasse.

O ESPIÃO 555

Pequeno jornal "literário, humorístico, crítico e noticioso", de alunos da Faculdade de Comércio.

Direção do Sr. Murilo de Mattos e redação dos Srs. Cid Infante Vieira e Orbílio Pereira.

Primeiro e único número a 4 de junho de 1938, com o formato de 19,5 x 14, quatro páginas e três colunas.

Disse no editorial: *Jornal que tudo vê, tudo conta, não faltando a ninguém o seu quinhão merecido.*

Bem impresso e de boa feição material.

CULTURA 556

Revista de letras, artes e esportes.

O primeiro número saiu em julho de 1938, com o formato de 31,5 x 22 e 63 páginas numeradas na parte inferior. Impresso na Casa Pimenta de Melo & Cia., à Rua Sachet, 34, do Rio de Janeiro.

Do número 1 ao 23, direção do Dr. Sadi Laborne Valle e do 24 e 25, dos Srs. Carlos Chaves e Amarílio Bandeira de Mello. Com o número 26 passou à nova direção.

Conhecemos apenas os números 1, 24 e 25. Todos muito bem-feitos e artísticos. Impressos em excelente papel, trazendo grande

quantidade de fotografias e variadas seções. Seleta e aprimorada colaboração, que contava com os nomes mais representativos de nossas letras.

O SEMEADOR (2ª) 557

Jornal essencialmente técnico, de propriedade e direção dos Drs. Cecílio Fagundes e C. de Freitas Lima, aquele, por fim, seu único dirigente, pela retirada do segundo.

Dedicado à agricultura e à pecuária, tornou-se uma folha de grande proveito aos agricultores e criadores.

Além da competente contribuição de seus diretores, contava outrossim com escolhida colaboração de técnicos nos assuntos de sua especialidade.

Impresso em papel superior, na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, trazendo oito páginas, cada uma com cinco colunas.

Data de 27 de agosto de 1938 o início de sua publicação. Pouco durou, dando unicamente cinco ou seis números.

Formato de 36 x 26 e absoluta conservação de seu feitio material.

Publicação semanal estabelecida, mas não seguida. Foi, ao contrário, bastante espaçada. Muitas ilustrações, condizentes com a sua finalidade.

Redação à Rua Goiás, 54.

O desaparecimento de *O Semeador* não deixou de constituir uma lacuna bastante sensível para os que se aproveitavam de seus ensinamentos.

GRIFO 558

Revista fundada pelo Sr. Karl Weissmann e de publicação muito irregular.

Devido às freqüentes mudanças de direção e a outros fatores, julgamos de melhor aviso descrever os números separadamente, para evitar possíveis confusões.

A primeira edição é de agosto de 1938. Só possuímos os número 5, 6, 7, 8, 11 e 12, este de agosto de 1944. Fica assim provada a aludida irregularidade: 12 números em seis anos, como se fosse semestral e não mensal, como se anunciava. Descrevamos primeiramente os números de 5 a 8.

Número 5, de janeiro de 1941. Diretor-responsável, Sr. Aloísio Martins Chaves e secretário, Sr. Karl Weissmann. Impressão de Veloso & Cia. Ltda.

Número 6, de agosto-setembro de 1941. Direção e secretaria dos mesmos citados acima.

Número 7, de dezembro de 1941. Diretora-proprietária, D. Iracema Gonçalves Vieira; diretor-responsável, Sr. Vivaldi Wenceslau Moreira; secretário, o mesmo dos números passados e redator, Sr. Clemente Luz.

Número 8, de dezembro de 1942, ou seja, um ano após do 7. Responsável, Sr. José Guimarães Alves; diretor-artístico, Sr. J. Carsalade e redatores, Srs. João Camillo, Emílio Moura e Edson Moreira. Impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Anteriormente ao descrito, era de propriedade do Sr. Karl Weissmann, tendo como diretor-responsável o Sr. J. A. Vieira da Silva e como secretário o Sr. Noronha Filho. Não sabemos se essa situação foi permanente em todo aquele período.

Formato de 27,5 x 20, número de páginas variando de 30 a 40 e duas colunas ou três. Só o número 8 se apresentou com cabeçalho na página de frente. Um tipo de capa para os números 5 a 7. O título era escrito horizontal e verticalmente, sendo a letra inicial comum a ambas as posições. Desenho de A B. A capa do número 8 reproduziu o quadro de Dimitri Ismailovitch, "Madona Russa". O título em vermelho sobre a silhueta de um grifo.

Ilustrações de Júlio Kaukal, Delpino Júnior, Moura e Carsalade.

Farta e substanciosa colaboração não só dos diretores como dos seguintes intelectuais: J. Guimarães Menegale, Mário Casasanta, João Dornas Filho, Arthur Versiani Velloso, Nilo Aparecida Pinto, Bahia Vasconcelos, José Bartolota, Batista Brasil, Bernardo Guimarães Filho, Godofredo Rangel, João Alphonsus, Agripa de Vasconcellos, César Burnier e Clemente Luz.

Redação à Avenida Afonso Pena, 549.

Algum tempo depois passou à propriedade de Brasiliano Irmãos. Dessa fase só conhecemos os números 11 e 12, de abril e agosto de 1944, respectivamente.

Diretor, Sr. Antônio Brasiliano da Costa e redator-chefe, Sr. Roberto Almeida Galvão.

Formato igual aos anteriores, 60 e tantas páginas sem numeração e duas a quatro colunas. O número 12 impresso na Gráfica Nacional Ltda., do Rio. O número 11 não mencionou a oficina impressora. A capa deste representa a bandeira inglesa, quase toda ocu-

pada pelo retrato de Winston Churchill. A do número 12 estampa a fotografia do Edifício Acaiaca. Novo cabeçalho.

Colaboradores: Geraldo Teixeira da Costa, Rubens Romanelli, Alberto Deodato, Carlos Prates, César Burnier, João Dornas Filho, Moacir Andrade, etc.

Administração e redação à Rua da Bahia, 919.

ALVORADA 559

Alvorada teve seu crepúsculo na própria alvorada, pois *alvoreceu* e *crepusculou* no mesmo dia — 3 de setembro de 1938.

Não há dúvida que foi pena, porque prometia vencer, dada a estréia. Boa orientação e feição gráfica digna de registro, semelhante às revistas *Carioca* e *Vamos Ler*. Paginada com estética e elegância, agradando sobremaneira à vista. Fotografias bem-dispostas em páginas completas, sem margens.

A capa reproduziu, em bom arranjo e feliz combinação artística, fotografias dos trechos mais pitorescos do centro da Capital.

Publicou variadas seções, como literatura, sociais, cinema, rádio, esportes, humorismo, etc.

Direção dos Srs. Roberto de Paoli, Milton Rocha e General de Barros.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 542.

Impressa na Tipografia Renascença, então à Rua São Paulo, 549, com *clichérie* de Zevitor Lopes Filho.

Formato de 27 x 20, número variável de colunas e 38 páginas, numeradas na parte inferior.

Tiragem de 1.500 exemplares, como nos informou o proprietário da oficina impressora.

O ACADEMICO (2ª) 560

O Academico teve duas fases distintas: jornal e revista. Descrevamo-las separadamente.

Jornal — Órgão oficial da Academia Pedro Jorge Frassati, do Seminário Provincial do Coração Eucarístico de Jesus.

A edição inicial não trouxe numeração e sim a declaração de número especial, em homenagem ao Sr. Arcebispo Metropolitano. Ficou, no entanto, considerada como número 1, por ter a seguinte o número 2.

Saiu a 24 de setembro de 1938, ou no dia 42, no pastel do compositor e no cochilo do revisor.

A 10 de dezembro do ano seguinte deu o 12º e último número, para daí a pouco continuar como revista.

Publicação mensal e formato de 27 x 19, quatro a oito páginas e três colunas.
Tiragem de 500 exemplares.
O número 1, dito especial, foi impresso nas Oficinas Gráficas Minas, à Avenida Afonso Pena, 772; os números 2 a 4, na Editora S. José, à Rua Moscovita, 87, Prado; os números 5 a 11, na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351 e o número 12, na Tipografia Ferraz, à Rua Hermilo Alves.
Mudou de cabeçalho tantas vezes quantas foram as oficinas impressoras, isto é, quatro.
Foram estes seus diretores: dos números 1 e 2, o eminente e erudito Padre Alexandre Gonçalves do Amaral, notável orador sacro e atual ocupante do sólido episcopal de Uberaba; do número 3 ao 8, o seminarista Cyr Assis Assunção e do 9 ao fim, o mesmo, já ordenado.
Como redator, figurou, do número 3 ao 8, o menorista Tiago Sebastião Mello e como gerente, do 9 ao último, o clérigo Armando De Marco, agora padre e expoente de sua classe, por seu talento e cultura.
O Academico, jornal essencialmente católico, foi muito bem-redigido e de segura orientação. Publicava trabalhos dignos de apreço de seus diretores e vários colaboradores.

Revista — Tal como aconteceu na fase de jornal, o primeiro número da revista, datado de 9 de março de 1940, foi igualmente considerado especial. Tomou implicitamente o número 13, por ter o imediato vindo com o número 14. Deixou de ser órgão da referida Academia para ser dos seminaristas. Como o jornal, publicava-se mensalmente, com a mesma tiragem de 500 exemplares.
Formato de 19 x 12, 12 a 16 páginas, duas colunas e impressão da citada Tipografia Ferraz.
Capa uniforme, reproduzindo o desenho do projeto do futuro Seminário.
Dirigida, em toda fase, pelo clérigo, depois menorista, Armando De Marco, cuja figura já destacamos na primeira parte destas notas.
Apenas um semestre de vida teve a revista que, em setembro, cessou a publicação com o número 18, ou seja, o 6º do novo formato.
Sem qualquer alteração o cabeçalho.
O Academico, revista, seguiu, sem tergiversar, as pegadas do jornal, em toda a sua plenitude, o que nos dispensa de novo comentário.

GAZETA MINEIRA 561

Não estamos suficientemente habilitados a descrever esta folha, de propriedade de S.A.

Gazeta Mineira. O pouco que colhemos aí vai.

Primeiro número a 26 de setembro de 1938 e o último a 19 de fevereiro de 1939. A mesma coisa de sempre — vida efêmera.

Publicação diária e vespertina. Direção do jornalista Joaquim Soares Maciel. Redator-chefe, Sr. Teódulo Pereira.

Formato de 43 x 28,5, oito páginas e seis colunas. Tiragem de 8.000 exemplares e editada em oficinas próprias, situadas à Rua dos Tamoios, 486. Redação e administração à Rua São Paulo, 566.

O título era original: a palavra *Mineira* encaixava-se no centro da palavra *Gazeta*, o que reduzia o espaço do título à metade.

Gazeta Mineira foi fundada com fins políticos, mas não damos notícia de sua orientação nesse sentido, por não termos o primeiro número, no qual, com certeza, se publicou o programa e as diretrizes a seguir.

Não podemos ser mais explícitos. A culpa, porém, não é nossa.

VIDA NOVA (2ª) 562

Mais um jornal defensor da classe operária. Este veio em substituição a *O Operario* (3º), apesar do longo lapso de tempo decorrido entre os dois. Publicava-se semanalmente, às quintas-feiras.

Vida Nova, segundo do título, apresentou-se como órgão da Confederação Católica do Trabalho e dos trabalhadores de todas as classes.

Diretor, Sr. José Cupertino de Faria; redator, Prof. José Mamede da Silva e gerente, Sr. João Rodrigues.

Primeiro número a 29 de setembro de 1938. Conservou durante toda a sua existência rigorosa e absoluta feição material, o que não tem acontecido com outros, em que são freqüentes as mudanças de cabeçalho, formato, número de colunas, etc.

Formato de 38 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Impressão bem-cuidada, em bom papel, da Gráfica Queiroz Breyner Ltda. Tiragem de 4.000 exemplares.

Circularam 61 números, sendo o último de 22 de fevereiro de 1940.

De 23 de novembro de 1939 até o fim, foi muito espaçada a publicação, dando apenas seis números, quando regularmente devia dar 15.

Muito bem-feito, este jornal cumpriu integralmente sua missão, pois foi um estrênuo defensor da classe que representava, a qual

contou sempre com seu decidido amparo e proteção.

REVISTA DE IDENTIFICAÇÃO 563

Publicação oficial, editada pela Chefia de Polícia. Fundada e dirigida pelo Sr. Raul Pedreira Passos.

Primeiro fascículo distribuído em setembro de 1938. Com o número 8, referente ao primeiro semestre de 1942, suspendeu a publicação.

Impressa nas oficinas de Oliveira Costa, com a tiragem de 700 exemplares e formato de 19 x 11. Distribuição gratuita às autoridades e associações.

Revista de Identificação granjeou justa e merecida reputação nos meios científicos de sua especialidade, tanto nacionais como estrangeiros, sendo considerada nesses mesmos círculos como uma das melhores entre as similares. Publicava teses e estudos assinados por técnicos de reconhecida e comprovada competência.

Trazia ao alto direito da capa o seguinte: ... *a datiloscopia é a única prova perfeita de identidade. Ed. Locard.*

Apenas dois tipos de capa, um para o número 1 e outro para os demais.

Em 1945, sob a mesma direção, saiu nova revista com a mesma finalidade, mas com o título modificado e sem caráter oficial.

O ODONTÓLOGO 564

Em outubro de 1938, era distribuído o primeiro número desta revista, órgão consagrado ao progresso da Odontologia.

Redator-responsável, Dr. Jorge da Cunha Pereira, aparecendo depois como redator-auxiliar o Dr. Mauro de Mattos Abranches.

Publicação bimensal, com a tiragem de 5.000 exemplares. Formato de 19 x 11,5, 50 páginas, em média, e duas colunas.

Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, e *clichérie* de Zevitor Lopes Filho.

Capa única, só alterada pelos dizeres peculiares a cada número. Cabeçalho por vezes modificado.

Redação à Rua dos Tupinambás, 498.

Esta revista vem prestando assinalados serviços à classe a que é consagrada, sendo das publicações do gênero uma das que mais colaboram para o progresso e engrandecimento da ciência odontológica do País. Estampa valiosos trabalhos, tanto de seu diretor como de competentes colaboradores.

CEREBRO 565

Desta revista quase nada podemos falar. Não houve meios de encontrarmos quem nos informasse qualquer coisa a seu respeito. Nulas são as notas que temos sobre ela.

Parece-nos que o primeiro número foi publicado em outubro de 1938. Em setembro de 1939, circulou o número 3, sob a orientação dos Srs. Newton F. Maia, Messias P. Donato e Geraldo Machado.

Acreditamos não ter ultrapassado de 1940. Em setembro de 1944, o D.I.P. cancelou o seu registro, por ter deixado de circular.

RADIO REVISTA (2ª) 566

Segunda revista deste nome. Não precisamos salientar sua finalidade, que está implicitamente contida no título.

Logramos ver apenas os dois primeiros números, de 15 de dezembro de 1938 e 15 de fevereiro de 1939, e sobre eles é que estamos falando.

Mensal, ilustrada, de direção dos Srs. Carlos Filgueiras e Rochinha.

Formato de 24 x 15, 16 páginas sem numeração e número de colunas de acordo com as necessidades da paginação. Capas iguais e um cabeçalho para cada edição. Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 1.000 exemplares.

No gênero, não deixou de ser uma boa publicação e de grande aceitação entre os apaixonados do rádio. Páginas cheias de retratos de artistas e de composições radiofônicas então em voga.

BOLETIM DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA 567

O primeiro número deste boletim saiu a 15 de janeiro de 1939, com o título de *Boletim do Departamento Geral de Estatística*. Tendo o Decreto nº 659, de 30 de dezembro daquele ano, mudado o nome da repartição para *Departamento Estadual de Estatística*, o boletim não podia, logicamente, conservar a primitiva denominação, passando então a chamar-se como acima está notado, com o número 2, de janeiro de 1940.

Formato de 22 x 15 e número variável de páginas. Impresso nas oficinas do próprio Departamento, serviço, aliás, perfeito e de cuidada revisão, como requerem trabalhos desta natureza.

O primeiro número com uma capa e os outros com outra, até agora inalterada. Adota numeração contínua.

Seria longo enumerar a vasta matéria que enche suas maciças páginas, porque todos os ramos da estatística são nelas tratados e estudados com minúcia e perfeição. Além disso, publica também artigos sobre finanças, economia, indústria, etc., e toda legislação concernente à sua especialidade.

Este boletim é uma publicação de notória autoridade nos arraiais estatísticos do País, por sua competente direção técnica e administrativa.

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ECONOMICOS E LEGISLAÇÃO FISCAL 568

Publicação oficial da Secretaria das Finanças, que apareceu e desapareceu no decurso do ano de 1939. Apareceu com o número de janeiro-fevereiro e desapareceu com o quinto, de novembro-dezembro.

Publicação bimestral, dirigida pelo Engenheiro Alberto Mourão de Miranda, então diretor do Departamento.

Serviço de impressão das oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 5.000 exemplares. Formato de 27 x 20 e quantidade variável de páginas, tendo em um dos números atingido a 100. Capas diferentes e todas de aparência distinta. Muitas ilustrações e gráficos sobre assuntos econômicos e financeiros. Esta revista teve franca e merecida acolhida entre os conhecedores da matéria. Fala-se no seu reaparecimento.

O QUE HA 569

Literatura, arte, cinema, sociais, esportes e variedades, tais as seções enumeradas no cabeçalho.

Esta revista não passou do primeiro número, datado de 2 de abril de 1939.

Formato de 28 x 20, 28 páginas sem numeração e quantidade variável de colunas. Desenhos de Rodolfo e impressão da Tipografia Castro, à Rua dos Caetés, 375, com a tiragem de 800 exemplares.

Diretores, Srs. Dr. Ismael de Oliveira Fabregas e Aldemar Queiroz; redatores, Srs. Evaristo Salomon, Dornas Filho, Djalma Andrade, Déa Mariza, Afonso de Castro, Alberto Deodato, Franklin Teixeira de Salles, J. Guimarães Menegale, Osvaldo Emrich e Barros do Carmo.

Redação e administração à Avenida Augusto de Lima, 142.

Boa publicação que muito prometia, sendo deplorável ter morrido no embrião. Perfeito serviço de fotogravuras.

Interessante o processo adotado para epigrafar as diferentes seções. A cada título se antepunha o nome da própria revista, desta forma: O que ha *em nossa terra*, O que ha *no esporte*, etc.

Foi em *Pan*, revista que há muitos anos se editou no Rio, que vimos, pela primeira vez, tão original processo.

MINAS MAGAZINE 570

Começou a circular em abril de 1939, sob o título de *Itapecerica*, mudado para o de *Minas Magazine* em igual mês do ano seguinte, com o número 4, último publicado. Nesse número declarou, no artigo de frente, ao justificar essa mudança, que deixava de ser órgão oficial do Centro Itapecericano por se achar este inativo. Não obstante, tal deliberação não implicava desinteresse pela velha cidade do Oeste mineiro.

Circulou sempre sob a direção do ilustre moço Sr. Waldemar Malburges de Oliveira.

O número 3 deu a conhecer o seguinte corpo de dirigentes: vice-diretor, Sr. Bolivar Malaquias; secretário, Sr. Simão Salomé de Oliveira e redatores, Srs. Luís Vilares, Blair Chagas Bicalho, Hildebrando Villaça, Edson Guimarães Tolentino e Nicolau Falabella.

O quadro de redatores foi alterado, como consta do número 4, com a retirada do Sr. Luís Vilares e a entrada dos Srs. Athos Moreira, Bolivar Malaquias e Simão Salomé de Oliveira. Com a entrada destes dois últimos, desapareceram os postos de vice-diretor e secretário, por eles até então exercidos.

Formato de 24 x 16, 20 a 30 páginas sem numeração e uma a três colunas. Todas as edições profusamente ilustradas.

Os números 1, 2 e 3 impressos na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, e o 4, na Gráfica Tupan, de Mesquita & Cia., à Rua dos Goitacazes, 15. Um desenho para cada capa, pelo lápis do imaginoso artista Rodolfo. Tiragem de 1.500 exemplares e clichês da Imprensa Oficial.

Redação à Rua Carangola, 372.

Cumprindo sua finalidade, esta revista era especialmente consagrada à cidade que lhe emprestou o nome e o mostruário da velha

terra, como bem acentuou o artigo de apresentação, intitulado "A nossa intenção".

Itapecerica foi uma viva e carinhosa demonstração de afeto dos filhos distantes à terra natal. Mudando de nome, mudou também de orientação, desobrigando-se do espírito de regionalismo a que se prendera, por força da origem de sua criação. Passou, então, a ser uma revista para todos, de interesse coletivo, e não somente de determinado e restrito núcleo de leitores.

Infelizmente, essa transformação redundou no seu ocaso, ao invés da nova aurora anunciada. Esta revista está cheia de interessantes e variados trabalhos, principalmente de filhos da velha Tamanduá, como Bento Ernesto Júnior, Leopoldo Ribeiro, Severo Ribeiro, José Ribeiro Penna, José Procópio de Oliveira, Waldemar Malburges de Oliveira, Hilarino de Morais e outros. Há páginas dignas de especial registro, como aquelas descritivas de costumes e tradições locais, gênero de literatura hoje pouco cultivado e que tanta beleza encerra, transportando o leitor aos ditosos tempos do passado.

Em resumo, *Minas Magazine* precisa retornar ao cenário da imprensa, para gáudio de seus antigos e inúmeros leitores.

O que acima se lê foi escrito há tempos. Agora, decorridos mais de 13 anos de seu desaparecimento, eis que ressurge *Minas Magazine*, com o número 5, datado de outubro-novembro de 1953.

Veio com a mesma direção e formato 18 x 13, duas colunas e 116 páginas. Fartamente ilustrada, ostentando bela capa colorida. Impressão de Velloso & Cia.

TENTATIVA 571

Revista de cultura, que circulou de abril a outubro de 1939, publicando seis números.

Diretor, Sr. Hélio Ribeiro e redatores, Srs. Armando Más Leite, Décio Rocha, Euler Ribeiro, Jair Rebello Horta, J. Etienne Filho, Juventino Lemos, Milton Salles, Murilo Rubião e S. Oliveira Sales.

Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso pena, 351, com o formato de 17,5 x 13, 62 páginas numeradas na parte inferior e duas colunas. Tiragem de 500 exemplares.

Redação à Rua Rio Grande do Sul, 1912.

Estes dados se referem ao número 3, de junho, único de nossa coleção.

Pelo que nele se observa, *Tentativa* não foi uma *tentativa* e sim uma afirmação de

seu valor, pois suas páginas são prenhes de ótima e escolhida colaboração de consagrados nomes de nosso meio intelectual.

MINAS SPORTIVO 572

Direção do Sr. Claudio de Dominicis.
Publicava-se aos domingos, logo após os jogos de futebol, cujos resultados divulgava.
Primeiro número a 14 de maio de 1939, pelo que deduzimos, atendendo a que o número 5 é de 11 de junho, único que possuímos.
A capa era impressa e o texto mimeografado, somente em uma face de cada folha.
Formato de 29 x 18.
Redação e oficinas à Rua Rio de Janeiro, 324.

LEITURA 573

Fundada pelo Sr. Gilson Bertelli, que durante algum tempo foi seu diretor-cultural.
No princípio, mensário oficial do Centro de Estudos Justino Mendes, estando a redação a cargo da Comissão de Divulgação e Propaganda.
Diretor-responsável, Sr. Luís de Medeiros, consagrado jornalista e nome de projeção em nossa imprensa.
Leitura distribuiu o primeiro número em 12 de junho de 1939.
Formato de 23,5 x 16 e páginas sem numeração até certa data. Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, bem como nas oficinas de *Folha de Minas* e Tipografia Chaves, à Rua dos Carijós. Pelo aspecto diferente, parece-nos que alguns dos primeiros números não foram impressos em nenhuma dessas oficinas. Capas variadas.
Abaixo do título estampou em alguns números o seguinte: *O espelho da cidade.*
Os reduzidos exemplares de que dispomos, aliás de numeração muito salteada, não nos permite desenvolver esta notícia, como se fazia mister.
Páginas profusamente ilustradas e cheias de trabalhos originais, assinados por muitos de nossos literatos. A revista se completava com a inserção de todas as seções próprias de publicações do gênero.

NOVIDADES 574

Radio Novidades começou como jornal e depois se transformou em revista com o mesmo nome, que mais tarde foi simplificado para o acima citado.

Infrutíferos foram os esforços que empregamos para obter informações sobre esta revista, pelo que vai sua descrição bastante prejudicada.

Apuramos que, no formato de jornal, deu 29 números, sem que possamos determinar a data dos dois extremos. Presumimos que o último foi publicado em maio de 1939, porquanto em junho circulou o número 1 da revista, declarando ser continuação do jornal. O número seguinte, que conseqüentemente seria o 2, trouxe o número 31, continuando desta forma a numeração do jornal, saltando assim de 29 para 31 e deixando de permeio o número 30, que como tal deverá ser considerado o número 1 da revista.

Desta fase o número mais elevado que vimos foi o 48, ano 3º, de dezembro de 1941.

Teve por diretor o Sr. I. Pereira da Silva.

Publicava-se mensalmente, tratando de assuntos que só interessavam aos meios cinematográficos e radiofônicos.

Formato de 25 x 16, com quantidade de páginas e colunas variável.

Em 1943, o Dr. Djalma Maciel, novo proprietário e diretor, lançou o número 63, correspondente a março. Ainda sob esta direção, foi simplificado o nome de *Radio Novidades* para *Novidades*, a partir do número 66, de junho.

Em novembro seguinte, passou às mãos do Sr. Newton Prates, que estreou com o número 69. A nova direção mudou completamente o programa anterior, tornando *Novidades* uma revista moderna e mais interessante.

Impressão das oficinas de *Folha de Minas* e Imprensa Oficial.

Nada mais podemos adiantar, a não ser que em julho de 1945 ainda circulava, como noticiaram os jornais da época.

Um esclarecimento: incluímos esta publicação em junho de 1939, por desconhecermos a data do primeiro número da mesma como jornal e qualquer outro detalhe a seu respeito nesse formato.

MINAS FARMACEUTICA 575

Minas Farmaceutica é jornal pelo formato, mas legítima revista pelo que nela se contém. Com efeito, em suas edições se encontram importantes estudos sobre todos os ramos da ciência farmacêutica, que mais se perpetuariam nas páginas de uma revista do que mesmo nas de um jornal. A revista é sempre arquivada, enriquecendo as

bibliotecas, ao passo que ao jornal não se dispensa igual cuidado.

Publicou o primeiro número em julho de 1939 e só depois de um hiato de três meses foi que saiu o número 2, isto em novembro. Daí para cá tem sido regular a publicação.

Até certa data trazia a declaração de ser órgão oficial da Associação Mineira de Farmacêuticos e, depois, de estar sob os auspícios da mesma.

Diretor-redator-chefe, Prof. Alberto Paes, e gerente, a partir do número 2, o farmacêutico Geraldo Dinis Resende, que passou a diretor-proprietário do número 15, de abril de 1941, em diante. Secretário, Sr. Antônio Vidigal e mais o Sr. Artur Lourenço Vianna, a contar do número 3. Logo depois seus nomes apareciam não mais como secretários, e sim como redatores. Mais adiante passaram de redatores a colaboradores efetivos.

Se outras modificações se introduziram na direção, ignoramos, porque nossa coleção só alcança até o número 51, de abril de 1944.

Publicação mensal e tiragem de 1.000 exemplares.

Formato de 38 x 28, 8 a 12 páginas e cinco colunas. Cabeçalho sem alteração sensível.

O título, trabalho de Monsã, é escrito em duas linhas. Depois da palavra *Minas* se encontra o emblema da Farmácia.

Impressa em papel superior na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351; na Gráfica Minas, à Avenida Paraná, 60, a partir do número 30, de julho de 1942; e nas oficinas de *O Diário*.

Redação à Rua do Espírito Santo, 578.

São estes os principais traços desta excelente publicação, considerada pelos entendidos como das de maior autoridade entre as de sua especialidade.

BOLETIM DA COOPERATIVA PREVIDENCIA 576

Boletim da Sociedade Cooperativa Previdencia de Consumo é o título integral desta publicação.

Publicou apenas um número, em julho de 1939, organizado pelo Sr. Januário Esteves.

Formato de 20 x 11, 24 páginas e coluna aberta. Impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 1.000 exemplares. Distribuição gratuita.

A Cooperativa de que era órgão este boletim foi fundada a 9 de maio de 1938.

ALTEROSA 577

Alterosa é, sob todos os aspectos, uma revista vitoriosa. Já recebeu a consagração pública, e muito merecidamente.

Sua vida tem sido das mais luminosas de nossa imprensa. Nada vemos que fique ela devendo às melhores dos grandes centros. Tanto pelo texto como pela parte gráfica, deve ser incluída entre as que formam a primeira linha do País. Aí está ela para confirmar o nosso conceito.

Formato de 25,5 x 17,5 nas primeiras edições, depois reduzido para o de 24 x 16. Avultado número de páginas e tantas colunas quantas as exigidas pela estética da paginação.

O dia 20 de agosto de 1939 marca o início de sua vida, já um tanto longa, à vista do que estamos acostumados a presenciar.

As capas são todas ilustradas com motivos vários. As letras do título têm variado, mas sempre dentro do mesmo estilo.

Começou sob a direção intelectual do Sr. J. Carlos Lisboa, como consta da edição inicial. Não conhecemos o número 2, mas o número 3 não trouxe mais o seu nome no competente lugar.

Diretor, Sr. Miranda e Castro. O cargo de redator-chefe foi exercido primeiro pelo Sr. Teódulo Pereira e depois pelo Sr. Vasco da Costa e Silva, e a secretaria, inicialmente, pelo Dr. Hélio Vaz de Mello e em seguida pelo Sr. Teódulo Pereira, ex-redator-chefe, função esta que desapareceu do quadro da direção.

No presente: redator-chefe, Dr. Mário Mattos e diretor, Sr. Miranda e Castro.

Propriedade da Sociedade Editora Alterosa Ltda. Impressão de Queiroz Breyner Ltda. e depois da Gráfica Santa Maria, até 1952. A 22 de novembro desse ano inaugurou oficinas próprias, com maquinário importado dos Estados Unidos, Alemanha e Suíça, o mais moderno e eficiente que se encontra no mercado mundial.

Tiragem inicial de 4.000 exemplares, hoje elevada à apreciável cifra de 30 a 40 mil.

O texto, variadíssimo, contém seções para todos os paladares: história, geografia, sociais, variedades, literatura, biografia, curiosidades, rádio, cinema, humorismo, modas, esportes, trabalhos femininos, bibliografia, artes, páginas infantis, receitas úteis, enfim tudo o que um leitor exigente possa desejar.

Estampa desenvolvida, reportagem fotográfica e ilustrações em profusão, todas interessantes, oportunas e de muito gosto artístico. Seu corpo de colaboradores é o mais seleto possível.

Redação à Rua Rio de Janeiro, 651; Rua dos Carijós, 517, e agora à Rua dos Tupinambás.

Não temos a coleção completa de *Alterosa* e sim números avulsos, e por tão forte motivo estamos inibidos de descrevê-la como desejávamos e à altura de seu merecimento.

Em 1953 passou de mensal a quinzenal.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA 578

O nome completo desta publicação é *Boletim da Associação da Assistência aos Tuberculosos Proletários.*

Propriedade da Associação que lhe deu o nome e publicado sob a direção do Dr. Otávio Marques Lisboa, tendo como redator-secretário o Sr. Ademar F. de Barros, nos primeiros números.

Em fins de agosto de 1939 foi distribuído o primeiro número, e o nono e último, em setembro de 1940.

Formato de 23,5 x 15,5, 40 a 50 páginas e duas colunas. Capas de três ou quatro tipos diferentes. Impressão das oficinas gráficas de *Folha de Minas*, com a tiragem de 3.000 exemplares. Essa tiragem era positiva e não citada com o fito de propaganda.

Texto dedicado exclusivamente aos objetivos que determinaram a sua criação.

MINEIRA 579

Revista mensal ilustrada, tendo como diretor-responsável o Sr. Joaquim Campos.

Apareceu em setembro de 1939, com o formato de 24 x 16 e número variável de páginas, sem numeração. Impressa na Tipografia Castro, à Rua dos Caetés, com a tiragem de 500 exemplares.

Boa revista, com muitas ilustrações e texto variado: literatura, sociais, esportes, comércio, indústria, etc.

Redação à Avenida Afonso Pena, 468.

BOLETIM DA U.M.E. 580

O primeiro número do *Boletim da União Mineira dos Estudantes* veio a público em outubro de 1939, sem declaração do dia e da periodicidade.

A direção compunha-se de um conselho diretor e de uma comissão central, assim constituídos: Conselho Diretor — Srs. Alberto De-

odato, Ubiratan Vianna Novais, Marques Lisboa, Alberto Teixeira Paes, Tabajara Pedroso, Cristóvão Santos, João Pinto, Carmem Mello, Artur Pires, Cecílio Fagundes, Nielsen Ribeiro, Aníbal Matos, Berenice Prates e Alexina Leitão Sá; Comissão Central — Estudantes Lívia Santos, José Maria Pinheiro, Edson Dias Ribeiro, Silvestre Resende, Hamilton Ribeiro, Sílvio Vasconcellos, Darcy Muniz Guimarães, Pedro Tavares, Luciano dos Santos e Edson Tolentino.

Formato de 42 x 28, quatro páginas e cinco colunas. Impresso, ao que parece, na Gráfica Queiroz Breyner Ltda.

Exclusivamente dedicado à campanha pró-unificação dos estudantes de Minas Gerais. Colaboração de mestres e alunos.

Não podemos nos alongar por falta de elementos, visto como só possuímos o primeiro número, ao qual se referem estas linhas.

O MENSAGEIRO DA LUZ 581

Boletim mensal da Unidade Brasileira do Serviço. Editor-responsável, Sr. Franklin Pereira Reis e redação à Rua Ouro Preto, 30.

Formato de 20 x 12,5, oito páginas e coluna aberta. Não sabemos o local da impressão nem qual a tiragem.

Viveu de outubro de 1939 a fevereiro de 1940, publicando cinco números, sendo os números 4-5, de janeiro-fevereiro, em uma só edição.

O leitor, certamente, estará curioso por saber o que significa Unidade Brasileira do Serviço. É natural e vamos satisfazê-lo, transcrevendo alguns excertos de artigos publicados que elucidam amplamente o caso. De um deles destacamos isto:

> *A razão única e exclusiva desta publicação é servir desinteressadamente à evolução da Humanidade, propagando o espírito cristão de fraternidade e amor para com todos, de tolerância, paz, concórdia e boa vontade, sem partidarismo de espécie alguma, quer político ou religioso, e sem nos prender a grupos ou organizações externas, sejam quais forem.*

De outro artigo:

> *As Unidades do Serviço têm por finalidade promover a união entre os homens, fazendo com que todos compreendam e pratiquem a verdadeira fraternidade.*

Pelo descrito, observa-se que este Boletim pugnava com ardor o impossível, que é o nivelamento humano pela abolição de preconceitos imemoriais de raças, castas e cre-

dos políticos e religiosos. Fraternidade universal!

A última guerra e os pródromos de outra, que parece ameaçar-nos, são um flagrante exemplo de compreensão que a humanidade tem de tão sublime ideal.

REVISTA DO D.E.E. 582

D.E.E. são as iniciais do Diretório de Estudantes de Engenharia.

Por um lapso, a edição inicial desta revista não trouxe número nem data. Mostra que se trata do primeiro número pelo artigo de apresentação. Quanto à data, não há o mínimo indício pelo qual se possa determinar. Nem mesmo pelo texto, que não tem nenhum trabalho datado. Fomos, no entanto, informados oficialmente de que a distribuição se fez em dezembro de 1939.

É órgão oficial dos estudantes de Engenharia.

O número 2-3 foi publicado em um só volume, janeiro-abril de 1940. O número 4 consta, numa página, ser de agosto-setembro do mesmo ano e, em outra, de setembro-outubro. O número 5 é de maio-junho de 1941.

Um tipo de capa para os números 1 e 4 e outro para o 5. Ambos os tipos desenhados pelo aluno da Escola, Rômulo da Cruz Franchini. Um belo e original trabalho.

Publicada sob a orientação do Prof. Francisco de Assis Magalhães Gomes, tendo como diretor o Sr. Newton Cavalière e redator-secretário o Sr. Nazareno Alphonsus de Guimaraens, logo depois substituído pelo Sr. Simeão Ribeiro Pires, então diretor de publicidade.

Formato de 26 x 18,5, 46 páginas e duas colunas. Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 500 exemplares.

Dedicada aos problemas de Engenharia, publicava apreciada colaboração técnica e científica, tanto dos mestres como dos discípulos da nossa conceituada Escola de Engenharia.

Em fins de maio de 1948 saiu uma edição sem data e sem número.

OFTALMOS 583

Revista da Sociedade de Oftalmologia.

Iniciou a sua carreira no decurso do ano de 1939, mas ignoramos a data exata. Direção do ilustre Professor Hilton Rocha.

Formato de 21 x 12 e impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

SÍNTESE 584

Até o número 6, de 31 de maio de 1944, órgão da União da Juventude Espírita, fundada a 18 de setembro de 1939; do número 7, de 30 de junho seguinte, em diante, da Federação Espírita de Minas Gerais.

Fundador e diretor, Dr. Noraldino de Mello Castro; redator, Prof. Rubens C. Romanelli e secretário, Dr. O. Filho, até maio de 1944, e daí para frente, Dr. Efigênio de Salles Vitor.

Primeiro número, em 15 de janeiro de 1940. Com o número 18, de 30 de setembro, suspendeu a publicação, reencentando-a quase três anos depois, em 31 de dezembro de 1943.

Publicação quinzenal, a 15 e no último dia do mês, em 1940 e mensal, no último dia do mês, na segunda fase, que se findou com o número 9, de 31 de agosto de 1944.

Formato de 43 x 27, quatro páginas e quatro colunas. Tiragem de 1.000 exemplares e impressão de *Folha de Minas* e Queiroz Breyner Ltda.

Dois cabeçalhos, um até o citado número 7 e outro a partir do número 8, de julho.

O primeiro tem o título lançado entre raios do sol que aparece pela metade, e dentro desse semicírculo as inciais U. J. E. Do lado esquerdo estão gravadas as palavras, *Filosofia — Política — Ciência — Crítica — Literatura — Metapsíquica — Religião*, superpostas e colocadas engenhosamente, de maneira que, agrupando-se determinada letra central de cada uma delas, lê-se, em sentido vertical, o nome do jornal — *Síntese*.

O segundo cabeçalho é de tipo mais ou menos comum, tendo o título gravado em letras estilizadas.

Redação à Avenida Afonso Pena, 468, mais tarde à Rua São Paulo, 249, e, finalmente, à Rua Curitiba, 626.

Síntese tratava tão-somente da elevação e defesa de suas idéias, o que fez com competência e segurança.

BOLETIM FISCAL 585

Boletim Fiscal foi publicado durante o ano de 1940, mensalmente. O último número saiu com duplo engano: trouxe o número 11, ao invés de 12, e a citação do mês de janeiro de 1941, quando se tratava de dezembro anterior.

Com o número 13, de janeiro de 1941, mudou o nome para *Revista Fiscal*.

De maio em diante, passou de mensal a bimensal, trazendo, porém, as edições, a cita-

ção de dois meses e a numeração referente a dois números. Desta forma foram publicados, nesse período, oito números em quatro edições.

Durou até dezembro seguinte, quando saiu a edição correspondente a esse mês e ao de novembro com os números 23 e 24.

Fundação e direção do Sr. Rubens Vianna de Oliveira, competente fiscal de Rendas do Estado. Esta publicação foi idealizada com o objetivo único de facilitar a ação do funcionário fiscal, esclarecendo, ao mesmo tempo, os contribuintes.

Formato de 18 x 11,5, número de páginas variável e duas colunas. Cabeçalho uniforme. Impressão da Tipografia Castro, à Rua Tiradentes, 101, com a tiragem de 1.000 exemplares, em média.

Como dissemos, em dezembro de 1941 suspendeu a publicação, mas ressurgiu na segunda quinzena de março de 1946, apesar de datado de janeiro.

Voltou não mais com o nome de *Revista Fiscal* e sim com o primitivo, de *Boletim Fiscal*. O primeiro fascículo desta nova fase foi impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, e o segundo, na Gráfica Minas Ltda.

Esta excelente publicação, a exemplo da primeira fase, continua a prestar relevantes serviços a todos aqueles que precisam de auxílio e orientação em matéria fiscal.

EDUCANDO 586

Educando, revista de orientação técnico-pedagógica, é órgão da Associação dos Professores Primários do Estado, entidade fundada em agosto de 1931.

Iniciou a publicação em fevereiro de 1940, aparecendo mensalmente com 40 páginas, em média, formato de 22,5 x 13,5 e duas colunas ou coluna aberta.

Até o número 8, de novembro de 1940, a numeração de páginas era para cada edição, passando a ser contínua do número 9, de fevereiro de 1941, em diante.

Editada pela Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Direção de D. Marieta Leite e redação de D. Maria Luísa de Almeida Cunha, D. Letícia Chaves Campos, D. Ondina do Amaral Brandão e D. Dulce Kanitz Viana, no número 1. Do número 2 ao 8, as mesmas e mais D. Zembla Soares Pinheiro Chagas, na gerência. No número 9 já não constava o nome de D. Ondina Brandão, e do número 11 até o pre-

sente consta o seguinte: diretora e redatora, D. Marieta Leite e gerentes, D. Leonilda Mantandon e D. Zembla Pinheiro Chagas.

Capa e título sem alteração.

Alguns números trazem fotogravuras de edifícios públicos e aspectos locais, fantasias coloridas, além de muitos desenhos explicativos de textos pedagógicos. Variada colaboração de suas ilustres dirigentes e de outros elementos de valor, igualmente devotados à nobre causa da instrução.

Educando honra sobremodo a nossa cultura pedagógica.

O PEQUENO SEMEADOR 587

O Pequeno Semeador, órgão oficial do Instituto Padre Machado, foi publicado em São João Del Rey, de 11 de junho de 1933 a 7 de dezembro de 1939. Veio em substituição ao *Boletim do Instituto Padre Machado*, que se publicou desde a fundação do colégio, a 25 de janeiro de 1921.

Transferido para esta Capital esse importante estabelecimento de ensino, então sob a direção do ilustre Professor Antônio Lara Resende, passou *O Pequeno Semeador* a ser aqui editado com o número 70, do ano VI, datado de 15 de março de 1940.

Dos números que possuímos, destacam-se três tipos de título. O último traz ao centro um escudo com o monograma formado com as iniciais do Instituto. O cabeçalho, por sua vez, sofreu sensíveis modificações.

Publicação mensal e direção do diretor do educandário.

Formato de 32 x 22, quatro páginas e quatro colunas.

O Pequeno Semeador esteve com sua publicação suspensa durante 17 meses, voltando a circular em junho de 1947, em nova fase, transformado em revista e com estas características: formato de 23 x 15,5, 22 páginas e duas ou três colunas. Tiragem de 1.000 exemplares. Capa desenhada por Kaukal, com esta legenda — *Omnia sub lumine Dei.*

Mesma direção da fase anterior e redação do Sr. Amaro de Queiroz.

O primeiro número impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, e o segundo, na Tipografia Ferraz, situada à Rua Hermilo Alves.

Na página da frente omitiu o artigo *o* do seu título. Assinala no cabeçalho, ano XXVI, o que significa ter contado sua antigüidade da data da fundação do colégio (1921) e não mais do jornal (1933), como sempre fizera.

Além de dar notícias de interesse dos pais e alunos, continha sempre artigos de orientação pedagógica e educacional e variada colaboração de alunos.

Ao que nos parece, nesta fase só foram publicados os dois números retro citados.

Passando o Instituto Padre Machado à propriedade dos Padres Barnabitas, continuaram estes a publicação de *O Pequeno Semeador*.

O primeiro número desta nova fase veio a lume em setembro de 1951. Aí também se conta a antigüidade a partir da fundação do colégio.

O formato foi reduzido para 17 x 13, trazendo duas colunas e número de páginas variável.

Capas de diferentes aspectos. A do primeiro número traz ao centro dois escudos, o do colégio e o da Congregação dos Barnabitas.

Até o presente foram publicados cinco números: em 1951, o primeiro, em setembro, e o segundo, em outubro; em 1952, o primeiro, em agosto-setembro, e o segundo, em outubro-novembro; em 1953, o primeiro, em julho.

Diretor, em 1951, Padre Paulino Bressan, e redator, Padre E. Nogueira; em 1952, diretor, Padre Expedito de Carvalho Nogueira e redator, Padre José Maria Gomes; em 1953, diretor, Padre Joaquim Parreira.

O Pequeno Semeador é a antítese do próprio nome, porque tem sido, em toda a sua vida, um grande semeador de tudo o que é útil e proveitoso à mocidade católica e estudiosa.

O primeiro número da nova fase foi feito na Tipografia São Benedito, à Avenida do Contorno, 2026.

ERA UMA VEZ... 588

Inquestionavelmente, umas das melhores revistas no gênero publicadas no Brasil. É uma publicação excelentemente apropriada à inocência infantil, diversa de tantas quantas por aí circulam, impregnadas de conceitos e máximas impuras, ou destacando cenas de violência ou de banditismo, tão nocivas à formação das crianças.

Fundada e dirigida por Vicente Guimarães, que anteriormente dirigira *O Bebê* e *Caretinha*.

Era uma vez... começou a encantar a garotada a 15 de abril de 1940 e até hoje se mantém com toda galhardia. Publicava-se quinzenalmente, passando a ser mensal em janeiro de 1944.

Devemos salientar ter sido esta publicação a primeira que aqui obteve e usou em suas edições o papel de linha d'água.

Grande número de páginas, fartamente ilustradas, de acordo com a sua especialidade.

Tiragem de 6.000 exemplares.

Apesar de tratar-se de revista tão conhecida e de grande circulação, nada mais podemos falar sobre sua vida, pela falta da respectiva coleção.

O SINO DE S. EPHIGENIA 589

De todos os *Sinos* foi este o que menos badalou, pois apareceu e desapareceu no mesmo ano. Surgiu a 28 de abril de 1940 e, como todos os seus companheiros, desapareceu a 29 de dezembro, com o número 36.

Tiragem de 500 exemplares.

CULTURAL 590

Em junho de 1940, foi dado à publicidade o primeiro número desta revista, que trouxe a declaração de número especial e não número 1. Os seguintes tomaram os números 2 e 3, aquele de setembro e este de novembro-dezembro, o último aliás que circulou. Alguns exemplares da edição de setembro saíram inexplicavelmente com o número IX.

Propriedade da Publicidade Rex Ltda., tendo como tesoureiro o Sr. J. Menezes, como consta do referido número especial. Nos outros números consta o Sr. Agrípio Martins de Menezes como diretor, o Sr. Hélio Vaz de Mello como redator-chefe e o Sr. Ismael Ramos como redator.

Formato de 27 x 12,5, com 20, 44 e 48 páginas, não numeradas, nos números 1, 2 e 3, respectivamente.

Impressa na Tipografia Renascença, à Rua dos Carijós, 586.

Cabeçalho uniforme e capas variadas.

Cultural, cuja parte gráfica foi muito bem-executada, trazia muitas ilustrações e texto variado sobre literatura, variedades, noticiário, sociais, etc.

O MICROFONE 591

Jornal radiofônico que teve por diretor-responsável o competente e conhecido maestro e compositor Elias Salomé, uma das mais salientes figuras de nosso meio artístico, e por gerente, o Sr. G. P. Silva.

Publicou oito números, o primeiro a 1º de julho de 1940 e o último a 16 de outubro seguinte.

Formato de 42 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

Impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 2.000 exemplares.

Como *O Pandeiro*, dedicava-se exclusivamente ao rádio e às suas atividades. Profuso em ilustrações, principalmente retratos de artistas e cantores.

O título e as gravuras da primeira página impressos em cor, uma para cada número. Tal processo dava destacado aspecto ao jornal, chamando bastante a atenção do leitor.

O Microfone fez época no seio dos apreciadores de sua especialidade, pela variada e escolhida matéria publicada.

JORNAL DO ESTUDANTE 592

A 12 de julho de 1940, era publicado o número 1 de *Folha do Estudante*, órgão oficial da União dos Estudantes de Minas Gerais. Direção do universitário Marcelo Coimbra Tavares.

Formato de 43 x 26, quatro páginas e quatro colunas. Impressão de *Folha de Minas* e tiragem de 1.000 exemplares.

Apresentando-se, disse que vinha *com o propósito firme e decidido de levar aos seus colegas do Brasil a afirmação da cultura e da inteligência dos estudantes mineiros e a participação eficiente nos problemas da nossa nacionalidade.*

Escolhida colaboração, toda de defesa e engrandecimento da classe.

Com o número 2, de agosto seguinte, passou a ter o nome de *Jornal do Estudante* e a ser órgão da União Universitária Mineira. Na direção continuou o universitário Marcelo Coimbra Tavares e como redatores entraram os Srs. Sílvio Vasconcellos, Renato Azeredo e Silvestre Resende.

Publicou somente sete números, sendo o último em agosto de 1941. O número 8 já estava pronto, mas não chegou a circular por proibição do DIP, que lhe negou registro!

O número 3 saiu em setembro de 1940 e os números 4, 5 e 6 em março, maio e junho de 1941, respectivamente.

Impressos nas oficinas de *Folha de Minas* os números 2 e 3 e na Gráfica Queiroz Breyner

Ltda., os seguintes. Tiragem de 1.000 exemplares.

Infelizmente, não conhecemos os números do *Jornal do Estudante*, razão por que não podemos descrever a sua parte material. As informações constantes destas notas nos foram gentilmente fornecidas por seu ilustre diretor, Dr. Marcelo Coimbra Tavares. Só temos o número 1, que é da *Folha do Estudante*.

O *Jornal do Estudante* viveu de anúncios, pois jamais recebeu qualquer auxílio dos poderes públicos ou da Universidade.

UNIVERSITÁRIO 593

A 24 de agosto de 1940, mais um jornal de acadêmicos surgia no cenário de nossa imprensa. Foi o *Universitário*, órgão do pensamento dos estudantes mineiros. Saíram apenas cinco números, sendo o último a 1º de novembro seguinte.

Publicação quinzenal anunciada, mas não seguida rigorosamente.

Seu corpo de direção esteve entregue a distintos membros da classe, como se segue: diretores, Srs. Luís Gonzaga e Oliveira e Odair de Oliveira e, mais tarde, também o Sr. Paulo Gomes, antes redator; secretários, Srs. Celso Teixeira Brant e Wilson Veado e redatores, diversos acadêmicos.

Formato de 43 x 29, oito páginas e número incerto de colunas, três a cinco, sem filete de separação, o que lhe dava agradável aspecto. Cabeçalho sempre o mesmo. Simplificado, era reproduzido na última página, em tipo menor.

Impresso na Tipo-Arte, à Rua dos Guaicurus, 503, com a tiragem de 1.000 exemplares.

Redação à Rua Uberlândia, 290.

Ótimo jornal, de escolhida matéria, como estudos sociais, literatura, artigos sobre palpitantes assuntos de interesse geral, etc. Enfim, uma das publicações mais destacadas de nosso meio universitário.

REVISTA DOS CONSTRUCTORES 594

Só conhecemos os números 1 e 3 desta revista, aquele de agosto de 1940, e este de abril de 1941.

Diretor, Dr. Roque Moret Telles.

Ilustrada com retratos de conhecidos construtores, vistas panorâmicas e de edifícios.

Redação à Rua Pernambuco, 1280, depois 989.

Seu programa está definido neste trecho do artigo com que se apresentou:

... E assim se impunha a publicação de um órgão de interesse da laboriosa classe, não só para reunir e coordenar as suas aspirações, mas também para enfeixar todas as informações que lhe s jam úteis e debater os complexos assuntos que se prendem, direta ou indiretamente, à sua profissão.

Formato de 24 x 16, 20 a 30 páginas e ordinariamente três colunas.

Cabeçalhos diferentes, tanto o externo como o interno. Capas também diferentes.

Impressa em bom papel, mas em local que não pudemos identificar.

A falta de dados não nos permite maiores detalhes.

NOTICIA ESPIRITA 595

Órgão oficial da União das Sociedades Espíritas Mineiras. O primeiro número é de agosto de 1940, como nos informou seu ilustre diretor.

Vamos descrever este jornal tomando como padrão o número 4, de novembro, único exemplar que conseguimos obter.

Publicação mensal e impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Diretor, Dr. César Burnier Pessoa de Mello; secretário, Sr. Efigênio de Salles Vitor; gerente, Sr. Atílio Ziviani; redatores, Srs. Ferreira Neto, Dr. Tito Fulgêncio Alves Pereira e Eduardo Porto, e diretor de Propaganda e Difusão, Sr. Oscar Coelho dos Santos.

Formato de 27,5 x 20, oito páginas e quatro colunas.

Redação e administração à Praça do Cruzeiro, 127.

A palavra *Espirita* era estampada sobre a palavra *Noticia*, ficando assim o título reduzido à metade da extensão que teria se as duas estivessem colocadas seguidamente.

Distribuição gratuita.

É escusado acrescentar qualquer coisa sobre o fim colimado por esta publicação. O número que temos à vista traz variada colaboração.

BOLETIM QUINZENAL DO COMERCIO E DO TRABALHO 596

Publicação oficial do Serviço de Comércio da Secretaria da Agricultura.

Publicou o primeiro número a 16 de novembro de 1940. Era mimeografado e de distribuição gratuita.

Formato de 32,5 x 22,5, 14 páginas em média e tiragem de 2.000 exemplares.
Em abril de 1942 saiu o número 21. Temos fortes razões para considerá-lo o último.

O CONTADOR 597

O Contador conta três fases, todas curtas e de pouca ou quase nula produção, como se verá.

Primeira fase — Deu apenas seis números, o primeiro em novembro de 1940 e o último em igual mês de 1943.

Órgão do corpo discente da Faculdade de Comércio de Minas Gerais, que funciona à Avenida Augusto de Lima, 104.

Todos os números com absoluta e rigorosa feição material, da primeira à última página. Em dois retângulos colocados de cada lado do título estampou os seguintes dísticos: no da esquerda — *Usa de tua profissão como um instrumento, glorificando-o pelo teu valor moral*; no da direita — *Não sejas, entretanto, um instrumento de tua profissão, porque essa é a triste maneira de aviltá-la.*

Formato de 42 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

Diretor-responsável, Sr. Mauro Guizan Vianna e depois o Dr. Miguel Pereira de Lacerda, e redatores principais, Srs. Guaraciaba Chaves, Cid Infante Vieira, Wilson C. Araújo, José da Costa Júnior, Nelza Amélia Rocha e Feliciano Oliveira.

Segunda fase — Início a 21 de setembro de 1948, adotando nova numeração de ano e de edições. O segundo número é de 21 de outubro e o terceiro de 21 de novembro, únicos acusados em nosso fichário.

Agora é órgão da Escola Técnica de Comércio de Minas Gerais, nova denominação da Faculdade.

Formato consideravelmente reduzido. Passou a ter 20 x 14, quatro páginas e três colunas. Tiragem de 1.500 exemplares e impressão da Tipografia São Rafael, estabelecida à Rua Pouso Alegre, 2135. Não menciona sua direção.

Cabeçalho alterado do número 2 em diante, com a inclusão, à esquerda, do emblema da Escola.

Não sabemos até quando durou esta fase.

Terceira Fase — Em setembro de 1952 ressurgiu e, como na fase anterior, com nova numeração do ano e das edições.

No cabeçalho, dois retângulos, o da esquerda do título com esta inscrição — *Não seja um instrumento da sua profissão* e o da di-

reita com esta outra: *Esta é a única maneira de aviltá-la.*

Diretor, Sr. Jacy Garrido e Sousa e redator-chefe, Maria Elmira Caixeta.

Formato de 23 x 20, quatro páginas e quatro colunas.

Impresso na Gráfica UPC, à Rua Rio de Janeiro, 858.

Jornal bem-redigido, contendo boa colaboração sobre assuntos de interesse da classe que representa.

Todas as seções próprias de jornais são neste muito bem-representadas.

BOLETIM DA SOCIEDADE MINEIRA DE MEDICINA VETERINÁRIA 598

Publicou apenas dois números, em dezembro de 1940 e dezembro de 1942.

Diretor, Dr. J. J. Carneiro Filho e secretário, Sr. Eduy Catão.

Tiragem de 1.000 exemplares. Impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351. Formato de 20 x 11 e coluna aberta.

Sua especialidade está descrita no próprio título. Matéria variada, subscrita por competentes técnicos.

ARQUIVOS MINEIROS DE LEPROLOGIA 599

Órgão oficial da Sociedade Mineira de Leprologia, de publicação trimestral, anunciada.

Primeiro fascículo datado de janeiro-fevereiro de 1941. O segundo só saiu em abril de 1944.

Tem por legenda: *Domine, si vis, potes me mundare.*

Diretores, Drs. Valério T. Resende, Abrahão Salomão, Antônio Carlos Horta e José Mariano (gerente).

Impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com o formato de 18 x 11.

REVISTA MARIANA 600

Literária, recreativa, social, missionária e pedagógica, eis o que estampava no cabeçalho.

Primeiro número em março de 1941.

Inicialmente, publicação mensal e depois bimensal.

Formato de 20 x 13, número variável de páginas, duas colunas e tiragem de 2.000 exemplares. Capas e cabeçalhos diferentes.

Impressa em várias oficinas, como Tipografia Castro, à Rua Tiradentes, 101 e *Folha de Minas.*

Diretor, Sr. Plácido Corrêa de Araújo.
Esta revista era editada sob os auspícios do Centro Apostólico I.C.M., devendo sua fundação aos Padres da Congregação C.M.F., que a lançaram em substituição à revista *Lourdes*, que teve longa existência, 26 anos (1913-39), batendo assim o recorde de tempo de todas as publicações locais, não se contando o órgão oficial.
Publicação puramente católica, não necessitamos salientar a natureza de sua colaboração, aliás de primeira escolha.

O IPEEME 601

Órgão dos alunos do Instituto Padre Machado, o acreditado estabelecimento de ensino fundado em S. João Del Rey e para aqui transferido. Só publicou dois números, o primeiro a 12 de julho e o segundo a 7 de setembro de 1941.
Dirigido pelos alunos do Instituto, um de cada ano dos diferentes cursos, ginasial, admissão e primário.
Formato de 32 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas. O mesmo cabeçalho nos dois números, reproduzido inalterado na última página. Impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 500 exemplares. Redação à Rua do Espírito Santo.
Muito bem impresso e de feição agradável, só publicava produções dos alunos sobre assuntos vários.
O Ipeeme teve a orientação do laureado Professor J. Etienne Filho.
Abelha foi o anterior jornalzinho do corpo discente do Instituto Padre Machado, quando ainda em S. João Del Rey.

MINAS TENIS 602

Primeiro número propriamente dito não tem esta revista. Faz-lhe as vezes, aliás de maneira condigna, um belo álbum ilustrado, que foi distribuído em julho de 1941, com o título de *Minas Tenis Clube*.
Foram seus organizadores os Srs. Francisco Fernandes e Gastão Fernandes dos Santos.
Este álbum, verdadeiro trabalho de arte gráfica, impresso em papel superior, contém avultado número de finas gravuras, principalmente esportivas. É integralmente dedicado ao clube que lhe emprestou o nome, tratando com minúcia de todas as atividades de seus diferentes departamentos.
A par de esportes, também nele figuram outros assuntos e até música, pois em uma de

suas páginas se encontra o hino do Clube, letra e música do festejado maestro Elias Salomé.

Páginas há verdadeiramente dignas de encômios, pelo gosto artístico revelado e a harmoniosa disposição das gravuras.

Formato de 27 x 18, 84 páginas sem numeração, com duas ou três colunas. Impresso nas oficinas gráficas de Velloso & Cia. Ltda., à Rua da Bahia, 939.

Só decorridos dois anos e meio foi que veio a lume o número 2, em janeiro de 1944, mas com o título abreviado para *Minas Tenis*.

Nesta fase teve esta direção: diretor-responsável o seu fundador, Gastão Fernandes; diretor-de-redação, Dr. Heli Menegale; e diretor-gerente, Sr. Francisco Fernandes dos Santos, a partir do número 5.

Capas diferentes e de belo efeito, ilustradas por Rodolfo até o número 4; por Mauro Chaves a do número 5 e por Francisco Fernandes a do número 6.

Formato de 23 x 15,5, número de páginas variável e duas ou três colunas. A edição de abril de 1945, que não trouxe numeração, corresponde ao número 6. Saiu um pouco maior, do tamanho do *Álbum*. Foi a última.

O cabeçalho muito variou, mas todos originais e expressivos.

Profusamente ilustrada com magníficas gravuras, esta fase não tratou somente de esportes. Manteve, outrossim, múltiplas outras seções, como literatura, sociais, aliás de grande realce, variedades, etc.

Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Minas Tenis, sem lisonja, teve uma brilhante trajetória, merecendo, por isso mesmo, ser emparelhada às melhores publicações de seu gênero.

CONSOLAÇÃO 603

Editada sob os auspícios da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Consolação e Correia e, logo depois, da Confraria de Nossa Senhora da Consolação, estabelecida no Colégio Santo Agostinho.

Diretores, até 1945, Drs. João Franzen de Lima, Leopoldo Fleury e Teódulo Pereira. Agora é seu diretor-responsável o Padre Luciano Tobar.

Há também um Conselho de Redação, composto de conceituados cavalheiros, senhoras e senhorinhas.

Redação e administração à Avenida Amazonas, 1803.

Impressa à Rua Hermilo Alves, 270, e na Tipografia Brasil, de Velloso & Cia. Ltda.

Publicação mensal e de numeração contínua. Formato de 19 x 12, com páginas inicialmente numeradas por edição e depois por ano. Tiragem de 950 exemplares. Capa rigorosamente igual, o que não tem acontecido com o cabeçalho.

Consolação iniciou a publicação em julho de 1941 e tem sido publicada com bastante regularidade.

Revista puramente católica, contém variada matéria e escolhida colaboração, além de grande quantidade de ilustrações.

O SACI 604

Órgão da Biblioteca Infantil Caio Martins, do Departamento Infantil do Minas Tenis Clube, até o número 4, e mais do Grêmio Momento Literário, a partir do número 5. Orientação de Tia Célia, pseudônimo da Senhorinha Célia Brandão, infatigável e competente educadora, que tão assinalados serviços tem prestado no setor de suas atividades.

O Saci fez a sua estréia em agosto de 1941. Neste ano publicou mais dois números, em setembro e dezembro. Nessa altura parou para voltar com o número 4, de fevereiro de 1944. Nova interrupção se verifica até outubro de 1947, quando retorna com o número 5. Ainda outra interrupção para reaparecer com o número 6, de janeiro de 1948. Daí para a frente nada conhecemos a seu respeito.

Formato de 28,5 x 20, quatro páginas e cinco colunas no número 1 e quatro nos seguintes. Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial e em uma tipografia estabelecida à Rua Hermilo Alves, até o número 4; o número 5, na Gráfica Queiroz Breyner e o número 6, na Gráfica Belo Horizonte, a Rua dos Tupinambás, 617.

Cabeçalho sem sensíveis alterações.

Muito artístico o título, cujas letras desenhadas reproduzem grossos troncos de árvores. Dentro da letra *O* destaca-se, assentada, a figura grotesca do Saci Pererê, com seu clássico barrete e pitando cachimbo. À direita uma fogueira crepitante.

A contar do número 5, esse belo desenho da Tia Célia apresenta-se retocado. Bastante feliz o retoque, dando com traços firmes e vigorosos, mais vida e maior realce ao desenho.

O Saci tem tido estas direções: até o número 3, diretor, Mauro Godói; redator-chefe, Tomé

Palhares e secretária, Teresinha Santos; no número 4 só aparece o nome do diretor, o mesmo do número anterior; no número 5, diretor Hennio Morgan Birchal; redator-chefe, Wander Moreira e secretário, José Pimenta; no número 6, o mesmo diretor, o mesmo secretário e redatores Meier Muroch e Wander Moreira.

Colaboração dos elementos do Departamento Infantil, sempre orientados e incentivados pela dedicação e competência de Tia Célia.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE MINAS 605

Primeiro número distribuído a 10 de dezembro de 1941.

Cabeçalho uniforme, trazendo à esquerda do título o emblema da Associação, cuja fundação data de 6 de janeiro de 1901.

No princípio publicava-se de 10 em 10 dias, passando mais tarde a quinzenal.

Formato de 27 x 20, quatro a seis páginas e três colunas. Impressão da Gráfica Queiroz Breyner, à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 5.000 exemplares.

Após longo período de interrupção, voltou a circular em janeiro de 1949, com o número 99, reduzindo o formato para 18 x 11 e aumentando, em compensação, o número de páginas, que variava entre 20 e 40.

Capa e cabeçalho da folha-de-rosto sem qualquer alteração.

Diretor, Dr. Joaquim Ribeiro Filho.

Com o número 135, de maio de 1952, encerrou a sua carreira. Para substituí-lo aí está a revista *Mensagem Econômica*, desde junho seguinte.

Tinha este boletim a precípua missão de orientar as classes conservadoras sobre todos assuntos comerciais, econômicos e financeiros. E muito bem o fez.

REVISTA DO INSTITUTO DA ORDEM DOS ADVOGADOS 606

Apenas dois volumes publicados até agora, um, em dezembro de 1941, e outro, em setembro de 1943, este editado nas oficinas de *O Diário*, e aquele, nas da Imprensa Oficial. Formato de 18 x 11.

Contém esta publicação valiosas teses e aprofundados estudos de Direito, de autoria de ilustrados cultores de nossas letras jurídicas.

SURSUM CORDA 607

Anuário do Grêmio Conde de Afonso Celso, do Colégio Sagrado Coração de Jesus, asso-

ciação literária fundada em 13 de julho de 1932. Não foi além do número de estréia, dezembro de 1941.

Mimosa publicação, de atraente feição e vistoso aspecto. Não só isso, porque o texto, muito variado e repleto de interessante colaboração das associadas do grêmio, davam-lhe particular encanto.

Formato de 18 x 11, com 44 páginas e coluna aberta. Impresso, ao que se nos afigura, na Editora São José, à Rua Moscovita, 87, Prado. A capa, além do título, reproduz, na parte baixa, a vista do edifício do colégio.

D.C.E. _____ _____ _____ 608

D.C.E. foi editado sob os auspícios do Diretório Central dos Estudantes, cujas iniciais lhe serviram de título. Órgão oficial dos discentes da Universidade de Minas Gerais. Seu primeiro número surgiu em 16 de abril de 1942 com esta direção: redator-chefe, Sr. W. Bacelar de Oliveira; diretor, Sr. Newton Cavalieri; redator-secretário, Sr. J. Sete Câmara Filho.

A 10 de dezembro seguinte veio o número 2, sob novos dirigentes: redator-chefe, o mesmo do primeiro número; diretor, Sr. Adélio Gomes Ferreira; redator-secretário, Sr. Nelson Selman.

Este número, único que possuímos dessa fase, tem o formato de 38 x 28, seis páginas e cinco colunas, ostentando à esquerda do título o emblema da Universidade.

Impresso na Tipografia Velloso, à Rua dos Guajajaras, 1540.

Mais de 10 anos depois, a 4 de setembro de 1952, ressurgiu em nova fase, começando de novo a numeração do ano e das edições. Agora, órgão oficial do Diretório Central dos Estudantes.

Formato de 39 x 29, 16 páginas e seis colunas, tiragem assinalada de 1.000 exemplares.

Diretor-presidente, Sr. Nelson Camargos Barreto; diretor, Sr. Hiram dos Reis Corrêa; redator-chefe, Sr. Humberto Agrícola Barbi; secretário, Sr. Domício de Sousa Martins; redatores, Srs. Zacarias Oliveira Barbosa e Fernando Mello Abreu.

Impresso na *Tribuna de Minas*.

A letra *C* do título gravada sobre o emblema da Universidade.

De outros números não damos notícia.

Além dos assuntos da vida universitária, comporta outras variadas seções.

ANUÁRIO DA CÚRIA METROPOLITANA 609

Publicação de grande utilidade, que muito se recomenda pelo método de organização e copiosa fonte de informações.

Foram publicados dois volumes, em 1941 e 1942, o primeiro distribuído em abril de 1942, e o segundo, em maio de 1943.

Não deve causar estranheza o suposto retardamento da distribuição, atendendo a que obras dessa natureza, meramente estatísticas, só podem ser divulgadas depois de findo o ano a que se reportar a matéria nelas contida, cuja apuração demanda tempo e cuidado.

O primeiro volume teve como organizador, Monsenhor José Augusto Dias Bicalho e o segundo, o Padre Armando De Marco, duas brilhantes figuras de nosso clero, secretários do Arcebispado nos anos respectivos.

O volume de 1941 saiu das oficinas gráficas da Estatística, com o formato de 22 x 14,5 e 38 páginas, e o de 1942, da tipografia do Sr. Carlos Neto, com o formato de 18 x 11 e 62 páginas.

Curia posteriorum curat era a legenda inscrita no primeiro volume e não reproduzida no segundo.

A tiragem de cada edição constou de 500 exemplares.

Como muitas outras, esta publicação sofreu os efeitos da guerra, com o encarecimento do papel e de todo o material gráfico, tendo por isso de suspender suas atividades.

O PROCEDER 610

O primeiro número deste jornal foi publicado a 15 de junho de 1942. Só saíram quatro, sendo o último em dezembro de 1943.

Órgão dos alunos da Oficina Escola Alfredo Pinto e por eles datilografado. Formato de 27 x 17, oito páginas e duas colunas.

O título, estampado em semicírculo, tem à esquerda a gravura de um aluno sentado em uma carteira, em atitude de quem escreve, e à direita um livro aberto intitulado — *Conselhos aos alunos*. São 10 esses conselhos, todos de ordem moral.

Estes dados se referem ao número 3, de 15 de junho de 1943, único que conseguimos obter. Ignoramos se os demais tiveram os mesmas características.

Dedicado exclusivamente à publicação de pequenas composições dos internos.

O RIO BRANCO 611

Em março de 1943, começou a circular o jornalzinho manuscrito do Grupo Escolar Barão do Rio Branco, intitulado *Vida Escolar*.

Por ocasião das festas comemorativas do centenário do nascimento do patrono do estabelecimento, realizadas a 20 de abril de 1945, passou a pequena folha a denominar-se *O Rio Branco*, em homenagem ao grande e inesquecível brasileiro.

Foi esse o primeiro número mimeografado e daí para cá tem sido dessa forma editado. Não conhecemos a fase em que era manuscrito. Da mimeografada só conseguimos obter o número 14, do ano IV, de 21 de abril de 1947. Traz três páginas e duas colunas, sendo utilizada somente a frente do papel.

Este pequeno jornal, que circula sob a orientação da competente técnica D. Irene Netto de Aguiar, insere em suas páginas interessantes trabalhos da lavra dos alunos.

A VOZ DO GRÊMIO 612

Foi em junho de 1943 que surgiu este jornal, órgão do Grêmio Barão do Rio Branco, do Ginásio Batista Mineiro.

Publicação mensal e impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 500 exemplares.

Saíram nove números, quatro em 1943, três em 1944 e dois em 1945, sendo o último datado de outubro-novembro.

Redator no primeiro ano, Sr. Antônio Sampaio; no segundo, Sr. Sebastião Almeida e no terceiro, Sr. José Alves da Silva Bittencourt.

Os números que conhecemos têm o mesmo cabeçalho, formato de 32 x 23, quatro páginas e quatro colunas.

Redação à Rua Ponte Nova, 555.

Boa e bem orientada publicação, colaborada exclusivamente pelos sócios do grêmio.

Encerrando suas atividades, foi substituída pelo *O Arauto*.

EXCELSIOR (2º) 613

Segundo jornal deste nome. Este é órgão dos alunos do Colégio Loyola, importante estabelecimento de ensino dirigido por Padres Jesuítas.

O primeiro número veio à luz a 31 de julho de 1943, dia de Santo Inácio de Loyola.

Publicação sem período determinado.

Formato de 29 x 21,5 até o número 15. O número 16, de abril de 1946, último que conhecemos, saiu com 32 x 22,5.

Diretor do número 1 a 4, o Padre Arlindo Vieira; redator-chefe nos números 1 a 4 e 11 e 12, o aluno Moacir M. Andrade, e nos números 5 a 8, o aluno José Lucas de

Vasconcellos A. Gomes. As outras edições nada mencionam.

Quatro a oito páginas. Duas colunas no número 1; quatro no número 2 ao 7 e três nos seguintes.

Foram estampados seis cabeçalhos: do número 1, do número 2, do número 3 ao 8, do número 9 ao 12 e 14-15, do número 13 e do número 16. Muito elegantes e artísticos os dos números 3 a 12 e 14-15, todos encerrando belos símbolos e alegorias.

O número 1 teve apenas o cabeçalho impresso; o texto foi todo mimeografado, somente em uma face do papel. Serviço de mimeógrafo executado com grande perícia. Do número 3 ao 8, impresso cada número em tinta de cor diferente e os seguintes, até o número 15, apenas com a primeira página colorida. Não menciona a oficina impressora.

À exceção da primeira, todas as edições foram ilustradas com vistas, retratos, grupos, etc.

Redação à Rua Gonçalves Dias, 1218.

Excelsior é um dos melhores jornais colegiais até agora aqui publicados. O que nele se lê mostra, à sociedade, o grau de adiantamento dos alunos do reputado estabelecimento de ensino, entregue à competência dos grandes educadores de todos os tempos, que são os filhos de Santo Inácio de Loyola.

VOZ INFANTIL 614

Jornal mimeografado, do Grupo Escolar Sandoval de Azevedo. Publicou somente cinco números, o primeiro, em julho de 1943 e o último, em junho de 1944.

Quatro páginas sem numeração e duas colunas. Formato de 30 x 18 e cabeçalho mais ou menos o mesmo.

Diretor dos três primeiros números, o aluno Paulo Pertence e dos outros dois, o aluno Mário Carlos de Mello.

Como todos de sua classe, colaborado exclusivamente pelos alunos do estabelecimento. Encontram-se nele breves composições, todas revelando o aproveitamento e adiantamento de seus pequenos autores.

Passou a ser impresso com o número 17, ano IV, de 18 de dezembro de 1947.

VINCULUM UNITATIS 615

Vinculum Unitatis é o órgão oficial da Ação Católica da Arquidiocese de Belo Horizonte.

O primeiro número foi distribuído em julho de 1943. Não trouxe numeração, nem data e ano de publicidade. O número 2 trouxe apenas o mês — agosto. Do número 3 em diante, foi então tudo normalizado, com a inclusão de todos aqueles indispensáveis esclarecimentos.

Formato de 18,5 x 12,5, 18 a 20 páginas e coluna aberta.

Os dois primeiros números impressos na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., e do número 3 para cá, nas oficinas de *O Diário*.

Publica apenas 10 números por ano, de março a dezembro.

Três tipos de capas já foram adotados: um, do número 1 ao 4-5, de novembro-dezembro de 1943; outro, do número 6, de março de 1944, ao número 4, ano III, de junho de 1945 e o último, do número 5, de julho, até o presente. O tipo das letras do título sempre o mesmo em todos os modelos de capa.

Dois setores da Ação Católica [J. F. C. e L. F. A. (Vida)] mantiveram, por algum tempo, cada um o seu órgão de publicidade, como se acha descrito nos competentes lugares deste trabalho. A direção daquela entidade, no entanto, achou mais acertado extinguir tais publicações avulsas e reuni-las em um só órgão e daí a fundação de *Vinculum Unitatis*, que, além de publicar os extintos boletins, divulga também tudo o que se refere aos demais círculos, anteriormente sem representação especial na imprensa.

Publicação eminentemente católica, nada precisamos falar sobre sua orientação. Só temos a dizer que é bem escrita e colaborada por influentes membros do catolicismo.

GERAÇÃO 616

Geração é um jornal de publicação irregularíssima. Basta considerar que, contando 10 anos de vida, só publicou 14 números. Pode-se dizer que se publica de geração em geração de acadêmicos...

Órgão oficial da União Estadual de Estudantes, deu o seu primeiro número em setembro de 1943, com 16 páginas e em pequeno formato. Trouxe esta legenda, não reproduzida nas edições posteriores — *Os estudantes mineiros lutam pela Democracia.*

Direção do então universitário Marcelo Coimbra Tavares.

Impresso nas oficinas de *Folha de Minas*, com a tiragem de 3.000 exemplares.

São estas as principais características da primeira edição, que nos foram fornecidas por

seu ilustre diretor. Infelizmente, não conseguimos obter nenhum exemplar da mesma. Depois dela, o primeiro número que conhecemos é o primeiro do ano terceiro, datado de fevereiro de 1945. Ignoramos a existência de outros anteriores, a não ser o inicial. Atualmente está no número 4, que é de setembro de 1952.

Sua direção varia freqüentemente, devido, com certeza, à renovação anual das turmas acadêmicas. Cada edição surge, por isso, com novos dirigentes. Citaremos em globo os nomes dos mesmos, no exercício das funções de diretor, redator e secretário, até o presente, e na ordem, de antigüidade: Srs. Júlio Barbosa, Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino, Wilson Figueiredo, Fausto Godoy da Matta Machado, Décio Vieira Ottoni, José Bento Teixeira de Salles, Fernando Dias Costa, Juracei Barros Gomes, Bernardino Machado de Lima, Celso A. Andrade, Maria Teresa Machado, Halley Garcia Rocha, José Cordeiro Porto, José Alfredo Baracho e Luís Alberto de Sousa. Alguns têm servido mais de uma vez, no mesmo, ou em cargo diferente.

O número 1 do ano 3º, com o formato de 42,5 x 29,5, e os restantes, com o de 42,5 x 29,5. Um cabeçalho para aquele número, e outro para os demais. Título branco em fundo preto, sendo o do referido número 1 maior e de letras diferente dos subseqüentes.

Além do seu principal objetivo, que é o de pugnar pelos interesses da classe, mantém outras seções sobre variados assuntos, tratados sempre com justeza, competência e elevado patriotismo.

Geração tem estado sempre vigilante, na estacada em defesa dos bons princípios e das grandes causas.

O GRÊMIO AFONSO CELSO 617

Jornal editado sob os auspícios do Grêmio Afonso Celso, do Ginásio do mesmo nome. Primeiro número em setembro de 1943.

Publicação mensal e impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Formato de 27 x 20, quatro páginas e quatro colunas. À esquerda do título traz um emblema constante de um círculo formado de anéis com uma abelha ao centro, circundada ao alto pelas palavras "Grêmio Afonso Celso" e embaixo pela legenda *Vis mea in labore*.

Muito bem-feito e de boa aparência.

Diretor, Sr. Juracei Barros Gomes.

JUVENTUDE MINEIRA 618

O Batista Mineiro tem um suplemento com o título supra, que está publicando desde a edição de setembro de 1943. Como vem paginado em separado do jornal e com numeração própria, resolvemos inclui-lo aqui como publicação distinta e independente.

Tem como diretor o jornalista Dr. Enéias Tognini e como redator o Sr. J. L. Silveira.

Formato de 26,5 x 18,5, quatro páginas e três colunas.

Colaboração de acordo com a sua finalidade que está implicitamente ligada à do *O Batista Mineiro.*

Impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

MINAS ESPORTIVA 619

Propriedade e direção dos Srs. João de Lima Pádua, Helvécio Ferreira de Carvalho e José de Araújo Cotta. Este passou depois a diretor-secretário. Retirando-se, foi extinto o cargo que ocupava, continuando os dois primeiros como proprietários e sendo a direção entregue aos Srs. Nilton Isaías e Renato Cairo que, com o número 13, de outubro de 1946, foram substituídos só pelo Sr. João Lino de Mattos.

O primeiro número desta revista foi posto em circulação no mês de novembro de 1943. O segundo só apareceu em dezembro de 1944, ou seja, mais de um ano depois. E aí parou.

Formato de 26 x 18, 32 páginas e três colunas. Impressa a edição inicial nas oficinas da Imprensa Oficial e as outras, na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351. Tiragem de 1.500 exemplares.

Cabeçalho, tanto de capa como da parte interna, sem alteração. Cada capa traz o retrato de um esportista em evidência.

Minas Esportiva dedicava-se a todos os esportes, mantendo em suas páginas boa colaboração, a par de muitas ilustrações relacionadas com a vida esportiva local.

O último número publicado foi o 14, ano II, de novembro-dezembro de 1946, mas só distribuído em fins de março de 1947.

PAYSANDÚ 620

Outra publicação esportiva — *Paysandú.* Folheto interno do Esporte Clube Paissandú, fundado em 1º de abril de 1932.

O primeiro número refere-se aos meses de janeiro-fevereiro de 1944.

Publicação mensal e direção do Sr. Renato Cairo.

Antes de iniciar a publicação ordinária, editou, em abril de 1942, um número especial, comemorativo do 10º aniversário da fundação do clube.

Formato de 19 x 13, 12 páginas, duas colunas e tiragem de 500 exemplares. Impresso na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Cabeçalho, tanto externo como interno, sempre o mesmo.

Paysandú teve por fins divulgar as realizações do Esporte Clube, incentivar aqueles que militam em seu seio e difundir a educação física.

Capas ilustradas, principalmente com retratos de esportistas.

TABELA 621

Mais uma publicação esportiva. Distribuía-se gratuitamente, nos campos de futebol, por ocasião de partidas.

Trazia a tabela dos jogos, além de notícias gerais sobre o futebol local, do Rio e de São Paulo.

Editada pela Organização Publicitária de Desportos, com escritório à Rua Rio de Janeiro, 1267. Esta informação consta apenas dos números 19 e 20.

Saiu o primeiro número a 26 de março de 1944 e o último, em setembro de 1945. Foram publicados 45.

Direção do Sr. Hilton de Oliveira.

Formato de 16,5 x 12, quatro páginas sem numeração e coluna aberta. Algumas edições ilustradas, de acordo com a natureza da publicação.

Teve três cabeçalhos: dos números 1 e 2; do número 3 ao 7; e do 8 ao fim. O último foi gravado, sendo o título em branco sobre fundo preto. De cada lado do título está um círculo, o da esquerda com a indicação do ano de publicidade e o da direita com a do número da edição.

Impressa nas oficinas de *O Diário* e Tipografia Cruzeiro, com a tiragem de 5.000 exemplares.

Redação à Rua Rio de Janeiro, 1267.

Publicação de feição muito original e grandemente apreciada nos centros esportivos, pela oportunidade das informações.

BULETIN 622

Editado sob os auspícios da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, cremos ser esta a

primeira publicação em idioma inglês aparecida no Estado. Pelo menos não temos notícia de nenhuma anterior. Em português só publicou, até agora, o artigo com que se apresentou ao público, em maio de 1944.

Publicação mensal, impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 600 exemplares.

Formato inicial de 24,5 x 17 e depois de 27 x 18, seis páginas até o número 8 e seis ou oito, daí por diante. Duas colunas na primeira página e três nas outras; a partir do número 20, duas em todas.

A primeira página sempre ilustrada com vistas ou assuntos ingleses. A parte interna, às vezes, também ilustrada com motivos diversos.

O cabeçalho sofreu, a partir de certo número, ligeira modificação. À esquerda ostenta o emblema social.

Diretor-responsável, Dr. Mozart Meniconi, e redatores, Srs. Edward Foulkes e James Heenan. Depois, com a retirada do Sr. James, ficou apenas o outro redator, entrando o Sr. Geoffrey Christian como administrador. Este exerceu o cargo de diretor da Sociedade até junho de 1946, quando foi nomeado Cônsul da Inglaterra em Santos. Com o número 19, de agosto, assumiu a redação o Sr. Paul Rainey e a administração o Sr. Norman Sutchiffe.

Este boletim publica unicamente artigos e composições dos alunos do curso de Cultura Inglesa, mantido pela Sociedade.

O número 20, da edição de setembro de 1946, foi repetido na de outubro-novembro.

OLIMPICA (1ª) 623

Revista ilustrada, dedicada exclusivamente à natação, basquetebol, voleibol, tênis e educação física.

Fundada pelos Srs. Paulo Ribeiro, Sânzio V. Mendes, Newton Santana e José Pinheiro, todos do Minas Tênis Clube.

Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 500 exemplares. Fotografias de José Pinheiro.

Formato de 24 x 16 e 16 páginas.

Não passou da primeira edição, publicada sem número nem data. Deduz-se, no entanto, pela leitura de uma nota do texto, que é de maio de 1944.

Capa ilustrada com a vista da piscina do Minas Tênis Clube.

Outra revista do mesmo nome apareceu em novembro de 1946.

MINAS JURIDICA 624

Excelente publicação mensal de doutrina, jurisprudência e legislação, de propriedade de Minas Jurídica Ltda.

O primeiro fascículo é de julho de 1944.

Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com o formato de 20 x 12.

Diretor, Dr. Eurico Trindade; redator-chefe, Dr. Maurício Chagas Bicalho; redator-secretário, Dr. Célio Goyatá e redatores, Drs. José Maria Lopes Cançado, Milton Campos e Motta Moreira.

BOLETIM DO CLUBE DOS FERROVIARIOS 625

Boletim de distribuição interna, destinado à defesa dos interesses dos sócios e da classe em geral dos ferroviários da Rede Mineira de Viação.

Primeiro número em julho de 1944.

Formato de 23 x 16, quatro páginas e duas colunas até o número 19, de fevereiro de 1946 e de 28,5 x 19,5, quatro páginas e quatro colunas do número 20, de abril em diante.

Até esse número um cabeçalho, tendo à esquerda a gravura de uma locomotiva. A partir do número 21, de maio, novo cabeçalho, com uma ilustração, também à esquerda, representando um trecho de linha e trabalhadores cuidando de sua conservação. O tipo do título foi também modificado.

A nosso ver, mais elegante o primitivo cabeçalho. Mal desenhado e mal gravado o segundo.

Diretor-responsável, Dr. Adolfo Portella e redator-chefe, Dr. Wilson Castello Branco. Só a partir do número 8 foi que seus nomes começaram a ser publicados.

Em setembro de 1946 este boletim encerrou sua carreira, com o número 25. Foi substituído pelo O *Ferroviário*.

Impresso nas oficinas de *Folha de Minas*, com a tiragem de 1.500 exemplares.

Além da matéria de sua finalidade, publicava todos os atos administrativos de interesse da classe.

ARQUIVOS DA ESCOLA SUPERIOR DE VETERINÁRIA 626

O primeiro volume destes *Arquivos* refere-se ao ano de 1943, mas só foi distribuído em meados de agosto de 1944.

Não tem data fixa de aparecimento. Será publicado sempre que houver matéria bastante para um volume.

Direção do diretor da Escola, o ilustre cientista, Dr. Alberto Monteiro Wilwerth.
Formato de 20,5 x 12,5 e 210 páginas.
Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 2.000 exemplares.
Trata-se de publicação rigorosamente científica, contendo selecionada colaboração de competentes professores do estabelecimento. Seu valor já está devidamente reconhecido e consagrado nos círculos de sua especialidade.

ACADÊMICO 627

Órgão dos interesses dos alunos da Academia Mineira do Comércio, que funciona à Avenida Amazonas, 302.
Surgiu a 5 de setembro de 1944. Não conseguimos o número 2. O número 3, de 24 de abril de 1946, foi o último.
Diretor do primeiro número o Sr. Dimas Perrin e secretária a Senhorinha Rute Trindade do Nascimento; do terceiro, diretores os Srs. Antônio B. Barbosa de Oliveria Júnior e Osvaldo da Motta Campos.
Formato de 27 x 20, quatro páginas e três colunas.
O cabeçalho da edição inicial traz de cada lado do título um retângulo contendo indicações peculiares à vida do jornal. No número 3, esses retângulos foram ocupados com a transcrição da sétima décima de *O Livro e a América*, de Castro Alves. Essa transcrição, no entanto, não se fez com fidelidade, pela omissão do quinto verso — *Quando no tosco estaleiro* — , o que prejudicou o sentido da composição. Transformou-se, assim, a décima em estrofe de nove versos. Com isso, até a própria disposição material foi atingida pela falta de simetria na colocação dos versos, quatro de um lado e cinco do outro.
O título tem ao centro a figura de Mercúrio, e aos pés desse deus mitológico está o Decálogo.
Tiragem de 500 exemplares. Impresso o número 1 na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, e o número 3 em uma tipografia situada à Rua Pouso Alegre, 2135.
Boa colaboração, com matéria variada.

O ESTUDANTE EM MARCHA 628

Curioso e original processo adotou este boletim para a escolha de seu nome. Fez uma espécie de plebiscito, para que os leitores sugerissem a denominação que melhor se adaptasse a seus fins. Enquanto aguardava o

recebimento de sugestões, os dois primeiros números saíram sem nome, que foi substituído por um enorme ponto de interrogação no frontispício.

Apurados os votos recebidos, a escolha recaiu no nome acima notado, tendo ganho o concurso Maria Eunice Medrado.

O primeiro número saiu em setembro de 1944, o segundo em outubro seguinte e o terceiro em novembro de 1946. Em setembro de 1947, saiu outro, sem numeração, que presumimos ter sido o quarto. É o último de que temos conhecimento. Ao que parece, não continuou.

Formato de 26,5 x 20, seis páginas, menos no 3, que trouxe 8. Geralmente, com três colunas. Nada informou sobre a direção, *tiragem e local da impressão*.

Publicação fundamentalmente católica, trazia variada matéria, toda subordinada a essa orientação. Nota-se que a colaboração é de jovens estudantes.

Tinha sua redação à Rua do Espírito Santo, 1047.

A VOZ 629

Em setembro de 1944, saiu o primeiro número de *A Voz*, órgão oficial do M. S. I. G. do Ginásio Tristão de Ataíde. Vinha anexo ao outro jornal do mesmo ginásio — *Espumas*. Aqui o incluímos por ter paginação à parte e numeração privativa.

Formato de 27,5 x 20, quatro páginas e três colunas.

Toda a matéria de autoria dos alunos de estabelecimento.

A VOZ DO INTERNATO 630

Pequeno jornal, de 18 x 13, quatro páginas e duas colunas, órgão dos alunos internos do Ginásio Tristão de Ataíde.

Datado de 28 de outubro de 1944, não trouxe numeração nem indicação do ano de publicidade.

Bem-feito e exclusivamente humorístico.

BOLETIM DA MATRIZ DOS SAGRADOS CORAÇÕES 631

Publicação semanal da Freguesia dos Sagrados Corações, cuja majestosa matriz se acha em construção à Rua Contagem, nas proximidades da Avenida Progresso.

Iniciou a publicação a 12 de novembro de 1944, sob a direção do Padre Guido Logger. Logo depois, assumiu a responsabilidade da direção o Sr. José Pimenta

Vieira, cujo nome nem sempre vem citado nas edições.

Os dois primeiros números trouxeram o formato de 26 x 18,5, quatro páginas e duas colunas ou coluna aberta. Com a edição de 26 de novembro, não numerada, mas que corresponde ao número 3, diminuiu o formato para 18 x 12,5, aumentando, porém, a quantidade de páginas para oito.

Três cabeçalhos distintos: dos números 1 e 2; do 3 ao 7 e do 8 para cá.

O número 28, de 20 de maio de 1945, é uma edição especial, ilustrada, com 28 páginas, comemorando o 1º aniversário da fundação da União Operária Padre Eustáquio, ocorrido dois dias antes.

Os dois primeiros números impressos na Tipografia Renascença, à Rua dos Carijós, e os outros nas oficinas de *O Diário*. A tiragem do primeiro número foi de 300 exemplares e dos seguintes de 1.000.

Por sua natureza, este boletim só publica matéria de caráter religioso e o movimento da vida paroquial.

O cabeçalho traz à direita as iniciais V.C.J.S. e à esquerda V.C.M.I.

TERRA DE SANTA CRUZ 632

Apenas três números deste jornal vieram à luz da publicidade. O primeiro saiu a 19 de novembro de 1944, tipo poliantéia, comemorando as bodas de rubi literárias de seu diretor, ou sejam, 40 anos ininterruptos de labores no campo das letras.

Somente oito meses e meio depois veio o segundo número, a 1º de agosto de 1945. O terceiro e último apareceu a 25 de dezembro seguinte.

Diretor, Sr. José Elesbão de Castro, consagrado escritor e poeta e alto funcionário federal, com exercício na Delegacia Fiscal. Diretor-gerente, Sr. Vasco da Costa Moreira.

O número 1 foi impresso na Gráfica São Bom Jesus, de Congonhas do Campo, de propriedade do velho e tradicional Santuário, hoje sob a direção dos Padres Redentoristas; o número 2, nas oficinas da *Folha de Minas* e o último em uma tipografia situada à Rua dos Guaicurus, 503. Números 1 e 3 com o formato de 44 x 30,5, e o 2 com 40,5 x 29,5 e quatro páginas. Cinco colunas em todos eles. Os números 1 e 3 vieram acompanhados de suplemento. Cada oficina impressora empregou um cabeçalho e um tipo de título.

Tiragem de 500 exemplares. Redação à Rua Amianto, 59 Horto.

Como dissemos, a edição inicial foi uma espécie de poliantéia, na qual se passou em revista a vida e obra do homenageado. Os outros dois apresentaram matéria variada, como literatura, crônicas, história, etc.

Terra de Santa Cruz teve feição inteiramente católica.

Desaparecendo de nosso convívio, reapareceu em Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, onde deu dois números, em julho e agosto de 1947. Em junho de 1948, deu outro número, mas este em Uberaba.

NACIONAL BANCÁRIA 633

Revista mensal econômico-financeira.

Diretor-proprietário, Sr. Geraldo Afonso Mendonça de Azevedo.

A 20 de dezembro de 1944 deu o primeiro número e em julho de 1945, o quinto e último.

Formato de 27 x 20, 50 páginas e duas colunas. Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Capa e cabeçalho sem qualquer alteração. Redação à Rua São Paulo, 1817.

Nacional Bancária foi uma revista de valor entre as de sua classe. Teve ótima acolhida dos entendidos no assunto, pela seleção de tudo quanto estampava. Ilustrações em todos os números.

LIBERDADE (2ª) 634

Com o título acima e datado de dezembro de 1944, foi distribuído, nesta Capital, farta e clandestinamente, na calada da noite de 2 para 3 de janeiro de 1945, um pequeno jornal, integralmente ocupado em severas críticas e ataques à Ditadura de lá e de cá.

Pela Polícia foram apreendidos todos os exemplares encontrados em mãos de particulares, é lógico, porque a natureza da publicação não permitia sua venda publicamente, à luz meridiana, em bancas de jornais.

Não precisamos dizer que, na ocasião, não passou desse número, tal a atitude e severa vigilância policial.

Formato de 27 x 18,5, quatro páginas e quatro colunas sem espaços vazios. Composição cheia e maciça de matéria editorial.

Foi editado, não como publicação local, mas como se tivesse por âmbito todo o território nacional, tanto que, no cabeçalho, não se

especificou — Belo Horizonte — e sim, *Brasil.*

É intuitivo que não citou o local de impressão. Se o fizesse, daria uma pista segura para descoberta de seu autor, e quem faz um jornal deste jaez tem o necessário cuidado de não deixar o mínimo vestígio de sua origem. Não obstante esta e outras precauções, foi seu diretor descoberto e preso com seus companheiros de lutas pelo ideal sagrado da libertação do Brasil das garras da nefanda Ditadura, de triste memória.

Em um retângulo da parte baixa esquerda, da quarta página escreveu: *Este jornal custou sacrifício. Ele é a luta que avança. Leia-o e passe-o para frente.* E esse apelo foi, como testemunhamos, religiosamente atendido por todos.

Este jornal, por seu feitio extremado e pelas peripécias que se seguiram a seu aparecimento, parecia fadado a não prosseguir, nem mesmo em tempo remoto. Foi essa a natural impressão de todos. Tal, porém, não aconteceu, porque, sem que ninguém esperasse, ressurgiu em segunda fase, a 1º de setembro de 1945, com o número 2.

Aí se apresentou publicamente, circulando livremente, apesar de ter sido notificado pela Polícia a não fazê-lo, sem prévio registro. Tão singular notificação não foi, porém, respeitada, sob o justo fundamento de que a outros jornais em franca e ativa publicação não se fizera a mesma exigência.

Ao ressurgir, fez o histórico completo e minucioso da verdadeira odisséia da feitura e distribuição do primeiro número, impresso em pequeno prelo manual, cuja fotografia estampou.

Dessa edição foram tirados 15.000 exemplares, sendo a maior parte distribuída por um grupo de rapazes, a desoras, por todos os recantos da cidade, mesmo os mais longínquos. O restante da edição foi remetido, com as devidas cautelas, para todos os pontos do País e daí a causa de no cabeçalho constar — *Brasil* — e não, Belo Horizonte. Teve, destarte, o caráter de publicação nacional, e não local.

Por mais de uma vez temos salientado o fato do aparecimento de inúmeros jornais políticos, em épocas de grandes campanhas eleitorais. Na presidencial de 1945 falhou a nossa observação, não se confirmando esse velho costume, tanto assim que só depois de estar a luta já em fase bastante adiantada foi que ressurgiu este jornal, para defesa e propa-

ganda da candidatura do excelso Major-Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República.

A facção contrária não fundou nenhum, mas até certa altura contou como seu legítimo representante *Folha de Minas*, jornal oficioso e defensor da candidatura do General Eurico Dutra.

Liberdade esteve com a U.D.N., sem no entanto representá-la oficialmente.

Descrevamos, para terminar, sua parte material.

Como dissemos, o primeiro número desta fase, segundo de publicação, saiu a 1º de setembro de 1945, dia da chegada a esta Capital do candidato oficial à presidência da República.

Publicação diária, vespertina.

Diretor, Dr. Simão Vianna da Cunha Pereira, o mesmo do número 1; redator-chefe, Sr. Humberto P. Soares e redator-secretário, Sr. Hélio Pellegrino, até o número 6. Do número 7 em diante, desapareceu da seção própria a citação desse cargo.

Formato de 49 x 32, quatro páginas e seis colunas. Com o número 21, mudou as letras do título.

A contar do número 8, trazia à direita do cabeçalho um retângulo ocupado, até o 21, com esta frase:

> *Nenhum de nós interromperá a jornada, porque a honra do Brasil lampeja em nossos escudos. Eduardo Gomes.*

A partir do número 22, foi essa frase substituída por estoutra:

> *O povo anseia por ver cumpridos e respeitados os princípios de educação republicana, que a atual geração herdou e cultiva. Eduardo Gomes.*

Na última página era reproduzido o título em letras menores, mas do mesmo estilo das do cabeçalho.

Os primeiros números de *Liberdade* saíram muito mal impressos, além de péssima revisão. Suas páginas eram verdadeiras fábricas de *pastéis*. Depois ficou tudo normalizado.

Redação e administração à Rua do Espírito Santo, 605.

Com o número 77, de 1º de dezembro seguinte, *Liberdade* encerrou suas atividades, deixando a arena justamente na véspera de ferir-se o grande pleito pelo qual tão denodadamente se batera.

A FAISCA (2ª) 635

Segundo jornal deste nome e o primeiro vindo à luz da publicidade em 1945. Saiu a 4 de março e desapareceu a 10, com o número 2.

Formato de 28,5 x 19,5, quatro páginas e três colunas.

No cabeçalho estampava: *Tudo vê, tudo ouve, tudo fala*. Está aí definido o seu programa.

Boletim oficial dos Amigos de Santo Antônio e do Eldorado Futebol Clube.

Fundado pelos Srs. Eden Neves e Odilon Barbosa.

Foi este o corpo de direção: diretor, Sr. Luís Lopes; secretária, Senhorinha Teresinha Albuquerque; gerente, Sr. Odilon Barbosa; redator-chefe, Sr. Eden Neves; redatores, Srs. Irani Lima, Cassiano Nunes Neto e Ibsen Correia Lima.

Tiragem de 500 exemplares e impressão das oficinas do *Estado de Minas*.

Redação à Rua da Bahia, 2743.

BOLETIM AGRICOLA 636

Em março de 1945 foi publicado o primeiro número deste boletim, editado pelo Departamento de Produção Vegetal da Secretaria da Agricultura. Dirigido pelo Sr. Anchieta Guimarães, diretor do referido Departamento.

Era mimeografado, tendo porém impressa a capa, que não sofreu qualquer alteração.

Destinava-se a difundir conhecimentos úteis aos agricultores.

Formato de 23,5 x 17,5, 20 e mais páginas e coluna aberta.

Com o restabelecimento do *Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária*, pela Portaria nº 39, de 17 de janeiro de 1947, do Secretário da Agricultura, foi declarado extinto este boletim, cujo último número saiu em dezembro de 1946, o 12, do ano II.

J.O.C.F. 637

Boletim da Juventude Operária Católica Feminina, um dos setores da Ação Católica, que aparece como suplemento de *Vinculum Unitatis*, como nele se declara.

O primeiro número é de março-abril de 1945.

Não há edição com o número 5, mas em compensação os números 4 e 6 tiveram suas duplicatas: um número 4 de novembro-dezembro de 1945 e outro de março de 1946 e um número 6 de abril-maio e outro a junho-julho de 1946.

Formato de 24 x 18,5 para os números 1 e 2 e quatro páginas. O número 1 com duas colunas ou coluna aberta e o número 2 com três. Do número 3 em diante, foi aumentado o formato de 26 x 19,5, seis a oito páginas e três colunas.

Um cabeçalho para cada um dos números 1 a 3 e outro do 4 para a frente. Cada cabeçalho com seu tipo de título. A partir do número 2, começou a estampar à esquerda do título o escudo da entidade que representa.

Impresso nas oficinas de *O Diário*, com a tiragem de 500 exemplares.

Trata apenas de assuntos católicos, com especialidade daqueles que dizem respeito ao setor de que é órgão.

VITAMINAS... 638

Semanário humorístico e satírico sem relações com o D.I.P. — Redator-Chefe-Diretor-Revisor e repórter responsável — Flix.

Além do título, só isso no cabeçalho da edição inicial. Nada de número, data e ano de publicidade. Foi, porém, distribuído a 21 de abril de 1945.

O número 2, que também não trouxe data, começou a publicar o número da edição e o ano de publicidade. A data só foi posta a partir do número 3, de 19 de maio, e assim mesmo ao alto das páginas internas, e não no cabeçalho, como é de uso corrente. Finalmente, jamais citou a localidade em que se publica!

Somente a leitura do texto poderá indicar esse indispensável pormenor e assim mesmo à pessoa conhecedora do meio ambiente. Fora disso, não.

Abaixo do título, em toda a sua extensão, gravuras de legumes vitaminosos e mais dois abacaxis simetricamente dispostos ao centro.

O título é formado de letras cujas hastes e travessões são representados por... bananas, e os pontos dos *i*, por... tomates. As reticências apostas ao título estão representadas por... nabos!

Vitaminas... é um jornal de humorismo fino, e não desse humorismo chula, piegas e imoral que vemos freqüentemente em certas publicações que trazem o falso rótulo de humorísticas.

Formato de 27 x 20, quatro páginas até o número 14 e oito em seguida, e sempre três colunas. Tiragem de 3.000 a 5.000 exemplares e impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda. Redação à Rua Artur Lobo, 156.

Com o número 27, de 9 de janeiro de 1946, suspendeu a publicação, só restabelecida a 6 de outubro seguinte, com o número 28. Voltou com quatro páginas e com a mesma feição material, salvo leve alteração no cabeçalho, no qual substituiu os antigos e correspondentes dizeres por estes: *Semanário independente, sem partido.*

O número 34, de 18 de novembro de 1947, que, por engano, trouxe o número 44, foi o último publicado. O engano começou na anterior edição.

Flix, redator deste jornal, é o pseudônimo do ilustre cronista e jornalista, Dr. Félix Fernandes Filho.

O número 2, de 28 de abril, foi apreendido pela Polícia. Quando isso se verificou, poucos exemplares restavam nas bancas de jornais, pois quase toda a edição já se encontrava em mãos do público. Motivou a apreensão a reprodução fotográfica de certo documento. Ao ressurgir, reeditou o mesmo documento, cuja primeira publicação tantas horas amargas custou a seu diretor. A reedição, no entanto, nada lhe custou, porque os tempos mudaram, são outros, bem diversos.

REVISTA DO CFO 639

As iniciais que formam o título desta revista significam — Curso de Formação de Oficiais. Foram publicados oito números, o primeiro, em abril de 1945 e o último, o 2º do ano II, em fevereiro de 1946. Os números 2 e 3, correspondentes a maio e junho, saíram em um só fascículo.

Diretor e redator-chefe, Capitão Antônio Heliodoro dos Santos.

Formato de 20 x 13, 48 páginas e duas colunas.

Capas coloridas de um só modelo para todas as edições, com estas características: em cima o título e abaixo dele a inscrição — *Departamento de Instrução.* Ao centro, uma gravura representando o grande pórtico de entrada do D. I., no Prado. Na parte baixa um emblema militar e — *Força Policial de Minas Gerais.*

No verso da capa se encontra o cabeçalho interno. Abaixo do título, um livro aberto e por trás dele, cruzados, um sabre e uma pena. No livro, os versos de Castro Alves *Nem cora o livro de ombrear com o sabre. Nem cora o sabre de chamá-lo irmão,* cada um em uma folha.

Impressos nas oficinas gráficas da Força Policial os três primeiros números e os restantes, nas oficinas de *O Diário*. Todos os números profusamente ilustrados. Tiragem de 1.200 exemplares.

Além da colaboração técnica sobre assuntos militares, inseria outras seções, como noticiário, sociais, esportes, humorismo, curiosidade, literatura, charadas, xadrez, etc.

Em resumo, uma boa revista, contendo matéria variada, portanto, para todos os gostos.

d x 640

Órgão do corpo discente da Escola de Engenharia. Diretor-responsável, Sr. Saulo Pires Vianna; diretores, os conselheiros do DEE; redatores, Srs. Aimoré Dutra Filho, Paulo Gaetani e Roberto A. Galvão; colaboradores, os alunos da Escola.

Tem vida própria e autônoma, mas constitui um suplemento da revista *D.E.E.*, sem, no entanto, estar a ela anexado materialmente. É um suplemento sem o ser, um suplemento virtual, *in nomine*.

Seu aparecimento se verificou a 21 de maio de 1945, data mui grata a seus fundadores, pois nela se comemorava o 34º aniversário da fundação da Escola de Engenharia, um dos mais reputados estabelecimentos de ensino superior do País.

Formato de 27 x 20, oito páginas e duas ou três colunas, conforme a natureza da matéria publicada. As letras do título estão colocadas de cada lado de uma roda denticulada e nesta escrito, na parte superior — *Engenharia, e na parte inferior* — *U.M.G.* Dois retângulos laterais no cabeçalho, com dizeres peculiares à publicação. Impresso nas oficinas de *O Diário*, com a tiragem de 500 exemplares.

Bastante modestos os distintos moços fundadores deste jornal, dando-lhe o nome de *d x*, que em Matemática significa o infinitésimo. Nada de infinitamente pequeno é ele, muito pelo contrário, é uma excelente publicação, digna de seus talentosos e operosos diretores.

ATLANTIDA (2ª) 641

Há tempos, tivemos uma revista com este mesmo nome.

O primeiro número da publicação de que vamos tratar foi distribuído em fins de maio de 1945. Ainda circula com relativa regularidade.

Editada sob os auspícios da Sociedade Ferroviária, organização que objetiva construir

e manter um Sanatório para internação gratuita de empregados da Rede Mineira de Viação, atacados de tuberculose. Ao encontro de tão elevada e filantrópica iniciativa, veio o Governo do Estado, autorizando, pelo Decreto nº 1689, de 25 de fevereiro de 1946, o diretor da Estrada a construir um edifício para aquele fim, podendo para isso despender até dois milhões de cruzeiros.

A capa do primeiro número estampou o retrato de Roosevelt, prestando assim justa homenagem ao grande democrata mundial, falecido a 12 de abril de 1945. As capas dos números posteriores trazem motivos vários. O tipo do título da capa e da folha-de-rosto, sempre o mesmo.

Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, e em outra oficina não-declarada nas edições, tiragem de 2.500 exemplares.

Publicação mensal, com o formato de 23 x 16 e duas ou três colunas. O número de páginas tem variado bastante.

Diretor-redator-responsável o Sr. Álvaro Mário Teixeira da Silva, que depois passou só a proprietário. Em seguida foi a propriedade transferida para o Sr. Sílvio Fernandes da Silva, que assumiu a responsabilidade da direção. O lugar de diretor-secretário foi exercido inicialmente pelo mesmo Sr. Sílvio, que teve por substituto o Sr. Gil de Sousa Rocha. Redação à Rua Monte Carmelo, 99, depois à Rua Matias Barbosa, 173, e finalmente à Rua Nepomuceno, 395.

Os números até agora publicados muito bem colaborados, com assuntos de interesse geral, como literatura, esportes, sociais, modas, cinema, charadas, etc. Publica, outrossim, todos os atos oficiais da direção da Rede.

Ilustrações finamente gravadas.

LIBERTADOR 642

A vitória da Nações Unidas contra o monstro alemão alterou fundamentalmente o panorama político e social do mundo, principalmente pela ação decisiva da Rússia Soviética, com seus formidáveis exércitos, em arrancadas memoráveis na parte oriental da luta. O reflexo de tal situação não se fez esperar no Brasil. Bruscas e inevitáveis transformações se operaram então e, entre elas, culminou o ressurgimento do Partido Comunista, havia tempos com suas vozes e atividades abafadas e condenadas pela Ditadura.

Conseqüentemente, veio a arregimentação do partido, o que se fez rapidamente, pela constituição de núcleos ou células instaladas em quase todas as divisões administrativas do País. O de Belo Horizonte não tardou e para representá-lo foi fundado o órgão oficial de propaganda.

Assim surgiu *Libertador*, a 16 de junho de 1945, que não chegou a contar quatro meses de vida, pois a 6 de outubro seguinte desaparecia, com o número 17.

Publicação semanal, aos sábados. Formato de 43 x 30 até o número 8, de 4 de agosto. Com o número 9, de 11, foi o mesmo aumentado para 48 x 30. Ordinariamente com quatro páginas e sempre com cinco colunas. Com o aumento de formato, mudou o tipo das letras do título, logo depois substituídas por outras maiores, a partir do número 11, mas rigorosamente do mesmo estilo.

Dirigido pelo Sr. Clemente Luz. A partir do número 12, de 1º de setembro, apareceram os Srs. Fritz Teixeira de Salles e Wilson Augusto de Figueiredo, como redator-chefe e secretário, respectivamente.

Até o número 7, de 28 de julho, trouxe à direita do título um retângulo com esta afirmativa do Sr. Luís Carlos Prestes: *A não ser com o povo, não temos compromissos com ninguém.* No número 8, esse retângulo passou a ser ocupado pela declaração do preço do jornal, 20 centavos, o mais barato de todos da época. Com o número 9, passou a ter mais um retângulo, à esquerda, com o nome do diretor e local da redação. O da direita continuou como dantes.

O título sempre reproduzido na última página, em ponto menor.

De cada lado do título da última página e a contar do número 10, começou a estampar um retângulo, com frases sobre a política que defendia.

Impresso na Tipografia Cruzeiro, sita à Rua Curitiba, 581, onde também se localizava a administração. Redação instalada em uma sala do edifício Mariana.

Deste jornal só temos a dizer que bem defendeu a sua ideologia.

REVISTA BANCÁRIA 643

A 14 de julho de 1945 apareceu o primeiro número desta revista, sob a direção do Dr. Helton Brant Aleixo.

No frontispício alinha a matéria de seu programa: *Direito, economia, finanças, administração, indústria, comércio, pecuária, literatu-*

ra, diversos — rádio, cinema, teatro, música, sociais, esporte.

Como se observa, além de seu principal objetivo, expresso no título, estendeu largamente o âmbito de suas atividades. Uma revista de assuntos gerais, com uma parte especializada — a bancária.

Diretor, como já dissemos, Dr. Helton Brant Aleixo; secretária, Senhorinha Maria de Lourdes Oliveira; gerente, Sr. Adelchi Ziller. Formato de 23 x 14,5, 55 páginas e três colunas.

Capa de Rodolfo, impressão da Tipografia Velloso & Cia. Ltda., à Avenida Afonso Pena, 740, e tiragem de 1.000 exemplares. Redação à Avenida Paraúna, 451.

Ótima publicação, cujo desaparecimento é de se lamentar, pois pelo número de estréia muito prometia.

REVISTA DE IDENTIFICAÇÃO E CIÊNCIAS CONEXAS 644

O primeiro número desta revista foi distribuído a 23 de julho de 1945. Tem por diretor o Sr. Raul Pedreira Passos, competente chefe do Serviço de Identificação da Polícia de Minas e reputado técnico da ciência de Locard.

Publicação semestral e impressão das oficinas da Imprensa Oficial.

Formato de 18,5 x 11, com grande número de páginas.

Nada tem de comum com a antiga *Revista de Identificação*. Não se trata de nova fase, e sim de outra publicação, sem nenhuma ligação com aquela, não obstante a direção e finalidade.

Pelos trabalhos até hoje publicados, é de esperar-se que tenha vida tão brilhante quanto a de sua predecessora, cujo valor já tivemos oportunidade de realçar.

O DIARIO ESPORTIVO 645

Como ele próprio disse, era uma espécie de apêndice de *O Diario*. Classificou essa iniciativa como a primeira do gênero.

Primeira edição datada de 26 de julho de 1945. Publicação semanal, às quintas-feiras.

Direção dos Srs. José de Araújo Cotta e J. Etienne Filho, conhecidos esportistas e técnicos no assunto. Com o número 33, de 14 de março de 1946, o Sr. Etienne Filho deixou a direção, por se ter mudado para o Rio de Janeiro.

Formato de 36 x 24, 12 páginas e cinco colunas. Capas alusivas ao gênero de publicação.

Propriedade da Boa Imprensa S. A., e impresso nas oficinas de *O Diario*.

Texto variado sobre todos os esportes e profusamente ilustrado com gravuras correspondentes às notícias publicadas. Até hoje, a melhor publicação esportiva cá da terra e a que mais durou, apesar de ter durado pouco. Não é preciso proclamar que teve grande circulação, porque na época que atravessamos, o futebol a quase todos empolgou e tudo avassalou. E ai do jornal que não consagrar a este gênero de esporte desenvolvida seção. Se isso não fizer, verá irremediavelmente suas edições encalhadas nas agências e bancas.

O Diario Esportivo não tem os números 23 e 24, por se ter saltado a numeração de 22 para 25. Outro cochilo se verificou, com a falta de numeração de uma edição entre os números 46 e 47.

Ninguém se admire deste remate: com o número 68, de 28 de novembro de 1946, *O Diario Esportivo* encerrou a sua vida, que tão brilhante fora. Encerrou-a *ex-abrupto*, porque nada disse a respeito naquela edição. De fato, foram publicados apenas 67 números, à vista do que atrás esclarecemos, e não 68.

Redação à Rua dos Goitacazes, 76.

O CADAFALSO 646

Com um título destes a infundir terror, a impressão de todos, quando dos profusos anúncios do próximo aparecimento de *O Cadafalso*, foi de que se trataria de um jornal diferente, de crítica acerba e mordaz e de análises severas de pessoas, usos e costumes, em suma, de um autêntico *cadafalso*, de visão aterradora.

Nada disso. Apareceu apenas um jornal literário, muito bem-feito, desfazendo por completo o significado do título. Mas nem assim venceu, porque não passou do primeiro número, publicado a 2 de setembro de 1945. Foi, portanto, a única vítima de si próprio.

Direção dos Srs. Simão Pedro Casasanta e Domingos Jório Filho.

Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351, com a tiragem de 1.000 exemplares.

Cabeçalho gravado, sendo as letras brancas sobre fundo preto. Abaixo dele lê-se: *Tudo*

pelo Brasil, pelas letras e pela verdadeira cultura humana.

Formato de 39 x 28, seis páginas e cinco colunas. O título, em outro estilo, era reproduzido na última página.

Redação à Rua Professor Morais, 635.

O PODER 647

Jornal espírita, fundado e dirigido inicialmente pelo Sr. Arlindo Corrêa da Silva e depois por diversos.

Até hoje com três formatos: 27 x 19 e 4 colunas; 37,5 x 27,5 e cinco colunas; e 48 x 34,5 e sete colunas. Quatro páginas em todos. Tiragem de 800 a 1.000 exemplares.

O primeiro número é datado de 18 de outubro de 1945.

Redação, administração e oficinas à Rua Rio Casca, 307.

No programa com que se apresentou disse:

> *Este jornal é uma trincheira da liberdade religiosa. Lutaremos pelo Espiritismo e pelas sociedades que representam o patrimônio de independência, de luz e de cultura do povo brasileiro.*

Já era bastante adiantado na publicação, razão por que não podemos dar melhores detalhes a seu respeito, pela falta absoluta de dados e elementos. Possuímos tão-somente números avulsos e de numeração muito salteada, que não oferecem base suficiente para minuciosa e melhor descrição do periódico.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MINAS GERAIS 648

Uma das sensíveis lacunas para o preenchimento da qual sempre nos batemos, no decurso da primeira fase de atividades do egrégio sodalício que é o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, foi a publicação de uma revista ou de publicação semelhante, que inserisse as produções dos sócios e trabalhos mesmo de estranhos, dignos de apreço e condizentes com o programa social.

Apesar de secundados por um pugilo de destacados e abnegados consócios, nada conseguimos, não por falta de material para publicação, que até nos sobrava, mas por motivos jamais esclarecidos. Pelo lado financeiro não foi que emperrou o carro de nossa boa vontade, porquanto tínhamos, na direção do Instituto, figuras de projeção e real prestígio nos bastidores da administração do Estado que, com facilidade, conseguiriam a

impressão gratuita da revista na oficinas da Imprensa Oficial.

Felizmente, porém, o acalentado sonho do mais obscuro dos fundadores do Instituto Histórico está hoje convertido em brilhante realidade, com o aparecimento, a 27 de outubro de 1945, da revista cujo nome encabeça estas linhas, graças à boa vontade e ingentes esforços da operosa diretoria que norteia com segurança os destinos de nossa querida associação.

É esta a sua direção: redator-chefe, Dr. Salomão de Vasconcellos e diretor-secretário, Dr. Copérnico Pinto Coelho. A Comissão de redação compõe-se desses e mais dos seguintes senhores: Drs. José Oswaldo de Araújo, Arduino Bolivar, Augusto Couto, Manuel Casasanta e Álvaro Benício de Paiva.

De acordo com o artigo 33 dos Estatutos, a revista será publicada periodicamente, não devendo, todavia, ser superior a um ano o espaço decorrido entre um e outro número consecutivo.

Formato de 18 x 11, grande número de páginas e coluna aberta.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial, com a tiragem de 1.000 exemplares.

Com a publicação desta bela revista, repleta dos mais interessantes e originais trabalhos, estão de parabéns o Instituto e os amantes e cultores de nossas gloriosas tradições.

BOLETIM NUMISMATICO 649

A Sociedade Numismática de Minas Gerais, fundada a 1º de dezembro de 1937, ao ensejo da instalação da III Exposição Numismática, a 15 de novembro de 1945, lançou à luz da publicidade, nessa data, o *Boletim Numismatico*, órgão oficial da entidade.

Publicação puramente técnica, trouxe o número de estréia vasta e erudita colaboração sobre todos os assuntos de sua especialidade.

No gênero, é esta a primeira publicação surgida em Minas, quando é certo que outras unidades da Federação já de há muito estão representadas nesse ramo da imprensa.

O primeiro número teve como diretor o Dr. J. Baêta de Carvalho e como secretário o Sr. João de Araújo Barros. Em julho de 1946, saiu o número 1-2, do ano 2º, já com novo diretor, Sr. J. B. C. Nunes. No posto de secretário continuou o mesmo titular, Sr. João

de Araújo Barros. Foi esse o último número publicado.

Formato de 19 x 11, número de páginas variável e capa artisticamente desenhada por Érico e gravada nas oficinas da Imprensa Oficial. Traz ao alto dessa capa o emblema social, representado pela estampa de uma moeda colonial cunhada em Minas e colocada dentro de dois círculos concêntricos, entre os quais se lê o nome da Sociedade e o local de sua sede.

Impresso na Tipografia Cruzeiro, à Rua Curitiba, 581, com a tiragem de 500 exemplares.

Redação e administração à mesma rua acima citada, 760.

MINAS TURFISTA 650

No gênero, a primeira revista editada no Estado.

Publicou somente três números, o primeiro a 16 de novembro de 1945 e os dois outros muito tempo depois, a 12 e 27 de setembro de 1947. Anunciou, no entanto, publicação semanal.

Um modelo de capa para o número 1 e outro para os demais, com motivos alusivos ao turfismo. Cabeçalho com boas alterações.

Formato de 15 x 11, 20 páginas e coluna aberta. Impressão da Gráfica Belo Horizonte, à Rua dos Tupinambás, 617, e tiragem de 300 exemplares.

Esta a sua propriedade e direção: do primeiro número, diretor proprietário, Sr. Francisco C. M. Ferraz; diretor-superintendente, Sr. Adelmar Cadar e redator, Sr. Humberto Reis. Dos números 2 e 3, proprietários, Afonso de Castro e Levindo Lopes, este, diretor-secretário.

"Aos nossos leitores" foi o título do artigo com que se apresentou, expondo seu programa e sua finalidade.

Redação à Rua Goiás, 129.

O INCONFIDENTE (1º) 651

A 29 de novembro de 1945 saiu o primeiro número deste jornal, órgão dos interesses do Barro Preto, de propriedade e direção do Professor Otaviano José Fernandes.

Formato de 27 x 18,5, quatro páginas, quatro colunas e impressão de uma tipografia situada à Rua Pouso Alegre, 2135, com a tiragem de 1.000 exemplares.

Tinha por fim defender os interesses dos trabalhadores mineiros em todas as circuns-

tâncias, incentivar o ensino e dar notícias do interior do Estado.

Texto noticioso e com várias composições literárias, além de outras seções, como sociais e esportes.

Redação e administração à Rua Araguari, 246.

O Inconfidente não passou do primeiro número. E que ninguém se admire disso, por ser esta a sorte de nossa Imprensa, desde os seus primeiros albores.

DIARIO DA JUSTIÇA 652

O *Minas Gerais* de 14 de dezembro de 1945 começou a editar, no final da edição, o *Diario da Justiça*, destinado a publicar toda matéria referente ao Poder Judiciário, Tribunal Regional da Justiça Eleitoral e Justiça do Trabalho, inclusive editais judiciais.

Foi uma boa e proveitosa medida, antes já adotada em relação a outros Poderes constitucionais. Tão útil iniciativa veio facilitar consideravelmente os interessados, que encontrarão, em páginas especiais e não esparsas, como anteriormente, tudo o que se referir à matéria de Justiça. A parte gráfica do *Diario da Justiça* é a mesma do *Minas Gerais*. Tem, entretanto, paginação separada e numeração privativa. E por isso o incluímos como publicação distinta da de seu criador, em concordância com o que fizemos em relação ao *Diario da Assembléia*.

O título é reproduzido na última página, em tipo menor, mas do mesmo estilo do principal.

Numeração contínua até 31 de dezembro de 1946 e anual de 1º de janeiro de 1947 em diante, correndo assim paralela com a do *Minas Gerais*.

EDIFICIO 653

Se bem que datado de janeiro, só a 7 de fevereiro de 1946 foi distribuído o primeiro número de *Edificio*, revista fundada sob novos moldes literários, por um grupo de intelectuais, todos jovens.

Redator-chefe, Sr. Valdomiro Autran Dourado e secretário, Sr. Wilson de Figueiredo. O corpo de redatores teve os seguintes titulares: Sr. Sábato Magaldi, Otto Lara Resende, Edmur Fonseca, Pedro Paulo Ernesto, Francisco Iglésias, Walter Andrade e Otávio Alvarenga.

O primeiro número apresentou-se com o formato de 27 x 21,5, 28 páginas, duas colunas ou coluna aberta. As outras edições saíram com o formato de 17 x 11, 60 a 80 páginas

e também com duas colunas ou coluna aberta.

O número 1 saiu das oficinas da Imprensa Oficial. O número 2 foi composto nessas oficinas, e os números 3 e 4, nas de *Folha de Minas*, mas impressos na Gráfica Zenit Ltda., à Rua Niquelina, 83, Santa Efigênia.

Edifício traz na capa, à guisa de legenda, este verso de Carlos Drummond de Andrade, como que interrogando o futuro — *E agora José?*

Capas dos números 2, 3 e 4 ilustradas por Heitor Coutinho, com motivos futuristas.

Edifício foi uma revista muito bem recebida pelos cultores e apreciadores de seus novos rumos literários. Com o número 4, de julho, encerrou o ciclo de suas atividades.

COMPILAÇÕES 654

Compilações apareceu três dias depois da precedente, a 10 de fevereiro de 1946. Materialmente, muito semelhante ao primeiro número de *Edifício*.

Formato de 27 x 21,5, 10 páginas e duas colunas. Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda.

Diretor, Sr. Abdias Rodrigues.

Assim se apresentou:

> Compilações *é feita para sua sensibilidade.* Compilações *compila para você, amigo leitor, a quintessência do que se publica nos jornais e revistas do Brasil.*

Uma nota esclareceu:

> *O material do presente número foi compilado nas revistas* Alterosa, Novidades, Atlântida, Belo Horizonte, Beira Mar, Careta *e* Leitura. *Invadimos a seara alheia, todavia respeitamos o Copyright.*

Tivemos, assim, uma revista original sem o ser. Original pelo processo de publicação adotado e nada de original por inserir matéria compilada e, portanto, já conhecida, apesar de selecionada.

Redação à Rua dos Tamoios, 530.

Não obstante ser mais fácil compilar do que produzir, nem por isto *Compilações* não compilou senão uma vez, consoante o método seguido por nossas publicações.

PH=7 655

Os alunos da Escola de Engenharia procuraram no labirinto da Matemática o nome para título de seu bem-elaborado jornal. Seus colegas da Escola de Medicina, imitando o gesto, penetraram nos mistérios da Química e lá buscaram também um nome para o seu.

Escolheram PH=7, símbolo que indica neutralidade. Sendo o jornal neutro, nome mais adequado não se lhe podia dar. Sua orientação está, pois, definida no próprio título.

A 21 de março de 1946 foi distribuído o primeiro número.

Redator-chefe, Sr. Cid Vasconcellos Westin, no primeiro número; o mesmo e mais os Srs. Nicolau C. de Miranda e Tancredo A. Furtado, no segundo e os mesmos e mais os Srs. Hugo Gontijo e José Comini, do terceiro ao quinto. Secretário, Sr. Jesus Santos. Os números 7 e 8 saíram sob a direção dos Srs. Anibal Bonifácio da Costa e Rafael Tarnopolsky, diretor-gerente e secretário, respectivamente. No número 6 nada consta a respeito da direção.

O cabeçalho é gravado, estando o título dentro de um retângulo, que também encerra estas palavras: *Jornal médico universitário.*

À direita, as peculiares indicações da folha e à esquerda, um conceito do eminente Professor Mendes Pimentel atestando a sua fé no futuro e destino da Universidade. As demais edições trouxeram conceitos de outros professores sobres assuntos vários.

Formato de 28 x 19,5, oito páginas e quatro colunas.

Impresso nas oficinas de *Folha de Minas*, com tiragem que oscilava de 500 a 750 exemplares.

O número 8, de dezembro de 1946, com o qual encerrou a primeira fase de sua existência, constituiu uma edição especial, em homenagem aos médicos diplomados naquele ano. Circulou com o formato de revista, com 17,5 x 11, 18 páginas e duas colunas.

Quase três anos depois, em setembro de 1949, ressurgiu em segunda fase.

Conhecemos unicamente os números 1 e 2, cada qual com seu próprio formato. O primeiro, com 27 x 19, seis páginas e quatro colunas; o segundo, com 36,5 x 24,5, seis páginas e cinco colunas.

Cabeçalhos iguais. Abaixo do título um longo traço e debaixo deste o seguinte: *Órgão do Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina da U.M.G.* Na anterior fase era órgão dos alunos.

À esquerda, o símbolo da Medicina.

Direção dos Srs. Delcides de Oliveira Baumgratz e Túlio Freire Silva e redação dos Srs. João A. Meira, João Bosco Lana e Paulo Batista de Oliveira.

PH=7 tratou, exclusivamente, de assuntos científicos e de interesses da classe, tudo com bastante elevação e acerto. Excelente publicação, cujo desaparecimento foi bastante sentido pela mocidade acadêmica.

Desconhecemos a data em que deixou de circular. O último número que temos é o 2 citado, de outubro de 1949. Este número é de feição gráfica incomparavelmente superior à do número 1.

CANTICUM NOVUM 656

É este o terceiro jornal de nosso conhecimento, editado pelas alunas do Colégio Santa Maria. O primeiro foi *Faisca*, que não figura neste trabalho por falta de apontamentos. Sobre sua existência nada conseguimos, nem mesmo dados superficiais. O segundo, *Lux*, está descrito no competente lugar. Vamos, agora, tratar do terceiro — *Canticum Novum*.

Apareceu em março de 1946, sem indicação do dia. Não obedece a período certo de publicação. Contrariando a elementar exigência, não faz constar do cabeçalho, o número nem o ano de publicidade.

Diretora, Senhorinha Lúcia Ferreira e redatora-chefe, Senhorinha Maria Helena Gontijo.

O primeiro número trouxe o formato de 30 x 21,5, quatro páginas e duas colunas na primeira página e três nas demais. Os números 2 e 3 saíram menores, 26,5 x 17,5, quatro páginas e três colunas. Cada formato adotou um cabeçalho e um tipo de título.

Ignoramos o local de impressão e a respectiva tiragem.

Colaboração exclusiva das alunas do afamado educandário Colégio Santa Maria. Essa colaboração é de fácil compreensão, gira somente em torno de assuntos católicos e escolares.

ANUÁRIO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE MINAS GERAIS 657

Em fins de março de 1946, era posto em circulação o primeiro volume deste anuário, *o espelho da grandeza de Minas*, como ao próprio título foi aditado.

Propriedade e direção do Dr. Vivaldi W. Moreira.

Formato de 22 x 13, 266 páginas e duas colunas. Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351.

Publicação exclusivamente dedicada ao comércio e à indústria, não fugiu de sua fina-

lidade, pois nenhuma outra matéria consta de seu texto.

Copioso manancial de informações de indiscutível utilidade para aqueles que labutam na árdua tarefa do comércio e da indústria. Trata-se, desta maneira, de uma publicação de primeira ordem e digna de encômios, pelo método seguido em sua organização e mais ainda pela quantidade, seleção e clareza de tudo o que nela se encontra. No gênero, podemos afirmar, uma das melhores publicações do Brasil.

O ARAUTO (2ª) 658

Encerrada que foi a publicação de *A Voz do Gremio*, fundaram os alunos do Colégio Batista Mineiro, ex-Ginásio do mesmo nome, outro órgão, sob o nome de *O Arauto*, que apareceu em princípios de abril de 1946.

Publicação mensal, com o formato de 29 x 18, quatro páginas, três colunas e tiragem de 200 exemplares. Serviço de mimeógrafo elegante e estético, de irrepreensível perfeição. No texto várias ilustrações, merecedoras de especial menção, tendo-se em vista o processo de reprodução.

Em 1946, teve como redator-chefe o Sr. Murilo Casséte e como redatores-auxiliares, no princípio, o Sr. Paulo Dias e a Senhorinha Dalva Barreto; e em 1947, como redatores, os Srs. Pedro Moura e Harry Farrer.

Um cabeçalho para os números 1 a 3 e outro para os números 4 a 6, do ano I; outro para o número 1, outro para o número 2 e outro para os números 3 e 4, do ano II. Todos esses cabeçalhos muito artísticos e bem desenhados, revelando a habilidade, bom gosto e paciência de seu autor ou autores.

Redação e administração à Rua Ponte Nova, 555.

Este jornal é o segundo do nome. O primeiro foi político e pouca duração teve.

O Arauto foi, sem favor, uma excelente publicação. Suas páginas falam melhor do que a nossa opinião. Das colegiais pode ser considerada entre as primeiras.

MEDICINA E FARMACIA 659

Diretor-responsável, Dr. Agenor Lopes Cançado e diretor-proprietário, Dr. Arnaldo Vianna Machado. Este, há nove anos passados, dirigiu aqui a interessante revista patrionovista — *Cruzada*.

Em meados de abril de 1946, foi lançado ao público o número inicial deste jornal. Não passou do segundo, publicado em julho se-

guinte. Curioso é que nenhum deles trouxe a devida numeração nem o ano de publicidade.

Ambos com o formato de 49 x 29,5, oito páginas, seis colunas e tiragem de 1.000 exemplares. Do primeiro número para o segundo, o cabeçalho sofreu apenas a mudança dos caracteres tipográficos. Trabalho gráfico das oficinas de *Folha de Minas*.

Redação à Rua Pernambuco, 278.

A primeira coluna, bem como a última da primeira página se destinavam, respectivamente, à Galeria Médica e à Galeria Farmacêutica, para homenagear vultos de destaque naquelas ciências.

No primeiro número foram ali focalizadas as figuras marcantes do Dr. Cícero Ferreira e do Prof. Jovelino Mineiro, luminares da Medicina e da Farmácia em nosso Estado e no segundo, as não menos ilustres e respeitáveis figuras do Dr. David Rabelo e do Prof. Teófilo da Costa Lage. O estudo crítico-biográfico de cada um dos homenageados foi acompanhado do respectivo retrato.

Medicina e Farmacia abriu sua "Apresentação" com estas palavras:

> *Nossa apresentação resume-se na palavra — servir. Desejamos servir à Ciência. Servir aos médicos. Servir aos farmacêuticos. Servir ao Brasil. Somos um mensário modesto, mas com ambição avantajada. Desejamos crescer até a dignidade dos profissionais a que nos dirigimos — médicos e farmacêuticos.*

Ótima colaboração e estudos sobre vários assuntos.

Se este jornal continuasse, alcançaria, certamente, um posto saliente em nossa imprensa, tendo-se em vista o que apresentou nas duas edições que circularam.

REVISTA DE MINAS (5ª) 660

Quinta revista deste título. Foram publicados apenas três números. Três, o número de azar de nossa imprensa. O primeiro, a 30 de abril de 1940, mas distribuído a 21 de maio; o segundo, em dezembro seguinte; e o terceiro, muito mais tarde, em abril de 1948, de acordo com a capa, ou março, como constata o cabeçalho interno. Temos como mais exato o mês de abril, pois que a capa é a última demão de qualquer revista ou livro.

Direção dos Srs. Jair Rebello Horta e José Calazans Filho, este nas três edições e aquele unicamente nas duas primeiras.

Formato de 27,5 x 19,5, reduzido para 24 x 15 no último número. Páginas: 46, 34 e 40 para cada um dos três números, respectivamente. Três colunas em todos.

Capas ilustradas. A do número 1 com vista noturna da Avenida Afonso Pena; a do número 2 com vista de Ouro Preto e a do número 3 com vista da cidade do Serro.

Desenhos de Fernando Pieruccetti, Faria Júnior, Genesco e Borjalo. Clichês da Fotogravura Minas Gerais.

Os números 1 e 2 impressos na Gráfica Luz, à Rua Siderose, 149. No terceiro nada se informa. Tiragem de 1.000 exemplares.

Redação e administração à Rua Rio de Janeiro, 651.

Desenvolvida e escolhida colaboração literária e histórica de João Dornas Filho, Emílio Moura, Murilo Rubião, Franklin de Salles, José Lins do Rego, Oity Silva, Soares de Paiva, Marcelo Coimbra Tavares, Lúcio Celso, Aguiar Brandão, Félix Fernandes, Clarisse Brasil, Lynn Trebor, Carlos Drummond de Andrade e outros.

Humorismo, esportes, sociais, modas, página infantil, cinema, etc.

O TERRESTRINO 661

Órgão oficial do Terrestre Esporte Clube, com sede à Rua Rutilo, 9, Lagoinha.

Saiu em maio de 1946. Como todos de seu gênero, dedicado exclusivamente ao esporte e muito especialmente à entidade que representava.

Diretor responsável, Sr. J. Trindade do Nascimento e redator-secretário, Sr. Rui Ferreira Barbosa.

Formato de 28,5 x 19,5, quatro páginas e quatro colunas. Um cabeçalho para o número 1 e outro para os demais. Publicação mensal.

Impressão das oficinas de *Folha de Minas*, com a tiragem de 500 exemplares.

O Terrestrino foi um bom jornal, bem escrito e criterioso em suas notas e julgamentos.

ARQUITETURA E ENGENHARIA 662

Revista de arquitetura, engenharia, urbanismo e decoração, editada sob os auspícios do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de Minas Gerais.

O primeiro número, correspondente a maio-junho de 1946, só foi posto em circulação a 24 de julho seguinte.

Publicação bimestral.

Formato de 26 x 18,5, 70 páginas em média e duas colunas. Capas variadas, cada uma com seu motivo. Impressa em papel de superior qualidade, na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., com clichérie da Fotogravura Minas Gerais Ltda., e Fotogravura Vienense. Redação e administração à Rua dos Carijós, 109.

Arquitetura e Engenharia é uma revista técnica e científica de alto valor, digna, portanto, de justos e merecidos louvores, pela matéria que encerra. Texto escolhido e proficientemente tratado, entremeado de belas fotogravuras.

A LANCETA 663

O primeiro número de *A Lanceta* é datado de 1º de junho de 1946. Apenas cinco edições apareceram, sendo a última de 13 de julho.

Publicação semanal, aos sábados. Pelos números publicados vê-se que não saiu com rigorosa pontualidade.

Diretor-responsável, Sr. Hilton de Oliveira.

Formato de 31,5 x 22,5, seis páginas, quatro colunas e impressão de *Folha de Minas*. Cabeçalho sem qualquer alteração. O travessão da letra A do título é representado por uma lanceta.

Consta do frontispício: *Órgão contra golpes de... vista.*

Redação e administração à Rua Rio de Janeiro, 1267.

Todos os números ilustrados com charges sobre assuntos vários, inclusive políticos do momento.

A Lanceta trazia bom humorismo, sendo no gênero um dos bons jornais aqui editados.

A PALAVRA 664

Jornal de grande formato de 50,5 x 33,5, quatro páginas e seis colunas. Feição material sempre a mesma. Estampava o título em letras brancas sobre fundo preto.

Semanário noticioso, cultural e político, *o arauto mineiro dos ideais cristãos e nacionalistas*, cujo aparecimento se deu a 9 de junho de 1946.

Impresso nas Oficinas Tipo Arte, situadas à Rua Guaicurus, 503, com a tiragem de 5.000 exemplares.

Direção até o número 9 do Sr. José Carreira de Mattos e do número 10, de 10 de agosto, em diante, dos Drs. Antônio Carlos de Azeredo Coutinho e Luís Duarte de Paula Aroeira.

Direção e redação à Avenida Afonso Pena, 1116.

A Palavra era jornal político, filiado ao Partido de Representação Popular, que veio substituir o Integralismo.

Bem-feito, bem escrito e ardoroso defensor de seus ideais.

Com o número 28, de 14 de dezembro, suspendeu a publicação, mas teve por continuadora a *Gazeta Popular*, aparecida logo depois, a 9 de janeiro de 1947.

A RAPOSA 665

Fernando Pieruccetti, o conhecido desenhista e caricaturista, que assina seus originais e interessantes trabalhos com o pseudônimo de "Mangabeira", em feliz momento de inspiração criou um símbolo para cada clube do nosso futebol, para isso se valendo dos domínios da Zoologia.

Coube à raposa simbolizar o Cruzeiro Esporte Clube. Esta entidade sancionou e perfilhou a escolha, aproveitando-a para título de seu pequeno jornal esportivo. Desta forma, a 16 de junho de 1946, lançava ao público o primeiro número de *A Raposa*, "a palavra da torcida cruzeirense".

Saíram mais dois números apenas, a 22 do referido mês e a 1º de julho.

Ao que parece, a raposa, estranhando o clima e o movimento citadino, resolveu voltar à vida das selva e ... desapareceu.

Fundador, Sr. José Fialho Pacheco e secretário, Sr. João Nogueira Filho.

Pequeno formato, 28,5 x 20, quatro páginas e quatro colunas, feição essa mantida em todos os números.

À direita do cabeçalho está uma raposa de pé, trajada com as vestes características do clube.

Impressão de *Folha de Minas* e tiragem de 1.000 exemplares.

Redação à Rua Ouro Preto, 423.

Com *A Raposa*, nada menos de cinco publicações esportivas circularam nessa época.

A SOGRA 666

A Sogra deu o ar de sua graça no mesmo dia em que o precedente jornal, isto é, a 16 de junho de 1946. Anunciou publicação semanal, aos sábados, mas a promessa ficou muito longe de ser cumprida.

O número 1 teve feição bem diferente dos demais, pelo que demanda uma descrição à

parte. Saiu com o formato de 22 x 17, quatro páginas e três colunas.

Diretor responsável, Sr. N. P. Campos e redator, Sr. J. P. Alvarenga.

À esquerda do cabeçalho estampou uma cabeça de mulher, que nenhuma aparência tinha de ... sogra.

Impresso na Gráfica Mineira, situada à Rua Itajubá, 340. Redação à Rua Itapecerica, 515.

Agora, os outros números que obedeceram a novo tipo.

Continuou a mesma direção, mas seus titulares se envolveram em pseudônimos do número 4 ao 11. O número 12 já trouxe: diretor, Sr. Nilton Campos; redator-chefe, Sr. Ely Doval Henriques Filho; e secretário, Sr. Afonso Celso D'Avila. No número 14 apareceu, em substituição ao redator-chefe, o redator Sr. João U. Camarão.

Formato de 30 x 22,5, quatro ou seis páginas e quatro colunas. Cabeçalho com ligeiras alterações. Adotou três tipos de caracteres tipográficos para o título: do número 2 ao 5; do 6 ao 13 e o do 14.

Abaixo do título consta isto: *O hebdomadário que impos... to já pagou*. Do número 2 ao 5, invés de hebdomadário, lê-se — *periódico*.

À direita do cabeçalho acha-se sentada, de óculos e bengala à mão e ares de reumática, uma velha, naturalmente a... sogra.

O número 10 traz a data de 14 de agosto, quando de fato se tratava do mês de setembro.

Redação e administração à Rua Itajubá, 326 e 340; depois à Avenida Santos Dumont, 643; Rua Francisco Bressane, 74 e, finalmente, Rua Euclásio, 171.

Boas caricaturas, de autoria de Seme Malta, Alan Bique e J. Massote.

A Sogra foi um jornal espirituoso, com páginas cheias de anedotas e humorismo. A 9 de agosto de 1947 encerrou sua carreira com o número 14.

VIDA ESPORTIVA 667

Revista esportiva publicada sob os auspícios do Clube Atlético Mineiro até o número 3. A seguir foi esta informação retirada da capa e substituída por esta outra — *Uma revista a serviço do esporte.*

Posta em circulação em 10 de julho de 1946. Ao que nos parece, não passou do número 17, de maio de 1950.

Formato de 23 x 15,5, 32 páginas e duas ou três colunas.

Foram seus dirigentes em diferentes cargos os Srs. Nilton Isaías, Januário L. Carneiro, João Lino de Mattos, Júlio César Santos, Renato Cairo e Walter P. de Carvalho.

As capas com cabeçalho e retratos de atletas. O tipo do cabeçalho foi um até o número 15 e outro para os números 16 e 17.

Impressa na Gráfica Queiroz Breyner e Estabelecimentos Gráficos Santa Maria. Clichês da Fotogravura Minas Gerais.

Redação e administração à Rua dos Tupinambás, 631, depois à Rua Ubá, 213, e por último à Rua do Espírito Santo, 621.

Como seu nome indica, só tratou de esportes, aliás com grande desenvolvimento.

O VENENO 668

Iniciou a publicação a 20 de julho de 1946, encerrando-se a 2 de junho de 1950, com o número 26. Diretor, Sr. Augusto Rocha.

Formato de 28,5 x 20, quatro a oito páginas e quatro colunas.

Apresentou-se com três cabeçalhos. O primeiro foi até o número 11; o segundo utilizado unicamente no número 12 e o terceiro, do número 13 até o fim.

O primeiro tem ao centro o título em letras brancas sobre fundo preto e, dos lados, à direita, uma caveira e à esquerda um líquido, certamente o veneno para condimentar o seu pornográfico e imoral humorismo. No frasco lê-se — *Cuidado.*

Logo abaixo do título aditou: *O quinzenário que será sempre o arauto das aspirações florestinas* e *Nosso lema é — envenenar até o sol raiar.*

Estas duas frases foram destacadas do número 2 em diante, ficando a primeira debaixo do frasco e a outra sob a caveira. A contar do número 9, de 16 de abril de 1947, a palavra *florestinas* foi substituída por *belo-horizontinas.* A frase que encerrava estas palavras desapareceu do cabeçalho desde o número 21, de 1º de outubro de 1949.

O segundo cabeçalho, com as letras do título em posição sinuosa, tem à esquerda uma caveira de óculos, apoiada em um vidro deitado, e os dizeres já mencionados.

O terceiro, de letras grossas e estilizadas, apresenta à esquerda o frasco tombado derramando o veneno, cujo líquido forma uma faixa preta na qual está inscrito, em letras brancas, o lema já referido. No final dessa faixa um círio aceso e na sua parte superior, a caveira.

Impresso nas oficinas da *Folha de Minas* e da Gráfica Modelo, à Rua dos Tamoios, 434. Tiragem de 500 exemplares.

A edição de 12 de junho foi distribuída com a parte superior da última página aparada em toda a sua largura. Ignoramos de quem a censura e o seu motivo.

A 31 de março de 1948, foi apreendida pela Polícia toda a edição do número 14, por demais imoral. Igual sorte teve a edição do número 17, de 12 de setembro do mesmo ano. Quanto a esta, a Polícia assim procedeu em cumprimento à Circular do Ministério da Justiça, de 19 de agosto. Todas as publicações desse gênero foram também apreendidas.

A 6 de junho de 1950 fez-se a apreensão do número 6, que foi a última edição da folha.

Em seguida, a Polícia instaurou o competente inquérito contra seu diretor. Remetido à Justiça, foi arquivado, em fevereiro de 1962, de acordo com parecer do Ministério Público.

Desenhos muito bem-feitos, assinados por vários e competentes artistas do lápis.

Como todo jornal desta espécie, *O Veneno* teve grande circulação nesta Capital. O povo gosta é disto, não há que ver. Falsos puritanos o condenavam em voz alta, mas o apreciavam no íntimo.

PERSPECTIVA 669

A 29 de julho de 1946, apresentava-se ao público este mensário, dedicado às artes e às letras.

Direção-geral do Sr. J. W. Carsalade; direção-artística do Sr. Roberto Franck; direção-literária do Sr. Oscar Mendes, e secretário, Sr. Milton Amado.

Formato de 24 x 18,5, 70 páginas, mais ou menos, e duas ou três colunas.

A reprodução de um belo quadro a óleo pintado por Renato de Lima faz o motivo da capa do primeiro número. Ao alto desta destaca-se a epígrafe: *Litteris et artibus.*

Impressão de primeira ordem, da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., e clichês da Fotogravura Vienense e Fotogravura Minas Gerais.

Colaboração de nossos melhores escritores que firmam trabalhos dignos de nota.

Belas páginas com ótimas fotogravuras e reprodução de quadros, em cores.

VOZES DA ENFERMAGEM 670

Em julho de 1946, mas sem determinação do dia, saiu o primeiro número de *Vozes da*

Enfermagem, órgão da Associação das Alunas da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Meses antes, em fins de março, publicou um número mimeografado, para comemorar certa data íntima e cara às alunas. Foi, assim, uma edição meramente ocasional, com um só objetivo, não podendo por isso ser tomada como ponto de partida da publicação ordinária. Não obstante, fica aqui devidamente registrada, tão-somente como lembrança.

O número 2, de 3 de setembro seguinte, marca no cabeçalho — *Ano II*. Erros dessa natureza, oriundos de má revisão, quando não denunciados em tempo útil, são sempre prejudiciais, sob todos os ponto de vista, como é de fácil entendimento.

Redatoras: Senhorinhas Elza Machado de Lima e Luci Cristófaro Machado e orientadora, Senhorinha Daura Ribeiro.

Formato de 24 x 18, quatro páginas e três colunas. Cabeçalhos diferentes, mas com os mesmos dizeres.

O primeiro número foi impresso nas oficinas da Imprensa Oficial e o segundo, em uma tipografia sita à Rua Pouso Alegre, 2135. Tiragem de 500 exemplares.

Vozes da Enfermagem só publicava produções das alunas da Escola, sobre assuntos vários, todos, porém, expostos com precisão e clareza. Segundo jornal das alunas da Escola de Enfermagem Carlos Chagas, *Cinco P'ras Dez* foi o primeiro, saído em 1935.

RESENHA ESPORTIVA 671

Terceiro jornal esportivo surgido em 1946, *Resenha Esportiva* saiu a 13 de agosto. Só começou a numerar as edições a partir do número 3, de 14 de outubro.

Propriedade e direção do Sr. Luís Ferraz do Amaral até o número 2 e mais do Sr. Abdul Massih Waquil do número 3 em diante.

Com o número 5, de 25 de dezembro, introduziu as seguintes modificações, além de anunciar que de quinzenal passaria a ser publicado semanalmente, às quintas-feiras: o formato foi aumentado de 27 x 19,5 para 38 x 25 e o número de colunas de quatro para cinco, sempre com oito páginas. O título, anteriormente todo escrito em vermelho e de tipo comum, foi assim alterado: a palavra *Esportiva*, em preto e em itálico, passou a ser escrita sobre toda a extensão da palavra *Resenha*, que continuou em vermelho. De cada lado um jogador de futebol, cada qual

em sua posição. Esse cabeçalho foi gravado por Roc. De nada, porém, valeram essas alterações, por terem sido introduzidas justamente no último número publicado.

Impressão das oficinas de *O Diário*, com a tiragem de 500 exemplares.

Como o nome está indicando, esta folha fazia a resenha de todos os acontecimentos esportivos do País.

Redação e administração à Rua dos Caetés, 392.

OD-E-FA 672

Os estudantes da Faculdade de Odontologia e Farmácia, seguindo as pegadas de seus colegas de Engenharia e Medicina, fundaram o seu jornal, *órgão odonto-farmo-lítero-humorístico e completamente independente*, com o nome de *Od-e-Fa*, título extraído das duas primeiras letras de cada um dos nomes da sua Faculdade.

Primeiro número a 23 de agosto de 1946.

Diretores, Srs. Pedro Vicente Cardoso e Rômulo Barbosa; secretários, Senhorinhas Lígia de Oliveira, Maria de Lourdes Torres, Srs. Joubert Maroni e Délio Junqueira Bastos, e redatores "todos os alunos que nos queiram honrar com sua colaboração", tudo isso no primeiro número. A partir do segundo, deixaram de ser secretários os dois últimos, desaparecendo também a menção relativa a redatores. O número 5 teve como diretor apenas o Sr. Rômulo Barbosa.

Do número 6 em diante, passou de órgão dos alunos a órgão do Diretório Acadêmico da Faculdade, entrando nessa ocasião mais um diretor, Sr. José Murad, e uma secretária, Senhorinha Altamira Lima, em substituição a Lígia de Oliveira, e os redatores Natal F. Morais, José A. Buffe e João Leite.

Formato de 26,5 x 20, oito páginas e três colunas.

O cabeçalho é formado por um retângulo dividido em três partes: a central abrangendo quase todo o retângulo com o título, e as laterais ocupadas pelos símbolos da Odontologia e da Farmácia, à esquerda e à direita, respectivamente.

Impresso nas oficinas de *O Diário*, com a tiragem de 500 exemplares.

A 28 de agosto de 1947, com o número 7, deu a sua última edição como jornal, pois, com o número 8, de setembro-outubro seguinte, se transformou em revista científica noticiosa.

Formato de 15 x 10, 28 a 40 páginas, fora as não numeradas e destinadas a anúncios, e duas colunas.

Cada número com seu cabeçalho diferente, principalmente no que respeita ao tipo do título.

Capas uniformes e de acentuado gosto artístico, em papel de uma cor para cada número. Na parte alta, o título com os referidos emblemas e conservando as posições assinaladas. No centro, informações explicativas, atinentes à revista, e na parte inferior vistas da Capital em nítidas e belas fotogravuras.

Inexplicavelmente, a citação do dia e do ano foi omitida em todas as três edições deste formato. Só se menciona o mês.

: irigentes dos números 8 e 9, os mesmos do número anterior, e do número 10 esta diretoria provisória: diretor, Sr. José Murad, e secretária, Senhorinha Altamira Lima.

O número 11 é de setembro-outubro de 1950. Saiu completamente diferente dos outros, sob todos os aspectos. Aumentou o formato para 18 x 14, com 30 páginas e duas colunas.

Radical mudança de direção, assim constituída: diretor, Sr. Acácio Maciel; secretário geral, Sr. Antônio L. R. Baeta; redatores, Srs. Wilson F. Velloso e Carlos O. Brandão; primeiro-secretário, Sr. Miguel Pedra.

Capa de novo modelo, mas de gosto artístico inferior à precedente. Traz ao centro uma vista da Pampulha e no verso uma fotografia do edifício da Faculdade.

Redação e administração no Edifício Acaiaca.

Não conhecemos outros números além do 11, se é que foram publicados.

Od-e-Fa estampa excelentes trabalhos, firmados por mestres e alunos, todos dentro da órbita de suas especialidades.

O AMADORISTA 673

Mais um jornal esportivo. A época é deles, pois só se trata de futebol na atualidade.

O primeiro número foi posto em circulação a 26 de agosto de 1946. Publicação semanal, às segundas-feiras.

Diretores, Srs. Vicente Teodoro de Sousa e Otávio Basílio de Jesus.

Formato de 41 x 29,5, quatro páginas e seis colunas. Cabeçalho perfeitamente igual em todos os números publicados e reproduzidos na última página.

Impresso nas oficinas de *Folha de Minas*, com a tiragem de 500 exemplares.

Redação à Rua São Paulo, 1216.

O Amadorista era um semanário a serviço do esporte amador. Bem feito e grandemente informativo, ótimos serviços prestou aos amadores, privados que estiveram, até então, de uma publicação divulgadora do movimento e atividades de seus clubes. Isso, porém, pouca duração teve, porque, com o número 5, de 23 de setembro, cessou a publicação. Fartamente ilustrado com assuntos próprios do gênero da publicação.

A MONTANHA (2ª) 674

Jornal político, fundado exclusivamente para propaganda e defesa da candidatura do Sr. Bias Fortes à curul governamental de Minas, em contraposição à do Sr. Carlos Luz.

A Montanha fez sua entrada no cenário da imprensa a 22 de setembro de 1946. Com o número 4, de 13 do mês seguinte, suspendeu a publicação, aguardando, certamente, o resultado do acordo em marcha e de fato consumado oito dias depois, a 20, com a desistência dos dois referidos candidatos, que concordaram com a apresentação de um *tertius*, no caso, o Sr. Wenceslau Brás.

Repudiado, porém, o nome do ilustre e venerando patrício, na reunião do PSD, realizada a *13* de dezembro de 1946, *sexta-feira*, no Cine São Luís, reunião essa que passou a ser conhecida na história política de Minas por Convenção da Felonia, *A Montanha* voltou a circular no dia 5 de janeiro de 1947, para continuar a campanha interrompida, mas a derrota daquele por quem se batia, ocorrida 15 dias depois, fê-la abandonar definitivamente o campo de lutas, por ter cessado a razão única de sua existência.

Diretor-responsável, Sr. E. M. de Araújo Marini. No número 1 figurou também o nome do Sr. Aluízio de Oliveira, na qualidade de redator-chefe.

Formato de 39 x 28, quatro páginas e cinco colunas nos números 1 e 2, e 37 x 26, quatro páginas e quatro colunas nos números 3 a 5. Tiragem de 1.000 exemplares. Para cada formato um cabeçalho.

Os dois primeiros números foram impressos na Gráfica Roterdam, à Avenida Paraná, 301, e os três últimos, na Gráfica Cruzeiro do Sul Ltda., à Rua dos Carijós, 734.

O primeiro cabeçalho é representado por um retângulo da largura de toda a folha, dividido em três partes: a central e maior contendo o título, e as laterais com as indispensáveis e usuais indicações das edições. O segundo cabeçalho é de tipo

comum, sem nenhum detalhe digno de menção.

Abaixo do título está inscrita a sediça legenda *Libertas quae sera tamen.*

Já ficou explicada a orientação deste jornal, pelo que nada mais temos a falar a respeito.

A Montanha (1ª) era também jornal político. Saiu em 1929.

FOLHA ESPORTIVA (2ª) 675

Segunda publicação que, com o título de *Folha Esportiva,* veio a lume em Belo Horizonte. Não foi revivida a publicação desaparecida, mas tão-somente o título e a finalidade. Saiu a 23 de setembro de 1946. Publicação semanal, às segundas-feiras, com o formato de 49,5 x 35, quatro páginas e sete colunas. Impressão das oficinas de *Folha de Minas,* com a tiragem de 1.000 a 1.500 exemplares. Cabeçalho sem qualquer modificação.

O título, impresso em letras brancas sobre fundo preto, era colocado ora à direita, ao alto, ora à esquerda, na parte central da página. Teve vários diretores e redatores, entre eles os Srs. Jeso Dionísio dos Santos, José Mourão Prado, Davi Caberniti, Cipião Martins, José Vitor Lessa e outros.

Folha Esportiva foi uma publicação que honrou sobremodo a nossa imprensa esportiva. Farto e substancioso noticiário, com grande quantidade de ilustrações.

Desapareceu com o número 12, de 16 de dezembro de 1946.

ARQUITETURA (2ª) 676

Órgão oficial do Diretório Acadêmico da Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais.

Engenharia, urbanismo, belas-artes e decoração, eis a que veio esta revista. Segunda do nome e da mesma Escola, não se trata, porém, de nova fase, e sim de nova publicação que se não deve confundir com a anterior, apesar do título, finalidade e origem.

O primeiro número, referente a setembro-outubro de 1946, foi distribuído a 15 de outubro; o segundo, a 1º de maio de 1947; o terceiro, a 27 de novembro seguinte e o quarto, a 23 de junho de 1948. Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda. Tiragem de 1.000 exemplares.

Diretor-presidente, Professor João Kubitschek de Figueiredo; diretor-gerente, Sr. Cláudio César Pereira da Silva; e diretor-artístico, Sr.

Jefferson Lodi. Tem também um corpo de consultores-técnicos, composto de cinco membros, todos professores da Escola.
Formato de 23 x 16, 70 páginas em média e duas colunas, com capas de motivos vários.
Redação à Rua do Espírito Santo, 1633.

RENOVAÇÃO 677

Nos primeiros dias de outubro de 1946, veio a público o primeiro número deste jornal, órgão do Centro Estudantil Marconiano, do Colégio Marconi.
Diretores, Srs. Sílvio Mafaldo e João Antônio Meira e redatores, Srs. Humberto de Paiva, Raimundo Lima e Silva e Maurício Mello Abreu.
Formato de 28,5 x 20, quatro páginas e quatro colunas.
Cabeçalho em tipo fantasia, tendo à esquerda o busto de Marconi, entre aparelhos de sua invenção, que tanta celebridade lhe deram no mundo científico.
Impressão das oficinas de *Folha de Minas*, com a tiragem de 500 exemplares.
Escrito e dirigido pelos alunos do estabelecimento, trazia interessante colaboração dos mesmos.
Ao que parece, não passou do segundo número, publicado em novembro.

TECO-TECO 678

Teco-Teco, vulgo *Espeto*, apelido que deu a si próprio, em complemento ao título, saiu a 12 de outubro de 1946.
Formato de 18,5 x 11, quatro páginas e duas colunas. Impressão de *Folha de Minas*.
Redator-chefe, Sr. Arnaud Sousa Lima; gerente, Sr. João Lino do Nascimento e "colaboradores, diversos".
Cabeçalho sem qualquer alteração.
Teco-Teco foi publicado por ocasião do funcionamento das barraquinhas do bairro de Santa Teresa. O produto da venda de suas edições, Cr$ 2,00 por exemplar, reverteu em favor da continuação das obras de construção da Matriz da paróquia.
Jornal essencialmente humorístico, muito bem-feito e bastante espirituoso.
Por um lapso, foi omitida a numeração da segunda edição. O quarto e último número foi publicado a 1º do mês seguinte ao de seu aparecimento.

CAMPANHA 679

Esta a síntese de seu programa: *quinzenário de crítica construtiva.*
Diretor-redator-responsável, Sr. Saul S. Rocha e redator, Sr. Cícero Ramos.

Apresentou-se ao público no dia 4 de novembro de 1946, com o formato de 32 x 22, quatro páginas e quatro colunas. Com o número 3, de 18 do mês seguinte, despediu-se de seus leitores.

Impressa na Gráfica Queiroz Breyner Ltda., com a tiragem de 1.000 exemplares.

Campanha inseria variada matéria, principalmente sobre problemas da atualidade.

Cabeçalho sem alteração.

CONSTRUINDO 680

Conhecemos apenas três edições desta revista, de um grupo de moças da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, do Colégio desse mesmo nome.

O primeiro número foi distribuído na primeira quinzena de novembro de 1946, sob a direção das Senhorinhas Zora de Menezes e Gislane Penna e redação das mesmas e das Senhorinhas Silva Cordeiro e Maria Auxiliadora Martins. O número 2 foi distribuído em meados de junho de 1947 e o número 3, em meados de 1948. A direção tem sofrido alterações devido à renovação anual das turmas de alunas.

Formato de 19,5 x 12,5, 32 páginas e coluna aberta.

Parece ter sido impressa nas oficinas de *O Diário*. Aspecto gráfico de muito bom efeito.

Não traz cabeçalho em sua parte interna e inexplicavelmente nenhuma das edições é datada.

Boa colaboração de alunas da Faculdade, bem como de estranhos.

Na folha-de-rosto se apresentou desta forma:

> *Entregamos ao leitor* Construindo *para julgamento crítico. Dispensamos qualquer apresentação, porque banimos de nossa vida as formalidades. Tudo se afirma pelo valor próprio — com ou sem apresentação. Apenas dizemos que é uma* "Revista Estudante" *a mais, que vem engrossar as fileiras das que lutam por uma renovação da mentalidade em bases de 'Verdade-Justiça-Liberdade'.*

Redação à Rua Jacuí, 237.

OLÍMPICA (2ª) 681

O primeiro número desta revista foi posto em circulação a 16 de novembro de 1946.

Direção dos Srs. Januário L. Carneiro e Roberto Magalhães Pinto.

Formato de 27 x 20, 26 páginas e número de colunas variável.

Ao título, tanto de capa, como da folha de rosto, aditou Revista Esportiva Mineira.

Farta em ilustrações e de matéria de sua especialidade.

Redação à Rua do Chumbo, 246.

Com o número descrito parou. Só quase três anos depois voltou com o número 2, de abril de 1949.

Completando o título esclareceu — *O Cruzeiro em foco*, tornando-se, desta forma, órgão do Cruzeiro Esporte Clube.

Formato reduzido para 22,5 x 15. Dezoito páginas e três colunas.

Capa com o título e retrato de um atleta.

O número 2 teve um tipo de título interno e os seguintes, outros, diferentes.

Com o número 6, de outubro-novembro, despediu-se de seus leitores.

Diretor, o mesmo anterior e secretário o Sr. João Cirino de Paiva.

Clichês da Fotogravura Belo Horizonte e da Fotogravura Minas Gerais e fotografias de Alvimar de Freitas.

Redação à Rua dos Carijós, 508.

Revista muito bem-feita, preenchendo plenamente a sua finalidade.

JORNAL DO POVO (3º) 682

Primeiro jornal de ideologia comunista aqui fundado, depois de restabelecida a liberdade de imprensa e permitido o livre pronunciamento de partidos políticos.

É o terceiro do nome. O primeiro, que tão gratas recordações até hoje nos despertam, foi o paladino de nossas liberdades cívicas, tão tenazmente defendidas pelo grande e saudoso Azevedo Júnior, seu diretor. O segundo nada apresentou de notável em sua existência. Sobre a projeção deste último não precisamos salientar que usa de todos os meios para a conquista de adeptos para a ideologia bolchevista.

Iniciou sua publicação em 1º de janeiro de 1947.

Com o número 274, de 27 de novembro seguinte, suspendeu a publicação, restabelecida a 22 de fevereiro de 1948. Não obstante essa interrupção, publicou a 31 de janeiro uma edição especial, comemorativa do transcurso do 50º aniversário de Luís Carlos Prestes.

Fértil em formatos, usando cinco, desde 33 x 24,5 até 49,5 x 34,5. O número 1, com 43 x 29,5. Três a sete colunas e quatro a oito

páginas, variáveis conforme o formato. Tiragem de 3.000 exemplares.

Duas edições-extra, de 20 de fevereiro e de 6 de março de 1949, não numeradas, tiveram o formato de 27,5 x 22,5 e três colunas.

Propriedade da Editora Jornal do Povo Ltda. e direção do Dr. Orlando Bomfim Júnior. Teve como secretário o Sr. Clemente Luz até o número 86, de 15 de abril.

Jornal do Povo não apresentou, como é de praxe, o seu programa de ação, no caso, aliás, perfeitamente dispensável, por estar plenamente definido pela origem de sua fundação.

Até certo tempo, cabeçalho algo uniforme, mas depois muito variado. Descrevê-lo seria tomar muito tempo e trabalho, sem qualquer repercussão prática.

A edição de 28 de março de 1948 teve o número 281 e, por um cochilo de revisão, a seguinte, de 4 de abril, retroagiu ao número 219. Daí por diante ficou perturbada a numeração, mais agravada por cochilos posteriores.

Inicialmente de publicação diária, tornada semanal e, por fim, sem dias determinados.

Em fevereiro de 1949, o *Jornal do Povo* abriu baterias contra a Polícia Militar, atacando sua organização e orientação, que dizia erradas, além de fazer outras severas acusações à dignidade da classe. Em revide, elementos da corporação, nos dias 19 e 26, assaltaram e depredaram a redação e empastelaram a oficina impressora da folha, a Gráfica Netúnia, de propriedade particular.

Dias depois dessas lamentáveis ocorrências, a 8 de março, portaria do Ministério da Justiça determinava a suspensão do jornal por 15 dias, a partir de 9.

Todas as edições que deram causa aos referidos incidentes, bem como a do primeiro deles e a de 6 de março, foram apreendidas pela Polícia. Muitas outras, também, em épocas anteriores, tiveram a mesma sorte.

Em agosto de 1953, o Chefe de Polícia proibiu a circulação desta folha, mas, não concordando com tal ordem, sua direção impetrou mandado de segurança, concedido pelo egrégio Tribunal de Justiça, a 23 do mês seguinte.

Redação, administração e oficinas à Rua Mato Grosso, 268.

NAÇÃO 683

Deste jornal saíram oito números, sete mimeografados e o oitavo impresso, sendo

os primeiros perfeitamente iguais, em formato de 18 x 13,5, quatro páginas e duas colunas. À esquerda do título, um círculo com o mapa do Brasil, em preto, e dentro dele uma cruz branca, com uma inscrição ao alto: *Deus dirige o destino dos povos!*

O número impresso, com o tamanho de 20,5 x 14,5 e também com quatro páginas, era dividido em duas colunas. De cada lado do título há um quadrilátero, o da esquerda conservando a inscrição acima referida e o da direita esta — *Por Cristo e pela Nação!*

Trata-se de periódico político, de publicação semanal, estando sob a direção dos Srs. Jair Loureiro e Gustavo Valle.

Seu primeiro número tem a data de 1º de janeiro de 1947 e o último, a de 8 de março seguinte, este impresso na Avante Gráfica, à Avenida Augusto de Lima, 1504. O número 4, de 23 de janeiro, estampou o retrato de Plínio Salgado.

Em seu artigo sob o título "Apresentação" lê-se:

> *Nosso jornalzinho, entretanto, tem como principal escopo difundir entre o povo do nosso bairro o programa e a finalidade do Diretório Distrital do PRP.*

A redação funcionava à Rua Padre Eustáquio, 685.

GAZETA POPULAR 684

Esta folha veio continuar a jornada de *A Palavra*, desaparecida a 14 de dezembro de 1946. Nada de novo, portanto, em sua orientação, tanto que continuaram os mesmos diretores, Drs. Antônio Carlos de Azeredo Coutinho e Luís Duarte de Paula Aroeira.

Unicamente seis números foram publicados, o primeiro a 9 de janeiro de 1947 e o último, a 23 do mês seguinte. Formato de 49,5 x 33,5, seis páginas e seis colunas. Cabeçalho reproduzido na última página, em letras menores.

Como *A Palavra*, semanário noticioso, cultural e político.

Impressão de Avante Gráfica S.A., estabelecida à Avenida Augusto de Lima, 1504, com a tiragem de 5.000 exemplares.

Direção e redação à Avenida Afonso Pena, 1116.

MONTARA BULTENO 685

Já mencionamos algumas publicações escritas em diferentes línguas, cabendo agora descrevermos um boletim escrito na que

aglutinou todos os idiomas conhecidos, ou seja, em Esperanto, o genial invento de Zamenhof. E *Montara Bulteno* (Boletim Montanhês), órgão oficial do Clube de Esperanto Azeredo Coutinho.

Circularam três números apenas. O primeiro não foi datado, mas é de fevereiro de 1947; o segundo, de março e o terceiro, de junho do mesmo ano. Capas impressas, de um modelo para o número 1 e de outro para os outros. Todos mimeografados.

Formato de 26 x 18, 12 páginas e duas colunas ou coluna aberta.

Diretores, Drs. Wilson Veado, Luís de Azeredo Coutinho e Sr. Ivan Borges.

Redação à Rua dos Goitacazes, 15.

Farta e preciosa colaboração dos ilustres componentes do Clube.

Esta a primeira publicação editada em Esperanto neste Estado.

LIDER 686

Em fins de março de 1947, apareceu *Lider*, jornal mimeografado dos alunos do Colégio Marconi. Por mais que fizéssemos, não conseguimos obter o primeiro número, donde não sabermos a data exata do início da publicação.

O número 2 é de 30 de abril e saiu assim: formato de 28 x 18, quatro páginas e duas colunas. *Mimeografado apenas em uma face* do papel.

Presidente e fundador, Sr. Geraldo Martins de Lima e redator, Sr. Djalma Lourenço de Azevedo.

Nada mais podemos adiantar.

TRIBUNA DE MINAS (1ª) 687

Semanário independente, publicado de 14 de abril de 1947 a 28 de setembro seguinte, quando saiu o número 21.

Direção dos Srs. Jair Correia da Silva Loureiro e Gustavo do Valle. Redatores dos números 3 a 8, os Srs. José Egídio Farinha e Omir Correia da Silva Loureiro. Do número 9 ao 19 não fez qualquer alusão a redatores, mas nos números 20 e 21 aparecem os Srs. Omir Correia da Silva Loureiro, Mansur Cuba e Caio M. Franco Carvalho.

Formato de 43 x 30, quatro a seis páginas e cinco colunas. Tiragem de 2.000 exemplares. Impresso nas oficinas de Avante Gráficas S.A., à Avenida Augusto de Lima, 1504. Redação e administração nesse mesmo local e depois à Rua Virgínia, 252.

Jornal bem escrito e profusamente ilustrado com ótimas fotogravuras.

Intransigente adversário do comunismo, no princípio foi filiado ao Partido de Representação Popular, passando depois às fileiras do Partido Social Progressista (nº 21, página 1).

Em seu artigo de apresentação, intitulado "Razão de nossa existência", afirmava: *Nosso lema será: trabalhar por Minas para assim trabalharmos pelo Brasil.*

Os números 18 e 19 conservam os característicos tipográficos do título bem maiores que os usados em outras edições.

Inseriu vasto noticiário, assuntos literários, questões sociais, trabalhistas e econômicas, filologia, agricultura, pecuária, passatempo, esportes, história, grafologia, higiene, literatura infantil, religião, modas, sociais, crônicas, tudo enfim se encontra neste excelente semanário, de boa confecção material e intelectual.

PAISAGEM 688

Esta revista foi posta em circulação no último dia de maio de 1947.

Propriedade e direção do Dr. Antônio Brasiliano da Costa. Assistente, Dr. Celso Brant, no primeiro número apenas. Secretário do número 4, Sr. Ramon Lago, e do número 5, Sr. João Studart. Diversos redatores.

O segundo número saiu muito tempo depois, em junho de 1948, sem aludir à numeração. Idêntica falta ocorreu com o terceiro e o quarto. O quinto e último, de outubro de 1951, trouxe a devida numeração.

Formato de 26,5 x 20, duas a quatro colunas e 40 páginas em média.

Um tipo de título para o número 1 e outros para os demais.

Todas as capas foram ilustradas com vistas ou retratos.

Das edições não consta a tiragem nem o local da impressão. Informações colhidas com seu Diretor, entretanto, esclareceram que era de cerca de 4.000 a tiragem de cada uma das edições, entregues ao trabalho de várias editoras locais.

De seu artigo de apresentação, subordinado ao título "Algumas palavras", destacamos os seguintes trechos:

> Paisagem *é um movimento de esforço e sinceridade por Minas e pelo Brasil. Seremos uma tribuna democrática. Todos, de todos os partidos, de todas as religiões, poderão emitir seu pensamento e suas diretrizes através das nossas páginas.*

Nem sempre, está claro, contarão com a nossa solidariedade. Nosso ponto de vista contrário às idéias esplanadas não nos impede de divulgá-las. Faremos o possível para refletir todos os acontecimentos da vida mineira.

No número 2, porém, bem diversa foi a sua orientação. Voltou-se para o problema trabalhista, como atestam estas linhas:

Com *a presente edição, iniciamos uma nova fase da revista* Paisagem. *Seremos um órgão a serviço das justas aspirações dos trabalhadores mineiros, focalizando em suas páginas o esforço, a dedicação, o patriotismo dessa imensa legião de obreiros da nacionalidade, que realmente está traçando o roteiro do país, imprimindo-lhe um destino seguro no mundo civilizado.*

Além da matéria de seu novo programa, muitos outros assuntos eram tratados pela revista, como problemas sociais, econômicos e financeiros. Para satisfazer o leitor não-inclinado a tais leituras, entretinha-o com seções de literatura, cinema, esportes, sociais, crônicas, curiosidades, etc.

Desenhos de Rocha e amplo serviço fotográfico de Eugênio H. Silva, José Inácio Filho, Francisco Martins, Augusto Cardoso, Gaspar de Almeida e José Nicolau.

Clichérie Belo Horizonte e Minas Gerais.

Redação e administração à Rua da Bahia, 902; Augusto de Lima, 1504 e Carijós, 774.

O COMBATE 689

Possuímos apenas três números desta folha, o primeiro de 23 de junho de 1947 e o segundo de 30 do mesmo mês. O terceiro só saiu um ano e tanto depois, a 25 de novembro de 1948, com o subtítulo "Ilustrado". De fato, trouxe copiosa soma de gravuras.

Diretor, Sr. Otácilio Profeta; redator-chefe, Sr. J. F. Braga Júnior e secretário, Sr. Geraldo Bastos, dos números 1 e 2. Do número 3, o mesmo diretor e secretário, Sr. Francisco Américo M. Paiva.

Formato de 40 x 28,5, oito páginas e cinco colunas nos dois primeiros números. O terceiro com 42 x 29, 12 páginas e seis colunas. Dois cabeçalhos bem diferentes. Um para os números 1 e 2 e outro para o número 3. Ambos gravados.

Os números 1 e 2 impressos na Gráfica Belo Horizonte, à Rua dos Tupinambás, 617. No terceiro não se declara a oficina impressora.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 526, e depois à Rua dos Carijós, 454.
Não apresentou artigo de fundo. Limitou-se a traçar esta breve *Nota: Este jornal é totalmente independente, estando por isso à disposição de todos que quiserem expressar livremente seu pensamento sobre qualquer assunto.*
Amplo noticiário, assuntos trabalhistas, esportes, sociais, modas, um pouco de literatura.

DEK 690

Iniciou suas atividades em junho de 1947.
Ninguém jamais poderia compreender o significado de tão original título dado a este jornal se não recorresse à descoberta do artifício empregado para a sua formação.
A palavra DEK é o resultado da combinação de "De" e "K" significando a colocação que o nosso Estado ocupa no Código Alfabético das Delegacias Regionais do IAPI. Assim *DEK* se entende como Delegacia do IAPI no Estado de Minas Gerais.
O primeiro número da publicação é mimeografado, aliás com muita perfeição, e os restantes impressos nas oficinas de *O Diário* e na Gráfica Santa Maria.
Publicação mensal, mas ordinariamente objeto de edições globais, correspondentes a dois ou mais meses.
Conservava o formato de 27 x 19, contando de oito a 16 páginas, com três colunas do número 1 ao 15 e 17-18, e quatro nos números 16 e 19-21 em diante. Um cabeçalho até o número 14-15 e outro daí para a frente. O título do primeiro cabeçalho em letras minúsculas, brancas, sobre fundo azul, salvo nos números 13 a 15, com fundo preto. De cada lado um quadrilátero com dizeres próprios da publicação. O título do segundo cabeçalho em grandes letras maiúsculas, tendo à esquerda uma gravura do edifício do IAPI.
Até a edição de agosto-setembro de 1949, foi publicado sob os auspícios da Delegacia. A partir do número seguinte, esse esclarecimento desapareceu, sendo substituído por este — *Órgão dos funcionários do I. A. P. I. em Minas.*
Seu diretor foi o Sr. J. G. de Araújo Neto e seu redator o Sr. Levi de Almeida, até o número 14-15. Em seguida, constava do cabeçalho: *direção e administração*, funções que passaram a ser exercidas pelos Srs. J. G. de Araújo Neto, Pedro Silveira, Osías F. Cardo-

so, até o número 23, e depois por estes dois últimos e mais o Sr. Sousa Pinto.

Com o número 4, inaugurou uma interessante seção intitulada "Minas Histórica e Pitoresca", ilustrada com vistas de quase totalidade das velhas cidades mineiras, acompanhadas de ligeiros dados históricos sobre os motivos estampados.

De sua apresentação intitulada "Programa", destacamos estes tópicos:

> *De início foi nosso intuito dar ao jornalzinho o caráter estrito de órgão noticioso e divulgador das diretrizes administrativas do IAPI, especialmente da DEK. Choveram, entretanto, sugestões e pedidos para que ele assumisse uma orientação mais ampla, para que se tornasse um órgão vivo e ativo do pensamento e aspirações de todos os que, nesta Casa, contribuem com parcela de seu esforço para o progresso e bom nome do Instituto dos Industriários. Assim, DEK sai despido da clássica autoridade das publicações do gênero.*

Quase toda a sua matéria, tanto da direção como de colaboração, cingia-se a problemas ligados a questões trabalhistas e assuntos correlatos. Não obstante, outras seções ilustraram, e bem, o seu variado texto.

Em resumo, uma útil e ótima publicação.

Com o número 35-38, de setembro-dezembro de 1950, só distribuído em fevereiro de 1952, DEK encerrou sua carreira.

Devido a várias duplicatas de numeração, o número exato da última edição deveria ser 40-43.

O FERROVIÁRIO 691

Este jornal veio à luz da publicidade em substituição ao *Boletim do Clube dos Ferroviários*, extinto em 1946.

Compreende duas fases. A primeira começou em julho de 1947 e terminou quando não sabemos, pois nossa coleção não vai além da edição de novembro de 1948, que traz a tríplice numeração 11-12-13.

Seu programa é o mesmo do seu antecessor, a defesa da classe.

Teve dois formatos: até o número 4, com 28 x 19,5, quatro páginas e quatro colunas e do número 5 ao 13, com 42 x 28, quatro páginas e cinco colunas.

Diretor responsável até o número 3, Dr. Antônio Barroso Gomes; do 4 ao 8, Sr. José

Sátiro Costa e do 9 ao fim, Sr. Alberto Carneiro, que foi redator dos números 4 a 8.

Publicação algum tanto irregular, apesar de anunciada mensal. Tiragem de 5.000 exemplares e distribuição gratuita entre os associados. Impressão das oficinas de *Folha de Minas*, salvo o número 4, serviço da Gráfica Zenith, à Rua Guarani, 417.

Redação e administração à Rua dos Carijós, 236, e depois à Avenida Afonso Pena, 767.

Em julho de 1952, exatamente cinco anos depois de seu aparecimento, voltou a circular em nova fase, com nova numeração das edições e omissão do ano de publicidade.

Órgão oficial do Clube dos Ferroviários, inicialmente dirigido por Simões Coelho e depois por Raimundo L. Araújo Filho. Formato igual ao da fase anterior e com o mesmo número de páginas e colunas.

Nada informa quanto à tiragem e local de impressão.

Redação à Rua Sapucaí, 153 B.

Como representante da classe, muito tem feito em benefício dela, defendendo todas as suas justas aspirações. Este, aliás, o seu principal e único escopo. Nada mais publica além de assuntos ferroviários.

KRITERION 692

Kriterion é a destacada revista da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Seu primeiro fascículo é de julho-setembro de 1947.

Publicação trimestral até 1948 e semestral daí por diante. Editada nas oficinas gráficas da Papelaria e Tipografia de Velloso & Cia. Ltda, à Rua dos Guajajaras, 1540. Formato de 19 x 11, coluna aberta e numeração de páginas por volume. Capas uniformes, sendo o título e o número das edições impressos em tinta vermelha. Cabeçalho sem alteração.

Conselho de Redação: Professores Arthur Versiani Velloso, J. Lourenço de Oliveira, Eduardo Frieiro, Mário Casasanta e Emílio Moura, este somente até o número 11-12, de janeiro-junho de 1950. Desse mesmo fascículo para a frente figura como secretário, o Professor Wilton Cardoso. Em 1951 não se fez mais menção ao Conselho de Redação, que foi substituído por uma Comissão de Administração, constituída de elementos antigos e novos.

Kriterion é uma das mais reputadas revistas culturais dos meios universitários do Brasil. Seu seleto corpo de redação e sua brilhante equipe colocam-na em nível igual ao de

quaisquer outras publicações congêneres conhecidas. Em suma, uma publicação de alto valor, como muito poucas.

PARÓQUIA 693

A 3 de agosto de 1947 saiu o primeiro número deste boletim. Quinze dias depois, a 17, com o número 3, encerrava sua tão curta vida.

Pertencia à Paróquia de Santo Antônio e era distribuído por ocasião das missas dominicais na respectiva matriz.

Formato de 19,5 x 11,5, quatro páginas e duas colunas. Impresso nas oficinas de *O Diário*, com a tiragem de 2.000 exemplares.

PANORAMA 694

Revista de arte e literatura, circulou de agosto de 1947 a abril de 1949.

Direção e propriedade do Sr. João Calazans. Formato de 23,5 x 16, 32 a 38 páginas e duas ou três colunas. Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., à Avenida Afonso Pena, 351. Redação e administração à Rua da Bahia, 1065, depois à Rua dos Tupinambás, 352, e, finalmente, à Avenida Amazonas, 266.

Panorama adotou o critério de dedicar cada edição a uma destacada figura do mundo das letras, das artes, da política, etc, estudando-lhe a vida e obra.

Dela foram publicados oito números, o primeiro consagrado a Carlos Drummond de Andrade; o segundo, a Alceu Amoroso Lima; o terceiro, em homenagem ao II Congresso Brasileiro de Escritores, realizado nesta capital, de 12 a 16 de outubro de 1947; o quarto dedicado a José Lins do Rego; o quinto, a Abgar Renault; o sexto, a Milton Campos; o sétimo, a Monteiro Lobato, por coincidência falecido justamente quando se achava no prelo a edição que lhe fora consagrada. O oitavo foi uma reedição do sexto, acrescida de elementos de crítica e antologia da obra de Milton Campos.

Altos valores colaboraram na revista, como Edgar Godói da Matta Machado, Arthur Versiani Velloso, Mário Casasanta, Gilberto Freire, Godofredo Rangel, Oscar Mendes, Aires da Matta Machado Filho, Rodrigo de Mello Franco Andrade, Álvaro Lins, Afonso Arinos de Mello Franco e outros, além de homenageados.

Cada número publicava em sua capa o retrato daquele a quem se referia a edição, salvo

o número 3, com uma alegoria alusiva ao acontecimento a que acima aludimos.

BOLETIM DO DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA AOS MUNICÍPIOS 695

Em 1937, o Departamento das Municipalidades editou uma revista que não passou do terceiro volume, abrangendo os números 3 e 4. Voltou depois com nova publicação, intitulada *Boletim do Departamento das Municipalidades*, cujo primeiro número foi distribuído na segunda quinzena de agosto de 1947.

"Programa de Trabalho" foi o título de seu artigo de apresentação.

Apesar de publicado desde aquela data, o *Boletim* só teve existência legal a 22 de novembro seguinte, quando foi criado pelo inciso XVII do art. 123, da Lei nº 28.

A partir do número 3, de fevereiro de 1948, teve a designação de *Boletim do Departamento de Assistência aos Municípios*, por ter o dito Departamento passado a assim denominar-se pela citada Lei.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 24,5 x 17,5, 14 páginas, três colunas e tiragem de 1.000 exemplares. Dirigido pelo Diretor do Departamento, Dr. Orlando M. Carvalho, cujo valor em assuntos de organização municipal e de todos os problemas relacionados com tão importante ramo da administração é sobejamente conhecido. Com o número 6, de dezembro de 1949, suspendeu a publicação.

MEDICINA 696

Revista universitária, órgão oficial do Centro de Estudos Médicos Carlos Chagas da Faculdade de Medicina, foi uma publicação rigorosamente científica e muito bem colaborada.

Saíram três números, o primeiro, de agosto-setembro de 1947 e o último, de janeiro-março de 1948.

Seu principal objetivo era divulgar trabalhos dos acadêmicos da Faculdade, médicos e professores, contribuindo desta forma para um maior conhecimento da ciência médica. Isso o exposto no artigo de frente do primeiro número, intitulado "Apresentação".

Formato inalterável de 15,5 x 11, duas colunas e número de páginas variável. Impressão da Gráfica Queiroz Breyner Ltda., com a tiragem de 1.000 exemplares. Rigorosa feição gráfica em todos os três números publicados.

Diretores do primeiro número, Srs. Renato Cairo, Genésio B. de Sousa, Júlio Vargas e Wellington Armanelli e, nos outros, os dois primeiros citados e mais o Sr. Mário R. da Silveira.

Na capa, nada de destaque, a não ser o emblema da Medicina ao centro de um círculo verde.

Do mesmo estilo são os caracteres tipográficos do título da capa e da página-de-rosto, desta, porém, em ponto menor.

Redação e administração na própria Faculdade.

A TRIBUNA (5º) 697

É este o quinto jornal com o nome de "A Tribuna".

Saíram somente dois números, o primeiro a 30 de outubro de 1947 e o segundo, a 27 de abril de 1948.

Órgão da Frente Democrática Universitária, como consta do cabeçalho do número 1, referência que não foi reproduzida no número seguinte.

"Apresentação" foi o título do artigo com que explicou sua finalidade. Sendo curto e breve, vamos reproduzi-lo:

> *Dando cumprimento ao seu programa de realizações, a "Frente Democrática Universitária" lança hoje o primeiro número de* A Tribuna.
>
> *Embora idealizada e dirigida por elementos da F.D.U.,* A Tribuna *é, antes de tudo, uma folha a serviço dos altos interesses da classe universitária e, muito em especial, dos acadêmicos de Direito. Desta forma, as colunas do nosso pequeno órgão publicitário estarão abertas à colaboração de todos os universitários de nossa Faculdade, seja qual for sua ideologia política, pertença ou não às fileiras da F.D.U. Com relação aos nossos colegas da União Democrática Universitária, leais adversários da F. D. U., queremos dizer que estamos prontos a dar divulgação a quaisquer notícias de interesse daquela agremiação. Seja, portanto, esta folha que ora lançamos um arauto das aspirações universitárias, uma fortaleza dos legítimos interesses dos estudantes mineiros.*

Formato de 29 x 20,5, oito páginas e quatro colunas. Cabeçalho levemente alterado no número 2, mas sem mudança de tipo do título.

Diretor, Sr. Raimundo V. Couto e Silva. Redatores do primeiro número, Srs. Estélio Orlando Donagemma, José Maria Monteiro Costa, Fábio Proença Doyle e Maurício Garcia Rosa. Secretários do número 2, Fábio Proença Doyle e José Maria Monteiro da Costa.

O primeiro número foi impresso na Gráfica Santa Maria, situada à Rua Curitiba, 1414, e o 2, ao que parece, na Tipografia Brasil.

Redação e administração à Avenida João Pinheiro, 93.

A finalidade desta folha está exposta no editorial transcrito, nada restando portanto a acrescentar. Além da natureza dos assuntos a que estava adstrita, publicava, outrossim, várias seções, todas de real interesse.

O COMERCIÁRIO 698

Como o precedente, O *Comerciário* deu apenas dois números e também muito distanciados um do outro. O primeiro é de outubro de 1947, sem indicação do dia, e o segundo, de 7 de setembro de 1948, aquele com o formato de 42,5 x 28, oito páginas e cinco colunas, e este com o de 29 x 19,5, 12 páginas e quatro colunas. Tiragem de 6.000 exemplares.

Propriedade da Associação dos Empregados no Comércio de Minas Gerais, órgão de defesa da classe comerciária.

Diretor, Sr. Wilson Prado Moreira e secretário, Sr. Cândido Ubaldo Gonzalez.

Impressão da Gráfica Belo Horizonte, à Rua dos Tupinambás, 617.

Cabeçalho mais ou menos igual. Título gravado por Terenti, com letras à fantasia, tendo à esquerda a insígnia de Mercúrio, o caduceu, sobre as tábuas da Lei.

O Comerciário só tratou de assuntos referentes à classe.

O DITADOR 699

Deste jornal só conhecemos os dois primeiros números, que são de 5 e 20 de novembro de 1947. Publicação humorística, sem nada comprometedor. Humorismo banal.

Interessante e original cabeçalho, com gravuras próprias do gênero da publicação. Lê-se no do primeiro número: *Órgão de graça... por um cruzeirinho*, e no número 2: *Número especial dedicado à coligação popular.*

Diretores do primeiro número, Srs. Seme Mattar e Leão Mangabeira e do segundo, apenas este.

Formato de 28,5 x 20, oito páginas no número 1 e quatro no número 2, e quatro colunas em ambos. Boa e elegante feição material. Impressão da Gráfica Santa Maria, à Rua Curitiba, 1414. Desenhos e ilustrações de Seme.

AMÉRICA 700

América, "a voz dos americanos", não era órgão oficial do clube que lhe deu o nome, e sim a ele dedicada por seus torcedores.

Saíram 12 números, o primeiro a 24 de novembro de 1947 e o último em janeiro de 1950. Capas de diferentes tipos. A do número 1 com o retrato do diretor do América, Dr. Alair Couto; a do número 2 com o do Prefeito Octacílio Negrão de Lima; a do número 3 com o da rainha do clube, Senhorinha Maria Luisa Andrade, e as dos restantes números com retratos de atletas.

A publicação foi por demais espaçada, não obstante ter sido anunciada mensal.

No primeiro número não se menciona qual a direção. No segundo figuram os Srs. Dr. Oswaldo Nobre e Januário Carneiro como diretor e secretário, respectivamente. Do terceiro ao último teve como diretor o Sr. Januário Carneiro e só no 11 reapareceu o lugar de secretário, exercido pelo Sr. João Cirino Paiva. Já nos últimos números foi que se revelou ser o Dr. Alair Couto o fundador da revista.

Propriedade da Editora Mineira, esclarecimento constante apenas do número 1.

Formato de 23 x 15,5, 16 a 38 páginas e três colunas.

Cabeçalho perfeitamente igual em todas as edições. Desenho de Rocha.

Impressa nas oficinas de *O Diário* até o número 6 e o número 7 na Tipo-Arte, estabelecida à Rua dos Guaicurus, 503. Nos outros números não consta o local da impressão.

Redação e administração em diferentes pontos como à Avenida Afonso Pena, 526, Rua da Bahia, 1065, e Rua dos Carijós, 508. Clichês das Fotogravuras Belo Horizonte e Minas Gerais.

Como todas as publicações do gênero, só se ocupava de esportes. Ilustrações em profusão e variada colaboração de destacados desportistas.

O PIROLITO (2º) 701

Pirolito é o nome pelo qual foi crismado pelo povo o obelisco da Praça Sete de Setembro.

Com tal título, é este o segundo jornal aqui editado, que circulou de 12 de dezembro de 1947 a 15 de junho de 1949, quando publicou o número 14. Não obstante essa numeração, saíram 15 números, por haver duplicata do número 12.

Publicação mensal, com relativa regularidade.

Diretor-responsável, Sr. João Uchôa Camarão. Exerceram o lugar de secretário-da-redação os Srs. Newton Xavier de Albuquerque, nos números 1 e 2; Pedro A. Oliveira Júnior, nos números 3 e 4; Genaro d'Amicis, nos números 5 a 8. Do número 9 em diante não há referência a esse cargo.

Formato de 27,5 x 20,5, seis páginas e quatro colunas.

Dois cabeçalhos usados, um até o número 8 e outro do número 9 ao 14. O título do primeiro cabeçalho era formado de letras cujas hastes verticais imitam um obelisco. À esquerda uma gravura do obelisco da Praça Sete, vergado, e, sobre ele, em diferentes posições, diversas figuras. Na base, as palavras, *Vote nele*, uma de cada lado de uma cabeça de coelho. O segundo cabeçalho em grandes letras, de tipo comum. Entre o artigo e a letra P do título, destaca-se outra gravura do mesmo obelisco, mas em sua posição natural. Várias figuras o completam e ilustram. Desenhado por J. Nelson, com muita arte e muito espírito.

Ilustrações de Jucão, Luís Bedran, J. Massote, d'Amicis e José Nelson.

Impresso na Gráfica Zenith, à Rua dos Guajajaras, 417, nas oficinas de *Folha de Minas* e na Gráfica Modelo, à Rua dos Tamoios, 454.

Redação e administração à Rua Euclásio, 171.

O Pirolito foi um bom jornal humorístico. Bastante espirituoso e engraçado, sem nada reprovável em suas colunas. Interessantes e chistosos desenhos e charges.

Como se vê, pode-se perfeitamente fazer um jornal de espírito sem imoralidade.

BOLETIM INFORMATIVO (1º) 702

Boletim da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Funcionários da Rede Mineira de Viação, iniciou sua carreira a 10 de janeiro de 1948, com a finalidade de publicar todos os atos dos Poderes competentes sobre a instituição que representa.

Publica-se mensalmente, a 10 de cada mês, com certa regularidade. Há edições abrangendo dois meses, sem que se tenha

duplicado também a numeração, como é usual.

Formato de 26,15 x 17,5, quatro páginas e três colunas.

Redator-chefe, Sr. João Jeunan Júnior. Têm exercido as funções de redatores os Srs. Dr. João Luís de Carvalho, Cícero Patrício de Assis, Tomás de Almeida, Dr. João Batista Cardoso e Clóvis Tito Júnior.

Cabeçalho com pequenas alterações. O título, porém, tem mudado de tipo, pois se contam três variedades, a primeira para os números 1, 2 e 4, a segunda para o número 3 e a terceira para o número 5 em diante.

Redação e administração no edifício do IAPI.

Nada informa sobre a tiragem e local de impressão.

Este boletim é uma publicação de grande utilidade e vem prestando reais serviços a todos os sócios da Caixa.

Mais adiante encontraremos mais três publicações com o mesmo título.

ARTES GRÁFICAS 703

Mensário dedicado às artes gráficas e indústrias afins, o primeiro no gênero publicado no Brasil.

Excelente publicação, mas pouco conhecida, como todas as publicações especializadas, porque o grande público só se preocupa com a leitura de esportes. Na atualidade, qualquer jornaleco esportivo vale muito mais e é mais lido do que revistas e jornais de firmada reputação. Fruto de decadência de nossa cultura.

A própria administração pública é responsável por tudo isso, porque, prestigiando e auxiliando os esportes com centenas de milhares de cruzeiros anualmente, deixa abandonados e entregues à sua própria e ingrata sorte, escritores e historiadores de reconhecido mérito, cujos trabalhos servem de pasto às traças nos fundos das gavetas, por falta de recursos para sua publicação. Uma apara do que se gasta com esportes salvaria do olvido muitas obras que por aí se encontram inéditas e destinadas ao desaparecimento, com grande perda para nossas letras e nossa história. Tudo para o corpo, nada para o espírito. Os pés acima da cabeça.

Artes Gráficas teve pequena duração. Circulou apenas cinco meses, entre janeiro e dezembro de 1948. Direção dos Srs. Hélio

Queiroz e Dimas Perrim e também do Sr. Ricardo P. Ramirez, nos números 4 e 5.

Muito bem impresso, com o formato de 26,5 x 20, oito ou dez páginas e quatro colunas. Os três primeiros números impressos nas oficinas de *O Diário* e os outros dois, com novo cabeçalho, na Gráfica Santa Maria, à Rua dos Goitacazes, 1887. Tiragem de 1.000 exemplares.

Esta publicação teve a melhor aceitação em todos os grandes centros gráficos do Brasil, conforme constatamos de farta documentação que nos mostrou um de seus diretores, o Sr. Hélio Queiroz. Uma honrosa documentação.

Artes Gráficas publicou ótima matéria sobre todos os assuntos de sua especialidade, muita coisa de utilidade e proveitosos ensinamentos aos que se dedicam ao assunto.

BOLETIM DO CONTABILISTA 704

Este boletim não passou do número 5, publicado a 31 de julho de 1948. O primeiro saiu a 31 de março anterior.

Publicação mensal, distribuída com pontualidade.

Formato de 19,5 x 11,5, seis páginas e duas colunas. Cabeçalho rigorosamente igual em todas as edições. Impresso na Tipografia São Benedito, à Avenida do Contorno, 2026.

Órgão da Associação Profissional dos Contabilistas de Minas Gerais, dirigido pelo contabilista Geraldo Alves de Oliveira.

Só tratava de assuntos relativos à sua especialidade e de interesses gerais da classe. Foi uma boa publicação, preenchendo plenamente o seu objetivo.

MENSÁRIO FORENSE 705

Mensário Forense é editado sob a responsabilidade do Círculo de Juristas Católicos.

O primeiro fascículo foi distribuído nos primeiros dias de maio de 1948.

Como seu nome indica, trata-se de uma publicação sobre assuntos jurídicos.

Direção inicial dos Drs. Onofre Mendes Júnior, Sebastião de Sousa, Rubens Romeiro Péret e J. Milton Henriques.

A VOZ DO ABRIGO 706

Órgão oficial das classes anexas do Abrigo Afonso de Morais, localizado no Barreiro.

Foram publicados somente quatro números, cada qual com seu formato e seu cabeçalho:

o primeiro com 17 x 17, o segundo com 24 x 17,5, o terceiro com 26 x 18, e o quarto com 27,5 x 19. O número 1 datilografado, os números 2 e 3 impressos e o número 4 mimeografado.

Sua publicação teve início a 31 de maio de 1948 e fim a 31 de agosto seguinte. Duas colunas no número 1 e três nos outros, e todos com quatro páginas.

Diretor, Ubirajara Vasconcelos; secretários, Lourenço Jorge e Ivan Zenaide; gerente, Márcio Abreu.

Todo o jornalzinho era ocupado com produções dos alunos do educandário.

ODONTO-LITERÁRIA 707

Primeira publicação de natureza técnica e ao mesmo tempo literária que conhecemos, *Odonto-Literária* editou somente seis números, o primeiro em maio de 1949 e o último em janeiro de 1950.

Formato de 18,5 x 12, média de 34 páginas e duas colunas ou coluna aberta. Cabeçalho sem modificação.

A capa divide-se em duas partes iguais em tamanho, estando na superior o título e abaixo dele uma pilha de livros, tendo à frente um livro aberto; à esquerda, um emblema da Odontologia e à direita uma ampulheta e um tinteiro. A parte inferior é ocupada pelo sumário da edição. A capa do número 4, porém, saiu diferente, mas tão-só na parte superior, que foi substituída pela figura de Papai Noel, em comemoração ao dia de Natal, em cujo mês festivo foi publicado. O título foi gravado em letras de outro feitio, que não as usuais.

Diretor-responsável, Dr. Pedro Vicente Cardoso.

Não nos foi possível identificar o local da impressão. Redação à Rua Rio Casca, 370.

Odonto-Literária era colaborada por reconhecidos técnicos no assunto de sua especialidade, como atestam suas páginas. A parte literária não diferia da outra. O diretor da revista foi um de seus maiores, mais assíduos e competentes colaboradores, em ambas as modalidades da provecta publicação.

De inegável valor, a revista tinha suas páginas ornadas de nítidas ilustrações.

A LIRA 708

Órgão filiado ao Grêmio Artístico do Conservatório Mineiro de Música até o número 10 e do Diretório Acadêmico do mesmo estabelecimento no número 11.

O primeiro número é de 22 de junho de 1948. Com o número 11, de outubro de 1953, suspendeu a publicação, por falta de registro do título, que foi registrado pelo Sindicado dos Músicos para figurar no cabeçalho de seu jornal.

O número 5 não trouxe qualquer indicação do mês e do dia, referindo-se apenas ao ano de 1949. Conclui-se, porém, que é de outubro, porque estampa o retrato de Chopin, ao ensejo da comemoração do centenário de sua morte, ocorrido naquele mês. Formato de 28,5 x 20,5, quatro páginas e quatro colunas, salvo o número 3, que saiu com três colunas e formato menor. Tiragem de 1.000 exemplares.

O cabeçalho sofreu várias alterações, tendo-se apresentado as letras do título em seis tipos diferentes. Bem diferente o aspecto gráfico das edições, o que prova a diversidade das oficinas impressoras. Só nos números 10 e 11 se declara o local da impressão, a Gráfica Vitória, à Rua Rio de Janeiro, 858.

Formato de 28,5 x 20,5, quatro páginas e quatro colunas, salvo o número 3, que saiu com três colunas e formato menor. Tiragem de 1.000 exemplares.

Exerceram cargos de direção da folha, os seguintes alunos do Conservatório: Edda Anastasia, Maria José Alkmin Dias, Mariza Zolini, Marialba Vilani, Maria Carmen Camarano, Antônio Pimenta, Sílvio Castanheira e Taís Sartori.

Pelo título e pela filiação, vê-se claramente que *A Lira* só se ocupou de matéria relacionada com a arte da musa Euterpe. Variada e valiosa colaboração dos alunos do Conservatório e de consagrados mestres.

Deixando de existir, por força de um imperativo legal, qual o da falta de registro de seu título, *A Lira* foi substituída, em maio de 1954, por *Dissonância*.

Dada essa circunstância, temos como diferentes e distintas as duas publicações, pelo que não consideramos a segunda como nova fase da primeira, como pensa a direção da folha. Trata-se de caso todo especial, que não pode ser enquadrado na regra geral, em que a voluntária mudança de nome não altera a seqüência da vida da publicação.

EDUCAÇÃO SANITÁRIA 709

Boletim da Divisão de Demografia e Educação Sanitária do antigo Departamento Estadual de Saúde, transformado na Secretaria

de Saúde e Assistência pela Lei nº 152, de 4 de junho de 1948.

O primeiro número, que não trouxe data, foi distribuído em fins do mês acima citado, quando já se havia operado a referida transformação.

Formato de 17 x 14, 30 páginas e coluna aberta. Não menciona a periodicidade nem a tiragem. Impressão nas oficinas da Imprensa Oficial.

Este boletim é uma publicação especializada, destinada à divulgação de preceitos sobre educação higiênica, especialmente nos estabelecimentos de ensino primário. Traz farta e substanciosa matéria sobre o assunto de sua especialidade.

Na parte superior da capa instituiu a galeria dos sanitaristas e estampa neste número o retrato de Oswaldo Cruz.

INFORMADOR ESPORTIVO 710

Conhecemos somente três números deste boletim. Saíram a 4 e 18 de julho e 8 de agosto de 1948.

Formato de 29 x 24, quatro páginas e número variável de colunas. Um cabeçalho para o número 1 e outro para os demais.

Direção do Sr. Hudson Andrade Aquino.

Apesar do título, nada quase de esportes, mas anúncios com fartura, finalidade única de publicações do gênero.

ESCOLA RURAL 711

Boletim trimestral dos Cursos de Aperfeiçoamento para Professores Rurais. Publicação oficial da Secretaria de Educação, aparecida em julho de 1948, destina-se especialmente a *divulgar entre os professores rurais as noções e conhecimento indispensáveis ao cumprimento da grande missão de que se acham incumbidos*, etc.

Do ano segundo em diante, 1949, deixou inexplicavelmente de datar suas edições.

Só conhecemos até o número 5, de 1950.

Excelente e proveitosa publicação, não só para o professor rural como também para o professorado em geral.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial, com o formato de 17 x 14 e número variável de páginas.

O GAZETEIRO 712

Publicação mensal das classes anexas ao Abrigo Monsenhor Artur de Oliveira — Direção dos alunos do 4º e 5º anos. Colaboradores: todos os alunos do Abrigo. Tiragem, 500

exemplares. Aí está a reprodução dos dizeres do cabeçalho, que não sofreu qualquer alteração nos três primeiros números, únicos que conhecemos e datados de 1º de agosto, 1º de setembro e outubro de 1948.

Formato de 22 x 18, quatro páginas e duas colunas.

Muito elegante e muito bem impresso.

O primeiro número estampou o retrato do Dr. Pedro Aleixo, então Secretário do Interior, e de Monsenhor Artur de Oliveira, patrono do Abrigo.

15 DE MAIO 713

O *15 de Maio* saiu a 15, mas de agosto de 1948.

Órgão do Serviço de Divulgação da Sociedade Mineira de Agricultura, de publicação mensal.

Conhecemos somente quatro números, sendo o quarto de 14 de dezembro. O último publicado, cuja numeração ignoramos, saiu em março de 1949.

Orientação dos Srs. Francisco de Oliveira Naves e Flávio de Salles Dias e direção de D. Dulce Alves Maurício.

Tinha por objetivo o intercâmbio social, agrícola e comercial.

Formato de 40 x 29,5, quatro páginas e seis colunas. Cabeçalho sem modificação. Abaixo do título inscreveu — *Dia do Agricultor*.

Impresso na Tipografia Cruzeiro, à Rua Araxá, 53, com a tiragem de 3.000 exemplares.

Colaboração dos sócios da S.M.A.

"Nossa razão de ser" foi como denominou o artigo de apresentação, no qual expôs a finalidade de sua fundação. Além da matéria de sua especialidade, quase nada publicava de interesse geral.

Foi-lhe dado o nome de *15 de Maio* por ser este o dia onomástico de Santo Isidoro, protetor da agricultura.

SINOPSE 714

Uma súmula dos feitos e fatos mensais e órgão do corpo discente do Colégio Marconi, data de 30 de agosto de 1948 o primeiro número e de 1º de novembro o segundo, únicos de que temos notícia.

Rigorosamente iguais no cabeçalho e na feição material.

Formato de 26,5 x 19, quatro páginas e três colunas.

Diretor-responsável, Napoleão; redator-chefe, Ramsés XXIV; secretário, Mané Xique-Xique e tesoureiro, Zé Muniz.
Variada colaboração de alunos do estabelecimento.

A BATALHA 715

Órgão democrático independente, fundado e dirigido pelo Sr. Raul Ramalho.
A 15 de setembro de 1948 teve começo sua carreira. A 11 do mês seguinte saía o número 2, com o qual suspendeu temporariamente a publicação. Reapareceu com o número 3, em meados de 1950. O número 4 é de setembro, sem citação do dia, mas foi distribuído a 27. A edição de 19 de abril de 1951, que teria o número 14, saltou para o 144, por se considerar ficticiamente publicados os números intermediários, que teriam saído durante o período das diversas interrupções havidas. Há, pois, um excesso de 131 edições no cômputo geral da numeração.
Formato de 40 x 28, normalmente com quatro páginas e, às vezes, seis e cinco colunas. Cabeçalho alterado apenas pela mudança de posição e colocação dos dizeres que lhe são peculiares. O tipo do título, porém, sempre o mesmo.
Redação e oficinas, no início da publicação, à Rua Floresta, 25; depois, à Praça Quinze de Junho, 25, e a partir do número 150, de 1º de agosto de 1951, à Rua Hermilo Alves, 216.
A Batalha é um valente órgão de combate em prol da economia popular e do bem-estar da coletividade. Debate e discute todos os problemas da vida social, política e econômica do Estado e do País.
Além dessas matérias, estampa outras seções, como sociais, humorismo, literatura, esportes, etc.
De certo período para cá passou a publicar-se diariamente.

O TURISTA 716

Quando aqui se realizou o Congresso dos Estudantes, foi dado à publicidade este pequeno jornal mimeografado, do qual saíram seis números, o primeiro a 25 de setembro de 1948 e o último a 2 de outubro seguinte. Criado por alunos da Faculdade de Filosofia, teve o primeiro Conselho de Redação composto dos Srs. Edmur Fonseca, Geraldo Neves e José Campos.

É publicado somente por ocasião dos Congressos Estaduais dos Estudantes.
Formato de 17 x 16, duas a cinco páginas e duas colunas ou coluna aberta.
Tem por fim exclusivo publicar notas e artigos sobre reivindicações de quaisquer estudantes.

CORREIO DE MINAS 717

Do *Correio de Minas* conhecemos apenas o número 1, que é de 15 de outubro de 1948. Cremos que dele não passou, porquanto nunca mais o vimos em circulação.
Publicado sob os auspícios do Departamento Estudantil do Partido Republicano.
Diretor, Sr. Raulino Floresta e secretário, Sr. Walter Licínio.
Formato de 42 x 28, seis páginas e cinco colunas. Título em pequenas letras, que discordam do tamanho do jornal. À esquerda dele o contorno do mapa de Minas, atravessado por uma folha de papel e uma pena.
Redação e administração à Rua da Bahia, 1065.
Correio de Minas, como filiado ao PR, tratou exclusivamente da política do partido e exaltação à pessoa de seu presidente, Sr. Arthur Bernardes. Afora isso, muito pouca matéria.

PDC 718

Boletim do Partido Democrata Cristão, publicado pelo respectivo Departamento de Divulgação. O nosso fichário acusa somente a existência de dois números, o primeiro e o segundo, aquele de 25 de outubro de 1948 e este de 30 do mês seguinte.
Formato de 25 x 19, quatro páginas e três colunas. Cabeçalho sem modificação. À sua esquerda um losango com a repetição do título.
No artigo de apresentação, assinado pelo Dr. Antônio de Vaconcellos, presidente do Partido, disse que o Boletim seria o precursor de um grande jornal. A promessa, porém, não foi cumprida.
Não precisamos dizer que essa publicação só tratou de política, especialmente da de seu partido.

GAZETA TRABALHISTA 719

Semanário independente. Pela defesa das relações de equilíbrio social entre empregados e empregadores, eis o cabeçalho, que não variou até o número 5. Desconhecemos

os números 6 a 8. O número 9 não encerrou tais detalhes. As letras do título foram as mesmas nos citados números 1 a 5 e 9.

O primeiro número saiu a 30 de outubro de 1948 e o último a 1º de igual mês de 1950 e foi o 9 retro referido.

Publicação muito espaçada, semanal só na promessa.

Direção e responsabilidade dos Srs. A. Bentes e Wilson Prado Moreira, até o número 5. O número 9 teve como diretor-responsável o Sr. J. Fernando Cruz e como redator-chefe o Sr. Wander M. Moreira.

Formato de 42,5 x 29,5, quatro a seis páginas e seis colunas do número 1 ao 5. O número 9 saiu bem maior, com 49 x 39, quatro páginas e oito colunas.

Impressão de *Folha de Minas* até o número 5 e em oficinas do Rio de Janeiro, até o número 9. Tiragem de 1.500 exemplares. Redação e administração, à Rua dos Carijós, 561, e depois à Avenida Amazonas, 730.

Nos cinco primeiros números *Gazeta Trabalhista* só tratou de problemas da classe e de seus vitais interesses. O número 9, porém, ocupou-se principalmente de propaganda política a favor da candidatura do Sr. Vitorino Freire à vice-presidência da República.

Na última página estampou um grande retrato do Sr. Ovídio de Abreu, então presidente do Banco do Brasil e candidato a deputado federal, acompanhado da transcrição de um artigo laudatório ao mesmo, consagrado e publicado por outro órgão local.

Das quatro páginas dessa edição, as duas centrais só de anúncios, sendo que a terceira ocupada integralmente por um anúncio do Banco do Brasil, estabelecimento de crédito cujas tradições e potencial financeiro dispensam qualquer propaganda, principalmente em jornal provinciano, de restrita e limitada circulação.

Gazeta Trabalhista, além do descrito, alimentava outras seções, como noticiário, esportes, cinema, teatro, etc.

Pela falta dos números 6 a 8, não podemos dar notícia mais completa desta folha. Bem que diligenciamos para a aquisição daqueles números, mas fomos infelizes em nossas tentativas.

O VERBO MOÇO 720

Jornal espírita, de publicação mensal. Adotou dois formatos: 28 x 20, quatro páginas e quatro colunas, do número 1 ao 19, e 43 x

27, quatro páginas e cinco colunas, do número 20 em diante.

Cabeçalho perfeitamente igual, mas proporcional a cada formato. À esquerda do título um quadrilátero com a seguinte inscrição: *Em todos os ângulos do caminho encontraremos sugestões do Senhor, desafiando-nos a servir. André Luiz.* E embaixo: *Órgão da U. E. Maria João de Deus — 'Paz e Alegria'.*

O título é reproduzido na última página, em outros caracteres tipográficos, contendo à sua direita, no número 2 e do 4 em diante, o seguinte: *O verbo gasto em serviços do bem é cimento divino para realizações imorredouras. André Luiz, No Mundo Maior, p. 38.*

Circulou de outubro de 1948 a dezembro de 1951, quando deu o número 29.

Diretores, Sr. Delcides de Oliveira Baumgratz, até o número 16, e Sr. Delauro de Oliveira Baumgratz, do número 17 ao fim. Redatores, Sr. Mário de Paula Nascente, até o número 16; Cleber V. Lima, nos números 17 a 19, e Issan Farhat, do 20 para frente. Secretário, Sr. Delauro de Oliveira Baumgratz, até o número 16, o Daisy V. Lima, do número 17 até o final.

Distribuição gratuita.

Redação à Rua Aquiles Lobo, 52.

O Verbo Moço não se limitava apenas à divulgação da doutrina espírita. Publicava também matéria variada, mas toda subordinada às crenças espirituais. Estampava interessantes trabalhos literários, em prosa e verso, de escritores e literatos, psicografadas por Chico Xavier.

A numeração de 13 saltou para 15, mas, tendo sido esta repetida, não se verificou diferença de quantidade e sim de numeração por faltar o número 14 e haver duplicata do 15.

Grandes valores intelectuais colaboravam em *O Verbo Moço*. Em sua especialidade, uma publicação digna de destacado registro.

Impressão das seguintes oficinas: Gráfica Cruzeiro do Sul, até o número 11; Editora Minas Gerais, do número 12 ao 19; Tipo-Arte, do 20 ao 24, e Aliança, do 25 ao fim.

SARCOPTES 721

Jornal de alunos da Faculdade de Medicina. Conhecemos só os números 1 e 2, ambos mimeografados, em uma só face da folha. São de 5 de novembro de 1948 e 25 de abril de 1949.

Conselho de direção — Mário Ribeiro da Silveira, Romeu de Carvalho e Zigman Brener. Quatro páginas no número 1 e oito no número 2, e duas colunas em ambos. Cabeçalho sem alteração.

No artigo de apresentação disse:

> Sarcoptes, *assim como o seu homônimo da ordem dos Acarinos, produzirá coceiras. Antes assim: que os pacatos moleirões que nada fazem pelo estudante se cocem bastante, até que possam sentir o clamor das nossas reivindicações insatisfeitas.* Sarcoptes *nasce para o combate, como a juventude para a vida. Quer espaço, amizade e compreensão da parte dos justos. Quer o ódio, o desprezo e a má-fé dos velhos carcomidos pelo desânimo e dos jovens envilecidos pelas neutralidades acomodatícias.*

Além da parte séria, em que pugnava pelos interesses da classe, havia a parte humorística, de pilhérias com a rapaziada da Faculdade. *Sarcoptes* pôs a pele de muito acadêmico a coçar, porque sarna coça mesmo...

ACAIACA 722

O primeiro número da conceituada revista *Acaiaca* foi lançado à publicidade em 25 de novembro de 1948. Publicação mensal, com relativa regularidade.

Tem sido esta a sua direção: Diretor, Paulo Dias Correia, dos 11 primeiros números; Carlos Felinto Prates, dos números 12 a 14; Oscar Dias Correia, do número 15, e Celso Brant, do número 16 até o presente (nº 35, de maio de 1952). Secretários, Celso Brant, do número 1 ao 15; Alberto Sabino, do número 17 e Sebastião Noronha, do número 18 até agora (nº 35 citado). No número 16 não consta o cargo de secretário.

Formato de 18 x 11, avultada quantidade de páginas, na média 80 por edição, e coluna aberta.

Sempre o mesmo cabeçalho, apenas modificado com as alterações próprias da mudança de direção. Capas completamente diferentes e todas de belo efeito, reproduzindo quadros célebres, costumes nacionais antigos e obras arquitetônicas, retratos de personalidades célebres, etc.

Cuidadosa e fina impressão das oficinas da Imprensa Oficial, em ótimo papel e profusamente ilustrada com a reprodução de obras de arte. Numeroso e destacado quadro de colaboradores, constantes dos mais repre-

sentativos nomes de nossa cultura, em suas diferentes modalidades.

Redação e administração à Rua dos Carijós, 436, até o número 11, e em seguida à Avenida Afonso Pena.

Prosa, verso, história, artes, tudo, enfim, se encontra nesta publicação. É uma revista de inegável valor. Para que fosse fielmente descrita seria necessária uma remissão completa, número por número, fato que destoaria da orientação imprimida a este trabalho. Sua elevada tiragem é bem um índice revelador da posição que ocupa em nossos círculos culturais.

GAZETA BANCÁRIA 723

O primeiro número deste jornal saiu a 30 de novembro de 1948; o número 2, a 31 de março de 1949, e o terceiro em outubro seguinte. O quarto só deu o ar de sua graça dois anos e dois meses depois, em 31 de dezembro de 1951. Com a data de janeiro-fevereiro de 1952, saiu o número 6, quando de fato se tratava do 5. Em setembro de 1953 apareceu o número 8.

Gazeta Bancária anunciou publicação mensal, mas o resultado foi o que assinalamos acima.

Distribuição gratuita entre os associados. Redação e administração à Rua São Paulo, 638, nos três primeiros números, e à Rua dos Tamoios, 611, no número 4.

Órgão do Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de Belo Horizonte. Diretor geral, Sr. José Tomás Leão e diretor e redator-responsável, Sr. Geraldo Alves de Oliveira, nos números 1 e 2. No número 3, o mesmo diretor-geral, e diretor e redator-responsável, Sr. Pedro Alves de Oliveira Júnior. Esta a direção dos números 4 e 6: diretor-geral, Sr. Magno Fernandes; diretor-responsável, Sr. Adauto Junqueira Rebouças, e redator-chefe, Sr. Mário S. Velloso.

Formato de 29,5 x 19,5, quatro a 12 páginas e quatro colunas.

Cabeçalho mais ou menos uniforme. O número 2 saiu com as letras do título diferentes das dos demais.

Tiragem de 1.500 exemplares. Impresso na Gráfica Cruzeiro do Sul, à Rua Curitiba, 734-771, o número 1; na Tipografia Cruzeiro, à Rua Araxá, 53, o número 2; os números 3 e 4 na Gráfica Santa Maria, à Rua dos Goitacazes, 1887. Não sabemos o local da impressão do número 6, o último, aliás, que conhecemos.

De seu primeiro editorial "Nossa apresentação" destacamos:

> *Nasce este jornal das circunstâncias imperiosas que assinalam um marco de evolução na carreira do bancário — e nasce para viver e crescer, crescer como cresce o número dos bancários em Minas, crescer como cresce a nossa profissão, crescer como tudo que nasce, mas crescer para produzir, para edificar, para engrandecer e honrar ainda mais a profissão e os profissionais.*

Gazeta Bancária foi excelente e útil publicação, muito pugnando pelos interesses da laboriosa classe que representava. Além da matéria de seu principal objetivo, de seu texto constavam outras seções sobre assuntos diversos.

INTERCÂMBIO 724

Muito prometia esta revista literária, a avaliar-se pelo primeiro número, posto em circulação a 1º de dezembro de 1948 e que dele, infelizmente, não passou.

A sorte ingrata e madrasta que persegue a nossa imprensa, principalmente no ramo das revistas, mais uma vez se fez sentir. Está provado que em Belo Horizonte só prosperam grandes empresas jornalísticas. Qualquer publicação que não estiver desta forma protegida só tem a esperar um fim, que é o fracasso. A iniciativa individual dificilmente vinga em nosso meio.

Intercâmbio teve esta direção: diretores, Sr. Fernandes Vianna e Senhorita Cordélia Fontainha Seta; diretor artístico, Julius Kaukal; diretor-gerente, Sr. Manuel J. Guedes, e secretário da redação, Dinorah Magalhães.

Formato de 18,5 x 10,5, 40 páginas sem numeração e coluna aberta. Impressa na Gráfica Santa Maria, à Rua dos Goitacazes, 1887. Na capa estampou bela reprodução de suntuosa e monumental janela do Convento de Cristo, em Tomar. No texto, algumas gravuras.

Redação e administração à Rua Curitiba, 746. Como revista luso-mineira, foi lançada com o fim de estabelecer intercâmbio cultural entre Portugal e Minas.

No artigo de frente — "Apresentação" — disse:

> *Há muito que se fazia sentir, entre nós, a falta de um órgão de publicidade que revelasse Minas Gerais a Portugal e Portugal a Minas Gerais; Minas, na sua pu-*

jança; Portugal, na sua atualidade e gloriosa tradição.

Colaboraram na revista os seguintes escritores: Abgar Renault, Oscar Mendes, Costa Rego, Jorge Barbosa, Raul Lima, Eduardo Frieiro, Aires da Matta Machado Filho e Fernandes Vianna. O Srs. Milton Campos, então Governador do Estado, e J. Bianchi, Embaixador de Portugal, traçaram algumas linhas de apreciação da publicação que ia ser lançada a público.

Já dissemos e aqui o repetimos: foi pena que *Intercâmbio* não continuasse, porque valiosos elementos não lhe faltariam para vencer.

ONDE E QUANDO 725

Só conhecemos os números 1 e 3, aquele distribuído a 18 de dezembro de 1948 e este de maio-junho de 1949, que não trouxe, como o primeiro, cabeçalho interno.

Revista-guia de Belo Horizonte, editada por seu redator e diretor-responsável, Sr. Bueno de Rivera, o grande e consagrado poeta patrício. Formato de 20 x 12. O número 1, com 32 páginas e impresso na Tipografia São Rafael, à Rua Pouso Alegre, 2135, e o número 3, com 36 páginas, impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

Em *Onde e Quando* encontrava o leitor dados e apontamentos de grande interesse, tais como indicações sobre casas comerciais, transportes, hotéis, colégios, casas de diversões, profissões liberais, enfim um repositório completo de informações úteis e a todos proveitosas.

Texto com grande quantidade de ilustrações, principalmente de trechos pitorescos da Capital.

Foi uma publicação de real valor, verdadeiro e completo guia do turista.

O BOLETIM 726

Órgão de publicidade da Divisão de Assistência ao Cooperativismo — Departamento de Economia — Secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho do Estado de Minas Gerais: este o cabeçalho da capa, reproduzido na página de frente.

Direção do Sr. Guaracy Catão.

O primeiro número está datado de dezembro de 1948, mas só foi distribuído em princípios de abril de 1949, única edição que conhecemos.

Formato de 17 x 10,5, 45 páginas e coluna aberta. Impresso na Gráfica Belo Horizonte Ltda., à Rua dos Tupinambás, 617.

Farta colaboração de técnicos de sua especialização. Distribuição gratuita.

O TEMPO MAGAZINE 727

Revista ilustrada mensal, de propriedade da Editora O Tempo Ltda., dirigida pelo Sr. Suarez Nogueira Penido e tendo como redator-secretário, o Sr. José Maria Rabello.

Dela só conhecemos o primeiro número, distribuído na primeira quinzena de janeiro de 1949, com o formato de 39 x 24,5, 12 páginas e cinco colunas.

Assim se apresentou:

> *Pugnará, terçará armas pelas boas causas que são as do povo. Será sua sentinela avançada; pois em suas páginas terão guarida todos os problemas que, de perto, toquem os interesses reais de Belo Horizonte, que é bela e miserável; dessa Minas Gerais outrora rica e poderosa; hoje suas tradições suprem a vacuidade de certos políticos, que agem como se ela fosse propriedade deles.*

Impressa em formato de jornal, dobrada ao meio tomava aspecto de revista, servindo a última página de capa e contracapa, aquela com um desenho alusivo a certo artigo publicado no texto e esta com a planta do Edifício Cauê.

O Tempo Magazine tratou de tudo; política, literatura, esportes, radiofonia, humorismo, etc.

Não citou a oficina impressora, nem a tiragem.

Redação e administração no Edifício Mariana.

BOLETIM INFORMATIVO (2ª) 728

Órgão da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, no qual se descrevem todas as atividades esportivas do Estado. Seu principal objetivo é difundir e animar todos os esportes.

Iniciou sua publicação a 31 de janeiro de 1949. Dele só conhecemos até o número 6, de junho.

Publicação mensal, com o formato de 30 x 17, 16 a 20 páginas e coluna aberta. Mimeografado apenas em uma face da folha, com tiragem de 400 exemplares.

Redação à Rua dos Goitacazes, 15.

SENAI DE MINAS GERAIS 729

Revista dos alunos da Escola do Serviço Nacional de Indústria.

Abaixo do título estão estes esclarecimentos: *Informativo mensal das Escolas de Minas Gerais. Fundado em 15 de janeiro de 1949. Orientadores e coordenadores, Seção de Ensino e Assistência Social — Composição e impressão a cargo dos alunos de artes gráficas da escola de Belo Horizonte — Colaboradores, alunos, professores e funcionários.* Isto até o número 3. Nos últimos números os dizeres que se seguiam ao período — Fundado em 15 de janeiro de 1949 — foram substituídos por estes: *Coordenadora: Escola de Belo Horizonte — Colaboradores: alunos, professores, funcionários e instrutores.*

Circulou cinco meses, janeiro a abril e maio-agosto de 1949.

Formato de 25 x 19, 20 páginas e três colunas. A capa representa um pedaço do território mineiro, com os nomes das respectivas posições geográficas das cidades de Sabará, Nova Lima, Belo Horizonte, Uberaba e Juiz de Fora, nas quais existem escolas profissionais. Cada nome dessas localidades é fixado pelo vértice de um cone circular, em cuja base se encontra uma das diferentes letras que formam o nome da revista — SENAI. Logo abaixo, o complemento do título — Minas Gerais. Cada número trazia a capa de uma cor.

Tiragem de 500 exemplares.

Variada colaboração sobre todos os assuntos próprios de sua especialidade, além de outros, como literatura, humorismo, esportes, etc. *SENAI* foi uma boa publicação, sendo de lamentar-se ter tido tão curta vida.

FOLHA RURAL 730

Um órgão de propaganda e fomento da produção agropecuária, tais são as referências de seu cabeçalho, onde há indicação, também, do ano de sua publicação, data e número. Título em letras vermelhas.

Publicação quinzenal, mas bastante irregular. Nosso fichário acusa a existência apenas dos números 1 a 4, 6 a 9, o primeiro de 25 de fevereiro de 1949 e o último de 31 de agosto seguinte. Diretores, Srs. Rui de Araújo Lima e José Leão.

Formato de 38,5 x 24,5, oito páginas e cinco colunas. Impressa em mais de uma oficina, mas não conseguimos identificar nenhuma delas. Redação à Rua Rio de Janeiro, 324.

Dedicada exclusivamente a matérias de sua especialidade, reuniu muita coisa de valor e utilidade para os criadores e agricultores.

O LIBERAL (2ª) 731

Cessada a publicação da folha comunista *Jornal do Povo*, em conseqüência da suspensão temporária que lhe fora imposta pelo Sr. Ministro da Justiça, pouco se fez esperar para o lançamento de seu eventual sucessor, *O Liberal*.

Datado de 12 de março de 1949, surgiu este como uma tentativa de burlar a determinação ministerial e a vigilância da Polícia, que, aliás, estava atenta a todos os movimentos de mistificação.

Para despistar, *O Liberal* saiu com o número 721, do ano XIV, sob a direção do Sr. Celius Aulicus. O interessante dessa peculiaridade é que o ano de publicidade assinalado coincide, exatamente, com o que contaria, se existisse, um outro *O Liberal*, que saiu em 1936. Não sabemos se isso se deve a simples coincidência ou a deliberado propósito por parte de quem, conhecendo a antiga publicação, tivesse procurado irmanar a vida das duas folhas. Só a numeração não adotou a mesma lógica, porque o primeiro *O Liberal* estaria hoje pela casa dos 340 números, por ser quinzenário.

A antiga folha conservava feição diametralmente oposta à desta, sendo nitidamente democrática, sem embargo de apregoar também a nova achar-se a serviço da Democracia!...

O Liberal teve quase toda a sua edição apreendida pela Polícia, mas mesmo depois disso venderam-se, por dilatados dias, centenas de exemplares clandestinamente, ficando assim burlada a ação da autoridade.

Formato de 33,5 x 23,5, quatro páginas e duas colunas. Impressão da Oficina O Cruzeiro, situada à Rua Araxá, 53, e tiragem de 6.000 exemplares. Redação à Rua Mato Grosso, 268, ou seja, no mesmo local da redação do *Jornal do Povo*.

O título ostenta em cada lado um retângulo, o da esquerda com esta estupefaciente declaração: *Um jornal a serviço da Democracia*, e o da direita referindo-se ao ano de publicidade e ao número da edição.

ESFINGE 732

Três é o número fatídico para a imprensa de Belo Horizonte. Ordinariamente nossas publicações não o ultrapassam, de maneira especial as revistas.

Esfinge não fugiu à regra, não tendo passado do terceiro número. O primeiro saiu a 14 de março de 1949; o segundo não trouxe a mí-

nima referência à data, mas circulou em abril, e o último apareceu em setembro.

Na primeira edição consta ser a publicação patrocinada pela U.C.M.G.

Diretor-geral, Sr. Manoel Higino dos Santos; diretor-gerente, Sr. Silas Augusto Costa e diretor-secretário, Sr. José Fonseca Duarte. No número 2, os mesmos, exceção feita do diretor-gerente, substituído pelo Sr. Saturnino R. de Freitas.

No número 3 declara ser órgão do Teatro Mineiro de Arte, sob a mesma direção e mais o Sr. Alberto Sabino de Freitas como diretor-presidente e o Sr. Saturnino R. de Freitas, que passou de diretor-gerente a assistente.

Esfinge era especialmente literária, mas em suas páginas tudo o mais se encontrava, como variedades, cinema, rádio, humorismo e esportes, sociais, crônicas, etc.

Formato de 26 x 18,5, 34 páginas e número de colunas variadas, de acordo com a estética da paginação ou o assunto versado.

Não adotou cabeçalho na página de rosto. O número 1 com um tipo de capa e os outros com outro. Na do primeiro, o título e o retrato de uma atriz cinematográfica e nos números 2 e 3 o título, o número e o ano de publicidade e a Esfinge em gravura, além do retrato de uma senhorinha de nossa sociedade no número 2 e a fotografia de uma índia da Ilha do Bananal trabalhando em artefatos de cerâmica, no número 3.

O primeiro número impresso nas oficinas da Imprensa Oficial e os demais na Gráfica Santa Maria, à Rua dos Goitacazes, 1887. Fartamente ilustrada com clichês da Fotogravura Belo Horizonte.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 759, e depois à Rua dos Carijós, 269.

Corpo de colaboradores: Álvaro M. T. Pontes, Argentino Roque de Sousa, Cândido Canela, Hélcio Deslandes, João Bosco C. Lana, José Mesquita de Carvalho, Renato Bastos Vieira, Albertina Castro Borges, James Killiam e Haydée Dias Duarte.

Esfinge foi uma boa revista e não devia ter desaparecido. Ao sair, porém, já previa sua efêmera duração, assim se apresentando:

> *As revistas e jornais em nosso Estado se têm caracterizado pela efemeridade de sua existência. Nascem para morrer logo depois. No terceiro número e até no segundo, eis a dura realidade. A vida das nossas instituições de imprensa, sobretudo das revistas, tem sido meteórica e inglória. Nascem e morrem sem deixar*

uma história, uma saudade ou sequer uma lembrança.

Todas estas verdades nós também já temos dito várias vezes no decurso deste trabalho. Mas é escusado teimar. Só as publicações de grandes empresas prosperam em nosso meio.

RESENHA CINEMATOGRÁFICA 733

Mensário ilustrado, de propriedade de Cinemas e Teatros de Minas Gerais S. A., distribuído gratuitamente todo primeiro sábado de cada mês, na portaria dos Cinemas Brasil, Metrópole e Glória.

Diretor-redator, Sr. Lauro Esteves da Silveira.

Saíram apenas quatro números, o primeiro a 2 de abril e o último a 2 de julho de 1949.

Formato de 20 x 14, 16 páginas e uma a três colunas.

Cabeçalho de um modelo para o número 1 e outro para os demais, da mesma forma que as capas, todas ilustradas com retratos de artistas de cinema.

Redação e administração à Avenida Amazonas, 315.

Publicação criada para fins exclusivamente de propaganda cinematográfica. Não obstante, proporcionava a seus leitores um pouquinho de literatura e humorismo.

MACKENZIE 734

Boletim esportivo, de publicação mensal, do Mackenzie Esporte Clube, mantinha seções especiais para todos os gêneros de esporte de nosso meio.

Primeiro número publicado a 5 de abril de 1949, com o formato de 19 x 11,5, oito páginas sem numeração e duas colunas. Capa ilustrada com fotografia de uma reunião do clube.

Diretor-responsável, Sr. Afonso Arinos Rocha Penna e secretário, Sr. Heleno Penna Mascarenhas.

Redação e administração à Avenida João Pinheiro, 435.

O que aqui está, refere-se ao primeiro número, único que conseguimos obter.

VOSSA SENHORIA 735

A 18 de agosto de 1946 saía, em Pará de Minas, o primeiro número do *menor jornal do mundo*, trazendo o curioso título de *Vossa Senhoria*.

Com o número 91, de 29 de maio de 1948, suspendeu a publicação, transferindo-se para Abaeté, onde reapareceu a 27 do mês seguinte, com o número 92. Nessa cidade

esteve até 6 de março de 1949, quando publicou o número 126. Em seguida, passou a ser editado nesta capital, desde 20 de abril, com o número 127. Desse número saíram duas edições, aliás completamente diferentes, cada qual com sua matéria.

A 25 de dezembro de 1951 e com o número 214, despediu-se de Belo Horizonte, reaparecendo com o número 215, de 3 de fevereiro de 1952, em Pitangui, onde passou o seu redator a exercer o cargo de gerente da Imprensa Municipal.

Como se vê, um jornal andejo, verdadeiro cometa.

Apesar de minúsculo, é ampla e profusamente ilustrado, contendo todas as seções costumeiras dos grandes órgãos de publicidade. Tudo resumido, é certo, mas tudo nele se encontra.

Adotou aqui três cabeçalhos, aliás pouco diferentes entre si: um até o nº 135, de 19 de junho; outro do nº 135 (edição de numeração repetida), de 3 de julho, até o nº 139, de 24 do mesmo mês e o último, do número 140, de 1951, em diante.

Formato de 8,5 x 5,5 e ordinariamente com 24 páginas e duas colunas. Tiragem de 7.500 exemplares.

Publicação semanal, com variações quanto aos dias; quartas, sábados, domingos ou segundas-feiras.

Composto, paginado, impresso e redigido exclusivamente por seu diretor, Sr. Leônidas Schwintd. Redação e oficinas à Rua Suaçui, 208.

Aí está o que é *Vossa Senhoria, o menor jornal do mundo*, que vale muito mais do que muitos de maior formato. (Uma observação: menor do que *Vossa Senhoria* aqui tivemos *O Colibri*.)

LIBERTAS 736

Órgão oficioso da Polícia Militar do Estado, declaração constante do número 1 e jamais reproduzida. *Revista técnica, científica, noticiosa, literária e social*, criada por portaria do Comando Geral da corporação em março de 1949.

Libertas circulou 15 vezes, sendo a primeira em abril de 1949 e a última em dezembro de 1950.

Seu primeiro número teve como diretor o Capitão Cosmo Persine Merlin. Os restantes saíram sob a direção do Major Antônio Heleodoro dos Santos.

Formato de 19 x 12, ordinariamente com mais de 100 páginas e número variável de colunas.

A primeira edição não trouxe cabeçalho. O das outras, disposto no verso da capa ou da contracapa ou em páginas próximas. Cada número com um tipo de capa, todas ilustradas com assuntos variados.

Libertas foi apresentada ao público pelo então Governador Milton Campos, em breve artigo estampado na página-de-rosto.

Impresso na Gráfica Santa Maria à Rua dos Goitacazes, 1887, com a tiragem de 5.000 exemplares, clichês da Fotogravura Minas Gerais.

Manteve quase permanentemente estas seções: técnica, científica, cultural, literária, artes, oficial, noticiário, educação física e esportes, e recreativa. Colaboração de diversos, especialmente de elementos da Polícia Militar.

Foi uma boa revista, sendo de lamentar-se seu afastamento das lides da imprensa.

ARQUIDIOCESANO 737

Deste jornal, órgão dos alunos do Ginásio Arquidiocesano, só conhecemos até o número 7, menos o 3. É de 11 de maio de 1949 sua primeira edição.

Orientador, Professor Ari Rocha, e diretor, Sr. Luís Ferraz.

Formato de 22,5 x 15,5 no primeiro número, 29,5 x 18 no segundo e 25,5 x 17 nos demais. Duas colunas nos números 1 e 2 e três nos outros, todos com quatro páginas.

O primeiro número impresso na Tipografia Ferraz, o segundo datilografado e os restantes impressos em oficinas não declaradas nas edições. Um cabeçalho para o nº 1, outro para o nº 2 e outro para os outros 3. No cabeçalho dos números impressos destaca-se a fotografia do edifício do Ginásio.

Texto ocupado com composição de alunos e colaborações dos mestres.

Ao que nos parece, não passou do número 7, de maio de 1951.

RESISTÊNCIA 738

De *Resistência* saíram unicamente três números, o primeiro a 19 de maio de 1949, o segundo a 19 de agosto seguinte e o terceiro a 13 de maio de 1950, todos de feição material rigorosamente igual — formato de 26,5 x 18, oito páginas e três colunas. Ótima impressão e perfeita paginação, sem frisos

entre as colunas. Um excelente trabalho gráfico.

Órgão de resistência democrática, editado sob a responsabilidade dos Srs. Danilo Andrade, Paulo Apgaua, Sebastião de Oliveira Sales e Wilson Bacelar de Oliveira.

"Porque aparecemos" foi o título do artigo com que se apresentou a seus leitores. Na impossibilidade de transcrevê-lo na íntegra, vamos respigar de seu todo os trechos que reputamos essenciais, para se ter uma idéia de sua orientação política, que aliás divergia dos rumos seguidos pela direção da UDN.

> Resistência *é o mensageiro da opinião da resistência democrática. Pretende, também, ser jornal popular e manter-se na sustentação intransigente e desassombrada dos ideais democráticos contra os empreiteiros das unanimidades dos partidos únicos em que as massas não são ouvidas e os figurões combinam e tramam tudo sem a menor preocupação pela sorte do povo.*
>
> Resistência *não se coloca a favor e nem aparece para combater a qualquer dos bandos acaudilhados que se denominam partidos — bate-se, intransigentemente, pelo programa da União Democrática Nacional e reclama sua execução. Estamos caminhando a passos largos para o regime do partido único, como nos sistemas fascistas.*
>
> *À nova geração cumpre o grave e inadiável dever de realizar o Brasil.* Resistência *será o núcleo de um movimento de renovação de valores. Renovação de atitude em face dos problemas do povo contra o carrancismo retrógrado dos que fazem política atrasados há dois séculos, no mínimo.*

Resistência foi um vibrante e bem-dirigido panfleto. Enérgico, claro e conciso nos conceitos emitidos, pugnou com toda fidelidade por seus ideais, defendendo os verdadeiros postulados da sã democracia. Era calorosamente brigadeirista.

No sopé da primeira página do número 1 escreveu:

> *A União Democrática Nacional é a derradeira esperança da democracia brasileira. É preciso que ela reconquiste o glorioso estandarte da campanha do Brigadeiro.*

Redação à Rua do Espírito Santo, 578, e depois à Rua Rubi, 430.

O ESTUDANTE DE COMÉRCIO 739

Órgão da União dos Estudantes de Comércio de Minas Gerais.

Em maio de 1949 saiu o primeiro número, o único que conhecemos.

Abaixo do título lê-se: *Unidade. Cultura. Progresso.*

Diretor, Sr. Dimas Perrim e colaboração de todos os estudantes de Comércio.

Jornal exclusivamente dedicado aos interesses e problemas da classe.

Formato de 27,5 x 19, seis páginas e quatro colunas. Ignoramos o lugar de impressão, bem como a tiragem.

No artigo de frente — 'Bilhete aos estudantes' — o diretor da folha enumerou as aspirações dos estudantes de Comércio, das quais o jornal seria o porta-voz.

BISTURI 740

Tal qual como do anterior, deste jornal só conhecemos o primeiro número, datado também de maio de 1949.

No cabeçalho dois retângulos com estes dizeres: *Órgão independente universitário* (à direita) e *Escola de Medicina* (à esquerda).

Diretores, Srs. João Bosco Cavalcanti Lana e Pedro Costa Neto; secretários, Srs. Antônio de Castro Guimarães e Sidney Almeida.

Engendrado e publicado sob orientação e responsabilidade de alguns idealistas do primeiro ano médico são palavras estampadas no cabeçalho.

Formato de 26,5 x 19,5, quatro páginas e três colunas.

Redação à Rua da Bahia, 902.

PAU NELE 741

Órgão dos alunos do Colégio Santo Agostinho.

No cabeçalho nada declarado. Nem data nem o nome da localidade. Acima da vinheta das outras páginas disse apenas: *Belo Horizonte. O leitor já sabe o dia*. E qual foi ele? Nós o dizemos: 19 de junho de 1949.

Diretor-geral, Sr. Belini Florêncio Braga e secretário, Sr. José Roberto O. Novais.

Formato de 27,5 x 21, quatro páginas e três e quatro colunas.

No cabeçalho dois retângulos, um com a declaração da tiragem, 500 exemplares, e outro com o preço do número avulso.

Jornal humorístico, do qual só conhecemos o número descrito.

COMPRIMIDO 742

Órgão independente do terceiro ano de Farmácia, saiu em junho de 1949 o primeiro número e em agosto o segundo, únicos constantes do nosso catálogo.

Diretor responsável, Sr. João Júlio Rodrigues, no primeiro número, e Spencer Procópio, no segundo. Neste aparece como secretário o Sr. Nagib Auad.

Formato de 26,5 x 19,5, quatro páginas e três colunas. Impresso nas oficinas do jornal *O Poder*.

Sua finalidade se prendeu *ao desejo dos terceiranistas de Farmácia de deixar uma pequena lembrança nesta Casa, que possa atestar a nossa passagem por esta Escola.*

DIÁRIO DE MINAS (2º) 743

Este é o segundo jornal de Belo Horizonte com o título *Diário de Minas*. O primeiro foi fundado e dirigido pela grande figura de Mendes Pimentel, que lhe imprimiu uma orientação até então desconhecida na imprensa provinciana. Fase brilhantíssima, não excedida por qualquer jornal de hoje, é certo que guardadas e respeitadas as devidas proporções entre as duas épocas, tão distanciadas pelo tempo.

O atual *Diário de Minas*, portanto o segundo, surgiu a 14 de julho de 1949. Não é, como seu antigo homônimo, um jornal tipicamente político-partidário, mas não deixa de estar ligado a correntes políticas. Propriedade de Artes Gráficas Minas Gerais S. A.

Formato de 49 x 38,5, oito colunas e número variável de páginas, às vezes de quantidade elevada. O cabeçalho tem sofrido alterações, mas todas de pouca monta, que não lhe alteram a feição costumeira.

Oficinas à Rua Guaratã, 687, e redação à Rua dos Tupinambás, 444, depois à Avenida Amazonas, 685, e atualmente à Rua dos Carijós, 150.

A abundante matéria publicada pelo *Diário de Minas* satisfaz plenamente ao mais exigente leitor dos grandes órgãos de publicidade, pois estampa completo serviço telegráfico, literatura e história em apreciados suplementos dominicais, crônicas, esportes, cinema, sociais, assuntos econômicos, vasto e desenvolvido noticiário, etc.

O *Diário de Minas* tem tido diferentes direções. Antônio Brasiliano da Costa e Nelson Sellman, diretores; Gualter G. Maciel, redator-chefe; Marcelo Coimbra Tavares e

Milton Fernandes, redatores-secretários — esta a mais recente, iniciada em 23 de agosto de 1953, dela tendo-se retirado a 29 de outubro de 1954 os dois diretores, que foram substituídos pelo Sr. Arsênio Garzon. Outras diretorias anteriores: Carlos Alberto Quadros, diretor-presidente; José Monteiro Morato, diretor-gerente; Gualter Gontijo Maciel, diretor; Marcelo Coimbra Tavares, redator-secretário.

O INCONFIDENTE (2º) 744

Segundo desse nome. O primeiro número circulou em julho de 1949.

Até certo ponto mimeografado e depois impresso. De nossos jornais mimeografados, este apresenta a mais perfeita realização do processo de reprodução. Leva a palma a qualquer outro, pela perfeição da respectiva matriz, trabalho de arte e estética, executado por mãos adestradas.

Interessante publicação, órgão dos alunos da Escola Técnica de Comércio Inconfidência, do SENAC.

Formato de 28,5 x 17 e oito páginas.

Duas colunas quando mimeografado e três quando passou a ser impresso. O cabeçalho é o mesmo desde o início. Trata-se de trabalho muito artístico, revelando paciência, habilidade e bom gosto de seu autor.

Até o número 4 não consta a direção. Depois destes o primeiro número que conhecemos é o 14, de abril de 1953, com os seguintes dirigentes: diretor, Sr. José F. P. Pinto e redator-chefe, Sr. Helton Mattos, que até o presente exercitam suas funções. Redação à Rua Curitiba, 561.

Além da parte técnica que lhe é peculiar, publica seções várias como sociais, curiosidades, passatempo, variedades, noticiário, etc. Quando mimeografado, todas essas seções eram encimadas ou enfeitadas com artísticos títulos e originais vinhetas, executadas com os parcos recursos de que para tal dispõem as máquinas de escrever.

O Inconfidente é, sob todos os aspectos, uma boa publicação.

O ESPORTE EM MARCHA 745

Três são os números deste jornal constantes do nosso fichário. Datam de 22 a 29 de agosto e 4 de setembro de 1949. Não sabemos se continuou ou se ficou no número 3. Quase todas as nossas publicações não o ultrapassam, o que pode ser verificado no decurso deste trabalho.

Semanário esportivo amadorista, teve por diretor-responsável o Sr. João Batista Lopes e por redator o Sr. José Bonifácio, no primeiro número, e o Sr. Costa Filho, nos outros.

Esportivo-amadorista, na edição inicial. Em seguida dedicou-se aos esportes em geral — amadorista e profissional.

Em editorial intitulado "Apresentando", fixou sua orientação.

Formato de 26 x 20, oito páginas no número 1, 10 nos demais e quatro colunas.

Acusou a tiragem de 5.000 exemplares. Cremos ter sido impresso nas oficinas do *Diário de Minas*.

Cabeçalho bastante original, com a figura de um desportista colocado por trás de cada letra da palavra *Marcha*, em posição adequada à forma de cada uma delas.

Desenhos de Silva Costa e Athos Nogueira e clicheria de Geraldo Rocha e Gráfica Modelo.

Redação à Rua Pouso Alegre, 1486.

Todos os números publicavam um cupão numerado que dava ao leitor o prêmio de 50 cruzeiros desde que o número do milhar fosse igual ao do primeiro prêmio da Loteria Federal dos sábados.

VIGÍLIA 746

Em agosto de 1949 era posto em circulação *Vigília*, mensário de assuntos técnico-policiais.

Tem como redatores o Dr. João Luís Alves Valladão, Delegado de Polícia, e o Sr. Ivahy Guimarães, alto funcionário da Chefia de Polícia.

Formato de 20 x 12,5. Páginas de numeração contínua até o número 5, de agosto de 1949. O número 6-7 começou nova numeração, encerrada no número 8-9. Daí em diante cada edição com sua privativa numeração.

O número de páginas tem variado de 32 a 56. Duas a três colunas ou coluna aberta.

Três tipos do título do cabeçalho. O primeiro até o número 8-9; o segundo para o número 10-11 e o terceiro para os números 12 a 20. O primitivo voltou a figurar a partir do número 21, com pequenas variantes.

A capa tem ao alto o título até hoje mantido sem qualquer alteração. A parte central é ocupada por fotogravuras de assuntos vários. Esse título é gravado, com desenho de Rocha.

Até o número 21 era a capa perfeitamente igual, mas em seguida retiraram-se de seus

lados verticais os retângulos que a enfeitavam.

Impressos os números 1 a 4 e 8-9 nas oficinas da Imprensa Oficial e os números 5 e 6-7 na Editora Minas Gerais S.A., à Rua dos Tamoios, 1023. Os números seguintes nada informam sobre o local da impressão, mas cremos terem sido impressos na referida editora.

Redação e administração à Rua dos Carijós, 561, e a partir do número 25, à Rua Conde de Linhares, 452.

Vigília é uma das mais destacadas revistas de seu gênero editadas no País. Não só os assuntos técnico-policiais se encontram em suas colunas, mas muitas outras matérias são estampadas, como legislação e atos oficiais ligados à sua especialidade, além de selecionada colaboração subordinada aos fins de sua criação.

Crimes sensacionais são meticulosamente descritos e a narrativa ilustrada com nítidas fotografias da sua reconstituição. No número 26 inaugurou uma seção de contos, devendo ser publicados, de preferência, contos policiais dos maiores nomes da literatura mundial.

O TRABALHADOR GRÁFICO 747

Órgão do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Gráfica de Belo Horizonte, que nasceu e morreu no mesmo dia, em fins de agosto de 1949. Substituído, em 1951, por *O Gráfico*, que também não passou do primeiro número, e, em 1953, por *A Voz do Gráfico*.

Formato de 28,5 x 20,5, quatro páginas e quatro colunas. Impresso na Gráfica Santa Maria, à Rua dos Goitacazes, 1887.

Não constam da edição os nomes dos dirigentes. Redação à Rua Rio de Janeiro, 324.

O VAGALUME 748

Órgão oficial da classe multicor do Colégio Sion, situado à Rua Chicago, 691, no Carmo, *O Vagalume* teve por diretoras Cyra Maria e Heloísa e como redatoras Leonor e Celina, todas alunas do educandário.

Seu primeiro número é de agosto de 1949. De outros não temos notícia.

Formato de 27,5 x 18,5, quatro páginas e três colunas. Cabeçalho artisticamente desenhado. Bem impresso e em bom papel, mas não sabemos em que oficinas.

Na primeira página estampou a fotografia da maquete do majestoso edifício do Colégio Sion.

Por sua natureza e fins, ocupado integralmente com assuntos próprios da vida escolar.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE MINAS GERAIS 749

A Associação Médica de Minas Gerais tem como intérprete de suas atividades nos arraiais da imprensa a revista que tomou o seu próprio nome. Revista científica de reconhecido valor, já tem seus créditos solidamente firmados entre as suas congêneres no Brasil. É colaborada por eminentes mestres, autores de valiosos trabalhos sobre todos os ramos da ciência médica. Irrepreensível publicação, tanto sob o aspecto gráfico como por seu conteúdo.

O número 1 do volume 1º está datado de agosto de 1949. Cada volume corresponde ao período de um ano, constituído de quatro números.

Diretor, Dr. Aulo Pinto Viegas; Comissão de Redação, Drs. Hilton Rocha, Lucas M. Machado, Lívio Renault. Além desses dirigentes, há também um Conselho Científico.

O editorial de apresentação, subordinado a este título, é de autoria do eminente Professor Hilton Rocha.

Impressa nas oficinas da Imprensa Oficial em magnífico papel.

Publicação trimensal, com a tiragem de 3.000 exemplares.

Formato de 20,5 x 13,5 e duas colunas. Numeração contínua, contando o primeiro número 104 páginas.

FOLHA DE MINAS ESPORTIVA 750

A 19 de setembro de 1949, *Folha de Minas* iniciou a publicação diária de sua edição esportiva. Teve pouca duração, pois cremos não ter passado de uma dezena de números. Temos somente até o número 8, de 27 daquele mês. (Exceto o número 2).

Direção do Sr. Wilson de Figueiredo.

Formato de 33 x 22, oito páginas e cinco colunas. Cabeçalho sem qualquer alteração. Esportes, tão-somente esportes. Primeiro jornal esportivo de publicação diária em Belo Horizonte.

RENOVADOR 751

Órgão oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, cujo primeiro número foi distribuído a 20 de setembro de 1949. Abaixo do título lê-se *A serviço do estudante de Direito.*

Sucessor do jornal *1789*, que conhecemos apenas de nome, e antecessor do *Diretório Acadêmico*.

Diretor, Sr. Carlos F. Brandão e redator-chefe, Sr. Antônio A. Castanheira.

Impresso nas oficinas da Imprensa oficial, com formato de 38 x 27, quatro páginas e cinco colunas.

Toda a matéria contida no primeiro número, único que obtivemos, consistiu na defesa dos interesses e da elevação da vida estudantil.

COLUMBOFILIA 752

Publicação consagrada à columbofilia, gênero de esporte hoje bastante vulgarizado em todo o Brasil. Primeira dessa especialidade em Minas.

É órgão oficial da Sociedade Columbófila. Sua publicação teve início a 25 de setembro de 1949. Até o número 10 circulou como jornal e a partir dos números 11-14, de julho-outubro de 1950, transformou-se em revista, com pequena alteração de formato. No nº 1, cabeçalho comum, sem qualquer particularidade. Do nº 2 em diante, colocou à esquerda do título um círculo preto e dentro dele um triângulo branco, com a figura de um pombo, tendo aos lados as iniciais da Sociedade — *SCM*. Esse emblema, em ponto bastante aumentado, passou a figurar na capa, com esta legenda abaixo do círculo: *Auxiliai a defesa passiva criando pombos correios*.

O número inicial da revista não se revestiu de capa. Os números 17 e 18, 19 e 20 e 21 a 24 saíram em edições conjugadas.

Só a partir do número 19-20 passou a ter cabeçalho interno, cujos caracteres tipográficos foram mudados na seguinte edição. O cabeçalho da capa foi também atingido por modificações dessa natureza.

Formato de 21 x 14,5, quatro ou seis páginas e duas colunas, quando jornal, e 17,5 x 11, número de páginas variáveis e duas colunas, como revista.

Impressos na Gráfica Regina, à Avenida do Contorno, 5811, os números 1 e 2, e nos Serviços Gráficos Santa Rita, à Rua Adalberto Ferraz, 88, os números 21-24. Dos demais não há nenhuma referência a respeito.

Publicação mensal e tiragem normal de 300 exemplares.

Diretor-responsável, Dr. Aloísio Campos do Amaral e secretário Sr. Marcelo Flora de Oliveira. Redação à Rua Piauí, 201.

Columbofilia é uma autorizada revista, conhecida e apreciada, tanto no Brasil como no estrangeiro, conforme se constata da leitura de suas páginas. Além da parte técnica, traz úteis ensinamentos aos criadores de pombos. Antes dessa publicação, a Sociedade teve outra intitulada *Columba*, como se lê em um artigo de colaboração inserto no nº 2.

O CEAPELISTA 753

O Ceapelista é órgão oficial do Centro Acadêmico Pedro Lessa, da Faculdade de Direito. Conhecemos somente os números 1, 5 e 6, o primeiro de setembro de 1949 e os outros de maio e outubro de 1951, respectivamente. Diretor do nº 1, Sr. Mário de Paula Nascente; redator-chefe, Sr. Antônio Angarita da Silva; secretário, Sr. Estanislau Alkimim. Dos nº 5 e 6, diretor, Sr. Dário de Paula; redator-chefe, Sr. Fábio Lucas Gomes; secretário, Sr. Rivadávia Xavier Nunes.

O nº 1 com o formato de 26 x 19; o 5, com o de 28 x 22; o nº 6, com o de 43 x 27,5. Dez páginas e quatro colunas nos dois primeiros e quatro páginas e cinco colunas no último. Os números 5 e 6 foram impressos na Tipo-Arte, não constando do número 1 o local da impressão.

Cabeçalho uniforme, só diferindo as letras do título, que são de um estilo no número 1 e de outro nos números 5 e 6. Em novembro de 1949 foi publicado o número 2, de cuja existência só temos conhecimento pela leitura de jornais da época.

O Ceapelista publicava ótima colaboração dos alunos sobre todos os assuntos, principalmente de Direito, bem assim literatura, noticiário, etc.

O RÁDIO 754

Este jornal, que pelo título deveria destinar-se a divulgar só assuntos de radiofonia, publicou mais anúncios do que matéria de sua finalidade. Apareceu a 2 de outubro de 1949 sob a direção e redação do Sr. Walter Tourinho. Se continuou a ser editado não podemos informar.

Formato de 28,5 x 20,5, seis páginas e quatro colunas. Redação à Rua dos Carijós, 454.

O SACI (2ª) 755

O segundo do mesmo nome.

Revista infantil, de propriedade do Estúdio Monteiro e direção do Sr. Francisco J. S. Monteiro.

Dele só possuímos o número 1, datado de outubro de 1949.

Formato de 16 x 11, 20 páginas e duas colunas. Capa de acordo com o gênero da publicação, tendo à esquerda do título a figura exótica do Saci. Impressa na Gráfica Tamoios, com clichês da Fotogravura Belo Horizonte. Tratando-se de revista infantil, torna-se desnecessária a descrição da matéria nela contida. Salientemos, porém, sua boa orientação.

NOTÍCIAS PANCOLOR 756

Contribuição da Sociedade Pancolor Limitada, esta é a referência estampada no cabeçalho. Pancolor é o nome de um grande estabelecimento comercial especializado em tintas e outros artigos para pintores, situado à Avenida Paraná, 64, sob a gerência do Sr. J. A. de Oliveira Júnior.

O número 1 é de outubro-dezembro de 1949. Publicação trimensal, depois quadrimestral, editada com muita regularidade.

Tem por fim difundir conselhos técnicos e práticos aos pintores e a outras classes de profissionais.

Um cabeçalho para o número 1 e outro para os restantes. Três modelos de letras do título, um para o nº 1, outro para os nº 3 e 4 e ainda outro para os números a partir de 5. O nº 1 com o formato de 24 x 17,5 e os demais com o de 23,5 x 16,5. Três colunas e quatro páginas.

Notícias Pancolor é uma publicação utilíssima, cujos ensinamentos devem ser lidos por todos os que se dedicam à profissão de pintor.

A VOZ DO MARCONI 757

Voz do Marconi, no cabeçalho, e *A Voz do Marconi*, ao alto de todas as páginas internas. Adotamos a variante.

Jornal bem-feito pelos alunos do Colégio Marconi, publicado sob a orientação do Professor José Tomazzi. Seu aparecimento se deu em novembro de 1949 e não podemos afirmar se ficou nesse número ou se continuou.

Texto variado, contendo notícias gerais sobre a vida do colégio. Fotografias diversas, entre elas algumas de alunos em aulas práticas de Ciência. Produções de alunos sobre assuntos vários, literatura, cinema, esportes, humorismo, noticiário, etc.

Apresentou-se com o formato de 32 x 22, 18 páginas e 4 colunas. Nada sobre o local da impressão, nem em torno da tiragem. Jornal muito bem-feito, bem escrito e de ótimo aspecto gráfico.

SESI 758

Em novembro de 1949, *SESI* aparecia em nosso cenário jornalístico, como publicação do Departamento Regional do SESI de Minas Gerais. Sempre do mesmo formato: 31,5 x 22, oito páginas, salvo o nº 1, com quatro, e 5 colunas.

Está usando o quarto cabeçalho. O primeiro serviu até o nº 13; o segundo, do 14 ao 27; o terceiro, do 28 a 54 e o quarto, do 55 em diante. Mais elegante o segundo.

Abaixo do título trouxe o dístico — *Publicação do Departamento Regional do SESI de Minas Gerais*, até o número 29; em seguida, transferido para um retângulo à direita do mesmo título. Outro retângulo, à esquerda, é ocupado com as indicações próprias do jornal. O emblema da Confederação Nacional da Indústria está gravado à esquerda, salvo entre os números 28 a 54, período em que foi suprimido. Dos números 14 a 27, esse emblema foi estampado em ponto maior.

Edições mensais do princípio a julho de 1951 e daí em diante quinzenais. Impresso nas oficinas de *Folha de Minas*.

É fartamente ilustrado com perfeitas gravuras. Trata de tudo: literatura, com a publicação de boa prosa e escolhidos versos; história, geografia, biografias resumidas de vultos ilustres nas letras, artes, ciência, política, direito. Outras variadas seções se encontram em suas páginas, como sociais, esportes, variedades, humorismo, modas, receitas úteis a todas as necessidades, noticiário e desenvolvido serviço de informações oficiais sobre o Departamento que representa.

Enfim, *SESI* é uma folha digna de ser lida, mas sua circulação é limitada quase que só ao âmbito social, privando o público desse prazer.

O Dr. Newton Antônio da Silva Pereira, diretor do Departamento, no editorial de apresentação de *SESI* traçou com firmeza e mão segura a orientação e os fins que determinaram sua fundação.

FLORILÉGIO 759

"Revista de poesia", de *Florilégio* só saiu um número, em 20 de dezembro de 1949.

Seus fundadores e diretores, Srs. Da Costa Santos e Newton Rossi, pretendiam dar-lhe feição original, que seria a de constituir cada edição uma legítima antologia de produções sobre um único assunto, como fizeram com a primeira, integralmente ocupada com versos alusivos ao Natal.

Convém notar que *Panorama*, antes disso, adotara o mesmo critério, é claro que dentro da modalidade de seu programa.

Formato de 14 x 7, 28 páginas não numeradas e coluna aberta. Capa ilustrada com desenhos de Huascar, inspirado no tema dos Reis Magos. Tiragem de 1.000 exemplares.

Florilégio era de propriedade das Edições Mantiqueira, com escritório à Avenida Amazonas, 699.

O CAMPEÃO 760

Revista esportiva mensal dedicada ao Clube Atlético Mineiro, *O Campeão* saiu em dezembro de 1949, e quer nos parecer que não passou do número de estréia.

Diretores, Sr. Januário Carneiro e João Lino de Mattos; secretário, João Cirino Paiva.

Formato de 22,5 x 15, 22 páginas e três colunas. Impressa na Editora Minas Gerais S. A. Fotografias de Alvimar de Freitas, Raimundo Nonato e outros. Clichês da Fotogravura Minas Gerais. Desenhos do Estúdio Monteiro. Capa ilustrada com retrato do atleta do clube, desenhada por Ortiga.

O título da folha-de-rosto tem atravessado ao centro e em toda a sua extensão uma faixa com o dístico — O *Atlético em revista* — e à esquerda o seu escudo social.

"Traçando o rumo" foi a epígrafe do artigo de apresentação da revista, integralmente consagrada aos feitos do Atlético. Redação e administração no Edifício Mariana.

TRIBUNA DE MINAS (2ª) 761

Tribuna de Minas é o terceiro título usado por esta folha. Ao ensejo da mudança dos nomes anteriores, não fez a direção qualquer advertência neste sentido ao leitor, que ficou assim em suspenso com as novidades. Vejamos.

A 29 de dezembro de 1949, saiu o primeiro número do semanário *Minas Jornal*, que com este nome circulou até o número 6, de 2 de fevereiro de 1950. Com o número 7, de 16 do mesmo mês, passou a chamar-se *Jornal de Minas* (3º). O número 8 saiu a 2 de março. A 4 de junho seguinte, surgiu, em sua substituição, *Tribuna de Minas*, com o número oito repetido, quando de fato se tratava do número 9. Depois desse vieram mais três: o 10, que não conhecemos; o 11, de 18 daquele mês, e o 12, de 6 de agosto, que foi o último.

Até o número 11 de propriedade da Editora Minas Gerais S.A. O número 12 já de propriedade da Tribuna de Minas S.A.

O Sr. Sebastião de Britto foi o diretor de todas essas publicações. O Sr. José Capanema exerceu o lugar de redator-chefe até o número 5, de 26 de janeiro. No número 12 aparecem como diretores os Srs. Vasconcellos Costa e Oswaldo Nobre.

São estes os característicos desta folha de tríplice denominação:

Minas-Jornal — Boa impressão e aspecto bastante agradável. Todas as edições com oito páginas, o primeiro número com o formato de 39 x 25,5 e cinco colunas, e as demais com 43,5 x 29,5 e seis colunas.

Jornal de Minas — Título em letras góticas, seis colunas e formato de 45,5 x 29,5, com oito páginas. Terceiro jornal deste nome.

Tribuna de Minas — Os números 8 e 11 com o formato de 38 x 29 e cinco colunas, e o número 12 com 44 x 29,5 e seis colunas. Oito páginas em todos. Segundo jornal deste nome.

Nenhuma destas folhas sofreu qualquer modificação em sua parte material. Texto variado, abrangendo todos os setores da vida moderna.

Agora vejamos a atual fase de *Tribuna de Minas*.

A 12 de abril de 1951 era posto em circulação o seu primeiro número. Propriedade de Tribuna de Minas S.A.

Presidente, Sr. Sebastião de Britto, que veio da fase anterior. Diretor-secretário, Sr. Vasconcellos Costa e diretor, Sr. Oswaldo Nobre.

A partir do número 273, de 6 de março de 1952, entrou como diretor-vice-presidente, o Sr. Alexandre Konder. Em 4 de abril seguinte, retirou-se o Sr. Vasconcellos Costa, a quem não se deu sucessor.

Logo após, a 23, o Sr. Sebastião de Britto foi substituído pelo Sr. Alexandre Konder no cargo de diretor-presidente, sendo então suprimido o lugar de vice-presidente. O Sr. Konder faleceu no Rio de Janeiro a 14 de setembro de 1953.

Em 21 de janeiro de 1953 operou-se integral e radical mudança da direção do jornal, que passou a ter estes novos dirigentes: Srs. Guilherme Junqueira Meirelles, diretor-presidente; José Flávio Nelson de Senna, diretor-comercial; Marcondes Verçoza, redator-chefe; Edson Bonifácio Costa, redator-secretário.

A 31 de março seguinte, retornou o Sr. Sebastião de Britto, investido das funções de diretor-vice-presidente, com o restabelecimento do cargo. Em 15 de maio, retirou-se o redator-chefe, Sr. Marcondes Verçoza, posteriormente substituído pelo Sr. Edson Bonifácio Costa. Para o lugar de redator-secretário entrou o Sr. João Vianna de Oliveira.

O cargo do Sr. Sebastião de Britto foi depois convertido no de diretor-superintendente. O lugar de diretor-comercial não mais figura na folha.

Seis colunas e formato de 38 x 29, aumentado de mais quatro centímetros na altura, a partir do número 412, de 8 de agosto de 1952. Com o número 728, de 25 de dezembro de 1953, passou a ter formato de 50 x 38 e oito colunas. Nessa oportunidade, inaugurou nova máquina rotativa.

O título tem variado levemente de tamanho, mas sempre com o mesmo tipo de letras, salvo no período compreendido entre os números 422, de 21 de agosto de 1952, e 548, de 20 de janeiro de 1953, em que foi radicalmente modificado. Depois, voltou ao primitivo estado, até que, com o citado número 728, nova mudança se operou, tanto no tipo do título, como em toda a feição gráfica. Ordinariamente com 16 páginas.

Dos jornais em curso, torna-se ocioso fazer qualquer apreciação, pois estão aí à mostra e são por todos lidos e julgados. Por isso, nossa opinião seria pleonástica.

Não obstante, temos a salientar o alto grau de valor desta folha, que desde o início tem palmilhado a elevada e segura trilha de nossa imprensa, sem favor, uma das mais adiantadas do País.

As copiosas páginas de *Tribuna de Minas* são integralmente ocupadas com tudo o que possa interessar ao público ledor em suas diferentes exigências e predileções. Nada lhe falta. Todas as seções próprias e indispensáveis aos grandes jornais nelas se acham representadas. Qualquer leitor encontra em suas colunas o que for de sua preferência, porque de tudo trata, com minúcia, clareza e desenvolvimento.

A 27 de novembro de 1954, com o número 987, *Tribuna de Minas* suspendeu sua publicação, com a promessa de voltar oportunamente. Reapareceu a 28 de julho de 1955, com o número 988, para fazer a campanha de Adhemar de Barros para a presidência da República.

Com o número 1.056, de 23 de outubro seguinte, suspendeu a publicação, mas com a promessa de voltar à circulação.

JURISPRUDÊNCIA MINEIRA 762

O inciso 21, do artigo 265, do Decreto-Lei nº 1.630, de 15 de janeiro de 1946 (Organização Judiciária), tratando da competência do Presidente do Tribunal de Justiça, dispõe o seguinte: "providenciar sobre a publicação dos trabalhos do Tribunal no órgão oficial e em folhetos".

Como medida complementar foi expedido o Decreto nº 3.137, de 25 de agosto de 1949, que regulamentou aquele dispositivo legal.

De acordo com esse decreto, a Imprensa Oficial publicaria, a partir de janeiro de 1950, mensalmente, em folheto que se denominava *Jurisprudência Mineira*, os acórdãos e decisões do Tribunal de Justiça, sob a direção do respectivo Presidente.

Para redator-secretário seria designado um funcionário, bacharel em Direito, bem como os auxiliares necessários, também funcionários, com os vencimentos do cargo efetivo. As atribuições do redator estão definidas no artigo 3º.

O Artigo 4º manda que *Jurisprudência Mineira* seja remetida gratuitamente aos magistrados e outras autoridades, bem como às bibliotecas, revistas e jornais.

Além da matéria privativa do Tribunal de Justiça, publicaria o folheto legislação federal e estadual de maior interesse, trabalhos jurídicos de professores, magistrados e advogados, jurisprudência selecionada dos vários tribunais da República e crônica forense.

Criada a publicação, como vimos, em agosto de 1949, o fascículo 1-2, referente a janeiro-fevereiro de 1950, só foi posto em circulação em meados de maio.

Cada volume da revista compreende seis fascículos, publicados dois a dois, em uma só edição, e corresponde a dois meses. Como se observa, desde o início foi descumprido o preceito legal que recomenda a publicação mensal.

Diretor-nato, o Presidente do Tribunal de Justiça, atualmente o Desembargador Nísio Baptista de Oliveira. Redatores, Cid Rebello Horta, Luís Advíncula Reis e José Roberto Tamm de Lima, no fascículo inicial. No fascículo 3-4, do volume 1º, de março-abril, figuraram também Hezick Muzzi e José de Almeida. No fascículo 5-6, do volume 3º, de

maio-junho de 1951, consta este corpo de redatores: Drs. Ney Octaviani Bernis, Luís Advíncula Reis, José Roberto Tamm de Lima, Walter de Freitas, José de Almeida e Franklin Teixeira de Salles.

Formato de 17 x 11 e numeração de páginas por volume.

Redação e administração à Rua Rio de Janeiro, 1063.

SEARA JUVENIL 763

Seara Juvenil é um *mensário de espiritismo cristão da UME Nina Arueira*. É de fevereiro de 1950 o primeiro número.

Até o número 17 conservou o formato de 26 x 20, quatro ou seis páginas e quatro colunas, salvo o número 1, com três: 39 x 29, quatro páginas e seis colunas do número 18 ao 27; e 43 x 29,5, seis páginas e seis colunas, do 28 para a frente.

Usou dois cabeçalhos. O primeiro, relacionado com o anterior formato, representava-se por uma colina ao fundo da figura de um sol nascente, com a epígrafe *União e amizade*; abaixo do título, numa faixa, a inscrição ao princípio reproduzida. O cabeçalho dos outros dois formatos era mais simples; apenas o título em letras brancas sobre fundo azul e a inscrição *Um jornal espírita*. Do número 18 ao 20 as letras do título bem maiores do que as dos seguintes. Publicação mensal, bastante regular até outubro de 1951. Depois passou a publicar em uma só edição números correspondentes a mais de um mês.

Diretor o Sr. Martins Peralva; redator, Sr. Carlos L. Cavalcanti; secretário, Dorothy L. Cavalcanti, substituída nos números 14 e 17 por Leony Lessa Martins. Do número 18 para cá consta apenas isto: Direção — Carlos Cavalcanti e Martins Peralva.

O último número de nosso fichário é o 35, de julho de 1953.

Seara Juvenil é profusamente ilustrada com nítidas gravuras que ilustram grande parte de suas páginas.

Redação à Rua dos Tupinambás, 330, Edifício IAPI, e Avenida Amazonas, 266.

Impressa nas oficinas de *Folha de Minas*, no primeiro formato; na Gráfica Belo Horizonte, à Rua dos Tupinambás, 617, nos outros até o número 32, em seguida, em oficinas próprias, instaladas à Rua Rio de Janeiro, 858, e agora à Rua dos Carijós, 141.

Esta folha se ocupa exclusivamente do espiritismo, mas do espiritismo em sua elevada

expressão. Não temos talvez no Brasil publicação espírita que a possa ofuscar.
Selecionada colaboração doutrinária, a par de oportunos e fraternais ensinamentos humanos. Uma publicação criteriosa e honesta.

A LUZ DO MUNDO 764

Como o precedente, também jornal espírita, *de feição apolítica, que seguira a linha do espiritismo evangélico cristão.*
Somente quatro edições foram publicadas, todas sem menção do dia e mês. Apenas o ano figura. Podemos, no entanto, informar que circularam em fevereiro, abril, junho e agosto de 1950. Não lhe puseram datas por motivos que desconhecemos.
Diretor, Sr. Gustavo Pancrácio e secretário, Sr. Newton Boechat.
Adotou o formato de 27,5 x 19 e quatro páginas. Três colunas no primeiro número e quatro nos outros.
Cabeçalho único, com estes característicos: o título em letras estilizadas tem ao centro um ramo de parra e embaixo três quadrados, o central mencionando o ano, número da edição e os nomes dos dirigentes; os laterais trazem mensagens, o da direita uma de Emanuel e o da esquerda uma de André Luiz. Na parte inferior desses quadrados e em duas linhas lê-se: *Mensário independente do Espiritismo cristão. Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão em todas as épocas da humanidade (Alan Kardec).*
Os números 1 e 2, impressos na Tipografia Aliança, à Rua do Espírito Santo, 354, e os 3 e 4, nas oficinas de *O Poder*. Tiragem de 1.000 exemplares e distribuição gratuita.
Redação à Rua Chopin, 256, Prado.
A matéria publicada por esta folha só versava sobre espiritismo e nada mais.

SANTA HELENA 765

De março a agosto de 1950, este pequeno jornal do colégio que lhe deu o nome publicou quatro números, os três primeiros impressos, sendo os números 1 e 2 no Instituto Pestalozzi e o terceiro na Tipografia Brasil. O quarto foi datilografado e de formato maior.
O pouco que aí fica a respeito desta publicação representa um grande esforço de nossa parte, porquanto não logramos obter melhores informações no lugar próprio.

FOLHA INFANTIL 766

Órgão dos alunos do Colégio Izabela Hendrix, de direção de Júlio Kierulff e

redação de Lilla Aires da Silva, José Carlos Dabus e Isaías do V. Almada.

Número um, único de nosso arquivo, datado de abril de 1950.

Três páginas mimeografadas só em uma face do papel, duas colunas e formato de 28,5 x 16.

Colaboração exclusiva dos alunos.

O JUVENIL 767

Além dos números 1 e 3, nada mais conhecemos desta publicação.

O primeiro número, de maio de 1950, mimeografado com três páginas impressas em um só lado da folha, e duas colunas. Formato de 32 x 18.

Órgão do Grêmio Literário Professor João Ribeiro, da terceira série G, do turno da manhã, do Colégio Anchieta.

O cabeçalho com o título em semicírculo e dentro dele um livro aberto com a inscrição do colégio. Mais abaixo e aos lados o seguinte: à direita — *O estudo esclarece a razão*, e à esquerda *O trabalho enriquece a alma.*

Diretor, José G. Castro e secretário, Costa Sampaio.

O número 3 saiu a 24 de maio de 1951, impresso com tinta azul e em ótimo papel, na Tipografia Progresso. Aí passou a ser órgão dos grêmios literários do turno da manhã.

Diretores, José G. Castro e J. Costa Sampaio e redatores, Ângelo Rafael, Álvaro Guardão, Geraldo Roberto e Geraldo Daniel.

Formato de 30 x 22, quatro páginas e quatro colunas. Cabeçalho de tipo comum entre dois retângulos, nos quais se reproduziram os mesmos pensamentos acima assinalados. Colaboração variada dos alunos do estabelecimento. Redação à Rua dos Tamoios, 792.

O ALTEROSAS 768

Pela natureza do processo de reprodução, torna-se esta revista digna de especial registro. Mimeografada com toda a perfeição, ostenta elegantes e bem-dispostos títulos das matérias publicadas.

Órgão oficial da Associação Esportiva Alterosa, dirigido pelos Srs. Roberto Pinto Aguiar, Guilherme Apgaua e Celso Siffert.

Apareceu a 1º de junho de 1950, no formato de 30 x 19, 17 páginas sem numeração e duas ou três colunas.

Capa com o título e os indispensáveis esclarecimentos próprios da publicação. À esquer-

da, um livro aberto e uma pena; na parte inferior, e à direita, o sumário da matéria contida no texto e, à esquerda, o retrato do extinto sócio da Associação Alterosa, Hélcio Brant Aleixo, a quem se presta, com palavras repassadas de saudade, justa e merecida homenagem póstuma.

Traz um suplemento literário intitulado *Nas letras e nas artes.*

Cada produção caprichosamente ilustrada com belos desenhos ornamentais, alusivos ao assunto tratado, de autoria de Celso F. Siffert, um de seus diretores.

Contém a revista até música, estando nela gravado o hino do "Alterosas", composto por Gabriel Pinto de Aguiar.

O suplemento literário recebe a colaboração de C. Siffert, que concorre com dois poemas; Marília Pinto de Aguiar, Guilherme Apgaua e Fábio Carneiro.

Além das partes literária e esportiva, outras seções se apresentam, todas do melhor modo possível.

O Alterosas representa uma bela e arrojada iniciativa de uma plêiade de jovens cultores das letras e apaixonados desportistas, atividades que raramente se irmanam porque o esporte, com seu poder absorvente, não dá margem às lucubrações espirituais. Infelizmente, não sabemos se tão feliz gesto desse pugilo de moços foi avante.

Revista de grande valor.

DIÁRIO DA MUNICIPALIDADE 769

Jornal rigorosamente oficial, só publicava atos da Prefeitura e da Câmara Municipal.

Foi criado pela Lei municipal nº 109, de 19 de outubro de 1949, na administração do Prefeito Octacílio Negrão de Lima, e extinto na de seu sucessor Américo Renê Giannetti, pela Lei nº 187, de 15 de fevereiro de 1951.

A publicação teve início a 5 de junho de 1950 e seu término às vésperas da lei acima citada, que o extinguiu. A última edição trouxe o número 162, repetição da anterior. Seu número exato é 163.

Formato de 33 x 21, 4 a 16 páginas e duas, três ou quatro colunas, ordinariamente com este número.

O cabeçalho se manteve rigorosamente o mesmo durante todo o tempo da publicação.

Teve como redator-chefe o Sr. Paulo Campolina de Sá.

Impresso nas oficinas de Artes Gráficas de Minas S.A., situadas à Rua Guaratã, 687, esquina da de Santa Quitéria.

Em dezembro de 1951, um vereador apresentou à consideração da Câmara Municipal projeto criando o jornal da Municipalidade, que mais não seria do que o restabelecimento da folha extinta. O Prefeito, no entanto, mostrando o ônus que a medida acarretaria aos cofres municipais, exortou seu autor a retirar o projeto, no que foi atendido.

O PÃO DE AÇÚCAR ____ ____ 770

Jornal mimeografado, órgão oficial do Clube Sul América.

Veio a lume a 13 de junho de 1950. Seu segundo número é de 7 de julho e o terceiro, de agosto. Quanto durou, não sabemos.

Formato de 22 x 18, quatro páginas e duas colunas.

Trata-se de publicação humorística, de funcionários da Companhia Sul América de Seguros.

FOLHA FERROVIÁRIA ____ ____ 771

Órgão de defesa da classe dos ferroviários da Rede Mineira de Viação. Sem prejuízo, porém, dessa sua principal finalidade, também a política a empolgou, tanto assim que se mostrou francamente apologista da candidatura dos eminentes brasileiros Eduardo Gomes e Gabriel Passos à presidência da República e ao governo do Estado, respectivamente.

Não podemos entrar em detalhes da vida desta folha, porque apenas três números constam de nossa coleção. O primeiro traz a data de 23 de julho de 1950; o segundo é de 9 de agosto seguinte e o terceiro desse mesmo mês, sem declaração do dia. Este constituiu uma edição especial dedicada a Gabriel Passos, a propósito do discurso de propaganda eleitoral por ele proferido em Itapecerica e no qual abordou todos os problemas da Rede passíveis de solução.

Os dois primeiros números têm o formato de 42 x 28, quatro páginas e cinco colunas, e o terceiro, o de 28 x 20, quatro páginas e três colunas.

Diretor-responsável o Sr. Alberto Carneiro.

Cabeçalho dos números 1 e 2: ao centro o título, escrito sobre uma locomotiva elétrica e aos lados dois retângulos, o da esquerda com as indicações explicativas sobre a folha e o da direita com este período: *O progresso coletivo se processa através do elo associativo e da evolução do índice intelectual dos integrantes de uma coletividade.* O do número

3 foi simplificado, trazendo apenas o título na forma descrita. A redução do formato deste número não permitiu a inclusão dos referidos retângulos.

Impressão dos Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, à Rua dos Goitacazes, 1887. Nenhuma informação sobre a tiragem.

Redação à Avenida Afonso Pena, 759.

Folha Ferroviária só se ocupou com os interesses da classe e matéria política, nos termos já assinalados. Nenhuma outra seção faz parte de suas colunas.

RADAR 772

Outro jornal de funcionários da Sul América. O primeiro, já descrito, foi *O Pão de Açúcar*.

De *Radar só possuímos o primeiro número*, de 1º de agosto de 1950. Direção do Sr. Francisco Dias e redação de Helton Santos.

Mimeografado em ambas as faces da folha, teve o formato de 23 x 18, seis páginas e duas colunas. Cabeçalho e título sem qualquer motivo para especial referência.

Jornal humorístico e de pilhérias entre colegas e amigos do Clube Sul América, do qual era órgão oficial.

ANCHIETA 773

Mais um jornal colegial, órgão dos alunos do turno da tarde do educandário que lhe empresta o nome.

No número 8 já aparece como órgão dos grêmios literários do colégio e sob a orientação do Professor Mauro Villela.

Apesar de se dizer mensal, sua publicação é muito falha, como mostram os cinco números registrados em nosso fichário. O número 1 é de agosto de 1950; o 2, de outubro-novembro seguinte; o 3, de abril de 1951; o 5, de dezembro desse mesmo ano e o 8, de dezembro de 1952.

Diretores, os alunos Antônio Roberto, Alcy Álvares e Mariza Lapertosa e redatores, Eder Malaco, Élcio Malaco e Maurício Kalil, dos números 1 e 2; os outros números citados tiveram cada qual seus novos dirigentes. O formato variou de 27,5 x 21,5 a 34 x 23. Quatro, seis ou 10 páginas e quatro colunas em todos. As letras do título foram de um modelo para o nº 1, de outro para o nº 2 e de outro ainda para os demais. O cabeçalho variou de edição para edição, se bem que sem profundas alterações. No primeiro número destaca-se, à direita do título, uma medalha com a efígie de Anchieta e, entre

os dois círculos concêntricos da mesma, o nome do colégio e de sua sede. Nos números seguintes esse emblema, em ponto menor, mudou de colocação, passando para o lado esquerdo, atravessado por um facho aceso. Abaixo do título, a epígrafe de Joaquim Nabuco: *É preciso roubar ao mundo uma parte da vida para dá-la aos pensamentos e às aspirações que não queremos que morram conosco.*

O número 1 foi impresso na Imprensa Oficial; o 2, na Gráfica Ribamar, à Avenida Paraná, 301, e o 8, nas oficinas do *Indicador Comercial e Industrial do Brasil*, à Rua Tupis, 1743.

Anchieta está repleto de excelentes produções em prosa e verso, da lavra dos alunos. Traz outras e variadas seções, como charadas, palavras cruzadas, desportos, variedades, etc. Enfim, uma boa publicação, digna de encômios.

BOLETIM DO CONSELHO 774

O nome completo desta publicação é *Boletim do Conselho Regional de Trânsito e do Serviço Estadual de Trânsito do Estado de Minas Gerais.*

Ufa! Nome maior do que a notícia que a seu respeito vamos dar.

Saiu o primeiro número em agosto de 1950. Em outubro seguinte, veio o segundo e último.

Boletim do Conselho era mimeografado com absoluta perfeição, em uma só face da folha, e não encerrava colunas. Página aberta. Número de páginas variável e formato de 29 x 17.

O próprio título exprime sua finalidade e por isso seria redundância acrescentar qualquer informe a respeito.

VOZ DA CRIANÇA 775

Em agosto de 1950, saiu o primeiro número de *Abelha Operária*, jornalzinho mensal dos alunos do terceiro ano do Grupo Escolar Bernardo Monteiro, do Calafate.

Mimeografado com muita perfeição. Formato de 26,5 x 19, quatro páginas e duas colunas. À esquerda do cabeçalho, uma abelha pousada em uma flor.

Bastante ilustrado, com boas gravuras coloridas, bem desenhado pelos alunos.

Cada um dos outros anos do curso contavam também com seu órgão de publicidade. As-

sim, o primeiro teve *Vida Escolar*; o segundo, *Voz da Criança*; o quarto, *O Trabalho*.

Dada a multiplicidade de jornais, resolveram os alunos do Grupo fundi-los em um só, que seria o representante da coletividade infantil. Para a escolha do nome do que deveria subsistir, reuniram-se 472 escolares e deliberaram, por grande maioria, adotar o daquele que até então representava o 2º ano, ou seja, *Voz da Criança*. Com este título, continuou como jornal único do Grupo, a partir do número 2, datado de setembro de 1950. Nessa nova fase apresentou-se impresso, serviço da Gráfica Marly, de Campo Belo. O mesmo formato do anterior, mas com três colunas.

Redator dos seis primeiros números, o aluno Paulo de Oliveira Lopes, e do 7 ao 10, o aluno Edson Eden dos Santos.

Cabeçalho sem alteração, menos o tipo do título, que foi de um modelo para os números 2 a 7, e 9 e de outro para os números 8 e 10, este, de agosto de 1951 e o último constante de nosso fichário.

Tiragem inicial de 600 exemplares, depois reduzida para 250, pelo pouco volume de vendagem.

Voz da Criança é um dos melhores jornais escolares de Belo Horizonte.

A LUTA OPERÁRIA 776

Órgão do Partido Socialista Brasileiro, seção de Minas Gerais.

Primeiro número publicado a 29 de setembro de 1950. Só conhecemos até o 6, de 15 de abril de 1951. Se este não foi o último, foi dos últimos. Não podemos, no entanto, precisar quando encerrou sua carreira.

Publicação mensal, com relativa regularidade.

Teve por diretor o Sr. Hélio Pellegrino e por secretário o Sr. José Maria Rabello. Como parte integrante da direção, contou com um Comitê de Redação, a partir do número 2, do qual fizeram parte aqueles dois titulares e mais os Srs. Marco Aurélio de Moura Mattos, Juarez Nogueira Penido, Bernardino Machado de Lima, Luís Carlos Dias Aroeira, Josué do Amaral e Sinésio Bastos, os dois últimos a contar do número 4. No número 6 foi excluído dessa relação o nome do Sr. Bernardino Machado de Lima.

Primeiro número com o formato de 28,5 x 19 e quatro colunas. Os números seguintes foram grandemente aumentados. Passaram a ter 43 x 29,5 e seis colunas. Todas as edições com quatro páginas. Um tipo de cabeçalho

para o número 1 e outro rigorosamente igual para os demais.

Não ficamos sabendo o local da impressão e a tiragem.

Redação à Avenida Afonso Pena, 767.

A Luta Operária publicou somente matéria subordinada a seu programa político. Nenhuma outra seção, de qualquer espécie, foi considerada em suas colunas.

VIDA INDUSTRIAL 777

A finalidade de *Vida Industrial* está exposta neste período do artigo de apresentação:

> *Órgão oficial da Federação e do Centro das Indústrias, levará ao conhecimento dos Srs. industriais, senão dos demais conjuntos que compõem as classes produtoras, todos os assuntos de real interesse técnico, jurídico e econômico.*

Seu aparecimento na arena da imprensa deu-se em outubro de 1950, com o lançamento de seu primeiro número.

Publica-se mensalmente e tem saído com bastante regularidade, coisa que raramente acontece em nossos círculos publicitários.

Diretor-responsável, Dr. Aluízio Aragão Villar e redator-secretário, Sr. Afrânio Vieira Furtado, do início até o nº 3 do ano IV (março de 1954). O fascículo seguinte, 4-12, correspondente aos meses de abril a dezembro, já se apresentou com novos dirigentes, Srs. Cid Rebello Horta e Rubens Pontes, diretor-responsável e redator-secretário, respectivamente.

Adota o formato de 19,5 x 12,5 e duas colunas. As páginas foram numeradas seguidamente até o número 12, de dezembro de 1951, no total de 492. Em 1952 começou nova numeração, que no número 10, de dezembro, acusa o total de 424. De 1953 em diante, a numeração passou a ser por edição.

Em março de 1951 deu um suplemento ao número 6, com 15 páginas e a mesma feição dos números ordinários.

Cabeçalho rigorosamente igual até o número 5, de fevereiro de 1951, e outro em seguida também sem qualquer alteração. O tipo do título igual até o número 9, de outubro de 1952, e outro a partir do número 10, de novembro-dezembro. Sempre a mesma capa. Ao alto, o título e no resto motivos próprios e alusivos às atividades das entidades que a revista representa. Impressão da Gráfica Santa Maria S.A., com a tiragem de 1.500 exemplares.

Redação e administração à Rua São Paulo, 638, e depois à Rua Curitiba, 835.

Vida Industrial trata apenas de assuntos que lhe são próprios. É uma revista de valor, que vem prestando às indústrias os mais assinalados e marcantes serviços, tornando-se por isso uma das mais conceituadas publicações do gênero no País.

Desde seu primeiro número mantém, na folha de rosto, uma seção intitulada "O Momento", na qual se comentam fatos de toda natureza.

DIRETÓRIO ACADÊMICO 778

Este jornal é o órgão oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Veio substituir o *Renovador*.

Saiu em outubro de 1950, sem indicação do dia.

Publicação muito espaçada. O número 2 é de agosto e o 3 de novembro de 1951; o 4 é de março e o 5 de abril de 1952; o 6 é de agosto de 1953. Seis números em quase três anos nada representam.

Diretor, Sr. Antônio A. Castanheira; secretário, Sr. Adonis Martins Pereira, e redatores, Srs. Antônio Romanelli, Márcio Meniconi, Osiris Rocha e Marcelo J. de Paula, na edição inicial. Do número 2 ao 5 foi esta a direção: diretor, Sr. Rivadávia Xavier Nunes e redator, Sr. Hélio Pontes. No último figura como secretário o Sr. Lincoln Ribeiro. Diretor e redator do nº 6 o Sr. Manuel Junqueira Villela.

Formato de 43 x 28, quatro páginas, seis colunas no primeiro número e cinco nos outros. Número 6 com 39 x 29,5, seis páginas e seis colunas.

Nada informa quanto à tiragem. Impressão da Tipo-Arte os números 2 a 5 e do Indicador Comercial e Industrial do Brasil o número 6.

Não sabemos onde foi impresso o primeiro.

Jornal adstrito exclusivamente à vida acadêmica.

MINAS CLUBE 779

Revista social esportiva que, segundo nos informaram, não passou do primeiro número, de novembro de 1950.

De seu programa constaram rádio, cinema, música, esporte, humorismo, crônicas, modas, lar.

Propriedade de Carneiro & Machado Ltda.; diretores, Srs. Januário Carneiro e Hermínio Machado e secretário, Sr. João Cirino Paiva.

Desenhos de Otelo, Pinho, Ortiga e Monteiro;

fotografias de Alvimar de Freitas e Alberto Costa; gravações de Fotogravura Minas Gerais.

Impresso na Editora Esfinge, com a tiragem de 5.000 exemplares. Formato de 24 x 16, 38 páginas e número variável de colunas. Capa ilustrada de acordo com o gênero da publicação.

Neste número único estampa muita matéria das constantes de seu programa.

INÚBIA 780

Revista de alunos do Colégio Estadual, ao que nos consta, não passou do número 1, de dezembro de 1950.

Esta a sua direção: diretor, Sr. Zacarias Oliveira Barbosa; redator-chefe, Sr. Humberto Barbi; diretor-artístico, Sr. Hiram dos Reis Correia; e secretário, Sr. Domício Sousa Martins.

Formato de 25 x 15,5, 30 páginas e três colunas.

A capa é ilustrada com um desenho do aluno Hiram dos Reis Correia, que também ilustrou a revista com outros belos e originais trabalhos. Literatura, esportes, sociais, palavras cruzadas, etc. Uma boa publicação, muito bem colaborada.

MUXIBA 781

Jornal de humorismo e anedotas banais, cujo primeiro número traz a data de 9 de janeiro de 1951.

Diretor, Mr. Sô Lestreck e redator, Conde de Laperô.

Seis páginas, quatro colunas, formato de 29 x 19.

Além desse número não vimos outro em circulação.

A COBRA FUMANDO 782

Em 31 de janeiro de 1951, surgiu o primeiro número de *A Cobra Fumando*. Não durou quase nada, pois em julho seguinte deixou de circular, com o número 7.

Órgão da Associação dos Ex-Combatentes da FEB, seção de Belo Horizonte.

Direção do Sr. Hilton Guerra Vianna.

Formato de 29 x 18, dez páginas e duas colunas os números 1 e 2. Depois cresceu, e muito. Passaram os números seguintes a medir 38,5 x 27, quatro, oito ou 12 páginas, e cinco colunas.

Um cabeçalho para os número 1 e 2, outro para os demais. Título do mesmo modelo em todas as edições, tendo à direita o emblema da FEB. A partir do nº 3 lê-se abaixo

do título o seguinte: *A F.E.B. cumpriu a vontade do povo! Que este cumpra seu dever de gratidão!* Na parte superior isto: *A voz dos ex-combatentes do Brasil que lutaram pela liberdade do Mundo.*

Mimeografados em ambas as faces da folha os números 1 e 2. Os números de 3 a 6 impressos nas oficinas da Imprensa Oficial e o 7 nas Oficinas Gráficas do Indicador Comercial e Industrial do Brasil. Tiragem de 1.000 exemplares. Redação no edifício do IAPI.

Por sua natureza e fins, *A Cobra Fumando* só se preocupou com assuntos de interesse da Associação que representava e de rememorar fatos ocorridos nos campos de batalha durante a Segunda Guerra Mundial. De assuntos diferentes, pouca coisa.

Suas páginas constituem valioso subsídio histórico sobre a campanha da Itália.

VOCAÇÃO 783

Como já tem acontecido com dezenas de outras publicações, *Vocação* não passou do terceiro número.

Este número é fatídico e não sabemos que poder estranho ou que misteriosa influência exerce ele sobre os destinos de nossa imprensa. Raras as publicações que dele passam. Fatalidade ou coincidência, esta é a dura realidade, a desafiar os que tentarem fazer revista ou jornal nesta terra, tão fértil de fatos sensacionais e inéditos.

Os três únicos números de *Vocação* trazem as datas de janeiro-fevereiro, maio e agosto de 1951. Sua orientação literária está definida nos dois períodos que seguem, tirados de sua Apresentação:

> *Animados pelo movimento de renovação de valores que ora se vem verificando em todos os quadrantes do Brasil com o aparecimento de jornais e revistas literárias organizadas por jovens escritores, e desejosos de suprir a grave lacuna da inexistência em Minas de uma publicação estritamente dedicada à literatura, iniciamos esta revista. Apesar de nosso espírito "novo" de luta e trabalho, não nos cingiremos a uma colaboração sistemática, antes procuraremos mantê-la eclética, sem dele fugirmos, entretanto.*

Direção dos Srs. Afonso Ávila, Fábio Lucas e Vera de Castro. Redatores, Srs. Airton do Nascimento Almeida, Augusto Gonçalves Rodrigues, Cleiber Andrade, Moisés da Cunha Rocha, Rui Mourão, Wilson de Vasconcellos Sampaio e Waldir Caldeira de

Morais. Este passou a secretário, no número 2, entrando em seu lugar o Sr. Ciro Siqueira. Formato de 18 x 13 e média de 40 páginas e duas colunas. Cabeçalhos diferentes e capa de um só tipo.

Redação e administração à Rua Cristina, 1431.

Em *Vocação* se encontram apreciáveis trabalhos de jovens escritores da escola literária dos "novos".

REVISTA MINEIRA DE CONTABILIDADE 784

Em dias de fevereiro de 1951, surgiu o primeiro número desta revista, que veio substituir o *Boletim do Contabilista*, no gênero a primeira publicação aparecida no Estado.

Redator-responsável, Dr. Alcindo Chaves Xavier; redator-chefe, Sr. Geraldo A. de Oliveira; e redator-secretário, Sr. A. Lopes de Sá.

Formato de 18 x 11, 28 páginas e duas colunas. Impressa na Gráfica São João, à Rua Pouso Alegre, 1130.

A capa traz o título e abaixo dele expõe as finalidades da revista — contabilidade e administração, economia, finanças, legislação fiscal. Na parte inferior, dois círculos concêntricos e, entre eles, Instituto Mineiro de Contabilidade — Belo Horizonte. No centro uma roda dentada e dentro dela o caduceu e as tábuas da lei. Depois o ano, data e número da edição. Cabeçalho de tipo comum.

Redação e administração à Rua dos Carijós, 150.

Estes os traços do primeiro número, único que conseguimos.

Revista de inegável valor, toda ela demonstrando a competência de sua direção e de seus colaboradores no trato dos problemas de contabilidade.

O GRÁFICO 785

O Gráfico vem suceder a *O Trabalhador Gráfico* e como ele não passou do primeiro número. Nasceu e morreu a 30 de junho de 1951. Agora está em seu lugar *A Voz do Gráfico*.

Pequeno formato, 18,5 x 11, quatro páginas e duas colunas.

Silêncio completo sobre direção, oficina impressora, tiragem e local da redação.

Órgão do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas. Consagrado quase integralmente à memória do companheiro morto, o gráfico Nelson Gomes Carneiro. Parece ter sido editado só para prestar essa home-

nagem e com o deliberado propósito de não continuar.

UNITED VOICE 786

Em junho de 1951, o Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos lançou o primeiro número de seu órgão *United Voice*, escrito em português e inglês.

Só conhecemos esse número, que tem o formato de 26,5 x 18, quatro páginas e duas colunas. Impresso em papel acetinado, mas ignoramos em que oficinas.

Cabeçalho dentro de um retângulo, tendo à esquerda um escudo com as iniciais do Instituto em posição oblíqua e ladeado pelas bandeiras brasileira e norte-americana.

Tem por fim promover o intercâmbio cultural entre as duas nações amigas.

POLEGADA 787

Polegada, cujo título é escrito com letra minúscula, é o órgão dos alunos do SENAI desta Capital.

De agosto de 1951, o primeiro número. Só temos até o número 4-5, de novembro-dezembro seguinte.

Os citados números circularam, tendo como redator o aluno Romeu Paulo Bolina e redator-chefe o aluno Carlos Alberto Martins da Silva.

Formato de 28 x 19,5, quatro páginas e quatro colunas, salvo o número 1, que conta três. Cabeçalho e título sem qualquer modificação.

Impresso nas próprias oficinas do estabelecimento.

Colaboração de professores e alunos do SENAI. Além dessa colaboração, traz seções como sociais, palavras cruzadas, charadas e literatura.

Um bom jornalzinho.

TRIBUNA BANCÁRIA 788

Os bancários de Belo Horizonte puseram em circulação este seu jornal em agosto de 1951. Órgão independente da classe bancária de Minas, teve esta direção: redator-geral, Sr. Pedro Alves de Oliveira Júnior; diretores, Srs. João Uchôa Camarão, Alcino Xavier e Gastão da Silva Araújo; secretário, Sr. Adeodato da Silveira. Redatores, os mesmos dirigentes e mais os Srs. Generoso Gonçalves da Silva, F. Damásio Pacheco, Maria Chiavoni, Vitor João Macedo, Vitor de Oliveira e Eden de Castro. "Avante bancários!" foi o título do artigo com que se apresentou ao público. Dele são estes

tópicos, que bem definem a orientação da folha:

> Tribuna Bancária, *órgão apartidário, apolítico e que pugnará apenas e unicamente pelos interesses dessa classe esclarecida de trabalhadores, sem compromissos de quaisquer espécies com órgãos patronais, sindicais, assitenciais e outros. As colunas de* Tribuna Bancária *verberarão, vergastarão todos aqueles que estiveram errados, fora da lei. Usaremos a força do direito e não o direito da força que, infelizmente, avassala hoje todas as camadas, especialmente as daqueles que enfeixam nas mãos alguma soma de dinheiro. Por outro lado, não seremos sistematicamente acusadores, pois nosso escopo não é ser contra e nem a favor de ninguém.*

Tão-somente três edições conhecemos deste jornal, sendo a última de dezembro. Não sabemos se foi além desse fatídico número. Formato de 29 x 20, oito páginas e três colunas. Cabeçalho sem alteração, salvo o tipo do título, que foi um para o primeiro número e outro para os dois outros. Tiragem de 2.000 exemplares. Não menciona a oficina impressora.

Redação e administração à Rua Rubi, 603, e depois à Rua dos Guajajaras, 2134.

Tribuna Bancária publicou, além da matéria que lhe era própria, literatura, curiosidades, esportes e diversões.

Apesar de muito curta sua vida, muito fez em prol do reerguimento da classe.

BOLETIM INFORMATIVO (3º) 789

Este Boletim pertence ao Sindicato dos Empregados em Empresas Teatrais, Cinematográficas e Operadores Cinematográficos de Belo Horizonte. Saiu a 21 de outubro de 1951.

Mimeografado em ambas as faces do papel, com o formato de 29 x 18,5 e duas colunas. Cabeçalho, o mesmo, nos nove números de nossa coleção.

Entre os números 4 e 5-6 deu uma edição extraordinária e depois destes mais duas, todas elas sem numeração. A última é de 22 de março de 1952, ou seja, a nona.

Redator e diretor-responsável, Sr. Waldemarino Couto.

Redação à Rua dos Carijós, 561.

O KILOWATT 790

O Kilowatt publicou-se de outubro de 1951 a abril de 1952. Não podemos compreender

porque suspendeu tão brusca e inopinadamente sua publicação no segundo daqueles meses, com o número 7. Tão brusca e inopinadamente, dissemos, porque nesse mesmo número a folha instituiu um concurso convocando seus associados e leitores a lhe indicarem novo título, pois o usado "não se ajustava bem". Ora, significando tal gesto da direção plena confiança no futuro e conseqüentemente firme propósito de continuidade da publicação, não se atina com a causa do imprevisto e contraditório desfecho que teve a iniciativa.

Coisa da nossa imprensa.

O primeiro número foi mimeografado em um só lado da folha. Formato de 29 x 20,5, cinco páginas e duas colunas. Do número 2 em diante, impresso nas oficinas do Aprendizado Técnico-Profissional, à Avenida do Contorno, 9090.

Um cabeçalho para o número 2 e outro para o seguinte.

Números 1 a 3 publicados sob os auspícios da Associação Profissional dos Trabalhadores da Indústria de Energia Hidroelétrica em Belo Horizonte, Itabirito e Santa Bárbara. A partir do número 4 tornou-se órgão independente dos empregados da Companhia Força e Luz de Minas Gerais.

O Kilowatt foi fundado pelo Sr. Heitor Gomes Vianna, que o dirigiu até o número 6; secretário do nº 2, Sr. Miguel Fontes. Do nº 3 ao 6, redator, Sr. Augusto J. Aquino; diretor-secretário, Sr. Rui Diniz. Do nº 7, redator-chefe, Sr. Wilson Ângelo; redator-secretário, Sr. Wandyr Teixeira Bueno; redator, Sr. Hélio de Paula e Silva.

Redação à Rua Aquiles Lobo, 627.

Aí está *O Kilowatt*, que desapareceu quando menos se esperava. Em suas páginas figuravam as seções de esportes, sociais, literatura, etc., como complemento da matéria de seu programa, que era o de defesa da classe que representava.

O GRITO 791

O Grito gritou pouco, pois perdeu a voz logo no número 4. Só gritou de 1º de novembro de 1951 a 15 do mês seguinte.

Periódico dos trabalhadores, com direção dos Srs. Mauro Moreira e Euler Moreira, este substituído no último número pelo Sr. Dídimo Paiva.

Um cabeçalho para o número 1, outro para o 2 e outro ainda para os números 3 e 4. O

artigo do título dos dois últimos tem, no centro, uma cara com a boca escancarada como a de quem está gritando. Formato de 22 x 17, o número 1; de 28,5 x 19,5 os seguintes. Quatro páginas e três colunas em todos.

Redação à Rua Deodoro, 101.

Jornal dedicado exclusivamente a defender os interesses dos trabalhadores. Nada mais publicou a não ser neste sentido.

PAMPULHA 792

O primeiro número de *Pampulha* foi distribuído a 10 de novembro de 1951, mas por lamentável descuido deixou de trazer qualquer data.

De março de 1953 para cá passou a publicar-se mensalmente com regularidade. Antes, a publicação era bastante espaçada.

Esta a sua direção: diretor-presidente, Sr. Antônio Caran; diretores, Srs. Álvaro Sancho Loureiro e Hermínio Pereira Machado, este nos números 1 e 2 e aquele nos números 1 a 4; redator-chefe, Sr. Bueno de Rivera, a partir do nº 3 e secretário, até o nº 5, Sr. Júlio César Santos. O nº 8 teve como diretor-superintendente o Sr. Newton Isaías e como secretário o Sr. Walter Isaías.

Formato de 28 x 20, 64 páginas, números de colunas variáveis.

Cabeçalho só a partir do nº 5. Um tipo para este, tendo à esquerda a vista da igreja da Pampulha, e outro para os seguintes. Capas variadas, ornadas de retratos.

Título de um modelo até o nº 5 e diferente do 6 em diante.

Impressão de Velloso & Cia.

Desenhos de Pinho, Borjalo, Hélio Faria, Sílvio Costa, Washington Júnior e Jáder Júnior, e fotografias de Francisco Fernandes, José Inácio, Bruno Roberto, José Nicolau, Meira, Ricardo Mascarenhas, Freitas, etc.

Redação e administração no Edifício Acaiaca.

Pampulha é uma revista da atualidade, feita sob os mais modernos moldes. Em seu abundante e variado texto, de tudo se encontra, como literatura, crônicas, história, interessantes reportagens sociais e sobre outros temas, todos fartamente ilustrados; charges, cinema, esportes, modas, charadas, palavras cruzadas, etc, enfim uma revista à altura da época e do meio.

MINAS AGRO-PECUÁRIA 793

Em novembro de 1951, circulou o primeiro número desta "revista dos fazendeiros".

Diretor-presidente, Sr. Paulo do Rosário; diretor-secretário, Sr. Fernando Emiliano Guimarães; redatores, Srs. Aécio Ferreira da Cunha e João da Matta Machado.

Formato de 23 x 16, 40 páginas e duas ou três colunas. Cabeçalho o mesmo e capas diferentes. Impressão da Gráfica Santa Maria. Fotografias de B. M. Morsant.

Redação e administração à Rua Rio de Janeiro, 430, e depois, 650.

Como revista de natureza especializada, tem por colaboradores os mais autorizados técnicos em assuntos agropecuários.

Estes dados se referem aos números 1 e 2.

RIQUEZA 794

O primeiro número de *Riqueza*, revista da Produção, está datado de novembro de 1951, mas só foi posto em circulação em fins de janeiro seguinte. Com o número 4, de outubro de 1952, encerrou sua carreira, o que foi pena por já se achar com seu valor solidamente firmado.

Diretores, Srs. Antônio Edílio Duarte e Aloísio Aragão Villar; secretário, Sr. José Maria Rabello.

Formato de 26 x 16,5, 50 páginas e três colunas. Cada capa com seu motivo, mas todas com o mesmo modelo de título.

Impressa na Gráfica Santa Maria, à Rua dos Goitacases, 1887, com a tiragem de 5.000 exemplares.

Em "O programa de trabalho" assim se expressou no primeiro número:

> Riqueza, *revista da produção, faz parte do antigo programa de trabalho destinado ao estudo de problemas ligados à economia nacional.*

Ótima publicação de páginas cheias de excelentes trabalhos sobre sua especialidade.

JORNAL UPC 795

A União de Propagandistas Católicos fundou este suplemento mensal da revista UPC em novembro de 1951.

Da citada revista, de que é ele um apêndice, não conseguimos obter quaisquer informações, mesmo na fonte própria. Foram baldados todos os nossos esforços. Assim, só trataremos da criatura, pois da vida do criador nenhum dado obtivemos.

Reconhecemos a sensível lacuna, mas a nós não cabe a mínima responsabilidade por tão estranha ocorrência.

Está este suplemento em ativa circulação, saindo com rigorosa pontualidade. É de se lhes dar parabéns, porque isso é coisa das mais raras em nossos meios jornalísticos. Pontualidade em nossas publicações só pode causar admiração.

Traz o formato de 28 x 20,5, oito páginas e quatro colunas.

Cabeçalho mais ou menos o mesmo. O título com três tipos diferentes de letras, o primeiro do número 1 ao 11 e 13; o segundo, de 12 e 14 e o terceiro, do 15 para a frente. À esquerda do título dois círculos concêntricos e entre eles *União de Propagandistas Católicos*. No centro, uma cruz grega entre raios, com as inciais UPC. Aos lados da cruz lê-se: *rádio, imprensa, cinema e teatro*.

Impresso em oficina própria, à Rua Rio de Janeiro, 858, em máquina Roscorlit, de fabricação do Sr. Elpídio de Lima Rosa.

"Três motivos" é o título do editorial da primeira edição. Nele se diz que a publicação upecista tem por fim, primeiramente, levar inciativas e informações sobre a UPC; contribuir para a formação de uma mentalidade mais em harmonia com os princípios católicos nas atividades da vida moderna e, finalmente, dar ensejo aos sócios da UPC para exporem suas idéias e sugestões nos métodos e aplicações do movimento upecista.

Sobre divulgar todos os princípios do catolicismo e pugnar pela elevação de suas quatro divisas já mencionadas, trata de múltiplos outros assuntos, todos dentro de rígidas normas morais e católicas, o que é a sua importante finalidade.

COOPERAMINAS ... 796

De dezembro de 1951, data de seu aparecimento, até junho do ano corrente (1954) foram publicados sete números desta revista, que é o órgão de divulgação da Divisão de Assistência ao Cooperativismo, do Departamento de Economia da Secretaria da Agricultura.

Seu fim está plenamente definido no próprio título. Não trata de nada fora dele.

Diretor, Dr. Zózimo Cabral de Barros e secretário, a partir do número 5, o Sr. Osolino Tavares. Publicação trimestral anunciada, mas de fato tem sido semestral.

Formato de 24 x 17, 40 páginas em média e duas colunas. Cabeçalho só no primeiro número. Quatro tipos de capas com motivos vários. Impressão da Gráfica São João, à Rua Pouso Alegre, 1130, salvo o número 3, que

foi feito em máquina Multilith, da Seção de Mecanografia e Desenho da Secretaria da Agricultura. Tiragem de 800 a 1.000 exemplares.

É esta a primeira publicação local impressa em Multilith.

Entre as suas congêneres *Cooperaminas* salienta-se como revista de grande atualidade e autoridade, razão por que é muito apreciada nos meios cooperativistas nacionais.

RADAR ESPORTIVO 797

Primeiro número a 13 de janeiro de 1952. Órgão da Rádio Radar, "a voz de Minas".

Direção do Sr. Edson Dornellas e redação do Sr. Cid Receolino. Formato de 28 x 20 e quatro páginas.

De esportivo só o título. Em relação ao seu todo, o esporte ocupa uma parte quase infinitesimal. Anúncios e só anúncios.

REVISTA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS 798

A Faculdade de Ciências Econômicas, da qual é diretor o ilustre Professor Ivan Leite de Magalhães Pinto, lançou à publicidade o primeiro número de sua revista com a data de janeiro-junho de 1952. Sua distribuição, porém, ficou bastante retardada, pois só se verificou em janeiro de 1953.

É de publicação semestral, com a tiragem de 10.000 exemplares. Impressa na Tipografia Brasil, de Velloso & Cia.

Sua direção compõe-se dos professores da Academia, Srs. Anibal Vaz de Mello, Célio Goyatá, Newton Antônio da Silva Pereira, Waldemar Gontijo Maciel e Ivar Vieira Campos, este a partir do nº 3, de janeiro-junho de 1953.

Formato de 16 x 11, com grande número de páginas, sempre aumentadas em cada edição.

Esta revista, por seu reconhecido valor, foi auspiciosamente recebida nos meios técnicos de sua especialidade, como reflexo da tradicional cultura mineira.

É colaborada por ilustres cultores das Ciências Econômicas, autores de trabalho de alta valia.

BINÔMIO 799

Binômio escolheu este título como crítica ferina e mordaz ao programa do governo do Estado, representado no binômio Energia e Transporte.

Órgão humorístico, panfletário, tem tido por principal objetivo atacar rudemente a muitos e ridicularizar os membros da administração pública, a começar, preferencialmente, pelo seu mais alto magistrado.

Seu humorismo é sempre vazado em duplo sentido, cuja maliciosa interpretação fica a cargo do leitor.

Por tudo isso e mais ainda por publicar matéria considerada pelos órgãos da Polícia ofensiva e atentatória aos princípios da moral pública, teve apreendidas duas de suas edições, as de 20 de julho e de 23 de novembro de 1952, além da proibição de continuar a publicar-se. Esta intimação jamais foi respeitada, porque o jornal continuou e continua a circular sem qualquer embaraço.

A primeira das referidas apreensões teve larga repercussão em todos os meios sociais e políticos, indo o incidente refletir até no seio da Assembléia Legislativa e da Câmara Municipal. Em ambas foram propostas moções de pesar pelo procedimento policial. A da Assembléia esteve a pique de lograr inteiro êxito com sua aprovação pelo Plenário. Não triunfou porque, ocorrendo empate na votação, o desempatador, mui naturalmente, deu seu voto contrário. A da Câmara Municipal apresenta um caso verdadeiramente típico e original, talvez jamais registrado nos anais de corporações dessa ordem, por seu inesperado e espetacular desfecho, ao ser convertida em voto de louvor e aplauso à atitude da autoridade que ordenara a apreensão.

Jornal feito e redigido no mesmo figurino de *Binômio* já tivemos um aqui, intitulado *O Freio*, do qual a Polícia deu cabo logo no primeiro número.

Não é preciso salientar que folhas dessa natureza são avidamente procuradas pelo público e, quanto mais se fizer contra elas sentir a ação da autoridade, mais procuradas serão. Está isso na índole da massa popular, que se compraz em ler o que de mal se fala dos outros, principalmente das autoridades e dos poderes constituídos. Nossa educação cívica e moral não atingiu ainda nível que possa conduzir as massas a procedimento contrário.

Binômio publica-se quinzenalmente, com a tiragem de 30.000 exemplares, como ele mesmo informa. Fundado e dirigido pelo Sr. Euro Luiz Arantes, a 17 de fevereiro de 1952 saiu o primeiro número. Formato de 33 x 24, quatro páginas e cinco colunas. O

cabeçalho tem sofrido modificações, mas todas de somenos importância. No título já foram adotados seis diferentes tipos de letras, um para o nº 1, outro para os nºs. 2, 3, 9 e 10, outro para os nºs. 4 a 8 e 23, outro para o nº 11, outro para os nºs. 12, 22, 24 a 56 e outro a partir do nº 57, de 19 de junho de 1954. Abaixo do título sentencia — *Sombra e água fresca* e *Órgão quase independente*.

Estabeleceu para sua orientação os seguintes princípios básicos:

1) A direção se responsabiliza por toda a matéria publicada e pelos artigos assinados;

2) Devolvemos os originais não publicados;

3) Não aceitamos publicidade:

a) do governo do Estado;

b) da Prefeitura Municipal;

c) da Companhia Força e Luz;

d) da Companhia Telefônica;

e) das empresas de cinema;

f) de todas as outras firmas e organizações da Capital que tenham por norma controlar a imprensa por intermédio da publicidade.

Tem sido impresso nas seguintes oficinas: Tribuna de Minas, Gráfica Belo Horizonte e Gráfica Santa Maria.

Redação à Rua Maranhão, 1123, até o número 10, e depois à Rua Rio de Janeiro, 430.

HORIZONTE 800

Sob a direção do Sr. Otávio Dias Leite, surgiu, a 10 de março de 1952, o primeiro número de *Horizonte*.

À sua frente tem tido estes dirigentes: redatores, Srs. Edmur Fonseca, Fritz Teixeira de Salles, Benito de Lima Barreto e Waltencir Dutra, nos nºs. 3 a 6; nos nºs. 9 a 13, os dois primeiros e mais o Sr. Gilberto Paim, este a partir do nº 11. Secretário, a começar do nº 7, Sr. Benito de Lima Barreto. Tão-somente nos nºs. 14 e 15, de julho e setembro, respectivamente, figuraram também como redatores Wilson de Figueiredo e Ione Fonseca.

Publicação mensal, com bastante regularidade, até o nº 11-12, de janeiro-fevereiro de 1953. Daí para a frente não tem sido regular a publicação.

Formato de 40 x 27, oito páginas e cinco colunas.

O título, impresso em cor, contou três tipos de letra, um, dos três primeiros números, outro de 4 ao 10 e outro ainda do 11 em diante. O cabeçalho variou de acordo com as alterações sofridas pelos títulos. Até o nº 6, impresso nas oficinas do Indicador Comercial e Industrial do Brasil, à Rua dos Tupis, 1743; depois, nas oficinas da Papelaria Dias Leite, à Avenida Paraná 206; e novamente no Indicador Comercial, a partir do nº 16.

Redação à Avenida Paraná, 206, e posteriormente à Rua Curitiba, 545.

Horizonte é jornal de literatura, arte e crítica. Teve por colaboradores figuras de projeção em nossas letras e de nossa cultura, em todos os seus ramos.

Suas páginas, como assinalou no primeiro número, foram abertas a todos os escritores, sem distinção política, religiosa ou filosófica. Quanto à parte política, prometeu defender intransigentemente a liberdade de expressão e de pensamento, procurando ser coerente com as resoluções do IV Congresso de Escritores, realizado em Porto Alegre.

Esta a síntese de sua orientação. As colunas de *Horizonte* estão cheias de valiosos trabalhos, subscritos por consagrados intelectuais.

JORNAL DE MATEMÁTICA E FÍSICA ELEMENTARES 801

O ilustre Professor Mário de Oliveira é o fundador e o diretor responsável desta útil publicação, que teve seu início em março de 1952. São também seus diretores o Professor Wagner Brandão e a Professora Beatriz Gonçalves de Alvarenga. Edições mensais, com o formato de 26,5 x 18,5, oito páginas e duas colunas, impresso na Gráfica Santa Teresinha, à Rua dos Carijós, 771, e em outra tipografia não declarada nas páginas do jornal. Capa e cabeçalho sem alteração.

Publicação de alto e reconhecido valor, colaborada por conceituados matemáticos. Nada insere além da matéria subordinada ao título.

JORNAL DA MANHÃ (2ª) 802

A orientação do *Jornal da Manhã* foi por ele exposta nestes termos, no período inicial do artigo de apresentação:

> *Não é nosso intuito dar combate a este ou àquele indivíduo, e nem tampouco defender partidos ou propalar ideologias, quaisquer que sejam; esposamos todas as iniciativas, quer de particulares, quer dos governos, que venham promover o progresso e facilitar a vida de todos*

que trabalham, concorrendo para a estabilidade das instituições democráticas e vem garantir a prosperidade econômica do Brasil.

Viveu exatamente um mês, de 1º a 31 de maio de 1952, publicando somente cinco números. Teve dois formatos, de 39,5 x 29,5, no primeiro, e de 43 x 30, nos outros. Em todos, quatro páginas e seis colunas. Impressão da Gráfica Belo Horizonte, à Rua dos Tupinambás, 617.

Cabeçalho só modificado quanto às letras do título, que foram de um tipo nos nºs. 1 e 2 e de outro nos demais.

Diretor-presidente, Sr. Jacinto Marcelino Ferreira; diretor-secretário, Sr. José Mamede da Silva; diretor-redator, Sr. Mário de Carvalho Dias.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 867.

Sempre ao lado da classe proletária, pugnando por seu bem-estar, defendeu suas aspirações. Matéria variada, versando temas da atualidade. De seções comuns a todos os jornais, só estampava as de notícias sociais e esportivas.

FRENTE TRABALHISTA 803

A folha anterior viveu apenas um mês; esta viveu o dobro, dois meses. Foi de 13 de maio a 13 de julho de 1952, quando desapareceu com o nº 8.

Órgão de notícias, de combate e de orientação trabalhista.

À sua frente estiveram estes diretores: Srs. Lídio Diniz Henriques, Waldemar Diniz Henriques, Constantino Siqueira e Walter Ataíde. Secretário, Arlindo Correia da Silva, que só figurou no nº 1.

Grande formato, 48 x 34,5, oito páginas e sete colunas.

Não se declara a tiragem nem a oficina impressora.

Redação e administração à Avenida Afonso Pena, 926.

O programa desta folha está estampado no próprio título, pelo que se torna desnecessária qualquer referência neste sentido. Bastante noticiosa e grandemente ilustrada. Seções várias, como esportes, sociais, etc.

MINAS CATÓLICA 804

Minas Católica, *publicação de Cultura dentro de nossa tradição religiosa — Diretor proprietário, Silveira Neto.* Aí está o que a respeito nos informa a página-de-rosto.

Primeiro e único número datado de maio de 1952.

Formato de 18,5 x 13, 38 páginas e duas colunas.

A capa, desenhada por Haroldo, traz o título em letras vermelhas sobre fundo amarelo, tendo à esquerda superior a gravura de um templo. Embaixo da página, o ano e o número da edição.

Impressão da Gráfica Belo Horizonte, com oficinas à Rua dos Tupinambás, 617. Clichês da Fotogravura Minas Gerais.

Ornada com os retratos do Papa Pio XII, do Arcebispo de Belo Horizonte, do Bispo de Oliveira e de outros destacados vultos do clero e da política de Minas. O município e a Diocese de Oliveira tiveram destacada referência em suas páginas.

Lamentável o fato de não ter *Minas Católica* continuando sua publicação, pois seu ilustre diretor, jornalista Silveira Neto, com sua comprovada competência e tirocínio nas lides da imprensa, certamente nos daria futuras e proveitosas lições à altura de nossos foros culturais.

TRIBUNA DE MINAS ESPORTIVA 805

A 26 de maio de 1952 iniciou esta folha sua publicação. O nº 13, de 17 de agosto seguinte, trouxe inexplicavelmente a indicação de ano II, quando ainda não contava nem três meses de vida. Este número é o último que temos do ano de seu aparecimento. Não sabemos a data em que suspendeu sua publicação. O certo é que a 3 de maio de 1953 reapareceu, mas com nova numeração, tanto do ano, como das edições.

Publicação vespertina, aos domingos, com noticiário completo dos jogos disputados no País, durante o dia.

Em 1952, com o formato de 39 x 29 e em 1953, com o de 42 x 29. Em ambos com oito páginas e seis colunas.

Cabeçalho sempre do mesmo estilo, só variando em tamanho.

Jornais dessa natureza não comportam mais detalhes.

O SANDOVAL DE AZEVEDO 806

Órgão dos alunos do grupo escolar que lhe deu o título.

O primeiro número é de junho de 1952. Até o encerramento destas notas foram publicados 14 números, o último de setembro de 1953.

Formato de 33,5 x 25, quatro páginas e cinco colunas. Impresso nas oficinas da *Tribu-*

na de Minas, com a tiragem de 1.000 exemplares.

Tem conservado a mesma feição gráfica.

Nos seis primeiros teve esta direção: diretora, Wania Dantas Pinto; redator-chefe, Adilson de Lelis; gerente, Marcos Cláudio Moreira e do 7 ao 14 esta: diretor; Mauro Antônio Albino de Almeida; redator-chefe, Maria Lúcia Azevedo Barbosa; gerente, Fernando Pinto da Cunha.

Colaborado integralmente pelos alunos do estabelecimento, com produções que bem refletem o grau de adiantamento de seus pequenos autores.

Um simpático, interessante e muito bem-feito jornalzinho que, além disso, é fartamente ilustrado.

MENSAGEM ECONÔMICA 807

O primeiro número, que é de junho de 1952, saiu com o nome incompleto, só *Mensagem*. Órgão oficial da Associação Comercial de Minas, que veio substituir o antigo Boletim da entidade, que terminou a publicação em maio anterior.

Os dois primeiros números com capas comuns. Do terceiro em diante tem apresentado belas capas, com motivos de grande realce.

A contar do nº 3 passou a publicar-se mensalmente, de quinzenal que era.

Formato de 18 x 12, número variável de páginas e ordinariamente com duas colunas. É diretor-nato da revista o presidente da Associação Comercial. Diretor, até o nº 6, o Dr. Renato Falci, e para a frente o Dr. Paulo Macedo Gontijo; gerente, Dr. Joaquim Ribeiro Filho e redator-chefe, Dr. Washington Albino.

Com a terceira edição, melhorou sensivelmente sua feição gráfica. Impressa em oficinas próprias pelo sistema Multilith.

Com o nº 9, de março de 1953, interrompeu a publicação, só restabelecida em outubro seguinte. Essa edição passou a ser impressa na Gráfica Santa Maria.

A partir do nº 10, não aparece mais o lugar de redator-chefe, mas em compensação aparece o de redator-secretário, ocupado pelo Sr. José Alphonsus de Guimaraens.

As seções de *Mensagem Econômica* encerram todos os assuntos próprios da publicação, como economia, finanças, dados estatísticos sobre o comércio, indústria, etc. Uma útil publicação que vem prestando relevantes serviços às classes conservadoras.

TRAÇÃO E FORÇA 808

Tração e Força não se valeu dos elementos constitutivos do seu título para uma arrancada vital, tanto que baqueou logo no primeiro número, lançado a público em junho de 1952. É este o melancólico destino da quase totalidade de nossas publicações. Quando não fracassam no número um, raramente ultrapassam o terceiro.

Tração e Força foi fundado como órgão independente dos servidores do D.B.O. (Departamento de Bondes e Ônibus, da Prefeitura de Belo Horizonte).

Formato de 43 x 29, quatro páginas e cinco colunas. Diretores, Srs. Jorge Lopes de Freitas, Rodolfo Milo, Armando Pace, Walter Caniato e Benedito Lacôrte. Tiragem de 1.000 exemplares e impressão da Tipografia Aliança, à Rua do Espírito Santo, 354.

Redação e administração à Rua dos Carijós, 150.

De jornais que não passam do primeiro número, o que se pode dizer? Nada, além de seu simples registro no cadastro de nossa imprensa. E é isso que aí está.

O DEBATE (3ª) 809

Duas fases conta esta folha. Da primeira só conhecemos o nº 2. Não conseguimos nenhum outro, mesmo recorrendo a alguns de seus diretores. Um destes, porém, nos informou que *O Debate* saía às segundas-feiras e que o primeiro número foi publicado a 7 de julho de 1952 e o sexto e último, a 11 de agosto seguinte. Informou-nos, outrossim, que sua feição material jamais sofreu qualquer alteração.

A breve descrição que se segue, refere-se ao citado nº 2, único, como dissemos, que conseguimos obter.

Órgão a serviço do Parlamento. Diretor, Sr. Tito Lívio; redator-chefe, Sr. José da Rocha Paixão; colaboradores, todos os deputados à Assembléia Legislativa.

Formato de 41,5 x 30, quatro páginas e seis colunas, impresso nas oficinas de *Tribuna de Minas*, com a tiragem de 1.000 exemplares. No número em apreço só tratou de assuntos ligados a fatos em foco na Assembléia.

Sob a direção do Dr. Oswaldo Nobre, surgiu uma segunda fase, a 28 de agosto de 1953, como consta do cabeçalho. Nas páginas internas, porém, está a data de 29. Ao que parece, é esta a data que deve prevalecer, porque 29 foi sábado e o jornal sai nesses dias. O número 2, de 5 de setembro, saiu

sem numeração no cabeçalho e por um lapso acusa a data de 5 de agosto. Tanto a omissão como o engano foram corrigidos nas páginas centrais.

Iniciou nova numeração do ano de publicidade.

Formato igual ao da primeira fase e as mesmas seis colunas, mas com o número de páginas aumentado de quatro para oito. Tiragem de 1.000 exemplares e impresso nas oficinas de *Tribuna de Minas*, como anteriormente.

Redação provisória à Rua Rio Grande do Sul, 986.

O Debate é um jornal francamente político, demonstrando em suas páginas que se está preparando para entrar na luta das próximas campanhas eleitorais.

Farto em retratos de políticos militantes.

MINAS AGRÍCOLA (2ª) 810

Segunda publicação deste título. Revista mensal, destinada à divulgação de assuntos de interesse da agricultura e da pecuária.

Tem por diretor responsável e redator-chefe o Dr. Guaracy Catão e por diretor-secretário o Dr. Ruy Catão. Colaboração dos mais competentes técnicos do País.

O primeiro número é de julho de 1952 e o segundo de janeiro de 1953, únicos constantes de nossos arquivos.

Formato de 21,5 x 15, grande número de páginas e duas ou três colunas.

Capa e seu título de tipos diferentes nos dois números de nossa coleção. Cabeçalho interno igual em ambos os números.

Redação e oficinas à Rua dos Tupinambás, 617.

Pelo sumário de cada edição aquilata-se o valor e oportunidade da matéria estampada, toda tratando de assuntos atinentes à especialidade da publicação. Muitos dos artigos são acompanhados de fotografias alusivas ao texto.

À sua comprovada autoridade técnica e científica alia uma feição material de primeira ordem.

A SEMANA ESPORTIVA 811

Em 27 de agosto de 1952 surgia mais uma publicação esportiva em nossa Capital.

Sua direção tem estado a cargo dos Srs. Gelso Bertili, Paulo Tavares e Jairo Anatólio Lima.

Impressa na Gráfica Rio Branco, à Rua Teixeira Soares, 72.

Formato de 28 x 20, 12 páginas e três colunas.
Capas diferentes, mas com o respectivo cabeçalho igual em todos os números. Não traz cabeçalho interno.
Fotos de Goulart e desenhos de Ramiro e Ismar.
Redação à Rua dos Carijós, Edifício Rex.
Não tratou de mais nada a não ser de matéria de sua especialidade.

CRÍTICA (2ª) 812

Esta é o segundo *Crítica* registrado nos anais de nossa imprensa.
O lançamento à publicidade do primeiro número teve lugar a 30 de agosto de 1952.
O nº 10 saiu a 15 de fevereiro de 1953 e o número 11, apesar de datado de julho, só circulou a 10 de dezembro seguinte. Esta edição foi integralmente dedicada ao célebre inquérito do Banco do Brasil, com a publicação do *texto integral da mais vergonhosa bandalheira até hoje já realizada no País*, como acentuou no nº 10.
Prometeu publicação semanal, mas isto não se verificou. Inicialmente foi quinzenal e depois, com o correr do tempo, passou a mensal.
Propriedade da Empresa Editora Crítica Ltda. Esta a sua direção: diretores, Srs. João Calazans e Morse Belém Teixeira, até o nº 3; nos nºs. 4 e 5, diretor, Sr. Morse Belém Teixeira, e diretor-redator-chefe, Sr. João Calazans. Nos nºs. 6 a 8, diretor-redator-chefe, Sr. João Calazans, auxiliares de redação, Sr. Morse Belém Teixeira e Fritz Teixeira de Salles. Nos nºs. 9 e 10, diretor-redator-chefe, Sr. João Calazans.
Nos três primeiros números, acentua abaixo do cabeçalho interno: *Semanário que luta pela liberdade de pensamento.* E depois, no mesmo local: *Expressão do pensamento livre de Minas Gerais.*
Não apresentou programa. Disse contentar-se em reafirmar seu subtítulo: *Política e letras*, acrescentando que "tentaria fazer um jornal desligado de qualquer grupo de interesses a fim de salvar a sua pretensão de honestidade".
Crítica é uma publicação que contém, da primeira à última página, assuntos que prendem a atenção do leitor, pelo grande interesse que despertam. De tudo aí se encontra: política, letras, arte, crônica, história, etc. Sobre política da atualidade, muitos furos e

revelações sensacionais. Sua leitura é assaz proveitosa para todos. Farta em ilustrações. Capas com título impresso em vermelho e ilustradas com motivos vários.

Formato de 32,5 x 25. Vinte e oito páginas com a capa e contracapa, e cinco colunas. Redação à Rua da Bahia, 570.

Crítica teve suas colunas a todos franqueadas, conferindo ampla liberdade de opinião e pensamento aos que dela se serviam. Nela vemos uma publicação que agrada integralmente aos mais exigentes em matéria de jornal.

O último número de nosso conhecimento é o 13, de 10 de junho de 1954.

DENÚNCIA ____ ____ ____ 813

Jornal de estudantes da Faculdade de Direito.

Diretor e redator-chefe, Sr. J. Júlio Rodrigues; secretário até o nº 4, Sr. Manoel Guimarães Ferreira de Mello; nos números. 5 e 6, o Sr. J. Antunes Carvalho.

Primeiro número em agosto de 1952. Formato de 28,5 x 20, quatro a oito páginas e quatro colunas. Impresso na Gráfica UPC, à Rua Rio de Janeiro, 858 e na Gráfica São Sebastião, à Rua Paraíso, 76. Já usou três tipos de letra no título.

Publicação mensal, mas irregular.

Redação à Rua São Paulo, 944.

Assim terminou seu artigo de apresentação sob o título de Rumos:

> Denúncia, *com ajuda de Deus, boa vontade de todos, estará onde estiverem os interesses estudantis, onde estiver a verdade e a justiça.*

Este o principal objetivo de seu programa.

Copiosa colaboração, toda sobre assuntos de Direito e de autoria dos alunos da Faculdade.

BOLETIM INFORMATIVO (4º) ____ 814

Mais um boletim informativo, o quarto referido neste trabalho.

Este é da Casa do Funcionário de Minas e órgão de propaganda, difusão e informações úteis ao funcionalismo.

Primeiro número a 1º de setembro de 1952.

Publicação mensal, mas, para não fugir à regra geral, bastante irregular.

Diretor-responsável, Sr. Ulisses Silva e secretário, Sr. Felipe Néri Teixeira.

Formato de 25,5 x 18,5, quatro páginas, duas colunas e tiragem de 6.000 exemplares. Cabeçalho sem alteração.

Redação no Edifício Acaiaca.
Tem por legenda *Unidos seremos fortes.*
Dedicado exclusivamente aos interesses da classe.

CENÁRIO 815

Cenário é de 15 de setembro de 1952. Ao que parece, não continuou.
Só tratou de coisas do cinema.
É datilografado em uma só face da folha e contém seis páginas, coluna aberta e o formato de 26 x 18.
Quanto à direção, nada informou.
E cai o pano do "cenário".

MINAS FORENSE 816

Não conhecemos esta revista senão através do noticiário da imprensa.
Lançada à publicidade em outubro de 1952, pela Editora Mineira Ltda., sua primitiva direção foi esta: diretor, Desembargador Autran Dourado; redator-chefe, o então Juiz de Direito e hoje também Desembargador Afonso Teixeira Lages; secretários, Srs. Pimenta da Veiga, Alberto Pontes e Mário Augusto Barreto.
Pelo título está explicada sua finalidade.

FACE 817

Até o momento, *Face* só apresentou um número, datado de 22 de novembro de 1952.
Órgão do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas.
Seu título é formado pela primeira sílaba de Faculdade e das iniciais dos outros nomes que completam o título da mesma Escola.
Diretor-presidente, Sr. Sebastião Moretzsohn; diretor-geral, Sr. Paulo Pinto Ferreira; redator, Sr. Ézio Távora dos Santos.
Formato de 42,5 x 29,5, quatro páginas e seis colunas. Impresso em ótimo papel.
Título com letras estilizadas, tendo à esquerda uma roda dentada com o globo terrestre e, sobre este, uma cornucópia e uma folha.
Redação e administração à Rua Curitiba, 656.
Toda a matéria deste jornal está subordinada a assuntos de ordem econômica e a problemas da classe estudantil.

SENAC MINEIRO 818

Senac Mineiro apareceu em novembro de 1952. Publicação mensal rigorosamente mantida até o presente.
Tem o formato de 33 x 23, quatro páginas e quatro colunas.

No cabeçalho consta, além do título, o seguinte: *Órgão do Departamento Regional de Minas Gerais — Ensino. Técnica. Orientação.*

À esquerda do título, um mapa de Minas entre raios, com o nome do *Departamento-Senac*. Em derredor dos raios lê-se: *Do Comércio. Pelo Comércio. Para o progresso.*

Impresso nas oficinas de *Folha de Minas*.

Redação à Rua Curitiba, 561.

De sua apresentação reproduzimos estes tópicos:

> Senac Mineiro *é um órgão editado pelo Setor Cultural do Departamento Regional do Senac, sem nenhum caráter partidário, porém inteiramente dedicado às questões do ensino técnico-comercial.*

Além da matéria que lhe é peculiar, publica outras seções de interesse geral e um pouco de literatura.

Somente a partir do nº 13, de novembro de 1953, foi que passaram a constar na folha os nomes de seus dirigentes: diretor, Dr. Tancredo Guimarães; redator-chefe, Professor Sílvio de Marco; e redator-secretário, Padre Luís de Marco Filho.

Trata-se de ótima publicação, de grande porte informativo para todos os que têm ligações com o Departamento.

"Senac" é a abreviatura do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

A VERDADE (3ª) 819

Jornal metodista, surgido em novembro de 1952.

Publicação mensal, com formato de 41 x 29, quatro páginas e cinco colunas. Impresso na Gráfica Belo Horizonte, à Rua dos Tupinambás, 617.

Dirigido pelos Srs. Prof. Nicodemos Nunes, redator-responsável, e Almir Pereira Bahia, Ivar Vieira Campos e José Ramos Villas-Boas, redatores. Depois do nº 1, só temos o 5 e neste não mais figura o nome do Sr. Almir Pereira Bahia como redator.

Na seção do Expediente, adianta: *Órgão de publicidade em geral dentro dos princípios cristãos.*

Cabeçalho sem alteração. O título está aposto sobre a Bíblia, tendo na página da esquerda um facho em chamas e na da direita simplesmente isto: *João XIV-6.* À direita do mesmo título, um retângulo com este

versículo: *E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará — João: VIII, 32.*

Redação à Rua Rio Grande do Norte, 1008, e depois à Rua dos Tamoios, 40. Só se ocupa de doutrina evangélica.

CINEMA 820

Órgão do Centro de Estudos Cinematográficos.

O primeiro número, único de que temos notícia, é de dezembro de 1952, tendo como redator-responsável o Sr. Ciro Siqueira.

Disse ao apresentar-se:

> *Publicação do CEC,* Cinema *surge a serviço das próprias finalidades a que se propôs a agremiação, que, em seus estatutos, encontrou a seguinte forma de expressão: Sociedade civil, de cunho exclusivamente cultural e artístico, tendo por fim o estudo e a divulgação da arte cinematográfica.*

Formato de 18,5 x 15, 16 páginas e duas colunas.

Impresso nas oficinas do Indicador Comercial e Industrial do Brasil, à Rua dos Tupis, 1743. Nada mais no texto a não ser matéria cinematográfica.

VIDA DOS MUNICÍPIOS 821

Sob a direção do Sr. Geraldo Ribeiro, apareceu, em dezembro de 1952, *Vida dos Municípios, uma revista mineira para os mineiros.*

A certo ponto do artigo com que se apresentou ao público, informa:

> Vida dos Municípios *pretende ser e será, se Deus quiser, o porta-voz da vida de nossas cidades, em todas as suas manifestações, quer administrativa, como social, religiosa, cultural, artística, econômica, esportiva e histórica.*

Nessa edição foi focalizada a cidade de Oliveira, com interessantes trabalhos subordinados aos temas acima referidos. Todos os aspectos da vida local foram abordados com segurança e minúcia.

A capa da revista é um arranjo do desenhista oliveirense Helvécio Silveira e representa a praça de esportes da cidade homenageada. Além desse arranjo, só o título. Cabeçalho sem qualquer particularidade digna de menção.

Formato de 21,5 x 15, 58 páginas e três colunas.

Impressão da Tipografia Marília, à Rua do Espírito Santo, 1041. Ilustradores, Lincoln

Mendes, Helvécio Silveira e Haroldo. Clichês da Fotogravura Minas Gerais.

Redação no Edifício Tupis.

Não passou esta revista de seu primeiro número. Ficaram, destarte, os leitores privados de outras edições, nas quais pudessem conhecer e apreciar a história e o grau de desenvolvimento de outras cidades e comunas mineiras.

CINERAMA 822

Este o primeiro jornal saído em 1953. É de 12 de fevereiro. Durante sua existência manteve rigorosa pontualidade na publicação. *Cinerama* teve por lema *lutar pelo bom cinema, para o bom cinema, e ainda mais para o nosso cinema.*

Mimeografado de um só lado da folha. Formato de 29 x 19,5, cinco páginas e duas colunas.

Diretor-responsável, Sr. José Roberto Duque Novais e secretário, Sr. Silviano Santiago, a partir do nº 5.

Redação à Avenida Paraná, 509, e depois à Rua Ituiutaba, 447.

A palavra Cinerama escolhida para título deste jornal é um neologismo criado para significar a nova modalidade técnico-cinematográfica, que consiste num sistema de projeção em terceira dimensão.

Publicação muito interessante e de utilidade para os que se dedicam à arte do cinema.

A VOZ DO GRÁFICO 823

Este boletim é a terceira publicação oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas de Belo Horizonte. As anteriores morreram no nascedouro.

Publica-se mensalmente, desde fevereiro de 1953.

Diretores, Srs. Araci M. Borges, Wilson Catete Braga e João Batista de Sousa.

Formato de 33,5 x 24, quatro páginas e quatro colunas. O nº 4 já mudou de aspecto. Veio com 28,5 x 17, quatro páginas e três colunas. A partir do nº 5, passou a medir 29 x 20,5, com seis páginas e quatro colunas.

Cabeçalho inalterável. O título inscrito em um retângulo. Até o nº 3, impresso na Tipografia Velloso; o 4º, em uma oficina situada à Rua Paraíso e do 5 ao 9, este de outubro, nas oficinas do Informador Comercial. Não existe o nº 7. A edição conjugada de julho-agosto, que deveria ter numeração dupla 6-7, trouxe apenas o nº 6 e a ela se seguiu o nº 8.

Como órgão sindical, *A Voz do Gráfico* tem sabido manter firme sua posição no que tange à defesa dos interesses da benemérita classe dos gráficos. Redação e administração à Rua Rio de Janeiro, 324.

O nº 11, de julho-agosto, foi o último publicado até o encerramento deste trabalho.

ANUÁRIO DE BELO HORIZONTE 824

Este *Anuário* foi posto em circulação em 1º de maio de 1953.

Direção e responsabilidade dos Srs. Joaquim Brum de Almeida e João Paulo Pires. Formato de 25 x 18, uma ou duas colunas e 197 páginas.

A capa contém, além do título, uma vista do centro da Capital, foto de Eugênio H. Silva.

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial.

O corpo de colaboradores citado na página-de-rosto acusa o número de 15.

Estampa um excelente resumo da história de Belo Horizonte, que, de sua obra, fez o próprio Abílio Barreto, além de páginas literárias subscritas por escritores locais; descrição de obras realizadas pelo Governo do Estado e pelo Prefeito Municipal e muitos outros assuntos de interesse geral.

Em suma, uma boa e oportuna publicação.

A ENIGMÁTICA 825

Esta é a primeira revista do gênero publicada em Minas. Trata-se de publicação especializada em palavras cruzadas, charadas, enigmas, curiosidades, etc.

O primeiro número foi posto em circulação a 9 de maio de 1953.

Diretores-responsáveis, Srs. César Augusto Leite, José M. da Silva e Joaquim H. Dutra; redatores, Srs. Pedro A. Rodrigues, João Lintz Brandão e José C. Miranda. O primeiro desses redatores só figurou na edição inicial.

Publicação mensal, com o formato de 21 x 14, 16 páginas e número variável de colunas.

Capa com motivos alusivos ao gênero da publicação, cujo cabeçalho não sofreu até agora qualquer alteração.

Colaboração de diversos amadores de sua especialidade.

Nada sobre a tiragem e local da impressão.

Redação e administração à Rua Areado, 86.

CEJ 826

Em sessão de 9 de abril de 1953, o Centro de Estudos Jurídicos decidiu lançar o seu órgão de publicidade, escolhendo para título

as iniciais da entidade que ao alto estão reproduzidas.

O Centro tem por finalidade desenvolver a cultura jurídica de seus sócios, mediante debates, conferências e outros meios que levem à realização deste objetivo.

O primeiro número de *CEJ* é de 10 de maio de 1953. Teve por diretor o Sr. Silveira Neto e por redator o Sr. José Sebastião Moreira.

Formato de 29 x 22,5, seis páginas e quatro colunas. Impressão da Gráfica Belo Horizonte, à Rua dos Tupinambás, 617.

Redação à Avenida Amazonas, 749.

Jornal doutrinário, só tratou de assuntos pertinentes à ciência do Direito, publicando teses, estudos, interpretação de textos legais, etc. Nenhuma seção banal tem guarida em suas colunas.

Uma publicação que muito prometia, mas que, infelizmente, fracassou, como tantas outras já citadas.

JORNAL DO MERCADO 827

Em 10 de maio de 1953, saiu o primeiro número deste jornal e o segundo, em junho. Semanário de distribuição gratuita, dirigido pelo Sr. F. S. Cardoso.

Formato de 28,5 x 20, oito páginas e quatro colunas. Impresso nas oficinas de *Tribuna de Minas*.

Redação e administração à Rua do Acre, 111.

Trata especialmente de assuntos comerciais, mas publica outras seções, como curiosidades, receitas, conselhos úteis, variedades e anedotário.

NOTÍCIAS AEC 828

A Associação dos Empregados do Comércio já teve representantes no seio de nossa imprensa, mas todos de vida efêmera.

Em maio de 1953, surgiu o novo órgão da entidade — *Notícias AEC*, que não passou do número 2, de agosto seguinte.

Formato de 20 x 13, 32 páginas no primeiro número e 28 no segundo.

Capa com o título, tendo à direita o escudo da entidade e na parte inferior, uma fotografia. Impressão da Gráfica Santa Maria e tiragem de 7.000 exemplares.

Diretor-responsável, Sr. Wilson Prado Moreira e redator-secretário, Sr. Carlos Couto Teixeira.

Redação à Rua Curitiba, 760.

Como é óbvio, esta revista tratou principalmente de assuntos sociais, em todos os seus ramos. Sem embargo disso, porém, estam-

pou várias outras seções, como sociais, variedades, literatura, etc.

SINFONIA 829

Revista especializada em assuntos de rádio e música.

Primeiro número de maio de 1953.

Publicação mensal de direção do Sr. Orlando Rodrigues da Costa.

Formato de 23 x 16 e número variável de páginas e colunas.

Capa com o título e retrato de jovens ligados à vida do rádio.

Cabeçalho uniforme. O título, sobre a pauta musical, ladeado pela clave do sol e por uma torre de antenas.

Nenhuma referência à tiragem e local de impressão.

Grande o seu corpo de colaboradores, cujos nomes constam da seção Expediente.

Departamento Artístico dirigido por "Tenente" e Hélio R., e Departamento Fotográfico, por Carmo Valentim e Desílio.

Redação no Edifício Dantés.

Tratando-se de publicação nova, ainda é cedo para se fazer um juízo completo sobre sua posição em nosso meio publicitário, mas temos certeza de que triunfará, pois não lhe faltam elementos para consecução de glórias.

IT 830

It, o magazine da mulher, é de 1º de junho de 1953.

Pertence à Editora Alterosa, que edita a consagrada revista local *Alterosa*.

Tão pequeno quanto o seu nome, tem o formato de 15 x 10,5, grande número de páginas e duas colunas.

Estampa contos e artigos sobre assuntos diversos, além de outras seções de interesse para o elemento feminino e para o lar.

It é uma publicação que promete alcançar o mais alto sucesso em nossos meios publicitários, por sua orientação, que é a de publicar matéria selecionada e de atualidade.

Capas em tricromia, de muito gosto. Impresso nas oficinas de *Alterosa*, com a tiragem de 30.000 exemplares. Uma bela publicação, que aparece todos os meses para encantamento do mundo de Eva.

O SEGREDO 831

Órgão maçônico independente. Primeiro número distribuído a 1º de junho de 1953.

Antes deste, já tivemos um jornal maçônico, *A Reforma*, fundado e dirigido pelo ilustre e grande educador, ex-Padre Guilherme Dias. Formato de 28,5 x 20, seis páginas e quatro colunas. Impresso na Gráfica Vitória, à Rua dos Carijós, 141. Publicação bimestral. Diretores, Srs. Elias Lopes da Silva, Getúlio Diana e Waldivim Aurichio; redatores, Srs. Júlio Diana, Raul Tassini e Wênio Balbino de Castro.

Redação à Rua Curitiba, 453.

Como é curial, dada a origem de sua criação, só trata de assuntos maçônicos.

O LAVOURENSE 832

O lavourense é órgão oficial da Associação Atlética Banco da Lavoura.

O primeiro número foi distribuído nos primeiros dias de junho de 1953.

Redator-chefe, Dr. Vinicius Meyer; redatores, Srs. Jarbas Cameiro Granada, Danilo Ferreira Fonseca, José Damasceno Sobral, Miguel Feitosa, Jovelino Nunes Pinto e Raul Tassini.

Formato de 43 x 30, quatro páginas e seis colunas.

Impresso na Gráfica Vitória, à Rua dos Carijós, 141.

O número 3 já é tão familiar à nossa imprensa como fatídico, que este jornal, temendo sua fatal influência, isto escreveu ao se apresentar:

> *Espero entretanto, com a ajuda de todos, livrar-me daquele terrível pesadelo que aflige aos jornais na primeira infância: o mal do terceiro número.*

Apesar de se dizer órgão da Associação Atlética, nada vimos no primeiro número que confirmasse a especialidade anunciada. Nada vimos de atletismo, e sim seções várias como sociais, literatura, humorismo, palavras cruzadas, curiosidades, tudo, aliás, muito bom e bem escrito.

Por seus artigos, vê-se que seu intento é mais o de congregar todos os componentes da família lavourense em torno do engrandecimento social do que mesmo tratar da finalidade da Associação que representa.

O *Lavourense* é, sem dúvida, um jornal bem-feito e de agradável leitura. Deve, por isso, ter confiança em si próprio e tudo fazer para vencer, porque já transpôs o número três.

MINAS EM FOCO (2ª) 833

É a segunda publicação deste nome. A primeira foi uma revista de Ramos Arantes, o

saudoso jornalista que tanto fez em prol do soerguimento de nossa imprensa.

A atual *Minas em Foco* saiu em julho de 1953. Na capa, de tipo comum, disse:

> *Máximo de objetividade num mínimo de espaço — Súmula das atividades comerciais, industriais, agropecuárias e sociais do Estado.*

Máximo de objetividade num mínimo de espaço, está certo, porque muito expõe no limitado espaço de um formato de 14 x 9 e 14 páginas. Cada uma destas é ocupada por um assunto relevante da vida mineira.

Uma interessante e útil publicação, cuja leitura interessa e prende a atenção do leitor sem que se canse, pois é tudo exposto em perfeita síntese.

Impressão de Gráfica Santa Maria, com a tiragem de 30.000 exemplares.

Minas em Foco tem por diretor o Sr. Vivaldi Moreira e por gerente o Sr. Edson Moreira.

CORREIO DO DIA (2º) 834

Segundo jornal com o nome de *Correio do Dia*.

O primeiro nos faz lembrar o vibrante matutino que, em brilhante e ardorosa campanha, desfraldou a bandeira gloriosa do Civilismo, defendendo a candidatura do grande Rui Barbosa contra a do Marechal Hermes da Fonseca. O segundo foi órgão da União Democrática Nacional. Assim teve bem-definida sua orientação política, pelo que nada precisamos de adiantar a respeito de suas diretrizes.

A 28 de junho de 1953, *Correio do Dia*, precedendo sua publicação ordinária, lançou uma edição especial, destinada a seus assinantes. Daí a três dias, 1º de julho, teve início sua vida normal.

Grande formato, 48 x 38, 12 páginas e oito colunas.

Propriedade de *Correio do Dia SA*.

Diretor, Dr. Orlando M. Carvalho; gerente, Dr. João de Araújo Barros; redator-chefe, Sr. J. Guimarães Alves; redatores-secretários, Srs. Geraldo Alvim e Francisco Antunes.

Posteriormente, passou a ser dirigido, interinamente, pelo Dr. João Franzen de Lima.

Suspendeu sua publicação com o número 395, de 21 de outubro de 1954, e nesse sentido não fez a mínima revelação, pelo que não se fica sabendo ao certo quais as justas e verdadeiras causas de seu inesperado desaparecimento da arena jornalística, na qual entrara prometendo combater pelas nossas

tradições de civismo, cultura e amor à verdadeira democracia.

Redação e administração à Rua Itapecerica, 203.

Acompanhando o progresso da imprensa moderna, *Correio do Dia* apresentou-se com todas as seções próprias dos grandes jornais da atualidade.

JORNAL DO FÔRO 835

O Dr. João Paulo de Lima, veterano jornalista, ex-magistrado e atualmente um dos mais ilustres causídicos militantes no nosso foro, teve a feliz iniciativa de fundar o *Jornal do Fôro*, posto em circulação a 9 de julho de 1953.

Trata-se de oportuna publicação, destinada a divulgar trabalhos forenses dos tribunais e juizes deste como de outros Estados, tais como sentenças, despachos, decisões, petições, doutrina e jurisprudência.

Jornal do Fôro, porém, não foi fundado somente com este objetivo. Foi além, pois tem *como segundo item de seu programa publicitário propugnar a formação de um partido político, destinado a estar sempre ao lado do povo, de suas justas reivindicações, e que se denominará, por isso, Partido Democrático Brasileiro.*

Folha de bom aspecto material, com o formato de 43 x 30, quatro páginas e seis colunas. Impresso nas oficinas de *Tribuna de Minas.*

Só conhecemos o primeiro número e quernos parecer que dele não passou.

Abaixo do título acrescentou: *Órgão de imprensa para o povo brasileiro.*

A publicação de um só número não permite maiores detalhes.

TRÂNSITO 836

Órgão oficial do Serviço Estadual do Trânsito de Minas Gerais.

Publicação semestral. Primeiro número distribuído a 16 de julho de 1953.

Diretor, Dr. Davidson Pimenta da Rocha; redator-secretário, Dr. Jener José de Araújo.

Formato de 23 x 15, 124 páginas e duas colunas. Impressa na Gráfica Santa Maria, à Rua dos Goitacazes, 1887. Tiragem de 1.000 exemplares.

A capa tem ao alto o triângulo da Inconfidência, o título e o sumário.

O cabeçalho da capa é reproduzido na página de frente sem qualquer alteração.

A revista *Trânsito* veio preencher sensível lacuna que se observava em nosso meio. Trata-se de publicação de grande utilidade, tanto para profissionais do volante, como para o público em geral. A matéria contida no primeiro número é de alta relevância e digna de ser lida com satisfação e proveito. Não conhecemos outra publicação desta natureza, mas não acreditamos que as porventura existentes lhe sejam superiores.

De suas palavras de apresentação constou o seguinte:

> *Fazendo publicar a revista* Trânsito, *esta Superintendência tem por objetivo, especialmente, oferecer às Delegacias de Polícia do interior do Estado uma fonte valiosa de decisões, referências e legislação para que melhor possam orientar suas atividades.*

ROTEIRO DO COMÉRCIO 837

Primeiro número datado de 16 de julho de 1953.

Órgão da Federação do Comércio, dirigido pelo Dr. Luís Carlos de Portilho, consultor jurídico da entidade.

Publicação mensal com o formato de 33 x 22,5, quatro páginas e quatro colunas. Impressão da Tipografia Velloso.

O cabeçalho traz, à esquerda, o emblema da Federação e, à direita, um retângulo em branco, destinado ao endereço do destinatário da folha.

Roteiro do Comércio trata exclusivamente de assuntos de interesse do comércio, publicando matéria selecionada e da alta relevância para a classe.

O número 5 foi o último publicado até o encerramento deste trabalho.

DEBATE LIVRE 838

Revista israelita brasileira, de propriedade da Editora Mineira Ltda.

Apareceu em julho de 1953, sob a direção do ilustre escritor e historiador Sr. Isaías Golgher.

Trata de assuntos literários e científicos de ordem sociológica e histórica.

O texto é em *idish*, idioma falado pelos judeus na Europa Oriental e escrito em caracteres hebraicos.

Mimeografada e com o formato de 26 x 18, 19 páginas escritas de um só lado da folha e com coluna aberta.

O cabeçalho contém o título e outras indicações próprias da publicação, tudo escrito em hebraico ou português.

Redação à Avenida Afonso Pena, 526.

Pelo idioma em que é escrita esta revista, é óbvio que sobre a matéria nela contida nada podemos adiantar. As particularidades a seu respeito acima descritas nos foram ministradas por seu ilustre diretor.

Primeira publicação em hebraico aparecida em Minas.

O PISCA-PISCA 839

Órgão infantil do Serviço Estadual do Trânsito. Preço do exemplar, Cr$ 0,50. Renda em benefício da caixa escolar. Aqui está a reprodução da parte superior do cabeçalho.

Diretor, Dr. Davidson Pimenta da Rocha, Superintendente do Trânsito, e secretária, D. Zilka M. Falcão.

O primeiro número saiu nos últimos dias de agosto de 1953, com o formato de 27 x 20, quatro páginas e três colunas.

Publicação mensal editada em oficinas próprias. Tiragem bastante elevada por se destinar aos escolares da Capital.

A escolha do nome do jornal foi objeto de um concurso entre os escolares. Receberam-se mais de 7.500 nomes, dos quais foi feita uma seleção de 417 e depois, de 12, reduzidos a quatro para a escolha final do título. Saiu vencedor o nome *Pisca-Pisca*. Redação à Avenida João Pinheiro, 417.

Escrito em artísticas letras, o título tem à esquerda um poste sinaleiro do trânsito.

O jornalzinho está fadado a prestar os melhores ensinamentos à infância, mostrando-lhe como deve transitar pela via pública, precavendo-se contra acidentes.

ÍNDICES

ÍNDICE ALFABÉTICO

009 Academia
627 Acadêmico
330 Academico, O (1º)
560 Academico, O (2º)
722 Acaiaca
083 Actualidade
253 Adoremos
174 Aeroplano, O
051 Album de Minas
526 Album Revista
101 Alfinete, O
016 Almanack da Cidade de Minas
156 Almanack Guia de Bello Horizonte
577 Alterosa
224 Alterosas, As
768 Alterosas, O
530 Alvorada
559 Alvorada
466 AMA
673 Amadorista, O
700 América
455 Anais de Direito
419 Annaes da Faculdade de Medicina
533 Anais da Faculdade de Odontologia e Farmacia
382 Anaúê!
773 Anchieta
165 Animus
373 Annuario do Automovel Club
824 Anuário de Belo Horizonte
657 Anuario Comercial e Industrial de Minas Gerais
609 Anuário da Cúria Metropolitana
398 Annuário Estatistico Policial e Criminal
088 Annuario de Minas Gerais
309 Araldo Italiano
288 Arauto, O (1º)
658 Arauto, O (2º)
509 Argus
323 Arlequim
737 Arquidiocesano
503 Arquitetura (1ª)
676 Arquitetura (2ª)
662 Arquitetura e Engenharia
626 Arquivos da Escola Superior de Veterinaria
249 Archivos Mineiros de Dermato Syphiligraphia e Sciencias Affins
599 Arquivos Mineiros de Leprologia
221 Archivos Mineiros de Medicina
277 Arrepiado, O
545 Arrotino Coloniale (L')
703 Artes Gráficas
039 Arthur Lobo
477 Asas
131 As Sawab
159 Assistencia, A
094 Astro, O (1º)
123 Astro, O (2º)
134 Astro, O (3º)
236 Astro, O (4º)
538 Atlantida (1ª)
641 *Atlântida* (2ª)
003 Aurora
315 Avante!
311 Ba-Ta-Clan, O
715 Batalha, A
258 Batista Mineiro, O
498 Bebê
183 Beija Flor, O
001 Bello Horizonte (1º)
080 Bello Horizonte (2º)
208 Bello Horizonte, O
476 Belo Horizonte
153 Bi-Centenário de Ouro Preto
117 *Binoculo, O*
799 Binômio
081 Biographo, O
740 Bisturi
344 Boa Semente, A
195 Boa Viagem
058 Bogari, O
005 Bohemio
089 Bohemio, O
726 Boletim, O
636 Boletim Agricola

374 Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinaria
578 Boletim da Associação de Assistência
605 Boletim da Associação Comercial de Minas
506 Boletim Bibliographico
552 Boletim Brasileiro
516 Boletim Catequetico
625 Boletim do Clube dos Ferroviarios
774 Boletim do Conselho
704 Boletim do Contabilista
576 Boletim da Cooperativa Previdencia
695 Boletim do Departamento de Assistência aos Municípios
567 Boletim do Departamento Estadual de Estatística
531 Boletim Filatelico
585 Boletim Fiscal
702 Boletim Informativo (1º)
728 Boletim Informativo (2º)
789 Boletim Informativo (3º)
814 Boletim Informativo (4º)
550 Boletim da J.F.C.
631 Boletim da Matriz dos Sagrados Corações
346 Boletim Mensal
139 Boletim Mensal de Estatistica Demographo-Sanitária
649 Boletim Numismatico
504 Boletim da Ordem dos Advogados
596 Boletim Quinzenal do Comercio e do Trabalho
438 Boletim do Rotary Club
485 Boletim do Sindicato
227 Boletim da Sociedade Mineira de Agricultura
598 Boletim da Sociedade Mineira de Medicina e Veterinária
580 Boletim da U.M.E.
337 Brasil!
461 Brasilien Und Deutschland
068 Braza, A
421 Brazil-Central
256 Briguela, O
435 Bulgarinha, A
622 Buletin
521 Butina!
537 Cacique
646 Cadafalso, O
287 Calafate, O
332 Calunga
679 Campanha
760 Campeão, O
656 Canticum Novum
002 Capital, A (1º)
043 Capital, A (2º)
103 Capital, A (3º)
172 Capital, A (4º)
270 Capital, A (5º)
406 Capital Universitaria, A
047 Caramurú
508 Caretinha
290 Carnaval
289 Carnaval, O (1º)
339 Carnaval, O (2º)
324 Carrega!
753 Ceapelista, O
826 CEJ
815 Cenário
565 Cerebro
349 Charleston, O (1º)
213 Chicote, O (1º)
278 Chicote, O (2º)
178 Christo Redemptor
366 Christus
462 Chronista, O
133 Cidade, A (1º)
448 Cidade, A
437 Cidade Luz
384 Cidade Verde
355 Cidade Vergél
501 Cinco P'ras Dez
342 Cine-Jornal (1º)
442 Cine-Jornal (2º)
464 Cine-Jornal (3º)
820 Cinema, O
328 Cinema, O
822 Cinerama
075 Clarim, O
782 Cobra Fumando, A
507 Cock Tail
049 Coisa, A
334 Collegio, O
459 Collectaneas de Accordãos
063 Colibri, O
457 Colombina
071 Colombo, O
752 Columbofilia
689 Combate, O
698 Comerciário, O
146 Commercio, O (1º)
177 Commercio, O (2º)
299 Commercio, O (3º)
217 Commercio e Lavoura
034 Commercio de Minas

215 Commercio de Minas, O
654 Compilações
742 Comprimido
105 Confederal, O
603 Consolação
680 Construindo
597 Contador, O
796 Cooperaminas (2ª fase - Buletin)
129 Correio do Dia (1º)
834 Correio do Dia (2º)
499 Correio dos Estudantes
147 Correio das Locaes
717 Correio de Minas
348 Correio Mineiro
166 Correio da Noite
454 Correio do Povo
351 Correio da Semana
232 Correio da Tarde (1º)
381 Correio da tarde (2º)
199 Corta - Jaca
093 Cravo, O
540 Critica (1º)
812 Crítica (2º)
541 Cruzada
198 Cruz Vermelha
556 Cultura
590 Cultural
294 Cupido, O
211 Curió, O
191 Debate, O (1º)
486 Debate, O (2º)
838 Debate Livre
809 Debate, O (3º)
608 D.C.E.
514 Defesa, A
690 Dek
194 Democrata, O
813 Denúncia
325 Destemidos
418 Deutsche Minas Zeitung
515 Dia, O
097 Diabo, O
397 Diarinho - Reclame
210 Diario, O (1º)
497 Diario, O (2º)
500 Diário da Assembléia
523 Diario da Camara Municipal
367 Diario do Commercio
160 Diario do Congresso
645 Diario Esportivo, O
652 Diario da Justiça
359 Diario da Manhã
012 Diario de Minas (1º)
743 Diário de Minas (2º)
096 Diário Mineiro (1º)
403 Diario Mineiro (2º)
769 Diário da Municipalidade
099 Diario de Noticias (1º)
286 Diario de Noticias (2º)
275 Diario Popular
110 Diario do Povo
136 Diario da Tarde (1º)
189 Diario da Tarde (2º)
350 Diario da Tarde (3º)
436 Diario da Tarde (4º)
778 Diretório Acadêmico
019 Discipulo, O (1º)
305 Discipulo, O (2º)
699 Ditador, O
206 Domingo
640 dx
542 É Assim que se Começa...
247 Echo
327 Echo, O
072 Eco Del Popolo (L')
653 Edificio
709 Educação Sanitária
586 Educando
527 Enfermagem em Minas, A
825 Enigmática, A
015 Ensaio, O
061 Epocha, A (1º)
126 Epocha, A (2º)
204 Epoca, A (3º)
347 Epoca, A (4º)
588 Era uma vez...
244 Escola, A (1º)
268 Escola, A (2º)
711 Escola Rural
430 Escolar, O
467 Escoteiro, O
732 Esfinge
555 Espião, O
120 Espirita Mineiro, O
529 Esporte, O
745 Esporte em Marcha, O
543 Espumas
264 Esqueleto, O
260 Esquina, A
154 Estado, O (1º)
361 Estado, O (2º)
155 Estado de Minas (1º)
250 Estado de Minas (2º)
376 Estado de Minas (3º)
082 Estado de Minas, O
028 Estréa, A
739 Estudante de Comércio, O
628 Estudante em Marcha, O
053 Evolução

229 Evolução Militar, A
262 Ex, O
280 Excelsior! (1º)
613 Excelsior (2º)
246 Ex-Pião, O
130 Exposição, A
817 Face
400 Facho, O
465 Faisca (1º)
471 Faisca (2º)
225 Faisca, A (1º)
635 Faisca, A (2º)
475 Fan, O
234 Farpa, A
269 Fenianos, Os
242 Ferrão
691 Ferroviário, O
240 Festim, O
214 Fieramosca
076 Filhote do Reclamo, O
026 Fiore, Un
104 Flammula, A
502 Flamula
235 Flirt, O
029 Flor, A
197 Floresta, A
261 Floresta-Jornal
759 Florilégio
062 Folha, A
184 Folha Academica
358 Folha Academica, A
140 Folha do Dia (1º)
420 Folha do Dia (2º)
425 Folha Esportiva (1º)
675 Folha Esportiva (2º)
771 Folha Ferroviária
766 Folha Infantil
494 Folha de Minas
750 Folha de Minas Esportiva
396 Folha da Noite
056 Folha Pequena
730 Folha Rural
495 Folha da Tarde
510 Folha Universitária
231 Foot-Ball, O
273 Footing
024 Formiga, A
006 Forum
040 Frango, O
052 Freio, O
803 Frente Trabalhista
282 Fubeca, A
434 Futebol
414 Fuzarca
106 Galeno, O
298 Gare, A
389 Gato Preto, O
059 Gazeta, A (1º)
108 Gazeta, A (2º)
193 Gazeta, A (3º)
308 Gazeta, A (4º)
723 Gazeta Bancária
549 Gazeta de Decretos e Leis
370 Gazeta Esportiva
441 Gazeta da Floresta
561 Gazeta Mineira
137 Gazeta de Noticias
393 Gazeta Pequena
684 Gazeta Popular
719 Gazeta Trabalhista
456 gazeta universitaria
712 Gazeteiro, O
616 Geração
489 Ginasial, O
431 Ginasio Arnaldo
426 Goal!
362 Goyaz Academico
785 Gráfico, O
412 Graphico Mineiro, O
226 Gremio, O
617 Grêmio Afonso Celso, O
558 Grifo
791 Grito, O
353 Grito de Minas
044 Heliantho
119 High-Life
491 Hollywood
084 Homeopathia, A
800 *Horizonte*
303 Horizonte, O
046 Horus
409 Humanidade
065 Idéa, A (Ex-A Pátria)
151 Illustração Mineira (1ª)
399 Illustração Mineira (2ª)
171 Illustração Mineira, A
196 Imprensa de Minas
651 Inconfidente, O (1º)
744 Inconfidente, O (2ª)
429 Infancia Moderna, A
450 Informador Commercial
710 Informador Esportivo
216 Instituto Fundamental, O
517 Instituto Pestalozzi
314 Instrucção
724 Intercâmbio
422 Intransigente, O
780 Inúbia
528 Inúbia, A
601 Ipeeme, O
443 Irradiador, O

830 IT
520 Italia
387 Italia Nuova
570 Minas Magazine (Ex-Itapecerica)
357 Jahú, O
239 Japecanga, O
116 Jardim, O
007 Javary
637 J.O.C.F.
251 Jornal, O
150 Jornal do Commercio
445 Jornal...Fco
592 Jornal do Estudante
835 Jornal do Fôro
451 Jornal da Manhã (1º)
802 Jornal da Manhã (2º)
801 Jornal de Matemática e Física Elementares
827 Jornal do Mercado
078 Jornal de Minas (1º)
237 Jornal de Minas (2º)
415 Jornal da Noite
386 Jornal de Policia
014 Jornal do Povo (1º)
316 Jornal do Povo (2º)
682 Jornal do Povo (3º)
795 Jornal UPC
341 Jornal do Viajante
292 Judas, O
762 Jurisprudência Mineira
121 Justiça, A
767 Juvenil, O
618 Juventude Mineira
371 K-Louro, O
790 Kilowatt, O
692 Kriterion
100 Labaro, O
074 Labor, O
663 Lanceta, A
832 Lavourense, O
401 leite criôlo
573 Leitura
107 Lettra, A
522 Liberal, O (1º)
731 Liberal, O (2º)
440 Liberdade, (1º)
634 Liberdade (2º)
642 Libertador
736 Libertas
424 Lida
686 Lider
708 Lira, A
018 Lotus
176 Lourdes
067 Luar, O
496 Luminar
518 Lucta (Livre), A
776 Luta Operária, A
513 Lux
525 Lux et Vita
066 Luz, A
764 Luz do Mundo, A
734 Machenzie
554 Magazine de Turismo
484 Manual de Jurisprudência
173 Marrêta, A
045 Martello, Il
125 Matakins
696 Medicina
659 Medicina e Farmacia
547 Memorias do Instituto Biologico Ezequiel Dias
581 Mensageiro da Luz, O
546 Mensagem
807 Mensagem Econômica
705 Mensário Forense
336 Mercurio
230 Methodista, O
548 Metropole
487 Mi-Carême
591 Microfone, O
254 Minas Agricola (1ª)
810 Minas Agrícola (2ª)
793 Minas Agro-Pecuária
036 Minas Artistica
804 Minas Católica
779 Minas Clube
354 Minas Esporte
619 Minas Esportiva
575 Minas Farmaceutica
238 Minas em Fóco (1º)
833 Minas em Foco (2º)
816 Minas Forense
010 Minas Gerais
483 Minas Ilustrada (Ex-Social Revista)
624 Minas Juridica
570 Minas Magazine
488 Minas Medica
447 Minas Philatelica
296 Minas Postal
295 Minas Rural
335 Minas Sport
572 Minas Sportivo
602 Minas Tenis
650 Minas Turfista
579 Mineira
079 Moda, A
201 Momento, O (1º)

363 Momento, O (2º)
408 Momento, O (3º)
365 Momento Mercantil
170 Momo, O
148 Monitor, O
320 Monitor Mercantil Mineiro
410 Montanha, A (1º)
674 Montanha, A (2º)
512 Montanheza
685 Montara Bulteno
030 Mosquito, O
279 Movimento, O
169 Mutuaria, A
781 Muxiba
306 Nabo, O
683 Nação
633 Nacional Bancária
161 Noite, A
037 Norte, O
446 Nosso Jornal, O
207 Nota, A (1ª)
395 Nota, A (2ª)
111 Notícia, A (1º)
127 Notícia, A (2º)
181 Notícia, A (3º)
257 Notícia, A (4º)
595 Notícia Espírita
828 Notícias da A.E.C.
756 Notícas Pancolor
297 Nova Estação, A
291 Nova Idéa, A
283 Novella Mineira
243 Novidades
574 Novidades (Ex-Rádio Novidades)
141 Novo Horizonte
248 Novo Horizonte
245 Novo-Tempo
672 Od-e-Fa
132 Odontogogono
707 Odonto-Literária
564 Odontólogo, O
583 Oftalmos
623 Olímpica (1ª)
681 Olímpica (2ª)
725 Onde e Quando
021 Operário, O (1º)
054 Operário, O (2º)
263 Operário, O (3º)
284 Opinião
468 Opinião, A
569 O Que Ha
688 Paisagem
664 Palavra
792 Pampulha
539 Pandeiro
694 Panorama
770 Pão de Açúcar, O
218 Papagaio, O (1º)
372 Papagaio, O (2)
693 Paróquia
259 Pathé Jornal
180 Patrocínio, O
741 Pau nele
620 Paysandú
718 PDC
271 Pela Vida!
186 Pequeno Jornal
587 Pequeno Semeador, O
025 Periquito, O
669 Perspectiva
377 Phoenix
655 PH=7
302 Pierrot, O
190 Pimpolho, O
022 Pingo, O
385 Pirolito, O (1º)
701 Pirolito, O (2º)
839 Pisca-Pisca, O
647 Poder, O
787 Polegada
200 Povo Mineiro
042 Prego, O
112 Preludio, O
379 Preparatoriano, O
364 Presidente Antonio Carlos
158 Primeiro de Maio
472 P.R.M.
610 Proceder, O
086 Progressista, O
115 Progresso, O (1º)
220 Progresso, O (2º)
102 Propagador Mineiro, O
035 Propaganda, A
265 Proteu
098 Provincia, A
032 Pyrilampo, O
143 Quasi!...
713 15 de Maio
772 Radar
797 Radar Esportivo
754 Rádio, O
329 Radiopholia
481 Radio Revista (1ª)
566 Radio Revista (2ª)
266 Radium
179 Raio X, O
665 Raposa, A
027 Rasão, A
109 Reacção, A
285 Reacção, A

091 Rebate, O (1º)
274 Rebate, O (2º)
070 Reclamo, O
505 Record
312 Reflexo, O
033 Reforma, A
212 Reforma, A
219 Reformador, O
188 Renascença, A
677 Renovação
751 Renovador
383 Reporter Mineiro, O
135 Republica, A
733 Resenha Cinematográfica
671 Resenha Esportiva
738 Resistência
331 Revista, A
304 Revista da Academia Mineira de Letras
152 Revista Academica
060 Revista Agricola Commercial e Industrial Mineira
041 Revista do Arquivo Público Mineiro
090 Revista da Associação Beneficiente Typographica
749 Revista da Associação Médica de Minas Gerais
511 Revista Azul
643 Revista Bancária
375 Revista Carnavalesca
192 Revista Commercial
544 Revista Comercial de Minas Gerais
318 Revista do Commercio (1ª)
524 Revista do Commercio (2ª)
423 Revista da Confederação Auxiliadora dos Operarios
594 Revista dos Constructores
639 Revista do C.F.O.
582 Revista do D.E.F.
534 Revista do Departamento de Assistencia aos Municipios
568 Revista do Departamento de Estudos Economicos e Legislação Fiscal
326 Revista do Ensino
416 Revista da Escola de Sargentos
095 Revista Escolar
011 Revista da Faculdade Livre de Direito
798 Revista da Faculdade de Ciências Econômicas
057 Revista Forense
563 Revista de Identificação
644 Revista de Identificação e Ciências Conexas
648 Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
606 Revista do Instituto da Ordem dos Advogados
600 Revista Mariana
478 Revista Médica de Minas
149 Revista Militar
087 Revista de Minas (1ª)
162 Revista de Minas (2ª)
281 Revista de Minas (3ª)
388 Revista de Minas (4ª)
660 Revista de Minas (5ª)
055 Revista Mineira (1ª)
300 Revista Mineira (2ª)
784 Revista Mineira de Contabilidade
553 Revista Mineira de Engenharia
394 Revista Mineria de Medicina
493 Revista P.P.
535 Revista da Produção
470 Revista do 5º Batalhão
536 Revista Social Trabalhista
532 Revista Tributaria
490 Revista da U.E.C.
432 Revista da Universidade de Minas Gerais
452 Revista Universitaria
482 Rex!
293 Ribalta, A
611 Rio Branco, O (Ex-Vida Escolar)
794 Riqueza
333 Risos e Sorrisos
144 Roma
411 Ronda
203 Ronda, A
113 Rua, A
604 Saci, O (1º)
755 Saci, O (2º)
407 Sacré Coeur de Marie, O
038 Sal, O
806 Sandoval de Azevedo, O
765 Santa Helena
404 S. Antonio
721 Sarcoptes
763 Seara Juvenil
831 Segredo, O
301 Seis Horas!
319 Sello, O

138 Semana, A (1º)
223 Semana, A (2º)
252 Semana, A (3º)
360 Semana, A (4º)
811 Semana Esportiva, A
356 Semana Illustrada (Fx-A Caveira)
492 Semeador, O (1º)
557 Semeador, O (2º)
818 Senac Mineiro
729 Senai de Minas Gerais
758 Sesi
310 Sete de Setembro, O
460 Silhueta
390 Sino da Cathedral, O
391 Sino de Lourdes, O
402 Sino de N.S. da Conceição, O
392 Sino de N. S das Dores, O
589 Sino de S. Ephigênia, O
433 Sino de S. Thereza, O
519 Sino de S. Antonio, O
463 Sino de S. Francisco das Chagas, O
255 Sino de S. José, O
453 Sino de São. José do Calafate
714 Sinopse
584 Síntese
666 Sogra, A
114 Sol, O
272 Som do Evangelho, O
340 Squilla, La
607 Sursum Corda
479 surto
621 Tabela
241 Tank
157 Tarde, A (1º)
428 Tarde, A (2º)
678 Teco-Teco
008 Tela
168 Tempo, O
727 Tempo Magazine, O
205 Tenentes do Diabo
571 Tentativa
380 Terra Mineira
632 Terra de Santa Cruz
661 Terrestrino, O
077 Theatro Alegre, O
073 Theatro Moderno
004 Tiradentes
267 Tom Mix
747 Trabalhador Gráfico, O
808 Tração e Força
836 Trânsito
233 Treno, O
439 3 de Outubro
167 Tribuna, A (1º)
321 Tribuna, A (2º)
427 Tribuna, A (3º)
474 Tribuna, A (4º)
697 Tribuna, A (5º)
788 Tribuna Bancária
017 Tribuna Catholica
687 Tribuna de Minas (1ª)
761 Tribuna de Minas (2ª)
805 Tribuna de Minas Esportiva
092 Tribuna do Norte
187 Tribuna D'Oeste
122 Tribuna do Povo
338 Trombeta, A
716 Turista, O
458 U.F.C.
313 União dos Moços
145 União Popular
786 United Voice
593 Universitário
013 Urtiga, A
469 UTLJ
352 Vae Quebrá
748 Vagalume, O
085 Vanguarda, A
668 Veneno, O
378 Ventarola, A
069 Verbo, O
720 Verbo Moço, O
345 Verdade, A (1º)
480 Verdade, A (2º)
819 Verdade, A (3º)
413 Verdade Operaria, A
050 Viajante, O
118 Via-Lactea
124 Viçoso, O.D.
551 Vida
667 Vida Esportiva
222 Vida Forense
777 Vida Industrial
449 Vida Infantil
202 Vida de Minas
209 Vida de Minas, A
064 Vida Mineira
142 Vida Mineira, A
163 Vida Mutua, A
322 Vida Nova, A (1º)
562 Vida Nova, A (2º)
368 Vida Sportiva
746 Vigília
615 Vinculum Unitatis
020 Violeta, A (1º)
128 Violeta, A (2º)
031 Virgula, A
164 Vis Unita

175 Vita
638 Vitaminas...
783 Vocação
317 Voce Coloniale, La
048 Voce del Cuore, La
343 Voce Latina
735 Vossa Senhoria
629 Voz, A
706 Voz do Abrigo, A
775 Voz da Criança
417 Vóz da Escola
823 Voz do Gráfico, A
612 Voz do Grêmio, A
614 Voz Infantil
473 Voz do Instituto
630 Voz do Internato, A
757 Voz do Marconi, A
276 Voz de Minas, A (1ª)
307 Voz de Minas, A (2ª)
444 Voz do Povo
670 Vozes da Enfermagem
228 X...
369 Yára
182 Yáyá, Me Deixa...
185 Záz-Tras!
023 Zephyro, O
405 Zingaro, O

ÍNDICE DOS ASSUNTOS

ALMANAQUES: 016, 156;
ANUÁRIOS: 088, 398; 824;
ASSOCIAÇÕES
CLASSE: 074; 148; 296; 336; 345; 458; 490; 562; 575; 583; 690; 691; 698; 704; 713; 771; 788; 790; 808; 828; 832;
COMERCIAL: 034; 285; 310; 318; 544; 605;
EX-COMBATENTES: 782;
FILANTRÓPICAS: 090; 198; 578;
RELIGIOSAS: 145; 176; 263; 305; 313;581; 550; 615; 637; 795;
ASSUNTOS MILITARES: 149; 229; 416; 470; 639;
CARNAVALESCOS: 086; 125; 170; 182; 205; 213; 269; 289; 302; 323; 324; 325; 338; 339; 352; 389; 457;
COTIDIANO: 001; 002; 012; 014; 061; 078; 098; 102; 103; 117; 129; 142; 146; 154; 157; 161; 166; 167; 172; 177; 193; 201; 207; 208; 215; 232; 270; 276; 287; 299; 308; 350; 356; 367; 395; 396; 399; 403; 415; 421; 437; 451; 476; 486; 495; 537; 548; 558; 577; 679; 688; 689; 727; 802; 803; 812;
CULTURAIS: 041; 055; 142; 238; 265; 279; 281; 300; 412; 479; 506; 520; 541; 549; 552; 571; 577; 593; 600; 648; 660; 708; 724; 727; 736;
EDIÇÕES COMEMORATIVAS: 039; 153; 158; 178; 297; 364; 373; 423; 525; 526;
ESCOTISMO: 382; 467;
ESPECIALIZADOS
AGRICULTURA: 254; 374;
AGROPECUÁRIA: 192; 227; 295; 557; 730; 793; 810; 833;
ARQUITETURA: 503; 594; 662; 679;
ARTES: 055; 300; 669; 694;
ARTES GRÁFICAS: 703;
CIÊNCIAS MÉDICAS: 139; 221; 249; 266; 394; 419; 478; 488; 527; 533; 547; 564; 575; 583; 599; 659; 696; 707; 749;
COMÉRCIO: 167; 320; 450; 535; 544; 657;807; 833;
COOPERATIVISMO: 163; 164; 169; 180; 576; 726; 795;
DIREITO: 006; 011; 057; 083; 152; 159; 222; 455; 459; 484; 532; 536; 549; 585; 606; 624; 657; 705; 753; 762; 816; 826; 835; 837;
ECONOMIA: 055; 087; 102; 365; 524; 544; 568; 633; 657; 794; 798; 833;
EDUCAÇÃO: 095; 244; 268; 326; 417; 456; 586; 711; 836;
ENGENHARIA: 553; 582; 594; 662;
FILATELIA: 447; 531;
FÍSICA ver **MATEMÁTICA**
GEOGRAFIA: 041; 648;
HISTÓRIA: 041; 279; 648;
INDÚSTRIA: 777; 833;
JURISPRUDÊNCIA ver **DIREITO**
LEGISLAÇÃO ver **DIREITO**
MATEMÁTICA: 801;
NUMISMÁTICA: 649;
VETERINÁRIA: 374; 626;
ESPERANTO: 685;
ESPORTES: 231; 233; 335; 354; 368; 370; 385; 393; 425; 426; 434; 462; 466; 529; 572; 619; 620; 621; 623; 645; 650; 661; 665; 667; 671; 673; 675; 681; 700; 710; 728; 734; 745; 750; 752; 760; 805; 811;
ESTUDANTIS
ESCOLARES: 111; 124; 216; 330; 334; 407; 429; 430; 431; 446; 449; 473; 482; 489; 496; 502; 513; 517; 528; 542; 543; 555; 560; 601; 610; 611; 612; 613; 614; 622; 627; 628; 629; 630; 656; 658; 677; 686; 712; 714; 721; 737; 739; 741; 744; 748; 766; 773; 775; 780; 787; 806;
UNIVERSITÁRIOS: 009; 109; 132; 152; 159; 184; 221; 254; 264; 266; 356; 358; 427; 456; 479; 492; 499; 501; 503; 505; 510; 580; 592; 597; 608; 616; 640; 655; 670; 672; 676; 680;

697; 716; 740; 751; 753; 778; 782; 813; 817;
FEMININOS: 020; 024; 069; 101; 128; 183; 465; 498; 827; 830;
GRANDE IMPRENSA: 250; 348; 359; 376; 436; 450; 486; 494; 497; 512; 577; 687; 743; 761; 792; 809; 834;
HUMORÍSTICOS: 005; 013; 040; 042; 068; 143; 173; 185; 190; 199; 220; 228; 240; 246; 273; 277; 278; 290; 292; 294; 306; 311; 327; 329; 332; 349; 356; 357; 371; 372; 375; 414; 471; 487; 518; 521; 545; 638; 663; 666; 668; 699; 701; 781;
INFANTIS: 508; 588; 604; 755; 839;
INSTITUCIONAIS: 304; 314; 346; 438; 504; 553; 587; 598; 625; 641; 702; 706; 756; 729; 757; 770; 772; 784; 786; 814; 818;
JORNAIS DE BAIRRO: 195; 197; 261; 362; 441; 635; 668; 678;
JORNAIS DE IMIGRANTES: 026; 045; 048; 072; 144; 214; 309; 317; 343; 387; 418; 461; 545; 838;
LAZER
CINEMA: 259; 328; 442; 464; 475; 491; 733; 815; 820; 822;
PASSA-TEMPO: 825;
RADIOFONIA: 481; 539; 566; 591; 754; 829;
TEATRO: 073; 077; 293;
LITERÁRIOS: 003; 007; 018; 036; 038; 039; 044; 046; 047; 055; 058; 068; 071; 100; 118; 142; 165; 171; 173; 175; 220; 226; 236; 238; 266; 273; 277; 281; 283; 300; 304; 331; 369; 378; 401; 412; 437; 445; 456; 474; 477; 479; 506; 546; 558; 577; 607; 617; 641; 646; 653; 654; 669; 694; 707; 722; 724; 732; 736; 759; 767; 783; 800;
MAÇONARIA: 033; 831;
MÚSICA: 708;
NOTICIOSOS: 003; 007; 015; 019; 022; 023; 025; 028; 030; 032; 037; 038; 042; 052; 053; 056; 058; 059; 062; 063; 065; 068; 069; 071; 080; 083; 089; 091; 092; 093; 094; 096; 097; 099; 104; 107; 108; 110; 112; 113; 114; 115; 116; 121; 123; 127; 133; 136; 137; 138; 140; 147; 150; 165; 168; 174; 181; 186; 187; 188; 191; 196; 200; 203; 204; 206; 210; 211; 217; 219; 223; 225; 234; 236; 237; 240; 242; 245; 248; 252; 256; 257; 260; 273; 274; 275; 288; 301; 307; 308; 315; 316; 321; 327; 337; 347; 349; 353; 357; 360; 361; 378; 411; 439; 499; 651; 663; 715; 735; 821;
OFICIAIS: 010; 041; 060; 139; 160; 326; 374; 523; 534; 535; 567; 568; 596; 636; 648; 652; 762; 769; 695; 709; 726; 758; 774; 836;
OPERÁRIOS: 021; 054; 105; 413; 791; 803;
POLICIAIS: 386; 509; 563; 644; 746;
RELIGIOSOS: 017; 120; 212; 230; 253; 255; 258; 262; 272; 303; 344; 366; 390; 391; 392; 402; 404; 433; 440; 453; 463; 480; 516; 519; 551; 584; 589; 595; 603; 609; 618; 631; 632; 647; 693; 720; 763; 764; 804; 819;
POLÍTICOS: 052; 059; 064; 082; 083; 085; 094; 117; 126; 129; 134; 135; 189; 224; 270; 276; 279; 280; 282; 284; 286; 287; 288; 290; 291; 315; 337; 340; 345; 383; 387; 400; 408; 409; 410; 414; 420; 422; 439; 444; 454; 468; 472; 474; 493; 514; 522; 530; 540; 541; 561; 634; 642; 664; 674; 682; 683; 684; 715; 717; 718; 719; 731; 738; 776; 799; 803; 809;
PROPAGANDA: 029; 043; 050; 051; 070; 075; 076; 079; 081; 084; 106; 119; 130; 194; 239; 251; 256; 329; 341; 342; 352; 378; 397; 405; 435; 443; 797;
SINDICAIS: 469; 485; 723; 747; 823; 785; 789;
VARIEDADES: 027; 031; 035; 066; 141; 162; 179; 209; 212; 218; 241; 265; 271; 333; 355; 356; 377; 388; 445; 448; 460; 483; 509; 511; 538; 556; 559; 569; 570; 573; 574; 590; 602; 641; 643; 660; 768; 779.

ÍNDICE CRONOLÓGICO

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
001	Bello Horizonte (1º)	07.09.1895	31.03.1899
002	A Capital (1º)	28.01.1896	04.08.1898
003	Aurora	15.11.1896	01.08.1897
004	Tiradentes	21.04.1897	
005	Bohemio	04.07.1897	22.08.1897
006	Forum	03.1898	
007	Javary	20.04.1898	17.05.1898
008	Tela	21.04.1898	20.08.1898
009	Academia	13.05.1898	14.07.1898
010	Minas Gerais	12.07.1898	
011	Revista da Faculdade Livre de Direito	10.1898	
012	Diario de Minas (1º)	01.01.1899	
013	A Urtiga	29.05.1899	13.06.1899
014	Jornal do Povo (1º)	03.12.1899	30.11.1900
015	O Ensaio	20.01.1900	
016	Almanack da Cidade de Minas	01.1900	01.1900
017	Tribuna Catholica	19.03.1900	23.05.1902
018	Lotus	05.04.1900	08.07.1900
019	O Discipulo (Ex-Minas) (1º)	17.04.1900	
020	A Violeta (1º)	14.07.1900	09.09.1900
021	O Operario (1º)	29.07.1900	07.10.1900
022	O Pingo	03.08.1900	01.01.1901
023	O Zephyro	10.10.1900	28.02.1901
024	A Formiga	01.11.1900	01.02.1901
025	O Periquito	08.11.1900	04.04.1901
026	Un Fiore	18.11.1900	06.01.1901
027	A Rasão	24.11.1900	24.11.1900
028	A Estréa	09.12.1900	09.12.1900
029	A Flor	12.1900	
030	O Mosquito	01.01.1901	15.06.1902
031	A Virgula	01.1901	
032	O Pyrilampo	15.01.1901	15.07.1902
033	A Reforma	07.03.1901	05.05.1901
034	Commercio de Minas	03.05.1901	31.10.1903

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
035	A Propaganda	01.06.1901	01.01.1907
036	Minas Artistica	01.06.1901	01.03.1902
037	O Norte	09.06.1901	31.10.1901
038	O Sal	07.09.1901	08.12.1901
039	Arthur Lobo	25.10.1901	25.10.1901
040	O Frango	11.1901	11.1901
041	Revista do Arquivo Público Mineiro	01.1902	
042	O Prego	21.05.1902	18.10.1902
043	A Capital (2º.)	03.06.1902	03.06.1902
044	Heliantho	15.06.1902	15.06.1902
045	Il Martello	27.07.1902	27.07.1902
046	Horus	07.1902	08.1902
047	Caramurú	18.08.1902	11.1902
048	La Voce Del Cuore	24.08.1902	21.09.1902
049	A Coisa	06.09.1902	06.09.1902
050	O Viajante	24.09.1902	25.12.1903
051	Album de Minas	11.08.1903	12.07.1906
052	O Freio	28.08.1903	28.08.1903
053	Evolução	05.09.1903	21.09.1903
054	O Operario (2º.)	15.11.1903	03.08.1904
055	Revista Mineira (1ª)	22.11.1903	.02.1904
056	Folha Pequena	12.01.1904	01.10.1905
057	Revista Forense	15.01.1904	1935
058	O Bogari	03.04.1904	21.08.1904
059	A Gazeta (1º)	14.04.1904	15.01.1905
060	Revista Agricola Commercial e Industrial Mineira	15.04.1904	12.1925
061	A Epocha (1º)	13.05.1904	12.08.1906
062	A Folha	20.06.1904	
063	O Colibri	12.07.1904	12.07.1904
064	Vida Mineira	09.08.1904	02.06.1906
065	A Idéa, (Ex-A Pátria)	17.08.1904	10.01.1905
066	A Luz	02.09.1904	29.10.1904
067	O Luar	11.09.1904	
068	A Braza	04.10.1904	13.11.1904
069	O Verbo	12.02.1905	16.04.1905

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
070	O Reclamo	04.03.1905	27.06.1905
071	O Colombo	09.04.1905	18.06.1905
072	L'Eco Del Popolo	28.05.1905	20.06.1905
073	Theatro Moderno	07.06.1905	
074	O Labor	18.06.1905	31.03.1906
075	O Clarim	22.06.1905	22.06.1905
076	O Filhote do Reclamo	13.07.1905	13.07.1905
077	O Theatro Alegre	08.08.1905	
078	Jornal de Minas (1º)	13.08.1905	
079	A Moda	26.10.1905	
080	Bello Horizonte (2º)	28.11.1905	28.01.1906
081	O Biographo	23.12.1905	
082	O Estado de Minas	01.01.1906	12.07.1906
083	Actualidade	01.01.1906	19.03.1906
084	A Homeopathia	01.01.1906	
085	A Vanguarda	20.01.1906	
086	O Progressista	27.02.1906	02.02.1913
087	Revista de Minas (1ª)	15.03.1906	05.1906
088	Annuario de Minas Geraes	28.03.1906	03.1919
089	O Bohemio	02.04.1906	24.05.1906
090	Revista da Associação Beneficente Typographica	29.04.1906	
091	O Rebate (1º)	01.05.1906	09.05.1906
092	Tribuna do Norte	04.06.1906	30.06.1907
093	O Cravo	08.06.1906	12.08.1906
094	O Astro (1º)	19.06.1906	12.09.1906
095	Revista Escolar	08.1906	03.1908
096	Diário Mineiro (1º)	05.09.1906	05.12.1906
097	O Diabo	07.09.1906	23.09.1906
098	A Provincia	01.01.1907	15.06.1907
099	Diario de Noticias (1º)	21.02.1907	
100	O Labaro, (Ex Affonso Celso)	14.03.1907	07.09.1907
101	O Alfinete	24.03.1907	
102	O Propagador Mineiro	21.04.1907	13.03.1911
103	A Capital (3º)	25.04.1907	12.07.1907
104	A Flammula	16.05.1907	10.07.1907

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
105	O Confederal	01.06.1907	07.08.1907
106	O Galeno	16.06.1907	16.06.1907
107	A Lettra	23.07.1907	21.09.1907
108	A Gazeta (2º)	01.08.1907	08.07.1908
109	A Reacção	11.08.1907	05.07.1908
110	Diario do Povo	07.09.1907	07.09.1907
111	A Noticia (1º)	15.09.1907	15.09.1907
112	O Preludio	03.10.1907	02.11.1907
113	A Rua	12.11.1907	08.01.1908
114	O Sol	15.11.1907	
115	O Progresso (1º)	15.11.1907	
116	O Jardim	21.11.1907	21.11.1907
117	O Binoculo	12.04.1908	
118	Via-Lactea	13.05.1908	13.05.1908
119	High-Life	14.07.1908	14.07.1908
120	O Espirita Mineiro	01.08.1908	
121	A Justiça	06.09.1908	21.10.1909
122	Tribuna do Povo	19.01.1909	
123	O Astro (2º)	05.02.1909	05.02.1909
124	O D. Viçoso	10.02.1909	
125	Matakins	21.02.1909	15.02.1920
126	A Epocha (2º)	24.02.1909	16.03.1909
127	A Notícia (2º)	04.03.1909	
128	A Violeta (2º)	28.03.1909	24.06.1909
129	Correio do Dia (1º)	14.07.1909	12.08.1910
130	A Exposição	10.09.1909	10.09.1909
131	As Sawab	11.09.1909	
132	O Odontogogono	15.11.1909	15.05.1910
133	A Cidade (1º)	16.12.1909	
134	O Astro (3º)	27.01.1910	
135	A Republica	18.02.1910	
136	Diario da Tarde (1º)	19.04.1910	06.1911
137	Gazeta de Noticias	06.05.1910	
138	A Semana (1º)	29.05.1910	
139	Boletim Mensal de Estatistica Demographo- Sanitária	.06.1910	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
140	Folha do Dia (1º)	03.09.1910	
141	Novo Horizonte	07.09.1910	01.1911
142	A Vida Mineira	07.09.1910	
143	Quasi!...	11.09.1910	15.01.1911
144	Roma	20.09.1910	
145	União Popular	1910	
146	O Commercio (1º)	19.10.1910	
147	Correio das Locaes	06.12.1910	
148	O Monitor	08.01.1911	22.01.1911
149	Revista Militar	01.02.1911	
150	Jornal do Commercio	02.02.1911	16.02.1911
151	Illustração Mineira (1ª)	03.1911	
152	Revista Academica	13.05.1911	
153	Bi-Centenário de Ouro Preto	08.07.1911	08.07.1911
154	O Estado (1º)	23.07.1911	
155	Estado de Minas (1º)	15.11.1911	29.01.1915
156	Almanack Guia de Bello Horizonte	01.1912	01.1913
157	A Tarde (1º)	01.03.1912	
158	Primeiro de Maio	01.05.1912	01.05.1912
159	A Assitencia	05.1912	06.1912
160	Diario do Congresso	23.06.1912	13.12.1914
161	A Noite	28.06.1912	
162	Revista de Minas (2ª)	07.08.1912	
163	A Vida Mutua	15.08.1912	15.08.1912
164	Vis Unita	31.08.1912	31.08.1912
165	Animus	07.09.1912	02.11.1912
166	Correio da Noite	19.09.1912	
167	A Tribuna (1º)	22.10.1912	23.04.1913
168	O Tempo	24.10.1912	
169	A Mutuaria	15.01.1913	
170	O Momo	04.02.1913	04.02.1913
171	A Illustração Mineira	01.03.1913	01.03.1913
172	A Capital (4º)	05.05.1913	
173	A Marrêta	07.06.1913	22.08.1913
174	O Aeroplano	06.1913	09.1913

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
175	Vita	07.1913	07.09.1914
176	Lourdes	31.07.1913	12.1939
177	O Commercio (2º)	10.08.1913	
178	Christo Redemptor	17.08.1913	17.08.1913
179	O Raio X	20.09.1913	
180	O Patrocinio	01.11.1913	
181	A Noticia (3º)	24.11.1913	
182	Yáyá, Me Deixa...	22.02.1914	22.02.1914
183	O Beija Flor	19.04.1914	
184	Folha Academica	28.04.1914	
185	Záz-Traz!	30.04.1914	
186	Pequeno Jornal	02.05.1914	
187	Tribuna D'Oeste	02.05.1914	
188	A Renascença	03.05.1914	
189	Diario da Tarde (2º)	08.05.1914	05.08.1914
190	O Pimpolho	05.06.1914	
191	O Debate (1º)	17.06.1914	
192	Revista Commercial	30.06.1914	.02.1917
193	A Gazeta (3º)	15.09.1914	.02.1915
194	O Democrata	09.1914	15.10.1914
195	Boa Viagem	06.10.1914	
196	Imprensa de Minas	28.10.1914	
197	A Floresta	15.11.1914	
198	Cruz Vermelha	25.11.1914	25.11.1914
199	Corta-Jaca	29.11.1914	
200	Povo Mineiro	29.11.1914	17.01.1915
201	O Momento (1º)	01.01.1915	17.07.1915
202	Vida de Minas	01.01.1915	15.06.1915
203	A Ronda	25.01.1915	
204	A Epoca (3º)	13.02.1915	12.08.1915
205	Tenentes do Diabo	14.02.1915	04.03.1924
206	Domingo	11.04.1915	
207	A Nota (1º)	25.06.1915	
208	O Bello Horizonte	07.1915	
209	A Vida de Minas	15.07.1915	30.09.1916

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
210	O Diario (1º)	26.07.1915	
211	O Curió	06.10.1915	28.08.1916
212	A Reforma	01.01.1916	31.03.1919
213	O Chicote (1º)	07.02.1916	07.02.1916
214	Fieramosca	18.03.1916	12.06.1921
215	O Commercio de Minas	13.05.1916	
216	O Instituto Fundamental	13.05.1916	
217	Commercio e Lavoura	28.05.1916	17.09.1916
218	O Papagaio (1º)	25.06.1916	
219	O Reformador	30.06.1916	10.07.1917
220	O Progresso (2º)	09.07.1916	
221	Archivos Mineiros de Medicina	07.1916	
222	Vida Forense	01.09.1916	
223	A Semana (2º)	03.09.1916	
224	As Alterosas	28.10.1916	
225	A Faisca (1º)	11.1916	
226	O Gremio	25.12.1916	
227	Boletim da Sociedade Mineira de Agricultura	12.1916	
228	X...	11.03.1917	11.03.1917
229	A Evolução Militar	01.07.1917	
230	O Methodista	07.1917	
231	O Foot-Ball	13.09.1917	
232	Correio da Tarde (1º)	05.11.1917	22.03.1918
233	O Treno	30.03.1918	
234	A Farpa	10.04.1918	
235	O Flirt	15.04.1918	15.04.1918
236	O Astro (4º)	01.05.1918	
237	Jornal de Minas (2º)	03.07.1918	
238	Minas em Fóco (1ª)	15.08.1918	
239	O Japecanga	07.09.1918	
240	O Festim	07.10.1918	17.03.1919
241	Tank	01.01.1919	
242	Ferrão	01.02.1919	
243	Novidades	13.02.1919	
244	A Escola	15.02.1919	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
245	Novo-Tempo	15.02.1919	
246	O Ex-Pião	16.02.1919	
247	Echo	23.02.1919	
248	Novo Horizonte	21.05.1919	
249	Archivos Mineiros de Dermato Syphiligraphia e Sciencias Affins	06.1919	
250	Estado de Minas (2º)	15.07.1919	12.09.1922
251	O Jornal	07.1919	
252	A Semana (3º)	16.08.1919	15.11.1919
253	Adoremos	09.1919	
254	Minas Agricola (1ª)	15.10.1919	06.1920
255	O Sino de S. José	28.12.1919	29.12.1940
256	O Briguela	02.01.1920	
257	A Noticia (4º)	12.01.1920	
258	O Batista Mineiro	01.1920	
259	Pathé Jornal	06.02.1920	
260	A Esquina	22.04.1920	
261	Floresta-Jornal, (O Palladio)	08.05.1920	
262	O Ex	01.06.1920	15.08.1920
263	O Operario (3º)	19.06.1920	
264	O Esqueleto	18.07.1920	
265	Proteu	19.09.1920	
266	Radium	29.09.1920	10.1923
267	Tom Mix	08.10.1920	
268	A Escola	01.1921	10.1921
269	Os Fenianos	06.02.1921	06.02.1921
270	A Capital (5º)	18.02.1921	
271	Pela Vida!	12.03.1921	
272	O Som do Evangelho	12.03.1921	
273	Footing	05.06.1921	
274	O Rebate (2º)	18.06.1921	
275	Diario Popular	01.07.1921	01.10.1921
276	A Voz de Minas (1º)	16.07.1921	
277	O Arrepiado	16.07.1921	
278	O Chicote (2º)	24.07.1921	
279	O Movimento	17.08.1921	02.10.1921

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
280	Excelsior! (1º)	08.1921	
281	Revista de Minas (3ª)	01.09.1921	01.09.1921
282	A Fubeca	11.09.1921	11.09.1921
283	Novella Mineira	27.09.1921	1922
284	Opinião	01.01.1922	
285	A Reacção	15.01.1922	
286	Diario de Noticias (2º)	01.02.1922	29.07.1922
287	O Calafate	05.02.1922	02.04.1922
288	O Arauto (1º)	24.02.1922	
289	O Carnaval (1º)	26.02.1922	26.02.1922
290	Carnaval	26.02.1922	19.02.1928
291	A Nova Idéa	26.03.1922	
292	O Judas	15.04.1922	15.04.1922
293	A Ribalta	03.05.1922	
294	O Cupido	04.06.1922	30.07.1922
295	Minas Rural	16.06.1922	10.1922
296	Minas Postal	15.07.1922	
297	A Nova Estação	11.11.1922	11.11.1922
298	A Gare	15.11.1922	
299	O Commercio (3º)	26.11.1922	
300	Revista Mineira (2ª)	11.1922	02.1924
301	Seis Horas!	01.02.1923	
302	O Pierrot	11.02.1923	11.02.1923
303	O Horizonte	04.1923	
304	Revista da Academia Mineira de Letras	17.04.1923	
305	O Discipulo (2ª)	08.05.1923	
306	O Nabo	13.05.1923	
307	A Voz de Minas (2º)	18.05.1923	
308	A Gazeta (4º)	25.05.1923	
309	Araldo Italiano	22.07.1923	
310	O Sete de Setembro	07.09.1923	
311	Ba-Ta-Clan	11.11.1923	
312	O Reflexo	20.11.1923	
313	União dos Moços	21.11.1923	
314	A Instrucção	22.12.1923	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
315	Avante!	08.06.1924	
316	Jornal do Povo (2º)	21.06.1924	
317	La Voce Coloniale	10.07.1924	
318	Revista do Commercio (1ª)	15.08.1924	
319	O Sello	20.12.1924	
320	Monitor Mercantil Mineiro	1924	
321	A Tribuna (2º)	04.01.1925	
322	Vida Nova (1º)	25.01.1925	
323	Arlequim	22.02.1925	22.02.1925
324	Carrega!	22.02.1925	22.02.1925
325	Destemidos	22.02.1925	24.02.1925
326	Revista do Ensino	08.03.1925	
327	O Echo	22.03.1925	
328	O Cinema	29.04.1925	
329	Radiopholia	02.05.1925	
330	O Academico (1º)	21.06.1925	
331	A Revista	01.07.1925	01.1926
332	Calunga	12.07.1925	
333	Risos e Sorrisos	01.08.1925	
334	O Collegio	09.1925	
335	Minas Sport	11.10.1925	
336	Mercurio	30.10.1925	30.10.1928
337	Brasil!	10.01.1926	
338	A Trombeta	16.02.1926	16.02.1926
339	O Carnaval (2º)	16.02.1926	16.02.1926
340	La Squilla	02.1926	
341	Jornal do Viajante	03.1926	
342	Cine-Jornal (1º)	25.04.1926	
343	Voce Latina	09.05.1926	06.11.1927
344	A Boa Semente	01.06.1926	
345	A Verdade (1º)	27.08.1926	
346	Boletim Mensal	08.1926	
347	A Epoca (4º)	19.09.1926	
348	Correio Mineiro	11.11.1926	08.03.1936
349	O Charleston (1º)	19.12.1926	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
350	Diario da Tarde (3º)	31.01.1927	
351	Correio da Semana	26.02.1927	
352	Vae Quebrá	27.02.1927	27.02.1927
353	Grito de Minas	04.05.1927	
354	Minas Esporte	05.1927	
355	Cidade Vergél	05.1927	
356	Semana Illustrada, (Ex-A Caveira)	04.06.1927	
357	O Jahú	05.06.1927	
358	A Folha Academica	07.07.1927	
359	Diario da Manhã	16.07.1927	
360	A Semana (4º)	01.08.1927	20.10.1929
361	O Estado (2º)	19.08.1927	
362	Goyaz Academico	01.09.1927	
363	O Momento (2º)	07.09.1927	23.10.1927
364	Presidente Antonio Carlos	07.09.1927	07.09.1927
365	Momento Mercantil	09.1927	
366	Christus	10.1927	09.1932
367	Diario do Commercio	01.11.1927	
368	Vida Sportiva	14.11.1927	13.02.1928
369	Yára	15.11.1927	
370	Gazeta Esportiva	27.11.1927	
371	O K-Louro	24.12.1927	
372	O Papagaio (2º)	25.12.1927	
373	Annuario do Automovel Club	1927	
374	Boletim de Agricultura, Zootecnia e Veterinária	01.1928	
375	Revista Carnavalesca	19.02.1928	02.1934
376	Estado de Minas (3º)	07.03.1928	
377	Phoenix	15.03.1928	
378	A Ventarola	03.1928	
379	O Preparatoriano	05.1928	
380	Terra Mineira	25.05.1928	08.1928
381	Correio da tarde (2º)	28.05.1928	
382	Anaúê!	22.07.1928	22.07.1928
383	O Reporter Mineiro	12.08.1928	
384	Cidade Verde	08.1928	04.1929

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação Início	Término
385	O Pirolito (1º)	03.09.1928	
386	Jornal de Policia	07.09.1928	
387	Italia Nuova	25.09.1928	07.1929
388	Revista de Minas (4ª)	12.1928	
389	O Gato Preto	10.02.1929	10.02.1929
390	O Sino da Cathedral	24.02.1929	29.12.1940
391	O Sino de Lourdes	24.02.1929	29.12.1940
392	O Sino de N. S. das Dores	03.03.1929	29.12.1940
393	Gazeta Pequena	03.1929	
394	Revista Mineira de Medicina	.1929	
395	A Nota (2º)	01.04.1929	
396	Folha da Noite	01.04.1929	06.09.1930
397	Diarinho-Reclame	01.04.1929	30.08.1929
398	Annuário Estatistico Policial e Criminal	28.04.1929	
399	Illustração Mineira (2ª)	04.1929	06.1930
400	O Facho	01.05.1929	
401	leite criôlo	13.05.1929	
402	O Sino de N.S. da Conceição	09.06.1929	29.12.1940
403	Diario Mineiro (2º)	12.06.1929	
404	S. Antonio	13.06.1929	27.10.1929
405	O Zingaro	21.06.1929	24.06.1929
406	A Capital Universitaria	24.06.1929	
407	O Sacré Coeur de Marie	07.07.1929	
408	O Momento (3º)	12.09.1929	
409	Humanidade	27.09.1929	
410	A Montanha (1º)	17.10.1929	
411	Ronda	28.10.1929	
412	O Graphico Mineiro	30.10.1929	
413	A Verdade Operaria	02.11.1929	
414	Fuzarca	09.11.1929	
415	Jornal da Noite	11.11.1929	
416	Revista da Escola de Sargentos	07.12.1929	
417	Vóz da Escola	08.12.1929	08.12.1929
418	Deutsche Minas Zeitung	10.12.1929	11.12.1930
419	Annaes da Faculdade de Medicina	1929	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
420	Folha do Dia (2º)	19.01.1930	17.07.1930
421	Brazil - Central	31.01.1930	30.06.1930
422	O Intransigente	13.02.1930	13.02.1930
423	Revista da Confederação Auxiliadora dos Operarios	12.03.1930	12.03.1930
424	Lida	16.03.1930	
425	Folha Esportiva (1º)	21.04.1930	
426	Goal!	02.06.1930	
427	A Tribuna (3º)	14.07.1930	
428	A Tarde (2º)	07.08.1930	
429	A Infancia Moderna	15.08.1930	
430	O Escolar	15.08.1930	11.1940
431	Ginasio Arnaldo	1930	
432	Revista da Universidade de Minas Gerais	1930	
433	O Sino de S. Thereza	01.01.1931	29.12.1940
434	Futebol	01.1931	
435	A Bulgarinha	01.1931	
436	Diário da Tarde (4º)	14.02.1931	
437	Cidade Luz	15.02.1931	
438	Boletim da Rotary Club	01.02.1931	
439	3 de Outubro	20.04.1931	
440	Liberdade (1º)	21.04.1931	
441	Gazeta da Floresta	26.04.1931	30.07.1932
442	Cine-Jornal (2º)	02.05.1931	
443	O Irradiador	05.1931	
444	Voz do Povo	06.1931	06.1942
445	Jornal... Éco	11.08.1931	26.08.1931
446	O Nosso Jornal	30.08.1931	05.1937
447	Minas Philatelica	08.1931	
448	A Cidade	27.09.1931	
449	Vida Infantil	02.10.1931	
450	Informador Commercial	18.10.1931	
451	Jornal da Manhã (1º)	27.10.1931	
452	Revista Universitaria	11.1931	
453	O Sino de São José do Calafate	1931	29.12.1940
454	Correio do Povo	26.01.1932	20.11.1933

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
455	Anais de Direito	01.1932	
456	gazeta universitaria	01.02.1932	1936
457	Colombina	07.02.1932	07.02.1932
458	U.E.C	02.1932	
459	Collectaneas de Accordãos	19.03.1932	15.08.1936
460	Silhueta	22.03.1932	
461	Brasilien Und Deutschland	20.05.1932	
462	O Chronista	05.06.1932	
463	O Sino de S. Francisco das Chagas	05.06.1932	29.12.1940
464	Cine-Jornal (3º)	25.09.1932	
465	Faisca (1º)	09.1932	
466	AMA	26.11.1932	01.1933
467	O Escoteiro	11.1932	
468	A Opinião	23.01.1933	06.02.1933
469	UTLJ	25.01.1933	
470	Revista do 5º Batalhão	01.1933	09.1933
471	Faisca (2º)	02.1933	
472	P.R.M.	13.03.1933	
473	Voz do Instituto	28.03.1933	
474	A Tribuna (4º)	11.04.1933	1946
475	O Fan	07.1933	
476	Belo Horizonte	19.08.1933	1946
477	Asas	08.1933	
478	Revista Médica de Minas	15.09.1933	
479	surto	10.1933	
480	A Verdade (2º)	10.1933	10.1933
481	Radio Revista (1ª)	1933	
482	Rex!	30.11.1933	
483	Minas Ilustrada, (Ex-Social Revista)	01.1934	
484	Manual de Jurisprudência	31.01.1934	03.1938
485	Boletim do Sindicato	01.1934	
486	O Debate (2º)	14.03.1934	
487	Mi-Carême	31.03.1934	31.03.1934
488	Minas Medica	04.1934	
489	O Ginasial	25.05.1934	25.05.1934

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
490	Revista da U.E.C.	05.1934	
491	Hollywood	05.1934	
492	O Semeador (1º)	03.06.1934	
493	Revista P.P.	01.10.1934	01.03.1935
494	Folha de Minas	14.10.1934	
495	Folha da Tarde	26.11.1934	30.01.1935
496	Luminar	1934	
497	O Diario (2º)	06.02.1935	
498	O Bebê	23.02.1935	
499	O Correio dos Estudantes	1935	
500	Diário da Assembléia	04.04.1935	
501	Cinco P'ras Dez	20.04.1935	
502	Flamula	04.1935	1943
503	Arquitetura (1º)	05.1935	
504	Boletim da Ordem dos Advogados	06.1935	
505	Record	18.08.1935	24.11.1935
506	Boletim Bibliographico	09.1935	
507	Cock Tail	05.10.1935	07.1936
508	Caretinha	15.10.1935	
509	Argus	22.10.1935	1939
510	Folha Universitária	01.12.1935	1939
511	Revista Azul	08.12.1935	
512	Montanheza	24.12.1935	
513	Lux	1935	
514	A Defesa	01.02.1936	28.06.1937
515	O Dia	21.04.1936	12.05.1936
516	Boletim Catequetico	04.1936	
517	Instituto Pestalozzi	09.05.1936	
518	A Lucta (Livre)	31.05.1936	
519	O Sino de S. Antonio	07.06.1936	29.12.1940
520	Italia	06.1936	
521	Butina!	11.07.1936	01.1951
522	O Liberal (1º)	14.07.1936	15.10.1936
523	Diario da Camara Municipal	28.08.1936	
524	Revista do Commercio (2ª)	08.1936	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
525	*Lux Et Vita*	03.09.1936	03.09.1936
526	Album Revista	03.09.1936	03.09.1936
527	A Enfermagem em Minas	03.09.1936	02.1938
528	A Inúbia	25.09.1936	
529	O Esporte	19.10.1936	
530	Alvorada	24.10.1936	
531	Boletim Filatelico	12.1936	
532	Revista Tributaria	12.1936	
533	Anais da Faculdade de Odontologia e Farmacia	1936	
534	Revista do Departamento de Assistencia aos Municipios	03.1937	09.1937
535	Revista da Produção	03.1937	08.1946
536	Revista Social Trabalhista	30.04.1937	
537	Cacique	04.1937	04.1937
538	Atlantida (1ª)	05.1937	
539	O Pandeiro	05.1937	
540	Critica (1º)	15.07.1937	09.1945
541	Cruzada	07.1937	10.1937
542	É Assim que se Começa...	05.08.1937	
543	Espumas	07.09.1937	
544	Revista Comercial de Minas Gerais	09.1937	
545	L'Arrotino Coloniale	11.1937	
546	Mensagem	28.11.1937	01.01.1945
547	Memorias do Instituto Biologico Ezequiel Dias	1937	
548	Metropole	1937	06.1940
549	Gazeta de Decretos e Leis	01.1938	07.1938
550	Boletim da J.F.C.	03.1938	06.1943
551	Vida	04.1938	04.1943
552	Boletim Brasileiro	05.1938	15.11.1940
553	Revista Mineira de Engenharia	05.1938	
554	Magazine de Turismo	03.06.1938	
555	O Espião	04.06.1938	04.06.1938
556	Cultura	07.1938	
557	O Semeador (2º)	27.08.1938	
558	Grifo	08.1938	
559	Alvorada	03.09.1938	03.09.1938

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
560	O Academico (2º)	24.09.1938	09.1940
561	Gazeta Mineira	26.09.1938	19.02.1939
562	Vida Nova (2º)	29.09.1938	22.02.1940
563	Revista de Identificação	09.1938	06.1942
564	O Odontólogo	10.1938	
565	Cerebro	10.1938	
566	Radio Revista (2ª)	15.12.1938	
567	Boletim do Departamento Estadual de Estatística	15.01.1939	
568	Revista do Departamento de Estudos Economicos e Legislação Fiscal	02.1939	12.1939
569	O Que Ha	02.04.1939	02.04.1939
570	Minas Magazine, (Ex-Itapecerica)	04.1939	
571	Tentativa	04.1939	10.1939
572	Minas Sportivo	05.1939	
573	Leitura	12.06.1939	
574	Novidades, (Ex-Rádio Novidades)	05.1939	
575	Minas Farmaceutica	07.1939	
576	Boletim da Cooperativa Previdencia	07.1939	07.1939
577	Alterosa	20.08.1939	
578	Boletim da Associação de Assistência	08.1939	09.1940
579	Mineira	09.1939	
580	Boletim da U.M.E.	10.1939	
581	O Mensageiro da Luz	10.1939	02.1940
582	Revista do D.E.E.	12.1939	
583	Oftalmos	1939	
584	Síntese	15.01.1940	31.08.1944
585	Boletim Fiscal	01.1940	
586	Educando	02.1940	
587	O Pequeno Semeador	16.03.1940	
588	Era uma vez...	05.04.1940	
589	O Sino de S. Ephigenia	28.04.1940	29.12.1940
590	Cultural	06.1940	12.1940
591	O Microfone	01.07.1940	16.10.1940
592	Jornal do Estudante, (Ex-Folha do Estudante)	12.07.1940	08.1941
593	Universitário	24.08.1940	01.11.1940
594	Revista dos Constructores	08.1940	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
595	Noticia Espirita	08.1940	
596	Boletim Quinzenal do Comercio e do Trabalho	16.11.1940	
597	O Contador	11.1940	
598	Boletim da Sociedade Mineira de Medicina Veterinária	12.1940	12.1942
599	Arquivos Mineiros de Leprologia	02.1941	
600	Revista Mariana	03.1941	
601	O IPEEME	12.07.1941	07.09.1941
602	Minas Tenis	07.1941	04.1945
603	Consolação	07.1941	
604	O Saci	08.1941	
605	Boletim da Associação Comercial de Minas	10.12.1941	05.1952
606	Revista do Instituto da Ordem dos Advogados	12.1941	
607	Sursum Corda	12.1941	12.1941
608	D.C.E.	16.04.1942	
609	Anuário da Cúria Metropolitana	04.1942	05.1943
610	O Proceder	15.06.1942	12.1943
611	O Rio Branco, (Ex-Vida Escolar)	03.1943	
612	A Voz do Grêmio	06.1943	11.1945
613	Excelsior (2º)	31.07.1943	
614	Voz Infantil	07.1943	06.1944
615	Vinculum Unitatis	07.1943	
616	Geração	09.1943	
617	O Grêmio Afonso Celso	09.1943	
618	Juventude Mineira	09.1943	
619	Minas Esportiva	11.1943	12.1944
620	Paysandú	02.1944	
621	Tabela	26.03.1944	09.1945
622	Buletin	05.1944	
623	Olimpica (1ª)	05.1944	05.1944
624	Minas Juridica	07.1944	
625	Boletim do Clube dos Ferroviarios	08.1944	09.1946
626	Arquivos da Escola Superior de Veterinaria	08.1944	
627	Acadêmico	05.09.1944	24.04.1946
628	O Estudante em Marcha	09.1944	09.1947
629	A Voz	09.1944	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
630	A Voz do Internato	28.10.1944	
631	Boletim da Matriz dos Sagrados Corações	12.11.1944	
632	Terra de Santa Cruz	19.11.1944	25.12.1945
633	Nacional Bancária	20.12.1944	07.1945
634	Liberdade (2º)	12.1944	01.12.1945
635	A Faisca (2º)	04.03.1945	10.03.1945
636	Boletim Agricola	03.1945	12.1946
637	J.O.C.F.	03.1945	
638	Vitaminas...	21.04.1945	18.11.1947
639	Revista do C.F.O.	04.1945	02.1946
640	dx	21.05.1945	
641	Atlântida (2ª)	05.1945	
642	Libertador	16.06.1945	06.10.1945
643	Revista Bancária	14.07.1945	
644	Revista de Identificação e Ciências Conexas	23.07.1945	
645	O Diario Esportivo	26.07.1945	28.11.1946
646	O Cadafalso	02.09.1945	02.09.1945
647	O Poder	18.10.1945	
648	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais	27.10.1945	
649	Boletim Numismatico	15.11.1945	07.1946
650	Minas Turfista	16.11.1945	27.09.1947
651	O Inconfidente (1º)	29.11.1945	29.11.1945
652	Diario da Justiça	14.12.1945	
653	Edificio	02.1946	07.1946
654	Compilações	10.02.1946	10.02.1946
655	PH=7	21.03.1946	
656	Canticum Novum	03.1946	
657	Anuario Comercial e Industrial de Minas Gerais	03.1946	
658	O Arauto (2º)	04.1946	
659	Medicina e Farmacia	04.1946	07.1946
660	Revista de Minas (5ª)	30.04.1946	04.1948
661	O Terrestrino	05.1946	
662	Arquitetura e Engenharia	05.1946	
663	A Lanceta	01.06.1946	13.07.1946
664	A Palavra	09.06.1946	14.12.1946

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
665	A Raposa	16.06.1946	01.07.1946
666	A Sogra	16.06.1946	09.08.1947
667	Vida Esportiva	10.07.1946	05.1950
668	O Veneno	20.07.1946	02.06.1950
669	Perspectiva	29.07.1946	
670	Vozes da Enfermagem	07.1946	
671	Resenha Esportiva	13.08.1946	25.12.1946
672	Od-e-Fá	23.08.1946	
673	O Amadorista	26.08.1946	23.09.1946
674	A Montanha (2º)	22.09.1946	05.01.1947
675	Folha Esportiva (2º)	23.09.1946	16.12.1946
676	Arquitetura (2ª)	09.1946	
677	Renovação	10.1946	
678	Teco-Teco	12.10.1946	01.11.1946
679	Campanha	04.11.1946	18.12.1946
680	Construindo	11.1946	
681	Olímpica (2ª)	16 11.1946	11.1949
682	Jornal do Povo (3º)	01.01.1947	
683	Nação	01.01.1947	08.03.1947
684	Gazeta Popular	09.01.1947	23.02.1947
685	Montara Bulteno	02.1947	06.1947
686	Lider	03.1947	
687	Tribuna de Minas (1ª)	14.04.1947	28.09,1947
688	Paisagem	31.05.1947	10.1951
689	O Combate	23.06.1947	25.11.1948
690	Dek	06.1947	12.1950
691	O Ferroviário	07.1947	
692	Kriterion	07.1947	
693	Paróquia	03.08.1947	17.08.1947
694	Panorama	08.1947	04.1949
695	Boletim do Departamento de Assistência aos Municípios	08.1947	12.1949
696	Medicina	08.1947	03.1948
697	A Tribuna (5º)	30.10.1947	27.04.1948
698	O Comerciário	10.1947	07.09.1948
699	O Ditador	05.11.1947	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
700	América	24.11.1947	01.1950
701	O Pirolito (2º)	12.12.1947	15.06.1949
702	Boletim Informativo (1º)	10.01.1948	
703	Artes Gráficas	01.1948	12.1948
704	Boletim do Contabilista	31.03.1948	31.07.1948
705	Mensário Forense	05 05.1948	
706	A Voz do Abrigo	31.05.1948	31.08.1948
707	Odonto-Literária	05.1949	01.1950
708	A Lira	22.06.1948	10.1953
709	Educação Sanitária	06.1948	
710	Informador Esportivo	04.07.1948	
711	Escola Rural	07.1948	
712	O Gazeteiro	01.08.1948	
713	15 de Maio	15.08.1948	
714	Sinopse	30.08.1948	
715	A Batalha	15.09.1948	
716	O Turista	25.09.1948	02.10.1948
717	Correio de Minas	15.10.1948	
718	PDC	25.10.1948	
719	Gazeta Trabalhista	30.10.1948	01.10.1950
720	O Verbo Moço	10.1948	12.1951
721	Sarcoptes	05.11.1948	
722	Acaiaca	25.11.1948	
723	Gazeta Bancária	30.11.1948	
724	Intercâmbio	01.12.1948	01.12.1948
725	Onde e Quando	18.12.1948	
726	O Boletim	12.1948	
727	O Tempo Magazine	15.01.1949	
728	Boletim Informativo (2º)	31.01.1949	
729	Senai de Minas Gerais	01.1949	08.1949
730	Folha Rural	25.02.1949	
731	O Liberal (2º)	12.03.1949	
732	Esfinge	14.03.1949	09.1949
733	Resenha Cinematográfica	02.04.1949	02.07.1949
734	Mackenzie	05.04.1949	

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
735	Vossa Senhoria	20.04.1949	25.12.1951
736	Libertas	04.1949	12.1950
737	Arquidiocesano	11.05.1949	
738	Resistência	19.05.1949	13.05.1950
739	O Estudante de Comércio	05.1949	
740	Bisturi	05.1949	
741	Pau Nele	19.06.1949	
742	Comprimido	06.1949	
743	Diário de Minas (2º)	14.07.1949	
744	O Inconfidente (2º)	07.1949	
745	O Esporte em Marcha	22.08.1949	
746	Vigília	08.1949	
747	O Trabalhador Gráfico	08.1949	08.1949
748	O Vagalume	08.1949	
749	Revista da Associação Médica de Minas Gerais	08.1949	
750	Folha de Minas Esportiva	19.09.1949	
751	Renovador	20.09.1949	
752	Columbofilia	25.09.1949	
753	O Ceapelista	25.09.1949	
754	O Rádio	02.10.1949	
755	O Saci (2º)	10.1949	
756	Notícias Pancolor	10.1949	
757	A Voz do Marconi	11.1949	
758	Sesi	11.1949	
759	Florilégio	20.12.1949	20.12.1949
760	O Campeão	12.1949	
761	Tribuna de Minas (2º), (Ex-Minas Jornal e Jornal de Minas (3º))	29.12.1949	
762	Jurisprudência Mineira	01.1950	
763	Seara Juvenil	02.1950	
764	A Luz do Mundo	02.1950	08.1950
765	Santa Helena	03.1950	
766	Folha Infantil	04.1950	
767	O Juvenil	05.1950	
768	O Alterosas	01.06.1950	
769	Diário da Municipalidade	05.06.1950	12.1951

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
770	O Pão de Açúcar	13.06.1950	
771	Folha Ferroviária	23.07.1950	
772	Radar	01.08.1950	
773	Anchieta	08.1950	
774	Boletim do Conselho	08.1950	10.1950
775	Voz da Criança, (Ex-Abelha Operária)	08.1950	
776	A Luta Operária	29.09.1950	
777	Vida Industrial	10.1950	
778	Diretório Acadêmico	10.1950	
779	Minas Clube	11.1950	11.1950
780	Inúbia	12.1950	
781	Muxiba	09.01.1951	
782	A Cobra Fumando	31.01.1951	07.1951
783	Vocação	01.1951	08.1951
784	Revista Mineira de Contabilidade	02.1951	
785	O Gráfico	30.06.1951	30.06.1951
786	United Voice	06.1951	
787	Polegada	08.1951	
788	Tribuna Bancária	08.1951	
789	Boletim Informativo (3º)	21.10.1951	
790	O Kilowatt	10.1951	04.1952
791	O Grito	01.11.1951	15.12.1951
792	Pampulha	10.11.1951	
793	Minas Agro-Pecuária	11.1951	
794	Riqueza	11.1951	10.1952
795	Jornal UPC	11.1951	
796	Cooperaminas	12.1951	
797	Radar Esportivo	13.01.1952	
798	Revista da Faculdade de Ciências Econômicas	01.1952	
799	Binômio	17.02.1952	
800	Horizonte	10.03.1952	
801	Jornal de Matemática e Física Elementares	03.1952	
802	Jornal da Manhã (2ª)	01.05.1952	31.05.1952
803	Frente Trabalhista	13.05.1952	13.07.1952
804	Minas Católica	05.1952	05.1952

Nº ORDEM	JORNAIS E REVISTAS	Publicação	
		Início	Término
805	Tribuna de Minas Esportiva	26.05.1952	
806	O Sandoval de Azevedo	06.1952	
807	Mensagem Econômica	06.1952	
808	Tração e Força	06.1952	06.1952
809	O Debate (3º)	07.07.1952	11.08.1952
810	Minas Agrícola (2º)	07.1952	
811	A Semana Esportiva	27.08.1952	
812	Crítica (2º)	30.08.1952	
813	Denúncia	08.1952	
814	Boletim Informativo (4º)	01.09.1952	
815	Cenário	15.09.1952	
816	Minas Forense	10.1952	
817	Face	22.11.1952	
818	Senac Mineiro	11.1952	
819	A Verdade (3º)	11.1952	
820	Cinema	12.1952	
821	Vida dos Municípios	12.1952	12.1952
822	Cinerama	12.02.1953	
823	A Voz do Gráfico	02.1953	
824	Anuário de Belo Horizonte	01.05.1953	
825	A Enigmática	09.05.1953	
826	CEJ	10.05.1953	
827	Jornal do Mercado	10.05.1953	
828	Notícias AEC	05.1953	08.1953
829	Sinfonia	05.1953	
830	IT	01.06.1953	
831	O Segredo	01.06.1953	
832	O Lavourense	06.1953	
833	Minas em Foco (2º)	07.1953	
834	Correio do Dia (2º)	01.07.1953	21.10.1954
835	Jornal do Fôro	09.07.1953	
836	Trânsito	16.07.1953	
837	Roteiro do Comércio	16.07.1953	
838	Debate Livre	07.1953	
839	O Pisca-Pisca	08.1953	

ÍNDICE ONOMÁSTICO

ABRANCHES, Mauro Matos, 564;
ABREU, Fernando Mello, 608;
ABREU, Maurício Mello, 677;
AGUIAR, Irene Netto de , 611;
AGUIAR, Omar, 349;
AGUIAR, Roberto Pinto, 768;
ALBINO, Washington, 535; 807;
ALBUQUERQUE, Cavalcanti de, 196;
ALBUQUERQUE, Newton Xavier, 701;
ALEIXO, Antônio, 249; 300;
ALEIXO, Helton Brant, 552; 643;
ALEIXO, Pedro, 376;
ALEMAR, Dario de, 298;
ALENCAR, Menton de, 157;
ALESSANDRINI, Mário, 520;
ALKIMIM, Estanislaw, 753;
ALKIMIN, José Maria, 365; 384; 474;
ALMADA, Isaias do V., 766;
ALMEIDA, Abílio Lopes de, 426;
ALMEIDA, Airton do Nascimento, 783;
ALMEIDA, Daniel de, 543;
ALMEIDA, Euclides de, 512;
ALMEIDA, Gaspar de, 688;
ALMEIDA, Joaquim Brum de, 824;
ALMEIDA, José de, 762;
ALMEIDA, L. Nobre de, 541;
ALMEIDA, Levi de, 690;
ALMEIDA, Martins de, 331;
ALMEIDA, Mauro Antônio Albino de, 806;
ALMEIDA, Romeu, 362;
ALMEIDA, Sidney, 740;
ALMEIDA, Tomás de , 702;
ALMEIDA, Vítor Coelho, 262;
ALPHONSUS, João, 266; 281; 300;
ALPHONSUS, Nazareno, 548;
ALVARENGA, Beatriz Gonçalves, 801;
ALVARENGA, J. B., 479;
ALVARENGA, Otávio, 653;
ÁLVARES, Alcy, 773;
ALVES, Antônio, 296;
ALVES, José Diniz, 452; 468;
ALVES, João Luís, 012; 083;
ALVES, José Guimarães, 558; 834;
ALVES, Leopoldo Rodrigues, 286;
ALVES, Pedro T., 311;
ALVES NETO; 284;
ALVIM, Geraldo, 494; 834;
ALVIM, Julinda, 421;
ALVIM, Marcelo de Faria, 483;
ALVIM, Sócrates, 421;
ALVIM, Uriel de Resende, 491;
AMADO, Milton, 546; 669;
AMARAL, 537;
AMARAL, Alexandre Gonçalves do, 560;
AMARAL, Aloísio Campos do, 752;
AMARAL, Campos do, 099; 145;
AMARAL, Josué do, 776;
AMARAL, Luís Ferraz do, 671;
AMARO, Aristeu, 300;
ANASTASIA, Edda, 708;
ANASTASIA, Luís, 505; 510;
ANDRADE, Alderico, 264;
ANDRADE, Carlos Drummond de, 281; 283; 331; 421; 460; 479; 507;
ANDRADE, Celso A, 616;
ANDRADE, Cleiber, 783;
ANDRADE, Danilo, 738;
ANDRADE, Djalma, 209; 260; 273; 281; 286; 333; 459; 569;
ANDRADE, Donato, 015;
ANDRADE, Fábio, 512;
ANDRADE, Hugo, 097;
ANDRADE, Martins de, 061;
ANDRADE, Moacir, 288; 348; 403; 507; 558;
ANDRADE, Moacir M.; 613;
ANDRADE, Renato Elói de, 421;
ANDRADE, Rodrigo de Mello Franco, 694;
ANDRADE, Walter, 653;
ÂNGELO, Wilson, 539; 790;
ANJOS, Ciro dos, 384; 421; 479;
ANTUNES, Francisco, 834;
ANTUNES, J. Pinto, 011;
APGAUA, Guilherme, 768;
APGAUA, Paulo, 738;
AQUINO, Augusto J., 790;
AQUINO, Hudson Andrade, 710;
ARANTES, Euro Luiz, 799;
ARANTES, Ramos, 206; 238; 388;
ARAÚJO, Cândido de, 002;
ARAÚJO, Gastão da Silva, 788;
ARAÚJO, J. C. Irineu de, 437;
ARAÚJO, Jener José de, 836;
ARAÚJO, José, 375;
ARAÚJO, José Oswaldo de, 012; 118; 127; 159; 162; 186; 202; 281; 283; 648;
ARAÚJO, Narciso Lara de, 165;
ARAÚJO, Plácido Correa de, 600;
ARAÚJO, Wilson C., 597;
ARAÚJO NETO, J. G. de, 690;

ARCÍSIO, J., 452;
ARINOS, Afonso, 153;
ARMANELLI, Wellington, 696;
ARMOND, Honório, 273;
AROEIRA, Bernardo, 153;
AROEIRA, Luís Carlos Dias, 776;
AROEIRA, Luís Duarte de Paula, 664; 684;
ASSIS, Cícero Patrício de, 702;
ASSIS, João Batista Lopes de, 522;
ASSIS, Raimundo Silva de, 505; 510;
ASSUNÇÃO, Cyr Assis, 560;
ATAÍDE, Walter, 803;
AVELAR, Clemente de, 298;
AVELATO, Francisco, 171;
ÁVILA, Afonso, 783;
AWAD, Nagib, 742;
AURICHIO, Waldivim, 831;
AVELAR, Lucídio, 266;
AZEREDO, Renato, 592;
AZEREDO NETO, 141;
AZEVEDO, Djalma Lourenço, 686;
AZEVEDO, Fernando, 202;
AZEVEDO, Francisco Bressane de, 286;
AZEVEDO, Geraldo Afonso Mendonça de, 633;
AZEVEDO, Joaquim de, 172;
AZEVEDO, José Afonso Mendonça de, 113;
AZEVEDO, Josias de, 053; 061;
AZEVEDO, Mário de, 202;
AZEVEDO, Sandoval Soares de, 151;
AZEVEDO, Vasco, 099;
AZEVEDO JÚNIOR, José Maria Teixeira de, 001; 002; 005; 012; 014;
BABO, Sandoval, 497;
BADENES, Vicente, 161;
BAETA, Antônio L. R., 672;
BAHIA, Almir Pereira, 819;
BALENA, Alfredo, 221; 419;
BAN, Américo, 418;
BANDUCCI, 6, 214;
BARACHO, Aderbal de Oliveira, 552;
BARACHO, José Alfredo, 616;
BARBI, Humberto Agrícola, 608; 780;
BARBOSA, Aquiles, 258;
BARBOSA, A. L., 357;
BARBOSA, Júlio, 616;
BARBOSA, Juscelino, 376;
BARBOSA, Maria Lúcia Azevedo, 806;
BARBOSA, Odilon, 635;
BARBOSA, Orestes Dinis, 313;
BARBOSA, Rômulo, 672;
BARBOSA, Rui Ferreira, 661;
BARBOSA, Zacarias Oliveira, 608; 780;
BARBOSA NETO, Manuel, 528;
BARCELOS, Milton, 114;
BARCELOS, Edelweiss, 507;
BARCELOS, Temistocles;
BARRA, Juraci, 498; 512;
BARRETO, Abílio, 056; 080; 202; 460;
BARRETO, Adamastor, 412;
BARRETO, Benito de Lima, 800;
BARRETO, Dalva; 658;
BARRETO, Heraldo, 065; 089; 147; 166;
BARRETO, Mário Augusto, 816;
BARRETO, Nelson Camargos, 608;
BARRETO, Osvaldo, 094, 139;
BARRETO, Otávio, 096;
BARRROS, Ademar F. de, 578;
BARROS, Alípio Gonzaga, 262;
BARROS, Álvaro de, 266;
BARROS, General de, 599;
BARROS, Dário Leite de, 142;
BARROS, Geraldo Mendes, 479;
BARROS, J. C., 004;
BARROS, João de Araújo, 649; 834;
BARROS, Sizenando de, 107;
BARROS, Zózimo Cabral de, 796;
BARRROS JÚNIOR, Sabino, 011; 012;
BARTELI, Gelso, 811;
BARTOLOTA, José;
BASTOS, Aureliano Tavares, 488;
BASTOS, Clenório, 375; 380;
BASTOS, Délio Junqueira, 672;
BASTOS, Sinésio, 776;
BATISTA, Wilson, 510;
BAUMGRATZ, Delauro de Oliveira, 720;
BAUMGRATZ, Delcides de Oliveira;
BELEZA, Otoniel, 333;
BELGA, Israel Franco, 236; 254; 271; 295; 301;
BELO, Josafá, 060; 064; 283;
BELO, Paulo Olímpio, 478;
BENEDITO, José, 495;
BENIGNO, Marçal, 169;

BENTES, A., 719;
BERALDO, João Tavares Correia, 159;
BERNARDES, Artur da Silva, 009;
BERNARDEZ, Manuel, 153;
BERNIS, Ney Octaviani, 762;
BERTELLI, Gilson, 573;
BESSA, Luís, 494;
BHERING, Mário, 171;
BICALHO, Blair Chagas, 570;
BICALHO, Maurício Chagas, 624;
BICALHO FILHO, Edmundo, 313;
BILAC, Olavo, 153;
BIQUE, Alan, 666;
BIRCHAL, Hennio Morgan, 604;
BITTENCOURT, José Alves da Silva, 612;
BOAS, José Ramos Villas, 819;
BOECHAT,Newton, 764;
BOLIVAR, Arduíno, 012; 202; 281; 648;
BOLTSHAUSER, João, 300; 421; 424;
BONCOMPAGNI, Giulio; 026; 045; 048; 340; 387;
BONFIM JÚNIOR, Orlando, 682;
BONIFÁCIO, José, 745;
BORGES, Araci, 448; 823;
BORGES, Ivan, 685;
BORJALO, 660; 792;
BORSETI, Felipe; 266;
BOTELHO, Cândido José da Silva, 038;
BOUÇAS, José, 161;
BRAGA, Alexandre, 359;
BRAGA, Belini Florêncio, 741;
BRAGA, Newton, 460;
BRAGA, Wilson Catete, 823;
BRAGA JÚNIOR, J. F., 689;
BRANCO, Wilson Castello, 625;
BRANDÃO, Álvaro, 155;
BRANDÃO, Ataliba, 014;
BRANDÃO, Carlos F., 751;
BRANDÃO, Carlos O., 672;
BRANDÃO, Célia, 604;
BRANDÃO, Felipe Silviano; 032; 155;
BRANDÃO, Fernando Soares, 061; 140;
BRANDÃO, João Lintz, 825;
BRANDÃO, José, 294;
BRANDÃO, Ondina do Amaral, 586;
BRANDÃO, Saul do Prado, 459; 515;
BRANDÃO, Wagner, 801;
BRANDÃO, Wellington, 209; 283; 300;
BRANDÃO FILHO, Júlio Bueno, 014;
BRANQUINHO, Beatriz Maria, 502;
BRANT, Armando Caldeira, 400;
BRANT, Augusto Mário Caldeira, 250;
BRANT, Celso, 593; 688; 722;
BRANT, Cícero Arpino Caldeira, 018;
BRANT, João Edmundo Caldeira, 404; 459;
BRANT, Juarez, 355; 459;
BRANT, Moacir Pimenta, 505; 510;
BRANT, Oduvaldo, 127; 161; 201;
BRANT, Sílvio, 355;
BRASIL, Batista, 142; 558;
BRASIL, Haesserre, 274;
BRENER, Zigman, 721;
BRESSANE, Francisco, 083;
BRESSEN, Paulino, 587;
BRITO, Augusto de, 153;
BRITO, Sebastião de, 761;
BRUNO, Xavier, 411; 459;
BUENO, A. L. Pimenta, 221;
BUENO, Wandyr Teixeira, 790;
BURATO, 339;
BURNIER, César, 558; 592;
CABERNATI, Davi, 675;
CABRAL, Moacir, 264;
CAIRO, Renato, 619; 620; 667; 696;
CAIXETA, Maria Elmira, 597;
CALAZANS, João, 694; 812;
CALAZANS FILHO, José, 660;
CALDEIRA, Olímpio Neto, 054;
CALMON, João, 376;
CÂMARA, Andrade, 384;
CÂMARA, Branca Sette, 407;
CÂMARA, J. R. Sette, 363; 367;
CÂMARA FILHO, J. Sette, 608;
CAMARANO, Maria Carmem, 708;
CAMARÃO, João Uchôa, 701; 788;
CAMATO, WALTER, 808;
CAMELO, João Elói, 003; 039; 044; 061; 092; 118;
CAMELO, Porfírio, 168; 201; 224;
CÂMERA, Enéias, 420;
CAMILLO, João, 558;
CAMILLO FILHO, 202; 209;
CAMPISTA, Rui, 062;
CAMPOLINA, Raimundo, 396;
CAMPOS, Abelardo H., 412;
CAMPOS, Francisco, 142; 421;

CAMPOS, Francisco Luís da Silva, 152;
CAMPOS, Hipólito de Oliveira, 262;
CAMPOS, Ivar Vieira, 798; 819;
CAMPOS, J. A. da Silva, 421;
CAMPOS, Joaquim, 477; 512; 579;
CAMPOS, Letícia Chaves, 586;
CAMPOS, Mário Mendes, 266; 273; 419;
CAMPOS, Marques, 413;
CAMPOS, Milton, 226; 281; 421;
CAMPOS, N. P., 666;
CAMPOS, Olavo Jardim, 432;
CAMPOS, Osvaldo da Motta, 627;
CAMPOS, Sandoval, 157; 187; 207; 228; 237; 460;
CAMPOS, Sebastião Marégola, 468; 490; 524;
CANÇADO, Agenor Lopes, 659;
CANÇADO, José Maria Lopes, 624;
CÂNDIDO, Assis, 118;
CANEDO, Gregoriano, 331; 376;
CANEDO, Pio Soares, 427;
CANEDO, Rui, 386;
CAPANEMA, Gustavo, 460;
CAPPIELO, Vincenzo, 317;
CARAN, Abraham, 490;
CARAN, Antônio, 792;
CARDOSO, Augusto, 688;
CARDOSO, F. S., 827;
CARDOSO, João Batista, 702;
CARDOSO, Osias F., 690;
CARDOSO, Pedro Vicente, 672; 707;
CARDOSO, Wilton, 692;
CARMO, Barros do, 569;
CARNEIRO, Alberto, 691; 171;
CARNEIRO, Januário, 667, 681; 700; 760; 779;
CARNEIRO, Tomás, 188;
CARNEIRO FILHO, J. J., 598;
CARONE, Ibrahim, 300;
CARSALADE, J. W., 558; 669;
CARUSO, Vicente, 483;
CARVALHO, Antunes, 813;
CARVALHO, Caio M. Franco, 687;
CARVALHO, Cid de, 539;
CARVALHO, Cipriano de; 153;
CARVALHO, Daniel de, 202;
CARVALHO, Elói, 223;
CARVALHO, Ferreira de. 012;
CARVALHO, F. Ribeiro de , 126;
CARVALHO, Helvécio Ferreira de, 619;
CARVALHO, J. Baeta de, 649;
CARVALHO, João Luís de, 702;
CARVALHO, Orlando Magalhães, 011; 460; 695; 834;
CARVALHO, Paulo, 333;
CARVALHO, Romeu de, 721;
CARVALHO, Walter P. de, 667;
CASASANTA, Mário, 011; 421; 507; 520; 546; 558; 569; 692; 694;
CASASANTA, Manuel, 648;
CASASANTA, Simão Pedro, 646;
CASSÃO, Leopoldo, 008;
CASSETE, Murilo, 658;
CASSIMIRO, Vicente, 473;
CASTANHEIRA, Antônio A., 751; 778;
CASTANHEIRA, Sílvio, 708;
CASTELO, Augusto Viana de, 046;
CASTRO, Afonso de, 569;
CASTRO, Antenor de, 334;
CASTRO, Benjamim de, 379;
CASTRO, Éden, 788;
CASTRO, Francisco de Assis, 432;
CASTRO, José de Almeida, 376;
CASTRO, José Elesbão de, 632;
CASTRO, José G., 767;
CASTRO, Miranda e, 512; 540; 577;
CASTRO, Noraldino de Mello, 584;
CASTRO, Olinto Orsini de, 249; 313;
CASTRO, Vera, 783;
CASTRO, Walporé de, 362;
CASTRO, Wênio Balbino de, 831;
CATÃO, Eduy, 598;
CATÃO, Guaraci, 726;
CATÃO, Ruy, 810;
CAVALCANTE, Santos Ferreira, 416;
CAVALCANTI, Alberto, 488;
CAVALCANTI, Carlos L., 763;
CAVALCANTI, Dorothy L. 763;
CAVALCANTI, Luís, 279;
CAVALCANTI, Rodolfo, 188;
CAVALIERI, Newton, 582; 608;
CELSO, Lúcio, 660;
CERQUEIRA, Edson, 492;
CERQUEIRA, Ernesto, 018, 154; 175; 201 ; 202;
CERQUEIRA, Leôncio, 210;
CERQUEIRA, Levi, 132; 204; 210;
CERQUEIRA, Luís Ernesto de; 210;
CÉSAR, Benjamim Ramos, 136; 154; 157; 172; 175; 326;
CÉSAR, Guilhermino, 401, 421; 460; 479; 497; 507; 520; 546;
CÉSAR JÚNIOR, 360;

CHAGAS, O.; 231;
CHAGAS, Paulo Pinheiro, 478; 486;
CHAGAS, Zembla Pinheiro, 586;
CHALUP, Miguel, 476;
CHATEAUBRIAND, Oswaldo, 376;
CHAVES, Carlos, 556;
CHAVES, Guaraciaba, 597;
CHAVES, Hermenegildo, 384; 460;
CHAVES, João, 201;
CHAVES, Mauro,. 602;
CHAVES, Pedro Gonçalves, 006;
CHIABI, Costa, 448,
CHIAVONI, Maria, 788;
CIRILO, 537;
CLARK JÚNIOR, 138;
CMELKA, Leopoldo, 418;
COELHO, Copérnico Pinto, 243; 284; 648;
COELHO, Geraldo Dias, 539;
COELHO, Geraldo G. Nunes, 437;
COELHO, José Severiano Machado, 062;
COELHO, Olegário Dias, 093; 104; 118;
COELHO, Rafael Caio Nunes, 427;
COELHO FILHO, Joaquim, 264,
COELHO JÚNIOR, Diderot, 456;
COELHO JÚNIOR, J., 216;
COIMBRA, João Stocker, 066; 069;
COLEN, Maria José, 468;
COMINI, José, 655;
CONCEIÇÃO, 248;
CONTINENTINO, Nícias, 488;
CORDEIRO, Clarimundo, 327; 347;
CORDEIRO, D'Alva, 171;
CORDEIRO, Isidoro, 360;
CORREA, Hiran dos Reis, 608; 780;
CORREIA, Maria do Céu, 417;
CORREIA, Oscar Dias, 722;
CORREIA, Paulo Dias, 722;
CORTES, Elói, 023;
COSTA, Afonso, 209;
COSTA, Aguinaldo, 219;
COSTA, Anibal Bonifácio da, 655;
COSTA, Antônio Brasiliano da, 558; 688;
COSTA, Borges da, 221;
COSTA, Edson Bonifácio, 476; 761;
COSTA, Fernando Dias, 616;
COSTA, Geraldo Teixeira da, 545, 468; 558;
COSTA, Henrique Lima da, 262;
COSTA, José, 450;
COSTA, José Maria Monteiro, 697;
COSTA, José Miranda., 552;
COSTA, José Sátero, 691;
COSTA, Leandro Castilho de Moura, 012;
COSTA, Marta A., 513;
COSTA, Pinheiro, 512;
COSTA, Silas Augusto, 732,
COSTA, Silva, 745;
COSTA, Sílvio, 792;
COSTA , Vasconcelos, 761;
COSTA, Waldemar de Oliveira, 107;
COSTA FILHO, 745;
COSTA JÚNIOR, 111; 150; 157; 597;
COSTA NETO, Pedro, 740;
COTTA, José de Araújo, 619; 645;
COUTINHO, Antônio Carlos de Azeredo; 664; 684;
COUTINHO, Heitor, 653;
COUTINHO, Luís de Azeredo, 685;
COUTO, Alair, 700;
COUTO, Augusto, 648; 700
COUTO, Júlio Pires do, 368;
COVIERE, Ettore, 214; 343;
CROSLAND, D. F., 258;
CRUZ, A., 312;
CRUZ, J. Fernando, 719;
CRUZ, Milton Medeiros, 399;
CRUZ, Roberto da, 217;
CUBA, Mansur, 687;
CUNHA, Aécio Ferreira da, 793;
CUNHA, Fernando Pinto da, 806;
CUNHA, Leontina, 221;
CUNHA, Maria Luísa de Almeida, 586;
CUNHA, Roberto de Almeida, 432;
CURY, J. Lopes, 354; 370;
CURY, João Jorge, 503;
DABÉS, Nelson, 445;
DABUS, José Carlos, 766;
D'ALENQUER, Tomás, 245;
DAMACENO, Orestes Fraga, 466;
D'AMICIS, Genaro, 701;
D'ANGELO, Antônio, 387;
D'ANGELO, Domingos, 476;
DANTAS, Paulo, 456;
D'ASSUNÇÃO, Herculano T., 229;
D'AVELAR, Romeu, 265, 279;
D'AVILA, Afonso Celso, 666;
D'AVILA, Celso, 171; 172;
D'ÁVILA, Hugo, 360; 382;
D'ÁVILA, Paulo, 242;
DAVIS, Otaviano, 300;
DE MARCO, Armando, 560;
DELFINO, Aldo, 143; 171; 283; 399;
DELPINO, 512;
DELPINO JÚNIOR, 421; 479; 558;
DEODATO, Alberto, 011; 348; 396; 479; 558; 569; 580;

DESÍLIO, 829;
DESLANDES, Francisco Antônio, 029; 344;
DETALONDE, Eugênio, 184; 202; 205;
DEU DOPPER, Henrique, 175;
DIANA, Getúlio, 831;
DIAS, Aguiar, 369;
DIAS, Flávio de Salles, 713;
DIAS, Francisco, 772;
DIAS, Francisco Martins, 001;
DIAS, Maria José Alkimim, 708;
DIAS, Guilherme, 033;
DIAS, *Júlio*, 345;
DIAS, Mário, 012; 439; 472;
DIAS, Mário de Carvalho, 802;
DIAS, Nicanor, 412;
DIAS, Paulo, 658;
DINIS, Erotides, 313;
DINIS, Valdemar, 412;
DINIZ, Rui, 790;
DINIZ FILHO, Henrique, 468;
DOMINICIS, Cláudio de, 572;
DONAGEMMA, Estélio Orlando, 697;
DONATI, Donato, 021;
DONATO, Messias P., 565;
DORNAS, João, 414;
DORNAS FILHO, João, 283; 348; 401; 460; 507; 558; 569; 660;
DORNELLAS, Edson, 769;
DOURADO, Autran, 816;
DOURADO, Valdomiro Autran, 653;
DOYLE, Fábio Proença, 697;
DRUMMOND, Amaro Horta, 024; 171; 172;
DRUMMOND, Magalhães, 012; 279; 300; 423;
DRUMMOND, Olavo, 022;
DUARTE, A. Teixeira, 109; 209;
DUARTE, Antônio Edílio, 794;
DUARTE, Columbano, 175; 286;
DUARTE, Epaminondas, 531;
DUARTE, José Fonseca, 732;
DUARTE, Romero Rotier, 230;
DUMANOIR, André, 329; 333;
DUTRA, Joaquim H., 825;
DUTRA, Osório, 171;
DUTRA, Waltencyr, 800;
DUTRA FILHO, Aimoré, 640;
DUVAL, Guerra, 046;
ENRICH, Osvaldo, 569;
EPPENSTEIN, Willy, 341;
ERNESTO, Bento, 039; 283;
ERNESTO, Pedro Paulo, 653;
ERNESTO JÚNIOR, Bento, 014; 570;
ERSE, Gustavo, 161;
ESPECHIT, Lindolfo, 412;
ESPECHIT, Vianna, 541;
ESTEVES, Antônio Viçoso Horta, 379;
ESTEVES, Januário, 347; 397; 423; 485;
ETIENNE FILHO, J. 546, 571; 601; 601;
FABREGAS, Ismael de Oliveira, 569;
FABRINO, J., 193;
FAGUNDES, Cecílio, 557; 580;
FALABELL, Nicolau, 570;
FALCI, José, 200;
FALCI, Renato, 807;
FALEIRO, Zilka M, 839;
FARHAT, Issam, 720;
FARIA, 792;
FARIA, José Cupertino de, 562;
FARIA, Nelson, 273;
FARIA, Raul de, 136; 154;
FARIA JÚNIOR, Leão de, 358;
FARINHA, José Egídio, 687;
FARNESE, Gustavo, 201;
FEITOSA, Miguel, 832;
FELICÍSSIMO, Alfeu, 421;
FELICÍSSIMO, Juarez, 421, 460;
FELICÍSSIMO, Milton, 287;
FELICÍSSIMO, Raimundo N., 025;
FERNANDES, Clemente Medrado, 273;
FERNANDES, Francisco, 540; 602; 792;
FERNANDES, Gastão, 490;
FERNANDES, Magno, 723;
FERNANDES, Otaviano José, 651;
FERNANDES, Sílvio José, 448;
FERNANDES, Virgílio Rosa, 313;
FERNANDES FILHO, Félix, 638; 660;
FEROLA, José, 488;
FERRAZ, Fausto, 196;
FERRAZ, Luís, 737;
FERREIRA, A. Paula, 375; 487;
FERREIRA, Adélio Gomes, 608;
FERREIRA, Alcides Batista, 105;
FERREIRA, Jacinto Marcelino, 802;
FERREIRA, Lúcia, 656;
FERREIRA, Newton de Paiva, 330; 376; 436; 515;
FERREIRA, Paulo Pinto, 817;
FERREIRA NETO, 592;

FIGUEIREDO, Heli Duarte, 489;
FIGUEIREDO, Jackson de, 541;
FIGUEIREDO, João Kubitschek de, 676;
FIGUEIREDO, Wilson, 616; 653; 750;
FIGUEIREDO, Wilson Augusto de, 642;
FILGUEIRAS, Carlos, 539; 566;
FLECHA, Antidoro Arco e, 531;
FLEMING, J. Borges, 178;
FLEURY, Leopoldo, 536;
FLEURY, Sabino Brasileiro, 371; 536;
FLORESTA, Paulino, 717;
FONSECA, Ana, 417;
FONSECA, Danilo Ferreira, 832;
FONSECA, Edmur, 653, 800;
FONSECA, Getúlio da, 149;
FONSECA, José Eduardo da, 279; 281; 300;
FONSECA, Juscelino Dermeval, 535;
FONTES, Miguel, 790;
FORTINI, Ricardo, 330;
FÓSCOLO, Avelino, 283;
FOULKES, Edward, 622;
FRANÇA, Oswaldo, 406;
FRANÇA JÚNIOR, Américo, 400;
FRANCK, Roberto, 669;
FRANCO, Afonso Arinos de Melo, 376; 479; 494; 694;
FRANCO, Augusto, 064;
FRANCO, Caio de Melo, 209;
FRANCO, Cícero, 552;
FRANCO, João Huniade de Melo, 062; 100;
FRANZEN, Ismael, 006;
FREIRE, Jurandir, 258;
FREITAS, 792;
FREITAS, Jorge Lopes de, 808;
FREITAS, M. A. Teixeira de, 300;
FREITAS, Plínio de, 307;
FREITAS, Raimundo de, 337;
FREITAS, Saturnino R. de, 732;
FREITAS, Tomé de, 135;
FREITAS, Walter de, 762;
FREYRE, Gilberto, 694;
FRIEIRO, Eduardo, 304; 432; 479; 479; 506; 692;
FULGÊNCIO, Tito, 083;
FURST, Osvaldo, 201;
FURTADO, Afrânio Vieira, 777;
FURTADO, Pedro Dutra, 416;
FURTADO, Tancredo A., 665;
GAETANI, Paulo, 640;
GALVÃO, Roberto A., 558; 640;
GAMA, Carmo; 153;
GAMA, Zilda, 417;
GASPARINI, Américo, 318;
GENESCO, 209; 660;
GEORGI, J., 175;
GIL JÚNIOR, 423;
GODÓI, Mauro, 604;
GODÓI, Romeu Moreira de, 509;
GÓES, Carlos, 142; 171; 202; 266; 281; 300;
GOLGHER, Isaías, 838;
GOMES, Antônio Barroso, 691;
GOMES, Arquelão da Silva, 294;
GOMES, Carlos S., 441;
GOMES, F. C., 248;
GOMES, Fábio Lucas, 753;
GOMES, Fernando Magalhães, 498;
GOMES, Francisco A. de Magalhães, 546; 582;
GOMES, Francisco S. Magalhães, 460;
GOMES, José Bezerra, 330; 479;
GOMES, José Lucas de Vasconcellos A., 613;
GOMES, José Maria, 587;
GOMES, Juaracei Barros, 616; 617;
GOMES, Lauro Vidal, 544;
GOMES, Lindolfo, 154;
GOMES, Osvaldo, 133;
GOMES, Paulo, 528; 593;
GOMES, Shakespeare, 503;
GOMES FILHO, José, 490;
GONÇALVES, Ernesto, 416;
GONÇALVES, Roberto, 528;
GONDIM, Hugo Gouthier e Oliveira, 330;
GONTIJO, Hugo, 655;
GONTIJO, Maria Helena, 656;
GONTIJO, Paulo Macedo, 807;
GONZALEZ, Cândido Ubaldo, 698;
GORCEIX, Henrique, 153;
GOYATÁ, Célio, 479; 624; 798;
GRANADA, Jarbas Carneiro, 832;
GUALBERTO, Alberto da Silva, 549;
GUARANI, Noronha, 012; 056;
GUEDES, Manuel J., 724;
GUERRA, Nilo, 209;
GUERRA, Rubens, 242;
GUIMARAENS, Alphonsus de, 046; 142; 209; 273;
GUIMARAENS, José Alphonsus de, 535; 807;
GUIMARAENS, Nazareno Alphonsus, 582;

GUIMARÃES, Anchieta, 636;
GUIMARÃES, Antônio de Castro, 740;
GUIMARÃES, Arcângelo, 046; 202; 209; 300;
GUIMARÃES, Artur, 060; 432;
GUIMARÃES, Canuto, 316;
GUIMARÃES, Darcy Muniz, 580;
GUIMARÃES, Edgard, 358; 409;
GUIMARÃES, Fernando Emiliano, 793;
GUIMARÃES, Honório, 268; 314;
GUIMARÃES, Horácio; 036; 046; 135; 193; 283;
GUIMARÃES, Ivahy, 746;
GUIMARÃES, Pedro Bernardo, 030; 054; 351; 460;
GUIMARÃES, René, 491;
GUIMARÃES, Silva, 113; 143; 185; 260; 273; 279; 281; 283; 548;
GUIMARÃES, Tancredo, 818;
GUIMARÃES, Vicente, 498; 508; 546; 554; 588;
GUIMARÃES FILHO, Alphonsus de, 304;
GUIMARÃES FILHO, Bernardo, 143; 283; 460; 468; 558;
GÚSMAN JÚNIOR, João, 421; 553;
HAAS, Alberto, 241;
HAAS, George, 409;
HARGREAVES, H. J., 497;
HARINGTON, José Arnaldo, 258;
HAROLDO, 804; 821;
HEENAN, James, 622;
HÉLIO, 792;
HENRIQUES, J. Milton, 705;
HENRIQUES FILHO, Ely Doval, 666;
HENRIOT, Raul, 440;
HENRIQUES, Etervino Tibúrcio, 499;
HENRIQUES, Lídio Diniz, 803;
HENRIQUES, Waldemar Diniz, 803;
HERMANY, Hilda Oliveira, 502;
HERMETO, Honório, 553;
HERMÓGENES, Luís, 265;
HORTA, Antônio Carlos, 599;
HORTA, Cid Rebello, 762; 777;
HORTA, Jair Rebello, 571; 660;
HORTA, Lauro, 313;
HORTA, Melquíades Líbano, 416;
HORTA, Onofre Rebelo, 468; 479;
HORTA JÚNIOR, Gouveia, 27;
IGLÉSIAS, Francisco, 653;
INÁCIO, José, 792;
INÁCIO FILHO, José;
INTROCASO, Garibaldi, 530;
IORI, Otelo, 509;
ISAÍAS, Nilton, 619; 667; 792;
ISAÍAS, Walter, 792;
ITABIRANO, Gastão, 118; 127; 144; 144; 162; 162; 172; 181; 202; 209; 333;
ITAMAR, Ari, 358;
JACOB, Emílio, 300;
JACQUES, Lauro, 420;
JADER JÚNIOR, 792;
JARDIM JÚNIOR, David, 400;
JESUS, Otávio Basílio, 673;
JEUNAU JÚNIOR, João, 702;
JORGE, Argemiro Augusto Araújo, 399;
JORGE, Lourenço, 706;
JOVIANO, Artur, 034; 055;
LABARRERE, J., 357;
LACERDA, Miguel Pereira de, 597;
LACORTE, Benedito, 808;
LAGES, Afonso Teixeira, 816;
LAGES, Júlio A., 491;
LAGO, Ataliba, 277; 278;
LAGO, Ramon, 688;
LAMOUNIER, Newton, 456;
LANA, João Bosco Cavalcanti, 655; 740;
LANA, José Dias, 161; 167; 189;
LAPERTOSA, Mariza, 733;
LARANJA, Cláudio;
LAS CASAS, Álvaro de, 541;
LAS CASAS, J., 356;
LEAL, Celestino, 479;
LEÃO, F. de Areia, 187;
LEÃO, José, 730;
LEÃO, José Tomás, 723;
LEÃO, Vito, 410;
LEITE, Armando Más, 571;
LEITE, César Augusto, 825;
LEITE, Marieta, 586;
LEITE, Otávio Dias, 800;
LEITE, Rubem de Castro, 466;
LEIS, 479;
LELIS, Adilson de, 806;
LEMOS, Gil Morais, 531;
LEMOS, Júlio, 061;
LEMOS, Juventino, 571;
LEMOS, Plínio, 358;
LENOIR, 483;
LESSA, Demerval, 092;
LESSA, José Vítor, 675;
LICÍNIO, Walter, 717;

LIMA, Alcides Curtisss de, 529;
LIMA, Altamiro, 672;
LIMA, Antônio, 120;
LIMA, Antônio Augusto de, 011; 059; 117;
LIMA, Arnaud Sousa, 678;
LIMA, Ataliba de Miranda, 332;
LIMA, Augusto de, 012; 039; 055; 118; 421;
LIMA, B, 311;
LIMA, Benjamim, 009; 018; 286;
LIMA, Benvindo, 277;
LIMA, Bernardino Machado de, 616;
LIMA, C. de Freitas, 557;
LIMA, Cleber V., 720;
LIMA, Daisy V., 720;
LIMA, Durval, 336;
LIMA, E. Curtiss de, 425; 458; 459;
LIMA, Edgard de Oliveira, 152; 155;
LIMA, Elza Machado de, 670;
LIMA, Everaldo Dayrell de, 479;
LIMA, Francisco de Souza, 498;
LIMA, Geraldo Martins de , 686;
LIMA, Homero, 540;
LIMA, J. Ribamar Peres de, 491;
LIMA, Jair Negrão de, 363; 367;
LIMA, Jairo Anatólio, 811;
LIMA, Javert de Sousa, 330;
LIMA, João Anatólio, 220; 236; 236; 254; 295; 460;
LIMA, J. E. Franzen de, 226; 497; 834;
LIMA, João Paulo de, 222; 237; 484; 835;
LIMA, José Roberto Tamm de, 762;
LIMA, Luís Franzen de, 152;
LIMA, Mário de, 064; 068; 118; 153; 202; 209; 283;
LIMA, Mário Werneck de Alencar, 553;
LIMA, Noraldino, 202; 209;
LIMA, Otacílio Negrão de, 421;
LIMA, Oscar de Oliveira, 191;
LIMA, Rui de Araújo, 512, 730;
LIMA, Santacruz, 486; 495;
LIMA FILHO, Augusto de, 080; 103;
LIMA JÚNIOR, Augusto, 142; 359;
LINHARES, Marcelo Jardim, 522;
LINHARES, Mário C., 058; 103; 118;
LINHARES JÚNIOR, José, 104; 107;
LINS, Álvaro, 694;
LISBOA, J. Carlos, 546; 577;
LISBOA, Otávio Marques, 578; 580;
LÍVIO, Tito, 809;
LOBATO, José Maria, 358;
LOBO, A. Marcos, 039;
LOBO, Estevão, 011;
LODI, Jefferson, 676;
LOPES, Alceu Ferreira, 218;
LOPES, Benedito, 238;
LOPES, Cícero, 286;
LOPES, Eduardo, 223; 280;
LOPES, João Batista, 745;
LOPES, Milton, 454;
LOPES, Paulo de Oliveira, 775;
LOPES, Prado, 039;
LOPES SOBRINHO, J., 140;
LOUREIRO, Álvaro Sandro, 792;
LOUREIRO, Jair Correia da Silva, 683; 687;
LOUREIRO, Omir Correia da Silva, 687;
LUCAS, Fábio, 783;
LUÍS, Edmundo, 011;
LUZ, Adalberto Dias Ferraz da, 012;
LUZ, Clemente, 546; 558; 642; 682;
LUZ, Custódio Ribeiro da, 226;
MACEDO, Vítor João, 788;
MACHADO, Abílio, 056; 064; 153; 202; 333;
MACHADO, Aníbal, 138; 281;
MACHADO, Armando V., 505;
MACHADO, Arnaldo Vianna, 541;
MACHADO, Brito, 333;
MACHADO, Edgar Godói da Matta, 694;
MACHADO, Fausto, 510;
MACHADO, Fausto Godoy da Mata, 616;
MACHADO, G., 437;
MACHADO, Geraldo, 565;
MACHADO, Gilka, 209;
MACHADO, Hermínio, 779, 792;
MACHADO, J. G., 179;
MACHADO, João da Mata, 793;
MACHADO, Lucas M., 749;
MACHADO, Luci Cristófaro, 670;
MACHADO, Maria Tereza, 616;
MACHADO, Manuel da Mata, 135;
MACHADO, Massilon, 266;
MACHADO, Paulo da Mata, 296; 432;
MACHADO, Pedro da Mata, 444;
MACHADO, Perosi Paula, 393;
MACHADO, Rafael, 197;
MACHADO, Torquato, 254;
MACHADO, Waldomiro, 287;
MACHADO FILHO, Aires da Mata, 479; 506; 546; 694;

MACHADO FILHO, José A., 511;
MACIEL, Antônio, 219;
MACIEL, Acácio, 672;
MACIEL, Ademar Dias, 499;
MACIEL, Djalma, 574;
MACIEL, Gualter Gontijo, 494;
MACIEL, Joaquim Soares, 302; 385; 561;
MACIEL, Waldemar Gontijo, 489; 798;
MAFALDO, Sílvio, 677;
MAGALDI, Sábato, 653;
MAGALHÃES, Antero de, 189;
MAGALHÃES, Dinorah, 724;
MAGALHÃES, Dario de Almeida, 376;
MAGALHÃES, Edgard, 330;
MAGALHÃES, Edson, 333;
MAGALHÃES, Franklin, 142;
MAGALHÃES, Otávio, 266;
MAGALHÃES, Rafael, 432;
MAGON, J. Batista, 512;
MAIA, Joel da, 242;
MAIA, Julieta G., 258;
MAIA, Munelar M., 258;
MAIA, Murtinho Costa, 528;
MAIA, Newton F., 565;
MAJORGA, Ricardo, 262;
MALACO, Éder, 773;
MALAQUIAS, Bolivar, 570;
MALTA, Seme, 666; 699;
MANGABEIRA, Leão, 699;
MANTANDON, Leonilda, 586;
MARCO, Sílvio de, 818;
MARCO FILHO, Luís, 818;
MARIANO, José, 599;
MARINI, E. M. de Araújo, 674;
MARIZA, Déa, 569;
MARONI, Jourbert, 672;
MARQUES JÚNIOR, Carlos, 287;
MARTINS, Batista, 055; 064; 118;
MARTINS, Cipião, 675;
MARTINS, Claudiano, 155;
MARTINS, Cristiano, 479;
MARTINS, Domício de Sousa, 608;
MARTINS, Francisco, 355; 421; 688;
MARTINS, J. Silva, 408;
MARTINS, João Batista, 014;
MARTINS, Júlio César de, 448;
MARTINS, Leony Lessa, 763;
MARTINS, Tancredo, 023;
MARTINS FILHO, Francisco, 384; 460;
MARTINS JÚNIOR, Claudino, 404;
MASCARENHAS, Heleno Penha, 734;
MASCARENHAS, Ricardo, 792;
MASSOTE, J, 666;
MASSOTI, Carlo, 026;
MATOS, Aníbal, 283; 507; 580;
MATOS, F., 231;
MATOS, Filocelina, 417;
MATOS, Mário, 300;
MATTAR, Seme, 699;
MATTOS, Helton, 744;
MATTOS, João Lima de, 619; 667; 760;
MATTOS, José Carreira de, 664;
MATTOS, Marco Aurélio de Moura, 776;
MATTOS, Mário, 577;
MATTOS, Murilo de; 555;
MAURÍCIO, Dulce Alves, 713;
MEDEIROS, José da Silva, 313;
MEDEIROS, Luís de, 573;
MEDEIROS, Raimundo de, 336;
MEDRADO, Maria Eunice, 628;
MEIRA, 792;
MEIRA, João Antônio, 665; 677;
MEIRELLES, Guilherme Junqueira, 761;
MEIRELES, Olinto, 419;
MEIRELES FILHO, C., 159;
MELO, Amarílio Bandeira de, 556;
MELLO, Carmem, 580;
MELLO, César Burnier Pessoa de, 532;
MELLO, Hélio Vaz de, 537; 554; 577; 590;
MELLO, Manoel Guimarães Ferreira de, 813;
MELLO, Mário Carlos de, 614;
MELLO, Tiago Sebastião, 560;
MELO, Agápio Vaz de, 254;
MELO, Alfredo Pinto Vieira de, 002;
MELO, Aníbal Vaz de, 353; 360; 379; 408; 798;
MELO, Hélio Vaz de, 460;
MELO, J. Barbosa, 425; 459;
MELO, José Mosqueira Pereira de, 468;
MELO, Joviano, 148;
MELO, L. Gonzaga de, 228;
MENDES, Armando, 450;
MENDES, Artur, 039;
MENDES, Lincoln, 821;
MENDES, Oscar, 304; 497; 541; 546; 669; 694;
MENDES, Raimundo, 279;
MENDES, Raul, 102;
MENDES, Rodovalho, 498;

MENDES, Sânzio V., 623;
MENDES JÚNIOR, Onofre, 705;
MENEGALE, Heli, 602;
MENEGALE, J. Guimarães, 348; 377; 384; 403; 415; 460; 474; 479; 506; 558;
MENEZES, Agrípio Martins de, 590;
MENEZES, Américo C. de, 219;
MENEZES, Furtado de, 423;
MENEZES, Zora de, 680;
MENICONI, Márcio, 778;
MENICONI, Mozart, 318; 622;
MERLIN, Cosine Persine, 736;
MEYER, Vinicius, 832;
MIGUEL, 537;
MILO, Rodolfo, 808;
MIRAGLIA, Tolentino, 266;
MIRANDA, A. M. de, 452;
MIRANDA, Alberto Mourão, 568;
MIRANDA, Heráclito Mourão de, 380;
MIRANDA, José C., 825;
MIRANDA, Nicolau C. de, 655;
MIRANDA NETO, 165;
MONSÃ, 512; 524; 574;
MONTE, Oscar, 335;
MONTEIRO, Francisco J. S., 755;
MORAIS, Albano de, 333;
MORAIS, Álvaro Afonso de, 460;
MORAIS, Aurino de, 348;
MORAIS, Delorizano de, 265; 356; 428;
MORAIS, Geraldo Dutra, 441; 493; 507;
MORAIS, Hilarino de, 570;
MORAIS, João Ferreira de, 287;
MORAIS, José, 537;
MORAIS, Waldir Caldeira de, 783;
MOREIRA, Athos, 570;
MOREIRA, Edson, 558; 833;
MOREIRA, Euler, 791;
MOREIRA, José Sebastião, 826;
MOREIRA, Marcos Cláudio, 806;
MOREIRA, Mauro, 791;
MOREIRA, Mercedo, 498;
MOREIRA, Milton Campos e Motta, 624;
MOREIRA, Pedro da Mota, 296;
MOREIRA, Vasco da Costa, 632;
MOREIRA, Venceslau de, 172;
MOREIRA, Vivaldi Wenceslau, 558; 657; 833;
MOREIRA, Wander M., 604; 719;
MOREIRA, Wilson Prado, 698; 719; 828;
MOREIRA JÚNIOR, Assis, 132;
MORETI, Antônio, 156;
MORETZON, Sebastião, 817;
MOTA, Mendes, 118;
MOTA, Rufino; 157;
MOTTA, Plínio, 460;
MOURA, 512;
MOURA, Emílio, 266; 331; 507; 558; 660; 692;
MOURA, J. Americano B. de, 166;
MOURÃO, Francisco de Sales Correia, 018;
MOURÃO, Ramos, 254;
MOURÃO, Rui, 783;
MOURÃO, S. Jésus de Miranda, 538;
MUCELLI, Menotti, 451;
MURAD, José, 672;
MURAD, Miguel, 131;
MUROCH, Meier, 604;
MUZZI, Hezick, 762;
NASCENTE, Mário de Paula, 720; 753;
NASCIMENTO, João Lino do, 678;
NASCIMENTO, Trindade, 661;
NAVA, José, 456;
NAVARRO, N. T. de Morais, 152; 184; 202; 209;
NAVARRO, Tibaji, 109;
NAVES, Francisco de Oliveira, 713;
NAZARIO, Edwar, 257;
NEGROMONTE, Álvaro, 516; 541;
NERI, Fábio Prevost, 177;
NEVES, Álvaro, 319;
NEVES, Eden, 635;
NEVES, João Baeta, 009;
NEVES, G. Serrano, 409; 427;
NEVES, José, 056; 209;
NEVES, Lopes, 153;
NEVES, Paulo Baeta, 336;
NICOLAU, José, 688; 792;
NOBRE, Oswaldo, 761; 700; 809;
NOGUEIRA, Antônio, 009;
NOGUEIRA, Athos, 745;
NOGUEIRA, E, 587;
NOGUEIRA, J. A., 281;
NOGUEIRA, Lincoln, 187,
NOGUEIRA FILHO, João, 665;
NORONHA, Antônio, 456;
NORONHA, Jaime, 038;
NORONHA, Nicanor, 118;
NORONHA, Sebastião, 722;
NORONHA FILHO, 558;
NOVAIS, Álvaro, 014;
NOVAIS, José Roberto Duque, 822;

NOVAIS, José Roberto O., 741;
NOVAIS, Tito de Sousa, 008;
NOVAIS, Ubirajara Viana, 432; 580;
NUNAM, Berardo, 498;
NUNES, Nicodemos, 819;
NUNES, Rivadária Xavier, 753; 778;
OLIVEIRA, Aluízio de, 674;
OLIVEIRA, Antenor, 133;
OLIVEIRA, Antônio de, 128;
OLIVEIRA, A.C., 440;
OLIVEIRA, Benjamim Magalhães, 497;
OLIVEIRA, Casimiro Gomes de, 258;
OLIVEIRA, Clodoveu de, 428;
OLIVEIRA, Feliciano, 597;
OLIVEIRA, Francisco J. de, 345;
OLIVEIRA, Geraldo Alves de, 704; 723; 784;
OLIVEIRA, Guilhermino, 425;
OLIVEIRA, Hilton de, 621; 663;
OLIVEIRA, Itagiba de, 100;
OLIVEIRA, J. Lourenço de, 692;
OLIVEIRA, José Pedro de, 288;
OLIVEIRA, José Procópio de, 570;
OLVIEIRA, Juvenal M. de, 383; 492;
OLIVEIRA, Leopoldino de, 157;
OLIVEIRA, Lígia de, 672;
OLIVEIRA, Luís, 142;
OLIVEIRA, Marcelo Flora de, 752;
OLVIERA, Mário de, 801;
OLIVEIRA, Martins de, 233;
OLIVEIRA, Mendes de, 012; 039; 096; 099; 153; 155; 202; 209;
OLIVEIRA, Nísio Baptista de, 762;
OLIVEIRA, Paulo, 007;
OLIVEIRA, Paulo Batista de, 655;
OLIVEIRA, Rubens Vianna, 585;
OLIVEIRA, Simão Salomé de, 570;
OLIVEIRA, Tibúrcio de, 069; 080;
OLIVEIRA, Vítor de, 788;
OLIVEIRA, Waldemar Malburgues de, 570;
OLIVEIRA, Wilson Baccelar de, 608; 738;
OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio B. Barbosa de, 627;
OLIVEIRA JÚNIOR, Pedro A., 701; 723; 788;
OLIVEIRA, Luís, 142;
OMEGNA, Constâncio, 262;
OSWALDO, 537;
OTTONI, Décio Vieira, 616;
PACE, Armando, 808;
PACHECO, F. Damásio, 788;
PACHECO, José Fialho, 665;
PÁDUA, João de Lima, 619;
PAES, Alberto, 574; 580;
PAGANO, Sebastião, 541;
PAIVA, 537;
PAIVA, Antônio E., 261;
PAIVA, Álvaro Benício de, 648;
PAIVA, Dídimo, 791;
PAIVA, Francisco Américo M., 689;
PAIVA, Humberto de, 677;
PAIVA, João Cirino, 682; 700; 760;
PAIVA, Soares de, 660;
PAIXÃO, José da Rocha, 809;
PAIXÃO, Walda, 501;
PALADINI, Heleni, 417;
PALHARES, Tomé, 604;
PALOMBO, Ariosto, 191; 210;
PALOMBO, R., 512;
PAMPLONA, Augusto, 359;
PAMPLONA, Confúcio Augusto, 296;
PANCRÁCIO, Gustavo, 764;
PAOLI, Roberto de, 559;
PARAGUASSÚ, Aleixo, 173;
PARDINI, Aldo, 466;
PASSIG, A. Alves, 266;
PASSOS, Alcindo, 336;
PASSOS, Gabriel, 421;
PASSOS, Raul Pedreira, 563; 644;
PASSOS, Vital Pacífico dos, 315;
PAULA, Dario de, 753;
PAULA, Érico de, 355; 459;
PAULA, Floriano de, 460; 476;
PAULA, Joaquim Francisco de, 157;
PAULA, Marcelo J. de, 778;
PAULA, Oliveira, 522;
PEDRA, Miguel, 672;
PEDRO, Francisco, 490;
PEDROSO, Tabajara, 580;
PELLEGRINO, Hélio, 616; 634; 776;
PENA, Fernando Gonçalves, 103; 108;
PENA, Gustavo, 064;
PENA, Leonan, 211;
PENA, Lincoln, 279;
PENA, Manuel, 141;
PENA, Otávio, 022;
PENALVA, Raul, 242;
PENIDO, Agostinho, 085;
PENIDO, Juarez Nogueira, 727; 776;
PENNA, Afonso Arinos Rocha, 734;
PENNA, Gislane, 680;
PENNA, José Ribeiro, 570;
PERALVA, Martins, 763;
PEREIRA, A. Batista, 046;

PEREIRA, Adonis Martins, 778;
PEREIRA, Armando, 266;
PEREIRA, Benjamim Costa, 548;
PEREIRA, Brito, 279;
PEREIRA, Cícero, 120; 423;
PEREIRA, Geminiano Alves, 458; 491;
PEREIRA, Jair Soares, 345;
PEREIRA, João Mauso, 264;
PEREIRA, Jorge da Cunha, 564;
PEREIRA, Luís Gomes, 215; 330;
PEREIRA, Luís Gonzaga Alves, 399; 422; 468;
PEREIRA, Manuel Gomes, 177; 215; 420;
PEREIRA, Mário, 092;
PEREIRA, Newton Antônio da Silva, 798;
PEREIRA, Orbílio, 555;
PEREIRA, Ornélio Alves, 368;
PEREIRA, Simão Vianna da Cunha, 634;
PEREIRA, Teódulo, 561; 577;
PEREIRA, Tito Fulgêncio Alves, 592;
PEREIRA, Zeno, 225;
PEREIRA FILHO, A. Luciano, 507;
PEREIRA JÚNIOR, Pedro Gonçalves, 006;
PÉRET, Amédée, 118; 209;
PÉRET, J., 209;
PÉRET, Rubens Romeiro, 705;
PERILO, João Augusto, 313;
PERRIM, Dimas, 627; 703; 739;
PERTENCE, Paulo, 614;
PFEIFFER, Luís, 418;
PIANCOSTELI, Bruno, 252;
PIERUCCETTI, Carlos, 226;
PIERUCCETTI, Fernando, 660;
PIMENTA, Antônio, 708;
PIMENTA, Demerval, 553;
PIMENTA, José, 604;
PIMENTEL, Álvaro Mendes, 376;
PIMENTEL, Francisco Antônio de, 012;
PIMENTEL, Francisco Mendes, 057;
PIMENTEL, Iago, 421;
PINHEIRO, José, 623;
PINHEIRO, José Maria, 580;
PINHEIRO FILHO, João, 279;
PINHO, 792;
PINHO, Antônio Nunes, 471;
PINTO, Artur, 274;
PINTO, Cristiano Alves, 149;
PINTO, Estêvão Leite de Magalhães, 057;
PINTO, Henrique Magalhães, 009;
PINTO, Hermínio F., 266;
PINTO, J. Damasceno, 491;
PINTO, João, 580;
PINTO, João Morais, 531;
PINTO, José F. P., 744;
PINTO, Jovelino Nunes, 832;
PINTO, Lisandro, 425;
PINTO, Nilo Aparecida; 558;
PINTO, Raimundo Alves, 102; 151;
PINTO, Roberto Magalhães, 681;
PINTO, Wania Dantas, 806;
PINTO JÚNIOR, Ricardo A., 240; 324;
PINTO JÚNIOR, Salvador, 053;
PIO SOBRINHO, Ageo, 266; 273;
PIRES Aroldo, 092; 157; 161; 166; 181; 193; 207; 350; 361; 380; 427;
PIRES, Artur, 580;
PIRES, Áurea, 118;
PIRES, Aurélio, 039; 202; 209; 266; 419; 432;
PIRES, Francisco, 264;
PIRES, Gudesteu, 100; 155; 279; 288;
PIRES, João Paulo, 824;
PIRES, Simeão Ribeiro, 582;
PONTES, Alberto, 816;
PONTES, Breno, 283;
PONTES, Hélio, 778;
PONTES, Manuel, 133; 134;
PONTES, Rubens, 777;
PORTILHO, Luís Carlos de, 544; 837;
PORTO, Eduardo, 595;
PORTO, José Cordeiro, 616;
PORTO, Raimundo, 142; 151;
POTHIER, Maurício, 138;
POZZOLINI, Orlando, 491;
PRADO, José Mourão, 675;
PRADO, Luís Libânio, 459;
PRATES, Berenice, 580;
PRATES, Camilo, 279;
PRATES, Carlos, 558;
PRATES, Carlos Felinto, 722;
PRATES, Geraldo Spyer, 459;
PRATES, Laércio, 250;
PRATES, Lincoln, 142; 152; 202; 279; 432;
PRATES, Milton, 209; 256; 283;
PRATES, Newton, 384; 436; 494; 574;

PROCÓPIO, Spencer, 742;
PROFETA, Otacílio, 689;
PUREZA, Salustiano, 530;
QUEIROZ, Ademar, 509; 569;
QUEIROZ, Hélio, 703;
QUEIROZ, Jaime Electo de, 377; 384;
QUEIROZ, Mittermeyer de Paiva, 478;
RABELO, Aquiles Correia, 445;
RABELLO, José Maria, 727; 776; 794;
RACIOPPI, Vicente, 146; 155; 167; 181;
RAGAZZI, Artur, 118; 460;
RAMALHO, Raul, 521; 529;
RAMIREZ, Ricardo P., 703;
RAMOS, Cícero, 679;
RAMOS, Ismael, 590;
RAMOS, Júlio, 155;
RANGEL, Godofredo, 283; 558; 694;
RANGEL, Herval S., 258;
RANGEL, Moacir de, 381;
RAPOSO, Carlos, 036;
REBOUÇAS, Adauto Junqueira, 723;
RECEOLINO, Cid, 796;
REGO, Costa, 171;
REGO, José Luís do, 660;
REHFELD, Paulo, 283;
REIS, Arnaldo, 209;
REIS, Colatino Teixeira dos, 336;
REIS, Franklin Pereira, 580;
REIS, Inocêncio, 352;
REIS, José de Alencar, 445;
REIS, Luís Advíncula, 762;
REIS, Virgílio, 443;
RENAULT, Abgar, 266; 273; 281; 288; 479; 507;
RENAULT, Leon, 288;
RENAULT, Lívio, 749;
RENO, Cilo, 457;
RESENDE, Antônio Lara, 587;
RESENDE, Augusto, 537;
RESENDE, Geraldo Dinis, 574;
RESENDE, Iris, 417;
RESENDE, José Augusto de, 470;
RESENDE, Marina A. de, 407;
RESENDE, Otto Lara, 616; 653;
RESENDE, Silvestre, 580; 592;
RESENDE, Valério T., 599;
RESENDE JÚNIOR, 358;
RIBEIRO, Átila Schultz, 100;
RIBEIRO, Camilo, 205; 269; 275; 291;
RIBEIRO, Cícero de Castro, 252;
RIBEIRO, Edson Dias, 580;
RIBEIRO, Euler, 571;
RIBEIRO, Geraldo, 821;
RIBEIRO, Geraldo Lopes, 512;
RIBEIRO, Hamilton, 580;
RIBEIRO, Hélio, 571;
RIBEIRO, J. C. Gomes, 153;
RIBEIRO, Leopoldo, 570;
RIBEIRO, Nielsen, 580;
RIBEIRO, Paulo, 623;
RIBEIRO, Severo, 570;
RIBEIRO, Teófilo, 006; 011; 110;
RIBEIRO FILHO, Joaquim, 605; 807;
RIOS, Marcos, 018; 021;
RIVERA, Bueno de, 725; 729;
ROBERTO, Bruno, 792;
ROCHA, Antônio, 476;
ROCHA, Ari, 737;
ROCHA, Augusto, 668;
ROCHA, Davidson Pimenta da, 836; 839;
ROCHA, 688;
ROCHA, Décio, 571;
ROCHA, Dilermando, 468;
ROCHA, Francisco, 209;
ROCHA, Germano, 155;
ROCHA, Gil de Sousa, 641;
ROCHA, Halley Garcia, 616;
ROCHA, Hilton, 583; 749;
ROCHA, Milton, 558;
ROCHA, Moisés da Cunha, 783;
ROCHA, Nelza Amélia, 597;
ROCHA, Osiris, 778;
ROCHA, Saul S., 679;
ROCHA, Sílvia Pereira, 496;
ROCHINHA, 566;
RODOLFO, 532; 538; 541; 548; 552; 569;
RODRIGUES, Abdias, 654;
RODRIGUES, Augusto, 783;
RODRIGUES, Débora Horta, 417;
RODRIGUES, Evágrio, 300;
RODRIGUES, João, 562; 742; 813;
RODRIGUES, José, 416;
RODRIGUES, Lopes, 478; 520;
RODRIGUES, Pedro A., 825;
RODRIGUES JÚNIOR, Alcides, 427;
ROLLA, Joaquim, 396;
ROLLA, Mário, 012;
ROMANELLI, Antônio, 778;
ROMANELLI, José Viana, 155; 232; 237;

ROMANELLI, Rubens, 558; 584;
ROSA, Alcides, 197; 207;
ROSA, Maurício Garcia, 697;
ROSÁRIO, Paulo do, 793;
ROSEMBURG, Cornélio, 008;
ROSSI, Newton, 759;
ROUSSOULIÈRES, Armando, 066;
RUBIÃO, Murilo, 571; 660;
SÁ, A. Lopes de, 784;
SÁ, Alexina Leitão, 580;
SÁ, Alfredo, 037; 288;
SÁ, Auto, 044;
SÁ, Francisco, 014;
SÁ, Paulo Campolina de, 769;
SÁ, Nogueira de, 169;
SABINO, Alberto, 722;
SACHETTO, Duarte, 353;
SALES, Antônio, 142;
SALES, Francisco Antônio de, 012;
SALES, S. Oliveira, 571;
SALES, Teixeira de, 080; 118; 152; 162; 209;
SALIBA, Tânios, 456;
SALLES, Franklin Teixeira de, 569; 660; 762;
SALLES, Fritz Teixeira de, 642; 800; 812;
SALLES, José Bento Teixeira de, 616;
SALLES, Nilton, 571;
SALLES, Pedro, 488;
SALLES, Sebastião de Oliveira, 738;
SALOMÃO, Abrahão, 599;
SALOMÉ, Elias, 591;
SALOMÉ, Francisco, 503;
SALOMON, Evaristo, 569;
SAMPAIO, Antônio, 612;
SAMPAIO, Costa, 767;
SAMPAIO, Jamil, 479;
SAMPAIO, Wilson de Vasconcelos, 783;
SANT'ANA, Antônio, 416;
SANTANA, Newton, 623;
SANTIAGO, João Batista, 281; 326;
SANTIAGO, Silviano, 822;
SANTOS, Adelino Deícola dos, 381;
SANTOS, Antônio Heliodoro dos, 736;
SANTOS, Argemiro Augusto dos, 416;
SANTOS, Arlindo Veiga dos, 541;
SANTOS, Ataliba, 207;
SANTOS, Benedito dos, 421;
SANTOS, Benedito Quintino dos, 553;
SANTOS, Da Costa, 185; 202; 759;
SANTOS, Cristiano F. Barsante dos, 330;
SANTOS, Cristóvão, 580;
SANTOS, E., 371;
SANTOS, Edson Eden dos, 775;
SANTOS, Eurico, 447;
SANTOS, Ézio Távora dos, 817;
SANTOS, G., 382;
SANTOS, Gastão Fernandes dos, 540; 602;
SANTOS, Helton, 772;
SANTOS, J. M. de Carvalho, 455;
SANTOS, Jeso Dionísio dos, 765;
SANTOS, João, 369;
SANTOS, José Lomeu dos , 321
SANTOS, José de Paula, 379;
SANTOS, Júlio César, 667; 792;
SANTOS, Lauro, 348; 403; 415; 455;
SANTOS, Lívia, 580;
SANTOS, Luciano dos, 580;
SANTOS, Lúcio dos, 202; 303; 432;
SANTOS, Manoel Higino dos, 732;
SANTOS, Manuel Pedro dos, 470;
SANTOS, Navantino, 044;
SANTOS, Oscar Coelho dos, 595;
SANTOS, Ovídio José dos, 548;
SANTOS, R. de Azevedo, 367;
SANTOS, Teresinha, 604;
SARANDY, Alfredo de, 036; 055;
SARMENTO, Hélio d'Alessandro, 476;
SARTORI, Taís, 708;
SEGANTINI, Luís, 492;
SELMAN, Nilson, 608;
SENA, Agenor de, 023; 100;
SENA, Nelson de, 088; 098; 423;
SENNA, José Flávio Nelson de, 761;
SERRANO, Pelayo, 039;
SETA, Cordélia Fontainha, 724;
SEVERINO, José, 209;
SCHIMITD, Edgard, 022;
SCHWINTD, Leônidas, 735;
SIFFERT, Celso, 768;
SIGNORELLI, Margarida, 421;
SIGAUD, Maria,
SILVA, A., 457;
SILVA, A. Régis, 377;
SILVA, A. Soares, 275;
SILVA, Abreu e, 157;
SILVA, Álvaro Mário Teixeira da, 641;
SILVA, Antônio Angarita da, 753;
SILVA, Antônio Ferreira da, 416;
SILVA, Arlindo Correia da, 803;

SILVA, Cisalpino de Sousa e, 152; 184; 202; 209;
SILVA, Cláudio César Pereira da, 676;
SILVA, da Costa e, 143; 162; 202; 273;
SILVA, Elias Lopes da, 831;
SILVA, Eugênio H., 688;
SILVA, Frederico Zacarias Álvares da, 100;
SILVA, G. P., 591;
SILVA, Generoso Gonçalves da, 788;
SILVA, Hélio de Paula e, 790;
SILVA, J. Pereira da, 574;
SILVA, J. A. Vieira da, 558;
SILVA, J. P. Pereira da, 486; 512;
SILVA, Jair, 348; 460;
SILVA, Janir, 358;
SILVA, João Augusto da, 034;
SILVA, João Pinheiro da., 011;
SILVA, Joaquim de Oliveira e, 336;
SILVA, José da, 825;
SILVA, José Mamede da, 346; 562; 802;
SILVA, Lila Aires da, 766;
SILVA, Luís, 002;
SILVA, Miguel de Lana, 009;
SILVA, Oity, 660;
SILVA, Olinto Martins da, 100;
SILVA, Orozimbo Nonato, 107; 152; 279; 283; 300;
SILVA, Paulo Dutra da, 541;
SILVA, Pedro Carlos da; 154;
SILVA, Plínio, 539;
SILVA, Raimundo Lima e, 677;
SILVA, Raimundo V. Couto e, 697;
SILVA, Túlio Freire, 655;
SILVA, Ulisses, 814;
SILVA, Vasco da Costa e, 577;
SILVEIRA, Adeodato, 788;
SILVEIRA, Álvaro da, 060; 153; 300;
SILVEIRA, Guaraci, 262;
SILVEIRA, Helvécio, 821;
SILVEIRA, Jorge, 244;
SILVEIRA, Lauro Esteves da, 733;
SILVEIRA, Mário Ribeiro da, 696; 721;
SILVEIRA, Pedro, 552; 690;
SILVEIRA, Vítor, 348;
SILVEIRA NETO, 804; 826;
SIMPLÍCIO, Mata, 293;
SIQUEIRA, Amadeu H. Teixeira de, 315; 337;
SIQUEIRA, Augusto, 476;
SIQUEIRA, Ciro, 783;
SIQUEIRA, Constantino, 803;
SOARES, Felisberto, 27;
SOARES, Gasparino, 258;
SOARES, Hugo Pinheiro, 489;
SOARES, Humberto P., 634;
SOARES, Murilo, 386;
SOARES, Sigefredo Marques, 491; 537;
SOARES, Tupi Coutinho, 498;
SOARES, Vicente, 266;
SOARES JÚNIOR, José, 406;
SOBRAL, José Damasceno, 832;
SOLIVA, Salvador, 175;
SOMBRA, Mário, 541;
SOTO, Luís de, 175;
SOUCASAUX, Francisco, 051;
SOUSA, Francisco de Paula, 008; 153;
SOUSA, Genésio B. de, 696;
SOUSA, Higino T. de, 258;
SOUSA, Jacy Garrido e, 597;
SOUSA, José de Lima, 252;
SOUSA, João Batista de, 823;
SOUSA, Luís Alberto de, 616;
SOUSA, Osvaldo Gomes de, 134;
SOUSA, Pedro A. de, 324;
SOUSA, Sebastião, 705;
SOUSA, Ubaldino F. de, 258;
SOUSA, Viana e, 358;
SOUSA, Vicente Teodoro, 673;
SOUZA, Andrade, 353;
STUDART, João, 688;
SUAID, Salim, 335;
SUZANO, A. , 452;
TAMIETTI, Fernando, 505; 510; 538;
TARNOPOLSKY, Rafael, 655;
TASSINI, Raul, 831; 832;
TAVARES, Marcelo Coimbra, 592; 616;
TAVARES, Osolino, 796;
TAVARES, Paulo, 811;
TAVARES, Pedro, 580;
TAVES, Euclides, 399;
TEIXEIRA, Amadeu, 345; 383;
TEIXEIRA, Ananias Ataliba, 313;
TEIXEIRA, Argemiro, 261; 299;
TEIXEIRA, Carlos Couto, 828;
TEIXEIRA, Domingos Moutinho, 336;
TEIXEIRA, Felipe Néri, 814;
TEIXEIRA, José de Mello, 488;
TEIXEIRA, Morse de Belém, 812;
TELLES, Roque Moret, 594;
TENENTE, 829;
TERTULIANO, Horácio, 195;

TINOCO, Moacir, 226;
TITO JÚNIOR, Clóvis, 702;
TOGNINI, Enéas, 618;
TOLENTINO, Edson Guimarães, 570; 580;
TOLENTINO, Maria de Lourdes, 496;
TOMAZZI, José, 757;
TORA, Francisco, 264;
TORRES, Alzir do Nascimento, 188;
TORRES, João Camillo de Oliveira, 541;
TORRES, José Augusto Câmara, 543;
TORRES, Maria de Lourdes, 672;
TORRES, Sebastião Ferreira, 416;
TOURINHO, Walter, 754;
TRAVASSOS, Renato, 197;
TREBOR, Lynn, 660;
TRINDADE, Eurico, 624;
VALADÃO, Alfredo, 064;
VALE, Francisco, 279; 421;
VALE, Freitas, 046;
VALE, Sena, 108;
VALENTE, Gurgel do Amaral, 491;
VALENTIM, Carmo, 829;
VALÉRIO, Francisco Gonçalves, 531;
VALLADÃO, João Luís Alves, 746;
VALLE, Flausino, 460;
VALLE, Gustavo, 683; 687;
VALLE, Sadi Laborne, 556;
VARGAS, Júlio, 696;
VASCONCELLOS, Agripa de, 558;
VASCONCELOS, Antônio, 718;
VASCONCELOS, Bahia, 558;
VASCONCELOS, Carlos, 207;
VASCONCELOS, Diogo de, 118;
VASCONCELOS, Francisco Diogo de, 021;
VASCONCELOS, Antônio, 718;
VASCONCELOS, Salomão de, 648;
VASCONCELOS, Sílvio, 580; 592;
VASCONCELOS, Ubirajara, 706;
VAZ, Armando; 385; 395;
VEADO, Wilson, 593; 685;
VEIGA, Borges da, 514;
VEIGA, Pimenta da, 816;
VEIGA, João Pimenta da, 515;
VELLOSO, Arthur Versiani, 541; 558; 692; 694;
VELLOSO, Mário S., 723;
VELLOSO, Wilson F., 672;
VELOSO, Augusto, 092; 099; 136;
VELOSO, Galba Moss, 421;
VELOSO, J. Dionísio, 217;
VERAS, Felipe, 156;
VERÇOZA, Marcondes, 761;
VERSIANI, Oscar, 432;
VIANA, A. de Pinto Fernandes, 353; 361;
VIANA, Álvaro, 036; 046; 061; 082;
VIANA, Assis, 202; 209;
VIANA, Dulce Kanitz, 586;
VIANA, Fernandes, 512;
VIANA, Hélio, 319;
VIANA, José, 028;
VIANNA, Artur Lourenço, 574;
VIANNA, Fernandes, 724;
VIANNA, Heitor Gomes, 790;
VIANNA, Hilton Guerra, 782;
VIANNA, Marinho, 536;
VIANNA, Mauro Guizan, 597;
VIANNA, Saulo Pires, 640;
VIDIGAL, Antônio, 574;
VIEGAS, Aulo Pinto, 488; 749;
VIEGAS, Geraldo Armando, 537;
VIEIRA, Araújo, 441;
VIEIRA, Caio Júlio César, 460;
VIEIRA, Cid Infante, 555; 597;
VIEIRA, Edgard, 425;
VIEIRA, Emerenciana, 465;
VIEIRA, Iracema Gonçalves, 558;
VIEIRA, J. Coelho, 454;
VIEIRA, Miguel Batista, 107;
VILANI, Marialba, 708;
VILARES, Luís, 570;
VILELA, Ana Rosa Martino, 502;
VILLAÇA, Hildebrando, 570;
VILLAR, Aluízio Aragão, 777; 794;
VILLELA, Mauro, 773;
VIROTE, J., 307;
VITARELLI, Marino, 468;
VITOR, Efigênio de Salles, 584; 595;
VITRAL, Hilário, 285;
VIVACQUA, Aquiles, 355; 401;
WAQUIL, Abdul Mossih, 671;
WASHINGTON JÚNIOR, 792;
WEISSMANN, Karl, 558;
WERNECK, Hugo, 221;
WESTIN, Cid Vasconcellos, 655;
WILWERTH, Alberto Monteiro, 626;
XAVIER, Alcindo Chaves, 784;
XAVIER, Alcino, 788;
XAVIER JÚNIOR, Lindolfo, 536;
YORI, Fidé, 039;
ZATS, W., 537;
ZEBRAL, Paula Baeta, 491;
ZENAIDE, Ivan, 706;
ZILLER, Adelchi, 643;
ZILLER, João Trentino, 262; 272;
ZIVIANI, Atílio, 595;
ZOLINI, Mariza, 708;

GLOSSÁRIO

AJOUJADO: curvado ao jugo, curvado ao peso de uma carga física ou moral
AJOUJO: união forçada e incômoda
ALFIM: enfim
ALMOCREVE: homem que tem por ofício alugar e conduzir bestas de carga
ATICISMO: delicadeza de gosto; pureza e concisão da linguagem
BODOCADA: insinuação, indireta
CALIGINOSO: muito denso, tenebroso
CALUNGA: qualquer coisa pequena; boneco pequeno
CARRANCISMO: atraso
CÉRBERO: guarda severo, intratável
CERVIZ: pescoço; a parte posterior do pescoço; cabeça
CIBO: pequena quantidade (de alimento ou de qualquer outra coisa)
CURIAL: relativo à cúria; conveniente, próprio
CURUL: cadeira de marfim na qual se assentavam os magistrados romanos; cadeira
DITIRAMBO: poesia lírica em estâncias irregulares para exprimir o delírio do entusiasmo, da alegria
DOBRAR A CERVIZ: submeter-se à autoridade, à escravidão
EFEMÉRIDES: diário, livro ou agenda onde se mencionam os fatos de cada dia; notícia diária (no singular)
EGRÉGIO: insigne; nobre
ENCÔMIO: louvor, elogio
ESTRÊNUO: valente; corajoso, denodado
FRONTISPÍCIO: página de um livro na qual se acham impressos apenas, ou principalmente, o título da obra e o nome do autor
GAIFONA: trejeito; caretas, momices
HEBDOMADÁRIO: semanal; semanário
HERMA: busto em que os ombros, as costas e o peito são cortados por planos verticais
INÚBIA: nome atribuído pelos poetas à trombeta de guerra dos índios tupis-guaranis, que era *membi* ou, como aparece nos escritos, *mibu* e *mubu*.
LÁBARO: pendão; bandeira
LOUVAMINHEIRO: adulador
MALUDO: garanhão
MUNUS: cargo, ofício
ONAGRO: burro, jumento
PENATES: a casa paterna, lar, família
PLÊIADE: grupo, reunião de homens ou poetas célebres
PLETORA: abundância qualquer que produz efeito nocivo
POLIANTÉIA: antologia referente a algum acontecimento notável
POLÍGRAFO: diz-se da pessoa que escreve sobre diversos assuntos
POTESTADE: pessoa que tem grande autoridade e poder; poder, força, potência
PRÉLIO: batalha, combate, luta
PRÓCER: cada um dos grandes de uma nação, de uma classe, de um partido
PRÓDROMO: Preâmbulo, coisa que serve de entrada ou de transição para outra; primeira obra de um autor
PROFLIGAR: procurar destruir com argumentos; verberar
PROTOMÁRTIR: designação especial de Tiradentes

PUGILO: porção, magote, grupo
REGOUGO: protesto, reclamação
RESPIGAR: apanhar aquém e além, coligir, compilar
SABENÇA: sabedoria, ciência, saber; erudição
SODALÍCIO: sociedade de pessoas que vivem juntas ou em comum
SOEZ: ordinário, vulgar, baixo, vil
TAMINA: aos poucos
TARASCA: denominação jocosa da Comissão Executiva do Partido Republicano Mineiro (PRM). É um termo castelhano, derivado do francês e se refere a animal fabuloso, monstro, sendo usado na designação de mulher feia, mal comportada ou de mau gênio. É também utilizado para designar a pessoa que come muito e com voracidade; o que consome e aniquila
TREPAÇÃO: crítica; maledicência; caçoada
TURIFERÁRIOS: diz-se daquele que vive incensando ou adulando alguém

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEIXO, P. Página de evocação. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 mar., 1935. 2ª seção, p.3.

ANDRADE, M. de A. A cidade que Guttemberg esqueceu. *A Manhã*. Rio de Janeiro, 1925. apud *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 7 mar. 1977. Suplemento, p. 7.

ANJOS, C. dos. *A menina do sobrado*. 2. ed. Rio de janeiro: José Olympio, 1979.

ANTUNES, E. *Um jornal no meio do caminho*: os arquitetos da imprensa na Belo Horizonte dos anos 20 e 30. Belo Horizonte: Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG, 1995. (Dissertação, Mestrado em Sociologia).

BELO HORIZONTE. Decreto. n. 752 de 21 de jan. 1959. *Dá a denominação* de Joaquim Linhares a uma rua da Capital. *Legislação Municipal de 1950*. 1960. p. 185-186. Câmara Municipal de Belo Horizonte.

BELO Horizonte: de curral del Rei à Pampulha. Belo Horizonte: Centrais Elétricas de Minas Gerais/Ibérica, 1982.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Cenas de um Belo Horizonte. Belo Horizonte, PBH, 1994.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet; Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 253 p.

BOMENY, H. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: IUPERJ/Tempo Brasileiro, 1994. 204 p.

CAMPOS, S., LOBO, A. *Imprensa mineira: memória histórica*. Belo Horizonte: Oliveira & Costa, 1922. 169 p. (Edição comemorativa do centenário da independência).

DAVIS, N. Z. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

DIAS, F. C. Literatura e(m) mudança. In: SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA, 2, 1979, Belo Horizonte. [Anais do II Seminário sobre a cultura mineira] Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1979. p. 123-144.

FRANCO, A. A. de M. *Um estadista da República: Afrânio Arinos de Melo Franco*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

FRANCO, A. A. de M. *Alma do tempo. Memórias: formação e mocidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

FRIEIRO, E. Notas sobre a imprensa em Minas. *Revista da UFMG*, Belo Horizonte, n.12, p.64-83, jan. 1962.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

JOÃO, DO RIO. *João do Rio: O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Depto. Nacional do Livro, 1994.

LE VEN, M. *As classes sociais e o poder político na formação espacial de Belo Horizonte (1893-1914)*. Belo Horizonte:

Departamento de Ciências Política da UFMG, 1978. (Dissertação, Mestrado em Ciência Política).

LINHARES, J.N. *Mudança da capital*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1905. 44 p.

LINHARES, J.N. A imprensa em Bello Horizonte (1895-1902). *Revista do Archivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v.8, p.585-614, 1903.

MAGALHÃES, B. de A., ANDRADE, R. F. *Belo Horizonte: um espaço para a República*. Belo Horizonte: UFMG, 1989.

MENDONÇA, J. A imprensa de Belo Horizonte na fase revolucionária (1925-1937). SEMINÁRIO DE ESTUDOS MINEIROS, 4, 1980, Belo Horizonte. [Anais do IV Seminário de estudos mineiros] Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros da UFMG, 1980. p.45-81.

NAVA, P. *Balão cativo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

NECROLÓGIO de Joaquim Nabuco Linhares. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 jun., 1956. p.13-14.

PILÓ, C. *Palácio da Liberdade: dos campos gerais dos Goitacases ao Belo Horizonte das Minas Gerais de nossos dias*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1987.

ROUANET, S. P. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WERNECK, H. *O desatino da rapaziada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

A presente edição, com tiragem de 1 000 exemplares, foi formatada por estudantes de Comunicação Social da UFMG, bolsistas do CNPq e FAPEMIG, sob supervisão de César de Almeida Correia, da Editora UFMG, na fonte Gotineau corpo 11/16, software Aldus PageMaker 5.0. Pré-impressão por Mangá Glória Campos. Impresso em papel pólen soft 80g (miolo). Fotolitos, impressão e acabamento por Rona Editora, Belo Horizonte em setembro de 1995, aos 100 anos da publicação do primeiro jornal belo-horizontino.